SERÕES

SERÕES

SERÕES

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

SEGUNDA SERIE — VOLUME VIII

LISBOA
LIVRARIA FERREIRA — EDITORA
132 — RUA DO OURO — 138
Composto e impresso na Typographia do Annuario Commercial
—
1909

*Os **SERÕES** desejam a todos os seus assignantes, leitores, collaboradores, a todas as pessoas, emfim, que lhe fazem a honra do seu convivio, um anno feliz.*

Proprietaria: Livraria Ferreira — **Director litterario:** Eduardo de Noronha — **Director gerente:** Caldeira Pires — **Séde da redacção e administração:** Praça dos Restauradores, 27. — Composto e impresso na **Typographia do Annuario Commercial,** Praça dos Restauradores, 27.

Summario

MAAGAZINE

A

DIRECTOR LITTERARIO
Eduardo de Noronha

Serões

ADMINISTRADOR
Caldeira Pires

Propriedade da LIVRARIA FERREIRA

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Redacção, administração, officinas de composição, impressão, photogravura e encadernação

Praça dos Restauradores, 27

LISBOA (PASSAGEM DO ANNUARIO COMMERCIAL) Telephone 805

ANNUNCIOS

A administração dos **Serões**, revista mensal de importante tiragem e larga circulação — não só em Portugal (Ilhas e Colonias), como no Brazil —, offerece nas paginas supplementares dos **Serões**, nitidamente impressas e em optimo papel, uma **Secção especial de annuncios**, que antecederá o texto de cada numero d'esta publicação, nas seguintes condições:

Por uma só inserção		Por um anno, ou sejam, 12 inserções	
1 pagina	6$000 réis	1 pagina	70$000 réis
1/2 pagina	3$500 »	1/2 pagina	40$000 »
1/4 pagina	2$000 »	1/4 pagina	20$000 »

Os clichés, quando o annuncio fôr illustrado, serão fornecidos pelo annunciante. A administração dos **Serões** encarregar-se-ha, quando o annunciante manifeste tal desejo, de mandar fazer qualquer cliché, sendo a sua importancia paga separadamente.

Pequenos annuncios: 5 linhas, em columna de 1/3 da largura de pagina, 500 réis cada inserção.

Condições de assignatura

A assignatura dos **Serões**, é computada por trimestre, semestre ou por anno, correspondendo o seu inicio aos mezes de janeiro, abril, julho ou outubro, e o seu pagamento feito adiantadamente:

Portugal, ilhas, colonias e Hespanha	Anno	2$200 réis
	Semestre	1$200 »
	Trimestre	600 »
Para o Brazil (moeda fraca)	Anno	12$000 »
Para outro qualquer paiz estrangeiro	Anno	15 fr.

NUMERO AVULSO, 200 RÉIS

ADMINISTRAÇÃO DOS **Serões**

Praça dos Restauradores (Passagem do Annuario Commercial) 27

Telephone 805

LISBOA

As nossas capas de luxo

Com o n.º 42, completou este bello magazine portuguez — **Serões** — o **7.º volume** da **2.ª serie.**

Os nossos estimaveis assignantes que desejarem utilisar-se das capas — de bello effeito em fundo de percalina vermelha a ouro e negro — pódem enviar-nos os 6 numeros para encadernar, juntamente com a importancia de 300 réis (custo da capa), 100 réis (de empaste) e 100 réis (de porte do correio), ou seja, tudo, **500 réis,** que dentro de cinco dias receberão o volume encadernado.

Os **Serões,** assim acabados, mais evidenceiam ser a publicação, relativamente, mais barata que se faz entre nós.

1.ª Série

QUATRO VOLUMES

A 1$200 réis cada

2.ª Série

SETE VOLUMES

A 1$200 réis cada

NOTA. — O maço a remetter-nos deverá ser embrulhado em papel consistente, atado com cordel forte, para que os numeros não soffram com o transporte. O pacote, devidamente estampilhado com sello de 80 réis, deve ser dirigido á

Administração dos SERÕES

Praça dos Restauradores, 27 — LISBOA

Revista bibliographica universal

Vademecum delle studisso della Divina Commedia, del *Dott. Marco A. Garrone.* Torino, 1908.

A Italia é incansavel no culto do seu grande poeta, e é innumera a quantidade de estudos dantofilos que todos os annos se publicam. O *Vademecum* do dr. Garrone, resumindo os trabalhos de varios commentadores da Divina Comedia, constitue um excellente guia para a comprehensão das passagens difficeis e obscuras do immortal poema.

Coast Erosion and Foreshore Protection, par *John S. Owens and Gerald O. Case.* London, 1908.

N'este volume encontram-se estudadas de uma maneira bastante completa as causas das erosões das costas e os diversos meios empregados para a protecção das praias. Esta questão tem assumido, como se sabe, uma elevada importancia, tendo o governo inglez instituido ultimamente, uma commissão especial para a estudar.

Précis d'électricité, par *Paul Niewenglowski.* Paris, 1908.

Exposição clara e condensada da theoria e das applicações da electricidade.

The Catholic Encyclopedia. Am international work of reference on the constitution doctrine, discipline, and history of the Catholic Curch edited by *Charles G. Herbermann, Edward A. Pace, Conde B. Pallen, Thomas J. Shaban, John J. Wynne,* assisted by numerons collaborators. New York, 1908.

Acaba de apparecer o terceiro volume, contendo perto de mil paginas, d'esta admiravel encyclopedia americana referente á constituição, á doutrina, á disciplina e á historia da igreja catholica. Para a publicação do presente volume concorreram nada menos de 250 collaboradores.

Au temps des Pharaons, par *A. Moret.* Paris, 1908. Com gravuras fóra do texto.

Basta conhecer o nome e a auctoridade do illustre conservador do museu Guimet, e director da egyptologia na Escola de Altos Estudos de França, para ter a certeza do elevado valor scientifico e litterario d'esta obra.

Un Miracle contemporain. Discussion scientifique par *Georges Bertrin.* Paris, 1908.

Este volume occupa-se de um facto da therapeutica sobrenatural de Lourdes: a cura expontanea, em 1897, de Mademoiselle Tulasne, de Tours, de uma doença organica, que não se presta a qualquer imaginação suggestiva, o chamado mal de Pott. O livro divide-se em tres partes, que contéem respectivamente, a exposição dos factos, sua discussão, e testemunhos e documentos justificativos.

Marie, fille-mère, par *Madame Lucie Delarne Mardrus.* Paris, 1908.

A conhecida escriptora franceza ainda não alcançára até aqui uma tão alta intensidade de paixão e intuitiva segurança de observação como n'este romance, em que nos conta commovidamente a triste historia de uma pobre e modesta rapariga victima da fatalidade physiologica da sua organisação.

Le Drapeau ou la Foi? par *Adolphe Aderer.* Paris, 1908.

Este romance põe mais uma vez em scena a constante lucta, que constitue a vida, entre o dever e a paixão, desenrolando-se os seus episodios, simples mas commoventes, durante o anno brilhante de 1867 e o anno cruel da guerra do segundo imperio.

La Princesse Noire, par *Paul Margueritte.* Paris, 1908.

Grande romance popular, cheio de peripecias commoventes e scenas apaixonadas, que sae um pouco fóra do genero psychologico habitualmente cultivado pelo auctor.

Les Toits-Rouges, par *Gaston Rouvier.* Paris, 1908.

Intensivo drama provinciano em que se assiste á lucta empenhada em um pequeno meio duplamente contra a aristocracia em decadencia e contra a burguezia que se esforça por substituil-a.

Le Docteur Lerne, Sons-Dieu, par *Maurice Benard.* Paris, 1908.

Romance no genero dos de H. G. Wells, cheio de engenhosas e singulares peripecias, que empolgam o interesse do leitor, como acontece com os livros do grande romancista inglez.

Loin des autres, par *Tancrède Martel.* Paris, 1908.

Romance de amor, cheio de delicadeza e de ternura, que se lê, por isso, com um certo encanto.

Cyrano de Bergerac. Les plus belles pages, avec des pages inèdites, un portrait, deux gravures anciennes et une notice par *Remy de Gourmont.* Paris, 1908.

Os que conhecem Cyrano só da peça de Rostand, em que o admiravel escriptor francez do seculo XVII foi injustamente subalternisado á categoria de um fantoche sentimental — como diz um critico —, ganharão em lêr a curiosa noticia de Gourmont, que ainda teve a fortuna de juntar, n'esta collecção de paginas selectas do auctor das *Viagens ao Sol e á Lua,* algumas peças ineditas por elle descobertas na Bibliotheca Nacional de Paris.

SERÕES
N.º 43 — JANEIRO
LIVRARIA FERREIRA—EDITORA
132, RUA DO OURO, 138 - LISBOA

Henrique Lopes de Mendonça

Os SERÕES, inserindo n'este numero o retrato do insigne escriptor e eminente poeta Henrique Lopes de Mendonça, presta uma homenagem devida a quem durante quatro annos, approximadamente, foi seu talentoso director.

Homem de letras de pulso vigoroso, dramaturgo dos mais applaudidos no nosso paiz, caracter bondoso e de trato cavalheiresco, Lopes de Mendonça é uma individualidade predominante e sympathica no nosso meio litterario e social.

NA PEQUENA RUSSIA

Vinte dias na Russia

(IMPRESSÕES DE UMA PRIMEIRA VIAGEM)

POR Z. CONSIGLIERI PEDROSO

CAPITULO IX

KOLTSOVO

A cosinha nacional russa — Excursão a Jeltikovo — Na planicie — Trinta verstes em «tarantass» — Uma missa na aldeia — A caza do pope — Um diluvio de agua n'um mar de verdura — «Za grybui» — O silencio das florestas russas — Pesca dos «karrásy» — Incidente comico — Cumprimento pouco amavel — Uma festa á chegada.

NÃO ha duvida que a cosinha de um povo é um dos mais preciosos elementos para lhe determinar a idiosyncracia do caracter nacional. Muito antes de Buckle ter dado a esta asserção os fóros, aliás merecidos, de theoria philosophica, e de Brillat-Savarin a haver por assim dizer consagrado em nome da physiologia gastronomica ou da gastronomia physiologica, como melhor parecer ao leitor, correspondia ella já a um facto geral, accessivel á mais superficial observação.

O hindu franzino, timido, covarde e quasi femenil, alimenta com um punhado de arroz cosido a sua indolencia proverbial, ao passo que o anglo-saxão robusto e solido vae buscar o estimulo para a sua vida trabalhosa aos tassalhos de *roast-beef*, que ingere em tão prodigiosa abundancia. Creio que a tal respeito não ha divergencia de opiniões.

O espirito do latino brilhante e imaginativo está para o espirito allemão pesado e frio, embora profundo, como o vinho perfumado das bellas regiões do meio-dia está para a espessa e insipida cerveja, essa atroz beberragem dos paizes do setentrião. Tambem com relação a este ponto o accordo me parece ser unanime.

O estylo é o homem, não o nego; mas accrescentarei — só o homem moral. O ali-

mento é, porém, mais do que isso, porque representa por seu turno uma causa e um symptoma. — Como causa influenceia a nossa natureza physica e consequentemente o nosso modo de ser psychologico; como symptoma revela não só a nossa ossatura e os nossos musculos, mas tambem muitas das nossas sensações e muitos dos nossos pensamentos. Quantas vezes o segredo do destino de uma existencia não deveria ir buscar-se á historia da sua alimentação?! Seria curioso, depois de tantas theorias, explicar a acção dos grandes homens á luz d'este novo criterio. Até agora, com effeito, a genesis das ideias do heroe ia por via de regra procurar-se á sua bibliotheca. Porque não havemos de hoje em diante procural-a tambem na respectiva cosinha?

. . . .

Uma das occupações mais graves da nossa estada em Koltsovo — direi uma das mais constantes preocupações, porque chegava quasi a sêl-o — era a cosinha. Nunca suppuz que os meus habitos de singeleza espartana e o desprezo ou pelo menos a indifferença por tudo quanto se relaciona com os prazeres da mesa, podessem de tal sorte ser transformados. Eu proprio chegava a desconhecer-me, perguntando de mim para mim inquieto por que extranho atavismo se me manifestava tão singular reversão a apetites, de que até esse momento me julgára isento, mercê de Deus.

A explicação, porém, do phenomeno era obvia, e em nada attentatoria dos meus brios de homem affeito á pratica do preceito do Evangelho: *non in solo pane vivit homo*. . .

Em primeiro logar deve notar-se que na região da Russia, em que nos achavamos, os dias são no verão de um comprimento aterrador para quem tenha pretensões a conservar-se fiel ao regimen alimentar do occidente — as classicas duas ou tres comidas ao dia. A' uma hora da madrugada (alta noite em Portugal) já lá começa a luzir o dia, que se prolonga até perto das onze horas da *noite* (da nossa, entende-se). São umas vinte horas de sol sobre o horizonte! Imaginem-se as imperiosas exigencias de estomagos submettidos a semelhante regimento. Come-se cinco, seis, sete vezes ao dia. . . Eu creio que comia oito! D'ahi a necessidade de dedicar diariamente a tal assumpto pelo menos o dobro do tempo que entre nós habitualmente lhe consagramos.

Mas não é ainda tudo. A frequencia das refeições não basta para explicar a subita gastronomia, que de mim se apossára. Não era só a «quantidade», que para esse resultado contribuira. Era tambem e principalmente a «qualidade». O grande theorico da gastronomia encontraria decerto ali o seu paraizo. . .

Que maravilhosas combinações culinarias eu tive occasião de saborear! E o que mais irresistiveis as tornava era a nota de originalidade, que tão completamente as distinguia dos productos enjoativos e monotonos da cosinha franco-cosmopolita, soberana dominadora em todos os restaurants e hoteis dos dois hemispherios. E' inutil recordar ao leitor, que me refiro á cosinha nacional russa, tal como a apreciei em Koltsovo, e não ás imitações mais ou menos falsificadas, que o viajante encontra nas grandes capitaes, como S. Petersburgo e Moscou.

Das minhas recordações mais inolvidaveis n'este capitulo, destacarei para especial consagração os guisados de cogumelos e as variadas especies de sopas. As sopas sobretudo. . . Não sou gastronomo, nunca o fui, e já agora espero em Deus acabar os meus dias fiel á religião da sobreidade, que mesmo em meio das maiores seducções nunca de todo abandonei. Mas as sopas russas!. . . Que tentação. . . e com que saudade d'ellas ainda hoje me lembro. . . quando me sento á mesa!. . .

. . . .

Uma das excursões que tinhamos planeada era a visita ao mosteiro de Jeltikovo, situado a umas quatro verstes de Tver, em meio de um bosque encantador. Por uma tarde perfumada e serena, tanto mais aprazivel quanto a teimosa chuva, quasi de inverno, dos dias anteriores havia prejudicado alguns passeios do nosso programma, puzemo-nos a caminho. Compunha-se a expedição de uma *troika* (1) onde eu tomára assento com minha filha e Olga Dmitrievna e de um *tarantass* (2) que levava Juri Dmitrievitch e Gonçalves Vianna. Serviam-

(1) Carro atrelado a tres cavallos. D'ahi o nome por que é conhecido.

(2) Especie de carreta, mas sem mólas.

nos de batedores e por vezes de estribeiros a galopar garbosamente ao nosso lado, o estudante Arsa e Inna Dmitrievna, montados em soberbos cavallos, arreiados á moda do paiz, e esta ultima trajando um pittoresco fato de *tcherkesse* (1), com as suas côres vistosas, o competente *bonet de astrakan* e o punhal de aço pendente em bainha d'ouro cinzelada. Quem visse de longe esta cavalgada luzida, a atravessar á desfilada as planicies ligeiramente onduladas do governo de Tver, fechadas na orla do horizonte pela linha sinuosa do Volga, julgaria estar assistindo a alguma d'essas corridas phantasticas descriptas nas balladas allemãs, ou á scena de alguma fuga romantica contada nas proprias lendas da região por onde iamos passando. E phantastico era com effeito, pelo menos para mim, o espectaculo que á vista se desenrollava.

A planicie sem fim, a estender-se em volta de nós em todas as direcções, apenas aqui e ali mosqueada por tufos de arvores e pelas *izbas* das aldeias, dáva-me a mesma impressão que eu já sentira quando pela primeira vez nas provincias balticas a atravessára — impressão vaga mas intensa, singular, inexplicavel se quizerem, mas em todo o caso profundamente original, como a não conhecera em nenhum dos paizes, que nas minhas viagens percorrera. O que dá este encanto especial á planicie russa? E' apenas a sua constituição physica, em que uma certa monotonia de côr e de relevo acaba por produzir indelevel efeito esthetico? E' a feição typica do seu amanho agricola tão differente do que estamos acostumados a vêr na maior parte das regiões do occidente? E' o aspecto da sua população, ou talvez antes da sua despovoação? Será tambem, em parte pelo menos, a suggestão recebida pela leitura dos auctores russos, que desde Gogol não tem cessado de accentuar com a riqueza proverbial do seu realismo, a magia irresistivel da terra russa? Não o poderei dizer... A impressão é, porém, d'aquellas que jámais se apagam do nosso espirito.

N'essa tarde, embora o pretexto da digressão fosse a vizita ao convento de Jeltikovo, o verdadeiro fim d'ella consistiu n'uma larga excursão pela planicie, para mais de perto a ficar conhecendo. Até ahi atravessára-a apenas em caminho de ferro, ou percorrera-a a pé em limitadissimas extensões. Porisso, embora o mosteiro ficasse apenas a pequena distancia relativa de Koltsovo, com a larga volta que démos para passar á retirada por Tver, conseguimos andar umas trinta *verstes* pelo menos. O unico senão de tão formoso passeio viémos a sabel-o nós physicamente, no dia seguinte, quando os resultados da pouca elasticidade das mólas (?) dos vehiculos se

METROPOLITANO DE KIEV

fizeram sentir nos nossos corpos doloridos. Trinta verstes, com effeito, em *tarantass* por um chão sulcado a todo o momento de rugosidades e sobrodas, que tinham como acompanhamento indispensavel saltos quasi acrobaticos, não será propriamente heroico, concordamos, mas constitue decerto massagem capaz de reduzir a estilhas os mais robustos arcabouços.

De resto o mosteiro de Jeltikov ou como é chamado em russo: *Jeltikovskii uspenskii mujeskii monastyr* (convento de homens da Assumpção de Jeltikov), pouco interese tem para o visitante. Conforme dissémos está situado a quatro verstes de Tver, no meio

(1) Circassiana.

de um bosque de *beriozas* (1). Foi fundado no principio do seculo XV por Santo Arsenio. As partes mais modernas foram construidas por Pedro o Grande. A principal curiosidade, que os monges não se esquecem de mostrar, são dois quadros, exactamente sobre a porta principal no recinto fortificado, onde esteve encerrado o principe Alexis, filho do tsar Pedro I. Ha tambem logo á entrada n'uma especie de pateo ou vestibulo o cemiterio que é digno de vêr-se, pelas campas que contém, quasi todas de marmore preto e cobertas de inscripções mortuarias. Caso digno de registar-se: por mais que deligenciasse dar qualquer esportula ao religioso, que nos acompanhou á visita minuciosa ao convento, foi ella recusada com um simples gesto, assim como igualmente a recusáram o religioso encarregado da porta e outro que nos mostrou o jardim, um bello e perfeito homem de rosto pallido emmoldurado por comprida barba preta, e de modos tão graves e solemnes, quasi hieraticos, que mais parecia uma figura que se desprendera de algum d'aquelles retabulos byzantinos, que ali mesmo havia pouco viramos.

O que é certo, porém, é que visto de longe, com os seus zimborios dourados a reflectirem por entre a verdura os ultimos raios do sol poente, o convento de Jeltikov nos parecera bem mais interessante. Em todo o caso julgámo-nos dispensados de visitar, como primeiramente tencionáramos, os dois outros mosteiros do mesmo genero mas com menor valor historico, que existem na região: o *convento da Natividade de raparigas (Rojdestvenskii dievitchii monastyr)*, junto ás margens da Tmaka, affluente do Volga, e o *convento de Nikolaievsky*, junto da Malitska. Pela mesma razão em parte, mas tambem com relação a este por falta de tempo, não

PAIZAGEM DE INVERNO

(1) Especie de betulas, muito commum em toda esta parte da Russia.

visitámos o *convento de Otrotch (Otrotch usspenskii mujeskii monastyr*— litteralmente: *convento de homens da Assumpção de Otrotch),* ao qual anda ligada a lenda que se refere ao rapto feito pelo gran-duque Jaroslav III da noiva do seu pagem Gregorio, no proprio momento em que iam casar-se. Roido de saudades e não podendo tirar do raptor outra vingança, Gregorio fez-se monge como era do estylo na epocha e fundou em memoria do attentado o convento de Otrotch.

Outra excursão que eu tinha muito a peito fazer e que se realisou no dia seguinte — um domingo — foi á aldeia de Vlasiévo. Não era o caminho com as suas perspectivas, o que n'este caso me aguçava a curiosidade; mas sim a opportunidade de poder assistir a uma missa aldeã, e de ter ensejo de surprehender em flagrante delicto a piedade dos mujiks entregues a si mesmos, sem a suggestão do clero arregimentado das cidades. Como se manifestava no culto externo a devoção do povo em S. Petersburgo, sabia-o eu. Precisava, porém, para o confronto, vêr como no habitante dos *selós,* perdidos pelas florestas do centro da Russia, se lhes manifestava a ingenua religiosidade.

Quando chegámos, já a missa tinha começado e a egreja estava apinhada de gente. Como chovia torrencialmente, porém, o templo — pelo menos assim o julguei attrahira a multidão talvez tanto pela ancia de ouvir a palavra de Deus n'aquelle dia consagrado ao descanso, como pela urgencia de procurar agasalho e abrigo contra as cataractas do ceo, que pareciam precipitar-se ruidosamente sobre a terra. De resto o officio divino nada teve de notavel. Não passou de uma edicção reduzida do que eu presenciára na capital. Julguei apenas vêr no rosto ingenuo d'aquelles *mujiks* não sei que expressão singular — mixto de sarcasmo e desprezo, indifferença, quem sabe? — todas as vezes que o *pope* mais directamente se lhes dirigia, nas apostrophes da sua interminavel litania. Ter-me-hia equivocado? O que em outras occasiões e em identicas circunstancias observei, provou-me que não me enganára. Em geral o clero russo não é amado entre o povo. Mesmo nos campos, ou o temem — o alto, o *negro* como lhe chamam, isto é, os monges, que vivem regaladamente nos mosteiros, embora submettidos ás regras canonicas que a Egreja lhes impõe e de que a mais antipathica para o *mujik* é o celibato; ou o escarnecem — o baixo, o *branco,* composto na sua quasi totalidade de verdadeiros pedintes, os quaes muitas vezes para se poderem litteralmente alimentar teem de recorrer a expedientes de mais do que duvidosa moralidade. A este trata-o o povo pelo nome despreciativo de *bátiuchka,* quer dizer, *paésinho,* e é em geral o alvo dos motejos da população, que d'elle conta as mais picarescas historias.

A' primeira vista custa a comprehender semelhante attitude dos *mujiks* para com os seus *popes;* mas dada, por um lado a situação precaria em que estes se encontram, incomparavelmente inferior á dos nossos curas d'almas, mesmo os mais pobres; e conhecida por outro lado a tendencia meio mystica, meio pantheista da raça slava, não é difficil de explicar a apparente anomalia.

A consciencia da sua humildade é, por assim dizer, a nota que mais nos fere e impressiona, quando falamos com um *pope.* Até de longe este sentimento se revela no olhar que nos deitam, quando no desempenho de alguma das suas funcções os vemos atravessar de fugida os povoados, cingidos nas compridas tunicas pardacentas, e como que esforçando-se por evitar vistas indiscretas. Foi esta mesma impressão ainda, que me deixou o *pope* de Vlasiévo.

Depois da missa convidou-nos elle a tomar o chá da praxe em sua casa, encantadora vivenda toda cheia de verdura e de plantas floridas, especie de ninho perfumado e tepido, que tão singularmente contrastava com a rudeza, que pela banda de fóra o cercava. A familia compunha-se além do *pope,* da mulher e tres crianças, uma das quaes de peito ainda. Tinham todos a apparencia de *mujiks,* embora um pouco mais civilisados. Mas a singeleza quasi infantil dos modos, a expressão soffredora e triste dos rostos macerados, a ignorancia absoluta e a completa indifferença a respeito do que para além do seu *seló* se passava, conforme tive ensejo de verificar, eram exactamente as mesmas que entre os *mujiks* e igualmente caracteristicas. Elle parecia um Christo de faces emmagrecidas e pallidas, ás quaes dava

expressão de singular melancholia um sorriso meio de amargura meio de resignação. Ella tinha estampada na physionomia toda a submissão das mulheres do povo na Russia, e todos os soffrimentos originados pelo excesso de trabalho e de privações. De resto, ambos sympathicos e obsequiadores em extremo.

No fim de alguns minutos estavamos já tão á vontade, como se de ha longo tempo nos conhecessemos. Contaram-nos a sua historia, deram-nos informações sobre o viver dos *mujiks* de Vlasiévo, queixaram-se um pouco, embora de maneira discreta, da sua precaria situação, e mais teriamos ouvido se a chuva, apertando, não nos estivesse a aconselhar como medida de prudencia o immediato regresso a casa, distante ainda um bom par de *verstes*, atravez de florestas e por caminhos que com semelhante tempo deviam achar-se pouco menos que intransitaveis.

VENDEDEIRA DE FRUCTA

E na verdade a volta não foi facil. Imagine-se uma *troika* a galope desfechado pela planicie alagada e em parte coberta por espessos tratos de arvoredo, cujos ramos nos fustigavam o rosto na corrida, e envolvendo esta fugida vertiginosa um chuva a cahir a jorros, que quasi nos suffocava pela violencia e nos impedia de distinguir o caminho que seguiamos. Era un verdadeiro diluvio d'agua n'um oceano de verdura.

Eu tomára assento na *troika* de Inna Dmitriévna. Os meus companheiros dividiram-se pelos outros carros, e assim conseguimos chegar ao cabo de hora e meia a Koltsovo, com a apparencia de gente que acabasse de sair de prolongado banho, A expressão empregada em casos analogos de «ensopado até aos ossos» não poderia nem de longe dar uma ideia do estado em que nos encontravamos...

D'ahi a dois dias proporcionou-se-nos ensejo de novamente percorrer as florestas, mas em condições mais favoraveis, graças ao tempo que outra véz melhorára. Foi uma excursão para colher cogumellos, que n'esta região da Russia attingem dimensões fabulosas. A colheita foi abundante, e entre as cryptogamicas apanhadas contavam-se algumas muito maiores do que punhos. Pareciam pequenos chapeus, durissimos e de bello matiz avermelhado, o que facilmente os faz distinguir das plantas venenosas, mais mólles e de côr parda. Esta excursão em busca dos cogumellos — *za grybui*, como se lhe chama — permittiu-me observar uma das particularidades mais caracteristicas, que se notam nas florestas russas. Ao contrario do que acontece nas regiões meridionaes, em que a vida se manifesta por toda a parte n'uma exuberancia sem par, no norte a temperatura e a humidade parece que mesmo no verão mantêm a floresta n'um meio entorpecimento, sem calor, sem movimento e sem voz... Ao passar por debaixo d'aquellas arvores frondosas e vecejantes não se sente o cantar d'uma ave. No tapete arrelvado, que cobre o chão, não se vê um insecto, não se percebe o mais leve rumor ou movimento, que denuncie um ente vivo. E' bello, mas é triste; e embora admirando a grandeza solemne d'aquelle espectaculo, nós, a gente do sul, sentimos saudades da aragem calida dos nossos campos, tão cheia de ruidos e de echos animados; da brisa quente que perpassa pelos nossos pinheiraes, em cuja ramaria geme a rôla os seus amores; do chilrear das toutinegras na balseira; do

gorgeio do rouxinol na moita florida; do leve roçar d'azas das borboletas, a esvoaçarem nos prados; do zumbido das abelhas, no vae-vem do seu laborioso giro; das mil vozes indistinctas, emfim, que de cada folha, de cada flôr, de cada fructo, nos enviam a sua nota para o concerto da vida universal...

N'estas regiões da Russia onde me encontrava, nada d'isto se vê; nada d'isto se ouve. Explendidas florestas, campinas luxuriantes, mudas, porém, melancolicas... parece que immobilisadas pela gelada brisa do norte.

Não quer isto dizer que a vida não exista. De modo algum! Nem vão os leitores imaginar pelo que deixamos dito que a Russia é algum deserto, onde só reina o silencio das grandes desolações.

O que quizémos accentuar, para traduzir uma impressão meramente pessoal, foi que na terra russa — do norte, entenda-se — a vida da natureza não se revela com a mesma exuberancia, com a mesma desinvoltura, com que no sul anima a paysagem dos nossos campos, todos elles musica e movimento...

Para encontrar a vida, que nas florestas e nos prados me faltava, tive de ir procural-a n'um elemento que me proporcionou bastantes horas de agradavel distracção. Refiro-me á pesca nas *prudes*, pequenas lagôas que se encontram no meio do arvoredo, e onde vivem diversas qualidades de peixe d'agua dôce. N'esta, onde exerci com notavel pericia — a avaliar pelos resultados — as minhas capacidades piscatorias, e que estava situada no proprio parque de Koltsovo, abundavam os *karrásy*, especie de

TYPOS DA PROVINCIA DE MOSCOW

PAIZAGEM DE INVERNO

barbos ao que me pareceram, mas incomparavelmente mais gostosos do que nos ossos.

Com estas pescas na lagoa alternavam-se partidas de caça ás narcejas nos paúes, a uma das quaes me ficará eternamente ligada na memoria a recordação do episodio mais comico de toda a minha viagem na Russia. E' o caso que havendo-me Victor Romanovitch induzido a acompanhal-o a certo sitio, onde o terreno se achava completamente alagado, tive de acceder-lhe ás instancias e calçar umas enormes botas de montar, indispensaveis, segundo elle me affirmava, para a são e salvo poder atravessar o paul. Das minhas botas á europeia, embora eu houvesse escolhido para a occasião as mais reforçadas que trouxéra, sorria-se elle com sobranceiro desdem. Não é facil descrever o que eram essas monstruosas botas moscovitas. Bastará dizer que para que ellas me não caíssem dos pés foi necessario que eu calçasse por cima das minhas proprias meias mais quatro pares de grossas meias de lã, das que de inverno usam os *mujiks*. Ainda assim me ficaram largas, e tão largas, que quando me aventurei no juncal, aos primeiros passos que dei logo percebi a singular situação, em que a minha nimia condescendencia em acceitar semelhantes auxiliares me ia collocar. O terreno, com effeito, era tão pouco consistente que eu sentia-me enterrar a cada passada na vasa, e só com grande difficuldade conseguia continuar o caminho. N'um ponto, em que o solo cedeu mais, afundei-me litteralmente, sendo necessario que Victor Romanovitch corresse em meu auxilio, a levantar-me nos robustos braços para me fazer saír do atoleiro. Mas é aqui que se dá o «feio caso». Com a força herculea, de que dispunha, facil foi ao meu companheiro alçar-me o bastante para me libertar da incommoda posição, que já se ia tornando

um quasi nada inquietadora. N'esta operação, porém, realisada de resto com summa pericia, as botas ficaram enterradas no lodo.

Deixo ao leitor reconstruir mentalmente a scena da minha volta para casa em palmilhas de meia, depois de me ter visto obrigado a rejeitar á força o humilhante offerecimento de Victor para me levar ao collo como qualquer *bébé*...

. . . .

E' tempo, porém, de contar mais circunstanciadamente alguns pormenores da vida campestre na Russia, tal como a pude observar nos dias que passei em Koltsovo. Não teem pretensões a quadro completo as observações singelas que vão lêr-se. Apenas procuram dar a impressão, que em mim produziram na sua realidade palpitante usos e costumes tão differentes dos nossos em geral, mas tambem ás vezes aqui e ali apresentando com os da nossa terra, não obstante a differença do scenario, singulares coincidencias que a ethnographia ainda hoje não sabe cabalmente explicar.

Como eu tivesse manifestado logo á minha chegada a Koltsovo desejos de presenciar qualquer funcção ou ajuntamento de *mujiks*, foi-me indicada essa mesma tarde como occasião opportuna para satisfazer a curiosidade, por isso que na *izbá* (1) de Victor Romanovitch, que os nossos leitores já conhecem do capitulo anterior, havia justamente ao que parece festa rija, para solemnisar o fim dos trabalhos, que os antigos companheiros de servidão lhe haviam prestado nas magras leiras. Na Russia, pelo menos n'esta região, ao que pude averiguar, todos são proprietarios — *mujiks* e *barines*. A differença é apenas de quantidade. Emquanto que o antigo senhor possue terras a perder de vista, extensas florestas e cabeças de gado a que não sabe a conta, o servo emancipado pela lei civil, mas cuja situação social não variou em face das inexoraveis leis economicas, apenas possue algumas *archines* (2) de mau terreno e a tradicional vacca, que ainda assim nem sempre é accessorio obrigado da sua minuscula propriedade rural. Muito embora! é proprietario e carece do trabalho alheio, que em circumstancias identicas pagará aos outros com o trabalho proprio. Mas para solemnisar o bom termo do amanho das *suas terras* e na falta de paga a dinheiro, o que não é permittido entre gente da mesma condicção, convida-os o amphitrião a um festim, em que se toca, se dansa e se bebe aguardente á descripção — essa terrivel *vodka*, que á sua parte é responsavel por mais de metade das doenças e dos crimes que devastam a terra russa. Foi a uma festa d'estas que eu tive o ensejo de assistir. D'esta vez o amphitrião era Victor Romanovitch, que á sua qualidade de *mujik*-proprietario juntava

CAMPONEZA TRAZENDO LENHA

as de caçador emerito do districto e de guarda das florestas de Koltsovo.

A' sua espaçosa *izbá*, situada quasi no centro da aldeia, começaram a affluir os convidados. Eram camponezes de todas as edades e de ambos os sexos, entre os quaes podia vêr-se mais de um velho mal seguro nas pernas vacillantes ao lado de gente bastante nova. A maioria, porém, era constituida por homens e mulheres na força da vida. Havia tambem algumas crianças, muito cozidas ás mães, e diversos serviçaes pertencentes á casa de Dmitri Slaviansky. Logo que se acharam todos reunidos começou a funcção, cujo primeiro numero foi constituido por

(1) A cabana dos camponezes russos, em geral feita de madeira.

(2) Medida de extensão.

cantigas, cantadas alternadamente por um rapaz e uma rapariga — uma especie das nossas trovas ao desafio. O thema d'estas cantigas era em geral allusivo a assumptos de amor. Por vezes não era difficil descobrir entre ellas velhas reminiscencias de algum canto mythico, de alguma esquecida lenda pagã. Tambem se referiam a incidentes da vida campesina, como aos trabalhos das sementeiras, colheitas, etc. Tive curiosidade de copiar as mais caracteristicas e tel-as-hia aqui reproduzido, se porventura fosse possivel trasladal-as, conservando-lhes ainda que só approximadamente o sabor original. E' isto, porém, impossivel.

A lingua russa allia á riqueza de vocabulario tal malleabilidade de composição, que ha matizes de significado e cambientes de expressão, sobretudo no falar do povo, intraduziveis nos idiomas latinos ou germanicos, muito mais rigidos pelo longo exercicio da disciplina grammatical, a que os submetteram seculos ininterruptos de cultura. Os verbos principalmente, com a variedade infinita *d'aspectos* e outros modificativos que lhes transformam por imperceptiveis gradações a ideia principal, são o desespero dos traductores do Occidente, dos que nos tempos que vão correndo ainda teem em alguma conta a probidade litteraria, entenda-se.

Por isso e com grande magua minha não transcrevo aqui todas as canções de que tomei nota. E que encantadoras eram algumas d'ellas. Lembro-me, por exemplo, das que tinham por objecto celebrar a festa do *kupálo* (1), o nosso S. João, onde os protogonistas são como entre nós um João e uma Maria — *Iván do Márya* (2) — a banharem-se na relva orvalhada, junto ás margens do prateado ribeiro, na madrugada antes do sol nascer; de umas consagradas ás noivas, que começavam assim:

Não vás, minha alma,
Não vás, meu amor,
Colher fructos ao jardim;
Não apanhes as lindas borboletas,
Nem assustes os passarinhos,
. . . . ;

das que invocavam em sentidos ritornellos Lado e Lada, as divindades da primavera e do amor.

Havia-as ainda sobre outros themas, porque, aproveitando-se da occasião, e sobretudo estimulados pela presença de pessoas estranhas, os cantadores iam-se deixando arrastar pela inspiração do momento, ajudada de resto como era da praxe pelas competentes libações de *vodka*, e esgotavam em nossa honra o vasto repertorio das suas recordações poeticas. Era o que se póde chamar, guardadas as devidas proporções, um espectaculo de gala, uma funcção extraordinaria. E' o que explica, que estando nós no verão, e convindo portanto para o caso apenas motivos referentes aos trabalhos das sementeiras, figurassem no entanto todos os variados assumptos que constituem a suggestão poetica da musa popular, desde as historias tetricas em que a Bába Yagá é a protagonista, até ás mimosas endeixas em que se descreve a chegada da primavera e a curiosa ceremonia do «baptismo dos cucos» *(krechtchenie kukuchek)*.

Não ha raça que possúa tão grande riquesa de cantos tradiccionaes como a russa. Emquanto que nos outros povos europeus as recordações dos velhos tempos mythicos, principal fonte onde tem a remota origem toda a poesia popular, se acham obliteradas e esquecidas, na Russia esse manancial de inspiração conserva-se ainda hoje vivo e perenne.

(1) A festa do solsticio de verão entre os russos.
(2) E' o nome tambem de uma flôr silvestre.

A MISERICORDIA DE LISBOA
DE PAINEL ARVORADO, ESPERANDO OS FERETROS REAES NA ESCADARIA DA EGREJA DE S. VICENTE

A Bandeira da Misericordia

nos enterros reaes

Confraria da Misericordia de Lisboa, primeira das Misericordias portuguezas, instituida em 1498 em Lisboa, pela rainha D. Leonor, mulher de D. João II, e por iniciativa do seu confessor o frade valenciano Miguel Contreiras, da Ordem da Santissima Trindade, estatuiu no seu compromisso, entre varios encargos de piedade, o de enterrar nas suas tumbas ou esquifes os pobres e os justiçados, assumindo egualmente o dever de conduzir á ultima jazida os cadaveres dos seus irmãos fallecidos, acompanhando-os a Confraria processionalmente, de bandeira arvorada na frente do funebre prestito.

Como em outras práticas, a Confraria portugueza de Misericordia, fundada nos fins do seculo XV, imitava o exemplo notavel de obras pias, que lhe apontavam nos seus notaveis estatutos as venerandas Confrarias ou *Archi-confraternitá della Misericordia* italianas, cujo inicio remonta ao seculo XIII, e das quaes uma das primarias obrigações era assistir aos suppliciados no momento da execução e dar sepultura aos cadaveres dos executados, dos pobres e dos irmãos.

A Toscana foi, segundo se diz, a primeira patria destas Confrarias, de que se tornaram notaveis a de Florença, a de Roma e milhares das que se estabeleceram na Italia, na Espanha, em Portugal, e em todos os seus extensissimos dominios

Charles Hautefort, no seu curioso livro de viagens ácerca de Lisboa e Madrid, escripto

em 1814, cita com enthusiasmo os relevantes e extraordinarios serviços da Misericordia de Florença, onde ainda hoje, reunidas as Confrarias na *Federazione,* conservam alguns dos antigos costumes e usanças. Eugène Muntz numa relação de viagem na Toscana em 1886 no *Tour du Monde*, descreve os irmãos d'aquella Misericordia, com sua capa e capuz, pedindo esmola para os pobres e encarcerados.

BANDEIRA
DA MISERICORDIA
(Face)

No desempenho da sua missão piedosa a Misericordia de Lisboa, logo que recebia aviso da morte de algum dos seus confrades, mandava sair tres moços do esquife, os quaes, de balandrau preto, como os irmãos dos Fies de Deus, com uma cruz preta bordada no peito, corriam a cidade a dar aviso aos irmãos da Confraria para concorrerem ao sahimento. Levavam o aviso affixado n'uma cruz, que empunhavam no braço esquerdo, descançando-a em correias. Iam de chapeu armado de oleado preto, e tangiam com a mão direita uma campaínha.

No enterro abria a marcha o homem de serviço, chamado *moço do azul,* em razão da capa ou balandrau azul que o revestia, tangendo a campainha, depois o irmão com a vara preta, e a bandeira da irmandade arvorada, com dois tocheiros aos lados, o capellão, os irmãos, a tumba levada por seis dentre elles e ladeada por seis tocheiros, e ao cabo outro moço do azul com a caixa, pedindo em voz alta esmola para as obras de misericordia.

Como os reis e principes sempre se honraram com o titulo de irmãos e protectores da piedosa Confraria, claro está que, segundo o compromisso o ordenava, a Irmandade occupava nos sahimentos regios um logar proeminente. Em todos os cerimoniaes que se encontram dos enterros de pessoas da familia real se lê sempre, que á porta do templo onde os corpos vão ter ultima jazida, em Belem ou em São Vicente, os aguardaria a Confraria da Misericordia, com o Provedor e insignias (que são a maça de prata, a campainha e a bandeira) trazendo o andor ou esquife, forrado de brocado e galões de ouro, para nelle receberem o ataúde logo que o retirem do côche funerario, entregando-o os officiaes da casa aos cuidados da irmandade.

Esta, levantando o esquife aos hombros, o conduz até ao cruzeiro, collocando-o na eça.

Apesar de ter sido extincta a Confraria, pelo decreto de 11 de agosto de 1834, em que Joaquim Antonio de Aguiar, o eminente liberal, anniquilou de um rasgo de penna, a fórma essencial desta secular instituição, apesar de nunca mais ter sido reconstituida, ainda hoje, como ha pouco se viu, se mantem nos programmas do ceremonial dos enterros reaes o logar que tradicionalmente pertence á *Irmandade da Misericordia.*

Ainda nos funeraes do rei D. Carlos e de seu filho o principe Luiz Filippe, em 8 de fevereiro ultimo, os jornaes da capital noticiavam que a *Irmandade da Misericordia* aguardava os feretros na egreja de S. Vicente. No programma official publicado no *Diario do Governo* fala-se egualmente na extincta Irmandade como se tivesse ainda hoje existencia real a antiga Confraria.

Em obediencia a esta praxe tradicional, imposta pelo *Diario do Governo,* a Provedoria vê-se obrigada a organizar com o pessoal menor da casa uma supposta irmandade. Revestem-se aquelles empregados com as capas pretas, já muito velhas e usadas, dos antigos irmãos, e de bandeira alçada, com as insignias da vetusta Confraria, postam-se no primeiro degrau da escadaria da egreja de São Vicente, esperando os ataudes, que segundo a pragmatica lhes vão ser confiados.

Por muito tempo, depois de extincta a Confraria, os irmãos que persistiram após o celebre decreto de 11 de agosto de 1834, acudiram aos enterros dos confrades de que a Misericordia continuava a incumbir-se. Pouco a pouco fôram morrendo todos. Um dos ultimos foi o barbeiro Costa da rua de São Roque, e o ultimo, segundo parece, foi o velho marquez de Ficalho. Ao primeiro fez a Misericordia o enterro, ficando o corpo depositado na egreja de São Roque, onde a collegiada, como era uso, o recebeu, rezando-lhe os responsos funebres.

BANDEIRA
DA MISERICORDIA
(Reverso)

Extinta a Confraria e mortos os irmãos, desappareceu da capital o popular espectaculo das procissões da Misericordia, tão curiosas nos annaes da antiga religiosidade portugueza.

Deixou de apparecer em publico a famosa *bandeira da Misericordia,* tão celebre a ponto de ganhar fóros de symbolo litterario, pelo privilegio que possuia de, abatendo so-

bre o condemnado, lhe dar immunidade e salvamento.

As procissões e a exhibição publica das vestes e insignias destas Irmandades, vêem-se ainda hoje em muitas terras de paiz, por de quando em quando. Julio Lourenço Pinto, no seu livro *O Algarve* descreve com algum exagero o aspecto extranho desta anachronica procissão, que sae á noite, á luz de vélas e de lanternas tristônhas.

A bandeira, tal como desde 1575 se ordenou que se pintasse, tem de um lado o quadro do descendimento da cruz, com a imagem da Senhora com o Christo nos braços, e da outra, que é a que vai para diante, a figura de Nossa Senhora, Mãe de Misericordia, de mãos juntas e levantadas, extendido o seu grande manto, cujas pontas são sustidas por anjos, e debaixo delle, acolhendo-se, de um lado, o pontifice, bispos, cardeaes e frades trinitarios, e da outra o rei, a rainha e muitas figuras de nobreza e povo. Entre os frades ha um que tem na orla do habito, as lettras *F. M. I.;* allude esta figura ao frade Miguel Contreiras, instituidor, significando aquellas lettras *Frei Miguel Instituidor.*

FREI MIGUEL CONTREIRAS, O INSTITUIDOR DA MISERICORDIA
(Quadro de Carlos A. Leoni, na Bibliotheca Nacional)

Ainda hoje existem dois paineis, que se conservam no Museu da Capella de São João Baptista, da egreja de São Roque, sabendo-se que o mais moderno foi pintado em 1784 pelo pintor Manuel Pereira Pegado. Um destes paineis colloca-se no templo de São Roque, no cruzeiro, nos dias 17 de novembro e 13 de dezembro, quando, segundo o compromisso, se rezam alli os officios por alma dos regios instituidores, a rainha D. Leonor e el-rei D. Manuel.

onde as confrarias se conservam com o seu caracter essencial de associações religiosas.

No Algarve, em Faro por exemplo, na semana Santa, saem as procissões de endoenças e do enterro, indo os irmãos com seus balandraus com capuz a cobrir a cabeça e o rosto, e á frente uma matraca tangendo

Esta mesma bandeira, que figurou no prestito civico realizado em 1898, por occasião do Centenario da India, e nos sahimentos dos ultimos reis D. Fernando, D. Luiz I e D. Carlos I, era a que acompanhava á forca os padecentes. Lugubre e triste o prestito

que então sahia da Misericordia, levando organização egual á dos sahimentos funebres, conduzindo o capellão a imagem do Santo Christo de marfim, o *Christo dos padecentes*, como lhe chamavam, para o dar a beijar repetidas vezes ao comdemnado.

Ia a irmandade, ia toda a collegiada até ao logar sinistro das execuções, que teve em Lisboa varios paradeiros, em Santa Barbara, em Santa Clara, na Ribeira e no Caes do Tojo.

Em 1842 viu-se pela ultima vez na capital este medonho espectaculo. Castilho, na *Revista Universal Lisbonense* (1842, pag. 350) descreveu-nos com as côres vivas da sua palheta, a scena lastimosa da execução do Mattos Lobo. Abriam a marcha a campainha da Misericordia, e as alcofas pedindo esmolas; depois a Confraria de painel arvorado, o crucifixo alto, o comdemnado na cadeira conduzida por dois pares de forçados que rojavam tristemente os seus grilhões; depois os *carrascos* de calça e sobrecasaca preta, collarinhos derrubados, cabeças descobertas e nas mãos as gôrras pretas, agaloadas de amarello, e por fim a justiça, a infantaria e a cavallaria.

Finda a execução era o corpo do justiçado conduzido na tumba pelos moços da Misericordia aos seus antigos cemiterios privativos no cimo da Calçada de Sant'Anna e junto ao postigo da Graça, fóra das muralhas, a S. Vicente.

UM IRMÃO
DA MISERICORDIA DE LISBOA
EM 1827
(Segundo o inglez Kinsey)

*
* *

E' tão rara e escassa a nossa iconographia historica, que, bom serviço será por certo, reunir nestes artiguinhos sobre cousas nacionaes, as reproducções de algumas estampas ou desenhos antigos que os illucidem graphicamente. Nas gravuras que acompanham o presente artigo damos, além da representação photographica da bandeira mais antiga da Misericordia de Lisboa, e do retrato de Fr. Miguel Contreiras pintado em 1766 por Carlos Augusto Leoni, quadro existente na Bibliotheca Nacional de Lisboa, o aspecto de um irmão da Misericordia em 1827, segundo uma das nove estampas coloridas que acompanham o livro bastante raro do inglez Kinsey, intitulado — *Portugal illustrated, in a series of letters,* London 1829. Indicou-me este documento graphico o sr. Annibal Fernandes Thomaz, de cujo exemplar foi feita a reproducão da curiosa estampa.

Não existe a obra de Kinsey na Bibliotheca de Lisboa, mas ha um exemplar dela na bibliotheca da Universidade de Coimbra. O desenho do irmão da Miseridordia no livro de Kinsey, terá o seu tanto de phanta-

UM IRMÃO DA MISERICORDIA DE FARO
COM O CAPUZ E O PAINEL

sia, mas á falta de outros, aproveital-o-hemos aqui.

Outra das nossas gravuras reproduz um interessante quadro em azulejos, da egreja de Santo Antonio do Estoril, representando a scena tradicional da vida do Santo, em que este, surgindo ante o prestito que levava seu pai á forca, evoca o assassinado da sepultura a declarar a falsidade da imputação do crime ao condemnado Martim de Bulhões. No quadro vêem-se as figuras representativas dos irmãos da Misericordia com a respectiva bandeira, anachronismo singular, com que o pintor entendeu completar o quadro, na conformidade dos usos do seu tempo, sem attender á epocha dos acontecimentos que estava desenhando.

CONDEMNADO CONDUZIDO PELOS IRMÃOS DA MISERICORDIA COM A BANDEIRA ARVORADA.

(Painel de azulejo).

* * *

☞ O apparecimento das vestes negras da extincta Irmandade da Misericordia de Lisboa, em São Vicente de Fóra, no enterro de D. Carlos, relatado nos jornaes, que, com o costumado desconhecimento asseveraram ser a Irmandade da Misericordia, de ha tanto tempo extincta, suscitou a attenção dos extrangeiros, como facto curioso de costumes tradicionaes portuguezes. Na culta Italia, no historico burgo da antiquissima Toscana, em Lucca, esta noticia despertou o vivo interesse do sr. conde Cesare Sardi, o presidente *della federazione delle Misericordie,* que logo se dirigiu em officio ao Provedor da Misericordia de Lisboa, indagando se inda nesta cidade existia devéras um sodalicio ou communidade de Misericordia, envergando os irmãos as vestes negras, e exercendo obras de caridade, analogo portanto ás antigas confrarias da velha Italia medievica, hoje reunidas na federação de que o mesmo conde Cesare Sardi occupa a honrosa presidencia.

Eis, como o exercicio anachronico e quasi direi illegal, de uma velha pratica que a tradição conservou na insciencia rotineira dos ceremoniaes publicos, veiu provocar o interesse historico de extrangeiros estudiosos. Felizmente a instituição perfeitamente nacional e tão benemerita das *Misericordias* teve entre nós os seus chronistas. O meu bom

UM ENTERRO FEITO PELOS IRMÃOS, A' SAHIDA DA EGREJA DA MISERICORDIA DE LUCCA

amigo sr. Costa Goodolphim, bem conhecido e auctorizado mestre de assumptos associativos no nosso paiz, compendiou no seu livro *As Misericordias*, publicado em 1898 na collecção do *Centenario da India*, a noticia de todas as instituições desta natureza que existem no reino, e o autor deste artigo, na sua obra *A Santa Casa da Misericordia de Lisboa*, que se publicou em 1902, historiou documentadamente a vida e os benemeritos serviços da antiga Confraria de caridade da capital portugueza.

Sciente pela elucidativa resposta, da existencia actual das misericordias portuguezas, a commissão organizadora do Congresso das Misericordias da Toscana, que se realizou em Pisa de 26 a 28 de setembro, n'um impulso de exemplar confraternidade internacional, enderessou á Misericordia de Lisboa uma circular-convite para a sua grande *Festa Federal*.

O CONDE CESARE SARDI
Presidente da Federação das Misericordias da Toscana

N'aquelles dias solemnes, dizia o convite, a cidade de Pisa, custodia das mais nobres tradições, orgulhar-se-ha de receber com carinhos hospitaleiros os representantes da generosa milicia da caridade, que alli vão reunir-se n'um congresso fes-

tivo para celebrar o 20.º anniversario da Federação.

D'esta maneira, as venerandas Misericor-

MEDALHA DO 1.º CONGRESSO
DAS MISERICORDIAS ITALIANAS EM PISTOIA
(Face e reverso)

dias da velha Italia, congregadas mais uma vez n'um Congresso, em que se affirmou a solidariedade e a vitalidade progressiva da instituição piedosa, enviando n'um fraternal amplexo á Misericordia de Lisboa, a mais antiga das Misericordias portuguezas, a circular convite e o programma da sua *Festa Federal*, procuraram enlaçar n'uma affectiva solemnidade todos os *fratelli* que, pela santa causa da humanidade, lidam em regiões e paizes diversos, formando corporações e institutos analogos, subordinados pela tradição historica aos mesmos fins da velha caridade christã, ou transformados pela evolução dos tempos e dos costumes em modernos agentes da beneficencia publica.

Tambem em 1908 as Misericordias do nosso paiz, por iniciativa da Misericordia do Porto, se reuniram fraternalmente, realizando o 1.º Congresso Portuguez de Beneficencia.

BRASÃO DE QUE USA A FEDERAÇÃO DAS MISERICORDIAS ITALIANAS.

E' dever nosso, registar, com patriotico agradecimento, esta singular distincção que as Misericordias Italianas acabam de conferir á instituição similar portugueza, ligando mais uma vez as tradições dos dois povos irmãos pela raça e por todas as affinidades historicas e sociaes.

VICTOR RIBEIRO.

BRASÃO DA MISERICORDIA DE LISBOA

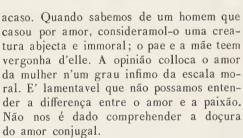
Os direitos da mulher japoneza

QUESTÃO feminista predomina hoje em todo o mundo. As mulheres estão universalmente reflectindo sobre as suas relações com a sociedade, e perguntam a si proprias se são postergados os seus direitos aos bens do mundo. A evolução de mulher na Europa foi notavelmente repentina e tomou-nos a todos de surpreza. Ignoramos aonde nos conduzirá, mas o seu alcance melhor se aprecia, estudando a situação da mulher em outras partes do mundo, onde ainda prevalece o antigo nivel, acima do qual mal se elevavam d'antes nossas proprias mulheres.

Offerece pois um grande interesse a especie de relatorio que sobre a situação da mulher japoneza, escreve um japonez illustre, Naomi Tamura, educado no extrangeiro e convertido ao christianismo. Foi essa critica publicada recentemente, por occasião do seu regresso á patria. Eis o que elle diz sobre o assumpto:

«No Japão, entre dez mulheres, nove obedecem aos maridos, não por vontade, mas por medo. Raras vezes os extrangeiros penetram n'um lar niponico, e isto porque os meus compatriotas teem toda a cautela em não lhes mostrar o seu viver de familia.

CASAMENTOS POR AMOR

«Os casamentos de amor não existem no Japão. Ha sem duvida casos em que marido e mulher aprendem a amar-se depois do casamento; isto porém é simplesmente um acaso. Quando sabemos de um homem que casou por amor, consideramol-o uma creatura abjecta e immoral; o pae e a mãe teem vergonha d'elle. A opinião colloca o amor da mulher n'um grau infimo da escala moral. E' lamentavel que não possamos entender a differença entre o amor e a paixão. Não nos é dado comprehender a doçura do amor conjugal.

«Mantemos quanto possivel a pureza do sangue. Antes de contrahir casamento, estudamos cautelosamente a genealogia da futura consorte. A mulher, que não poder dar provas de *sangue azul,* tem poucas probabilidades de conseguir um bom casamento. Assim como os judeus teem prosapia em traçar a sua linhagem desde Abraham, assim se gloria o japonez de ter na familia algum antepassado celebre. Esta é tambem a razão por que nós respeitamos nos nossos paes os individuos que preservaram e nos transmittiram a honra de todas as gerações prete-

ritas. O casamento torna-se pois para nós uma instituição indispensavel, por isso que o pae tem de transmittir e dar a seu filho o nome que não deve perecer. A este intuito do casamento se subordinam todas as outras considerações.

«Os rapazes teem a ambição de ser paes, e os paes tamanha ancia de ver os filhos casados que consomem a maior parte da vida nos esforços de attingir este fim. Aos dezoito annos é dever do filho mais velho tomar esposa e seguir o trafico ou a profissão do pae. Um pae que tem apenas uma filha trata de lhe arranjar marido a todo o transe; mas n'este caso a filha, em vez de acompanhar o marido, tral-o para casa do pae, com o proposito de perpetuar o apellido de familia da mulher.»

A MULHER JAPONEZA NO LAR DOMESTICO

«Durante a mocidade, uma barreira social, forte como a muralha da China, separa os dois sexos. Até aos seis annos, ainda se permitte que rapazes e raparigas vivam em commum, mas o rapaz é sempre o chefe. Nossas mães costumam ensinar ás filhas que ellas são inferiores aos rapazes. O rapaz chama a irmã pelo nome, mas esta, quando se dirige ao irmão, usa do tratamento de *Ani Sau* — o senhor irmão. Quando jantam juntos, o irmão occupa á meza o logar de honra; de ordinario comtudo, pae e filho jantam juntos, servidos pela mãe e pela filha. Passados os dez annos, os dois sexos vivem apartados.

«A propria palavra *mulher* considera-se deshonrosa; applica-se este epitheto a um homem nescio ou estupido. A mulher não se occupa em negocios politicos; temol-a até por indigna de influencia dentro da sua propria casa. Com taes idéas, comprehende-se porque não podem existir amizades entre homens e mulheres. Em Tokyo, quando eu visito uma menina, os paes vigiam-me com a sollicitude de um policia. Portanto não lhe posso dar uma palavra. Ainda no caso de nos encontrarmos a sós, de que serviria isso? Terei eu que fazer todas as despezas de conversação, porque ás mulheres japonezas se ensina que devem guardar o silencio na presença do homem. Não que a japoneza seja menos faladora que a sua irmã de outras terras, mas em frente dos homens fica intimidada e muda. Não se pense que as japonezas são estupidas, o que ellas não teem é a pratica de vida social.»

NÃO EXISTE A LUA DE MEL

«Ha treze artigos de fé que uma mãe ensina á filha antes da ceremonia matrimonial. Incluem a humildade, a polidez, a obediencia ao marido, a amabilidade para com a sogra e a cunhada. Para os recemcasados não ha lua de mel. O primeiro mez seguinte ao casamento está longe de ser, especialmente para a noiva, um periodo de bemaventurança conjugal. Nos primeiros dias mal troca uma palavra com o marido, respondendo apenas *sim* ou *não* ás perguntas que elle faz. No quinto dia, applica-se a trabalhos de costura para mostrar á sogra o seu adeantamento n'esta arte. Uma semana depois do casamento, visita os paes e com elles passa uns dois ou tres dias. Succede ás vezes ella não querer voltar para o marido, e n'este caso utilisam-se os serviços de um *nakodo* — amigo que

desempanha o papel de casamenteiro — para effectuar a reconciliação ou o divorcio.»

A VIDA CONJUGAL

«No Japão conhece-se n'um volver de olhos se uma mulher é casada ou solteira. Depois de casada, penteia-se de uma fórma differente, chamada a *maruwaga*, que lhe dá mais dignidade. Põe de banda os vestuarios de menina para adoptar um kimono mais serio e côres mais discretas. Deve rapar as sobrancelhas, e antigamente até costumava pintar os dentes de negro. Attribuem alguns este costume á crença das japonezas de que os dentes negros e os olhos sem sobrancelhas as tornam mais bonitas; outros suppõem que a mulher deseja provar ao marido que lhe permanecerá fiel destruindo a propria belleza.

«Os juvenis casados não estabelecem casa á parte, mas vivem em casa dos paes do marido. E' uma origem de infelicidade para a noiva. As sogras mostram pouco affecto ás noras. Velam pelo seu procedimento quotidiano, e encontram-n'as sempre em falta. Dão-lhes ordens como se fossem creanças, sobre o modo de andar, de comer, de manejar os pausinhos de arroz, de fazer cumprimentos. A uma japoneza é mais difficil agradar á sogra que ao marido. A joven esposa está longe de passar a vida em ociosidade. Desde pela manhã cedo até altas horas da noite, emprega-se a cosinhar, a fazer limpezas, a cozer. Quando o marido sae ou entra, é ella que lhe prepara e lhe arruma o fato. A meza não trata senão das commodidades d'elle, e constantemente se esforça em lhe tornar o lar tão agradavel quanto possivel.

«O divorcio é facil. Bastam como motivos a desobediencia ao sogro ou á sogra, ou até a loquacidade ou o furto. Se um marido se aborrece da mulher, não precisa outra causa nem tribunal algum para decidir a questão. O divorcio depende tão sómente da vontade do marido. Não tem mais nada a fazer senão pedir ao casamenteiro que informe os paes da consorte do seu desejo de se separar, e recambiar a mulher para casa do pae.»

MÃES E MATRONAS

«Se a mulher é pouco estimada como consorte, prosegue o autorisado critico japonez, merece, como mãe, um grande apreço. Como a descendencia é a questão mais importante na familia, o maximo desejo de uma esposa japoneza é a maternidade. O nascimento de um rapaz melhora completamente a sua situação. O marido e a sogra tratam-n'a com o maior carinho, e, ainda que ambos lhe tenham odio, nunca mais, por amor da creança, reclamarão o divorcio.

«Mas, para a mulher japoneza, tempo vem em que ella se torna realmente livre. E quando chega aos cincoenta annos. Chamam-lhe então *go inkio sama* (*go*, particula honorifica; *inkio*, retirado da vida activa; *sama*, senhora). Toda a gente a trata com respeito. Pode ter tudo quanto deseja, e até lhe é licito ir ao templo buddhista ou ao theatro. A virtude predominante dos japonezes é o respeito pela velhice. O que uma japoneza deseja pois, sobretudo, é envelhecer, para se tornar uma *go inkio sama*».»

Considerações sobre a moderna sismologia

O invento d'um pára-tremoresdeterra — A previsão sismica? Os abalos sismicos no mar

á n'um numero dos *Serões* mostrámos que, apesar de ser Lisboa uma cidade propensa a abalos sismicos, pouco ou nenhum interesse nos offereciam as indicações regulamentares, sobre construcções para as regiões de grande sismicidade, elaboradas pela Italia, Japão, Philippinas. etc. Não nos devemos admirar d'isto; pois que estando estabelecida a tracção electrica, ha cerca de oito annos, prejudicando vitalmente os estudos do magnetismo terrestre, nada se fez até hoje em prol dos trabalhos magneticos! Circumstancia esta que bastamente tem contribuido para ensombrar o bom nome, que o paiz tinha conquistado lá fóra n'este ramo da physica, á custa de aturado e fecundo trabalho do fallecido almirante João Capello. Este facto só por si revela bem a pouca attenção que o paiz dedica á sciencia e áquelles que trabalharam pelo seu engrandecimento. Crêmos mesmo que, se não fosse a pouca importancia dada a estes serviços (caracteristico peculiar do nosso espirito meridional), a companhia da tracção electrica não se teria desobrigado de supprir com a verba necessaria a fundação d'uma casa (pavilhão) e demais installações analogas áquellas que inutilizou.

A MODERNA CONSTRUCÇÃO NO JAPÃO

Porém, muitas vezes, estas microfaltas (para a maioria da gente) acarretam prejuizos gravissimos. Senão vejamos!

Em 21 de outubro de 1907, um violento tremor de terra assaltou o Turkestan russo, fazendo immensos destroços.

O seu epicentro (ponto na superficie terrestre que corresponde verticalmente ao centro do abalo) occorreu no Khanat de Hissar, onde deixou traços bem terriveis; as duas cidades Karatague e Kafiringane, distantes algumas dezenas de kilometros, foram por completo devastadas.

Na cidade de Karatague, que dista 200 a 300 kilometros do epicentro, a destruição foi total deixando ficar tudo em ruinas; rochedos enormes resvalaram do cimo das montanhas vindo despedaçar-se sobre o solo, abrindo-lhe amplas fendas.

Mas, tudo isto é

nada relativamente á enormidade do cataclysmo! O verdadeiro paroxysmo, de que resultou o numero excessivo de 4:000 victimas, deve-se sobretudo aos edificios serem construidos de pedras ligadas com terra argilosa, de modo que todas as construcções, n'uma área de dez kilometros quadrados, ficaram integralmente arrasadas. Bello ensinamento para o nosso indifferentismo!

O sismogramma, que traduz o tremor de terra e de que apresentamos adeante um schema, foi registado no Instituto de Geographia physica da Universidade de Moscou, que lhe fica distante 4:800 kilometros. As oscillações duraram quarenta e quatro minutos.

Conforme o parecer do professor Leisten, director do observatorio geographico da mesma Universidade, os tremores de terra, no Turkestan, são frequentes, parecendo serem d'uma origem tectonica, isto é, proveniente da deslocação das camadas terrestres, occasionada por as montanhas não terem adquirido a devida estabilidade e não estarem bem equilibradas.

Embora a origem dos tremores de terra seja ainda mysteriosa, presume-se comtudo que elles tenham, como causa generica, os movimentos de deslocação que deformam a crusta terrestre.

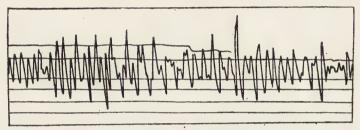
Os phenomenos sismicos são attribuidos, pela maioria dos especialistas, a uma convulsão subita na consecução ininterrupta dos phenomenos da retractilidade interior e dos accidentes da tectonica exterior, que são a sua repercussão; sendo a rapidez e a amplitude da convulsão (testemunho eloquente da contínua contracção do nucleo da Terra) as causas promotoras d'estas catastrophes.

O desaccordo primordial está, entre os sismologistas, na intima connexidade ou desconnexidade dos tremores e vulcões.

Meunier, Gerland, Sée e outros consideram os tremores de terra de origem vulcanica; De Launay acha que os tremores não teem intimidade alguma com os vulcões.

Todavia Hoermes, o illustre professor que dictou a nomenclatura mundial da sismologia, é de parecer que os tremores de terra podem ser: *vulcanicos*, isto é, eruptivos; de *submersão*, resultantes dos phenomenos da dissolução subterranea; e por fim *tectonicos*, provenientes da deslocação das camadas terrestres.

Mas á medida que o progresso vae fazendo com que os instrumentos nos forneçam dados cada vez mais rigorosos para a investigação dos phenomenos geophysicos, outros obstaculos surgem.

Assim, a extrema sensibilidade dos sismographos, revelando-nos observações de phenomenos longiquos, apresenta o ponderoso inconveniente — introduzindo a confusão — de que os apparelhos registem toda a sorte de movimentos, dos quaes alguns nada teem com os tremores de terra.

O SISMOGRAMMA DO TREMOR DE TERRA DE KARATAGUE EM 21 DE OUTUBRO DE 1907

E devido a essa extrema sensibilidade foi que o professor Rossi chamou ultimamente a attenção para a concordancia possivel entre os movimentos microsismiscos e as variações da pressão atmospherica.

Elle notou que, em tres annos consecutivos, nunca depressão alguma barometrica tinha occorrido sem ser immediatamente precedida, acompanhada ou seguida por um movimento microsismico. O eminente professor italiano denominou estes effeitos *baro-sismicos*. Mais tarde o emerito sismologista japonez, o professor Omori, classificou estes movimentos microsismicos *d'oscillações pulsatorias* por ellas se afigurarem ao bater do pulso.

*

* *

O que vale, porém é que a indifferença, relativa aos estudos de que nos fizémos echo, não ultrapassa muito as fronteiras, porquanto, ha pouco, na Italia tentavam ob-

ter palliativos para attenuar os effeitos destruidores de tão perigosos desastres, e na França acabava de ser presente na Academia das sciencias de Paris pelo sr. Wolf um trabalho sobre *a previsão dos movimentos sismicos* do dr. Nodon.

N'aquella ordem d'idéas foi levantada a questão, já abordada em 1896, dos inventos d'um antivulcão e d'um pára-tremoresdeterra.

Estes inventos derivaram naturalmente da maxima de Fontenelle que dizia: «Que a melhor maneira de explicar a Natureza seria, podendo ser, contrafazel-a, dando logar a produzir os mesmos effeitos ás causas que se fossem conhecendo e que estivessem em acção. Então não se advinhava; mas ver-se-ia pelos proprios olhos e ficar-se-ia certo que os phenomenos naturaes tinham as mesmas causas que os artificiaes ou pelo menos causas não remotas».

Com effeito, assim como o illustre physico Franklin inventou o pára-raios, subjugando o raio atmospherico, assim o abbade Bertholon queria construir o *pára-tremoresdeterra* para dominar o raio subterraneo.

SCHEMA DO PARA-TREMORESDETERRA DO ABBADE BERTHOLON

O pára-tremoresdeterra consistia no estabelecimento de poços, nas regiões assoladas pelos phenomenos sismicos, de grande profundidade até attingirem a camada d'agua, onde, segundo o inventor, se armazenam os estampidos subterraneos.

Os diversos canaes, em que se ramificava o conductor central, além de terminarem na camada d'agua, eram tambem atravessados por uma haste metallica, bem como este conductor, de modo a conduzir para o exterior o raio subterraneo.

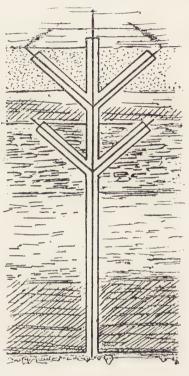
Eis, em poucas palavras, o invento do abbade Bertholon que, não obstante a unanime approvação de diversos sabios, teve de ser abandonado pelo seu enorme custo, pois nenhum governo teria a coragem de aggravar o seu orçamento com tão dispendiosa verba.

Como, em 1898, Levin tivesse a idéa de crear vulcões artificiaes, nas proximidades da agua, com o fim de estabelecer valvulas de descarga para reprimir os vulcões naturaes; este lembrou-se de conjugar o seu invento com o do abbade Bertholon, lançando á publicidade, em 1896, um outro, producto dos dois acima mencionados.

N'este caso, ao poço central do abbade Bertholon era addicionado na parte superior tantos canaes quantos existiam na parte inferior, servindo para assim dividir a energia electrica, de sorte a conduzil-a á superficie do solo, diminuindo os perigos que podia occasionar o raio.

Installado nos locaes, onde ha vulcões, elle tinha por fim diminuir a potencia com que as lavas veem impulsionadas.

O principio para a previsão dos movimentos sismicos, estudado pelo dr. Nodon consiste: Em dispor um electrometro, perfeitamente isolado e carregado com um potencial positivo invariavel, n'uma caixa de Faraday ligada com a terra. A tomada exterior do potencial é feita n'um cylindro de papel parafinado. O apparelho póde estar disposto n'uma casa fechada.

Se as cargas, no solo e no ar, variam, a agulha do electrometro accusará essas variações por movimentos oscillatorios mais ou menos rapidos; sendo a amplitude da oscillação proporcional ás variações da carga local.

O auctor admitte: que as oscillações são rapidas e de grande amplitude, havendo perturbações sismicas; e que será a amplitude tanto mais pronunciada quanto mais proximo estiver o abalo. Por este processo, elle fez a previsão com bastante rigor dos tremores de terra occorridos em 17 de junho (Gibraltar) 15 de agosto e 13 de dezembro de 1907 (França).

O auctor conclue mais que, se possuisse registadores baseados no seu principio, era provavel que pudesse tirar conclusões interessantes dos resultados obtidos.

*
* *

Os abalos sismicos não são exclusivos apenas da terra firme; o mar tambem está sujeito a abalos conforme revelaram os notaveis estudos do dr. Emil Rudolph que os poude apreciar, após perseverante trabalho.

Para exemplificar, basta recorrer ao phenomeno oceanographico, mas d'origem sismologica, presenceado, ha cerca de dois annos, na bahia de Cascaes; phenomeno que, sendo naturalmente frequente, é pouco conhecido entre nós por não ser vulgar manifestar-se com tão grande violencia.

SCHEMA DO MODERNO PARA-TREMORESDETERRA

Todavia, uma das maiores summidades sobre oceanographia, o eminente professor Thoulet, fez notar, em carta dirigida á redacção do *Yacht* (se não nos enganamos), o facto apontado, acompanhando-o de ligeiras considerações, em virtude da narrativa dos acontecimentos feita pelos srs. Glandaz e Hérubel que *de visu* observaram o phenomeno, quando embarcados no yacht *Andrée*, fundeado na mesma bahia.

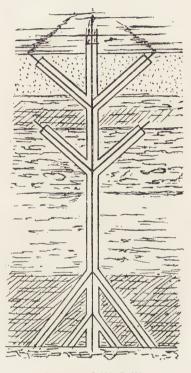
O illustre sabio viu n'este facto uma nova confirmação da hypothese, ha annos, formulada relativamente á causa provavel d'este phenomeno, o qual, segundo a opinião do mesmo professor, é devido á enorme actividade vulcanica d'uma gigantesca cratera de fórma alongada, com 3:509 metros na sua maior profundidade e situada ao NO da ilha de S. Miguel (archipelago dos Açores).

Esta excavação, cuja parede oriental desenrola-se abruptamente até á fundura de 1:913 metros, dista da ponta da Ferraria (onde existe o pharol do mesmo nome) cerca de oito milhas e foi reconhecida pelo eminente oceanographo, o principe de Monaco, na campanha scientifica realizada a bordo do yacht *Hirondelle* e por isso denominado *Fosse de l'Hirondelle*.

Compulsando a carta bathymetrica dos Açores, que gentilmente nos offereceu Sua Alteza o principe de Monaco, denota-se que essa região fica delimitada pelos parallelos 37° 43′ e 38° 29′ Norte e pelos meridianos 25° 52′ e 26° 52′ Oeste de Greenwich.

No extremo SO. d'esta cratera, cuja grandeza é pouco inferior á do lago Léman, junto á cidade de Genebra (Suissa), surgiu em 1811 a ilha Sabrina, nome que lhe foi dado pelo commandante da fragata ingleza Sabrine que, assistindo á sua apparição, tomou immediatamente posse do territorio, em nome da Ingtaterra. Quatro mezes mais tarde a ilha submergiu-se.

Este caso não é unico; pois o mesmo succedeu com a ilha Julia proximo da Sicilia.

Ora, o professor Thoulet considera esta cratera, como productora de abalos sismicos que se propagam em ondas circulares até á costa occidental da Europa, onde o phenomeno é conhecido, na costa de França que vae de Ouessant até á foz do Loire, pelo nome de *raz-de-marée* (onda sismica). Já a costa, que se lhe segue para o Sul até

Bayonna, fica abrigada d'esta onda, pela saliencia que apresenta o cabo Finisterra.

Effectivamente, a linha que une a Fosse de l'Hirondelle com o cabo Finisterra attinge a costa franceza entre as emboccaduras dos rios Loire e Gironde; ao contrario, as costas de Oeste de Hespanha e de Portugal são batidas em cheio.

Ha mesmo opiniões affirmando que o terremoto de Lisboa, em 1755, teve origem identica.

Outros factos confirmam ainda a hypothese suggerida pelo illustre professor Thoulet. Assim, nas campanhas oceanographicas executadas a bordo do yacht *Princesse Alice* foram recolhidas por vezes amostras de agua, accusando uma temperatura mais elevada do que a normal, e obtidas no percurso (já indicado) da onda sismica, emanada da cratera Fosse de l'Hirondelle.

O CAES DE DESEMBARQUE DA BAHIA DE CASCAES

Esta circumstancia prova á evidencia que o movimento ondulatorio do mar nem sempre póde ser attribuido ao vento; mas, como acabámos de ver, póde tambem ser provocado pelos abalos sismicos, ou tremores de terra.

A velocidade da vaga sismica é extraordinaria; a ondulação sismica, motivada pelo tremor de terra de Simoda, no Japão, em 1854, levou apenas 12 horas a percorrer a enorme distancia que separa S. Francisco de S. Diégo (California), o que representa uma velocidade de seiscentos e sessenta kilometros por hora. A onda, com uma altura de $0^m,50$, tinha o comprimento de 210 milhas, isto é, cerca de tresentos e oitenta e nove kilometros, offerecendo o aspecto de duas vagas que se seguiam com um intervallo de trinta e cinco minutos.

No terremoto occorrido em Lisboa no anno de 1690, o mar recuou proximamente de 15 kilometros, voltando no curto espaço de tres horas.

Os phenomenos sismicos submarinos, comquanto tenham numerosos pontos de contacto com os sub-aereos, tem-n'os egualmente com os phenomenos das marés, correntes, vagas, natureza dos sedimentos etc; desempenhando por isso um papel importantissimo no estudo da oceanographia.

As ondulações sismicas, que agitam continuamente o globo, quer se prendam ou não com as causas vulcanicas, manifestam-se, no entanto, sobre as aguas e sobre as costas do littoral por phenomenos que, se algumas vezes passam despercebidos, outras vezes

são demasiadamente notaveis pelos destroços que occasionam. N'este caso, está o que vai succedendo com a povoação de Espinho, oito milhas ao Sul da foz do rio Douro.

Não é para extranhar tambem que estes phenomenos sejam difficilmente presentidos, por isso que no mar não é facil apreciar: a correlação das diversas phases do abalo, a duração do movimento sismico, a sua expansão e, mesmo, a sua velocidade de propagação, etc. Os recentes estudos geodynamicos, no mar, levados a cabo pelo professor de Strasburgo, dr. Emilio Rudolph, o tuado proximo e ao SO. da costa de Portugal.

Entre nós, a sismologia, como muitas outras sciencias, marca ainda passo, não merecendo o desvelo que lhe dispensam os paizes como a Italia, Japão, Hespanha Mexico, Austria, etc.

E' certo que esta sciencia data de pouco mais de meio seculo, porquanto só desde essa epocha ella principiou a ser tratada sob um aspecto verdadeiramente scientifico, e bem assim a ser expoliada de toda e qualquer especie de mystificação.

A BAHIA DE CASCAES

qual se tem devotado d'uma maneira digna de menção, teem sido traduzidos nas importantissimas descobertas das regiões oceanicas de maior actividade sismica.

Uma das regiões apontadas, como de excepcional frequencia, é a situada no Oceano Atlantico Norte, proximo dos Açores, porquanto este archipelago parece assentar sobre um extenso planalto submarino, para além do qual se cavam as regiões abyssaes do Atlantico. Mesmo, entre o archipelago dos Açores e as costas de Portugal devem existir outros epicentros como se deprehende, do terremoto de 1755, que assolou Lisboa, o qual nos mostrou ter o seu epicentro si-

Ainda mais, antigamente o conhecimento da sismologia reduzia-se apenas a relatar, com mais ou menos veracidade, os effeitos diversos dos movimentos e oscillações do solo e a perpetuar a memoria dos desastres motivados por taes cataclysmos.

Porém, ao presente, a sismologia tomou uma nova phase, derivada naturalmente da applicação dos instrumentos que registam estes phenomenos.

No avanço d'esta sciencia cooperou proficientemente o illustre physico suisso Forel que, tendo em vista a analyse conscienciosa da observação dos phenomenos sismicos, não duvidou para o seu bom exito em patentear

a conveniencia de se attender mui especialmente ao systema a applicar nas construcções dos observatorios e postos. Um dos ultimos pavilhões sismicos, modelar, construido na Europa, é talvez o do observatorio do Ebro para a installação de dois apparelhos microsismicos registadores que são: o microsismographo do professor Vicentini que regista sobre o papel as tres componentes do movimento, duas horizontaes e uma vertical; e o microsismographo do professor Grablowitz que consta de dois pendulos horizontaes osciliando em direcções perpendiculares.

O OBSERVATORIO DO EBRO (HESPANHA)

Em Portugal, pena é dizel-o, pouquissimo ou nada se tem feito; todavia, lançando a vista sobre a carta das regiões sismicas, deprehende-se que o littoral da nossa costa, na parte que vae da foz do Tejo ao rio Guadiana, a par de ser visitado frequentemente pelas vagas sismicas, é tambem uma região de notavel actividade sismica e que, segundo

OS DIVERSOS PAVILHÕES DO OBSERVATORIO DO EBRO (O PAVILHÃO SISMICO TEM O N.º 2)

o illustre geologo, o sr. Choffat, foi a área mais affectada em 1755.

Egualmente, n'outros tremores de terra se tem ido buscar, com maior ou menor fundamento, a sua origem no oceano e ao SO. da costa de Portugal; porém, o que está averiguado, é que existe n'estas paragens maritimas uma estructura notavelmente affectada, indicio de vicissitudes geologicas, as quaes devem ser attribuidas aos movimentos sismicos em questão.

Contraprova, effectivamente, o que acabâmos de dizer, o banco (conforme a nomenclatura oceanographica internacional) Gorringen de 30 metros de profundidade, situado a 130 milhas e a OSO. do cabo de S. Vicente, e que fica entre dois abysmos de 500 metros.

A. Ramos da Costa.

ANNO NOVO!

Morre um anno. Depois um outro vem,
Que nos parece ser bem mais fagueiro..
Todo cheio d'esp'ranças, prasenteiro,
Feliz como o sorrir de nossa mãe.

Cresce o anno, e por fim morre tambem;
Mas como o anterior foi traiçoeiro,
E a gente não se lembra do primeiro
Que passou, e que fica muito além.

E os annos caminhando atraz da esp'rança,
Assim vamos andando lentamente,
A sonhar, sempre um sonho de criança.

Por fim a Morte vem. E de repente,
Tudo acabou! E só se alcança
A paz da sepultura... eternamente!

Ricardo de Souza

Nas grades d'um convento

UANDO eu era pequena, morei alguns annos n'uma casa em Alcantara que ficava situada mesmo em frente do convento do Sacramento, onde n'esse tempo havia freiras professas, que praticavam cuidadosamente o rigor da clausura.

Entre ellas e minha casa estabeleceram-se relações tão estreitas quanto os habitos monacaes permittiam: minha mãe fazia a expensas suas celebrar o mez de Maria e outras festas e devoções na capella; em troca, lá em casa recebiam-se lindos corações de setim para pregar alfinetes, santos encaixilhados em vidro, com graciosos arrebiques, rosarios de *lagrimas da Virgem*, preciosa marmellada, e outras prendas freiraticas muito do meu gosto e que deslumbravam cubiçosamente os meus olhos de creança. Todos os dias, depois da missa, minha mãe e tias paravam na portaria e informavam-se da saude das freiras. Mettiam-me na roda, e passavam-me ao outro lado; eu olhava, mas não sahia de onde me tinham posto. A freira tinha previamente encoberto o rosto com o véo negro para que lh'o não visse, e dizia-me a rir:

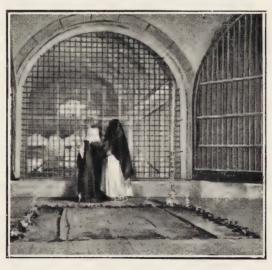
— D'ahi não se póde sahir. E' prohibida a entrada cá dentro, seja a quem fôr. Mas a roda não é convento

Depois fingia medir a distancia que da minha cabeça ia á prateleira superior da roda, e dizia-me:

— Mais dois dedos de altura e acabar-se-ha este divertimento.

Ao domingo iamos ao parlatorio depois da missa das onze, onde a conversa se prolongava animadamente com a prioreza e a vigaria, depois das poucas freiras e bastantes recolhidas se ausentarem. Uma de minhas tias, irmã de meu avô, já bastante adiantada em annos, morria-se por palestrar com a prioreza, e eu por ouvir as suas conversas, sempre cheias de imprevisto interesse que me pareciam graciosissimos e phantasiosos contos. D'entre ellas houve uma que deixou no meu espirito infantil perduravel impressão.

E' a que vou narrar.

Era n'uma aspera manhã de novembro em que a chuva fustigava

...ONDE A CONVERSA SE PROLONGAVA COM A PRIOREZA E A VIGARIA

as janellas, e o vento assobiando pelos largos corredores me fazia sentir não sei que vaga tristeza. Foi preciso vestirmo-nos mais cedo que a hora, e esperar uma aberta para atravessarmos a rua e podermos assistir á missa regimental do 7 de infantaria, que tinha o seu quartel na *Cova da Moira* e era, ao tempo, commandado pelo sympathico e garboso coronel Luiz Wadington, que escolhia a igreja do Sacramento para dar ás pobres reclusas a satisfação de mais uma missa e o prazer de ouvir musicas profanas.

Findo o acto, e depois de ver desfilar o regimento, festa que eu nunca perdia, corri ao parlatorio a juntar-me aos meus. Minha mãe e minha tia Henriqueta despediam-se quando eu cheguei, mas minha tia Emilia dizia-lhes com o seu engraçado accento minhoto:

— Ide, ide, que eu ainda me fico por aqui a tagarellar um pouco!

Eu sentei-me e fiquei tambem.

— Pois não esperava hoje o gosto de as ver, nem mesmo que o regimento viesse á missa. Sempre está um tempo!... dizia a prioreza.

— Se está! retorquiu minha tia, sorvendo uma farta pitada e offerecendo a caixa á prioreza atravez da grade, a qual, pela expressão da mão, parecia deliciar-se de a colher.

Digo da mão, visto o rosto estar encoberto pelo usual véo negro.

— Mas no dia de hoje, continuou minha tia, não faltava eu, ainda que cahissem raios e coriscos.

— Alguma data triste?

— Triste, não... Saudosa por certo... E' sempre saudoso o passado.

— Ah! murmurou a freira, fui talvez indiscreta...

— De modo algum. Eu lhe conto. Em 30 de novembro de 1832, sahi eu de Vianna com minha mãe e irmãs vestidas de lavadeiras, propondo-nos a atravessarmos as linhas do exercito miguelista que então cercava o Porto, e n'esta cidade juntarmo-nos a meu pae, que combatia nas fileiras liberaes. A empreza não era isenta de difficuldades. Algumas vencemos, mas quando á custa de muitas fadigas e trabalhos estavamos a ponto de conseguir o nosso intento, quiz Deus que cahissemos em poder dos inimigos, que nos conduziram presas para Lisboa, d'onde fômos mandadas internar no convento de Chellas. Depois de innumeras contrariedades, foinos permittida a sahida do convento e a entrada no Porto, devido aos bons officios e valimento de alguns realistas de Valença e Monsão, amigos velhos da familia. Maus tempos, boa Madre, maus tempos! Em que irmãos se matavam, e paes e filhos chegavam a odiar-se.

— Deus do céo! exclamou a freira, pondo as mãos n'um gesto piedoso, quando me contam coisas do mundo, minha amiga, parece-me que estou ouvindo historias; quer crêr?

— Quero, respondeu minha tia n'um tom zombeteiro, mas custa-me...

A prioreza, longe de se melindrar, riu com o riso alegre e despreoccupado que lhe era peculiar e retorquiu-lhe:

— Eu lhe explico. Quando meu pae morreu, tinha eu apenas quatro annos de idade e minha mãe, buscando na religião consolações e allivio ao seu profundo desgosto, entrou commigo para esta casa. Aos quatro annos para aqui entrei — e a voz tremeu-lhe ao repeti-lo — e estava determinado por Quem tudo póde que nunca mais devia d'aqui sahir...

Ficou um momento silenciosa na attitude de quem sonha acordada. Depois continuou:

— Não conservo da cidade senão uma ideia muito apagada e imperfeita, e tudo quanto se passa para lá dos muros do meu convento parece-me historia ou sonho. Concebe agora porquê?

— Perdôe-me que lhe diga, minha santa madre, mas o procedimento de sua mãe foi indesculpavel. Restos ainda do absolutismo intolerante e intoleravel.

— Que melhor poderia ella fazer do que consagrar-me ao Senhor?

Minha tia olhou-a com um mixto de piedade e malicia, e depois perguntou-lhe abruptamente:

— Que idade tem, Madre Prioreza?

— Sou muito nova, tornou a outra sorrindo, conto apenas... noventa e um annos.

— *Ora pois!* — era o estribilho predilecto de minha tia — na sua e na *minha idade* já se póde dizer e perguntar tudo.

Esta referencia a si era attenção humilde para com o sitio em que estava; fóra d'isso nunca admittiu que lhe fallassem na idade.

— *Ora pois*, continuou sorrindo, nunca o

vulto d'um homem lhe passou diante dos olhos, em sonhos pelo menos? Nunca sentiu o desejo de amar e ser amada?

Fez-se um silencio de segundos em que a freira pareceu reflectir. Depois, erguendo a cabeça com ar resoluto e com voz firme e fresca a contrastar com a idade, affirmou:

— Sim, creio que sim.

Apesar de ser creança presenti, não sei porquê, que ella corava debaixo do véo.

—Agora sou eu que offereço... Uma pitada, senhora D. Emilia!

— Não se rejeita. *Ora pois:* vamos a ouvir.

E gostosamente accommodou-se melhor na cadeira. A prioreza pelo contrario pôz-se de pé e começou animadamente:

«— Faz hoje, 30 de novembro de 1883, 76 annos que entraram os francezes em Lisboa. O panico que avassalava a cidade era duplamente sentido nos conventos. A fuga da familia real para o Brazil, o pavor que as façanhas dos exercitos de Napoleão inspiravam, a escassez de noticias, as phrases ambiguas do nosso capellão, tudo concorria para nos manter o espirito n'um terror só comparavel ao do peccador incorrigivel que espera as penas do inferno. N'esse dia havia acabado a missa conventual e dirigiamo-nos ao refeitorio, quando fortes pancadas soaram á porta do convento. Soror Thereza — Deus a tenha em gloria — foi a espreitar e, soltando um grito, cahiu desmaiada no chão. Correram em seu auxilio. Eu, que a esse tempo não tinha ainda professado, nem mesmo noviça era, pois pela minha turbulencia tinham-me, quasi como um castigo, demorado esse feliz acto, corri ás grades. D'esta vez ninguem me estranhou a curiosidade.

«— Os francezes! São os francezes! exclamei eu aterrada.

... PELA PRIMEIRA E UNICA VEZ NA MINHA VIDA VI TÃO JUNTO DE MIM UM HOMEM NOVO E FORMOSO.

«N'este meio tempo, como ninguem tivesse respondido, as coronhadas na porta repetiam-se e recrudesciam de violencia. As imprecações succediam-se.

«Então a prioreza, uma senhora cheia de animo e bondade, mandou-nos todas para o côro e, sósinha, desceu á portaria, que abriu de par em par.

«Segundo mais tarde ella contava, rindo, lançou para traz o véo para *aterrar os francezes com a sua velhice e fealdade.* E com tanta dignidade, tão affavelmente se lhes dirigiu, com modo tão urbano e confiado que elles, que em muitos conventos fizeram grandes estragos e desacatos, aqui limitaram-se a pedir que lhes aboletassem as tropas.

— E' que a verdadeira coragem impõe-se sempre, observou minha tia.

«—Tambem creio, confirmou a prioreza. Fizemos-lhes a vontade; cederam-se-lhes as casas do pateo e a do capellão, não sem pequena difficuldade, mas causaram graves transtornos ao convento, porque queriam ser bem alimentados e nós tinhamos pouco.

«Dias depois, a 13, hastearam elles a bandeira tricolor no castello de S. Jorge, e todos os portuguezes, até nós, pobres encarceradas, nos sentimos revoltar.

«A prioreza, que entrara para o convento já mulher, e sabia muito do mundo, apesar de ser vulgarmente calada e discreta, não podia nem sabia dominar a sua indignação.

«— Já não ha portuguezes, dizia ella desolada, e n'uma raiva de que ninguem a supporia capaz. Eu não queria senão vestir calças e ter uma espingarda... Eu lhes diria o que era feito de Junot. Um corpo sem cabeça de que serve? Pois já não ha um portuguez que sacrifique a vida á patria?

«Eu não a comprehendia bem e creio que

as outras tambem a não entendiam melhor, quando ella se esquecia por instantes, do que logo se arrependia chorando, da caridade christã para se exaltar em furores patrioticos. Uma tarde, depois do serviço do côro, soror Thereza veiu chamar-me e pedir-me para ir com ella ao locutorio fallar ao irmão. Nenhuma das sorores, occupadas nos seus trabalhos, podia n'aquelle momento interrompê-los. Pasmei de que a deixassem ir ao locutorio fóra de horas, e disse-lh'o:

«— E' que meu irmão vae partir. Tramam-se grandes e gloriosas cousas a respeito da patria. Os verdadeiros portuguezes estão todos decididos a vencer ou morrer.

«Aqui hesitou, mas afinal concluiu:

«— A madre Prioreza é curiosa das cousas do mundo e pediu-me para saber de meu irmão se ainda podiamos ter uma esperança de fugir ao dominio francez.

«Entrámos no locutorio e pela primeira e unica vez na minha vida vi tão junto de mim um homem novo e formoso. Estava garbosamente vestido á época; os cabellos, ondeados e negros, cahiam-lhe em graciosos anneis; a tez era morena e os olhos negros e vivos, brilhavam como raios de sol.»

A voz da velha freira alterou-se, como se a lembrança da commoção, sentida 76 annos antes, lhe fizesse ainda vibrar vivamente o coração.

«— Nunca mais esqueci a melodia da sua voz. Tornei-me intima de Thereza e lia com ella as poucas e raras cartas que o irmão lhe escrevia. A ultima conservo-a ainda como triste recordação. Dizia assim pouco mais ou menos:

«Irmã querida.

«Não sei se esta carta te chegará ás mãos. Espero em Deus que sim, bem que não tenha esperança de te escrever mais nenhuma.

«Coimbra acordou emfim!

«Aprisionámos um destacamento francez de 100 homens, e o vice-reitor com Freire de Andrade formaram um directorio militar. Os lentes e nós organisámos um batalhão e fabricámos munições no laboratorio da Universidade; como a coragem nos não falta, tenho fé que havemos de vencer. Vim n'um destacamento do batalhão academico á Figueira. Surprehendemos os francezes, desarmámo-los e conseguimos hastear no forte a bandeira das quinas. Fui gravemente ferido no assalto. E' provavel que não escape, se fôr forçoso amputarem-me a perna; mas não te entristeças com isso: tu, que vives de Deus e só para Deus, comprehenderás, como ninguem, este adormecer para acordar n'um mundo melhor. Não se obtem vida senão á custa de vidas, e crê-me, os que morrem não são para lamentar; os que cahem vencidos em poder do inimigo, esses sim. Se vires Margarida consola-a.

«— Era a sua noiva, disse-me chorando a irmã.

«Senti uma dôr aguda a esta revelação como se os pensamentos d'aquelle homem,

...UM POBRE ESFARRAPADO QUE EU NOTARA NA CAPELLA...

que mal me tinha visto, me devessem todos pertencer, e no meu imperdoavel egoismo preferi que elle morresse a vêl-o casado com essa Margarida que desde logo senti antipathica.

«Depois terminava dizendo-lhe que rezasse por elle e que encarregaria alguem de lhe enviar a noticia da sua morte, se chama-lo aprouvesse a Deus.

«Passaram dias de angustia e de dôr para a pobre Thereza e... não sei se para mim. Volvidos trez mezes, quando já não espera-

vamos saber nada, um pobre esfarrapado bateu á portaria e instou para fallar com soror Thereza, no que a prioreza consentiu. Era um antigo creado de Vasco que a toda a parte o seguia, e que era portador do seu testamento e de umas pequenas lembranças.

«Guardei e conservo ainda uma miniatura d'elle em marfim, que a irmã, vendo o meu desgosto, me offereceu. Não tenho escrupulo d'isso. Eu ainda não era freira, nem mesmo noviça; elle nem sequer notara se eu era bonita ou feia...

«Margarida, a noiva do infeliz Vasco, recolheu-se aqui: fui depois a sua melhor amiga. A senhora D. Emilia conheceu-a. Era n'esta casa soror Maria do Céo, que se enterrou o mez passado.»

E, tirando o lenço do bolso, limpou sem pejo as lagrimas.

— E' triste a sua historia, querida madre, e afinal... não passa d'um prefacio, commentou minha tia com um suspiro, não isento d'um certo desapontamento.

— Antes assim, tornou já sorridente a prioreza, Deus é o melhor dos esposos.

— Por certo, respondeu minha tia sem convicção.

E n'outro tom ajuntou:

— Sabe, minha cara prioreza, que supponho que se, em vez da sua velha antecessora, descesse á portaria, os francezes não se atemorisariam como succedeu com ella?

— E' possivel, tornou a prioreza alegremente. Fui bonita. Dizia-me isso a manga do meu vestido preto, posta por traz d'uma vidraça: porque aqui nunca houve espelhos. Apesar de velha parece-me que ainda não sou uma ruina repugnante.

E, atirando para traz o véo, deixou-nos vêr um sympathico rosto apergaminhado, d'uma alvura de marfim, onde faiscavam dois olhos pretos, petulantes e vivos, aos quaes os annos não haviam conseguido amortecer o brilho. E, voltando-se para mim com um gracioso sorriso, perguntou-me:

— Então, Conchinha, sou feia?

— Oh! não, respondi eu encantada por ter conseguido vêr-lhe o rosto.

Ella baixou o véo depois de dizer com subtil malicia pondo um dedo nos labios:

— Mas não se diz que viu a cara á madre prioreza. As minhas meninas, que orçam já pelos sessenta, morreriam de escrupulo, e achariam que eu tinha commettido um peccado indigno de perdão. Coitadas! A maior parte d'ellas são bem pobres de espirito.

— Nunca lhe pesou a clausura? perguntou ainda minha tia.

— Uma só vez... quando D. Miguel sahiu de Portugal. A minha familia era muito realista e resolveu emigrar. Isso custou-me, mas depois habituei-me. Hoje, oiço com delicias as descripções que me fazem lá de fóra, guardo com apreço photographias de sitios lindos, mas, se me abrissem as portas do convento, succedia-me o mesmo que ao meu canario quando, por esquecimento, lhe deixo a porta aberta; approxima-se, estranha, espreita, mas não sae.

N'isto soaram as tres badaladas das Ave Marias.

— Já meio dia!

Rezámos e separámo-nos. Quando iamos a sahir a prioreza chamou:

— O' senhora D. Emilia, sabe o que nós parecemos quando sômos velhos?

— Creanças? perguntou-lhe minha tia com um sorriso forçado.

A ideia da velhice perturbava-a sempre.

— Não, relogios de repetição. Quando não fallamos com os outros, é a nós que contamos sempre, como novas, as mesmas historias.

— E' que o coração tem sempre quinze annos... respondeu-lhe tristemente minha tia.

E sahimos. Já na rua a tia Emilia monologava:

— Que tristeza este decorrer da existencia nos conventos! Não se vive, vegeta-se. Ah! abençoados liberaes, nunca as mãos lhes dôam.

— Porquê, tia? indaguei curiosa.

— Por extinguirem os conventos.

— Então a tia, tão religiosa?...

— *Ora pois*, isso que tem? E' que tu, pequena, não sabes quantas mulheres eram coagidas a professar. As ordens religiosas e os conventos não são maus, mas é preciso que o povo seja regido por um grande espirito de liberdade e que se não permittam violencias. Esta prioreza que tu ali vês, é uma santa creatura, ingenua e bôa; atravessou a vida sem a conhecer, e de mim para mim estou que ella não teria vocação para freira.

— Porquê?

— Parece-me. Olha, sabes? os conventos

são bons para gente velha. Ser prioreza aos 60 annos seria o ideal de todas as mulheres.

— Então a tia Emilia queria ser prioreza?

— Eu?!!

— Pois a tia não disse que seria o ideal de todas as pessoas com mais de 60 annos?

— Que atrevimento! Quem te disse que eu tinha 60 annos?

— A tia não é mais velha do que o avô?

Ella, vivamente contrariada, respondeu-me sentenciosa:

— *Ora pois,* menina, fique sabendo que uma mulher nunca tem senão a idade que o seu espelho lhe dá.

— Então que idade lhe dá o seu espelho?

— Inconveniente!

E, como já tinhamos entrado em casa, dirigiu-se ao seu quarto sem me dar outra resposta.

Eu, intrigada, entrei no escriptorio do avô e, sem mesmo reparar n'elle, parei defronte do espelho e quedei-me a olhar-me em silencio, cuidadosamente.

— Que estás tu a vêr que nem me fallas? perguntou com curiosidade meu avô.

— Estou a vêr se o espelho me diz a idade que tenho.

O avô soltou uma gargalhada.

— Quem te disse isso?

— Foi a tia Emilia.

E reproduzi a conversa. Meu avô escutou-me sorrindo. Por fim perguntou-me:

— Que idade julgas tu que tem tua tia?

— Eu sei lá!... setenta e muitos annos...

— Nem tanto. Fez sessenta e cinco. E queres saber quantos o espelho lhe dá? cincoenta e dois! Minha neta, quando fôres velha não te guies pelo espelho; é um grande mentiroso e torna as mulheres ridiculas. Olha todos os dias para a certidão do baptismo... Não ha nada como precisar datas.

E com um involuntario suspiro ajuntou tristemente:

— Se assim não fôsse, nunca, em nosso proprio conceito, seriamos velhos.

E, como sempre, meu avô tinha razão.

MARIA O'NEILL.

Super Flumina Babylonis

Nas margens desses rios nos sentámos,
Rios que dentro em Babylonia vão
Correndo para o mar, e ali chorámos
Lembranças de Sião.

Nos ramos lá do salgueiral frondoso,
Que lhe reveste as marginaes escarpas,
No silencio do luto religioso,
Suspendemos as harpas...

Mas aquelles que a nós ali nos tinham
Arrastado captivos, com baldões,
Interrogando, quantas vezes vinham
A pedir-nos canções.

Diziam-nos então: — cantae os hymnos;
Com que louvaes a Deus em oração!
Cantae-nos esses canticos divinos
Da arrasada Sião!

Quem é, porém, quem é que se deleita
Em cantar ao Senhor em terra alheia?!
Esqueça-me eu, Sião, da mão direita,
Se te perco da ideia!

A minha lingua como a pedra, fique
Nas minhas fauces fria e sem falar,
Quando do pensamento eu abdique,
De sempre te lembrar!

Quando Jerusalem, sagrado monte,
Cidade do Senhor, te não tiver
Como unico principio, unica fonte,
Do meu maior prazer!

Recorda-te, Senhor, dos Idomeus,
D'aquelles que diziam: — «Ha de ver-se
Arrazarem, Sião, os muros teus
Até ao alicerce!»

Babylonia! ai das gerações futuras!
Bemdito do mortal que te fizer
Passar as dolorosas amarguras,
Que nos fazes soffrer!

Bemdito aquelle que, dos braços
Das mães arrebatando os teus filhinhos,
Os rebentar, fazendo-os em pedaços
Nas pedras dos caminhos!

No Cairo — 1887 — 8 de fevereiro.

Coelho de Carvalho.

Recordações de então

*Aos illustres aficionados, Ex.mos Srs. Arthur Telles
e Segismundo Costa, meus presados amigos e Mestres.*

I

Marcou sem duvida uma época aurea do toureio em Portugal, essa em que a primeira praça do paiz se erguia no alto do Campo de Sant'Anna, no mesmo sitio onde agora se encontra levantado o bello e sumptuoso edificio que é a escola medica de Lisboa.

Construida de madeira e de pedra e cal, foi, apesar de toda a sua simplicidade, a *terra mater* das nossas glorias tauromachicas, começando pelo grande amador, o nobre e fidalgo conde de Vimioso, que deixou o seu nome esculpido em letras de oiro nas paginas da historia da lide de rezes bravas em Portugal, e continuando n'esses grandes artistas que se tornaram conhecidos de todo o mundo aficionado, pela execução impecavel e brilhantismo do seu trabalho — João dos Santos Sedvem, Manuel Mourisca Junior e José Joaquim Peixinho (pae).

E' indiscutivel que a tauromachia tem progredido sempre, mas só em Hespanha.

Em Portugal póde dizer-se que avançou, simplesmente emquanto existiu a praça do Campo de Sant'Anna — a pequena arena que foi pisada por todas as grandes glorias da época.

O nosso toureio a cavallo teve sempre a mais digna e briosa representação n'aquelle redondel, sendo classificado até por extrangeiros como o toureio por excellencia. Então

fazia-se arte, e só o que era pura arte se applaudia.

O toureio a pé era tambem cultivado por um nucleo de excellentes e festejados artistas, a quem os matadores de mais renome que n'essa época nos visitavam, não tinham duvida de enaltecer seus meritos.

A velha praça foi pois, um campo de lidimas glorias de toureiros portuguezes, jazendo entretanto quasi no esquecimento o pouco que se sabe da sua historia e os feitos da gente do seu tempo.

VISTA EXTERIOR DA PRAÇA

E porque nem uma nem outra se devem esquecer, vamos, em pequenos artigos, tentar fazer reviver o que é quasi ou totalmente desconhecido da maioria dos aficionados de hoje, desde os costumes até aos meritos de cada um dos principaes artistas de então.

*
* *

Como já dissemos, é quasi desconhecida a origem da velha praça do Campo de Sant'Anna, e isso talvez, porque aos curiosos falham os elementos para trazerem a publico dados positivos. E quando esses elementos escasseiam a investigadores intelligentes como Pinto de Carvalho *(Tinop)*, o trabalhador infatigavel que a cada momento nos apresenta novos resultados da sua paciente investigação, não deve admirar que nós não sejamos mais felizes.

Por signal que já n'este mesmo Magazine, n'um artigo sobre as *Esperas de toiros*, publicado em julho de 1908, tendo que citar por mais de uma vez o illustre escriptor, confusamente lhe errámos o nome, mas com certeza a nossa lacuna não precisava de ser rectificada conhecido como é Pinto de Carvalho pela apresentação de tantas curiosidades de outras éras.

Não temos a vaidade de querer fazer a historia completa d'aquelle circo, mas simplesmente reunir subsidios que poderão ser aproveitados, se alguem um dia a fizer. E bem o merece a arena por onde passaram as maiores summidades artisticas tanto de Portugal como de Hespanha, e onde os mais illustres fidalgos da Lusitania deixaram assignalados os seus nomes como toureiros eximios.

*
* *

O apparecimento, por exemplo, da praça do Campo de Sant'Anna, foi dado a conhecer ha muitos annos, n'uma revista litteraria, pelo sr. conde de Sabugosa. Entretanto, de poucos aficionados é conhecido o artigo onde o illustre homem de letras conta como appareceu o referido circo.

Um dia que o infante D. Miguel, então acclamado rei, determinou dar uma tourada em beneficio d'uma obra de caridade, soube que o emprezario da velha praça do Salitre, D. Miguel Serrate, levantava difficuldades e regateava o preço do aluguer.

Mandou o rei chamar o seu amigo João dos Santos Sedvem, cavalleiro celebre, e encarregou-o de dirigir a obra de construcção immediata de uma nova praça, sem olhar a despezas, e fez publicar um decreto que dava á Real Casa Pia o privilegio da receita d'aquella e d'outras praças n'algumas leguas em redor.

D'esta fórma, D. José Serrate perdeu a partida, nascendo assim a praça do Campo de Sant'Anna, segundo o sr. conde de Sabugosa.

As despesas para o levantamento da praça, na importancia de trinta e oito contos de réis, foram custeadas pela Real Casa Pia, dos quaes, vinte e dois existiam em cofre de premios não recebidos das loterias que n'esse tempo fazia.

Era então administrador da Casa Pia, Antonio Joaquim dos Santos, que muito trabalhou tambem para a rapida construcção da praça, e para o desenvolvimento d'aquelle estabelecimento de caridade.

*
* *

Como é sabido, D. Miguel foi um fanatico pelas touradas, e o seu nome está fortemente ligado, e por varias maneiras, ao popular espectaculo.

A historica praça de Salvaterra de Magos, a Quinta Velha, á Bemposta, e a Quinta de Queluz, foram em muitas occasiões theatro das façanhas taurinas do arrojado principe. Então picavam-se os touros em pontas, e D. Miguel, que era excellente cavalleiro, de rojão em punho, dava provas de rara pericia e de extraordinario denodo. Por vezes os lances eram tão arriscados, que a assistencia, tendo á frente a nobreza, algumas vezes julgou chegada a ultima hora do destemido cavalleiro.

As esperas de touros — segundo Eduardo de Noronha, na sua *Historia das Toiradas* — tambem mereciam a D. Miguel particular affeição.

N'esses dias, vestindo um trajo de campino, montando um magnifico cavallo ajaezado á antiga portugueza, de comprido pampilho na mão direita, acompanhado pela nobreza e pelo povo, lá seguia pela estrada

N.º 17. **O AVIZADOR LISBONENSE.** 1857.

ULTIMA CORRIDA DE TOUROS NOCTURNA.

Que espectaculo de grande prazer!
Quem de noite não vio correr Touros
A corrida d'hoje não deve perder!!

PRAÇA DO CAMPO DE SANT'ANNA.

EMPRESARIO — FRANCISCO RODRIGUES ALEGRIA

SEXTA FEIRA 19 DE JUNHO DE 1857.

CABEÇALHO DE UMA FOLHA VOLANTE

do Lumiar fóra, ora á cabeça ora na cauda dos touros.

Das Marnotas até ao Campo Grande não havia tempo nem para tomar folego. Era depois de um pequeno descanço alli, que o gado seguia com mais rapidez ainda, sendo recebido na cidade no meio de um ensurdecedor estralejar de bombas.

D. Miguel, que era o principal instigador da tropelia, estava então nas suas sete quintas, como é uso dizer-se, vendo tresmalhar-se o gado. Seguia um ou dois touros, mas

COPIA DE UMA GRAVURA EXISTENTE NA BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA

PRAÇA DO CAMPO DE SANT'ANNA

14 DE JULHO DE 1858

CORRIDA DE TOUROS

EXECUTADA PELOS SEGUINTES CURIOSOS

Cavalleiros

Conde de Vimioso, e D. João de Menezes

Neto

Antonio Gallacho

Andarilhos

D. Joaquim de Mello Cilvãa, e D Luiz de Sousa Barreto.

Bandarilheiros

Francisco Manuel Fragoso
José Augusto Fragoso
Manuel Estanislau Fragoso
O Conde da Vedigueira
Miguel Carlos de Sousa
Frederico Augusto Pereira Nunes

Moços de forcados

Luiz Pereira Forjaz
João de Azevedo Fragoso
D. Manuel Telles da Gama
Roberto Augusto Schiappa
José dos Santos Pereira d'Almeida
Antonio Tavares Barreto
Antonio Eleuterio Dias da Silva Thomé
M. T da Silva
D. Bernardo da Costa.

Abogão

Frederico Ferreira Pinto Basto.

Moços do curro

Antonio de Mello Corrêa
José Augusto Galacho
Reinaldo Ferreira Pinto Basto
Luiz Malheiros de Vasconcellos
José Ferreira da Fonseca
Augusto de Vasconcellos
João José Trigueiros de Athaide.

Carecas

D Fernando de Almeida e Vasconcellos, e N. N

Guarda portão

Adrianno Ferreri.

LISBOA — Typographia Progresso.

PROGRAMMA EM SETIM

em vez de procurar reunil-os, mais os acossava, obrigando-os a percorrer quantas ruas e travessas tinha na vontade, até que por fim os deixava entrar na praça.

As judiarias de D. Miguel, porém, no respeitante a touros, não ficaram por aqui. São ellas bastante conhecidas.

Os touros eram o prazer mais dilecto de D. Miguel, affirma o distincto escriptor. As corridas em Salvaterra davam brado, pelos nobres que n'ellas tomavam parte, e pelo gado que se lidava. A galhardia do infante não conhecia rival. A cavallo ou a pé, de rojão ou de farpa em punho, com a capa ou batendo as palmas ás rêzes que ninguem se atrevia a desafiar, estava realmente no seu elemento — o desprêso pela vida.

D. Miguel foi, pois, na extensão da palavra, um principe toureiro.

CONDE DE VIMIOSO

*
* *

Seguindo os nossos apontamentos, vamos copiar o annuncio que appareceu em Lisboa sobre a primeira corrida que se realisou na praça do Campo de Sant'Anna, no dia 3 de julho do anno de 1831, copia que damos na integra e com a orthographia do original, por nos parecer curiosa.

E' do teor seguinte:

Nova e Real Praça do Campo de Santa Anna

Sua Magestade Fidelissima Real Nosso Senhor, sempre Animado da mais exemplar Beneficencia e Magnanima Piedade, para com o Estabelecimento da Real Casa Pia, Procurando os recursos para a manutenção de tantos Orphãos, sem amparo, ali recolhidos com Paternal carinho; tendo já concedido a Beneficencia do mesmo Real Estabelecimento os interesses que produzirem as corridas de Touros, que se fizessem n'esta Capital; para mais augmentar tão necessarios auxilios, Houve por bem conceder a Graça de se construir Nova Praça no sitio do Campo de Santa Anna, aonde privativamente se farão taes espectaculos, Promovendo com Real Grandeza o accrescentamento dos Subsidios destinados a sustentação de tantos Innocentes, que seriam victimas do abandono, se não achassem n'este piedoso asylo o mais carinhoso amparo, educação e sustento.

Tendo-se finalmente concluido com segurança, decencia, e commodidades necessarias (sem que o Publico seja incommodado pelos Touros, como em outras Praças) a dita Real Praça, para cujo fim a Administração da Real Casa Pia, com desvelladas

fadigas, nada omittiu para a sua completa execução, será patente aos habitantes d'esta Nossa Capital

Domingo 3 de Julho, apresentando-se a primeira

CORRIDA DE TOUROS

com huma pompa superior a quanto se tem visto em semelhantes Espectaculos.

Por justos e lisongeiros motivos não se pode determinar a hora do Espectaculo, o qual será annunciado subindo aos ares huma estrondosa girandola de fogo, e immediatamente serão desempenhadas com decencia e apparato as usuaes formalidades, entrando na Praça dois destemidos Cavalleiros

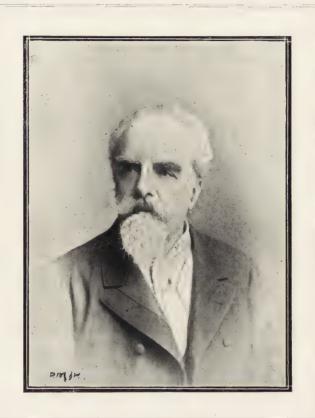
João Ferreira Grillo

E

Antonio Maximo de Amorim Velloso

circulados de hum numeroso acompanhamento de habeis Capinhas Portuguezes, Hespanhoes e Matadores de Espada, e Homens de Forcado, os mais valentes que se conhecem nas Campinas de Riba-Tejo, todos ricamente vestidos, que farão o mais brilhante, luzido e apparatoso Cortejo, garbosamente farão ás Cortezias do estilo, e findas que sejão, retirar-se-hão da Praça, para se dar começo á mais renhida e valente lucta.

A Magnanimidade de Sua Magestade para em tudo auxiliar os justos fins a que se dirije este Espectaculo, concedeo com Generosidade Grande 16 Bravissimos e Formosos Touros, para serem corridos n'esta Tarde, Mandando-os escolher das suas Reaes Manadas, os melhores que se achassem, os quaes tem causado pavorosa admiração ás pessoas que por curiosidade os tem ido ver ás Pastagens das Marmotas, aonde se acharão, e não causarão menor admiração ao Publico pela sua corpulencia e bravura.

A Administração, para que o desempenho do Espectaculo corresponda ao grande Objecto a que he destinado, tem-se esmerado em não poupar despezas e sacrificios, a bem de seu completo desempenho, além de dois Cavalleiros, escripturou dez Capinhas (entrando os Matadores d'Espada) e dez Ho-

D. JOÃO DE MENEZES

mens de Forcado, sendo os Capinhas Portuguezes — Antonio Roberto — Joaquim Ferreira Grillo — Joaquim Emygdio Roquete — e Antonio Bacharel; — os Hespanhoes — Carlos José Rodrigues — Romão Maria Tornazeiro — Francisco José Rodrigues — e José Maria Mendonça, que sendo Portuguez e em outro tempo alumno da R. C. P. passou á Hespanha, onde exerceo, e se aperfeiçoou muito n'esta Arte tão difficil e arriscada, adquirindo grande fama, e os ga-

bos dos Hespanhoes, primeiros avaliadores do merito dos Artistas d'este genero; serão Matadores d'Espada os bem conhecidos Sebastião Garcia, e Pedro José Rodrigues.

O combate será delineado pela maneira seguinte:

2 Bois de Morte, toureados a rojão pelos dois Cavalleiros;

1 para ser farpeado por dois Capinhas;

1 para farpearem outros dois ditos;

1 para ser farpeado pelo segundo Coxo Rafael Abrantes Machado que prometteu ostentar a galharda valentia com que o dotou a Natureza, e espera da sua boa fortuna não desmerecer os laureis com que a fama tem ornado a sua gloria, e tem boa esperança de não ficar mal de huma empreza que o vae distinguir nos annaes dos celebres Toureadores passados e futuros; mas se por fatalidade da sorte fôr o primeiro a estreiar a Praça com algum trambulhão, como já costumado a taes incidentes, então se enpuzilará de tal maneira que braço a braço disputará com o seu contrario a desattenção, e o agarrará á unha; pois n'isto é que não cede a primazia, e sem esperar que o gabem, elle proprio se tem em grande conta, pois não quer deixar o seu merecimento por mãos alheias. Seguir-se-ha:

1 para ser farpeado de cavallo por José Ferreira Grillo;

2 para serem farpeados por dois capinhas cada um;

1 para farpear de cavallo o cavalleiro Antonio Maximo;

2 para serem farpeados por dois capinhas cada um;

1 para ser farpeado por quatro figurões que não são brancos, oriundos da Cafraria, montados ou mettidos em Cavallinhos de Pasta, que com denodado esforço, compromettem-se a tomar todos os duellos, acompanhados dos seus Socios, vindos da Costa da Guiné, e a ser-lhe possivel tambem o agarrarão á unha, e tambem como cães de fila o seguraram com os dentes, não fazendo uzo das cabeçadas; porque como são duros de cabeça, marradas por marradas não cedem a qualquer touro, por bravo e feroz, que seja;

2 para serem bandarilhados por dois capinhas cada um;

2 ultimos de morte toureados a rojão pelos dois cavalleiros.

Com estes e com os primeiros haverão as formalidades do estilo, dos duellos que manda a arte, garrochas de fogo sendo necessarias, e cães de filla havendo quem os queira deitar.

A belleza e comodidade espaçosa da Praça, a pompa do espectaculo, a mais magnifica que se tem visto, devem attrair a concorrencia do publico, para proteger e augmentar os recursos da Real Casa Pia, mas ainda o deve estimular o Real e Edificante Exemplo com que o Melhor dos Soberanos, se interessa em auxiliar com Real Beneficencia, o abrigo de tantos innocentes de tudo abandonados, que gratos ao seu Bemfeitor que reverenceão como Amante Pai, levantão ao Ceo as tenras e debeis mãos, supplicando ao Todo Poderozo derrame sobre o seu Rei os ineffaveis dons da Sua Omnipotencia assim como a todos os Portuguezes que concorrem com piedosa Caridade para a sua sustentação e bem estar.

A musica do Regimento de Infanteria n.º 4, estará incessantemente tocando durante o Espectaculo.

Preços: — Camarotes de 1.ª ordem de duas varas 6$400.

Ditos de vara e meia 4$800.

Ditos de huma vara 3$200.

Camarotes de 2.ª ordem de duas varas 5$600.

Ditos de vara e meia 4$200.

Ditos de huma vara 2$800.

Lugares de Sombra 480.

Ditos para menores de 6 até 14 annos 240.

Ditos de Sol 240.

Ditos para menores de 6 até 14 annos 120.

Adverte-se que não haverá embollação publica, para que se não cancem os Bois, e que se tomarão serias providencias para que reine de tarde no Espectaculo a maior quietação e socego; pois por justas razões se previne o Publico a conservar a decencia e o decoro do Divertimento.

Adverte-se que os Bilhetes para a entrada tanto de Sombra como de Sol, se acham á venda na dita Praça no Domingo 3 de julho das 9 horas em diante.

Lisboa, na typographia de Bulhões. Anno de 1831. — Com licença.

Termina aqui o interessante e curiosissimo annuncio.

Os oito homens de forcado foram expres-

samente contractados no Ribatejo para tomar parte na corrida.

Escusado será dizer que el-rei D. Miguel assistiu, cheio de contentamento, acompanhado da infanta D. Maria da Assumpção.

Em summa, foi um dia e uma noite de grande regosijo em Lisboa, o da inauguração da praça de touros do Campo de Sant'Anna, um dia quasi que de festa nacional, abundando os arcos de triumpho, as luminarias e o fogo de artificio!

* * *

A arte tauromachica tem sido em todos os tempos cultivada por nobreza e povo, sendo ainda hoje o espectaculo em que o enthusiasmo mais se evidencía. Em outras éras, lidar touros era mesmo um privilegio da alta nobreza.

Assim, pois, ao passo que vamos reunindo dados para a historia da praça do Campo de Sant'Anna, iremos dando tambem retratos dos fidalgos que alli mais se distinguiram, juntamente com os dos artistas que egualmente por aquella arena assignalaram a sua passagem, além de desenhos ineditos, como a vista exterior da praça, que acompanha esta parte, a tão falada porta do cavalleiro, que serve de *en-tête* ao nosso artigo, e onde o rapazio dava sempre a nota saliente em cada tarde de corrida, copias de alguns programmas e bilhetes raros, etc.

Da serie de retratos, é dever nosso, depois do de el-rei o senhor D. Miguel, o principe portuguez mais toureiro que a Historia nos apresenta, inserir o do conde de Vimioso, o amador distinctissimo, o mestre inexcedivel, a figura, n'uma palavra, que mais se notabilisou na arte que engrandeceu o nome venerando do nobre marquez de Marialva.

*

D. Francisco de Paula Portugal e Castro, 13.º conde de Vimioso, nasceu em julho de 1817. Seguiu a carreira militar, na qual conquistou o posto de tenente de cavallaria.

Toureou pela primeira vez em 1837, em umas corridas de novilhos, no páteo do seu palacio, no Campo Grande. Em seguida verificaram-se na praça do Campo de Sant'Anna varias corridas de amadores, entrando n'ellas como cavalleiro o conde de Vimioso, que se fez admirar e applaudir enthusiasticamente em companhia de D. José Maria de Mendonça, tambem official de cavallaria.

O conde de Vimioso adquiriu pelos seus meritos a reputação de primeiro cavalleiro, não só entre os amadores como tambem entre os artistas, que lhe reconheciam superioridade.

FREDERICO PEREIRA NUNES

Toureava sempre com inexcedivel fortuna, devido incontestavelmente aos seus excepcionaes conhecimentos da equitação e das rêzes, e foi quem primeiro executou a sorte de *cara a cara*, que actualmente tão poucas vezes se vê levar a effeito. Depois do conde de Vimioso, tem sido D. Luiz do Rego e Victorino Froes os que mais frequentemente a teem praticado, o primeiro no Campo de Sant'Anna e o segundo no Campo Pequeno.

Apesar da sua muita dextreza, n'uma corrida realisada em Evora, a que assistiram muitos portuguezes e hespanhoes, sahiu o touro com tal rapidez que não lhe valeu recurso algum, e sendo colhido foi derrubado conjunctamente com o cavallo, que ficou muito contundido. O conde de Vimioso, usando então dos seus admiraveis recursos, sahiu da sélla, montou outro cavallo em sellim razo, e collocou no touro que o havia desfeitado, oito ferros com incomparavel galhardia. A ovação foi delirante.

Observava constantemente este seu preceito: «O trabalho do toureio a cavallo

consiste essencialmente em que o cavalleiro, pela sua dextreza e arte, zomba do poder do animal, sem que elle ou o seu cavallo recebam o mais ligeiro contacto, o que constitue sempre desaire.»

Ao facto dos segredos mais reconditos da arte de equitação, preparava habilmente os seus cavallos para o toureio, arte em que arrebatava o publico sempre que se prestava a lidar, a maioria das vezes a favor de institutos de caridade.

*

D. João de Menezes foi um dos companheiros de glorias do conde de Vimioso.

Tendo andado na campanha da Maria da Fonte, como ajudante do conde de Mello, não quiz D. João, que então contava apenas uns vinte annos, continuar no serviço do exercito, quando o marechal Saldanha fez a revolução de 1851, que poz termo entre nós á éra dos pronunciamentos.

Elegante e bonito rapaz, dedicou-se a todos os *sports* que estavam então em moda entre a mocidade portugueza, e em todos se distinguiu. Como cavalleiro tauromachico fez D. João de Menezes ampla colheita de applausos e... de corações. Quantas luvas brancas não rebentaram deixando ver a pelle rosada de mãos pequeninas, no dia em que elle montando um ginete fogoso, que guiava apenas com um cordão de seda, enfeitou de ferros numerosos os touros bravissimos que lhe destinaram!

D. João de Menezes não desmentiu essa gloriosa tradição do seu antepassado marquez de Marialva. Hoje está avançado em annos — velho é que não! — mas não ha muito tempo que o vimos n'uma tourada do Campo Pequeno, com o olhar brilhante todas as vezes que os artistas mostravam comprehender a arte de que elle fôra eximio cultor nas *touradas de fidalgos,* ainda hoje memoradas por aquelles que lograram assistir a tão bellos espectaculos.

*

D'entre os bandarilheiros amadores, Frederico Nunes foi dos que mais se salientou na época do conde de Vimioso, alcançando muitas tardes de triumpho ao lado d'aquelle grandioso vulto da tauromachia portugueza. Devia ter nascido ahi pelo anno de 1823, pouco mais ou menos, segundo as informações que conseguimos obter.

Debutando como forcado, e apresentando-se depois a tourear a cavallo, nem uma nem outra especialidade o captivaram, sendo o toureio de pé a sua unica aspiração. Quando conseguiu ver realisados os seus sonhos, entrando n'uma corrida como bandarilheiro, foi então que julgou ter campo aberto á vocação que o minava.

ANTONIO ROBERTO

Acompanhando muitas vezes, como já dissemos, o conde de Vimioso, com elle alcançou bastas tardes de gloria, mencionando-se de preferencia a de 14 de julho de 1858, no Campo de Sant'Anna, em que toureou rêzes de Roquete, colhendo applausos que attingiram a loucura.

Tambem na Figueira da Foz, em agosto do mesmo anno, teve uma tarde felicissima, sendo as honras da tarde para o conde de Vimioso como cavalleiro e para Frederico Nunes como bandarilheiro.

Em 1859, apreciava-o o jornal *O Portuguez* como um bandarilheiro completo, firme, agil e de sangue frio, condições essenciaes que se exigem no artista.

Frederico Nunes bandarilhava com precisão, passava de muleta e de capote, e sahia aos quites com muita vista e acerto, sendo um bom auxiliar para os cavalleiros.

Foi colhido por varias vezes, algumas de gravidade, como n'uma corrida effectuada na Merceana e organisada pelo marquez de

Castello Melhor, em que um touro que se desembolou o feriu muito mal. N'esta corrida tomaram parte o conde de Vimioso, Victor Moreira, D. José de Mello e Castro, João Pedro da Herra e Antonio Roberto, que tambem soffreram colhidas n'essa tarde. Frederico Nunes foi deitado em um carro até á Quinta do Campo, d'onde sahiu só depois de completamente restabelecido.

*

Antonio Roberto da Fonseca nasceu no anno de 1801 na cidade de Angra do Heroismo (ilha Terceira), mas logo de tenra edade foi viver para Salvaterra de Magos, com seus paes, d'onde elles eram naturaes.

Sendo considerado como o primeiro artista de pé do seu tempo, foi um dos bandarilheiros que inauguraram a praça do Campo de Sant'Anna em 1831.

Foi educado e guiado na arriscada arte por esse distincto grupo de artistas de Salvaterra, de que faziam parte Manuel Faria, Antonio Cordeiro, Francisco Faria, José Ferreira Grillo e Antonio Faria, e teve por companheiros da mesma época José Vicente Tinoco, Antonio Mello e Joaquim Emygdio, que tambem receberam as primeiras lições dos mesmos mestres de Antonio Roberto.

A primeira vez que toureou em Lisboa, foi na praça do Salitre. Ahi foi sempre muito apreciado pelo publico, assim como depois no Campo de Sant'Anna.

Antonio Roberto toureou por muito tempo em companhia de seus irmãos Antão e Luiz, e mais tarde com seus filhos João Roberto, Vicente Roberto e Roberto da Fonseca, aos quaes guiou com os seus auctorisados conselhos.

Em 1849, como lhe começassem a faltar as faculdades, deliberou dedicar-se ao toureio a cavallo, sem que por isso deixasse, entretanto, de trabalhar ainda uma ou outra vez como bandarilheiro.

Dez annos depois, porém, Antonio Roberto retirava-se por completo da arena, continuando os seus filhos a honrar o seu nome laureado.

*
* *

Era nosso desejo sêrmos mais minuciosos n'este trabalho, mas impede-nos a indole da publicação, que tem que abranger mil assumptos e especialidades.

Entretanto, resumidos como teem que ser todos os pontos que tencionamos tratar, procuraremos desenvolvel-os quanto possivel, de fórma a esclarecer e elucidar o moderno aficionado.

A parte mais difficil e importante para darmos aqui o nosso modesto trabalho — a illustração —, foi entretanto a que se nos tornou mais facil, devido á boa amisade e coadjuvação do nosso particular amigo, sr. Segismundo Costa, que nos franqueou a sua importante collecção de retratos, programmas, bilhetes, etc., donde estamos reproduzindo as gravuras.

Muitas outras velharias, além das que apresentaremos, por ahi andam dispersas e esquecidas. Vae da parte dos seus possuidores proporcionar-nos a divulgação, como fez aquelle illustre aficionado, a quem, aproveitando o ensejo, expressamos o nosso sincero agradecimento.

(Continúa)

CARLOS ABREU.

Os bastidores do nihilismo

Historia de um assassino, contada segundo os jornaes
e a narrativa pessoal do seu secretario, Mr. Bruce Ingersoll

POR

MAX PEMBERTON

XVIII

O expresso de Vienna

O comboio especial marchou rapidamente e chegamos a Bruges trinta e cinco minutos depois. Mr. Cavanagh que sahira da cidade secretamente, entrou ali sem nenhum disfarce. A faina fôra trabalhosa, os malvados que se tinham apanhado fizeram com que os outros debandassem. O nosso salão entrou na plataforma principal e apeámo-nos immediatamente. Vi no relogio da estação que eram quasi nove horas, e lembrei-me, como Mr. Cavanagh se lembrou, que ainda não tinhamos jantado.

— Coma quando não tenha que pensar, Ingersoll — disse, elle — é uma maxima que vale muito dinheiro. Nunca confie num raciocinio depois de jantar, especialmente no que se relaciona com mulheres. Comi pouco hoje, e lembro-me agora que sinto appetite. Vamos ao bufete; a comida d'ali não nos deve incommodar. Iremos depois ao theatro.

Não fiz commentarios. Entrámos no bufete e comemos um razoavel prato de sopa, uma costelleta e bebemos uma garrafa de um excellente Bordéos branco. A facilidade de Mr. Cavanagh em se desfazer da resteva das circunstancias sempre me surprehendeu, mas nunca tanto como n'esta occasião em Bruges. Não proferiu uma palavra do que fizera e das suas consequencias. Parecia um viajante que acabava de gosar uma distracção e que se encontrava um tanto fatigado por esse goso. Se nada colhi da sua conversa é que Mr. Cavanagh planeava uma breve viagem a Hespanha, e desejava que eu o acompanhasse.

— Talvez se divertisse mais, Ingersoll — disse — se fosse até a plataforma de além e tomasse o expresso da noite para Vienna. Ha um, lembro-me, que parte de Bruxellas ás nove e meia da noite. Se pudessemos ir n'elle mostrar-lhe-hia a razão porque Vienna é a mais linda cidade da Europa, embora os seus compatriotas a achem estacionaria. Mas devo ir a Madrid sem perda de tempo; é inadiavel.

Declarei-lhe que o acompanharia de melhor vontade não importava para que destino. Nunca me persuadira que fosse susceptivel da tal espontaneadade em servir alguem e principalmente sentindo tamanho orgulho. Um psycologista podia ter-me affirmado que o revólver que eu desfechara por ordem de Mr. Cavanagh fôra um assenso mental á fidelidade que me solicitava. Sem barulho. mas com convicção, compenetrei-me que era um grande homem que, com razão ou sem ella acreditava que tinha a desempenhar uma missão monumental na

causa da humanidade e na liberdade dos povos. A sua rara intrepidez conquistou a minha dedicação como nada até ahi o fizera.

— Sempre desejei visitar a Hespanha, Mr. Cavanagh — foi a minha resposta.

— Não me admiro, Ingersoll. Vamos ali com a curiosidade que se apodera dos visitantes ante o catafalco de um bispo morto. A Hespanha pertence ao passado — a mitra, o solidéo, a estola estão ali, mas o cadaver do arcipreste foi enterrado. Mostrar-lhe-hia immensas coisas em Hespanha se tivesse vagar. Talvez tenhamos tempo quando acabarmos o que ha a fazer no tribunal. No entanto ámanham estaremos muito occupados, pois é necessario relatar tudo quanto houve em Bruges... não esquecendo mesmo a sua fascinadora Paulina. Ha de escrever a historia do seu crime como eu lh'a dictar, bem como todas estas occorrencias. Mas não falarei n'isto esta noite, para quê deante de um bom copo de vinho?

Calou-se com um gesto sacudido e accendeu um charuto. Eu via através da janella do bufete que o expresso de Vienna estava para partir e que principiara a barafunda do bota-fora. No meio do badalar das campainhas e alaridos das vozes os empregados com galões de ouro exhortavam os circunstantes ou a entrarem ou a retirarem-se. Nesse momento penetrou na estação uma enorme locomotiva de dez rodas; jorrou uma phantastica labareda de luz vermelha e o clarão da fornalha enrubesceu as caras dos homens.

Quando foi dado o signal da partida, o expresso não seguiu immediatamente, mas recuou até a extremidade da plataforma afim de engatar á cauda uma carruagem quasi as escuras. Este decrepito vehiculo — uma carruagem de terceira classe, com toscos assentos de madeira, estava fracamente allumiado por velhos candieiros de petroleo e não tinha as portinholas corridas. Por mero acaso relanceei a vista pelos passageiros — dois policias e a minha juvenil presa do Palacio da Justiça! Se visse minha irman no meio d'aquelles homens talvez o choque não fosse tão forte nem a scena mais commovedora.

Partia então para a Russia a creança cujos olhos melancolicos tinham appellado para mim n'essa manhan, a creança que estreitara durante um momento nos meus braços declarando-lhe levianamente que a amava. Era enviada para esses monstros de Baku — Santo Deus! Para quê! O sangue galopava-me nas veias a este pensamento. Nem por um instante antevira tal realidade, á mercê desses homens, sem um amigo em todo o mundo! A este pensamento tudo escureceu — estação, povo, as luzes oscillantes, a casa onde comia. Partia para que fosse açoutada... ou talvez peor... pela policia de Baku... e ainda essa manhan tagarelara commigo ácêrca de amor com os meus *bonbons* de chocolate na mão!

Mr. Cavanagh bateu-me no hombro e eu virei-me para elle rapidamente. O comboio sahira da estação, substituira-o o silencio da noite. Mas eu só vi os olhos do canadiano fitando-me, só ouvi as suas palavras vibrantes:

— Meu Deus, Ingersoll — segredou-me, — não acredita então que seja criminosa!

Não lhe respondi. Permaneceu durante um segundo irresoluto, encarando-me. Depois, com o gesto mais bondoso que se pode imaginar, disse-me:

— Pensarei n'isso, Ingersoll, lembrar-me-hei do caso. Agora vamos, temos muito que fazer.

XIX

Na praça de touros

Chegámos a Madrid tres dias depois de episodio de Bruges e fomos para uma casa particular na velha *calle* de Alcalá. Não sabia quaes eram os negocios que levavam Mr. Cavanagh a Hespanha, e não tinha curiosidade em os saber. Esta vida de constantes mudanças harmonisavam-se admiravelmente com o meu genio. Não me incommodava nada residir em Hespanha ou em S. Petersburgo, na Europa ou na America. Acostumara-me a viver com uma pessoa que se incumbira de uma grande missão — não calculava até onde me conduziria, mas o desenlace seria certamente grandioso.

Esperava-nos na capital de Hespanha o dr. James. Viera, informaram-me, de Waterbeach, sem duvida com noticias da senhora que eu descobrira ali. Fossem quaes fossem essas noticias satisfizeram o meu chefe, que aproveitou o primeiro ensejo para me communicar que o dr. James era um

homem dignissimo, mesmo quando não fosse um operador de extrema habilidade como não era.

— E' uma creatura singular, Ingersoll, e deve gostar d'elle. Penso que sabe de medicina o usual... bem pouco mais. Ha de falar-lhe muito do que viu e fez n'uma pequena cidade da India que tem um nome impossivel. Foi ferido ali, não me lembro em que sitio. A mulher soffreu tal desgosto que morreu. Ature-o com um pouco de paciencia, porque o ha de distrahir.

— Um pouco de paciencia. Mr. Cavanagh...

— Sim, por causa da historia da mulher que conta a cada momento. Trouxe-me excellentes noticias de Waterbeach, estou-lhe grato. Já reparou Ingersoll, que é uma esplendida coisa receber-mos boas novas dos nossos amigos. Lembre-se d'isto quando estiver velho e gasto. Arranje boas novas... melhor ainda, procure alguem que lh'as traga.

Fomos interrompidos n'esse momento pelo regresso do dr. James, homem gordo, bem conservado, com abundante cabello ruivo, redondas bochechas e um enorme e profissional collete. As suas mãos, observei, eram sapudas e molles; as suas unhas bem tratadas, mas compridas. Vestia umas calças talhadas á moda antiga e uma luzidia sobrecasaca preta. Quando falava, as palavras sahiam-lhe como uma torrente, e, mesmo nos seus periodos de silencio, a sua eloquencia ainda parecia tagarelar.

— Um amigo seu, Cavanagh? sêl-o-ha tambem meu, sem duvida. Deixe-me vel-o bem, mancebo — é tal qual Maurice Kirkpatrick a quem deram um tiro em Shaikawati Nunca ousei dizer nada a minha pobre mulher ácerca d'isso — o choque matal-a-hia como veiu a succeder. Tenho muito gosto em o conhecer... vamos esta tarde todos á tourada... principiemos por nos deixar de ceremonias.

Apertou-me a mão durante mais de um minuto, em quante eu me voltava para Mr. Cavanagh.

— Nunca vi uma tourada — declarei.

O medico retorquiu logo:

— Pois vae ver uma agora, meu amigo. Quando eu estava em Shaikawati, o joven Ned Forrester, dos lanceiros, desmaiou quando eu lhe pedi para guardar a perna que lhe tinhamos amputado. Nunca vi coisa assim... uma tão linda perna! Ganhou a *Victoria Cross* depois por salvar metade de John Morland, do *Manchesters*. Pobre John, uma bala de artilharia cortou-o em dois — não podia fazer mais, mas o peor é que Ned salvou a parte que não prestava; era imposivel restituir a vida ás pernas de John. Nunca me atreveria a contar semelhante coisa a minha pobre mulher... o choque têl-a-hia matado como veiu a succeder.

— Devia ser uma senhora muito nervosa — aventurei-me a observar.

A observação fel-o delirar.

— Nervosa, meu caro senhor — quando eu servia em Shaikawati ia quinze vezes durante o dia ao ministerio da guerra e cinco vezes de noite. Já é ser dedicada! Participaram-lhe que eu fôra ferido, e a noticia matou-a. Pobre senhora. Eu cheguei a Inglaterra tres mezes depois, com tanta saude como sinto hoje.

— Não foi então ferido, doutor James!

Fitou-me aterrorisado.

— Não fui ferido! Tinha uma bala no «lobulus quadratus» e uma cutilada que roçou pela veia cava inferior. Não fui ferido!

Afortunadamente Mr. Cavanagh salvou-me da saraivada de censuras imminentes sobre a minha cabeça por causa de tão delicado assumpto, e fomos almoçar. Apenas terminou a refeição e tomámos café, veiu a carrugem para nos transportar para a praça de touros. Era a primeira tourada a que assistia. O facto, é que a despeito dos meus prejuizos de inglez, sentia-me ancioso por gosar esse espectaculo. Ninguem pode escrever com justiça ácêrca das outras nações sem saber o que ha de verdade n'ellas... e não ha nada mais difficil para um estrangeiro que conhece toda a verdade a proposito de uma tourada hespanhola. Subi para a carruagem com tal ou qual impaciencia, com Mr. Cavanagh e com o loquaz medico.

Lembro-me que era um dia ardentissimo de julho e embora a capota da carruagem nos protegesse do sol, nunca senti tão insupportavel calor. O espectaculo que apresentava a *calle* de Alcalá tornara-se indescriptivel. O ajuntamento era espantoso naquella rua favorita do publico. Quantos meios de transporte podem acudir á memoria, desde as antigas caleças guiadas pelas creaturas mais

estapafurdias até os mais modernos automoveis conduzindo fidalgos, tudo era aproveitado para ir á tourada, E que gritaria, que alarido fazia a irrequieta multidão! As côres vivas do amarello, do vermelho, contrastavam com as gradações do terreno e com o branco das casas. A figurou-se-me que tinhamos sido colhidos por uma impetuosa corrente humana, irreprimivel, de faces morenas, que esquecera tudo, excepto a sua sêde de sangue.

— Maravilhosa scena, Ingersoll — commentou Mr. Cavanagh — depois de novecentos annos de christianismo! Mas recorde-se, no fundo do coração de todos os celtas existe o mesmo desejo. Se a civilização arreda estes sentimentos é pela força bruta e não pela convicção. Os hespanhoes ao menos são honestos. Não blasonam de adeantados e não cortam vinte mil cabeças para servir de pedestal ao progresso. Julgue-os á luz dos factos... não com os seus olhos de inglez.

— E' exactamente o que eu ia a dizer — concordou o dr. James. — Em Shaikavati costumavam cortar a cabeça ás pessoas para as livrar da febre. No fundo teem razão... diabolicamente razão. Olhe para aquelle patife a bater na rapariga com um chicote. Procede logicamente, e ao domimgo vae á missa. Como o devemos ajuizar? Em Inglaterra pespegávamos-lhe um cascudo... em Hespanha lembramo-nos que usa navalha e que não temos antisepticos á mão. Sejamos cosmopolitas e discretos.

Estas palavras chamaram a minha attenção e vi um hespanhol todo cheio de si que batia n'uma rapariga com um chicote. Ninguem interveiu, nem se importou com o incidente. A pintalgada multidão caminhava açodadamente como se os momentos fossem preciosos. Confundiam-se na mais pronunciada democracia de immoderada ancia os ricos com os pobres, os militares com os civis, os sacerdotes com os magistrados. Tudo isto se atropelava e refluia. Erguiam-se nuvens offuscantes de poeira rosada e o sol brilhava tão insupportavelmente que parecia querer rebuscar as mais ruins paixões dos homens e inflammal-as. Pareceu-me quasi um milagre que tanta gente chegasse á praça, e quando nós tres nos sentámos, sãos e salvos, nos nossos logares, afigurou-se-me que escapara a uma medonha debandada e que batera com a porta na cara de um exercito perseguidor.

A praça de touros pertence á municipalidade, e não possue, informaram-me, o esplendor das suas congéneres do sul, especialmente das de Sevilha e Granada. Conhecendo apenas esta não posso emittir a minha opinião. A pista é enorme, e os sectores e camarotes, dispostos á maneira dos circos inglezes, devem accommodar cêrca de quatorze mil pessoas. Os nossos logares ficavam proximo do camarote real, e os bilhetes declaravam que gosariamos o espectaculo á sombra tanto quanto o edificio o permittisse. O aspecto da praça era magnifico e francamente confesso que o brilhantismo do conjunto me surprehendeu e deliciou. A época da mantilha passara e o antigo e pittoresco traje não se ostentava no vasto ambito. Observei um verdadeiro formigueiro de altivos espectadores que pareciam ter sido arrancados aos albuns artisticos de ha um seculo. Tudo isto se accumulava nas bancadas, ao passo que em cima, nos camarotes, se viam as mais nobres mulheres de Hespanha, vestidas como Vienna e Paris as ensinara a vestir e acompanhadas por cavalleiros de baixa estatura trajados de azul e prata, que não se cansavam de lhes dizer que ellas eram o sol da terra. Se accrescentar que pullulavam sacerdotes e até frades entre os espectadores, e que precisamente ás duas horas só o camarote real se encontrava vazio, terá o leitor uma pallida idéa do quadro que se desenrolava ante os meus olhos n'aquelle intoleravel dia em Madrid.

— O rei virá? — perguntou-me o dr. James quando se assentou e percorreu a praça com o binóculo.

Retorqui-lhe que não sabia e voltei-me para Mr. Cavanagh para ouvir a sua opinião.

— Esperam o rei, Mr. Cavanagh?

— Esperam-n'o, Ingersoll, mas não vem. E' o marquez de Mercia quem presidirá ao espectaculo.

— Mas eu sei que o rei está em Madrid — insistiu o medico.

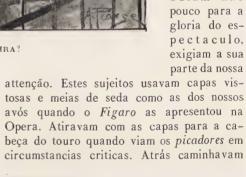
Pelo rosto de Mr. Cavanagh passou um sorriso e limitou-se a encolher os hombros. Para mim bastou-me olhar-lhe para a cara. Conheci que fôra elle quem evitara que o rei viesse.

— Repare para o camarote da auctoridade quando entrar o marquez — segre-

dou-me Mr. Cavanagh — ha de ver uma dama vestida de branco com uma pluma côr de rosa no chapéo de palha. Lá em baixo, em qualquer parte, um homem ha de fazer-lhe um signal. Informe-me se os vir, Ingersoll — mas não ha de ser por ora.

A turba por este tempo impacientava-se, tagarelava, motejava, ria, gritava mesmo. Debaixo d'aquelle sol formidavel os ladrões e vadios de Madrid cantavam canções obscenas, ou trocavam doestos roufenhos com os seus camaradas que andavam pela arena. N'este momento um clarim fez ouvir os seus sons estridentes e o marquez de Mercia, acompanhado por um sequito de officiaes de uniformes brilhantes e de mulheres sorridentes, entrou no camarote, e logo fez signal aos aguazis para despejarem a praça. Se o leitor já viu a policia de Londres tentando socegar a turba na rotunda de Piccadilly n'uma noite de tumultos, ou os porteiros expulsando com asperesa da gelada Serpentina os frequentadores do parque quando são horas de fechar, pode fazer idéa d'essa operação a que os hespanhoes chamam *despejo*. Gritos, pragas, blasphemias, movimentos de cavallos, tudo isso se ouve e observa n'aquelle instante. Apenas a pista foi evacuada logo uma força de cavallaria precedeu o desfile da *cuadrilla*, uma das coisas mais curiosas que se podem contemplar.

— O REI VIRA?

O que immediatamente me attrahiu a vista foram os *picadores* montados nos seus tristes rocinantes, andando a passo vagaroso, e mostrando as suas extravagantes jaquetas de seda de côres estapafurdias. Nas *varas* havia flammulas que voejavam quando os cavalleiros corriam; traziam as pernas protegidas por polainas de couro e ferro, como se fossem jogar a bola na America; as pilecas que montavam não valiam mais de tres libras cada uma, e mesmo assim era um preço elevadissimo. Cedo desviei a vista dos escanzelados garranos pois existiam muitas outras coisas dignas de exame; os *chulos* (1), que contribuiam não pouco para a gloria do espectaculo, exigiam a sua parte da nossa attenção. Estes sujeitos usavam capas vistosas e meias de seda como as dos nossos avós quando o *Figaro* as apresentou na Opera. Atiravam com as capas para a cabeça do touro quando viam os *picadores* em circumstancias criticas. Atrás caminhavam

(1) Traduzimos o mais litteralmente possivel este modo phantastico de Max Pamberton descrever uma corrida de touros em Hespanha.

N. do T.

os bandarilheiros com as suas damninhas farpas que cravariam em occasião propicia. O ultimo de todos era a fina flor de Hespanha, o *matador*. O idolo do povo marchava altivo á frente das parelhas de mulas e dentro em pouco ou se transformaria n'um heroe ou seria um esquecido martyr.

As mulas trotaram ao som de campainhas para fora da arena, e o presidente logo atirou com a chave para dentro do chapéo de um dos aguazis. A seguir um clarim tocou vibrantemente e a numerosa assistencia assentou-se como n'um banquete anciosamente esperado. Em baixo no amphitheatro fôra corrida uma porta na trincheira e patenteou-se uma abertura escura. Os campeões d'este tragico e cruel divertimento destribuiam-se pela arena como os jogadores de uma partida de cricket — os *picadores* perto da barreira á espera do touro, os *chulos* atrás aguardando a sua vez. Então, n'um rapido instante, tudo emmudeceu e surgiu na pista um touro de Jamara, com uma bella cabeça enfeitada por duas esplendidas hastes. O soberbo animal, desconfiado, perplexo, meio cego pela claridade, estacou olhando para os seus contendores.

Talvez lhe chamassemos em Inglaterra um touro pequeno, mas a força da sua cachaceira e membros não se lhe podia negar. Não sei de que meios se serviram para o obrigar a entrar na arena, mas estava ahi presentemente, dando alguns passos, parando de novo como se examinasse quanto o cercava. Das bancadas sahiram gritos atroadores, uma pateada infernal, assobios estridentes. A turba exigia que a funcção principiasse, que o touro começasse a sua tarefa. Quando o bicho se dispôz a acommetter foi immediatamente picado com a vara. Na verdade, investiu tão rapidamente contra o *picador* mais proximo que o ataque e a defesa se effectuaram quasi antes de eu poder dar por tal.

Um bravo e célere arranco, o relampejar da vara illuminada por um raio de sol, o cavallo destramente manejado sob a acção potente da redea, um estrépito das hastes contra a trincheira, e ali ficou o touro, raspando a areia inquieto. O *picador* trotou n'esse momento e cumprimentou a multidão. Desde então os meus olhos não se desfitaram do quadro e nada me escapou. O touro furioso com o ferimento, atira-se á douda sobre o segundo cavalleiro que se collocara mesmo por baixo de nós. Vi a vara cravar-se como d'antes, mas n'um lampejo, homem, touro e cavallo rolaram todos pelo terreno formando um só grupo. Retumbou no mesmo instante um brado unico de deleite que deve ter atravessado a cidade de lado a lado.

O homem cahira no chão, mas o desventurado cavallo jazia entre elle e as hastes ameaçadoras. Foi medonho, asseguro-o, o que se seguiu, quando o touro furioso dilacerou o desprotegido corpo do gemebundo animal. As armas enterraram-se e tornaram a enterrar-se no seu despedaçado flanco, e a cada marrada a carne gottejante era de novo mais rasgada. Os que uma vez ouviram os gemidos de um cavallo na agonia sabem que não ha queixume mais plangente n'este mundo, mas os hespanhoes pareciam ouvir a mais deleitosa harmonia. Tudo se levantou dominado por uma grande excitação. Mulheres e creanças estenderam o pescoço para não perder nada do sangrento espectaculo. Todo o revoltado horror que eu experimentava era para elles um sentimento digno de mofa. Pois não tinham pago o seu dinheiro para gosar tal espectaculo?

Os *chulos* occupavam-se agora do cavallo moribundo. O touro precipitou-se atrás de um d'elles, de cabeça baixa, narinas dilatadas, com a areia a espadanar em volta das patas, com os olhos vermelhos de furia. O pobre diabo corria como um gamo para a barreira, mas parecia impossivel que a conseguisse alcançar. A mais pequena passada em falso, um instante de incerteza e a fera escreveria o seu epitaphio em letras de sangue. O touro perseguia-o tão de perto que a marrada, que o deveria ter furado, roçou-lhe pelo fato quando saltava a trincheira. O escapar-se são e salvo desapontou a valer a concorrencia. Conhecia-se isso na evidente frieza dos applausos.

— Salvou-se por um triz.

— E' verdade — disse eu para o dr. James — foi uma linda carreira. O homem corre como uma lebre. Se o touro se antecipa um segundo ficava feito em postas. Não creio que os nossos profissionaes do jogo da bola sejam mais lestos. Começam a fatigar-me estas correrias que podem terminar por uma tragedia. Se o homem apparecesse por ahi valia que se lhe desse

algum dinheiro. Arriscou-se a mais que os cavalleiros.

— Meu caro amigo, ainda não viu o melhor. Repare para aquelles sugeitos com bandarilhas. Creio que vão ornamentar o boi com esses adornos.

Fixei de novo os meus olhos na arena e vi ali, com todo o garbo, os bandarilheiros que se preparavam para espicaçar o boi com as farpas. O touro parara por baixo de camarote presidencial; os flancos latejavam; a espuma gottejava da lingua pendente; a cabeça tomara uma attitude de singular magestade e graça. Pelo que lhe dizia respeito não duvido que ficaria muito contente se voltasse para os campinas de Jamara e deixasse esses selvagens como tinham vindo. Mas a sua morte fôra préviamente ordenada; nada o podia salvar; não havia supplica que despertasse a piedade de um embotado Cesar, e os hespanhoes eram peores que Cesar na sua sêde de sangue.

O magestoso animal permittiu que os seus ageis competidores se approximassem d'elle. Bravos até o prodigio, velozes como um raio, giravam como milhafres em redor da prêsa, que os observava como um leão pode observar um chacal. Manteve-se durante um instante como o arbitro da vida e da morte. Se se demorassem um segundo, se tivessem o minimo descuido, a sua perda era certa. A tensão de todos os nervos era medonha. O touro, duvidoso e perplexo, baixou porfim a cabeça para acommetter. Os bandarilheiros aproveitaram esse rapido instante. De um e outro lado, medindo as distancias com notavel pericia, cravaram-lhe as farpas na ampla cachaceira. As bandarilhas oscillaram, penetraram ainda mais nas carnes e augmentaram a sua agonia. Mas os capinhas redopiavam ageis e perseguiam-no por toda a parte. Não se descreve a furia do animal dilacerado, espumando, encabritando-se para sacudir os farpões de aço da pelle e libertar-se das suas intoleraveis picadas.

Approximava-se o ultimo acto d'esta triste comedia de matadouro. O *espada*, o theatral magarefe de trajes vistosos, o homem a quem a Hespanha admirava acima de todos os seus heroes, dispunha-se a matar o touro e tornava-se necessario evacuar de novo a arena e a recomeçar o espectaculo. Nesse dia, o primeiro d'esses monstruosos gladiadores, era um rapaz chamado Gregorio do Prado, em tempos um vulgar pastor das montanhas de Granada, e então uma arrogante imagem de vaidade, de insolencia e de ostentosa coragem, coberto de lentejoulas como um arlequim de circo. Armou-se de uma espada e approximou-se do touro com demasiada lentidão no parecer da assistencia, e não tardou que silvassem os assobios e que estrondeasse a pateada. Gregorio precavia-se, resolução que o despopularisava. Tive umas certas esperanças que o touro se salvasse — vans esperanças como não tardei em verificar!

O toureiro imcommodava-se com a impaciencia dos espectadores, e resentia-se d'isso. Os seus movimentos tornaram-se indecisos. Lançou um rapido olhar de desdem para as bancadas repletas de gente. Em seguida avançou um pouco mais e parou a cêrca de uma jarda do desventurado touro, ao qual ficava pouco terreno para acommetter. Neste momento supremo o alarido tornou-se ensurdecedor; cascas de laranja, garrafas vasias, até pedras, foram atiradas para a arena, como manifestação do mais absoluto desprezo. A pateada retumbava sem cessar. No entretanto o touro permanecia immovel. Se tivesse investido, a Hespanha contaria n'essa tarde menos um *matador*.

Comprehendera desde o principio deste deprimente espectaculo que um dos cuidados do *espada* era estudar o carater do seu adversario — se é nobre ou velhaco, um espertalhão que não se preste ao jogo, ou um actor honesto que estende submisso o cachaço á ponta da espada. Gregorio, encolerisado com o desdem da populaça, não examinou o contendor como a sua experiencia lhe aconselhava e cedeu ás imposições dos espectadores dementados. Deveria ter esperado um instante mais — aguardar a acommettida da fera — que não estava completamente estonteada e era astuta, que havia de se esquivar, fugir com o corpo, n'uma palavra que não se encontrava em estado de *entrar a matar*. A ira dominava Gregorio, obrigou-o a precipitar-se, tirou-lhe toda a serenidade, fez com que se esquecesse que a sua vida estava por um fio, apontou a estocada com pouca firmeza ao sitio vulneravel, ao unico ponto que poderia determinar a morte instantanea.

Tudo se passou com a rapidez de um re-

lampago. Vi o faiscar da espada, a attitude dramatica do *matador,* o seu corpo levemente inclinado para trás, com o braço esquerdo estendido como um esgrimista, com a perna direita um tudo nada recuada. Na frente d'este estacionava o boi com a cabeça curva e o pescoço um quasi nada torcido para um lado — e assim permaneceram durante um instante. A lamina, porêm, bateu n'um osso e resaltou com força. A fera colheu Gregorio e furou-o com uma das hastes.

Que fizeram os espectadores quando tal succedeu? Ouviram-se palavras de piedade, de afflicção, de horror? Nada que se parecesse com isso. Principiaram a rugir como feras em tôrno de um cadaver. Cada vez o touro enterrava mais as pontas no convulsionado corpo, e a cada sacudidela d'essa feroz cabeça, espesinhando, trucidando, dilacerando aquelles restos humanos, havia malvados que applaudiam, homens bem parecidos que assobiavam o morto, alguns até que bradavam: «Viva o touro!» Não cessou nem por um momento o alarido em quanto o cadaver do toureiro permaneceu na arena. A sede de sangue tivera muito por onde se satisfazer e o que se seguiu depois pode bem classificar-se uma especie de hymno de louvor. Vi creanças com o sorriso estampado nas faces, velhas de passado escabroso berrando como possessas, mãos ossudas batendo palmas com deleite. Ouvi um grande sussurro quando transportaram Gregorio para fora e o retinir das campainhas das mulas que trotavam pela arena adeante. Então, e só então, cahi em mim e ouvi o dr. James dizer-me:

— Está satisfeito, Mr. Ingersoll?

— Completamente satisfeito.

— Não acha conveniente participal-o ao nosso amigo?

Olhei para Mr. Cavanagh e a expressão do seu rosto surprehendeu-me. Não levantara ainda os olhos d'onde cahira Gregorio. Os musculos das suas mãos contrahiam-se e o seu rosto estava terrivelmente pallido. Quando lhe toquei no hombro, fitou-me como um homem que acorda em sobresalto.

— Que temos, Ingersoll?

— Vamo-nos embora, Mr. Cavanagh.

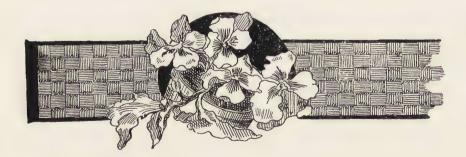
— Deseja retirar-se, Ingersoll?

Não sei o que senti e respondi-lhe com toda a franqueza:

— E' o melhor.

Mr. Cavanagh ergueu-se immediatamente. Ia jurar que cambaleava um pouco quando nos levantámos dos nossos logares, e creio que na realidade não me enganei.

O derramamento de sangue impressionara-o, e as minhas palavras tinham-n'o envergonhado.

(Continúa.) *Traducção do inglez de* EDUARDO DE NORONHA.

ARCO DO TRIUMPHO DA ESTRELLA

Paris ao espelho portuguez

Dizia minha avó... — A phantasia do loiro. — Snobismo e má lingua. — Illusões desfeitas.

Ouvi a minha avó de cabelos de prata que:

Portugal é um ovo
Hespanha uma eira,
França uma geira.

Esta chorographia comparada tão infallivel como o mapa-mundi de Marco Pólo fazia-me penar. Portugal podia ser engulido em omelete na eira ou na geira.

Pela sua côr fulva no atlas e dos luizes, a França era um mar de sol, nas landes, nas cabeleiras das mulheres, nas searas da Alsacia. Na mesma eram loiros os beijos, os espadachins e a sua estrella d'alva menos remota.

Este doirado infinito era alumiado por Paris como por um lampeão de furta-côres. Havia ali a sanha vermelha dos revolucionarios, dos philosophos e artistas, subindo diariamente a escada de Jacob para picar a escopro pedestaes velhos. Os seus gavroches eram bocadinhos de estrellas caidos á lama, e na galera doida do cabelo das parisienses quem quizesse podia navegar.

Mas era preciso muito dinheiro para se não sentir a vertigem de tombar ao Sena, saber jogar as armas contra os alçapões traiçoeiros da rua Rivoli.

Assim tinham insinuado á minha phantasia o Baedeker e os romances passados a fasciculos de porta em porta.

Depois, os hombros das suas cortezãs, pelas tampas das caixas, nos chromos, nos phosphoros, levantavam calidas ondas no mar sensual da minha carne. O meu camiseiro quando chegava de Paris era esperado na gare por uma philarmonica que mugia o hymno da carta, as gazetas davam as boas vindas e os mostruarios novos embasbacavam mais Lisboa que o Papuss.

O dr. Martelo apresentava-se á sociedade como residente em Paris. E a sociedade cur-

vava-se, abria respeitosas alas ás botas que se haviam enlameado na lama chic dos boulevards.

Em côro maldiziamos da capital, das nossas mundanas, d'este céu de caloteiros, dos olhos de mosca morta das alfacinhas. Salvavamos apenas as humbreiras do Chiado, a nossa cosinha suculenta e a fita glauca de postal illustrado do Tejo. E ante o loiro cognac, na lusitana algazarra do café, a nossa nostalgia loira fumegava.

Eramos assim todos, adoptando servilmente a phrase irreverente do Eça de que Lisboa era Paris vertido para calão. Poucos logares communs lisboetas respeitavamos, entre as maravilhas do orbe, além da imponderabilidade do conselheiro Accacio, da Avenida, do cavallo de D. José e da sisudez das nossas damas. A má lingua aqui tocava a tangente do dogma.

E quando a policia quebrava os queixos alfacinhas, os garotos rabiscavam porcarias na cal nova, os lojistas punham o balcão na rua, nós lastimosamente commentavamos:

— Lá fóra não se vê isto!

Ai! o vento esfeiteador da verdade derribou a caranguejola dos meus conceitos. E' que elles tinham petrificado ha muitos annos como os macacos.

As tres cidades. — O sol de Lisboa. — A capa castelhana. — Paris á primeira vista. — Rebocos electricos. — A nau dos argonautas e os autobus. — Cocheiros. — O sans-gêne francez.

Largámos de Lisboa n'uma manhã de sol coado no diaphano filtro d'um céu azul.

TORRE EIFFEL

Na Baixa a vida arrastava-se molemente; cortavam-na como pedradas os pregões dos garotos: *Seculo! Mundo!*

Pelas sacadas altas do Rocio nespereiras desmaiavam após o parto laborioso d'uns tisicos caroços. D. Pedro, espetado entre as nuvens, n'um gesto largo, agitava as cautelas.

Da Praça da Figueira vinha uma algazarra de enxame; o alarme dos electricos latia raivosamente nas peugadas d'um burro pacato de colareja, d'uma carroça farfalhuda d'hortaliça. Na esquina que espreita a Avenida, um poeta baudeleriano, de botas cadavericas, namorava o sol. E a dois passos, um burguês fazia amotinar uma tribu de galegos, por via d'uma mala que guardava uma camisa.

Fomos assistir a um pôr do sol em Madrid, ás Puertas del Sol.

O mundo medieval estendia-se ali n'aquela praça bizarro e ardido, como em lenço de cigana as peripecias d'uma toirada. Pelos terraços, nos limiares, nos passeios, a *muchedumbre* castelhana de padres, militares, fidalgos, horizontaes, toireiros, rugia n'uma grande ebulição parada. Nos ares, nem o fumo d'uma chaminé, a pulsação d'um volante, d'um martelo.

O cocheiro, depois de fabricar o meu honrado duro em moeda falsa, poz-se a questiona-lo, erguido ao alto, para a rosa do sol:

— *Tu no eres bueno? tu no eres bueno?*

Intervindo, um policia, sentenciou que de verdade aquelle duro não era bom. O autentico tinha-se abysmado lepidamente em algibeira madrilena..

Masquei n'uma *fonda* um chocolate que

me avariou o estomago para toda a vida, d'uma densidade que sustentava a pino a colher e um mastro de cocagne. Depois agarrei do meu saco e deitei a fugir. Deitei a fugir d'aquella terra lindamente selvagem, d'olhos cansados de ver talins, hostias e estoques.

O trem foi baldear-me ao Quai d'Orsay, iluminado duma luz intensa, d'um suór amarelo d'astro.

No *trotoir* rolante a minha mala pinchou o espaço; e sem um olhar o giz alfandegario riscou confiadamente o salvo-conducto.

Um fiacre cautchuado arrastou-me surda, sensualmente, por calçadas de madeira, atranos carros cellulares do Limoeiro. Uma fumegava, outra ia ao tiro barbaro de tres parelhas guedelhudas. Comprehendi por dedução que eram os autobus e omnibus, uma viação disforme, mantida talvez pelo capricho do horrivel. Ao pé, os electricos lisboetas, todos catitas e envernizados, podiam dizer-se umas cocotes.

No Bairro Latino notei que a humanidade lunatica é cosmopolita como a lua. Estudantes de focinho afiado deixavam aos cabelos a liberdade loira das gabelas de trigo. Mas pelas esquinas não vi os ociosos cantados nas novelas, expostos em edição elzevir no Chiado. Como sistole e diastole bem

JARDIM DAS TULHERIAS

vez de Paris. Os arruamentos obedeciam todos á geometria rigorosa da linha recta.

Dentro do xadrez immenso os olhos depressa sentiram a sede das curvas. A luz electrica innundava tudo, convertia as paredes em rampas de incendios. Averiguei depois que ao contrario dos outros povos, que exploram as sombras, os francezes servem-se d'ella como d'um reboco, a mão d'oleo que vem rejuvenescer as tintas velhas. Sobre diluvios de luz, de marmores e de bronzes é que elles levantam a babel prodigiosa dos seus monumentos e parques.

A certa altura, duas coisas sairam a tomar o passo do fiacre, enormes e rugidoras quaes monstros prehistoricos. Ia gente dentro como na caravela dos argonautas, ou combinadas, duas ondas crusavam-se no boulevard, subiam, desciam, mas apressadamente, sem o portuguesissimo braço dado e os piparotes na pança.

Sob o toldo vasto dos cafés a alegria vertia-se como n'uma kermesse. O *sans-gêne* resaltava de tudo, dos labios que galhofavam, dos pares embalados familiarmente na ondulação da vaga. Na boca d'uma mulher o sorriso nascia para illuminar a todos. Fanhosamente, sem a gralhada cristalina dos garotos de Lisboa, os *camelots* pregoavam: *La Presse*.

O meu cocheiro levou todo o caminho n'uma ladainha pegada. Uma mundana, um chapéu de espavento, um collega que conduzia melhor sota, tudo passava pela faca da

sua philosophia mordente. E' este — parece — o tique mais saliente do cocheiro de Paris. Mas não são tão ladrões como em Madrid, nem tão calaceiros como em Lisboa, embora o gado não seja menos etico, nem valha menos um soneto de Tolentino.

Do meu quarto, muito proximo d'uma estrella, olhei sobre Paris. Parecia uma cratera resfolegante, abrindo para o céu plumbeo a umbela doirada de seu incendido halito.

Nos intermundios uma lua hotentote agonisava.

NOTRE DAME

Paris visto de imperial. — Cá e lá más fadas ha. — Sapateiros. — O apache e o fadista. — A mominette e a ginginha. — Pratos portuguezes salgados. — Um official de marinha maître d'hotel.

Josine veio arrancar-me ao portuguesissimo segundo somno nas barbas do meiodia. E, como um casal excentrico de lords, partimos a percorrer Paris, investindo contra a Halle e farçolando no boulevard.

Ella trajava um *trotteur* alegre com travesso chapéu á pampa; confiado no meu junco de malaca armei-me d'um olhar filaucioso.

Grimpámos a imperial alta d'um autobus, no meio d'uma tromba de vehiculos que ganiam, assobiavam, rangiam os dentes. As ruas iam alagadas d'um movimento tempestuoso. Ali, do alto, tinha-se a impressão de que Paris todo preparava o exodo, se baralhava em azafama de feira ou catastrophe.

De branco bastão erguido, um policeman regulava o passo das encruzilhadas. Alternativamente, o seu gesto soberbo abria e fechava os boqueirões das ruas, repletos de gente como açudes. Semelhante ás notas graves d'um concerto, o pó-pó das sereias não despegava. Nos asfaltos a maré humana corria inexaurivelmente.

Diante do *Printemps* apontei a Josine, escandalisado, a venda ao balcão no meio da rua. Josine sorriu, disse-me que em Paris a primeira esthetica era a do dinheiro, e indicou-me as *Galeries la Fayette* e a *Samaritaine*, alagando o passeio, mettendo-se impudicamente á cara do publico.

Tive um baque de desillusão e consolo; não era só em Lisboa que se mercanciava na rua, á antiga, com os mesteiraes á beira dos templos.

As vitrines estendiam-se boulevards fôra como muralhas de cristal. Lá dentro estava armada a isca sabia dos esplendores, capaz de harpoar um franciscano. Comprehende-se assim porque tres quartas partes das parisienses tombem na vidairada. Por toda a parte o luxo as assedia tam incessantemente como um D. João.

N'uma sapataria a minha vaidade indigena chamejou. Em artigos de sola e coiro Lisboa levava a palma. Saudosamente fiquei a pensar na botina chineza que apparece no *Primo Bazilio*. E os meus olhos arripiaram-se ante o sapato mal amanhado de Josine.

No *Maxime*, arribadoiro das elegancias, almoçámos. E emquanto mastigava religiosa, protocolarmente, notei que a gorgeta ficava muito áquem da gorgeta snob do Tavares.

Depois bem comidos e bebidos, atravessámos o Sena, apertado em talas de pedra como fita em roldana. Em baixo, uns monstrosinhos, uns tamancos a vapor, desfilavam estridentemente.

Na Halle vi o *homem forte* e o *apache*..

O apache tinha cara como os outros homens e nem usava as melenas nem as calças á boca de sino dos fadistas, o que me espantou.

Ali ia havendo ocasião de provar as minhas mãos beiroas em cara de estanho. Josine, o pomo da discordia, atalhou, advertindo que uma bofetada custava irremissivelmente 100 fr.

E puxando-me pelo braço, levou-me a tomar n'um botequim proximo a *mominette* dos piteireiros.

Um gentilhomem de guardanapo ao hombro deambulava na sala. Indagámos do criado. Era um official de marinha; filho do dono do restaurant, nas horas vagas policiava o serviço.

Abri muito os olhos maravilhados. E o meu cerebro, vibrando com a rapidez das esferas no ether, ia a proclamar a razão por que os francezes eram derrotados no mar. Mas Josine tapou-me a boca com a sua reflexão subtil:

— Ali tens uma amostra do utilitarismo parisiense. Hoje, o espirito gaulez tilinta como uma bolsa de contrabandista. Paris é a caixa das almas do universo. Por dinheiro o francez desce a todos os misteres, a todas as porcarias, fura, rasteja, vai levar a mulher aos braços do americano ou do conde russo. O que quer é dinheiro com que mais tarde se possa enfronhar n'um *chateau* de provincia, dando filhos á burguezia republicana e aos votos do Senado. Ahi tens porque a França é em oiro o paiz mais rico do mundo.

BAIRROS DO SENA

Ante os *panneaux* patuscos arrotei aos versos e á ginginha da rua de Santo Antão:

> É mais facil com uma mão
> Dez estrellas agarrar.
> ....

A beberagem verde passou-me nos gorgomilos como um archote em lavaredas; mas entesei-me, e dei estalos de goso com lingua babosa.

Ao jantar cahimos na resaca d'um *Bouillon*. Por patriotismo pedi *Hachis portugais*, e *Gigôt à la portugaise*, marcados quaes acepipes longinquos com um preço taludo. De paladar portuguez afinal só me souberam a salgado.

Calámo-nos. O official da marinha sacarrolhava uma cerveja. Josine, dentro do espirito da raça, brincava com o diamante do meu berloque d'oiro.

(Continúa.)

AQUILINO RIBEIRO.

Companhia dramatica... ingleza

A ALFREDO CARVALHO

VERÃO de 1889! Dezenove annos já passados!

O verão foi sempre o *terror* dos actores.

Terminada a epocha normal dos theatros, o espectro do verão, apparece-lhes terrivel, medonho, fatal!

E note-se que n'aquelle tempo os contractos eram de nove mezes, sendo portanto o verão de tres. Hoje, o verão, é de cinco mezes, e os contractos, de sete!

Não se pode dizer que caminhemos na razão directa das *massas*, mas sim, na inversa do quadrado das distancias... dos contractos!

A formiga trabalha afadigadamente de verão para *armazenar* os seus comestiveis para o inverno. Nós, os actores, ao contrario, trabalhamos sete mezes, para *empenhar* nos outros cinco de pôdre *calmaria* theatral. E sabendo-se que o final dos nossos contractos é em maio, mez de pagamento da renda da casa, e o começo dos mesmos em novembro, segue-se que o segundo semestre da renda, é pago antes de se receber o primeiro ordenado, que só nos apparece no dia 1 de dezembro, data em que para os *lusitanos* chegou o dia da *restauração*.

Tinha eu terminado a minha epocha de inverno no theatro de D. Maria, empreza Rosas & Brazão, quando o Alfredo Carvalho, que n'esse anno tinha creado com um successo louco, o Lucas do *Tim-Tim*, me apparece convidando-me para fazer parte de uma *companhia ingleza!...*

Desvendemos este segredo de *argot* theatral.

Em geral, é considerado attributo do inglez, a riqueza. Ora as companhias de provincia são quasi sempre formadas com difficuldades e luctas monetarias. Ou cada socio entra com a sua parte, que regula no maximo, por dois ou tres mil réis, ou um dos collegas adianta uns dinheiros indispensaveis para os transportes para a primeira localidade, na esperança alegre de que a primeira recita cubra as despezas e o *bando* lá marcha confiante na sua sorte.

Como se vê, não se náda em riqueza, bem pelo contrario, e, por consequencia, o qualificativo *ingleza*, é por antonomia, o symbolo de *pobresa*.

Eis a origem do titulo — *companhia ingleza* — que pertence a Alfredo Carvalho.

A *companhia ingleza* de que ora se trata, sob a direcção d'aquelle estimado actor, compunha-se dos seguintes artistas: Laura Godinho, Encarnação Reis, Luiza d'Oliveira, Claudina Martins, pelo que toca á parte feminina, e de Caetano Reis, Pereira d'Almeida, Alfredo Santos, Carlos Santos, João Pereira (ponto), o director, e o signatario

d'estas linhas, no tocante ao sexo feio e forte.

O repertorio era de variado paladar e de bastantes aperitivos: *Os engeitados, Grande Galeoto, Receita dos Lacedemonios, Medicos, Ditoso fado, Ao calçar das luvas, Roca de Hercules, Maldita carta,* e varias cançonetas, poesias e monologos.

Bello e succulento *archivo* de *companhia ingleza!*

Os socios, na totalidade de onze, entraram com a sua quota parte para as despesas de viagem, orçadas em vinte e quatro mil réis, quantia préviamente calculada, para nos conduzir a Santiago do Cacem, formosa e hospitaleira villa do Meio-dia da Extremadura e inicio da nossa excursão.

A viagem de Lisboa até ali, era por *étapes,* como agora se diz.

No vapor das sete da manhã, de Lisboa ao Barreiro, d'aqui ao Poceirão em comboio, do Poceirão a Alcacer do Sal em diligencia, atravessava-se o Sado em lancha, tomava-se um carro alemtejano do lado de Grandola que nos conduzia até esta villa; aqui, tinhamos uma demora de duas horas, para descanço do gado e alimento do estomago na venda do Frade e chegava-se depois a Santiago do Cacem, pelas dez horas da noite do *proprio dia da partida.* Isto ha dezenove annos!

Hoje, o progresso indigena modificou sensivelmente esta fatigante viagem e no Poceirão ha uma carreira de automoveis que nos leva a Santiago do Cacem com a velocidade do... *relampago!* Parte-se do Poceirão ás nove da manhã e chega-se áquella villa no *dia seguinte* ás quatro da madrugada, depois de se terem passado tres ou quatro horas na estrada, á espera que se concerte um *pneu* furado ou uma camara d'ar rebentada.

Oh! abençoado progresso!

ALFREDO CARVALHO

Emfim, lá vamos em carro alemtejano a caminho de Santiago do Cacem, os doze, pois que aggregado ao grupo artistico ia o pae de uma das actrizes, calligrapho distincto, ha annos já fallecido.

Doze *almas,* n'um carro alemtejano, aos solavancos, estrada fóra, pois que os *corpos* já se confundiam de amarfanhados, doridos, pisados mutua e reciprocamente pelos parceiros.

O estado de desespero era tal, que o Pereira (ponto), o Pereira (loiro) do Gymnasio, que soffria de rheumatismo, a meio da viagem dizia: — «Se encontrarem por ahi as minhas pernas, dêem-m'as para cá!»

Aportámos a Santiago, hospedámo-nos no Hotel Rocha, á entrada da villa, e eis-nos no Theatro Harmonia, desenvolvendo a nossa *actividade artistica,* ensaiando, representando, fazendo cartazes á mão, pregando-os nas esquinas, etc.

Os cartazes eram feitos a pincel de penna de pato e com tinta de escrever, em folhas de papel de côr de dez réis cada folha, e alta noite o Pereira d'Almeida, o Alfredo Santos e eu, iamos collocal-os nas paredes. — «Tres, para collarem cartazes?!» — «Sim, senhor!» — O Pereira d'Almeida levava o cartaz, o Alfredo Santos a escada, e eu a lata da massa e a brocha. Oh! a divisão do trabalho é um dos grandes principios de economia politica!

Uma nota n'este instante se me apresenta e não devo deixar de a referir. O pae da actriz, que ia em villegiatura, abriu na terra *Curso de Calligraphia* a nove mil réis a duzia de lições!

Ao cabo de vinte dias, exgottado todo o repertorio, cansado e exhausto o publico de *não ir* ao theatro, reuniu *conclave artistico* e grande foi a resolução tomada! Darmos duas recitas de despedida, uma com um es-

pectaculo variado e de *retalhos*, outra com o *Grande Galeoto*, peça que tinha feito um successo louco n'uma *casa* de oito mil reis e partirmos para o Algarve.

O espectaculo variado constou de: *Ao calçar das luvas*, *Roca de Hercules*, comedias em um acto, d'um *grandioso intermedio* e da *Maldita carta*, farça, a *fechar* espectaculo.

O intermedio merece referencia especial. Era assim composto:

A orfã — poesia por Pereira d'Almeida.

Sim!!! — cançoneta por Laura Godinho.

A pulga — monologo por Antonio Pinheiro.

Do outro lado — cançoneta por Alfredo Carvalho.

O gato — monologo por Caetano Reis.

Querem comprar? — cançoneta por Encarnação Reis.

Os camarões — monologo por Antonio Pinheiro.

As farpelinhas — cançoneta por Alfredo Santos.

Esta recita assim tão bem condimentada era uma das nossas radiosas e fagueiras esperanças de *enchente*. Mas... a bilheteira fez, quinze mil réis! E para cumulo... durante o espectaculo, não houve um unico espectador que soltasse uma gargalhada, que esboçasse um sorriso! Entravamos e sahiamos de scena, sem uma palma, sem um applauso, sem um *bis!*

As cançonetas, pareciam marchas funebres; os monologos, necrologios. Entreolhávamo-nos desconfiados, espreitávamo-nos, á espera d'um *clou* n'essa noite fatidica... e nada!... *As farpelinhas* do Alfredo Santos entoaram o *requiem* final! A graça, *aviscomica*, desertára dos nossos arraiaes. E foi tal o choque do desalento recebido por todos os meus collegas, que nenhum mais ousou recitar ou cantar um dos numeros do programma citado, em toda a sua vida artistica.

LAURA GODINHO

Só eu, eu só, tenho tido a coragem de *mimosear* os meus espectadores ha dezenove annos, recitando-lhes a *Pulga!* E justo é dizer, que se n'aquella noite a recitei falho de graça, hoje tenho modificado tanto a sua recitação, tenho-lhe imprimido tal *élan*, que ainda não consegui que alguem risse hoje, como então! Já é recitar bem, graças a Deus!

Falhada a primeira despedida, pouco contando com a segunda, endividados com o hotel e com uma viagem bem dispendiosa na nossa frente, valeu-nos a bondade do Rocha que nos emprestou dinheiro para nos transportarmos até Lagos, porto de abrigo d'esta caravela desmastreada, sem bussola nem leme.

Os magros *recursos* individuaes tinham desapparecido no sorvedouro dos cigarros e da roupa lavada e engommada.

Dada a segunda e ultima despedida a Santiago de Cacem com o *Grande Galeoto* e a *Gratidão* do Caetano Reis — poesia que elle recita sempre em beneficio ou em despedida e que terminando por uma saudação ao povo da terra elle muda o nome d'esta conforme a localidade onde se encontra — eis-nos á uma hora da noite em marcha.

A caravana compunha-se de dois carros alemtejanos, sem molas, alojando cada um, seis pessoas, as trouxas dos fatos que serviram no ultimo espectaculo, duas gallinhas cosidas, dois chouriços, uma borracha de vinho e doze pães, rodando tudo isto durante treze horas, por uma tortuosa, pedregosa e esburacada estrada de segunda ordem em direcção a Garvão, estação de caminho de ferro mais proxima, para tomarmos a linha do Algarve, ha pouco inaugurada.

Antecipadamente estudáramos o infallivel itenerario e o respectivo horario.

Sahiamos de Santiago á uma da noite, chegávamos ás duas da tarde a Garvão, tomávamos o comboio ás duas e meia, estariamos em Albufeira ás oito e meia da noite, aqui, as *carrinhas* algarvias que nos conduziriam a Lagos, onde chegariamos, depois de mais de dezesete horas de viagem, ás duas da tarde d'esse mesmo dia.

Nada ha, como as coisas bem estudadas, bem calculadas, bem determinadas, para tudo dar certo!

Como diziamos, eis-nos á uma da noite a caminho. Noite humida, escura, lugubre. Envolvidos nas nossas capas e casacos, aos solavancos, aos encontrões, estrada fóra. Os carros marchavam a *passos de bois*, ora atravessando ribeiros que nos obrigavam a levantar dentro do carro para não nos encharcármos, ora fazendo-nos bater com as cabeças nos tejadilhos de canna, devido á *suavidade* e á *doçura* do rodado.

CONCEIÇÃO REIS

O boieiro, sentado ora no varal, ora na canga, dormia ou cantava conforme a confiança da marcha. E n'aquelle estado d'alma em que não ha palavras para dizer, fazia-se silencio sepulchral dentro do carro, silencio cortado de quando em vez, pelo riscar de um phosphoro para accender um cigarro, e por vezes pelo latido longiquo dos lobos, cujo som terrificante chegava até nós.

Luziu a manhã e inteiriçados de frio, tendo dormitado cada um de nós por subscripção, parámos ás nove horas para descançarmos, nós e os bois, coitados, que tambem n'este caso, eram *gente!* Quem diz paragem, diz almoço e para encurtar, tudo o que levávamos, gallinhas, chouriços, pães e vinho, desappareceu como por encanto n'aquelles doze estomagos famintos e sequiosos.

Repóstos em marcha, devisámos ao longe o comboio que deviamos tomar ás duas e meia da tarde e pouco depois vimol-o passar junto a nós, rapido, fumegante, entreabrindo um sorriso de desdem e de orgulho.

Primeira esperança perdida!

Deviamos estar em Garvão ás duas da tarde e chegámos ás quatro, cheios de fome, arrasados, sujos e com dois mil e quinhentos réis para onze pessôas, que era tanto o que o Alfredo Carvalho tinha em seu poder. Não falemos no dinheiro das passagens e em vinte libras que o calligrapho, pae da actriz, tinha ganho no *seu* curso, mas á *nossa* sombra e que elle trazia na *sua* bolsa de prata de dois compartimentos.

Seiscentos kilos de bagagem chegavam á mesma hora que nós eis-nos em plena estação de Garvão, qual bando de errantes ciganos!

LUIZA DE OLIVEIRA

Perdido o comboio das duas e meia da tarde, só tinhamos o da uma da noite. Que remedio!

Comida não havia e encarregado o Carlos Santos de ir procurar comestiveis, volta d'ahi a pouco com dois pequenos paios e dois pães grandes, que mais pareciam de *pasta* e de

dureza percursora dos muitos dias de fabrico.

O Carlos Santos, descobrira os paios dentro de uma casa e perguntando ao homem que n'ella habitava se os queria vender, elle objectou-lhe: — «não tem dinheiro para m'os comprar.» — «Diga quanto custa?» — «Seis tostões!»

Vinho não havia e contentámo-nos com algumas garrafas de gazosa, compradas n'uma venda ao lado da estação a setenta réis cada uma!

O chefe da estação manda-nos gentilmente collocar tres lavatorios na *gare* e todos nós, homens e senhoras, procedemos ao indispensavel *lavabo*, emquanto os paios e os pães eram divididos pelos doze apostolos, perdão, pelos doze *ciganos*, pelo Alfredo Carvalho, dizendo-lhes: — «Crescei e multiplicai-vos.» — Mas qual! Isso sim! — Encolheram e dividiram-se! — Lembro-me ainda bem. A cada um coube um *duodecimo* de paio e um *sexto* de pão.

CARLOS SANTOS

Depois de tão *lauta* refeição, estendemos capas e casacos no chão da sala de espera e servindo-nos das malas por travesseiros, repousámos e dormimos como bemaventurados, o somno dos justos. Tanto assim, que ao som *suave e harmonico* de alguns bons *ressonadores*, como o Alfredo Santos, o Pereira, o Carlos Santos e eu, as filhas do chefe, dançavam polkas e mazurkas, como até então, desde que ali estavam *degredados*, tal não acontecêra.

Avisinhava-se a hora da partida e levantado o arraial, colhiamos informações de qual a melhor estação para nos apeiarmos e tomármos rumo para Lagos. A linha estava, havia pouco tempo, aberta á exploração e depois do chefe muito telegraphar no Bréguet para as estações seguintes, indicáram-nos Albufeira, como estação de descida.

Para lá vamos, á uma da noite e ás sete da manhã apeávamo-nos em Albufeira. Mas — oh! decepção! — Nem uma *carrinha* para passageiros, nem um carro para bagagens!

Fronteira á estação, uma *venda*. Ahi informam-nos que nos deviamos ter apeado na estação anterior, — S. Bartholomeu de Messines, berço de João de Deus — onde encontrariamos todos os meios de locomoção que a nossa situação exigia.

O desanimo e a fome lavráram no acampamento e o mau humor appareceu e expandiu-se em toda a sua plenitude.

O *pae da actriz*, mostrando e batendo na bolsa de prata com as vinte libras, gritava, que ao primeiro comboio que passasse para Lisbôa, levaria a filha e uma outra actriz que lhe era *muito proxima*.

O Alfredo Carvalho agarrando-o, louco, desesperado, tresvariado, e tirando da algibeira posterior das calças um revolver, dispunha-se a fazer do calligrapho, *mouche*, se eu e o Carlos Santos não o obrigassemos a guardar o *abbadie*, não sem algum custo. Comprehendia-se!

Frustrado o crime... pensou-se em comer, pois que, desde os duodecimos de paio, nada mais tinhamos deglutido. Tinhamos ainda uns mil e quatrocentos réis e mandaram-se fazer onze ovos com tomates, visto que o *menú* da casa não marcava outra iguaria, ovos que foram *sabiamente* repartidos, tendo a acompanhal-os um decilitro de vinho a cada um e uma chicara de café... Café?... Seria?!... Não sei!... Soube-nos a *Moka* genuino... de Albufeira!

Paga a despeza restava-nos ainda uns mil e cincoenta réis, o que permittiu que

se compprassem uns tres maços de cigarros *Santa Justa* e que se dividissem pela communidade masculina.

Tragando a longos haustos o fumo dos *especiaes,* passeiavam uns, sentavam-se outros, emquanto o Pereira d'Almeida e o Carlos Santos foram a pé, a uma legua de distancia, á villa, procurar conducções.

Voltáram duas horas passadas, com um *char-á-bancs* pequeno e um carro para bagagens, porque é preciso notar-se que em excursões artisticas, as bagagens são ainda mais carinhosamente tratadas do que as nossas pessôas.

Bagagens montadas, carro a andar e no *char-á-bancs* as senhoras, o Caetano Reis como *sultão* e o adjunto das vinte libras!

Eram onze horas da manhã quando esta primeira *leva* partiu, ficando ainda seis homens que só ás duas da tarde poderiam seguir, pois que só a essa hora uma *carrinha* nos viria buscar. Assim succedeu e ás duas n'uma *carrinha* de quatro logares, lá fomos os seis, a caminho de Alcantarilha, primeira paragem, onde chegámos ás seis da tarde.

Apeámo-nos á porta da *venda* principal da localidade e indagámos o que poderiamos comer. Preciso é saber que nos restavam quinhentos e cincoenta réis, pois que o Caetano Reis tinha levado os outros quinhentos, para as *comedorias* d'elle e das senhoras que o acompanhavam!

O dono da locanda, algarvio franco e hospitaleiro, responde-nos que só tinha o seu jantar, mas que estava ao nosso dispôr, E dito isto, mandou-nos servir pela filha uma sôpa de vagens, chibato cosido e sardinhas fritas. Abençoado patricio! Nem Lucullo se banqueteou com tão delicioso manjar, nem Vatel poderia, com toda a sua sciencia culinaria, *crear* pratos mais saborosos.

Comer e não olhar a despezas foi o que succedeu e já refeitos, quando o Alfredo perguntou quanto era, entreolhámo-nos afflictos.

— «O jantar era o de nossa casa: não é nada! — O vinho é... um pataco!»

Longo suspiro soltámos a um tempo os seis e o Alfredo tomando ares de *grand-seigneur* obtemperou: — «Acceitamos tão hospitaleiro acolhimento, mas permittir-nos-ha que offertemos uma lembrança a sua gentil filha.» E comprando um lenço vistoso, na propria loja, pelo preço de tres tostões, offertámol'o em commissão á seductora pequena que tão amavelmente nos serviu á mesa e partimos com os olhos rasos de lagrimas!

ALFREDO SANTOS

E' bem certa a superstição popular de que — «lenço é apartamento». Nunca mais vi este santo varão, nem a filha que, um dia me mataram... a fome!... Se a pequena me tivesse dado cinco réis!...

Segunda paragem em Villa Nova de Portimão ás nove da noite.

Emquanto se descança damos um passeio e leva-nos o acaso junto de um *tabernaculo* onde se assavam sardinhas e chócos! Espécámos e lançamos para o Alfredo olhares ternos. Elle que era lido em Lavater, que conhecia *physiogonomonia,* percebeu logo que as nossas *expressões* eram de quem queria comer sardinhas e chócos. Como bom *pae* disse a seus *filhos:* — «Vamos lá rapazes, mas não se alarguem, olhem que só ha duzentos e dez!»

Oh! santas palavras! Entrar na loja, mandar assar sardinhas e chócos, com tinta e tudo, comel-os, regando-os com um pouco de *Fuzeta,* foi obra de momentos. Devorávamos com um sabor *exquis* esses *apetitosos* pratos e tres ou quatro duzias de sardinhas desappareceram como por encanto. Saldadas as contas com a dona da venda, restava-

nos...um vintem! A despeza tinha sido... 190 réis!

Grande *reino*, o Algarve! E como o unico representante d'essa *nacionalidade* era eu, pois que Tavira ouviu os meus primeiros vagidos, foi-me entoádo um *hossana* de louvores! E se não mandaram tocar o hymno do Algarve, foi por elle se ter perdido nas brumas da historia e na noite caliginosa dos tempos!

Alfim... ás duas da noite, a nossa *carrimpana* chegava a Lagos e apeávamo-nos á porta do Hotel Rato, á entrada da cidade, frente á bella e grandiosa bacia oceanica a que os inglezes, depois das suas celebres manobras navaes, chamam: — «a nossa bahia!»

Os seiscentos kilos de bagagem da companhia, jaziam na rua, junto á porta do hotel. O carreiro e os collegas anteriormente chegados, tinham-n'a abandonado e dormiam já a somno solto.

Os seis recemchegados, resolveram carregar com as malas e guardal-as dentro do hotel. Ajudando-se uns aos outros, foram estas conduzidas para o sotão, na altura de um segundo andar, local indicado pela *Victórinha*, uma creada leve e ladina, de puro accento lacobricense, que ria a bom rir dos fretes que estes carregadores improvisados faziam a taes horas.

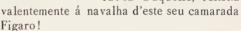
Ora á medida que cada um, tinha guardada e arrumada a sua mala, ia desapparecendo, de fórma que a minha — *um mundo* — como elles lhe chamavam, ficou só e isolada na rua, tendo por unica sentinella a minha humilda pessôa, na esperança que alguem a ajudasse a levar.

Mas qual! — Desesperado e resignado carreguei com o *mundo* ás costas e lá trepei para o sotão, maldizendo a minha triste sorte, mas abençoando-a hoje, por que me deu forças e alento para no futuro não só carregar com todas as malas que se me teem deparado nas minhas excursões, mas ainda para carregar e supportar... muitas outras coisas.

CAETANO REIS

Uma bella canja nos esperava ás tres da manhã e depois a *Victórinha* indicáva-nos o sotão com tres camas feitas no chão, onde deveriam dormir cinco dos nossos, pois que o Alfredo Santos como resonasse um pouco mais forte tinha-se arredado do nosso gremio.

Para maior commodidade unimos os colchões e n'esta grande e sumptuosa cama preparávamos os corpinhos para dormir, quando nos apparece o Alfredo Santos em trajes paradisiacos, de véla acesa na dextra, implorando-nos asylo, pois que uns importunos insectos que os zoologos classificam de hemipteros o tinham assaltado como leões esfaimados e devoradores. Lá ficamos seis... em tres colchões!

Repousámos e manhã cedo começámos a fazer a nossa *toilette* de passeio para deitar *bando*. Dinheiro em caixa... um vintem! Barbas... por fazer! Alguns barbeavam-se e barbeavam os collegas, por signal que o Pereira d'Almeida cahiu nas mãos do Carlos Santos que o *lanhava* a cada passo, pois que a barba rija e farta d'aquelle, resistia valentemente á navalha d'este seu camarada Figaro!

Cigarros... nem meia *beata!*

Como fumar?! Uma ideia luminosa e genial se apresenta. Um de nós iria comprar um masso de *Santa Justa* na venda por baixo do hotel e que pertencia ao mesmo dono, mandando, com um *grande ar*, pôr a despeza na conta. Dividia-se o masso, fumavam-se os cigarros e acabados estes, um outro collega procedia do mesmo modo e com a mesma *pose* e audacia!

E assim se fez durante os tres dias de estada em Lagos, onde démos tres espectaculos com *casas á cunha*. O Formosinho e

o Alberto d'Oliveira, gentis presidente e secretario do Theatro Gil Vicente, no dia seguinte ao primeiro espectaculo queriam entregar o seu producto liquido, mas o Alfredo Carvalho na sua qualidade de director d'esta grande *companhia ingleza,* obtemperou que não acceitava, que não precisavamos de dinheiro e que só no fim dos tres espectaculos faria as devidas contas. E dizendo isto mostrava furtivamente a carteira cheia de notas de cem mil... *ratos!*

Certo é que as tres recitas salvaram todos os prejuizos e que o nosso primeiro cuidado foi mandar telegraphicamente ao bondoso Rocha de Santiago de Cacem a nossa divida e o seu generoso emprestimo.

Estava salva uma situação angustiosa e difficil e d'ali em diante, em Portimão, em Faro, em Tavira, a sorte protegeu-nos e ganhámos cada um no final d'esta excursão o melhor de quatro libras, de quatro mil e quinhentos réis cada uma! O resto da nossa peregrinação foi então suave e ideal!

ANTONIO PINHEIRO

Em Portimão trabalhando n'uma barraca de lona e sem orchestra, em Loulé na sachristia de uma ex-capella em cujo palco o Pereira d'Almeida se afundou após uma *quéda* no *Grande Galeoto,* e em Tavira... *Tacet!*

Tavira é o meu berço natal! Tavira, a Veneza do Algarve, d'onde partira aos cinco annos e onde voltava pela primeira vez aos vinte e dois, recebia-me de braços abertos, festivamente. E tanto assim que não havendo a esse tempo hotel condigno para receber tão honrosa e digna *troupe,* hospedou-se esta n'uma loja e todos as manhãs eu, em companhia do Carlos Santos, ia ao mercado, ás compras, onde os meus patricios me levavam mais *caro...* pelas ameijoas, pelos figos e pelo atum!

Grande Paio Peres Correia! Não foi impunemente que tomaste Tavira, a antiga Balsa dos romanos, aos mouros, com os teus doze cavalleiros!

. . . .

Ha dezenove annos! Como tudo isto vae longe e distante! Uns abandonáram a arte, outros desappareceram da *scena* da vida e os que sobrevivem, quasi exgotados, recordam como eu a nossa descuidosa mocidade, a nossa despreoccupada juventude e relatam de viva voz aos novos ou traçam no papel, estas saudosas recordações de bôa camaradagem pelos vivos e de grato reconhecimento pela memoria dos mortos!

Um só... dos que já não existem, nos incommodou e nos deu amargo fel aos nossos labios, mas a esse, que não era nosso collega... paz á sua alma, á sua *pêra* e ás suas vinte *libras!*

ANTONIO PINHEIRO.

N. da R. — As photographias publicadas são coevas da excursão a que se refere o articulista.

Grandes topicos

Uma revolução na Allemanha. — Foi pacifica, mas nem por isso deixou de ser uma profunda revolução, a que ha cêrca de dois mezes se desencadeou e ainda se está operando no imperio germanico, transformando completamente o regimen politico. Provocou-a uma entrevista com o imperador, publicada n'um jornal londrino *Daily Telegraph*. N'ella, Guilherme II, com a sua habitual incontinencia de linguagem e com o proposito de attenuar a tensão das relações anglo-allemãs, e ao mesmo tempo de envenenar o entendimento entre a Inglaterra e a França, fez varias declarações sobre politica internacional, tendentes a demonstrarem que, durante a guerra anglo-boer, a França procurara habilidosamente collocar a Gran-Bretanha n'uma situação humilhante.

(Cairo Punch) (Cairo)

ALLEMANHA — *Reis do Oriente, amo-vos. Eu sou o sustentaculo do Islam.*

TURQUIA — *Deixa-nos em paz. Enganaste-nos, és uma inimiga disfarçada em amiga.*

(Refere-se á questão do Oriente, a attitude tomada pela Allemanha a favor da Austria quando esta potencia annexou a Bosnia e a Herzegovina e a Bulgaria se declarou independente).

O estratagema não só não surtiu o desejado effeito, como teve o condão de irritar a opinião publica ingleza no mais alto grau. Foi então que na Allemanha se produziu um movimento curioso e symthomatico dos tempos que vão correndo. Todos os partidos, desde o mais conservador ao mais radical, manifestaram a *una voce*, pelos seus orgãos na imprensa, que era absolutamente necessario exigir do imperador o compromisso de no futuro ser mais ponderado nas suas palavras, por fórma a não perturbar com ellas a tranquillidade da Allemanha, assim como era indispensavel, para effectivar esse compromisso, o estabelecimento de uma constituição que acabasse de vez com o poder pessoal, tornando os ministros responsaveis.

Esta unanimidade de vistas produziu, como era natural, uma profunda impressão em toda a parte. Assim, não admira que quando o chanceller principe de Bulow, n'uma audiencia que já agora ficará celebre, apresentou ao Kaiser as reclamações da opi-

ALTURA COMPARADA DE ALGUNS SOBERANOS, RAINHAS E PRINCIPES DA EUROPA

(Westminster Gazette) (Londres)

A DEPENNAÇÃO

SULTÃO *(novo estylo)* — *E' uma flagrante injustiça, exactamente quando eu me dispupunha a fazer de anjo.*

(O sultão da Turquia, acabava de ceder ás exigencias constitucionaes dos jovens turcos quando a Austria annexou a Bosnia e a Herzegovina e a Bulgaria se tornaram independente).

nião publica, este respondeu acquiescendo. E' certo que na sua resposta não se fazia referencia á questão da contribuição, mas o que é certo tambem é que esse assumpto está já sendo debatido no parlamento.

Na altura em que vae a discussão, não se podem prever os seus resultados, mas o que desde já se pode afirmar é que o poder pessoal na Allemanha passou difinitivamente á historia.

No Celeste Imperio. — Com poucas horas de differença, morreram em Pekin, no meado de novembro, o jovem imperador Konang-Siú e a velha imperatriz viuva, que era quem, afinal, ha muitos annos governava a China. Subiu ao throno um sobrinho do fallecido imperador e filho do principe Tehonen que, por aquelle contar apenas dois annos, assumiu a regencia.

Este inesperado acontecimento cria no Celeste Imperio uma situação nova e inquietante. Como se sabe, aquelle enorme paiz é constantemente agitado pelas mais diversas correntes reformistas e revolucionarias que em occasiões como a actual costumam tomar um incremento ameaçador, d'esta feita, não é crivel que os reformistas se pronunciem, porquanto, ao que se affirma, o principe regente é da sua grey. Restam, comtudo, os revolucionarios, que querem depôr a dynastia mandchú, profundamente odiada por ser estrangeira, não para a substituirem por outra, mas para um governo popular e uma constituição democratica. Além d'estes ha ainda os separatistas, que pretendem fundar a *Republica da China do Sul.*

Ora, quem ainda fazia manter alli o respeito pelas formulas tradiccionaes, era a imperatriz viuva. Morta ella e assumindo a regencia um principe liberal, é crivel que os revolucionarios não percam a occasião para tentarem um acto de energia.

Na Persia — Depois de ter promettido solemnemente restabelecer a constituição, o Schah fez annunciar ao seu povo que tinha mudado de parecer: a constituição não seria restabelecida, pelo menos por emquanto. Em presença de tão estranha attitude, os ministros da Inglaterra e da Russia em Teheron declararam terminantemente ao rei que não lhe tolerariam essa quebra de compromissos. O soberano então allegou que as suas ordens tinham sido mal interpretadas, pois em breve tencionava cumprir a promessa feita. Assim, dentro em pouco começariam as eleições para deputados ao futuro parlamento.

Succede, porém, que, depois de uma porfiada e sangrenta lucta, os revolucionarios de Tabriz e toda a região limitrophe, conseguiram vencer as forças leaes e, uma vez senhores do campo, proclamaram a republica, regimen que já ha mais de dois mezes vingára n'aquella região, sem que o Schah tenha encon-

(Pasquino) (Turim)

O KAISER — *Um desastre na fronteira, Bismarck nunca me perdoaria!*

(Nas manobras do exercito allemão, perto da fronteira franceza, o automovel do imperador Guilherme II teve um desarranjo que o obrigou a receber hospitalidade em casa de um industrial alsaciano que optara pela nacionalidade franceza, E' a crise que se refere o jornal itatiano *Pasquino.*)

trado meios de o evitar. E' mesmo esse um dos motivos porque elle não restabeleceu já a constituição no resto do paiz ainda sob o seu governo, pois calcula, e calcula bem, que logo que acabe a opressão tyrannica em que vivem, os habitantes d'essa parte do territorio persa seguirão o exemplo dos seus irmãos de Tabriz.

A defeza da Inglaterra. — Lord Robert, o generalissimo das tropas inglezas na guerra anglo-boer, lançou ultimamente em Inglaterra um grito de alarme; apesar da sua poderosa esquadra, a Gran-Bretanha não podia evitar o desembarque de tropas allemãs nos suas costas. Tornou-se, portanto, necessario organisar o exercito inglez por forma a poder fazer frente a esse inimigo. Como se calcula, semilhante declaração impressionou fortemente a opinião publica, e os intendidos convieram unanimemente em que lord Robert tinha mais ou menos razão.

Em virtude d'isso, o governo inglez vae, segundo se afirma, tentar de novo a reorganisação do exercito, mas d'esta feita por uma fórma mais ampla, augmentando os effectivos consideravelmente. Isto é o que se projecta. Resta vêr se esse plano poderá ser executado, o que é duvidoso, dadas as difficuldades com que, para reformas n'esse sentido mas muito menos importantes, a Inglaterra tem luctado.

No entanto o alarme soou por toda a Gran Bretanha e tambem em França, que deseja que a sua nova alliada possua elementos que obstem a qualquer golpe de mão.

(Humoristische Blatter) (Vienna)

O MOTIVO PORQUE GUILHERME NÃO ENTROU EM FRANÇA

FRANÇA — *Alto lá! Não entra cá em casa com essas botas.*

(Life's Pictorial Comedy) (Londres)

O IMPERADOR DA ALLEMANHA GUILHERME II

A triplice alliança. — A annexação da Bosnia e da Herzegovina trouxeram á Austria muito mais difficuldades do que o seu ministro do estrangeiro previra. Uma d'ellas, e não a de menor consideração, foi o movimento espontaneo e geral que se produziu na Italia contra a sua alliada. Em todas as camadas esse movimento tomou uma intensidade que não deixa a menor duvida ácêrca do seu alcance.

A Italia está cansada de servir a Austria e a Allemanha sem que d'esse serviço lhe venha a menor sombra de vantagem. A Italia está hoje rica, equilibrou as suas finanças, tem um commercio florescentissimo, precisa e ha-de emancipar-se da tutella que durante tantos annos tem pesado sobre ella. O que se passou no parlamento é uma prova eloquente d'este asserto.

Pensa agora a toda a pressa em reorganisar o seu exercito e a sua marinha e a collocar-se em condições de se medir com a sua inimiga tradiccional, que durante muitos annos, e graças á mão ferrea de Bismarck, não teve remedio senão considerar amiga.

A par d'esta triplice alliança que se desmorona, fala-se em que se vae crear outra constituida pela França, Inglaterra e Russia.

Os ares cada vez se entroviscam mais para o lado dos Balkans. A Servia e o Montenegro, dominados por um ardor bellicoso extraordinario, não pensam senão em guerra. A Turquia arma-se, tudo respira polvora; a menor faisca pode determinar uma conflagração geral, cujas consequencias não se podem prever.

Senhoras em evidencia

Duqueza de Palmella. — Desejando os *Serões* publicar os retratos das senhoras que em Portugal se teem distinguido pela sua benemerencia, não podiam deixar de começar pela senhora Duqueza de Palmella, cuja colossal obra de infatigavel caridade todos conhecem e admiram.

As cosinhas economicas, tão louvadas e enaltecidas, e que apparecem sempre na cabeça do ról dos seus beneficios innumeraveis, sendo tanto, são nada, comparadas aos rasgos ignorados de abnegação e dedicação pelos pobres, que teem por S. Ex.ª o mais carinhoso reconhecimento.

Que a miseria de Lisboa, que em tão nobre coração encontra piedade e allivio, possa por largo tempo recorrer á caridade das suas generosas mãos, sempre abertas para dar, são os nossos mais sinceros votos.

Hymno a D. Manuel II. — E' notavel a obra da novel compositora Amelia da Luz, cujo talento e alta inspiração se tem já evidenciado. No hymno ao Rei de Portugal, escripto com o caloroso alento das convicções sinceras, vibrante de enthusiasmo e patriotismo, ha muito que apreciar. E' um trabalho original, cheio de rasgos altaneiros como altaneiro era o sentimento em que se inspirou. Disse alguem, que costumava pensar o que dizia: «Só veja a luz do sol, trabalho aquecido ao calor do coração; esse, seja qual fôr o seu thema, terá sempre valor incontestavel.» E' o caso do novo hymno real.

De Amelia da Luz ainda ha pouco ouvimos, na festa da distribuição de premios no Conservatorio, um primoroso quarteto em sol maior que foi enthusiasticamente applaudido, e conhecemos algumas das suas composições, notaveis pela originalidade.

Na *Tarde de outomno*, em que a compositora se inspira na suave tristeza das meias tintas do crepusculo, como na *Volta do bivaque*, marcha militar, que exprime admiravelmente a satisfação do regresso ao

quartel depois de dias de fadiga, ha um cunho verdadeiramente distincto, que faz prever que Amelia da Luz conquistará bem cêdo um logar verdadeiramente notavel entre os compositores portugueses.

D. Emilia dos Santos Braga. — Occupa inquestionavelmente um dos mais distinctos logares na galeria dos pintores portugueses esta gentilissima senhora, cuja singular belleza era bem digna do proprio pincel.

Discipula de José Malhôa, adquiriu pelo seu raro talento e applicação muitas das qualidades que distinguem o grande artista.

A sua obra é já copiosa e toda reveladora de um altissimo merito.

Lady Mayor de Aldeburgh. — Este cargo, que até aqui tinha sido sempre desempenhado pelo sexo forte, é hoje exercido por mistress Garrett Anderson, doutorada em leis, o que a habilita a desempenhar o logar com uma superioridade pouco vulgar, sendo portanto a primeira vez que uma senhora occupa um emprego municipal de tanta responsabilidade em Inglaterra.

Brazileiros illustres

Dr. Miguel Calmon. — Dando o retrato do illustre brazileiro pela iniciativa do qual, como ministro da industria, a exposição do Rio de Janeiro teve o brilhante resultado que todos admiram, prestamos uma justa homenagem ao seu infatigavel zêlo e acrisolado patriotismo.

Aproveitou sabiamente S. Ex.ª esta occasião, propicia como nenhuma, para pôr em fóco as riquezas do solo brazileiro; e tão bem as evidenciou que deixou maravilhados todos os que tiveram occasião de as admirar. Conhecidas por demais eram ellas de nome, mas não ha como vêr para bem poder julgar.

Apezar da exposição ser nacional quiz o talentoso ministro, e com elle o governo brazileiro, que Portugal se associasse á sua grande manifestação industrial, organisada, como é sabido, para celebrar o centenario da abertura dos portos do Brazil ao commercio do mundo, e este facto, tão altamente lisonjeiro para nós, é d'aquelles que não devem esquecer-se e impõem a mais viva gratidão.

Melhoramentos industriaes

Alojamento n'um terraço. — A vida ao ar livre, em acampamentos, tem sido muito aconselhada pelos medicos norte-americanos como altamente proveitosa para os organismos cansados ou doentes. No Hotel Bellevue, em Philadelphia, fez-se um d'estes acampamentos no terraço, muito frequentado por hospedes com poucos meios ou que padecem de falta de ar. Armam-se e desarmam-se as barracas ali com extrema rapidez por meio de motores electricos. A mobilia é a do resto do hotel e ha um exercito de creadas que servem os encalmados clientes.

VISTA GERAL DE UM ACAMPAMENTO NO TERRAÇO DE UM HOTEL EM PHILADELPHIA

UM HOSPEDE A ALMOÇAR

Um trolley para bicyclettes. — Em Inglaterra, onde o cyclismo tem augmentado constante e extraordinariamente, ha já *fourgons* especiaes para bicyclettes. Damos a estampa d'um *trolley* destinado a conduzil-as ao *fourgon*. Como poderá notar-se vão alli perfeitamente acondicionadas, o que as garante de qualquer desastre provavel em mãos de carre-

gadores, quasi sempre descuidados com objectos alheios.

E' um melhoramento util, que seria vantajosamente adoptado entre nós, onde o uso da bicyclette cresce e se propaga todos os dias.

Invenções uteis

Novo apparelho de alarme policial. — Nas ruas do Rio de Janeiro estabeleceram-se ultimamente 580 alarmes policiaes que constituem uma perfeita novidade. Todos os habitantes podem comprar uma chave para por meio d'estes apparelhos reclamarem serviços policiaes. Ao mettel-a na fechadura solta-se uma campainha que mostra o numero na estação de policia mais proxima, n'uma tira de papel de um apparelho que registra ao mesmo tempo a hora. No mesmo momento o agente é avisado por uma campainha e uma lampada, tudo automaticamente. Verificado o numero, o agente communica-o ao posto de policia mais proximo por meio de uma engenhosa machina que permitte a collocação de todos os numeros desde 1 até 1:000. Ha 40 postos com seis homens cada um. Apenas se dá o alarme, esses homens correm ao local indicado.

Toda esta operação dura tão pouco que a policia pode acudir dentro de dois minutos.

Vida artistica

Medalha D. Manuel II. — O conhecido francez Tony Szimaï, teve a gentilissima idéa de executar nas famosas officinas do boulevard Malesherbes uma artistica medalha commemorando a coroação do Rei de Portugal.

Reproduzindo aqui o anverso e reverso de tão primoroso trabalho não podemos furtar-nos a louvar o artista pelo seu talento e arte.

Modas

Os ultimos figurinos lançados pelas melhores casas glezas é francezas são originalissimos, mas conserm um caracter vago é indiciso que não deixa prever o que seja positivamente a moda no anno de 1909. Comtudo alguns figurinos ha que terão sem duvida exito por serem incontestavelmente bellos, taes são pelo seu raro bom gosto e originalidade os modelos de Cauet Sœurs, Agnès, e, ainda mais, os

VESTIDO DE SEDA, POR BEER

de Bourniche cuja escolhida e bem achada elegancia não exclue nunca a distincção.

Os vestidos *Androgyne*, creados por Morn-Blossier, que teem dado que fallar, por desenharem as pernas no movimento de andar, se vingarem em Paris, do que duvidamos, não encontram certamente aqui uma unica senhora que os vista. A mulher portugueza é essencialmente recatada e desadora todas as modas que não sejam verdadeiramente senhoris; e esta indubitavelmente não o é. Tencionam os *Serões*, dar sempre um figurino unico, mas verdadeiro modelo de elegancia, novidade e distincção. Começamos, visto estarmos na época das festas, por um notavel modelo d'um trajo de noute confeccionado por Beer.

Seria lindissimo executado assim: o forro de setim branco coberto por tulle preto com as rosas e folhagem que o enfeitam bordadas a froco com as côres naturaes; o velludo da cauda e o que guarnece o collete, preto tambem, ou então com a pequena variante das flôres serem artificiaes e o tulle palhetado a vidrilhos, prata ou ouro, o que não será menos feio. A guarnição de pedras que o prende aos hombros ficaria optimamente de rubins ou brilhantes, mas parece-nos n'este caso, que os rubins, escolhendo as rosas da sua côr mais natural, seriam muito preferiveis.

O penteado do nosso modelo é tambem cheio de simplicidade e bom gosto, no que convem reparar, visto que as novas creações dos melhores cabelleireiros de senhoras, deixam muito a desejar este anno em belleza e elegancia.

Receitas

Desinfecção de livros. — E' sabido como os livros são vehiculos frequentes de doenças. É por isso interessante conhecer o methodo preconisado pelo Dr. Lucas Championnière e por elle apresentado á Academia de Medicina de Paris. Expõem-se os livros durante duas horas á temperatura de 90º a 95º cent. n'um esterilisador, no qual se vaporisa um liquido gerando aldehyde formico e ethylico. Assim se destruiram germens em grandes volumes de mais de 1:000 paginas, manchados de pus e de outras immundicies. Não houve deterioração do papel nem da encadernação. Quando esta é mais rica, pode proteger-se com uma capa de panno ou papel filtro. Nem os velhos alfarrabios soffreram prejuizo algum.

Monumento a Pinheiro Chagas

Com extraordinaria concorrencia inaugurou-se em novembro o monumento ao insigne escriptor, jornalista, parlamentar e dramaturgo, Manuel Pinheiro Chagas. Essa obra, devido á tenacidade do director e proprietario da *Mala da Europa*, José de Mello, é concebida e executada pelo illustre esculptor Costa Motta, vem pagar uma divida de gratidão do paiz ao seu eminente morto.

A população de Lisboa assim o reconheceu, pois nem regateou a sua presença na festa da inauguração, nem elogios a quem tomou a iniciativa do monumento.

As grandes invenções navaes

O NOVO NAVIO ALLEMÃO «VULCAN», DESTINADO A LEVANTAR E A CONCERTAR SUBMARINOS (VISTO DE PERFIL)

O NOVO NAVIO ALLEMÃO «VULCAN» (VISTO DE FRENTE)

UM MEIO SUGGESTIVO DE PÔR A FLUCTUAR UM NAVIO AFUNDADO

Theatros

S. Carlos. — Como estava annunciada, realisou-se em 14 de novembro a abertura do nosso theatro lyrico com a companhia franceza, cujo elenco tinha com justa razão despertado alto interesse no publico que frequenta aquella sala de espectaculos.

Das tres operas cantadas em novembro — *Manon, Werther,* e *Lakmé* —, foi inquestionavelmente a primeira a que mais agradou.

Marguerite Carré, a celebre artista franceza, interpretou admiravelmente o principal papel da notavel obra de Massenet, colhendo os mais fartos e calorosos applausos na *gavote* do *Cours la Reine* e na dilacerante scena da morte.

O tenor Jean Godart e o barytono Viaud, mantiveram-se á altura dos creditos de que vinham precedidos, cantando bem e mostrando-se optimos actores.

Mademoiselle Demellier agradou tambem no *Werther*.

O *Chemineau* obteve um exito ruidoso e merecido.

D. Maria. — Durante o mez de novembro deu-nos a empreza duas peças novas — *Os Forchambault,* de Augier, cuidadosamente traduzida pelo sr. José Sarmento, e *Beijos por Lagrimas,* original do sr. Faustino da Fonseca. Ambas foram muito applaudidas não só pelo seu entrecho, como pelo desempenho que os artistas do Normal souberam dar-lhes.

A segunda sobretudo cahiu immensamente no agrado do publico, que muito se commoveu nas scenas intensamente dramaticas d'este bello drama historico.

D. Amelia. — No D. Amelia, depois das representações de peças já conhecidas e apreciadas, como *D. Cezar, Menino Ambrozio* e *Raffles,* (gatuno amador), tivemos a deliciosa peça — *O Ladrão,* de Henrique Bernstein, primorosa traducção do sr. Eduardo de Noronha, em que o notavel escriptor francez nos dá uma curiosa analyse d'um caracter de mulher que, apaixonada pelo marido, rouba para comprar atavios e arrebiques. O difficil desempenho dos princi-

paes personagens d'esta empolgante peça, que conserva o espectador n'uma constante tensão nervosa, foi confiado a Angela Pinto e Augusto Rosa. Tanto basta para se adquirir a certeza do seu completo exito.

A nossa gravura representa Augusto Rosa n'uma das principaes scenas do 3.º acto.

Retirada esta peça para continuação do programma theatral d'este inverno, foi posta em scena *Mademoiselle Josette, ma femme,* que o sr. Mello Barreto traduziu graciosamente sob o titulo de *Minha mulher, noiva d'outro.* Palmyra Bastos salientou-se, como sempre, no papel da protogonista, e Augusto Rosa foi primoroso. A comedia, sendo muito engraçada, tem o seu tanto ou quanto de inverosimil, mas como agrada...

Trindade. — Como já temos dito em outros numeros dos *Serões,* a empreza d'este theatro abalançou-se a fazer cantar opera em portuguez, reunindo para isso os elementos que melhor pudessem satisfazer os seus desejos.

Com a mais viva sympathia foi esta tentativa acolhida pelo publico, que alli tem concorrido a applaudir o *Barbeiro de Sevilha* e a *Bohemia,* e se prepara para em breve ouvir a *Carmen,* além da nova peça de Augusto Machado e Henrique Lopes de Mendonça.

Gymnasio. — *Os noivos de Venus,* original dos srs. Arthur Cohen e Pedro d'Almeida, foi a peça que representada pela primeira vez na festa artistica da actriz Jesuina, mais applaudida tem sido pelo publico.

E' uma comedia que desperta a gargalhada pelo comico das situações e pelos bons ditos que a realçam, sem phrases escabrosas, tão do gosto das platéas pouco escrupulosas. Em eguaes circumstancias está a *Quarta feira de cinza.*

Principe Real. — No Principe Real além de varias repetições houve as *primeiras* dos *Mysterios do convento,* drama original do fallecido escriptor Navarro de Andrade, que agradou, e *A filha do policia,* drama de Gustavo Morot, traduzido por Gaspar da Silva. A peça não é perfeita, mas o desempenho foi excellente e conseguiu captivar o publico.

Avenida. — Tem feito carreira n'este theatro *A viagem da noiva.* Todas as noites um numeroso publico alli se reune a applaudir os seus interpretes, que se esmeram em apresentar um trabalho correcto.

Cremos por isso que se conservará longo tempo no cartaz.

Colyseu dos Recreios. — O sr. commendador Antonio Santos, intelligente e generoso emprezario do elegante circo, tem de ha muito firmado os seus creditos de bom organisador de espectaculos. Este anno reuniu verdadeiras celebridades, que lhe tem valido boas enchentes.

Os trabalhos da Real Troupe Japoneza Riogoku, verdadeiramente prodigiosos, de mademoiselle Nenima, na adivinhação de pensamentos, as attitudes plasticas de Carmen de Villers, as graças de Little Walter, e tantos outros numeros de effeito, teem attrahido alli numerosa concorrencia.

THEATRO «D. AMELIA. — O TERCEIRO ACTO DO «LADRÃO»

Necrologia

Victorien Sardou. — Causou viva impressão em todo o mundo culto a morte do grande dramaturgo francez, cuja obra immortal apaixonou tão vivamente o publico, que muitas das dissensões, a que deram causa as suas peças, ficarão em todo o tempo celebres na memoria dos seus apreciadores.

A vida, tão rude e espinhosa nos seus principios, reservava-lhe no final, além da fortnna, o apogeu da gloria.

A individualidade de Sardou, a sua tenaz energia em vencer quantos obstaculos lhe impeceram o caminho, tudo que uma lucta gigantesca tem de esforço, parece ter-se-lhe traduzido na voluntariosa expressão

do rosto. Poucas physionomias nos dão tão completamente a medida do valor e da intellectualidade de alguem.

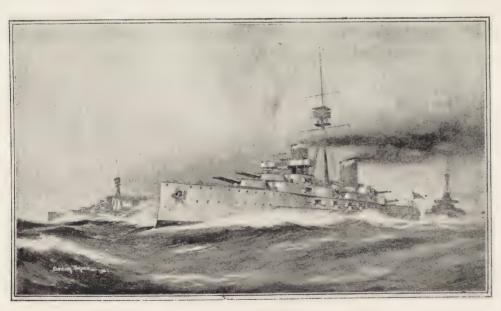
A sua obra é tão familiar em todas as nações como na propria França. Tanto como historiador, como dramaturgo ou romancista o que se poderia dizer d'elle está já admiravelmente dito. O que nos resta apenas dizer é que em Portugal a sua morte foi tão intensamente sentida como o seria a d'um compatriota de egual envergadura.

Natureza improductiva

A ilha de Paschoa. — E' no oceano Pacifico esta curiosa ilha que tem por unicos habitantes, colossaes estatuas de pedra, que lembram as esphinges do Egypto e são talvez suas contemporaneas. A esterilidade do solo, onde não nasce uma planta, dá-lhe um aspecto tristissimo de desolação e morte.

Marinhas de guerra

Colossos da marinha brazileira. — O *Minas Geraes* e o *Rio de Janeiro*, que se estão construindo em Elswick, e o *S. Paulo* em Barrow, serão, depois de promptos, os navios de guerra mais poderosos do mundo. O seu deslocamento normal é 19:000 toneladas, e o armamento consiste em doze peças de 12 pollegadas e vinte e duas de 4,7, dispostas por fórma que oito das peças de 12 pollegadas podem fazer fogo para a prôa ou para ré, e dar para cada um dos bordos. A velocidade será de 21 milhas, obtido por machinas reciprocantes de 24,500 cavallos. Correram varios boatos de que estes poderosos couraçados, embora construidos para o Brazil, eram destinados ao Japão ou seriam eventualmente adquiridos pelo Almirantado Britannico.

O governo brazileiro fez porém constar, por intermedio das suas legações, que o seu paiz não tenciona alienar esses navios

O «MINAS GERAES»

FESTA DO «SECULO» — UM ASPECTO DA PRAÇA DO CAMPO PEQUENO

FESTA DO «SECULO» — UM GRUPO DE SENHORAS CYCLISTAS

Bibliographia

Rimas. — N'uma elegantissima edição dá-nos Antonio Sergio poesia attrahente e naturalmente melancolica. Segundo a evolução dos ultimos tempos, o auctor, inspirado na natureza, d'ella tira imagens que farte a encantar o espirito, affagando-nos o ouvido e o coração.

Entendeu, e a nosso vêr muitissimo bem, o poeta que as regras não são para desprezar e o seu livro, seguindo na parte ideal a nova escola, conserva-se sujeito a todos os preceitos e regras da arte: é este sem duvida um dos seus principaes encantos.

Il pensieroso, A juventude, Mais uma dôr que vem como serpente, e muitas outras composições, são joias litterarias de incontestavel preço. Damos o formoso soneto *O Pacifico*, como amostra do muito que vale o livro:

O Oceano em seu esplendôr, desdobra a vaga rude
N'uma brava, tenaz, indómita corrida
E o vento leva ao largo a grande voz dorida
Do rouquenho troar com que na rocha explude.

Quem pode imaginar, na funda quietude
Que mágica, infinita e deslumbrante vida,
Que vertigem de côr e forma traz sumida
Do transparente abismo a eterna juventude!

Agora, muito brando, immensamente calmo,
Sobre o divino mar, virgem, soberbo e almo,
Cae o clarão do sol como um fulgor de gloria...

Mas eis que um estremeção percorre o vasto leito:
Grácil, branca, a sorrir, da bôca azul do estreito
Surge a primeira nau: — chamava-se a «Victoria».

Suprema dôr, por *José Augusto Correia.* — E' um interessante voluminho de 275 paginas no qual, em primoroso estylo, o seu auctor exalça o sacrificio da paixão ao dever, aproveitando a occasião para demonstrações philosophicas de subido alcance.

Profundamente lyrico, podia chamar-se-lhe poesia em prosa.

Na obra de J. A. Correia, não podemos deixar de apreciar vivamente, além da constante elevação dos pensamentos, uma singular e gentil fórma de os expôr.

Livro para lêr meditando, e acreditar o nome que o firma, se elle de tal carecesse.

Os acontecimentos de dezembro

A festa do «Seculo». — Realisou-se em 6 de dezembro, na praça do Campo Pequeno, a distribuição de premios ás creanças do concurso de robustez e belleza, organisado pelo *Seculo*.

A festa, cujo programma era verdadeiramente attrahente, levou alli milhares de pessoas no desejo de admirar os pequenos vencedores.

Sobresahiram, entre outros numeros do programma, as evoluções militares pelos alumnos da Real Casa Pia, e o jogo de pau por seis contendores.

A festa terminou por um cortejo triumphal que desceu a Avenida.

O sol abrilhantou com os seus raios a festa das creanças, que deixou grata e duradoura impressão na memoria de tantas que a ella assistiram.

Viagem regia. — Em visita official ás terras do paiz, sahiu de Lisboa pela primeira vez Sua Magestade El-Rei D. Manuel em 8 de novembro, regressando a esta cidade no dia 4 de dezembro. Durante este lapso de tempo estabeleceu Sua Magestade residencia no Palacio das Carrancas, no Porto, que, sendo depois da capital a cidade mais importante da nação, tinha direito á primazia da visita e a abrigar dentro dos seus muros tão justamente celebres na nossa historia constitucional, o chefe do Estado.

Honrando as suas fidalgas tradições de hospitalidade, esmerou-se a *Invicta Cidade* em receber o regio

REGRESSO DE EL-REI A LISBOA

hospede, podendo dizer-se sem exagero que, em todo o tempo que El-Rei alli se demorou, o enthusiasmo dos portuenses não arrefeceu, e o soberano foi continuamente acclamado pela multidão que pressurosamente accorria a todos os pontos onde era certa a presença de Sua Magestade.

A rainha senhora D. Amelia, que foi passar com El-Rei o dia do seu anniversario natalicio, foi, como seu augusto filho, carinhosamente recebida.

Em todas as visitas, como nas festas, organisadas em sua honra e a que assistiu, recebeu o sr. D. Manuel vivas provas de sympathia e de carinhoso affecto, que muito gratas devem ter sido ao seu provado coração.

Do Porto sahiu El-Rei a visitar as seguintes cidades, demorando-se um dia em cada uma d'elas: Braga em 4 de novembro; Vianna do Castello em 17; Coimbra em 20; Santo Thyrso em 25; Aveiro em 27; Guimarães em 29, e Barcellos em 2 de dezembro.

Em toda a parte teve El-Rei as mais enthusiasticas recepções, parecendo que as populações disputavam a primazia nas acclamações e festejos com que demonstravam os seus sentimentos de affecto e dedicação pelo monarcha.

SERÕES

LIVROS, REVISTAS E JORNAES

RECEBEMOS E AGRADECEMOS:

Trepadeiras — Um sentido livro de versos de João de Saldanha Oliveira e Souza, cheio de fogo, de sentimento e de paixão, que não exclue a inspirada delicadêza que todo o poeta deve ter. Agradecemos o exemplar recebido.

O Jornal dos Pequeninos — Praça do Bocage — 114 e 116 — *Setubal*.

Contos e Fabulas — *Publicação dedicada as creanças* — Redação: Praça do Bocage, 114 e 116, Setubal, e deposito em Lisboa, Livraria Ferreira, Rua do Ouro, 132 e 138.

Illustração Popular — *Semanario de vulgarisação que se publica aos domingos* — Redação e Administração, Rua de Passos Manoel, 21, 1.º

Sociedade promotora de Asylos, Creches e Escolas — Relatorio, contas e parecer do Conselho Fiscal, e o discurso proferido pela sr.ª D. Anna de Castro Osorio na sessão de 19 de março ultimo.

SERÕES

A empreza dos **Serões,** grata ao carinhoso acolhimento que o publico lhe tem dispensado quer em Portugal quer no Brazil, vae introduzir-lhe, a contar do proximo mez de janeiro, importantes modificações, afim de que esta magnifica revista corresponda em todos os pontos á sua missão.

A parte litteraria continuará a ser esmerada como até aqui e desenvolverá largamente a representação photographica dos acontecimentos mais importantes que se derem tanto no paiz e Brazil, como no estrangeiro.

Conterá com o maior desenvolvimento possivel e profusamente illustrados, artigos sobre viagens, sciencia, litteratura, arte, sobre o progresso da industria e do commercio, contos, poesias, romances dos melhores auctores nacionaes e estrangeiros, etc.

Terá as suas paginas sempre abertas tanto ás pennas já consagradas como aos **novos escriptores** que se evidenciem pelos seus meritos e pelo seu trabalho.

Será um defensor estrénuo dos interesses commerciaes e industriaes publicando gravuras e descripções, de quantos inventos e conhecimentos sejam uteis para a sua propaganda e alargamento de transacções.

Inserirá uma resenha bibliographica dos principaes livros publicados em Portugal, no Brazil, Hespanha, França, Italia, Inglaterra, Allemanha e America do Norte.

Dará uma pagina musical, incluida no texto, das operas, operetas, operas comicas, de compositores portuguezes que tenham obtido maior exito nos theatros, concertos, etc., a par das melhores estrangeiras modernas ou classicas.

Tendo provado a experiencia que a folha solta dos moldes e das modas se extravia frequentemente, pelo que a administração tem recebido multiplicadas e repetidas reclamações, os **Serões** publicarão no texto uma pagina artistica sobre quaesquer novidades que interessem ás senhoras com um artigo explicativo em que se faça a historia d'essa novidade, o que determinou o seu apparecimento, a vantagem ou desvantagem do seu uso, n'uma palavra a critica feita por uma das nossas collaboradoras.

Organisará uma galeria tão completa quanto possivel de senhoras portuguezas e brazileiras que pela sua elegancia, benemerencia, caridade, dotes de espirito, posição e virtudes sejam notaveis.

Muitas outras vantagens de ordem material e espiritual proporcionará aos seus leitores e assignantes, avultando entre essas um

BONUS

aos nossos assignantes e aos que se inscrevam por periodo não inferior a um semestre e que desejem completar o mais bello **magazine** portuguez — **Serões** —, desde o seu inicio, podendo adquirir um volume ou todos os dez publicados com um abatimento de 50 % do seu custo real.

BRINDE

Uma viagem de Lisboa a Paris

Ida e volta em 1.ª classe

e em época determinada pelo contemplado, ou, ainda, o **seu equivalente em moeda corrente.**

Este brinde recahirá por meio do sorteio da loteria do Natal de 1909, áquelle que possuir o numero a que couber o premio maior. A elle teem direito os assignantes de um semestre, que perceberão para tal fim uma senha numerada, e os assignantes annuaes duas, senhas estas que serão opportunamente enviadas aos nossos assignantes nas circumstancias expressas.

Belleza do Rosto

Leite Antephelico ou Leite Candès

O Leite Antephelico cuja invenção data do anno 1849 deve effectivamente, as suas propriedades cosmeticas à combinação bem acertada de elementos tirados da materia medica, que reciprocamente se temperam por suas porções rigorosamente determinadas, e cuja acção não vaî alem das camadas superficiaes da pelle.

O Leite Antephelico emprega-se em loções, em dose benigna, ou estimulante, segundo as alterações que se querem prevenir ou corrigir.

MODO DE EMPREGO SEGUNDO OS CASOS

Durante o tratamento empregar o LEITE CANDÈS só sem nenhum outro cosmetico.

I. DOSE BENIGNA e AGUA DE TOUCADOR. — Vascolejar o liquido até elle fazer-se côr de leite; deitar n'um pires a quantidade d'uma colher à café, e ajuntar as seguintes quantidades de agua: 1º um a dois tantos, contra o Rosto sarabulhento e as Picadas de insectos; — 2º dois a tres tantos contra as Rugas, o Tisne do sol, Borbulhas, Espinhas, Brotoeja, Fogagem, Efflorescencias farinhentas ou furfuracêas e outras alterações accidentaes da cutis; — 3º tres a quatro tantos, como agua de toucador, para conservar a pureza, transparencia e macieza da pelle. — Embeber n'estas misturas um panninho fino, e humectar duas vezes por dias os pontos affectados. Como agua de toucador, basta uma loção, com preferencia pela manhã, meia hora antes de lavar o rosto.

II. DÓSE ESTIMULANTE, contra as SARDAS e as MANCHAS DE GRAVIDEZ. — Nos dois primeiros dias, ajuntar á pequena porção de LEITE que se deita no pires, igual quantidade de agua, e continuar esta dóse tres vezes por dia, se os effeitos abaixo descriptos principiarem a produzir-se; se não, logo no terceiro dia, emprega-se o LEITE puro e humectão se as manchas, sem esfregar, uma duas ou trez vezes *quando muito* no correr do dia (segundo a delicadeza da cutis), até que a epiderme que as cobre, passando por duas phases previstas e sempre isentas de gravidade, — 1º ardor mais ou menos vivo, — 2º leve intumescencia acompanhada de sensação tensiva, — tenha tomado uma côr cinzenta, e se desseque. Oblido este resultado, as loções só se comparão de uma parte de LEITE e tres tantos d'agua A epiderme exfolia-se, e a cutis, temporariamente vermelha, apresenta-se (depois de dez a quinze dias de tratamento) branca e fresca, livre das manchas que a embaciavão.

1849 BELLEZA DO ROSTO 1849
O LEITE ANTEPHELICO
ou Leite Candès
puro ou misturado com agua, dissipa
Sardas, Tez Crestada
Pintas-Rubras, Borbulhas
Rosto Sarabulhento e
Farinaceo, Rugas
&
conserva a cutis liza e clara.
CANDÈS, Paris — Bd St-Denis, 16

Typ. do Annuario Commercial — Praça dos Restauradores, 27

SERÕES

LIVRARIA FERREIRA
132, R. DO OURO, 138 — LISBOA

N.° 44 - Fevereiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Praça dos Restauradores, 27 — Telep. 805

Typ. do Annuario Commercial — Praça dos Restauradores, 27

Proprietaria: Livraria Ferreira — **Director litterario:** Eduardo de Noronha — **Director gerente:** Caldeira Pires — **Séde da redacção e administração:** Praça dos Restauradores, 27. — Composto e impresso na **Typographia do Annuario Commercial,** Praça dos Restauradores, 27.

Summario

A

DIRECTOR LITTERARIO
Eduardo de Noronha

Serões

ADMINISTRADOR
Caldeira Pires

Propriedade da LIVRARIA FERREIRA

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Redacção, administração, officinas de composição, impressão, photogravura e encadernação

Praça dos Restauradores, 27

LISBOA (PASSAGEM DO ANNUARIO COMMERCIAL) Telephone 805

ANNUNCIOS

A administração dos *Serões*, revista mensal de importante tiragem e larga circulação — não só em Portugal (Ilhas e Colonias), como no Brazil —, offerece nas paginas supplementares dos *Serões*, nitidamente impressas e em optimo papel, uma **Secção especial de annuncios**, que antecederá o texto de cada numero d'esta publicação, nas seguintes condições:

Por uma só inserção		Por um anno, ou sejam, 12 inserções	
1 pagina	6$000 réis	1 pagina	70$000 réis
1/2 pagina	3$500 »	1/2 pagina	40$000 »
1/4 pagina	2$000 »	1/4 pagina	20$000 »

Os clichés, quando o annuncio fôr illustrado, serão fornecidos pelo annunciante. A administração dos *Serões* encarregar-se-ha, quando o annunciante manifeste tal desejo, de mandar fazer qualquer cliché, sendo a sua importancia paga separadamente.

Pequenos annuncios: 5 linhas, em columna de 1/3 da largura de pagina, **500 réis cada inserção.**

Condições de assignatura

A assignatura dos *Serões*, é computada por trimestre, semestre ou por anno, correspondendo o seu inicio aos mezes de janeiro, abril, julho ou outubro, e o seu pagamento feito adiantadamente:

Portugal, ilhas, colonias e Hespanha....	Anno	2$200 réis
	Semestre	1$200 »
	Trimestre	600 »
Para o Brazil (moeda fraca)	Anno	12$000 »
Para outro qualquer paiz estrangeiro...	Anno	15 fr.

NUMERO AVULSO, 200 RÉIS

ADMINISTRAÇÃO DOS **Serões**

Praça dos Restauradores (Passagem do Annuario Commercial) 27

Telephone 805

LISBOA

Revista bibliographica universal

Petit manuel de l'amateur de livres, par *Albert Cim.* Paris, 1908.

Este pequeno livro de vulgarisação, é dividido nos seis seguintes capitulos: — o Papel, o Formato, a Impressão, a Encadernação, Bibliothecas e tratamento dos livros, classificação bibliographica.

Esquisses et Souvenirs, par *Jéan Moréas.* Paris, 1908.

Este volume contém diversos escriptos em prosa, do poeta que teve, ha annos, uma hora de tão apaixonada discussão, taes como: Paysagens e Sentimentos, Viagem na Grecia, Romanticos, 1898-1902, Maurice Varrès e a Attica.

La conquête minérale, par *L. de Launay.* Paris, 1908. (Da Bibliothèque de philosophie scientifique).

O programma d'este trabalho, pleno de factos e de idéas, foi o de realisar o estudo industrial, economico, social e politico da riqueza mineral na historia, e fazer a descripção do modo de extracção e de emprego dos diversos mineraes, mostrando a evolução ocorrida não só na concepção da sua propriedade e nas idéas relativas á sua valorisação, como nos seus processos de descoberta e de exploração e nas repercussões de todo o genero determinadas pela sua industria.

Curiosités de l'Histoire Naturelle, par *Henry de Varigny.* Quatrième edition. Paris, 1908.

Este volume compõe-se principalmente de extractos das obras de sabios e escriptores illustres, que se ocuparam das plantas, dos animaes, do homem, da terra e do mundo, de fórma ao mesmo tempo instructiva e recreativa. O facto de n'um curto espaço de annos esta selecta scientifica ter attingido a sua quarta edição constitue, evidentemente, o maior elogio que poderia fazer-se-lhe.

Les croyances populaires. Première série: La survie des ombres, par *Elé. Reclus.* Paris, 1908.

Este volume contém algumas das lições feitas na Universidade de Bruxellas, publicadas depois da sua morte por Paul Reclus e Maurice Hermes, auctor do interessante prefacio que os precede. O mallogrado sabio demonstra o logar importante que a religião occupa nas civilisações primitivas e acompanha a evolução, no decurso do progresso geral, das crenças e praticas magico-religiosas.

Trois années de chasse au Mozambique, par *Guilhaume Vasse.* Paris, 1908.

São historias de grandes proêzas cynegeticas em Africa, e que para nós, reunem ao interesse das narrativas do genero e ao encanto de uma illustração abundante, a curiosidade de terem como theatro de acção, as nossas colonias de Moçambique. Durante os seus tres annos de caçadas africanas, o auctor matou 498 mammiferos, 1559 aves e 49 reptis.

Le Miroir. Poèmes de *Gabriel Mourey.* Paris, 1908.

Collecção de poesias, impregnadas de uma acentuada feição pessoal, do talentoso traductor francez de Swinburne.

Poèmes, *(Aurore, La Caravane des Henres, Angoisse, Visions, Dans la nuit, Sur la Colline)* par *Archag Tchobanian.* Préface de *Pierre Quillard.* Paris, 1908.

O sr. Archag Tchobanian é um poeta armenio, que apresenta n'este livro uma traducção em francez dos seus poemas. O seu talento deve considerar-se consagrado pelo elogio que d'elle fez Anatole France.

Dix ans de coulisses, par *Madame Nancy Vernet.* Paris, 1908.

São as recordações e memorias das suas *tournées* artisticas realisadas em França e nas colonias francezas por esta actriz, que se revela tambem uma escriptora facil e espirituosa.

Nos femmes de lettres, par *Paul Flat.* Paris, 1908.

Artigos criticos sobre as escriptoras francezas Madames de Voailles, Lucie Delarne-Mardrus, Henri de Régnier, Marcelle Tinayre, Renée Viviex.

Les récits des temps révolutionnaires, par *Ernest Daudet.* Paris, 1908.

Este volume é constituido pela reunião de uma serie de capitulos interessantissimos, que contêm varias informações ineditas sobre a conspiração Coigny-Hyde de Neuville, sobre a morte de Pichegru, sobre o clero constitucional, sobre as relações do conde da Provença com Madame de Balli, sobre a correspondencia de Luiz XVIII e de Charette e sobre o captiveiro de Hoche na prisão des Carmes. Quem conhece, dós seus trabalhos anteriores, a delicada fórma litteraria e a requintada erudição historica de Ernest Daudet, pode facilmente avaliar o merito e o interesse d'este seu novo volume.

Avis. — Les titres de tous les ouvrages dont deux exemplaires auront été envoyes à la redaction des *SERÕES*, seront le sujet soit d'un compte-rendu, soit d'une mention spéciale, selon l'opportunité reconnue de la publication.

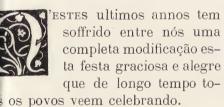
SERÕES
N.º 44—FEVEREIRO
LIVRARIA FERREIRA—EDITORA
132, RUA DO OURO, 138—LISBOA

Arthur Loureiro no seu atelier

(Veja-se o artigo *Arthur Loureiro,* a paginas 103)

A «PAVANA»

O Carnaval

'ESTES ultimos annos tem soffrido entre nós uma completa modificação esta festa graciosa e alegre que de longo tempo to- s os povos veem celebrando.

Em todo o homem existe uma ne- ssidade de expansão; ceder a ella a vez por anno não é muito.

No entanto nas sociedades moder- s, tanto mais ficticias quanto mais ltas, estes regosijos vão perdendo cunho de originalidade que cada vo lhe imprimia segundo os seus costumes, para se tornarem n'um festejo de convenção, banal e frio como tudo em que não ha enthusiasmo espontaneo. O entrudo portuguez era por certo um pouco brutal, mas era nosso; impetuoso, quente, e vivo como o sangue meridional.

Tanto bastava para agradar sobremaneira a quantos apreciam festas alegres. Hoje, que importaram o carnaval de Nice, que vestiram o nosso velho entrudo com as galas da palavra aguda, elle, perdendo a gravidade da palavra ganhou-a de facto na ac-

ção: o carnaval entre nós é triste, sensaborão, taciturno, comparado ao dos bellos dias da minha mocidade em que era genuinamente caracteristico e folgasão, definindo e accentuando os nossos defeitos e qualidades. *O entrudo agonisa. Já não ha carnaval.* São phrases ditas com satisfação por uns e repetidas com tristeza e saudade por outros. Comtudo nem agonisa nem acaba; modifica-se com o tempo.

Desde as mais remotas eras esta festa existia em todos os povos com varios nomes e sob varias fórmas.

Os Egypcios celebravam-nas em honra de Isis e do boi Apis; os hebreus tinham a festa das sortes; os gregos as bacchanaes, e os romanos as lupercaes e saturnaes. Como nos tempos actuaes, sem a hypocrisia e convencionalismo que a civilisação moderna nos trouxe, estes festejos serviam de pretexto a banquetes musica e... licença.

Os gaulezes celebravam festas analogas, cuja principal era no solsticio de inverno a colheita do visgo, tão bella e immorredoiramente cantada no primeiro acto da *Norma:*

«*Il sacro á emettera Norma verrà.*»

O CARRO DO SR. CONDE DE BURNAY NUM DOS ULTIMOS CARNAVAES

Estes usos como era natural, fundiram-se depois da conquista romana com os usos e costumes dos vencedores.

Nunca a Igreja se achou com fôrça de luctar com estas por assim dizer necessarias alegrias de desafogo e acabou por as admittir e... praticar

A época do Carnaval nos primeiros seculos do Christianismo era a mesma das festas pagãs, que começava em 25 de dezembro e durava até aos Reis, e durante ella se realisavam quatro grandes bailes nos templos, onde se commettiam as maiores e mais grosseiras profanações.

infeliz rei que n'um d'elles foi covardemente assassinado, estando mascarado de urso.

E' esta talvez a parte do antigo entrudo que subsistirá mais tempo por ser aquella que mais agrada.

Dão-se n'elles episodios interessantes e curiosos e, se d'ali sahem

UMA ESTUDANTINA

Antigamente, como hoje, houve uma deslocação ficticia de condições, uma egualdade supposta entre as varias camadas sociaes, que muito concorria, e concorre, para que esta festa seja entre todas mais apreciada pelas condições unicas, e situações verdadeiramente imprevistas que cria.

Os bailes de mascaras, ainda hoje tão queridos e apreciados do publico, tiveram a sua origem na côrte de Carlos VI de França, o insensato e

muitas vez questões e dissabores, não raros contos apimentados, aventuras graciosas e até ditos de espirito veem d'ali n'um ecco alegre até aos ouvidos das senhoras que nas suas salas os ouvem com prazer ou, quando mais enthusiastas, apreciam d'um camarote o conjuncto do quadro.

O primeiro Conde das Antas, juntava a ser um esbelto e garboso militar um voluvel galanteador muito disputado pelo bello sexo.

Apaixonava-se louca e fogosamente, mas por pouco tempo; d'aqui chóros, recriminações e vinganças das suas abandonadas.

Tendo quebrado relações com uma formosa hespanhola, mulher que mais tempo conseguira prendê-lo, soube ella que, em seguimento d'outra, o conde iria a um baile sob discreto dóminó preto. Louca de ciume, com inteiro conhecimento do caracter do homem que amava, resolveu impedir que elle se occupasse da rival.

Mandou fazer uma columna de papelão, fingindo pedra branca, e gravar-lhe a preto: *Cem leguas arredado de mim.* Foi para o baile e esperou. Logo que o infiel entrou collocou-se-lhe defronte.

O conde leu, franziu o sobrolho o passou, mas instantes depois lá estava de novo o pedestal defronte d'elle. Tantas vezes o caso se repetiu que o conde furioso, — tinha um genio muito irrascivel, — julgando ser um homem que assim o perseguia, arremetteu com elle.

O pedestal tombou, e um gentil dóminó de setim azul sahiu da sala correndo. Cedendo a furia promptamente logar á curiosidade, foi o incansavel conquistador em sua perseguição, e n'essa noite foi vencido pela astucia da hespanhola, segundo depois contou. Victorias de mulheres em corações assim, são ephemeras.

Casos como este, que depois se contam rindo, fazem a delicia dos frequentadores de bailes publicos e, como já dissemos, será esta sem duvida dentro em pouco a unica recordação do entrudo que para muita gente, era, e é, uma festa alegre e attrahente, o breve desafogo do forçado convencionalismo d'um anno inteiro, com tanta coisa a apoquentar-nos.

MANHÃ

a Isidro Nunes

Assoma o sol e morbido desata
Em catadupas d'oiro a luz radiosa;
O orvalho cae desabrochando a rosa,
Como um cordão de lagrimas de prata.

Como notas de uma harpa melodiosa,
Rolam cantando as aguas da cascata,
E chilreia, em harmonica sonáta,
A passarada estridula e formosa.

Além a fonte, qual prateada fita,
Deslisa e a viração seu canto aguça...
Longe, saltando, uma oraponga grita.

Um manto d'oiro a natureza embuça!
Em cada flôr uma illusão palpita,
Em cada fronde um coração soluça!

S. Paulo (Brazil).

ODUVALDO VIANNA.

A MATTA ADJACENTE A' EGREJA

Nossa Senhora do Monte

PENAS se dobra o Garajau e se entra na bahia do Funchal, logo a nossa vista se eleva e se compraz na admiração das montanhas verdejantes que sóbem até ás nuvens, manchadas não d'esse unico tom de bronze oxidado que define a vegetação dos tropicos, mas d'uma variedade de cambiantes que vae desde o tenro alegre dos pampanos até o verde escuro das mattas dos pinheiros. Mas não é esta, ainda a só tonalidade que affecta a nossa vista: as «quintas» e as «villas» armam o sopé das montanhas, e dos seus mirantes, debruçando-se dos altos muros gradeados, cahem ondas de lilazes, catadupas de bouganvilias vermelhas e magentas, e correm, trepando pelas fraudes das arvores, as carriolas amarellas, escarlates a azues, matizando a paisagem, e formando como uma farta grinalda a envolver a cidade que se estende dolentemente, n'um emplo amphitheatro.

O fluxo vivaz da seiva excita a natureza a uma bachanal de côr que dura um anno inteiro; juntando-se-lhe os aromas que esse vida vegetal fortemente exhala, e a luz brilhante e tepida d'este clima dôce, logo comprehenderemos as explosões de lyrismo da que padecem as pobres toutinegras doidas, a gorgear nos ramos, e que atacam até as misses louras derivando-lhe a affecção minar do peito para um achaque cordeal, bem

facil de curar pela opposição d'uns impetuosos olhos negros á sua azulada iris sonhadora.

*

O paquete entra no porto. O olhar dos passageiros passeando, extasiado, sobre a polychromia da cidade vae-se levantando até ás montanhas.

Invariavelmente, os que passam aqui pela primeira vez, logo perguntam apontando para duas torres que branquejam entre uma floresta densa: — que é aquillo ali?

— Nossa Senhora do Monte, — solicito responde um brazileiro, se o vapor é do Pará; — «The Mount Church» — affirma, solemne, um inglez, com o dedo sobre um guia, se o paquete é da Royal Mail ou da Companhia do Cabo. E, logo, os que conhecem o local contam, alegres, os episodios da sua ultima excursão até lá acima, o golpe de vista pittoresco, e o encanto da descida nos caracteristicos e rapidos trenós.

Ha alguma cousa de particular e attrahente n'aquella construcção vulgar que excita, fatal, a curiosidade d'estrangeiros, e tanto commove a alma dos nativos...

Para uns, fere-os decerto, a rara situação d'aquelles campanarios; para outros, para os nossos, ha mais a visão poetica, a ingenua e mystica suggestão da lenda da Senhora.

*

Deu-se o caso ahi pelos primeiros tempos da colonisação da ilha. Zarco havia dado aquellas terras, distantes cinco kilometros da villa do Funchal, ao nobre Gonçalo Ayres que as mandára arrotear, ordenando-lhes differentes plantios.

SITIO DA FONTE, ONDE, SEGUNDO A LENDA, APPARECEU A SENHORA

Um dos colonos tinha uma filha, um anjo de doçura e de bondade, muito nova, mas tão prudente e atilada quanto obediente ao pae e temente a Deus. Era orphã de mãe, esta pequena.

Uma vez, a creança chegou á cabana paterna com os olhos radiantes d'uma forte e intima alegria: tinha-a acariciado e beijado, álem, n'aquella parte em que as rochas dão abrigo contra a chuva e contra o

sol, uma linda Senhora, tão formosa como meiga, vestida de ricas sedas e offuscantes pedrarias. A sua mão de jaspe cofiara-lhe os louros caracoes que logo se tornaram luminosos; e a face rosada onde cariciosamente passára essa mão patricia, ficára rescendendo a aromas penetrantes e extranhos.

Falara-lhe e promettera-lhe vir ali todos os dias para vêl-a, a sós com ella, trazer-lhe bolos e beijal-a, como a mãe, outr'ora, lhe fazia...

O colono não acreditou na pequena historia da creança e logo esqueceu a transformação que lhe notára.

Mas no dia seguinte voltava a pastorinha com os cabellos mais nimbados de luz, trazendo ainda aos irmãos uns confeitos tão doces e aromaticos que ninguem poude dizer com que mel teriam sido fabricados, nem que balsamos da terra lhes perfumaria a amendoa.

O caso era na verdade singular. O pae, intimamente perturbado, quiz acompanhar a pequena, o outro dia, no seu passeio habitual. Oh, pasmo! No local em que a bella dama vinha brincar e conversar com a filha, via-se uma imagem de Virgem que era, no dizer na creança, o retrato exacto da sua

INTERIOR DA EGREJA DO MONTE

doce amiga, com o mesmo manto branco recamado d'ouro e pedras preciosas, e na cabeça o mesmo diadema vibrando, tremulo, em crispações de luz.

Era o miiagre. A imagem foi levada em charola para a capella do fidalgo, onde, por intercessão da pastora, sempre obrou prodigios nas attribulações e nos achaques; e, mais tarde, em 1470, foi ella occupar o altar-mór d'um templo para seu culto especialmente construido pelo filho mais velho do mesmo Gonçalo Ayres. Essa egreja é a que ainda hoje recebe as offerendas dos que se viram nas grandes afflicções do mundo e que á Virgem do Monte, imploraram a Graça d'uma cura, salvação d'um naufragio moral ou d'um terrivel temporal maritimo.

A ESCADARIA DA EGREJA

Sobem as amplas escadas os devotos, penitentes e romeiros, muitos, macerando os joelhos nas quinas do basalto, levando-lhe, cirios, pernas, braços, seios e cabeças de cera, quadros representando os perigos de que foram livres, piedosos documentos de tanta fé quanta dôr e amargura n'um momento conjuradas.

O arraial da Senhora do Monte que se realisa a 15 d'agosto, é de todos, na Madeira, o mais afamado, concorrido e pittoresco.

A estrada ingreme que conduz ao templo enchese de romeiros, zigueza-gueando descoordenados pelo vinho, e de tocadores fazendo, em descantes, successivas estações pelas portas das «vendas» ornadas de murta e loiro, d'onde sahem impregnando o ar, o caracteristico cheiro da noz moscada unida ao limão da «poncha» e o da moreia frita em môlho de vinagre e alhos.

Ha na tarde e noite da vespera em todo o caminho uma extraordinaria animação.

Sobre o empedramento do solo repenicam as ferraduras dos cavallos de aluguer, conduzindo caixeiros esturdios e pimpões, e batem rytmados, os contos das hastes dos mais fervorosos caminheiros que fazem a jornada a direito, sem hesitações nem paragens, só com a ideia de mais cedo ajoelhar ante a imagem d'aquella Virgem de tanta devoção (1). No ar, cruzam-se os guinchos das rabecas de pinho, polidas côr de sangue, o ramalhar das violas e «rajões», o estalar secco e pesado das castanholas de

(1) N'esta altura accommodámos a esta descripção o que ácerca da Romaria do Monte, haviamos já dito, sob uma fórma menos abstracta, no nosso conto — Dois Irmãos — que faz parte do livro *Historias Simples*.

R. G.

til, e os gritos mordentes dos camponios, descansando, ao labor nativo, o fim da phrase, na chamada constante pelos filhos e maridos que se apegam, birrentos, em longas teimas, a instar com outros pela ingestão de mais um copo. De quando em quando abrem-se alas aos gritos de — licença! — berrados pelos conductores dos carros do Monte que descem, deslisando velozmente sobre as pedras polidas de calçada. No chão, livre no meio, avança com vertiginosa rapidez um luminoso batedor: é o estirado reflexo da chamma da lanterna, passando fugitivamente na sombra do caminho como um meteoro fugaz e singular.

ADRO DA EGREJA NO DIA DA FESTA DE NOSSA SENHORA

OS ROMEIROS SUBINDO A ESCADARIA DO TEMPLO

•

Eramos ainda rapazolas, quando, n'uma d'estas vesperas do Monte seguindo um grupo de romeiros, podémos assistir a um d'esses desafios rimados que teem em cada freguezia certos e verdadeiros campeões.

N'este dia, fulgâmos, as trovas tiveram o poder d'iniciar um idyllio que deve ter dado em casamento...

Subia a ladeira uma familia da cidade, de tendeiros ou cortadores, composto d'um casal de velhotes e uma linda rapariga, levando em sua companhia um amigo ou seu visinho. Este, era um rapaz perfeito, como classifica o povo. Approximou-se d'um dos grupos dos camponios pediu a um dos tocadores a viola, que segundo o uso lhe foi cedida de bom grado, e passou-lhe os dedos adextrados a procurar a afinação.

Com o chapéu de palha deitado para traz, um lenço collocado entre o collarinho e o pescoço, deixando vêr o plastrão vermelho de xadrez verde-claro a ostentar um pedaço «d'ouro de mina»; no collete, segurando o relogio, um «grosso cordão» em duas voltas e na lapella um raminho de mangerico com tres botões de perpetuas amarellas, — o rapaz apresentava uma figura bem plan-

A EGREJA DO MONTE, VISTA DAS ANGUSTIAS

tada e insinuante, bastante plebeia, é certo, mas destacando-se com garbo da multidão de «vilões» que em torno lhe formavam roda.

— Vae uma cantiga, rapazes, que eu faço o acompanhamento.

Os dois velhos e a moça approximaram-se do muro onde se apinhavam os alegres cantadores.

— Vomecê que é da cidade, é que vae dizer primeiro.

— Vá lá uma, mas você tem de responder, disse o outro dirigindo-se ao dono da viola emquanto preludiava o «Charamba» nas cordas do instrumento.

O da cidade tossiu, e começou, espaçando os dois primeiros versos dos restantes preenchendo o intervallo que espera o canto com o «repenicado» caracteristico d'aquella moda popular:

Que lindos olhos vieram
hoje a esta romaria:
Cada dois com seu derriço
cada dois com companhia.

Esta trova foi dita sem a intensidade de voz e o barulhento dedilhar que caracterisam as maneiras de tocar e de trovar dos camponezes. Devia ter deixado no grupo dos trovadores uma mediocre impressão, pois, a força dos pulmões e o ruido instrumental são qualidades primordiaes d'estes cantares ao ar livre.

O «vilão» reptado, amparado ao bordão, redarguiu lesto dando toda a amplitude á sua voz de montanhez a procurar ferir o amor-proprio do «adversario»:

Se são lindos os do campo,
os de cá matam d'amôr:
'tou vendo uns que tir'o «fôlgo»
ao primeiro cantador.

E olhava de revez, com um sorriso de malicia para a rapariga que cosida ao muro córava até os cabellos. O rapaz ficou de garganta secca, um pouco embaraçado. Passou «rasgando» e «ponteando» na viola o intervallo exacto d'uma quadra em que recobrou alento e depois cantou:

O dono d'esta viola
faz do charamba um trovão.
Mas nam m'assusta qu'os raios
cahem-lhe ao pé do bordão.

O outro voltou-lhe logo, «restentando» o canto:

O trovão inda o mais rijo
nam é que o ha-de abrazar:
o perigo 'stá nos coriscos
que a moça tem no olhar.
E junto áquella parede
ai, Senhora Santa Barbara,
'tão elles a fuzilar.

Que de palmas e acclamações acolheram esta trova!

Tinha vencido o trovador da Calheta sendo-lhe feita uma apotheose, em que largamente entrava o vinho das borrachas.

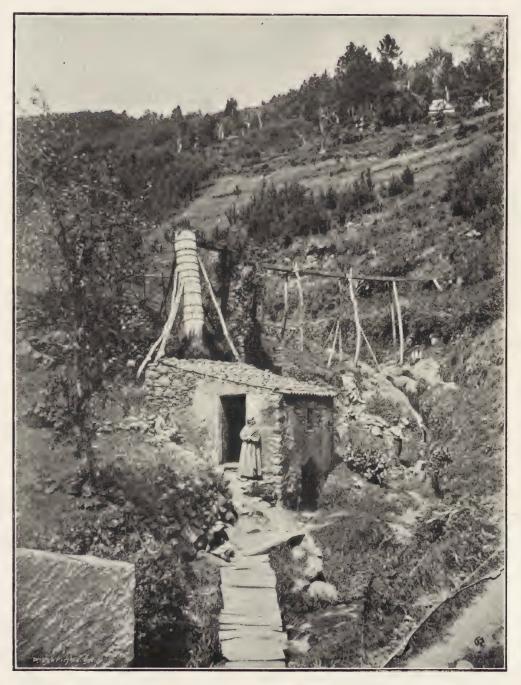
A rapariga estava pregada ao sólo, rubra como uma papoula, a desejar sumir-se.

LAVADEIRAS NO MONTE

O provocador da cidade, abanava-se com o chapéu de palha para disfarçar a «tosquia», e sem atrever-se a olhar de frente para a moça.

Aquelle embaraço a todos pareceu suspeito.

E o diacho é que os velhos ficaram assim prevenidos... Mas ou iniciassem as trovas o namoro, ou elle já existisse em disfarçado germen, o caso é que á noite na Cruz da Confeiteira já os dois se entendiam maravilhosamente pouco preoccupados com a presença dos velhotes que, recordando antigos tempos, caminhavam vermelhinhos e alegres abraçados ternamente pela cinta.

No adro, todo illuminado a vidros de côres e balões venezianos partindo d'um mastro central para outros muitos periphe-

UM TRECHO DO MONTE — OS ANTIGOS MOINHOS

ricos, tocam philarmonicas rivaes, ao desafio, sob aquelle amplo cone luminoso que ao longe semelha o tecto d'uma phantastica e iriada tenda de campanha.

No frontespicio da Egreja, nota-se a mesma alegria de luzes coloridas formando desenhos caprichosos; no alto, as duas torres desenham a suas arestas por linhas de copos

amarellos, vermelhos e azues enfileirados symetricamente.

Os innumeros mastros onde a briza da noite faz adejar, lá em cima, n'uma meia obscuridade, as bandeiras e os galhadetes, são ornamentados a louro garridamente manchado de malvas vermelhas e hortencias; os que se elevam no topo da vasta escadaria servem d'eixo a columnas d'amplos arcos de buxo, ostentando-se, erectos e soberbos, como bellos arcos triumphaes.

Os pés esmagam ramos de louro, murta e alecrim, d'onde se evola um perfume d'essencias vegetaes estonteantes que augmenta a perturbação dos espiritos já excitados pelo vinho e pelo contacto interino dos dois sexos.

N'estas romarias, a piedade é frequentemente convisinha dos estos dos sentidos perturbados.

Nos degraus, pelo adro e cercanias estão deitados, promiscuamente, rapazes e raparigas, a cabeça d'um no regaço do outro, junto aos paes ebrios ou somnolentos e das velhas mães, Argus fatigados, cerrando os olhos feridos pelo calor e pela luz e cedendo ao imperioso cansaço da viagem.

A SUBIDA DOS CARROS

O ar vibra sob a acção dos intrumentos metallicos e de corda, e dos gritos das vozes avinhadas; chocam-se os sons n'um bruhaha rytmado que, se em ultimo semblante já não é musica, conserva, comtudo, vagamente, uma certa, quadratura atravez d'um timbre musical e extranho.

Sob os castanheiros da encosta e pelas ruas do moderno parque, por entre muros de geranios e d'hortencias, e n'uma obscuridade que torna mais viva a illuminação do adro, perpassam os soldados de barrete descahido para a nuca, braço dado com os namoros recrutados entre levianas creadinhas de servir; ajuntam-se bandos de rapazes da cidade, aproveitando a falta de luz e o aperto para se metterem em perigosas aventuras com as «vilôas» tendo, por vezes, a decorativa bengala de passeio de medir-se, sem partido, com a haste bem pesada, d'urzeira e de folhado. Levantam-se tumultos, ouvem-se berros, apitos: uma onda de povo que se desloca para ali, e logo se atira para acolá como vaga batida pelo temporal, onda originada sempre nas luctas dos instinctos sob as fórmas essenciaes e primitivas.

*

Passa-se a noite entre toques, dansas e folguedos até de madrugada. Pelas sete da manhã toda aquella gente levantada e refeita em parte pelo descanso d'algumas horas, constitue novamente o arraial. O «matar do bicho» é um novo pretexto para a formação dos grupos. As borrachas de bexiga de porco secca ao sol, passam de bocca em bocca lançando em cada uma algumas goladas d'aguardente como aperitivo

O CAMINHO DE FERRO FUNICULAR E UM CARRO DO MONTE

do almoço e preparação d'ulteriores e mais fartas ingestões. Pelo chão vêem-se de borco os borrachões da vespera, dormindo pesadamente respirando com ruido sobre a poeira do caminho; outros, de ventre ao sol, cobertos de moscas, os braços estendidos, espalmados, dão-nos a impressão penosa de cadaveres abandonados n'um campo de batalha.

— Deixal-os dormir, dizem os parentes e os amigos, despreoccupadamente, com a ideia de não perturbar aquelle somno reparador das forças e humores excitados.

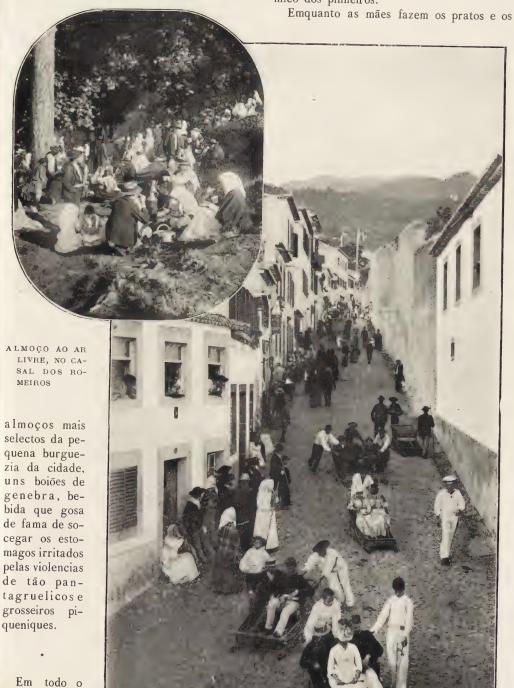
Pela Fonte, sob os castanheiros proximos, pelo adro e pelo Caminho do Curral, vão-se afinando os «rajões». As raparigas, garbosas, de tranças desalinhadas pelo folguedo das dansas, tasquinham peras passadas e castanhas arrancadas aos «rosarios» que as cingem em varias voltas e d'onde pendem as bonecas de massa, amarellas d'açafrão, galhardamente enfeitadas com pennas d'ave tingidas de verde e de magento.

Os rapazes compram ás vendedeiras ambulantes as grandes rosquilhas de centeio ingenuamente ornamentadas, que enfiam vaidosamente nas copas dos chapéus, atando outros nos bordões ao lado da cabacinha prestes a ser cheia novamente, para «passar o caminho» no regresso, lá para depois do meio-dia.

Sob os pinhaes que ladeiam as veredas, estendem-se as toalhas brancas, perfumadas d'alfazema, em cima das quaes se vão descarregando as cestas bem fornidas: carne de vinho e alhos, pão com um grãosinho d'herva doce, carne assada da vespera, azei-

tonas encebolas d'escabeche «p'ra dentinho» vinho ovo para as grandes libações, e nos generoso que provém das frituras e espetadas de carne á mixtura com o odor balsamico dos pinheiros.

Emquanto as mães fazem os pratos e os

ALMOÇO AO AR LIVRE, NO CASAL DOS ROMEIROS

O CAMINHO DO MONTE NOS DIAS DA ROMARIA

almoços mais selectos da pequena burguezia da cidade, uns boiões de genebra, bebida que gosa de fama de socegar os estomagos irritados pelas violencias de tão pantagruelicos e grosseiros piqueniques.

•

Em todo o Curral dos Romeiros se espalha um cheiro

paes com uns goles d'aguardente vão limpando a lingua saburrosa, os rapazes trocam com as moças uns olhares equivocos que lhes accendem nas faces rubores indiscretos: recordações da vespera, esperança de voltarem ali no anno seguinte já casados, ou em inteira liberdade com os derriços acabados d'arranjar na promiscuidade da grande romaria.

Este ultimo almoço ao ar livre marca o fim do arraial.

*

Os romeiros começam a descer para a cidade ou seguindo os caminhos que os levam mais curto á sua freguezia. Seguem aos grupos, volteando umas dansas nativas falhas de graça e extremamente fatigantes para os que não tenham a solida construcção dos nossos montanhezes. Atraz dos que bailam segue a musica e apoz, ainda, a gente mais velha e os pequenos, conduzindo ao hombro, enfiados n'um pau, as grandes cestas vazias.

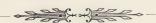
De quando em quando pára o bailado e recomeçam as trovas; e se param as dansas e descantes é para passar de bocca em bocca a borracha ou a cabaça d'aguardente.

Muitos romeiros veem, assim, a pé, em grandes ranchos; outros, voltam no comboio, e uma grande parte da gente do Funchal desce nos carros d'arrastar, n'essa vertiginosa corrida que nos dá a extranha sensação d'uma queda de grande altura, e que experimentada uma vez sempre procuramos repetir.

Pelo caes e immediações da Estrada da Cidade, fatigados, com os cabellos em desalinho, empastados de suor, assentados pela rua, vêem-se agora os grandes foliões da vespera, esperando adormentados a hora em que o barco ou o vapor costeiro os leve ás suas terras para recomeçarem no dia seguinte a rude faina da enxada, da pesca ou das pedreiras.

A lembrança de que beijaram a Virgem, ou a avistaram, ao menos, no seu altar florido, dá-lhes alento para reentrarem na vida fragosa de que a romaria foi uma deliciosa pausa.

A fadiga não lhes deu sociedade; e é já antegosando esse prazer que abrange tanto o corpo como a alma, que cada um envia, cá do mar, um olhar de despedida ao branco templo, murmurando, para si, entre uns laivos de saudade — adeus, Senhora, até ao anno...

J. Reis Gomes.

LAÇOS PARTIDOS

Vão-se os laços que á terra nos seguram
Pouco a pouco partindo ou desatando,
Hoje um mais forte, outro amanhã mais brando,
E mesmo os que mais rijos se afiguram.

Mais custa o seu quebrar quanto mais duram,
Mas mais livres tambem vamos ficando
Ao soltar-se de nós, de quando em quando,
Algum dos que prender-nos mais procuram.

E quem já longe vê no seu passado,
Dos que foram na vida companheiros,
Tanto laço partido e desatado,

Treme pelos que vão ficando inteiros,
E deseja o seu proprio ver quebrado
Antes que chegue a vez dos derradeiros.

Celestino Soares.

UM ASPECTO DO ATELIER DE ARTHUR LOUREIRO

ARTHUR LOUREIRO

O HOMEM E O ARTISTA

Quem é Arthur Loureiro — O seu temperamento — A sua obra — A sua paysagem — As suas flores.

RTHUR LOUREIRO é um homem de cabellos brancos, magro, franzino, com um sorriso de bondade que lhe fica eternamente nos labios e um olhar brando, sentimental e ingenuo que, n'um instante, nos elucida sobre as qualidades dominantes de sua alma. E, como quer que tambem seja um sincero, incapaz de simular o que não sente, essa impressão que se nos fixa nos primeiros momentos em que o vemos, basta para denunciar com precisão o caracter fundamental da sua arte. E' um poeta delicado, enternecido, nostalgico, com um grande amôr pela sua terra, por esta linda e suave terra de Portugal, com tudo o que n'ella existe de mais gracioso, de mais pittoresco, de mais proprio a captivar a ternura maguada d'um observador que seja ao mesmo tempo um emotivo e um artista. E' um enamorado eterno d'esses pequeninos trechos do nosso Minho, povoados, cantantes, com muito sol, muita côr, muitas arvores, muitas casitas brancas, retalhos de terra de perenne idyllio, onde se diria que nunca passou o açoite agreste da maldade dos homens, nem outra dôr que não fôsse o «delicioso pungir» d'uma saudade. E é simultaneamente um technico, manejando a paleta com a sciencia consummada d'um mestre, com

todo o saber, o equilibrio, o bom-senso e o bom-gosto que lhe permittem exteriorizar em irrecusaveis obras-primas os primôres da sua concepção.

De tal modo, está-se já a adivinhar o que deve ser e o que é a sua obra brilhante de paysagista: uma serie de telas onde não ha um desfallecimento de fórma, e onde os motivos lyricos se succedem, intensos e maguados, taes como a natureza os soube dar através da retina do artista. E' uma obra sem grandes vôos de generalização, sem o poder de nos transmittir uma impressão profunda de grandêsa, mas antes — não pelas dimensões, por vezes largas, mas pelo quilate da concepção, sempre restricta, — o trabalho probo, sincero, gravativo, perfeito d'um miniaturista que prefere decompôr a natureza, para apaixonadamente a admirar depois traço por traço. E é exactamente, como logica consequencia d'esses processos d'arte, derivados em linha recta de idiosyncrasia do obreiro, que entre as suas telas nos apparecem, d'onde em onde, alguns quadrositos de flores d'um tamanho poder de expressão, d'uma fidelidade tão intensa. que n'elles se nos prendem, n'um enlevo, os olhos encantados.

PRIMAVERA
(Desenho por Arthur Loureiro)

«A melodia, — disse De Senancour — se se toma esse termo em toda a extensão que elle comporta, pode resultar tanto d'uma continuidade de côres, como de uma continuidade de perfumes. A melodia pode resultar da successão bem ordenada de certas sensações, e de toda a serie dos seus effeitos, cuja propriedade seja a de excitar em nós aquillo que se usa chamar — «um sentimento.» A paysagem de Arthur Loureiro, — tão bella como ninguem ainda a soube fazer em Portugal depois de Pousão e Silva Porto, d'um desenho irreprehensivel, d'uma grande verdade de perspectiva e colorido — tem, acima de tudo, isso: a melodia. Nenhuma d'essas pequeninas telas deliciosas nos suggere um movimento de assombro ou de revolta: á satyra contundente e á epopeia grandiloqua, o artista prefere o madrigal coberto de flores. Uma paysagem sua lembra-nos por vezes um soneto d'esse grande, e quasi esquecido Antonio Nobre. E' a mesma melancolica terra de Portugal, vista pelo olhar nostalgico d'um emotivo que, tendo de viver pelo trabalho, só na realidade vive pelo coração.

PAYSAGEM DE AVEIRO
(Quadro de Manoel Lucio, discipulo de Loureiro)

A vida artistica de Arthur Loureiro — Um admiravel interprete do mar — Arthur Loureiro e D. Carlos de Bragança.

Arthur Loureiro, com o curso da Aca-

demia Portuense de Bellas Artes e a lição dos mestes francêses e italianos, foi para a Australia, onde chegou a professor d'uma das melhores escolas de Melbourne e onde passou a maior parte da sua vida. Voltou de lá apenas ha meia duzia d'annos, e voltou com a mesma ingenua fé com que partira, o mesmo religioso culto pela sua arte e o mesmo enternecido affecto pela sua patria Deus sabe com que infinita saudade o pobre artista evocou lá longe, no decorrer de tantos annos de ausencia, todo o encanto do seu Portugal distante! E com que acerba dôr elle foi comprehendendo e amando esse Oceano que o tinha distante das terras longinquas para onde o coração alado se librava nas suas horas de dôr e de saudade! Foi de tanto interrogar, de alma opressa, o mysterio das ondas, foi de tanto lhes pedir um allivio para a sua nostalgia profunda, um conforto para a sua soledade triste de extrangeiro, a essas mesmas ondas que beijavam a areia das praias de Portugal, cobriam de espuma os rochedos das suas costas e evocavam o poema colossal d'uma grandesa morta, que Arthur Loureiro adquiriu essa qualidade, destacante na sua obra, de maravilhoso interprete do mar. E como, n'esse aspecto, a sua arte é am-

PAYSAGEM DE PINHEIROS, EM AMARES
(Quadro de Arthur Loureiro)

TIGRES
(Quadro de Arthur Loureiro)

pla e grandiosa! Como a timidez de concepção, o amôr quasi feminil pelo detalhe desapparecem, e do mesmo pincel que traça um arbusto de roseira, um ramo de chrysanthemos, uma casita humilde, um caminho d'aldeia onde passa um mendigo, surge, possante dominador, sobrio e grande o *Mar agitado,* por exemplo, que eu admiro como o mais bello talvez dos seus trabalhos! Esse quadro, adquirido por um capitalista de Carreiros, maravilha pela maxima expressão e pela maxima grandêsa, alliadas a uma simplicidade extraordinaria: uns rochedos, entre flôres de espuma, sós, n'um mar de nevoa, — e faz-nos tristemente pensar na pobresa de pintores de marinha que ha na nossa arte quando parecia logico que a toda a alma de português tentasse essa fonte inexgotavel de themas tão bellos quanto commovidamente evocadores. Na moderna arte portuguêsa eu conheço apenas dois grandes artistas que souberam comprehender e reproduzir o mar, com frequencia e felicidade, na sua obra. Um é Arthur Loureiro; o outro foi D. Carlos de Bragança esse espirito eleito de precioso artista, cheio, de talento e de bomgosto, cuja existencia, a loucura politica, n'um movimento de injustiça brutal e estupida sacrificou para sempre.

No «atelier» de Arthur Loureiro — Os retratos — Uma tela notavel — O professor — Um discipulo — Um episodio interessante — A critica — Lisboa.

No seu *atelier*, escondido, entre arvores e flôres, n'um recanto quasi ignorado do Palacio de Crystal, Arthur Loureiro vae, pouco a pouco, com rara devoção, construindo uma grande obra e orientando com plena proficiencia os discipulos da sua arte. As qualidades preciosas da sua technica, como a assiduidade do seu labor e a doçura do seu caracter, fazem d'elle um mestre modelar.

Nas paredes d'essa sala de trabalho, onde no proprio desalinho de *atelier* se verifica um senso esthetico bem raro, entre paysagens primorosas e os retratos, que são mais uma brilhante manifestação dos seus recursos amplos de artista, ha trabalhos que se impõem pela afirmação eloquentissima d'uma orientação perfeita e d'uma technica admiravel. Os *Tigres*, com cuja acquisição qualquer museu do mundo se honraria, são um trabalho soberbo, grande pelas dimensões e pelo merito, em que o talento do pintor apparece, a par da prova maxima dos recursos menos vulgares da sua arte. Os *Tigres* são uma tela cheia de vigôr, d'um desenho firme, onde nem um anatomista nem um technico, por mais meticulosos, encontrariam um traço a corrigir ou uma lacuna a encher. Como peça comprovativa dos meritos de professor do artista illustre, esse quadro, que o despreso a que a gente de dinheiro tem votado entre nós a boa-arte faz apodrecer ignorado n'aquella sala obscura do Palacio portuense, é, fóra de duvida, concludente e decisivo. Como concludentes são tambem os trabalhos expostos de discipulos seus e nomeadamente d'um d'elles, o sr. Manuel Lucio, que, por fortuna, entregou aos cuidados d'um mestre primoroso, — um dos primeiros, se não o primeiro, da nossa terra — o desenvolvimento e a educação de qualidades tão brilhantes que não será exagero antevêr-lhe para breve, entre os nossos melhores, um logar d'honra.

SA DE ALBERGARIA
(Retrato por Arthur Loureiro)

Mas esse homem, possuidor de meritos tão altos que o ergueriam sem esforço, para a admiração geral em quaquer meio, tem para o facil exito da sua carreira entre nós um grave contra: é que, sendo um sincero, um sonhador, um bom, é d'uma candidez ingenua de creança. Não posso esquecer o ar de admiração, quasi de pasmo, com que elle um dia me contou que horas antes recebera uma carta, assignada por um critico dos mais cotados no reclamo indigena, em que esse homem, auctor de varios livros profundos sobre arte, lhe communicava ter sido incumbido de escrever um artigo sobre os pintores portuguêses da actualidade e lhe pedia, com o fim de conhecer a sua obra, não que lhe fixasse uma hora de visita ao *atelier* nem que lhe désse a indicação d'alguns possuidores de quadros seus, mas... que lhe remetesse photographias de quadros e uma collecção de referencias de jornaes aos seus trabalhos. Insistiu Arthur Loureiro em responder ao homem que o receberia de bom grado no seu atelier, ao tempo guarnecido com as telas destinadas a uma proxima exposição: e as suas palavras, escriptas, posso afirmá-lo, sem um leve intuito sequer de reprimenda, fizeram-no perder um excellente reclamo e conquistar talvez um inimigo.

Não é com esse feitio que se caminha, sem

preocupações, na vida artistica, quando, como entre nós, a estupidez do ambiente a considera. N'um meio onde o auctor mendiga pelas folhas o elogio das proprias obras, quando elle proprio o não escreve, em que se pagam reclamos com copos de cerveja, e o triumpho é dos audazes, com talento ás vezes, sem escrupulos sempre, — um homem que leve a sua probidade de artista ao ponto de querer probidade nos que publicamente o elogiam, ha de por força viver no meio d'um incommodo e desanimador silencio de louvores ou de censuras. Arthur Loureiro é assim, e por isso o seu nome não representa ainda, como deveria, para toda a gente, uma das mais lidimas e mais puras glorias nossas.

Lisboa, despresando os seus grandes artistas, e erguendo, por um *snobismo* que nada mais é que a mascara d'uma fundamental ignorancia, bem lamentaveis e authenticas mediocridades, é, ainda e apezar d'isso, apezar de tudo, o unico centro d'arte do paiz. E' preciso, é urgente que Lisboa conheça Arthur Loureiro, que elle ahi venha expôr os seus trabalhos, — para que, conhecendo-o e apreciando-o, a nossa cidade não mais possa allegar a derimente da ignorancia quando acaso a tenhamos de exprobar por não conceder a esse artista encantador e brilhante, o alto logar que, pelo talento, — se não é licito dizer tambem pela bondade adoravel — incontestavelmente e de ha muito tempo já, na sua estima e na sua admiração elle merece.

PAULO OSORIO.

RECUERDO

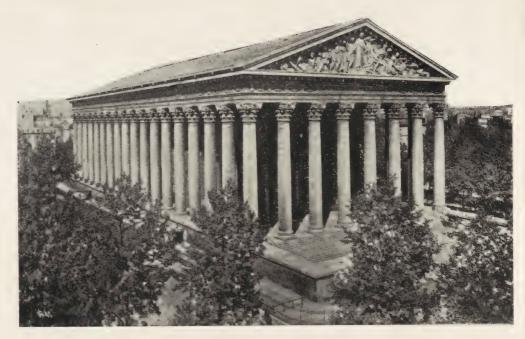
Engastada no céo, pallida, a lua
Illuminava a curva caprichosa,
Dessa estrada deserta e quasi núa,
Que percorri, por noite, silenciosa!

Algo sentia, a minha mão na tua
Roçando levemente, venturosa
Julgava-se minh'alma que inda estúa
Naquella bella noite, langurosa!

Os pyrilampos a vagar tristonhos,
Qual fogo-fatuo, a se perder no espaço,
Luziam pelas sébes em cardumes!

Phantasia, illusão, dourados sonhos!...
Aquelles que sonhei preso a teu braço,
Sentindo o doce olôr de teus perfumes!

Neteroy.

Julio Seabra.

A MAGDALENA

Paris ao espelho portuguez

(Conclusão)

Um sabio de França. — Escanhoadores. — Paris visto por um oculo. — A marcha para o Pantheon. — O incompleto na arte. — Para ronda d'amores e balada mistica. — O Sacré-cœur e o Sameiro. — Pirraças de Charbonel.

Com a secura branca do meu cartão de visita, crusou-se o bilhete de elzevir do sr. de Lavillette.

Convidava-me para o seu almoço o illustre membro da Academia, senador, cavalleiro da Legião d'honra, Torre Espada, socio honorario da Sociedade de Geographia de Londres e da Universidade theosophista Li-Ung-Tung.

Este cordel d'honras caras fustigou a chateza do meu nome como o rabo heroico d'um leão. Um cilindro não me annularia mais, passeado sobre mim.

Trepado á pyramide dos in-8.º. que correm mundo do seu «Hilodinamismo» e «Paradoxo umbilical d'Adão», os meus olhos mortaes lobrigavam-no no infinito a saltar para uma estrella.

Arreei-me bizarramente, pus um colete de phantasia comprado no boulevard, para o beija-pé do sabio. Ás minhas olheiras fundas de lilaz confiei o atestado de pensador. Tinha aldemenos este galardão d'uma noite em claro, de álerta ante o resonar de Josine. Aquelle focinhito que dava vontade de estar eternamente a morder como uma costeleta saborosa, tornava-se de noite uma tempestade. Parecia que dentro d'ella jogava a bisca uma casa de malta.

Sahi de casa á hora que os *concierges* fervem o matinal café sobre a tripode de alcool.

Na primeira barbearia chic entrei a raspar uma barba de 12 horas. O figaro acolheu-me familiarmente, em mangas de ca-

misa, ao contrario dos barbeiros de Lisboa que são uns senhores cerimoniosos e rituaes. Depois, ao passo que a lamina corria ligeira sobre os meus placidos queixos, tive a impressão de que era roçado pela vergasta d'um volante. Saudosamente as minhas bochechas evocaram a navalha alfacinha, asa de mosca leve e luxuriosa. Mas queria abonitar-me para o sr. de Lavillette, finquei os dentes como os santos martyres transidos.

Ao cabo, foi-me proposta uma fricção suave e candida que temperava o pericraneo, quebrando ao mesmo tempo a rebeldia das cerdas.

Percorri a taboada das loções, nomes barbarescos, feericos, que a Academia ha de amanhã consagrar e os meus poetas de Lisboa metter em rima coxa. Ao fundo, no setimo céu dos perfumes li regaladamente: *Lotion Portugal.*

— *Lotion Portugal, mo'sieur le coiffeur, lotion Portugal* — berrei patriotico.

Ergueu-se uma catarata de espuma na minha cabeça; ao espelho a cabelleira parecia um juncal em que tivessem brincado novilhos. Em seguida o pente correu, infiltrou-se a lavagem e o craneo ficou maviosamente quente, como se n'elle houvesse passado uma carga de estadulho, ou um rego de vitriolo.

De Lavillette saiu a receber-me ao vestibulo, entre os bronzes, com todas as honrarias desfraldadas na lapela. Não sei se o sabio contava receber algum negus de Portugal. Mal a viram, os seus olhos lamberam cupidamente a minha condecoração chinfrim. N'aquelle momento agradeci aos Soccorros a naufragos haverem-me recompensado a prosapia de ter arrancado um burgues a uma onda pelo cós das calças.

BOULEVARD MONTMARTRE

Commumgámos uma refeição parca de intelectuaes. Como pensador classico, de Lavillette arrombou dois ovos tepidos, e sorveu um gomil d'agua filtrada. O meu estomago beirão, raivosamente, reclamava presunto.

Discorremos sobre Hilodinamismo; e á universalidade dos principios de de Lavilette joguei a prosopopêa gentil de que até os garotos na minha terra assobiavam hilodinamismo.

O almoço findo, grimpámos ao belvedere do palacio.

E os meus olhos reverentemente orçaram a pontaria do telescopio, com que o sabio vigiava o rebanho dos astros e dizia ao mundo que o cometa errante e o planeta descarrilado não vinham trilhar na sua fuga doida os calos da terra.

Sob o palio fôsco do céu, o oculo traçou infinitas ondas visuaes. A casaria dilatava-se caprichosamente horizontes fóra, n'uma paleta rica de tintas desde o amarello ocre dos tijolos á negrura verde das chaminés. Semelhantes a mastros, a flexa da Notre-Dame, o zimborio dos Invalidos, a cupula do Pantheon, a azagaia disparada da torre Eiffel, emergiam. Sobre os seus cocurutos pousava o céu um velario diaphano.

Poseram-se-me em pé os cabellos, como ao primeiro homem á primeira vista do mar. De Lavillette, estendendo o braço, clamou como um gageiro real da immortalidade:

— *Regardez! tout file vers le Pantheon!*

Na orla remota erguia-se a grande cupula, de pé, sobre a casaria ajoelhada. A silhueta escura, curvilinea, dava ideia d'um morrião alto, ou d'um bonzo formidavel de fanaticos. Paris todo corria para lá, feroz, nevroticamente, á desfilada.

Os olhos de de Lavillette ardiam como dois cirios á eterna gloria. O meu sorriso mesquinho tinha os extasis d'um vaga-lume.

De Lavillette foi-me depois anotando cada aresta emergente da vaga turva das casas:

— Olhe além o Arco da Estrella. A' vista desarmada parece uma monstruosa construcção da idade da pedra, mas asseste a luneta. Vê? Repare no grupo de Rude, *Le départ*. É um roldão de membros nús e fortes, debaixo dos labios d'aquella mulher que é um clarim, d'aquella aguia que é um raio. Veja ao lado *La Paix*. Tem os enternecimentos d'uma bucolica. Ao pé d'isto, o seu Arco da rua Augusta é uma hora em cartão de tesoura chineza.

Francamente, a minha vista andou por cima do monumento, selvagem e insensivel como as cabras nos morros do Marão.

GRAND OPERA

— Siga a risca dos boulevards. Em baixo, tem a columna Vendôme, d'uma espessura de baobab, com Napoleão em riba, como n'um cesto de gavea. Recortado no azul sujo e sob a impressão epica dos seus feitos, julgo ter diante dos olhos a ibis das piramides.

«Atraz está a Opera. Já viu, já. E' a ultima palavra da sumptuosidade, importando na bonita somma de 36 milhões de francos. Vivas, no tablado grego, não eram mais dançarinas, as dançarinas de Carpeaux. Sob o manto enregelado de pedra, volteiam ainda como uma dobadoira eterna. Dentro da gradaria ha o busto de Garnier. N'um doirado d'altar, com frondes loiros, lembra na espadua severa do theatro uma medalha de corredor. Meu caro, tambem ha apaches para a esthetica.

«Um pouco distante fica a Magdalena. E uma obra tão perfeita que não prende. Parece na toadilha da linha recta uma xacara. A arte, a meu vêr, deve deixar uma fimbria vaga e misteriosa para pomo da phantasia. As capellas imperfeitas da Batalha — perfeitas — não seriam mais bellas. Venus de Milo com os braços seria um marmore vulgar. Teria perdido o perfume penetrante da flôr devisionada do mysterio.

As minhas pupilas toldavam-se da cegueira esplendida de Moysés, ante o sargaço ardente. Paris e de Lavillette aniquilavam-me. A lapela d'este parecia um loureiral florido. Todo eu era incenso para o hilodinamismo.

— Repare agora lá em baixo na Notre-Dame. A flexa póde dizer-se uma suplica lancinante, subindo do coração dos afflictos. Renda de psalmos, urdida por virgens e melancholicos monges, é a frontaria. Andaram os alchimistas a buscar n'ella a pedra philosophal sob as asas loucas das chimeras. Sabe a differença que acho entre este gothico e o manuelino? O manuelino é bem bem, uma prece de Sulamite ou Thereza de Jesus, crispando os braços, os colunelos, deixando ao alto a teia formosa dos cabellos, perdidos no extase do homem-deus, carne fremente, amorosa e palida. Os Jeronymos são um canto que as andorinhas sabem lêr. Assoalhados d'ar, podiam desfilar lá dentro rondas risonhas d'amor. Na Notre-Dame ha mais baldaquinos, mais botaréos, mais curvas somnolentas. As ogivas são mãos postas que oram incansaveis. Abre para o céu a rosacea maior, golpeando do sol de Deus a face amortalhada dos santos. Ah! a Notre-Dame é a balada para a terra santa da gloria das almas misticas, voando, voando na atmosphera incendiada da fé.

COLUMNA VENDÔME

Hilros velozes dançavam em torno uma sarabanda negra. As rosaceas pareciam-me beijos luminosos dos monges na testa nevada das santas. E eram esbeltos como tibias de mulher os veios sensuaes das torres.

De Lavillette proseguiu por muito tempo, deixando uma phrase no pino de cada campanario, na restea de cada telhado. A Trinité, o Louvre, o Hotel de Cluny, o Arco do Carroussel, os Invalidos, o Monte Valeriano, desfilaram eruditamente.

Com uma breve continencia á torre Eiffel, levámos o olhar para o Sacré-cœur, sobre o morro de Montmartre. Erguia-se na nossa frente enorme e branco como os trovões scenicos do Sinai. A Savoyarde, o

grande sino, dobrava, O som espraiava-se no ar, compactamente, em tolda sonora. Dir-se-hia o smorzo d'uma floresta de musicas, ou as ondas chorosas que passam plangentemente nos fios das estradas. E era doce e caricioso como uma recommendação de pae.

culo, no momento suave da gloria do sol, uma cruz parda, um minarete branco, fazem-nos da alma uma ave-maria. O Sacré-cœur é avistado diariamente por milhões d'olhos. E quem o avista, é quasi certo pensar em Deus e no Diabo, no coração divino

O AMIGO DOS PARDAES

De Lavillette, sempre cicerone, fez correr na roldana a sua loquela infinita.

Avista-se de muitas leguas em redondo o Sacré-cœur. E' tactica velha das religiões explorar com os seus templos a melancholia dos longes e a sobranceria dos altos. A cruz alcandorada ha de ter sempre um olhar, seja do camponio que monda o feno, do viajante que assoma á portinhola do trem. Depois, á hora doente do crepus-

inflammando-se como um bocado de nafta. Elevou-se esta mole bisantina quando se supunha a França debaixo da sotaina. A questão Dreyfus desbaratou os clericaes, e Charbonel, de braço dado com o espirito do seculo, partiram para a Butte de Montmartre e em frente da galilé plantaram o monumento heretico ao Chevalier de la Barre. Bloch moldou então o moço supliciado de dezoito annos, que não tirára o chapéu a

uma procissão, como um S. Sebastião d'aldeia. A peregrinação que passa descobre-se, o guia, as mais das vezes um padre, passa adiante, sem olhos, por não ter labios para derribar o sacrilegio. Em cima, está Jesus, rico, em bellas carnes de marmore e lindos espinhos d'oiro; em baixo o supliciado, maltrapilho, gemendo uma agonia tiritante.

A Savoyarde, tremenda, d'um peso de 27:000 kilos, continuava cobrindo Paris com a sua cupula sonora. No caixilho de pedra os braços musculosos de Christo mal sustinham o aneurisma luminoso do coração. E o zimborio alto parecia a tiara papal, apopletica, a rebentar.

A valsa sobre o Tejo e o orgue de Barbarie. — Uma anecdota de Rossini. — Cerejas de chapéo realistas. — Pedintes. — Os gatos de Lisboa e os cães de Paris. — Econmia a torto e a direito. — Duas indoles estudadas n'um argueiro. — O cynismo do sim e o sentimentalismo do não.

Manhã baixa, correndo voluptuosamente no travesseiro, acordei sobresaltado como os regedores a quem alvorece á porta o hymno da carta. O *orgue de Barbarie* soluçava sob a janela, a *Valsa sobre o Tejo*. Espantei-me de não ouvir os sinos da Conceição repenicando o fandango, e o cauteleiro a berrar em baixo os logaritmos da Santa Casa.

Ah! estava bem em Paris, a uma longitude respeitavel de Lisboa.

A musica que me ensinára as primeiras piruetas de dança, a velha bonne das tibias alfacinhas, abancára ali no square, no estomago raivoso d'um realejo. Com que asas arribára a par das ostras, do *mail-coach* Fontalva, do Portwine?

Joguei o meu nikel ao menestrel n'um gesto opiparo de satisfação. Mas a voz de Josine vibrou-me aos ouvidos ironicamente, como flauta ironica de Mephistopheles:

— Agora tens que mudar de casa se queres dormir as manhãs. Deixaste-te filar pelo realejo, és do realejo. Afinal não és a primeira victima.

E Josine abriu mão d'esta historieta, colhida certamente na vinha formosa d'algum artista.

Rossini e Halévy não iam muito á missa um do outro. Dia em que se topassem não nasciam flôres no teclado. E cada um para sua banda resmungava: hoje é aziago.

D'uma vez um realejo parou sob as janelas de Rossini a trincar uma phantasia do *Guilherme Tell*. Mascou-a pachorrentamente, engoliu-a, trouxe-a segunda e terceira vez aos queixos como os ruminantes.

Enfurecido sobre a sua obra massacrada, o compositor deu ao diabo o harmonio, cuspiu ameaças. Depois á chegada d'uma idéa questionou:

— Olhe lá, o realejo toca a *Judia* de Halévy?

— Sim, senhor.

Rossini puxou de dois francos, meteu-os á cara do tocador:

— Aqui tem e ha de ir toca-la á porta de Halévy. Quer?

Fornecendo de novo corda, como negociante que não tem pano para mangas, respondeu:

— Não, hoje não póde ser. Pagou-me elle o dia para vir para aqui tocar o *Guilherme Tell*.

A prata fina dos dentes de Josine sorria um alegro francez. Amedrontado da minha sorte, debrucei á janella as mangas da camisa, a vêr a manhã passar na rua.

Provençaes cantavam ás janellas. Mais ao longe uma ocarina gania n'um pateo.

Josine sempre solicita inteirou-me dos estatutos da mendicidade em Paris. Só ha licença de se dizer que se tem fome pela fifia da requinta ou pelo passe-calle do rea-

SACRÉ-CŒUR

lejo. No estio a miseria tem esta vidairada de cigarra. No inverno, quando sobe das ruas o gelado pregão de: caramelo! vae dormir para os templos, viajar todo um dia na quentura infecta do metrô por tres sous.

Agora as cigarras cantavam nos boulevards, nas praças, no meu square.

Corria em baixo uma semcerimonia d'aldeia. Galuchos de calça vermelha despejavam gargalhadas das mandibulas fortes. Mães passeavam os bebés no carrinho. Invadiam as *crémeries*, as *épiceries* mulheres em cabello, homens em sandalias, sem esse luxo asiatico de Lisboa que só manda as creadas á praça. As cerejas dos chapéus, enormes, descaradamente falsas em Portugal, não envergonhavam as cerejas rubicundas das carriolas.

Charlatães armavam a tribuna vermelha dos elixires. Paris burguês começava a sair para a rua, a arrotar ao café com leite da manhã. Cães, muitos cães dançavam uma dança d'aldeia.

Paris tem a mania dos cães, como Lisboa a dos gatos e Veneza a das pombas.

Ha-os de todas as gerarchias, felizes, com xaireis de seda no espinhaço, pobres, lazaros dos caminhos.

A SAVOYARDE

Na rua a lufa-lufa espumejava. Mas em todo o tempo não vi passar os homens de pau e corda, os creados, a ralé que escorre ao sol baixo nas ruas lisboetas. Perguntei a Josine pelos galegos lanzudos, os moços de esquina pé leve.

Nem a candeia de Diogenes toparia d'isso. Ou eram fosseis, devido a toda a casta de motocicles que andavam pelas ruas, ou o francez nunca fôra serventuario. Na obstinada mira de ganhar tempo, era natural suprimir-se o mandarete, como as ravinas, a mala-posta, a linguagem luxuosa do Hotel de Rambouillet.

Não me satisfiz; e contra esta alardeada economia de espaço disparei a razão dos francezes abancarem diariamente a cinco refeições, trincarem cinco meias horas infalliveis.

Ella abriu a cascata argentina dos motejos.

Com aquelle regimen a digestão era mais suave, não pesava o somno nas palpebras, nem apetecia deitar-se a gente de papo para o ar, á sombra das bananeiras. Olha lá se os francezes morriam atufados d'ostras como os abades de Numa-Dôma, ou de orelheira e feijão como os fidalgotes de Camilo.

Barafustei patrioticamente; caiu-me um murro no vacuo. E ella teve o descoco gaulez de dizer que o que nos valia a nós, era sermos forrados de estomagos d'avestruz!

Depois, ladeando generosamente, mostrou-me que essa parcimonia de esforço se evidenciava até no vocabulario, a despeito dos exorcismos da Academia. De *sous-officier*, *Boulevard Saint Michel*, *bataillon d'Afrique*, *metropolitano*, dizia-se actualmente *sousofi*. *Boul-mich*, *ba-d'af*, *metrô*, etc., etc. Para solicitações de qualquer ordem era bastante *S. V. P.* E em toda essa floresta de ruas raros eram os nomes com mais d'uma palavra. Heim, havia este senso pratico lá pela minha ridente praia do Atlantico?

Calei-me acabrunhado. A eternidade montou realmente o seu estado maior na minha terra. As leguas são das velhas as levarem a roer castanhas, e as expressões extensas como as leguas. O *vossa excellencia* moroso, d'uma morosidade de liteira, enche-nos a boca, é um alinhavo sem o qual se descoze a galantaria das palestras. Lavramos nos envelopes um *Illustrissimo e excellentissimo senhor* que parece o longo cabeçalho das epistolas de S. Paulo. E ha placas pelas ruas com toda esta trovoada de sylabas: *Avenida Antonio Augusto d'Aguiar*. Coisas que dispendem na larynge a força de muitos cavallos, que escrevemos, fallamos espevitadamente com a clareza d'um actor de França.

Josine escutava regaladamente a minha critica honrada. E para me convencer do

respeito musical nas amputações do seu idioma, apresentou se não era mais sonoro, d'uma eufonia mais doce e mais cantante requisitar: um *bock blonde*, em vez de: *um bock de bière blonde*, como é de crer se dissesse no tempo em que os cachimbos prussianos do cerco fumegavam sobre Paris.

Lembrei-me então das tascas do Largo do Regedor, á hora esfomeada de fechar o Normal. E, n'uma estridencia alegre de charamella, clamei:

— Infelizmente, Josine, infelizmente não temos por habito dizer um *bock loira;* mas para o figado de vaca com batatas temos uma metaphora gentil e veloz: iscas com ellas! Heim, Josine?

A minha amada mergulhou no banho o esculptural alabastro. E os meus raciocinios ficaram a pingar como as mangas desabotoadas da minha camisa de noite.

Convencido estava eu da vida brusca, utilitaria, de Paris, e da vida mole lisboeta, ininterrupta lesma desde as secretarias do Estado aos cavacos na botica.

Como em fulcros podia montar-se a estructura vital dos dois povos nas particulas — *sim* e *não*.

Oui é a palavra francez de mais gasto. A sorrir, a cantar, nos negocios, no amor. O francez recusa, edificando toda a sua linguagem em locuções affirmativas. Mente, é cynico, mas o *sim* é doirado, é um solfejo, abre discretamente a cortina dos caninos.

Não é o termo que anda mais aos pontapés na linguagem portugueza. No trabalho, nas temeridades da lucta, no coração das mulheres topa-se invariavelmente o *não* indolente, sceptico, medroso.

PANTHÉON

Sobre barricadas d'adverbios negativos affirmamos, vendemos a alma ao diabo, perdemos a fortuna á roleta. Está o céu muito azul, bate-nos a sorte á porta, caem sem repulsa os nossos labios gulotões nos labios prohibidos, e ainda o *não* perpassa, mazorreiro, zumbidor.

Distilavam-se assim os meus pensamentos matinaes. Josine chapinhava na agua

As sombras negativistas do sul envolveramme a alma. n'um abraço estrangulador de urso.

— Josine — clamei eu — vou-me matar. Queres morrer comigo?

E os labios maliciosos, como o corolario da minha philosophia, responderam:

— *Oh! oui, mon gars!*

Robe escandalosa. — O céu dos pardaes. — Pretenciosidade portugueza. — Melancholia meridional. — Outros os beijos.

Asas de cristal, o ritornelo zumbia no ar perfumado:

> Ne pleur' pas si je te quitte
> Petite Anne, petite Anne, p'tite Anamite,
> T'étais ma p'tit' bourgeoise
> Ma Tonkiki. ma Tonkiki, ma Tonkinoise,
> Dans mon cœur j'garderai toujours
> Le souvenir de nos amours!

Sob os pés dos amantes cantavam tambem as palidas areias das Tulherias. Distrahia, dando o braço a Josine, a saudade das minhas serras, da renda caprichosa das paredes ruraes, das estradas velhas melancholicas.

No manto grego das relvas, entre os bronzes e as aguas, meninos, como um enxame de borboletas, brincavam. E Josine foi saltar entre as borboletas, correr as aleas, de robe Directorio arregaçada, deixando possuir ao olho burguez o *mollet* de deusa.

Emquanto a robe adejava sobre a relva como as asas doidas d'uma gaivota, a meu lado um diabo de oculos dava aula aos pardaes.

— Senhor Ali-Babá, venha petiscar — e um mariola impavidamente saltava-lhe para os dedos.

— Menina Clara, uma valsa. — E ao solfejo ti-ti-ti-ti-ti-ti, o homem e a pardaleja, alma de dançarina talvez em pantheista transmigração, polkavam.

Depois uma tulha de migalhas banqueteava o rebanho dos passaros.

Fiquei a pensar se não era ali no antigo jardim dos reis de França o céu dos pardaes, que as avós beirôas promettem aos netos guerrilhentos. Ao pé d'estes, comendo e bebendo á barba longa, eram uns tristes proletarios os pardaes da Avenida, chorando eternamente a sua grazina de pobres.

Fumegava como um perfume asiatico a minha nostalgia meridional. O sol fugia para traz do *Bois*, empurrado por umas nuvens que não eram castellos, nem naus, nem guitarras como as do céu portuguez.

MONUMENTO AO CAVALLEIRO DE LE BARRE

N'um banco deparei com duas damas que conversavam em *lingua de cão*, como no *Moulin Rouge* é acoimado o nosso idioma. Isto não rouba a galhardia com que os portuguezes apparecem nos *fabliaux* do afamado centro de bohemia.

Abordei o celeste banco que ouvia o idioma dos antigos espadeiros, dos lobos do mar:

— Perdão, minhas senhoras. Se não estou em erro, somos compatriotas?

Foi examinado o meu colete de phantasia, o meu monoculo, e os olhos maliciosos de Josine. E a mais durasia fallou-me d'esta maneira:

— Ah! sim, mas o senhor pelo acento vê-se que é da provincia.

— Dos serros da Beira, é certo, minha senhora, o que não me tira a qualidade de compatriota.

A outra dama fitava as biqueiras polidas das botinas. A minha interlocutora trazia pelo alto das arvores o nariz arrebitado. Calámo-nos.

— De resto — tornei conciliador — habito em Lisboa. E parece-me mesmo que conheço vossa excellencia de lá.

— Pois eu não o conheço.

— Sim, mas eu se a conhecia era apenas de vista. Lisboa é tão pequena...

— E' que eu resido ha muito em Paris.

— Perdão então, minha senhora, pela honra que injustamente me dava. Perdão.

Emmudeci vergonhosamente.

Aquella matrona queria ser parisiense e eu que a conhecia, á legua, da Avenida aos domingos, do Gymnasio em noites de beneficio. Josine cruelmente fazia-me cócegas no braço.

— Minhas senhoras, passem muito bem. Encantado de encontral-as.

Só então a segunda dama pousou na nostalgia verde de meus olhos, a sua nostalgia negra, meiga, quem sabe se amante.

Josine protestou afogar-me as tristezas no champagne das garrafas e no champagne das alegrias. Pelo seu braço gentil amesendei a um agape opiparo de artistas.

O vinho, o riso e a chalaça correram ao desafio. Aos cremes os labios subtis das mulheres chupavam os dedos lambusados. E no capitel aguardentado do meu craneo ainda coube a reflexão de que as costureiras de Lisboa, em noites de entrudo, se limpavam aos guardanapos.

Noite alta, trocámos o beijo fraternal, esthetico da despedida.

E todas as vezes os meus labios ficaram crentes de se haverem colado n'um pastel de nata, n'uma drogaria ambulante.

Decedidamente, para a minha nostalgia até os beijos eram outros!

Berne — Julho de 1908.

AQUILINO RIBEIRO.

Historia de um assassino, contada segundo os jornaes e a narrativa pessoal do seu secretario, Mr. Bruce Ingersoll

POR

MAX PEMBERTON

XX

O dr. Luthero James

Um convivio mais intimo com o dr. Luthero James convenceu-me que era uma pessoa notavel, que nascera fóra da sua geração. Cincoenta annos atrás figuraria admiravelmente nas diversões communs ás caracteristicas mediocridades dos chefes de familia d'esse tempo. Creio que os seus medicamentos andavam atrasados meio seculo e que as suas idéas sobre cirurgia eram das mais primitivas. O motivo porque Mr. Cavanagh o trouxera a Hespanha não o sabia, a menos que não fosse para deixar em paz a doente de Waterbeach. O mais bonito do caso é que me encontrei só com elle em Madrid e fui obrigado a jantar em sua companhia no restaurante Viviana.

— Preciso de bem pouco para viver feliz, Mr. Ingersoll — disse-me quando nos assentámos, — dê-me um bom pedaço de carne assada, uma costelleta de porco a seguir, um bocado de queijo Stilton e uma pera, e não me queixarei da minha sorte. E' ouro sobre azul quando ha qualquer vinho espumoso e um par de olhos negros, como aquelles que estão além, do outro lado da mesa. Nunca me atreveria a proferir semelhantes palavras quando minha mulher era viva. Nunca consentiu que visitasse nenhuma doente com menos de quarenta e tres, mas não se lhe importava nada com as que contavam mais de sessenta. Quando penso que ella não existe, lembro-me que posso cortejar qualquer d'estas alegres *señoritas* sem que ninguem lhe vá com mexericos. Eh, Ingersoll, os indiscretos é que deitam tudo a perder cá n'esta vida!

Concordei. Como anciava por conhecer o motivo porque Mr. Cavanagh não viera comnosco, diligenciei informar-me do que elle sabia. Foi trabalho baldado. Depressa comprehendi que ignorava completamente as intenções do meu chefe.

— Foi visitar o rei, creio, — eis o maximo que pude obter do doutor — Como sabe é muito rico, Mr. Ingersoll. Tenho muita pena d'elle por causa do seu infortunio,... não obstante acreditar que a esposa se hade curar. Fiz tudo quanto pude para a restabelecer, e não acredito que nenhum medico faça mais. E' um soberbo café, não é? Meu caro, que quantidade de mulheres bonitas... e contaram-me que Madrid se encontra vazio!

— Talvez — respondi — se exceptuarmos o milhão que ainda resta. Tambem Londres

fica sem ninguem em agosto. Toda esta gente vem aos rebanhos do campo para assistir ás touradas. E' uma festa local, um dia fóra do commum; fomos felizes. Mas não ha duvida que a côrte não está cá.

— O infortunio de Mr. Cavanagh!... — e riu tão estrepitosamente que metade da gente do restaurante voltou a cabeça. — Poderiamos ter jantado com ellas e contado as nossas melhores anecdotas. Vamos dar uma volta pelas lojas? Talvez seja melhor ficar aqui a ver as damas. Louvado seja Deus, poderia fazer semelhante coisa se minha mulher fosse viva?!

— Ter-lhe-hia tapado os olhos com um guardanapo. Vamos comer sopa á biscainha e escolheremos depois qualquer outro prato. Os preços da casa arruinariam o proprio Vanderbilt a ajuizar pela lista.

— Ah, mas não se apoquente Cavanagh paga tudo. Deu-me vinte libras, que tenho aqui na algibeira.

— Podemos refastelar-nos á vontade. Que me diz de um *sole á la Victoire*, figado de vitella, costelletas de carneiro e pato? O melhor vinho é o de Val-de-Peñas, é o vinho de que gosto mais. O champagne é um pouco de assucar-candy. Que responde, doutor?

— Peço desculpa, foi alguma dama que lhe aconselhou esse vinho, tenho a certeza. Ah, ah, estes sitios obrigam-me a voltar aos meus vinte annos. Se assim é, beijo-lhe as mãos, embora tenha de andar muito para trás para os encontrar.

— Esfalfar-se-hia sem resultado. Meu caro amigo, lembre-se que estamos em Hespanha.

— No purgatorio, se faz favor. Estou sempre no purgatorio quando veja uma mulher bonita e não tenho a honra de a conhecer.

O medico riu com tanto ruido que eu principiei a envergonhar-me. Realisava o typo do inglez que, sem consciencia, faz papeis de bobo no estrangeiro com grande descredito da nação. Este digno homem nunca se portaria assim no Savoy; porque procedia de tal modo no café Viviana em Madrid?

— Não quero saber para nada da faculdade de medicina — exclamou depois de uma pausa, e de beber um bom copo do soberbo vinho tinto de Val-de-Peñas. — Quando se está em Hespanha, precisa-se ser hespanhol.

— Mas em Hespanha não se olha para as mulheres bonitas que não se conhecem.

— Não se olha, não! O velho coronel Hartlook, meu visinho em Waterbeach, olhou tanto para uma linda hespanhola de Malaga, que ella deixou-lhe quinze mil libras. O coronel é myope como uma mula, e embora a donzella contasse cincoenta e cinco, casou com ella como se tivesse vinte e tres. Não podia remediar o mal, Mr. Ingersoll, e foi obrigado a apresentar-se durante um verão quentissimo com uma mulher tão velha que poderia ser sua avó. Afortunadamente a divindade morreu de uma cachexia senil, e elle empochou aquelle dinheiro. Não me fale n'essa contingencia de olhar ou não olhar, quando não largo-lhe o coronel á perna.

Na verdade o velho era incuravel. Conversava incessantemente; o diapasão da sua voz augmentava a cada copo que despejava. Metade das pessoas do café olhavam para nós, e imagine-se qual não foi o meu espanto, quando se me deparou uma dama de chapéo de palha com uma pluma côr de rosa... exactamente a mesma dama que Mr. Cavanagh me recommendara que não perdesse de vista durante a tourada. No mesmo instante em que eu a vi e me recordei, o medico tambem a viu e principiou a commentar a sua belleza.

— Ah! é a isso que se póde chamar uma mulher de truz! — disse, dando uma punhada em cima da mesa — Repare que porte aquelle, de cabello preto como o azeviche, Mr. Ingersoll, e deve ter um genio dos diabos, aposto. Mas que nos importa a nós com o seu genio se nos vamos embora amanhan de manhan? Essa rapariga tem dois mil *hidalgos* na sua biographia. Olhe para aquelle modo de assentar os cotovêlos. Se houvesse qualquer maneira de lhe ser apresentado.

— O quê! — retorqui — e os tres hussares que estão com ella! Equivalia quasi a um suicidio.

Conveiu no asserto com relutancia.

— Um hussar é um homem bem desagradavel... no estrangeiro entenda-se bem. Um d'elles andou atraz da minha pessoa mais de metade de Berlim, só por eu dizer a uma senhora que minha pobre mulher morrera. Quiz o acaso que fosse sua esposa,... que pouca sorte a minha! Bem, bem, o mundo é uma coisa divertida, e eu nunca me fiaria n'uma rapariga com seme-

lhantes olhos. Sabe, lembro-me de a ter visto já em qualquer parte, mas não me recordo onde. Talvez em Paris, é possivel.

— Viu-a esta tarde — expliquei-lhe — no camarote presidencial, na tourada. Veiu aqui sem mudar de vestido. Não ha duvida que reside no campo, como toda a gente n'esta época do anno. Galope ámanhan umas cem milhas, e saberá onde vive. Aconselho-lhe, no entanto, e com muita seriedade que não olhe para ella com tanta persistencia. Os nossos amigos hussares parecem não concordar com uma admiração tão accentuada.

A estas palavras James voltou-se sem detença, o que me deu a conhecer que a coragem não era o seu forte.

— Talvez seja melhor irmo-nos embora.

— Optimo, se acabou o seu café e pagou a conta.

Levantou-se com estrepitosa alacridade e sahiu aos tropeções do restaurante, . . . quando os hussares azues se dispunham a ir-lhe no encalço. Felizmente appareceu-nos uma carruagem, onde nos mettemos. No caminho para o jardim, o medico conseguiu readquir a sua serenidade.

— O caso poderia ser serio, Ingersoll — commentou, pondo de parte pela primeira vez o tratamento ceremonioso. — Cavanagh não havia de gostar de nos ver compromettidos n'um duello, ou em qualquer loucura de egual jaez.

— E o senhor gostaria, doutor?

— Está-me na massa do sangue. Meu pae, quando foi medico da embaixada de França, bateu-se com tres francezes e apanhou tres balas no dia em que morreu. Contava-nos sempre as suas aventuras. A escaramuça em que entrei em Shaikawati não é nada comparado com os seus combates, mas fiquei com um signal para sempre nas costas.

— Nas costas! — exclamei eu, observando de relance que o medico córava como uma rapariga.

— O covarde esperou para me ferir quando eu retirava. E' aqui o jardim, não é verdade? Já lhe disse que podiamos ver metade das mulheres bonitas de Hespanha por duas ou tres pesetas. Olhe, só agora tenho deante de mim mais de vinte e duas.

— Pois podia ir mais além, até sessenta ou setenta! — accrescentei.

O jardim offerecia as mesmas e inanes diversões que são apresentadas em todas as cidades do continente para recreio dos viajantes inglezes e dos egualmente curiosos filhos de Chicago. Ouvimos qualquer vulgaridade franceza barata, acompanhada por um vadio com uma voz de fagote; um pelotiqueiro fez habilidades tão simplorias como as do tempo da rainha Anna; uma agil donzella de cincoenta e tres primaveras, ou coisa que o valha, falou-nos de amor com um timbre tão roufuenho que parecia a buzina de um automovel. Pela minha parte não só o passatempo se me tornou insupportavel, mas senti um irreprimivel impulso que me obrigava a voltar á casa onde residiamos, impulso que nada explicava, mas que nem por isso deixava de ser intenso. Senti que devia voltar immediatamente, sem nenhuma razão plausivel, a encontrar-me sem demora com Mr. Cavanagh. Submetti-me de bom grado a esta insolita imposição.

— Conserve-se por aqui — disse para o ruivo D. Juan, que acabava de me contar pela millesima vez que a sua defunta mulher nunca sobreviveria aquella tarde — se precisar de mim para quaesquer preliminares, encontra-me na *calle* d'Alcalá. Talvez não seja mau comprar uma guitarra e um par de pistolas. Não se importe com os meus preconceitos, rogo-lhe.

Respondeu-me negativamente, e tendo chamado a minha attenção para outro monumento antigo que, declarou, era a fiel imagem da sua finada esposa, e que sorrira já duas vezes para elle, despedi-me do enamorado medico e voltei a pé para casa. Seriam cêrca de dez horas e toda a gente de Madrid andava na rua. A tourada, convenci-me, era o thema universal das conversas, e encaminhei-me, indignado, através dos grupos risonhos, para a *calle* d'Alcalá, onde ficava a casa alugada por Mr. Cavanagh. Nem por um momento suppuz que elle estaria ali quando eu cheguei. O motivo d'esta visita a Madrid constituia um segredo que ninguem me confiara. No fim de tudo gostava que assim acontecesse, e resolvi ir direito para o meu quarto e deitar-me sem reflectir mais no assumpto.

Preciso confessar que a faceta idéa da hipnotica suggestão não me perturbou durante muito tempo. Não pensei em mais nada apenas sahi do café. Menos lenta a

dissipar-se foi a idéa que eu me esquecera de que Mr. Cavanagh me recommendara de tarde. De tal modo me impressionara o triste drama da arena, que olvidara tudo mais. A linda mulher que elle desejava que eu observasse, o signal que deveria fazer, o velho que havia de responder a esse signal, tudo isso se me varrera da memoria. E tinha a certeza que Mr. Cavanagh me exprobaria o esquecimento. Não contava em absoluto com a fidelidade de quem o servia?! Este pensamento envergonhava-me. Deliberei confessar-lhe o descuido não occultando nada. Poderia occultar alguma coisa de um tal homem?

Introduziu-se-me essa obcessão no espirito e quando cheguei ao alto da escadaria toquei a campainha. Appareceu-me o melifluo creado Edward á porta. No murmurio que lhe era familiar, informou-me que Mr. Cavanagh regressara e, o que acreditei, estava dormindo na sua poltrona.

— Mas pode lá entrar sem o despertar,— propoz o serviçal — e mesmo que o accorde não se ha de importar; não gosta de dormir na cadeira.

Inclinei a cabeça e empurrei a porta da sala muito devagarinho. Os quartos, deveria ter já explicado, ficavam do outro lado da sala, e não tinham portas para o corredor principal. Assim, para entrar no meu quarto, arriscava-me a incommodar Mr. Cavanagh, e não tinha grande pressa de o fazer. Com muita cautela e com pé leve por cima do espesso tapete, abri a pesada porta e espreitei para dentro. Pode julgar-se do meu espanto quando se me deparou, não só Mr, Cavanagh, mas um dos hussares azues que vira ainda não havia duas horas no restaurante. O militar encontrava-se a tres jardas da cadeira do meu chefe. Um simples candieiro de leitura illuminava o grande aposento. Não se ouvia o mais pequeno ruido.

Entrara na sala tão silenciosamente que o intruso, dominado pelo seu intento, não dera por mim. Não era muito para admirar o caso. Quando os nossos pensamentos se concentram n'um designio, os sentidos, que não teem applicação directa ao fim, pregam-nos algumas pirraças. O militar, comprehendi, precisava apenas dos olhos, e nem por um momento eu duvidei do seu intuito. Encontrava-se ali para matar Jehan Cavanagh, e se eu entrasse no aposento dois segundos mais tarde levaria a cabo o seu fito. A sua mão nervosa apertava a coronha de um revólver. Denunciava-o o passo indeciso, o andar vacillante. O homem era um assassino convicto.

Presume-se com que rapidez abrangi a significação d'esta estranha scena e da quasi tragica irresolução que me dominou quando estaquei. Que devia fazer, em nome de Deus?! Um passo mais seria fatal á salvação do meu amigo; um simples gesto seria a sua perda e talvez a minha. Pensei durante um segundo saltar ás costas do assassino e confiar tudo a essa estupida probabilidade. De subito, n'um relance, monologuei: «O melhor é apagar a luz, o candieiro está perto, sem um movimento; nenhum outro plano dará resultado.» E, imaginem, ao passo que eu debatia isto, o desconhecido militar ia-se approximando da cadeira de Mr. Cavanagh. Vi que apontava para o coração do meu chefe, e n'um momento de oppressivo desespero, arrisquei tudo, dei um passo para a mesa, agarrei n'um pesado bloco de marmore que segurava os papeis e atirei-o ao homem. O assassino cahiu sem sentidos sobre a grelha da chaminé e no mesmo instante Mr. Cavanagh acordou e pronunciou o meu nome

— Ingersoll! Santo Deus que foi isso?

— Não sei, Mr. Cavanagh. Aquelle homem tem um revólver na mão e eu. . .

Faltaram-me as palavras. O horror e a realidade do acontecimento esmagavam-me, opprimiam-me, e, acreditando que matara o homem, principiei a soluçar como uma creança. O meu chefe continuava a olhar admirado para mim e para o militar, que enterrara a cara no tapete negro da chaminé, com o revólver ainda seguro na sua mão crispada.

— Meu caro amigo! Sinto muito. . . comprehendo agora.

Endireitou o seu corpo inclinado e virou-se para mim. Fazendo um grande esforço para recuperar a minha compostura, ergui-me e diligenciei narrar-lhe o acontecido. Mas o seu espirito perspicaz não necessitou de explicações. Percebeu tudo como se tivesse visto o caso.

— Foi uma grande negligencia — commentou socegadamente. — Receava vir a Hespanha com a maior parte dos meus agentes por fora, mas a viagem tornava-se ne-

cessaria. Não se repetirá um descuido semelhante, Ingersoll. São duas lições que apanhei, a primeira das quaes é que devo ser vigilante. Vejamos se ainda ficou em Hespanha algum homem intelligente. Faça favor de tocar a campainha duas vezes, Ingersoll. E' bom para si fazer qualquer exercicio.

Toquei a campainha como me era indicado e o que se seguiu surprehendeu-me mais uma vez. O aposento encheu-se rapidamente de uma porção de policias que entraram com a pressa de lobos em busca de uma rez. Mr. Cavanagh trocou com o chefe d'elles algumas palavras breves. Não as ouvi, mas observei que agarravam no militar prostrado e sacudindo-o até que abriu os olhos, levaram-no brutalmente d'ali. Depois de sahirem Mr. Cavanagh tocou a campainha pelo seu creado Edward, e ordenou-lhe que trouxesse garrafas.

VI QUE APONTAVA PARA O CORAÇÃO DO MEU CHEFE

— Porque voltou tão cedo, Ingersoll? — perguntou-me. — Pensava que fôra passar a noite ao jardim.

— Fui, mas havia não sei quê que me obrigou a voltar. Ri-se com certeza d'esta minha idéa.

Meditou um instante emquanto accendia um charuto.

— Seria um louco se risse d'um homem que teve uma inspiração — declarou. — Deixou o digno doutor e foi impellido a vir até cá. O homem já estava aqui quando entrou?

— Já; achava-se perto da mesa. Eis o que é mysterio para mim; como conseguiu chegar até junto de si com tanta gente em redor?

— Entrou porque tinham ordem de o deixar passar. Lembre-se d'isso, Ingersoll; sabia que viria e dormitei. Santo Deus! Do que depende o nosso destino! Em todas as existencias ha um momento em que o somno nos domina. O homem veiu meia hora mais tarde. E eu illudi-me com a crença de que fôra prevenido e que não viria. Mas não lamento que succedesse assim. Salvou-me a vida, Ingersoll.

— Não me envergonhe. Não fiz mais que qualquer outra pessoa faria nas minhas circunstancias.

— Não lhe permitto que diga isso. Olhe bem para mim Ingersoll — deixe-me ler nos seus olhos — os olhos de um amigo que me salvou hoje duas vezes.

— Duas vezes!

— Sabe muito bem de quê... do açougue d esta tarde. O senhor, Ingersoll, parece ter sido escolhido para me arrancar d'ali... para me levantar acima d'aquella carnificina... para me ensinar o que devo a mim mesmo. Não queria ouvir falar de impulso? Porque não se ha de aproveitar qualquer

palpite n'esta sombria comedia a que chamamos vida? Temos provas d'isso todos os dias. Lembre-se do impulso que o fez lembrar de mim em Cambridge, do impulso que o trouxe aqui hoje. Acêrca de impulsos e de palpites ha muito que falar.

Excitara-se singularmente, andando de um para outro lado na minha frente emquanto falava. Quando me apertou muito commovido a mão, pensei que me ia contar qualquer passagem triste da sua vida, mas antes de principiar bateram á porta e entraram tres chefes de policia. Atravessou-lhe então o rosto um relampago de contrariedade e deu-me as boas noite de uma maneira que não estava nos seus habitos.

— Até ámanhan pela manhan cedo — recommendou-me, — temos que partir para Barcelona.

XXI

Barcelona

Nunca vi Jehan Cavanagh de espirito tão bem disposto como no dia em que partimos para Barcelona. E' verdade que o principiamos bem tristemente, mas depois animou-se, e estou certo que o digno medico desejaria nunca ter nascido, tão incessantemente o martyrisamos.

Declarei que o dia principiara tristemente, Quer isto dizer que entramos, no nosso caminho para a estação, na velha cadeia perto da Ponte de Toledo, e sendo immediatamente recebidos pelo governador, descobrimos n'uma das cellas mais frias do sinistro edificio, o joven militar que tentara na vespera contra a vida de Mr. Cavanagh. A indifferença d'esse homem, o seu ar impudente, a sua inconcebivel jactancia declarando que se encontrava cansado da vida, não arredava de mim a idéa da morte que pesava sobre elle. Vi que apesar das suas gabarolices o criminoso receava morrer, que a tragedia do seu credo o esmagava com a inevitavel penalidade, que a sua juventude o attrahia para o gozo e para os amigos de quem se afastara tão levianamente. Quando sahimos da prisão, sube que se chamava Juan Villegas, e que elle e a irman se alistaram n'aquelle bando de fanaticos de Barcelona, que conta os mais activos e desprendidos anarchistas da Europa.

— Intercedi pelo homem e especialmente pela irman — disse-nos Mr. Cavanagh quando nos retirávamos — mas podem imaginar o que significa essa diligencia n'um paiz como este. O garrote já está preparado para ambos.

Não respondi. Acudira-me ao espirito uma curiosa circunstancia. O dr. James não podia, porém, acreditar nos seus ouvidos.

— A rapariga morena com uma pluma côr de rosa no chapéo? — mas Cavanagh, estive quasi a ser-lhe apresentado.

— Meu caro doutor agradeça ao céo a sua prudencia. Se tivesse succedido semelhante coisa talvez se achasse agora com os pulsos algemados.

Cavanagh espraiou-se em considerações sobre o facto, que seria muito difficil de dar-se em Inglaterra, de quanto a alta sociedade na Allemanha, em França, na Italia e approximadamente em todos os paizes continentaes estão ameaçadas por essas morbidas e decadentes creaturas, que não reconhecem a lei e que estabelecem o cahos por meio do morticinio.

— A edade robustece a idéa que pergunta: «Porque é que os outros homens me hão de compellir a mim?» — argumentou — Porque me hei de submetter a restricções que se tornam necessarias á sociedade como um complemento, mas que se convertem em instrumentos de despotismo? O ensinamento é absolutamente falso para justificar qualquer commentario sobre isso, mas existe e os discipulos tornam-se cada dia mais numerosos. Os governos em vez de os combater, ainda lhes dão mais largas. Sabemos que a mordedura de um cão se cura com um pello do mesmo cão, mas é uma maxima que um homem com auctoridade não deve ouvir. Supponhamos, Ingersoll, que eu assistia á grande reunião anarchista d'esta noite e atirava com uma bomba para o meio dos circunstantes. Não praticava um preceito revolucionario? Chamaria a isso assassinio ou desforço? Todavia demonstrar-lhe-hia como é facil proceder assim sem risco para os que são ministros d'esta selvagem justiça. Devia o governo punir esse homem ou premial-o como bemfeitor? Não m'o pode dizer — a pergunta é difficil mas os governos hão de ser obrigados a responder-lhe cedo ou tarde. Olhe para o nosso contente doutor, ouve todo este arrazoado como se o perigo estivesse a milhares de milhas d'elle.

Está certo que ninguem nos fará mal hoje? Sente-se completamente a salvo n'esta carruagem? Os crentes são sempre felizes. Como eu o desejaria ser!

Luthero James não ficou socegado.

— Que quer dizer quando perguntou se estavamos certos que ninguem nos faria mal hoje, Cavanagh?

— Meu caro doutor, quem pela primeira vez observou os olhos d'ella não os torna a esquecer. Diligenciou ser apresentado á señorita Inez de Villegas. E se os seus amigos o tomassem por espião e o apunhalassem no centro de Barcelona? Como poderia eu protegel-o? O meu auxilio seria egual ao de uma creança. E ainda se lamenta, como se estivesse na rua Trinity, em Cambridge, contemplando um boião de doce de morango n'uma mercearia!

— Meu Deus, Cavanagh, põe-me calafrios na espinha! Isto é peor que Shaikawati. O comboio pára em qualquer estação antes de chegarmos a Barcelona?

— Em duzentas. Pode-se ser assassinado ontras tantas vezes.

— Seria melhor falar ao conductor,

— Ao conductor? Pois não é elle o celebre Piombino que revolucionou a população de Barcelona o anno passado? Se fala com elle é homem morto. Acalme-se e leia um jornal... não se esqueça que está em Hespanha. Se não perceber tudo, leia os titulos das noticias. Accenda um charuto, homem, e mostre-se alegre.

Foi o mesmo que se lhe pedise que accendesse um pharol no cume do monte Branco. Confesso, porém, que a imbecilidade de Luthero James pouco me divertia n'essa manhan. Conhecendo a vivacidade das convicções de Mr. Cavanagh, a confiança que tinha em si proprio e na sua missão, aquella loquacidade provava uma de duas coisas: ou que queria occultar de nós quanto lhe custava mandar Villegas e a irman para o patibulo, ou que apprendera a dominar todas as commoções, e principiara a satisfazer a avidez de sangue que eu surprehendera na sua attitude na tourada.

Esta ultima supposição era tão horrivel que a arredei immediatamente. Faria um monstro de um homem que eu julgara um heroe, uma figura da historia do mundo, um homem dedicado combatendo em nome de Deus as legiões do assassinio e do chaos? A isto havia a addicionar os meus secretos pensamentos que nenhuma resolução extirpara. Que fôra feito da minha pequena encarcerada? Não lera que ella estivera em Barcellona na mesma casa em que vivia Villegas? O nome delles recordavam-me o seu. Repeti-o amargamente, reflectindo quanto deveria ter soffrido desde que a tinham levado de Barcelona. Quem ousaria affirmar que os seus brancos hombros não tinham já sido açoutados?

Como era de prevêr não disse nada d'estas coisas a Mr. Cavanagh. Fossem quaes fossem as esperanças e receios que trouxera de Bruges, determinara não as confiar a ninguem. Poderia o nosso exilio transportar-nos a qualquer parte, mas não era facil dar-se a coincidencia de chegar a sitio onde pudesse auxiliar Paulina Mamavieff e cumprir as promessas feitas num instante de infantil cavalheirismo.

Na verdade, aquellas palavras envergonhavam-me. Era como um homem que tenta occultar algum grande segredo d'elle proprio, procurando justificar com argumentos profundos, encobrindo um thesouro com o véo de uma allusão pessoal e declarando que tal coisa nunca existira. Confessara tudo, affirmara que a imagem de Paulina não me sahia de deante dos olhos, acordado ou a dormir, que a minha crença na sua innocencia permanecia firme, talvez — quem sabe! — que teria feito sacrificios para a salvar?

Chegamos n'essa noite muito tarde a Barcelona e embarcamos immediatamente no yacht de Mr Cavanagh, *Lobo do Mar*. Era uma esplendida embarcação. N'essa noite apenas vi o magnifico salão onde ceamos e o luxuoso camarote onde me alojei. Mr Cavanagh, disse-me que precisava conversar commigo, mas que primeiro ia lançar uma vista de olhos pela correspondencia. Principiamos á andar á meia noite em ponto e encontrávamo-nos a um par de milhas de terra quando occorreu o momentoso acontecimento que impressionou toda a Europa, acontecimento que representou para mim o mais estupendo espectaculo que os meus olhos teem presenceado.

(Continúa.) *Traducção do inglez de* EDUARDO DE NORONHA.

SETEMBRO DE 1808

Dia 30

Um decreto da regencia ordena a organização do exercito, a fim de se pôr o reino ao abrigo de qualquer insulto. Os corpos das tres armas, que formavam o exercito portuguez quando Junot o desorganizou, reunir-se-hão nos quarteis indicados no mesmo diploma, devendo os officiaes e praças de pret, que lhes pertenciam, ali apresentar-se immediatamente, a não ser que já estejam em outras unidades, pois em tal caso poderão optar por estas. Os trabalhos de organização, disciplina e instrucção devem começar com toda a actividade possivel, visto que é de crer que em breve tenham as nossas forças de emprehender operações de guerra em Hespanha, contra os exercitos francezes.

As tropas nacionaes, que se haviam levantado em varias provincias durante a sublevação contra Junot, eram — segundo outro documento elaborado pelos governadores do reino com destino ao Principe Regente — «um composto monstruoso, que provava, sim, os esforços extraordinarios que tinham feito as mesmas provincias para sustentarem a determinação em que se achavam de sacudir o jugo tyrannico que as opprimia; mas não se podiam por modo algum considerar como exercitos regulares».

Esses corpos, em que tinham entrado destacamentos de varios regimentos, e numerosos recrutas de quinze dias e um mez, estavam, na maior parte, munidos de armas pessimas e deseguaes, e até desarmados, faltando-lhes além d'isso munições e muitas outras coisas indispensaveis para a guerra. Exceptuados alguns dos que tinham vindo do Porto no exercito de Bernardim Freire, os outros achavam-se muito mal fardados e armados de chuços, fouces roçadouras e paus. O armamento que existia antes em Portugal fôra quasi todo estragado pelos francezes.

OUTUBRO DE 1808

Dia 1

E' participado ao governo militar do **Porto**, pela regencia, que, em vista dos grandes apuros financeiros com que o paiz lucta, o pret voltará a ser o que era antes do augmento estabelecido pela junta d'aquella cidade. Este assumpto seria definitivamente regulado pela organização do exercito que se estava elaborando, mas, em todo o caso, o governo não se esquecerá dos que bem defenderam a patria.

Os francezes que occupavam o forte da Graça, junto de **Elvas,** tendo o general hespanhol Galluzo retirado ao saber da approximação das tropas do general inglez Sir John Hope (1), evacuam aquella fortificação, sob o commando do coronel Girod e escoltados pelo regimento 52 de infanteria ingleza.

(Alguns suissos e francezes desertaram durante a marcha para Lisboa. Logo que chegou a esta cidade, toda a força embarcou, mas, como os transportes foram retidos no Tejo pelo mau tempo, o major de Bosset, official dos caçadores britannicos, logrou convencer muitos soldados a desertarem, os quaes passaram depois para

(1) No ultimo artigo sahiu, por lapso, «Sir John Moore».

o serviço da Inglaterra. Girod protestou contra o facto, julgando-o attentatorio das estipulações da convenção de Cintra).

Sir Hew Dalrymple participa aos governadores do reino que dentro de poucos dias voltará para Inglaterra.

(Assim aconteceu, ficando encarregado do commando das tropas britannicas o tenente general Sir Harry Burrard, ao qual succedeu sir John Moore.)

Cypriano Ribeiro Freire, encarregado da repartição dos negocios estrangeiros, manda ao nosso representante em Londres que em seu nome agradeça ao governo inglez o auxilio efficaz que enviou a Portugal e que permittiu a esta nação o livrar-se do jugo francez. Allega tambem que, tendo ficado o exercito portuguez aniquilado, em razão dos prejuizos que Junot lhe causou, é urgente que a Inglaterra envie armamentos para cavallaria e infanteria e um subsidio pecuniario, a fim de que o reino possa defender-se e conservar-se independente, tendo-o reduzido a extrema penuria a invasão que findara pouco antes. Encarrega tambem o mesmo diplomata de solicitar a protecção das forças navaes da Gran Bretanha contra as amiudadas aggressões que os corsarios argelinos faziam ás nossas costas maritimas.

Dia 4

Sir Arthur Wellesley desembarca em Plymouth, de volta de Portugal, d'onde sahira precipitadamente em consequencia da morte de Grant, que o substituia n'um alto cargo do governo da Irlanda. Quer Wellesley ir logo para Dublin, mas tem de desistir do seu proposito em consequencia da excitação, em que está o espirito publico em Inglaterra por causa do nenhum resultado proveitoso da campanha em Portugal.

Era estygmatizada a convenção de Cintra não só como impolitica mas tambem como iniqua, e apodavam-se de traidores todos os que n'ella haviam tido qualquer intervenção. Wellesley era dos mais censurados, porquanto Dalrymple dera a entender que fôra por conselho d'aquelle general que se guiara no assumpto; e a assignatura de Sir

MISERIAS QUE SOFREO A RELIGIÃO

Os Frades passados á Espada, porque nestes Ministros do Evangelho julgavão os seus maiores inimigos os Francezes, que aquelles com a rezão (sic) e com a palavra lhe poderião servir de estorvo.
Os Francezes raça de viboras atropelando os direitos mais augustos com suas infames hobras (sic), a tempo que dizião: Não receeis cousa alguma do meu Exercito nem de mim, Junot. A vossa felicidade está segura. Junot.
Edital, 1 de Fevereiro de 1808. Gozão já de sua liberdade. Junot 12 de Maio de 1808.

Arthur posta no tratado preliminar era para os jornaes e para o povo britannico a prova cabal d'aquella imputação.

Cumpria-lhe justificar-se, pois de contrario ficaria em posição muito critica, a despeito de ter vencido pouco antes os francezes na Roliça e no Vimeiro.

Dão ideia perfeita do que foram os effei-

tos da convenção de Cintra as seguintes palavras attribuidas a Napoleão:

«Eu estava decidido a submetter Junot a um conselho de guerra, quando felizmente os inglezes processaram os seus generaes, livrando-me assim do desgosto de castigar um amigo velho.»

Em Inglaterra muitos jornaes tarjavam de

PROTECÇÃO PROPRIA DE JUNOT

Não satisfeito o impio Junot do Tributo por elle imposto de 40 milhões de cruzados, accressenta (sic) que as Igrejas sejão tambem saqueadas pello direito da força com que as despojou.

Todo o Ouro e Prata de todas as Igrejas, capellas e confrarias serão conduzidos a caza da moeda. Junot. Decreto de 1 de Fevereiro de 1808.

preto as noticias relativas aos negocios de Portugal e exigiam o castigo dos culpados, chegando até a falar na pena de morte como sendo a correspondente ao crime de que os consideravam réos.

Uma palavra de Wellesley em publico — escreve um seu biographo — afastaria a maré e faria cahir sobre outros a deshonra: elle, porém, recusou-se a dizel-a.

Dia 6

E' creado, por um decreto dos governadores do reino, escripturação especial para os donativos que individuos de todas as classes sociaes davam para custear as despezas da organização e manutenção do exercito indispensavel para livrar Portugal das vergonhas por que tinha passado.

Os donativos foram em grande numero, sendo uns em dinheiro e outros em generos alimenticios, panno branco e de côr, gado cavallar, etc.

Dos donativos em dinheiro muitos foram superiores a um conto de réis, tendo sido de 12 contos o do conselheiro Gaspar Pessoa Tavares de Amorim, de 9:600$000 réis o de Jacintho Fernandes da Costa Bandeira, de 6 contos o do Barão de Quintella, e de réis annuaes 2:400$000, durante a guerra, o do Conde da Ribeira Grande.

A duqueza de Lafões e outras fidalgas e fidalgos offereceram-se para dar fardamento para os tres regimentos de cavallaria da Côrte; as freiras do convento do Coração de Jesus em Lisboa, á Estrella, deram além de um conto de réis, metade do seu rendimento no reguengo de Tavira, pelo tempo que durasse a guerra, e metade dos juros reaes vencidos desde 1805 até 1808; um anonymo concorreu com 100 pipas de vinho, uma carga de carvão de pedra, 4:000 camisas, 3:000 pannos de palha, 6 cavallos e um donativo em dinheiro.

Subiu a quantia muito importante o que foi offerecido para tão patriotico fim pelo povo portuguez, que n'esta quadra deu tão brilhantes provas do mais nobre civismo.

Dia 10

O bispo do **Porto** manda o corregedor do crime da segunda vara tratar com os francezes, que tinham chegado poucos dias antes da praça de Almeida, escoltados por

200 inglezes. Aquella providencia tornava-se necessaria, em consequencia da enorme excitação que tinha causado no povo a chegada dos inimigos com armas, mochilas e bagagens. Ás chufas com que os portuenses os receberam, os francezes replicaram com ameaças, do que resultou um grande tumulto, que aquella força ingleza e bem assim a policia debalde pretenderam acalmar. Foram tiradas as armas aos francezes, entrando no motim muitos soldados portuguezes, que a reducção do pret, decretada pouco antes pelos governadores do reino, levara ao desespero.

Só depois de refugiados a bordo dos transportes britannicos os francezes se consideraram salvos do perigo. Ainda assim o povo, sempre na maior irritação, foi, em pequenas embarcações, cercar aquelles navios, no intento de obrigar os fugitivos a restituir o que levavam roubado.

Foi necessario convencer os francezes a entregarem as bagagens, de que uma commissão encarregada de inspeccional-as apartou muitas coisas, algumas de alto valor, que tinham sido tiradas das egrejas e dos palacios, taes como tecidos de oiro e prata, brocados, franjas, cortinados e peças de damasco, muitas das quaes estavam em estado lastimoso por haverem passado pelas mãos da soldadesca napoleonica.

Restituido aos francezes o que se provou pertencer-lhes, levantaram ferro os navios que os levaram ao seu destino. Foram estas as ultimas forças que sahiram de Portugal das que haviam feito parte do exercito com que Junot nos invadiu o territorio.

Dia 14

São creados, por um decreto da regencia, 6 batalhões de caçadores, determinando-se depois que os seus quarteis fossem em Castello de Vide, Moura, Traz-os-Montes, Beira, Campo Maior e Porto, e que tivessem o seguinte fardamento: jaqueta de saragoça caseada de cordão preto, collete e pantalona de saragoça ou brancos, vivos verdes, botões amarellos, e capotes eguaes aos que para a infanteria estabelecera o plano de uniformes de 19 de maio de 1906, que então vigorava para o nosso exercito. Cada batalhão terá 628 praças, divididas por cinco companhias, uma das quaes será de atiradores.

O mesmo decreto marca a força que deverão ter os outros corpos do exercito da primeira linha e de milicias; estabelece o plano de organização para cada corpo, e ordena que se recrutem todos os mancebos de 18 a 30 annos e que se sente praça a todos os vadios encontrados pela policia.

Eternas moradas dos Malvados Gallos e Aguias victimas das suas mesmas hobras (sic), lançados nos sempre duraveis tormentos. Tal he o fim dos monstruosos da humanidade pellos homicidios e roubos. A deshonra, o furto e a morte traz comsigo o premio proporcionado a taes procederes.
He consequencia de uma luta.
Junot. Decreto de 12 de Maio de 1808.

Dia 17

Por um officio dos governadores do reino para o tenente general Bernardim Freire de Andrade, é este nomeado governador da cidade e partido do **Porto**, a fim de pôr termo á fermentação em que se acham os habitantes da região, desde o embarque dos francezes, que constituiam a guarnição de Almeida. Os governadores, falando em nome do Principe Regente, confiam no zelo, prudencia e firmeza de que Freire é dotado, para que ali se restabeleça o socego publico e o povo entre na obediencia e sujeição que deve ter ás auctoridades civis e militares. Recommendam-lhe que se entenda com o general Beresford, commandante das tropas britannicas, procure conservar sempre a amizade e boa união que existem entre as duas nações, e averigúe quaes foram os principaes promotores d'aquellas desordens, a fim de o participar ao governo.

M. A.

Porca de Murça

Muda de côr quando mudam os governos, segundo a lenda

Photographia de Antonio Manoel Lopes — Villa Verde (S. Pedro de Goães)

A Architectura da Renascença em Portugal

Por ALBRECHT HAUPT

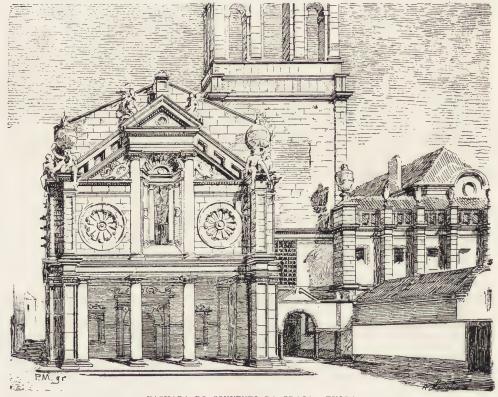
Parte II — O PAIZ

ALEMTEJO

Remonta á mesma época a fundação do convento da Graça; a egreja é oriunda, na maxima parte, da éra correspondente á data atribuida ao côro; ficou, porém, por concluir, e só o veiu a ser pelo cardeal D. Henrique, a quem se deve, indubitavelmente, a construcção do convento, conforme hoje se nos apresenta. No friso encimando o portico, lê-se, aliás, a declaração de que a *opus Divi Joannus tempore inauguratum* foi concluida no tempo de D. Sebastião.

A egreja, infelizmente em deploravel estado de decadencia, é, pelo que respeita a parte mais antiga, uma das mais grandiosas obras genuinamente portuguêsas, e pertence ao grupo da egreja um tanto mais nova da Conceição, em Thomar; de uma só nave, e planta rectangular, foi mais tarde coberta com uma abobada hemispherica, lisa e um tecto de vigamento. A parede do côro é rôta por tres janellas,

PATEO DA UNIVERSIDADE — EVORA

devendo ser contadas entre os mais finos trabalhos da Renascença existentes em Evora; os alizares de marmore são representados por airosas columnas, encerrando uns motivos de architectura rejuvenescida em artificio perspectivico, e um arco de tabellas igualmente perspectivado. As misulas de vado, e adornado de columnas, coroado por um frontão aguentado por umas robustas misulas, dispostas obliquamente. O lanço destinado ao altar-mór terá apresentado uma abobada hemispherica. A egreja, inquestionavelmente, haverá ficado concluida, por fóra, no periodo anterior; seria demorada a

FACHADA DO CONVENTO DA GRAÇA — EVORA

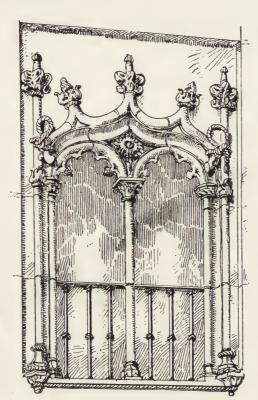
supporte obliqúam tambem internamente, em perspectiva, ostentando no espaço intermedio um bello friso ornamentado. Este rejuvenescimento architectural, que já encontrámos em Thomar, repete-se com mais singeleza nas outras janellas, assim como tambem nos nichos que ladeiam a galilé campando na frontaria, e ainda n'um precioso cenotaphio de alabastro no côro da egreja, um sarcophago perspecti- construcção, já das abobadas já do peristillo; este ultimo, cingindo-se ao projecto da primitiva, e em estado lastimoso, infelizmente, supposto que muito original a composição, é ultimado com garbo. O formoso adro de columnas doricas do pavimento inferior é no seu genero exemplo raro no paiz; o superior apresenta ao meio uma janella, imitação da architectura perspectivada do interior. As pesadas

rosaceas, a architectura, algum tanto arruinada, do tão encantador motivo, das janellas, o coroamento original do frontão, á laia de friso, com uns caixotões muito cavados, e por ultimo o peso nada motivado e a flacidez de contorno da propria parede do frontão, o qual, mercê das tão fantasticas figuras, já nos angulos, já no centro, denuncia esforço e indecisão, communicam á frontaria um não sei quê de pesado, de instavel, e não obstante, estes contras não conseguem desluzir a individualidade e o valor consideravel da composição.

O mosteiro adjacente deve datar da mesma época da edificação da correspondente Universidade jesuitica, e as suas fórmas geraes condizem ás da architectura deste instituto.

JANELLAS — EVORA

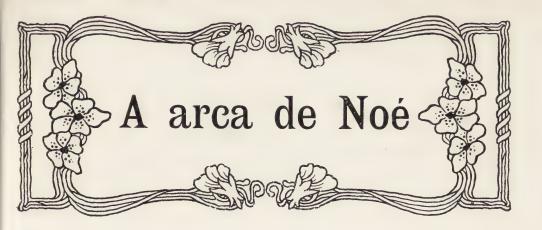
Antes delle nos occuparmos, vem aqui a proposito relembrar o papel assumido pelo Cardeal D. Henrique, (1512-86), ultimo monarcha da dynastia de Aviz, na historia da architectura na cidade de Evora. Votado á carreira ecclesiastica, arcebispo de Braga aos vinte annos, passou n'aquella cidade a maxima parte dos seus dias de vida, já como bispo de Evora já como cardeal e inquisidor-mór. Mantinha uma côrte luzida, e representou aqui, durante meio seculo, papel principal nos acontecimentos de importancia mais transcendente. Por consentimento do fanatico D. João III foi educado pelos jesuitas e de alma e coração se votou ás suas propensões ecclesiasticas; e não obstante, durante muito tempo fez opposição á Companhia de Jesus, pois como representante da Inquisição resistia a entregar-se de todo nas suas mãos, o que todavia veiu a acontecer finalmente. As instituições por elle fundadas em Evora falam aliás por si.

A actual Casa-pia, antigo collegio dos Jesuitas e comprendendo a respectiva Universidade, é um dos mais grandiosos conjunctos architectonicos dos dias da Renascença, supposto não apresente conspicuo valor artistico. Seria isto motivado, talvez, pela nimia celeridade com que foi posto em pé, e ao mesmo tempo pelo emprego do granito como elemento architectonico. Concluido em 1551 o collegio dos Jesuitas funccionava já em 1554.

Em 1558 seguia-se a consagração da Universidade, constituindo esta juntamente com as anteriores construcções um todo architectonico, com o respectivo e tão sumptuoso pateo, e as competentes casas de habitação. Na data de 1567, foi vedada ao publico a antiga egreja dos Jesuitas no primeiro lanço da construcção e edificado um novo templo de mais grandiosas dimensões, do lado da rua, consagrado em 1574, e o antigo adaptado a aulas da Universidade.

EGREJA DA CARTUXA — EVORA

Os diversos corpos do edificio são aproximadamente quadrados, medindo as faces uns cem metros, de singelissima arthitectura muito similhante á do convento da Graça. Abrangem a imponente crasta de columnatas da Universidade, e tres pateos mais pequenos; entre estes, os diversos corpos do edificios. A frente de todos elles, accessivel da rua mediante um adro de tres arcadas, abrangendo um todo architectonico de pilares graniticos da maxima singeleza com a tão singular galeria de arcos abocetados, sobreposta á cornija, tal qual a do convento da Graça. E' de uma só nave a egreja, com abobada hemispherica, series de capellas, baixas, côro alto para cantores e para fieis; a ultima capella, á esquerda, ostentando um pesado motivo palladiano na frontaria, contém o tão singelo sarcophago do Cardeal, mandado lavrar por este para o seu jazigo; o triste destino do seu paiz, chamando a occupar o throno o já caduco ancião, nos transes derradeiros, contra sua propria vontade o desviou para longe do seu habitaculo predilecto, para o depositar no regio mausoleu de Belem. A decoração da egreja é de talha e mosaico de marmore, rica e formosa, em parte; tornando-se conspicuo o sacrario de talha dourada; o emoldurado das capellas, na maxima parte, é esplendido quanto possivel, lavrado em marmores com embutidos variegados; o proprio interior das mesmas capellas ostenta identico revestimento sobresahindo a sumptuosissima capella do Senhor dos Passos, peça de primeira ordem como architectura ornamental, transferida para aqui da egreja da Graça.

(Continúa.)

A arca de Noé

Os progressos realizados pela construcção naval desde Noé são notabilissimos; devemos confessar que, n'esses tempos, as leis da navegação andavam um tanto desprezadas, e que, pelo contrario, em nossos dias, se acham regradas como papel de musica. Noé, coitado, não poderia hoje emprender aquillo que então se permitiu, visto como a experiencia nos tem ensinado a necessidade que ha de tomar, com maior escrupulo, cautéla com a vida de nossos semelhantes. Na hora actual, Noé ver-se-ia negar licença de sair do porto de Breme. Os inspectores accudindo a effectuar a visita da arca far-lhe-iam toda a casta de objecções. Quem conheça a Allemanha pode facilmente imaginar a scena e os pormenores todos do colloquio que se travaria.

Eis o inspector, no seu soberbo uniforme militar, imponente de majestade e correcção, mas tão immutavel como a estrella polar, no fiel desempenho de seu encargo. Era homem para obrigar Noé a declinar-lhe: o logar em que nasceu, a idade, a seita religiosa a que pertencia, a cifra dos seus rendimentos, o seu posto e posição social, o genero das suas occupações, o numero de suas mulheres, de seus filhos e de seus criados, assim como o nome, o sexo e a edade de cada um. Dado o caso de que ainda não tivesse passa-porte, seria intimado a ir sollicitá-lo immediatamente. Depois passariam á arca:

— Comprimento?

— Seiscentos pés.

— Calado de agua?

— Sessenta e cinco.

— Bojo?

— Cincoenta a sessenta.

— Construido de...?

— Madeira.

— Essencia?

— Cedro e acacia.

— Ornamentação externa e interna?

— Alcatroada por dentro e por fóra.

— Passageiros?

— Oito.

— Sexo?

— Quatro machos e quatro femeas.

— Edades?

— Os mais novos, cem annos.

— E os mais velhos?

— Seiscentos.

— Ah! vae para Chicago. Boa ideia. O nome do medico de bordo?

— Não trago medico.

— E' preciso arranjar um, e um empreiteiro de serviço funebre; é absolutamente indispensavel. Pessoas com tanta edade devem rodear-se de quanto é necessario para viver.

— Tripulação?

— As mesmas oito pessoas.

— As mesmas oito pessoas?

— Sem tirar nem pôr.

— E além d'essas, quatro mulheres?

— Sim, senhor?

— Já serviram na marinha?

— Não, senhor.

— E os homens? Algum dos senhores já teria navegado?

— Não, senhor.

— Onde foram educados, então?

— N'uma granja, todos nós.

— Este navio, visto não ser movido a vapor, deve de ter uma tripulação de 800 homens. Trate de os arranjar. Deve levar comsigo quatro immediatos e nove cozinheiros.

— Quem é o capitão?

— Sou eu, senhor.

— E' preciso que leve um capitão, e além d'isso uma camareira, e enfermeiros

para os doentes. Quem fez o risco do barco?

— Este seu criado.

— E' a sua estreia n'este genero?

— Saberá que sim, senhor.

— Lá me quiz parecer. Que carga leva?

— Animaes.

— De que especie?

— De todas.

— Bravos ou domesticos?

— Bravos o maior numero.

— Exoticos ou do país?

— Exoticos, os mais d'elles.

— Quaes são as principaes féras que leva?

— Megatherios, elefantes, rhinocerontes, leões, tigres, lobos, serpentes de todas as especies selvaticas e de todos os climas, um casal de cada.

— As jaulas serão seguras?

— Jaulas, é coisa que não lévo.

— Precisa de jaulas de ferro. Quem é que dá de comer e de beber a toda essa bicharia?

— Somos nós...

— Como assim? os senhores, com tanta edade?

— Pois é assim mesmo,

— E' um perigo tanto para as féras como para a gente. Esses bichos devem estar ao cuidado de patuscos que intendam da póda. Quantos animaes leva, ao todo?

— Grandes, sete mil; entre grandes e pequenos, no conjunto, noventa e oito mil.

— Necessita de mil e duzentos guardas. Por quantas aberturas recebe luz o navio?

— Por duas janélas,

— Onde estão situadas?

— Nos rebordos do tecto.

— Duas janélas, para um tunel com 600 pés de comprido e setenta e cinco de fundo?... Precisa de montar luz electrica, diversas lampadas de Volta e 1500 lampadas incandescentes. Que é que o senhor fará para remediar um estoque de agua? Quantas bombas leva a bordo?

— E' coisa que não levo, meu senhor.

— Necessita de bombas. Como é que tira a agua para os passageiros e para os animaes?

— Com baldes, pelas janélas,

— Isso não é admissivel. Qual é a sua força motriz?

— A minha força... o que?

— Força motriz. De que se serve para fazer andar o barco?

— Eu, de coisa nenhuma!

— Precisa de vélas ou de vapor. Como é feito o seu leme?

— Não temos.

— Não tem barra?

— Não, senhor.

— Como governa então?

— Não governamos.

— Precisa de leme, instalado a preceito. Ancoras, quantas?

— Nenhuma.

— Precisa de seis. E' prohibido deixar sair um navio com semelhantes dimensões sem essa garantia. Quantos barcos de salvação?

— Nem um só, meu senhor.

— Precisa de vinte e cinco. Quantos apparelhos de salvação?

— Nenhum.

— Precisa de dois mil. Quanto tempo durará a viagem?

— Onze ou doze mêses.

— Onze ou doze mêses. E' compridinha, mas ainda chegam a tempo para assistir á Exposição.

— De que é forrado o seu barco? De cobre?

— O casco não é forrado de cousa nenhuma.

— Meu pobre homem, a bicharia miuda do mar que roe a madeira furam-lhe o barco como um crivo e pregam-lhe com elle no fundo antes de tres mêses. Não pode sair n'essas condições; é preciso mandá-lo forrar. Uma palavra, ainda... Reflectiu que Chicago é uma cidade internada e que um barco como este não pode lá ir?

— Chicago, onde vem a ficar Chicago? Eu não vou para Chicago,

— Deveras? Não me dirá, então, o que tenciona fazer de toda essa bicharia?

— Fazer que se reproduzam.

— Essa agora! Com que então não lhe bastam os que já tem?

— Não são em numero sufficiente para as necessidades actuaes da civilização; mas como os outros animaes vão todos elles ser afogados pelo diluvio, sobreviver-lhes-ão estes para perpetuar as especies.

— Um diluvio?

— Sim, senhor.

— Tem a certeza?

— Certeza absoluta. Vae chover quarenta dias e quarenta noites.

— Não se assuste, meu caro senhor, isso por aqui succede a cada passo.

— Não é chuva d'esse genero. Esta hade cobrir os cumes das montanhas, e deixará de se ver a terra.

— Aqui entre nós — isto, porém, officiosamente, já se vê — sinto que me fizesse semelhante revelação. Vejo-me obrigado a não lhe consentir escolha entre a vela e o vapor. O seu barco não pode transportar a centesima parte da agua necessaria para os animaes durante oito mêses. Precisa de uma machina para distilar agua.

— Mas se eu lhe digo que a tiro pelas janélas, com baldes.

— E' fresca a resposta! Antes até do diluvio ter alagado a crista das montanhas, a agua doce, pela infiltração da agua do mar, haver-se-á tambem tornado em agua salgada. Precisa de vapor para distilar a agua. Acceite os meus cumprimentos, cavalheiro. Se me não engano, declarou-me ser este o seu primeiro ensaio quanto a construcção naval?

— E' verdade que sim, senhor, palavra de honra. Construi esta arca sem dispôr da minima noção de construcções navaes.

— E' um trabalho notavel, na verdade, meu caro senhor, bem notavel, não tenha duvida. Estou em dizer que não andará nas aguas do mar outro barco de caracter tão novo e tão estrambotico.

— São favores que não mereço, meu caro senhor... estou penhoradissimo, acredite. E esteja certo de que heide conservar da sua visita, immorredoira recordação. Os meus respeitos, meu caro senhor, e muito obrigado... e adeus!

— Adeus! Isso é que não!... O inspector allemão, com incansavel cortesia, dispensaria a Noé protestos de amizade de toda a casta, mas nunca lhe consentiria o fazer-se ao mar na sua arca.

Versão do inglez por Manuel de Macedo.)

MARK TWAIN.

OS PRIMEIROS FREGUEZES

A Feira da Ladra

AIS uma velharia de Lisboa a que o progresso deu um severo golpe, transportando-a do Campo de Sant'Anna para o Mercado de Santa Clara, onde actualmente ás terças feiras se faz ponto de reunião, não só de pessoas que por baixo preço desejam adquirir qualquer objecto, não se importando que seja ou não já usado, como de outras que por não terem que fazer, para ali vão passar um bocado de tempo a espalhar aborrecimentos...

Porque a *Feira da Ladra* não é unicamente um recinto onde cada um vae para comprar ou vender.

E' tambem um local onde se reunem os que, sem outra occupação, por ali se encontram á tarde, no jardim ou percorrendo as ruas em busca de simples distracções; outros — e não é esse o menor numero — são os que vão aguardar a sahida das cigarreiras e charuteiras, esse bando alegre de mulheres do povo, algumas d'ellas tão gentis como a mais gentil patricia, d'essa formosura attrahente que possue a mulher portugueza da camada operaria, sempre nos labios o sorriso insi-

nuante, sempre na bocca a resposta prompta a qualquer gracejo.

A actual *Feira da Ladra* em nada se parece com a antiga, do Campo de Sant'Anna.

*
* *

Logo de madrugada, ás terças feiras tambem, começava ali a faina de espetar no chão as quatro ripas de pinho com que eram organisadas as barracas, na sua maioria feitas de lençoes velhos e cheios de remendos.

A' PORTA DE S. VICENTE

Mal o astro rei despontava no horisonte, ali estavam os feirantes estendendo pelo solo — que outro mostruario não havia — a sua fazenda, onde de tudo se encontrava.

Ao lado de um arame torcido e enferrujado que não tinha já utilidade alguma, uma collecção de moedas antigas de alto valor; junto de um velho relogio de prata com a respectiva corrente, um par de sapatos, cuja sola de ha muito já tinha marchado a confundir-se com o pó das estradas!...

Entre os multiplos e variadissimos objectos que ali se viam, alguns dos quaes nos fariam dar tratos de polé á imaginação para lhe descobrirmos a utilidade, era ali que iam morrer verdadeiras preciosidades artisticas!...

Que de sentidas lagrimas causariam muitos d'elles aos seus possuidores, quando estes, pela miseria ou doença, foram forçados a desfazerem-se de queridas recordações, que na *Feira da Ladra* iam terminar!

Quantas historias — se fallassem — poderiam contar aquelles objectos, a recordar talvez dias mais felizes de bem estar e amor!...

*
* *

Que de pittoresco encantamento tinha o Campo de Sant'Anna em dia de feira!

Haverá uns trinta annos!...

Como é saudoso recordar esse tempo em que, pela tarde, em ensurdecedor barulho confuso, mil pregões differentes ali se ouviam!

Cá em baixo, junto á praça de touros, em cujas paredes vermelhas estavam aqui e ali os cordeis em que se viam dependurados os *Lu-*

ziadas e a *Princeza Magalona*, os livros de Herculano e a *Historia de João de Calais*, estavam tambem livros custosos de litteratura e sciencia, ao lado do *Menino da matta e o seu cão Piloto*, e da *Corôa de Carlos Magno*; — cá em baixo, diziamos, junto á praça, era o logar destinado ás carruagens, sobre as quaes um figurão de irreprehensivel casaca e alto chapéu lustroso que mais parecia um cano de fogão, se apresentava ao publico tendo pendente um collar composto de dentes, com tanta ufania como se ostentasse o da Torre e Espada, apregoava aos quatro ventos as virtudes de um elixir maravilhoso que tirava nodoas de gordura e fazia crescer o cabello, que servia para curar a dôr sciatica e a bebedeira, que tinha o condão de fazer parar qualquer hemorragia, e provocar abortos!

A' BUSCA DE CURIOSIDADES

UM ALFARRABISTA

Mais além, os amoladores, entre os quaes tinha logar eminente o hespanhol do cão, um gordalhudo sevilhano, sempre acompanhado por um enorme e felpudo Terra Nova, e que

ao domingo era certo nos toiros, envergando um fato de veludilho acastanhado, cujos botões — e não poucos! — eram constituidos por libras e meias libras, reluzentes como só reluz o oiro!...

Ao lado direito da praça de toiros havia um grupo de velhas barracas onde os feirantes tinham os seus depositos e officinas de reparação. Hoje foram substituidos por um predio magnifico, de quatro andares, que por completo nos faz esquecer as barracas do *José Bonito,* que era tambem o proprietario do deposito que existia n'uma das escadas que davam ingresso para o *sol,* no velho circo, e cujos moveis, em dia de feira, se espalhavam pela porta em enorme exposição. Commodas sem gavetas, velhos canapés com assento de palhinha, que já se tinha ausentado ás vezes, era o maior negocio da casa.

*
* *

Hoje a *Feira da Ladra* perdeu parte do seu pittoresco. Já não ha os grandes chapéus de sol nem se vêem as barracas feitas de lençoes...

Ainda, como que a dar uma vaga recordação das barracas do Campo de Sant'Anna, se vêem no muro inferior do jardim alguns velhos lençoes como que a servir de cobertura aos *armazens* de fato feito.

ADMIRANDO PRECIOSIDADES

E' que não ha maneira de acabar totalmente com uma velha usança tão arreigada no espirito publico e nos usos e costumes de um povo.

Ainda existem tambem aquelles commerciantes que tanto nos impressionavam e que teem entre os objectos expostos á venda, alguns a que não é possivel descobrir a utilidade, como seja o cabo d'uma escova

de dentes, um pedaço de lixa velha, uma tampa de caixa de graxa, e outras mil bugiarias que seria ocioso enumerar.

O proprio mercado de Santa Clara é uma construcção de ferro e vidro, cujas lojas, alugadas na sua quasi totalidade a commerciantes do genero, abarrotam de moveis usados que se mercadejam mesmo em qualquer dia de semana.

Cá em cima, junto ao Arco de S. Vicente, é o logar escolhido pelos vendedores de livros, genero de negocio que actualmente está explorado com mais esperteza, e onde antigamente se encontravam raridades verdadeiras que alguns felizes adquiriam por baixo preço. Hoje ha algumas ainda, mas pagam-se bem.

O «CATRAPUZ» ENALTECENDO A «FAZENDA»

UM NEGOCIANTE DE CHAVES

Ali vêem-se frequentemente não só conhecidos alfarrabistas e colleccionadores de livros, como, e tambem em grande numero, litteratos e dramaturgos que vão enriquecer as suas estantes com obras caras que na *Feira da Ladra* são compradas por preço barato.

Ha escriptores e mesmo simples colleccionadores de livros que são

O RELOJOEIRO RAMOS

tando tambem de inverno o classico *burrié* como aperitivo para tragar um copasio do precioso nectar que fazia as delicias do velho Noé.

De envolta com a poeirada levantada dos moveis e mil trapalhadas velhas, que ali se vêem, espalha-se pela atmosphera o fumo evolado da sardinha assada com que em muitas das barracas se chama a concorrencia ao vinho de Alcochete ou Cartaxo.

São, talvez, o vinho e petiscos as unicas coisas que na feira se não vendem em segunda mão!...

certos em Santa Clara nos dias de mercado.

Mexem e remexem muitas vezes os livros, regateiam o preço e no fim... é raro comprarem...

Vemos ali sempre os vendedores de sabonetes e fitinhas metricas, de quadros velhos e bengalas sem castão, e mais abaixo, á porta da conhecida casa da *Chouriça*, as vendedeiras do camarão e *santola* cosida, não fal-

ESCOLHENDO UM LENÇOL

As unicas, não. Actualmente o progresso fez com que a *Feira da Ladra* não sirva só para exposição e venda de inutilidades e velharias. Tambem se vêem ali bons estabelecimentos de mobilia nova, casas onde se confeccionam objectos de folha, e até louça de Sacavem vemos ás terças feiras espalhada pelo solo.

*
* *

Como para servir ás necessidades da capital, temos que os feirantes acharam pouco um dia por semana para a exposição da sua mercadoria, e pediram e obtiveram licença para, ao sabbado, tambem fazerem o seu negocio.

Mas ao sabbado pouco negocio fazem! E' raro mesmo ver-se ali a animação da terça feira. Faltam-lhe os verdadeiros *habitués*, falta-lhe mesmo a maior parte dos feirantes que entendem que é melhor empregarem esse dia n'outro mister.

*
* *

Apesar de ser ainda uma curiosidade de Lisboa, a *Feira da Ladra* já perdeu parte d'aquelle *cachet* que tinha no Campo de Sant'Anna, no tempo em que se ia para o Campo Grande em burros alugados no Poço do Borratem, e a viagem para Belem era feita nos velhos carrões que sahiam do Rocio ás 6 da manhã para só chegarem ao seu destino perto das 9.

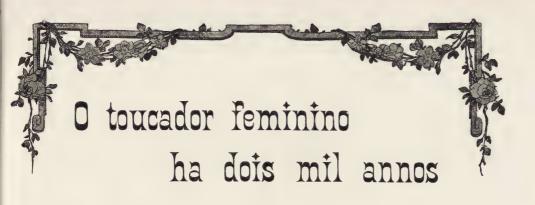
Quem ha trinta annos sahisse de Lisboa e agora cá voltasse, de certo não conheceria a bella cidade.

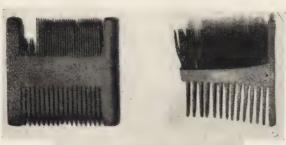
Quem nos diria que até se conseguiu tirar aos cocheiros aquelle traje tão caracteristico, para lhes darem como uniforme um jaquetão azul com botões brancos e um bonet á allemã que mais parece um taxo invertido? E os moços de fretes? Tambem se lhes quiz dar uniforme, e como reagissem — os pobres — ainda os obrigaram ao bonet e chapa!...

Está completamente mudada esta Lisboa, tão typica no tempo em que a *Feira da Ladra* era no Campo de Sant'Anna, o *Matadouro* no Becco do Sacco, e as meninas casadouras, algumas tendo já dobrado o tormentoso cabo dos trinta, iam ás noites para o Passeio Publico... á pesca de maridos!

(*Phot. Barcia.*) MANOEL COSTA.

O LEVANTAR DA FEIRA

O toucador feminino ha dois mil annos

Os reformadores sociaes e outros individuos rabugentos fartam-se ás vezes de invectivar contra o desperdicio de tempo passado em frente dos toucadores opulentos; relacionam o acrescimo da vaidade e o augmento do luxo com a degenerescencia physica e moral da raça. Mas o certo é que, bem ponderadas as cousas. as classes ociosas de hoje em dia não são afinal peiores do que as identicas de ha dois mil annos com respeito ao gosto pelos adornos pessoaes; é até licito duvidar que os recursos da toilette actual sejam muito superiores ao que eram ao tempo em que a celebre rainha Boadicea quiz tomar a iniciativa do regresso á vida simples. As reliquias descobertas de accessorios da toilette antiga, datando do tempo da occupação romana na Bretanha, e que presumivelmente pertenciam a damas contemporaneas da desventurada rainha dos Icenos, dão-nos idéa de que as damas d'essas eras tinham tanto cuidado na sua apparencia pessoal como as de hoje; e onde nos faltam provas materiaes podemos recorrer aos escriptores da época para determinação e reconstituição d'esses costumes.

Os toucados das damas romanisadas da Bretanha eram naturalmente os adoptado pelas esposas e filhas dos conquistadores, muitas das quaes, digamos de passagem, são integralmente descriptas por Ovidio na sua theoria do galanteio. Havia escravas, especialmente instruidas no arranjo do penteado por mestres da arte, as quaes essas damas mantinham apenas para tal serviço. Usava-se muito alizar o cabello e depois segural-o atraz com um grande prego, como os que em gravura apresentamos. Havia, como se vê, grande variedade na ornamentação d'esses pregos. Um d'elles, sobre o dardo de ferro, tem uma cabeça de urso, feita de bronze, sendo o comprimento total de decimetro e meio. Outro é todo de bronze, com o dardo quadrilateral, representando a cabeça um passaro a comer. Ha outro que tem a cabeça em fórma de cão, outro ainda, de bronze com a cabeça de marfim, reproduzindo uma mão que segura um fruto. O mais aprimorado é porventura um exemplar feito de osso, de fórma elegan-

PENTES ANTIGOS

tissima, com a cabeça delicadamente cinzelada, representando o retrato da imperatriz Sabina, mulher de Adriano. O que é sobretudo notavel n'este especimen são as roupagens cuidadosamente modeladas e o minucioso do penteado sobre o qual avulta o diadema imperial. Entre os enfeites usados na cabeça o mais importante era o Lemniscus, laço de fitas preso na nuca, consistindo ás vezes as fitas em folhas delgadas de ouro e de prata. Encaracolava-se o cabello com uma vara oca de ferro *(calamistrum)* aquecido em cinzas de lenha. Além d'isto, usava-se tambem uma faixa, cuja fórma variava conforme a dama era casada ou solteira. Muito á puridade, sabemos por Horacio da existencia de cabelleiras. Tanto homens como mulheres tingiam o cabello para o tornar negro ou louro, especialmente quando começava a salpicar-se de brancas. As sobrancelhas e as palpebras eram muitas vezes coloridas com um composto de antimonio ou com um preparado de negro de fumo. A tintura era vulgarissima nas damas, e até nos homens; as damas tinham uma grande variedade de tintas de carmim, e além d'isso córavam de azul as veias das fontes. Empregava-se o alvaiade para branquear a tez; e tão profusamente se applicavam estes varios compostos que frequentemente permaneciam semanas seguidas. Tambem não se desconheciam as «moscas» ou signaes artificiaes.

BROCHES EM FORMA DE ANNEL

FRASCOS ROMANOS DE PERFUMES

Mostramos em gravuras alguns pentes d'esse periodo. Tinham geralmente de 8 centimetros a 1 decimetro de comprido, e na Bretanha eram principalmente feitos de madeira ou de osso, tendo ás vezes tantos dentes grossos como finos. A fórma geral do pente, como se vê, pouco tem variado com o correr dos tempos. Instrumentos analogos aos que damos em illustração eram usados pelos espartanos, que deixavam crescer o cabello quando chegavam á edade viril. Era uso entre elles pentear e arranjar o cabello com todo o cuidado antes de entrar em peleja. N'esse acto foram surprehendidos Leonidas e os seus companheiros pelo espia persa antes da batalha das Thermopylas. De passagem, é interessante notar que os barbeiros foram introduzidos na Italia por volta do anno 300 A. C.; é pois possivel que houvessem sido importados na Bretanha quando a civilisação romana começou a implantar-se na ilha. Estes barbeiros barbeavam os freguezes com afiadas navalhas, mas, em consequencia da falta de sabão ou do embotamento relativo de seus instrumentos, havia cabellos rebeldes que escapavam á operação e eram arrancados com pinças, como as que reproduzimos. Que vasto campo este para a fantasia! Imaginem, por exemplo, Julio Cesar arrepelado pelo barbeiro; qual seria o destino do desgraçado profissional? Os barbeiros tambem costumavam aparar as unhas das mãos. D'isto aos modernos manicuros pouco adeantámos afinal em materia de fausto.

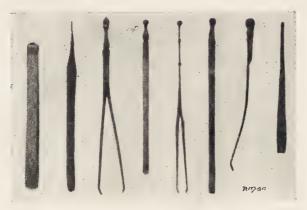
Mas voltemos ao toucador. No que respeita a dentifricos, a escolha era tão estonteadora como hoje em dia. Os pós de dentes, em cujo preparo os romanos eram especialmente habeis, eram sobretudo feitos de ossos, cascos e chavelhos de certos animaes, e de cascas de ostras. Estas substancias, tendo sído primeiro queimadas e ás vezes misturadas com mel, reduziam-se a pó fino e completavam-se por varias maneiras. Juntavam-se-lhes frequentemente myrrha, nitro e chifre de veado, moidos ao natural, provando que os romanos não só apreciavam a limpeza n'este particular, mas que algo sabiam sobre preservação e fixação dos dentes. O uso da casca de ostras como base de um dentifrico é particularmente interessante, desde que consideremos que a base de quasi todos os preparados modernos para esse fim é cal precipitada. Pedra pomes pulverisada fez em tempo o seu officio como dentifrico, mas parece ter cahido dentro em pouco em desuso, por ser considerada deleteria. Usavam-se frascos de vidro, talvez umas vezes por outras varias caixas de bronze, para guardar os diversos arrebiques, pós, unguentos, oleos e outros pertences do toucador. Os feitios mais habitualmente empregados eram os que se mostram na illustração junta. Quando consideramos como era então elementar a sciencia da chimica e da medicina, é evidente que muito tempo e muito pensar deveriam dispender os antigos para a descoberta e manufactura d'aquelles artigos.

LIMPA-OUVIDOS ORNAMENTAES

De duvidoso requinte eram os strigiles, instrumento de bronze ou de ferro usado para raspar o corpo depois do banho, antes de o cobrir de unturas. Tal processo, ao que se nos afigura, estava longe de ser agradavel, mas o que prova em todo o caso é o cuidado que n'aquelles tempos se dedicava ao envolucro corporeo. Tambem era de uso commum o limpa-ouvidos, havendo um especimen utilmente combinado com umas pinças e um palito de dentes.

Os espelhos consistiam apenas em peças de metal polido, quasi sempre bronze, sendo a sua forma mais usual a circular sem péga alguma; mas teem-se encontrado exemplares com manipulos finamente trabalhados, e alguns eram quadrados ou oblongos. Os circulares eram a maior parte das vezes ornamentados com anneis concentricos gravados na superficie.

STRIGILES DE BRONZE E DE FERRO USADOS DEPOIS DO BANHO

Antes de passarmos ao objecto dos enfeites, cumpre menciona-um ou dois pontos interessantes. A origem da meia moderna parece ter sido a *fascia*, tira de panno côr de purpura enrolada nas pernas, pouco mais ou menos á moda tradicional do bandoleiro, a prin-

PINÇAS DE FERRO E DE BRONZE

cipio não chegando ao joelho, e chegando mais tarde acima d'elle. Não se desconhecia o lenço, mas, comquanto se usasse para enxugar o rosto, o seu uso mais frequente era para acenar como signal de applauso nos espectaculos publicos. Não havia sapatos de tacão alto, mas as damas romanas suppriam esta falta pelo engenhoso artificio de introduzir tiras de cortiça entre as solas. Este methodo de augmentar a estatura era vulgarmente adoptado pelos actores.

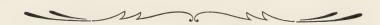
O enfeite pessoal de fórma mais commum era a fibula ou broche. Exhibiam grande variedade de feitios, e o material de que eram feitos era usualmente ouro ou bronze, raras vezes prata. As mulheres usavam muitas vezes uma fibula em cada hombro e uma enfiada d'ellas ao longo de cada uma das mangas da tunica. Era moda tambem usal-as ao peito, e para arregaçar a tunica acima dos joelhos. E possivel que este habito de arregaçar a tunica tivesse contribuido para o acrescimo da meia, ao qual acima nos referimos. Conta-se que os espetos d'estes broches serviam bastantes vezes para causar graves maleficios; empregaram-n'os as mulheres da Phrygia para cegar Polymnestor, e as athenienses para cegar e depois matar um homem. Por fórma que o uso do alfinete de chapéo como arma em certos bairros de Londres não é afinal novidade. O broche conduziu a fivela, por meio da qual se apertava o cinto. As nossas illustrações apresentam uma porção de broches antigos que possuem excepcional interesse, visto assumirem precisamente a mesma fórma de muitos dos pregos de vestidos que por ahi se vendem hoje. Uma variedade de fibula consiste n'um ornamento com dois ganchos em cada extremo, tendo apparentemente por fim colher o vestido em pregas. Muito moderno de feitio é o pendente de bronze em fórma de flôr, com um furo para suspensão, sendo o centro incrustado de esmalte azul. Variavam muito as pulseiras e os braceletes, sendo o uso das primeiras commum aos dois sexos. Um exemplar massiço de ouro, achado em Cheshire, deve ter sido usado por um homem, por-

PREGOS PARA CABELLO, DE FERRO, BRONZE E OURO

PREGOS PARA CABELLO, DE FERRO, BRONZE E OSSO

ventura recompensa concedida a um soldado pela sua coragem, conforme um habito antiquissimo. Um dos braceletes conservado no Museu Britannico é notavel por ser fechado por meio de uma especie de fivela. Altamente interessante é tambem uma pulseira de prata, cujos extremos são decorados com linhas formadas por especie de contas e terminadas por entalhes profundos. Apreciavam-se immenso as pulseiras de azeviche, por ser de grande valor a materia prima. Em volta do pescoço e da cintura usavam-se cadeias primorosamente trabalhadas, das quaes se suspendiam perolas ou joias engastadas em ouro, chaves, e outros enfeites em guisa de berloques. Os collares eram ás vezes de grande belleza, constituidos por perolas, esmeraldas e outras pedras preciosas enfiadas n'um fio de linho ou seda ou em fios e elos de ouro. Além da faixa que cingia o pescoço havia ás vezes segunda e terceira enfiada de ornatos que pendiam sobre o peito. Recorria-se a varios artificios, alguns muito simples e engenhosos, para fechar o collar na parte posterior do pescoço.

AGULHAS ROMANAS DE BRONZE

Com o auxilio da experiencia moderna podemos imaginar as damas do passado absorvidas nos mysterios da toilette, e concluir que é mais na lettra do que no espirito que d'ellas differem as damas de hoje.

ALTIVEZ

Entre tufos de flores perfumosas
Se acoutam vossos palacetes raros,
A ostentar obras d'arte esplendorosas
Em esculptura de marmore de Paros.

Eu, sem um tecto amigo, em silenciosas
Noutes estrellejadas, em amaros
Dissabores colhido, ergo harmoniosas
Hosannas mil ao ceu, de encantos caros.

Desdenhastes outr'ora o meu amor
Quando vol-o offerecí em seu primeiro
Vôo ao paiz do sonho enganador;

Hoje o quereis, mas elle que tem brio
Repelle o vosso amor hospitaleiro
E prefere dormir ao luar e ao frio...

S. Paulo.

Americo José Rodrigues.

O Pinheiro Magico

Historia Para Creanças

Era noite velha quando o Raphael sahiu de casa, para ver se arranjava alguma coisa para a familia comer ao jantar no dia de Natal.

O relogio da egreja acabava de dar doze badaladas e aquelles sons tinham ido, atravez do ar frio de dezembro, levar a toda a aldeia e aos campos cobertos de neve a noticia de que principiava o grande dia.

Grande dia para outros, não para o triste do Raphael!

— Ai! Meu pobre Piloto — disse elle ao cão, que lhe corria nas pégádas, farejando á esquerda e á direita — se fosses uma alma christã não tinhas mais remedio que fazer, como a gente, cruzes na bocca n'este dia em que ha abundancia em todos os lares.

N'isto o sino tornou a tocar, chamando para a Missa do Gallo, e o Raphael entrou na matta do Marquez, guiado pelo luar que fazia luzir muito nos galhos do arvoredo os flocos de neve.

— Que dizes, Piloto? Vamos armar aos coelhos? tornou a dizer Raphael. Vejo por aqui umas tocas...

E o cão tambem as via, tanto que

as cheirava a uma e uma, mas sem excavar o terreno, signal de que os coelhos andavam passeando.

De repente appareceu deante dos dois um pinheiro pequenino, de copa muito arredondada e todo coberto de pinhas.

Ora como isto se passava n'uma terra onde é costume armar para as creanças a arvore do Natal, o Raphael, esquecendo-se dos coelhos, achou que podia levar aquelle pinheiro aos filhos, embora não tivesse nenhuns bonitos nem velinhas de cera com que lhe enfeitasse os ramos.

E vae então puxou pelo tronco do pinheiro e arrancou sem difficuldade as raizes da terra, que estava ali solta como areia. Pegou na arvorezinha e foi pôl-a debaixo de um carvalho, seguido sempre de Piloto, que soltava uns grunhidos de impaciencia, na ancia de ir dar uma batida aos coelhos.

Mal tinha chegado ao pé do carvalho, o cão, de olhos fitos na copa da arvore, deu um uivo de afflicção e recuou para longe, todo a tremer que até mettia pavor.

—Que susto foi esse, ó Piloto? perguntou-lhe o dono, tambem com certo medo, julgando que o cachorro tinha visto o caseiro do Marquez, homem sempre temivel contra elles ambos.

Por mais que olhasse, não enxergou ninguem.

— Talvez ande por aqui alguma alma penada, pensou o Raphael. Dizem que os cães as vêem melhor do que nós!

Mas como não tinha medo d'ellas nem de lobis-homens, foi tirando de um sacco umas tantas rêdes, e poz armadilhas em todas as tocas que encontrou.

O Piloto mal viu acabada a tarefa, não esperou que o dono lhe dissesse nada, e desatou a correr direito a um campo cultivado, onde os coelhos andavam a cear á custa do que o caseiro do Marquez lá tinha semeado. Escondido atraz do tronco do carvalho, o Raphael tinha na mão os cordeis com que havia de fechar as rêdes.

Apenas sentiram ao longe o cachorro, deram os coelhos ás de Villa Diogo, e foram de escantilhão metter-se nas tocas.

— Filei-vos, ricos meninos! resmungou o Raphael, puxando os cordeis.

Mas enganou-se. Ou as rêdes não estavam bem postas, ou elle não puxou a tempo os cordeis, o certo é que apenas ficou preso nas malhas um coelhito, que, por signal, pouco mais tinha que a pelle e o osso.

— Dás fraco petisco para um jantar de Natal, disse-lhe o Raphael, ao mettel-o no sacco. De mais a mais somos sete: eu, a mulher e os pequenos; mas que lhe hei de eu fazer?...

Tornou a preparar as armadilhas, porém não conseguiu apanhar mais nada.

Já ia clareando o ceo, quando se poz a caminho de casa, seguido pelo cão, levando ás costas o pinheirito, e no saquitel o coelho. Conforme o seu costume, trauteou esta modinha:

Cantando espanta o mal
N'este mundo o desgraçado:
Se fizeste o que podias,
A mais não és obrigado!

— E fizeste o que devias? perguntou uma voz, a curta distancia do Raphael.

— Hem! O quê? disse este, voltando-se de repente.

— Quem te deu licença para vires apanhar coelhos nas terras do sr. Marquez?

Era o caseiro!

UM BANDO DE GNOMOS DA MATTA

O Raphael desculpou-se, dizendo que só tinha apanhado um coelhito, e que estava promptо a restituil-o, mas o outro respondeu-lhe:

— Leva-o já comtigo, homem, leva-o já comtigo. Quer o deixes, quer fiques com elle, tens de pagal-o com lingua de palmo. Boas festas, amigo, boas festas! Não te digo mais nada. Adeusinho!

E foi-se embora, tambem cantarolando uma modinha, em que se falava de multas e de prisão.

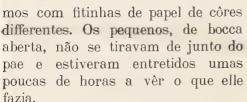
Mais morto do que vivo, o Raphael foi andando para casa, pensando no que ia ser a sorte da sua familia, se o condemnassem a qualquer d'aquellas penas. Como se lhe não bastasse a desgraça de não poder ganhar a vida como rachador, desde que, havia um anno, lhe tinha cahido em cima do braço direito o tronco de um freixo, que pesava uma sucia de arrobas!...

Com a ajuda do Piloto, lá tinha conseguido caçar, ganhando assim o bastante para sustentar a mulher e os filhos, mas padeciam tantas necessidades que estavam todos com as botas e o fato em frangalhos, sem que o pobre homem soubesse d'onde viria o dinheiro para os vestir e calçar.

Imagine-se portanto qual seria a afflicção do desgraçado, depois de ouvir aquella ameaça. Como não tinha dinheiro para pagar a multa, ia para a cadeia cumprir a pena. O que seria da sua familia durante esse tempo?

— Não lhes digo nada, resolveu comsigo mesmo, senão depois de amanhã. Quero ao menos que passem com satisfação o dia de festa.

Emquanto a mulher fazia o coelho de cabidela, foi elle arranjando com o pinheiro uma arvore de Natal,

para o que metteu as raizes e a parte debaixo do tronco em um caixote alto e quadrado, que encheu de terra e aparas, e enfeitou os ramos com fitinhas de papel de côres differentes. Os pequenos, de bocca aberta, não se tiravam de junto do pae e estiveram entretidos umas poucas de horas a vêr o que elle fazia.

A' tarde, poz-se na mesa a cabidela e começaram todos o jantar muito satisfeitos até o momento em que o Raphael, lembrando-se do que estava para lhe succeder, desatou a chorar como uma creança.

A mulher, muito apoquentada, perguntou-lhe o que tinha, e, quando elle lhe contou o que era passado na matta, poz-se mais branca do que a cal da parede, e gritou:

— Pois tu arrancaste do logar que dizes este pinheiro? Valha-te Deus! Agora é que eu vejo porque não caçaste mais coelhos, e foste pilhado pelo caseiro! Fica sabendo que ainda isto não é nada. Prepara-te para muitas outras desgraças.

A mulher de Raphael era muito sabida nos segredos da matta, e bastantes já tinha contado ao marido, mas esquecera-se de falar-lhe no pinheiro magico onde habitavam os espiritos.

Cobriu o rosto com as mãos, e começou aos soluços, dizendo:

— Sabe Deus que vingança vão tirar de ti e de nós, todas as fadas a quem tanto offendeste. Valha-nos Deus! Valha-nos Deus!

O Raphael sentou-se-lhe ao pé, tambem muito afflicto, e perguntou-lhe se não haveria meio de remediar o mal.

— Até ahi não chega o meu saber, disse-lhe a mulher, ainda a chorar.

— O' minha mãe! O' meu pae! gritou um dos pequenos. Vejam que linda está a arvore de Natal. Vejam!

Os dois olharam para o pinheiro, e viram as pinhas a luzirem como rubis, espalhando uma claridade que se foi tornando cada vez mais forte, e dando aspecto differente á pobre choupana e ás caras d'elles e dos filhos.

— Ouçam! Ouçam! disse o mesmo pequenito.

E ouviram uma musica muito bonita, que vinha de longe e que se foi approximando a mais e mais.

Dois dos pequenos abriram a porta e logo entrou na choupana um bando dos gnomos da matta. Todos tinham azas e traziam calções curtos, excepto a rainha que ostentava um comprido vestido de saia roçagante.

— Obrigado te ficamos, Raphael, disse-lhe a rainha, por teres tirado

do meio do frio e da chuva o pinheiro magico. Agrada-nos muito mais dançar aqui, onde está um calor tão bom, do que no meio da matta gelada.

– O que sinto, responde-lhe a mulher de Raphael ainda muito assustada, é não ter um bom jantar para lhes offerecer. Só se quizerem provar a nossa pobre cabidela.

— Nada! Nada! respondeu a rainha dos gnomos, batendo na mesa com a mão. Sou eu que lhes vou offerecer o banquete de Natal.

E na mesa appareceram logo as melhores iguarias, como de certo não teria eguaes a do proprio rei.

— E agora, continuou a rainha dos gnomos, venham os menestreis tocar e cantar em honra da habitante do pinheiro magico.

E quatro homens pequeninos, com harpas pequeninas e chapeus muito grandes, entraram na choupana, e, sentados ao pé da lareira, tocaram e cantaram com tal perfeição que os pequenitos se esqueceram dos acepipes para só lhes darem ouvidos.

E os quatro menestreis cantaram assim, emquanto os gnomos, de mãos dadas aos filhos do Raphael, dançavam, rodopiando em volta da casa:

N'esse pinheiro magico
Não mais vos occulteis.
O vosso rosto esplendido
Encanta os proprios reis.

Contemplar-vos! Delicia,
Que não tem outra egual.
Vinde alegrar, benefica,
A noite de Natal!

Apenas os menstreis se calaram, a luz vermelha que irradiavam as pinhas foi-se tornando mais pallida, e um fumosinho branco sahiu da arvore e tomou a fórma de uma dama de belleza estranha, que tinha um vestido vaporoso e ondulante.

Quando as danças acabaram de todo, ella deu alguns passos para o Raphael, olhando-o com bondade.

O pobre, coitado, sentiu as pernas cederem ao peso do corpo, e ajoelhou.

Disse-lhe a beldade:

— Bem está o que bem acaba; digo-te, porém, que foste devéras audacioso trazendo-me para tua casa com tanta sem-ceremonia. Estive quasi a matar-te hontem á noite.

O Raphael teve de subito uma inspiração, e disse respeitosamente, mas com firmeza:

— Bom foi que não me maltratasseis, senhora minha. Vêde o que eu já fizera em vosso favor. Os coelhos tinham excavado a terra junto das raizes da vossa arvore, que certamente cahiria no chão, ao embate do primeiro vendaval que se levantasse. Não devieis, portanto, fazer com que o negregado caseiro me surprehendesse, e intente causar-me tamanho prejuizo.

— Tens razão e estou arrependida, disse a Dama do Pinheiro Magico. Olha! Corre immediatamente ao logar onde estava plantada a minha arvore, e traze comtigo o que lá encontrares.

Emquanto o Raphael cumpria esta ordem, a Dama do Pinheiro Magico e a Rainha dos Gnomos conversaram uma com a outra, ao passo que os pequenitos e os gnomos retouçavam contentissimos, fazendo tanto barulho que a mulher de Raphael não foi capaz de ouvir uma só palavra do que as duas disseram.

Voltou afinal o Raphael, trazendo ás costas um sacco muito pesado, e ouviu a Dama do Pinheiro Magico dizer á Rainha dos Gnomos:

— Dou-vos toda a razão. Onde estavamos, havia muito barulho. O que nos convinha era um vergel muito socegado, no meio da matta.

— Sei de um casal que está para vender n'esse logar exactamente, acudiu do seu canto o Raphael. E, se não me engano, o dinheiro que ha n'este sacco chega para a compra e ainda sobeja.

— Pois então compra-o amanhã mesmo, disse a Dama do Pinheiro Magico, e planta lá a minha arvore. Eu e os gnomos olharemos pelos fructos que der o teu pomar.

O Raphael, lembrando-se de que por pedir ninguem vae preso, disse á Dama do Pinheiro Magico:

— Fazei-me algum bem a este braço, para que eu possa trabalhar.

Sei como te aleijaste, respondeu ella. Mas espera... Isso passa n'um instante.

E assim aconteceu, porque logo que ella lhe poz a mão no braço sentiu-se bom de todo o antigo rachador e foi abrir a porta aos gnomos, que sahiram por ali fóra após a sua rainha, emquanto a Dama do Pinheiro Magigo se mettia novamente no tronco da sua arvore.

— Olá, Raphael, disse o caseiro do Marquez, encontrando-o tres dias depois. Disseram-me que já podes trabalhar. Excusas então de ir caçar ás propriedades alheias, hem? Sabes o que sonhei na noite de Natal?... Que tinhas apanhado um coelho do sr. Marquez.

— Ah! Sonhaste?...

— E' verdade. Vaes continuar a ser rachador?

— Deixei-me d'isso. Com uma herança que tive, comprei um casal, que me dá o bastante para sustentar a mulher e os filhos.

— Parabens, homem, parabens!

A fructa melhor que d'ahi em deante apparecia no mercado da cidade visinha, era levada pelo Raphael.

QUATRO HOMENS PEQUENINOS, COM HARPAS PEQUENINAS.

Um dia foi o caseiro do Marquez ao pomar, e admirou-se de vêr um pinheiro no meio das pereiras e macieiras.

— Porque não o cortas? perguntou elle ao Raphael. Punhas ali outra arvore, que te désse bom rendimento.

— Enganas-te. Não ha nenhuma que me renda tanto.

O caseiro foi-se embora, dizendo com os seus botões que o Raphael, por via da riqueza, tinha dado em pateta.

Mais pateta era elle!

Grandes topicos

O presidente Castro. — O famoso general Castro, que tanto deu que falar pelos seus actos como presidente da republica da Venezuela, decidiu ultimamente realisar uma viagem á Europa, afim de tratar da sua saude, bastante abalada, annunciando que aproveitaria o ensejo para procurar, por meio da sua intervenção pessoal, obter o restabelecimento de relações com a França.

O governo francez informou, por este motivo o presidente, á sua chegada, de que não se opunha á sua residencia em França, mas que não trepidaria tambem em expulsá-lo em seguida a qualquer acto ou manifestação sua, que podesse ser origem de perturbação da ordem publica.

O general Castro não se demorou, porém, em Paris, partindo para Colonia, onde chegou no dia 12 de dezembro.

No entretanto desenrolavam-se na Venezuela episodios extremamente curiosos. O vice-presidente Gomes, descobria uma conspiração, ou limitava-se, porventura, a inventá-la, e destituia o presidente Castro, proclamando-se a si proprio presidente, e prendendo em pessôa alguns dos partidarios e amigos do seu antecessor.

A questão dos Balkans. — Apesar de diversos incidentes, de um caracter mais ou menos grave, e das crescentes complicações que vão emmaranhando cada vez mais as negociações diplomaticas, a questão dos Balkans deve considerar-se n'uma situação estacionaria. Não quer isto dizer que ella tenha perdido a sua gravidade, mas o receio de uma guerra immediata é que parece cada dia mais desvanecido. Os proprios impetos bellicosos da Servia, excitados imprudentemente pelo principe herdeiro, estão já mais acalmados.

A recente nota russa respondendo ás propostas da Austria não se esquiva até a reconhecer este caracter estacionario da situação. E não deixa de ser um facto, que resalta a toda a evidencia logo ao primeiro exame, a esterilidade das negociações proseguidas durante tres mezes, visto que a 24 de dezembro, data da nota russa, as coisas se encontram no mesmo ponto em que estavam a 6 de outubro.

Em resumo, o conflicto subsiste e seria muito optimismo contar que elle alcance uma solução proxima; mas ha toda a razão para prever, que, se se produzir fortuitamente qualquer complicação mais grave, tudo se resolverá, por fim, de um modo pacifico.

(Hiridi Punch) (India ingleza)

O COMBATE
CONTRA O DEMONIO DO TINTEIRO

(Refere-se a campanha que uma parte da imprensa ingleza e indiana tem feito a favor do movimento de anarchia na India britannica.)

O parlamento turco. — A aclimação do regimen parlamentar na Turquia não se vae fazendo sem algumas difficuldades; mas os seus partidarios mostram-se dispostos a não se prender com ellas, nem a sacrificar a escrupulos, para as vencer.

Uma prova d'isso, e bem expressiva, é o facto do assassinio, em uma rua de Stambul, do general Ismail, ajudante de campo e confidente intimo do sultão, que o encarregara, diz-se, de varias indagações pouco consentaneas com o sincero cumprimento dos deveres de um so-

(Nebelspalter) (Zurich)

O NOVO PRESIDENTE DOS ESTADOS UNIDOS. O GORDO TAFT E' AGORA O NOVO GERENTE. OS TRUSTS NÃO ESTÃO NADA SATISFEITOS COM A DERROTA DE BRYAN.

(Taft, successor de Roosevelt, prometteu continuar a guerra contra os «trusts» ao passo que o outro concorrente à presidencia, Bryan, promettera deixal-os em paz.)

berano constitucional. O auctor do assassinio foi um official do exercito que a policia deixou escapar.

As eleições de deputados para o novo parlamento effectuaram-se, porém, com relativa tranquilidade, pertencendo decidida vantagem aos jovens turcos, como são chamados os partidarios constitucionaes.

No imperio da China. — Com o intervallo de poucas horas apenas, morreram o imperador Kuang-Su e sua tia a imperatriz regente Tse-Hi, que era quem de facto governava essa immensa população de mais de quatrocentos milhões de habitantes que constitue o Celeste Imperio.

O finado imperador era um fraco e um valetudinario que vivia clausurado no seu maravilhoso palacio de Pekim, e que depois de uma tentativa fugaz de reacção, que pouco tempo teve energia para manter, vivia completamente dominado pela auctoritaria imperatriz, cuja vontade de ferro e genio absorvente a transformaram na verdadeira dona e senhora da China inteira, durante o periodo de tempo que decorre desde a morte do imperador Tsu, occorrido em 1861.

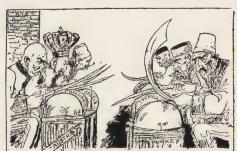
Foi proclamado novo imperador o principe Pu-Yi, que conta apenas cinco annos presentemente, e é filho do principe Tchung, irmão do imperador defunto, e a quem foi entregue a regencia.

Affirma-se que o novo regente, que visitou já a Europa no exercicio de uma missão diplomatica, se mostra affecto ao estabelecimento do regimen constitucional e que prepara algumas reformas tendentes a adaptar o terreno para elle.

As «suffragettes». — E' assim que se chamam na Inglaterra, como é sabido, as illustres damas que se occupam apaixonadamente das reivindicações «feministas», entre as quaes figura o direito de voto politico. Pessoas corajosas dentro das suas idéas, e energicas na tentativa da sua execução como é proprio do caracter da mulher ingleza, mais temperado para a lucta da vida, não ha duvida, do que o de qua quer outra filha da Eva europêa.

A coragem de uma senhora tem porém o seu limite, naturalmente. E' um limite bem differente, muito differente mesmo, d'aquelle em que, por sua vez, pára a coragem dos homens; mas tambem, é de justiça confessal-o, a audacia e o heroismo masculino são, sob certos pontos de vista, bem inferiores ao feminino. Para não perder tempo, comtudo, a philosophar vagamente, o melhor será aproveitar a lição sugestiva do exemplo que nos offerece um caso recente.

Realisou-se o mez passado, em qualquer dos arredores de Londres, um comicio de suffragistas, que foi, como de costume em Inglaterra, bastante concorrido. As partidarias acummulavam-se em grande quantidade no recinto do meeting e applaudiam convictamente n'uma crescente exaltação, quando uma das oradoras afirmava, em reptos de uma eloquencia epica, que as mulheres eram mais valentes do que os homens.

Ora ás vezes isto é certo; mas n'outras... nem por isso. E provou-se de um modo comico. Alguns homens vestidos de mulheres, que se haviam misturado na assistencia das saias, aproveitaram o momento de enthusiasmo para abrir uns cestos que levavam, cheios de ratos, os quaes legitimamente desorientados desataram a correr em todas as direcções e sen-

(Tisehiettt) (Turim

O ACOMPANHAMENTO DO HYMNO DA PAZ

(Os ares politicos que se entroviscam para além e aquem dos Balkans, foram a origem d'esta espirituosa satyra.)

tidos, procurando esconder-se no primeiro sitio obscuro, — que não é, aliás, facil de descobrir n'uma sala abarrotada de damas, com longos vestidos de cauda ou de roda.

Ah! o pavor que então foi! Tudo desatou a gritar, a fugir, a ter ataques de nervos, etc. Por maior imaginação que se possua, não é, evidentemente, possivel fazer uma idéa do que terá sido esse momento de terror irraciocinado! Quando muito poderá avaliar-se pelos destroços que ficaram no campo: chapéos, sombrinhas, e parece que até varios objectos de vestuario, entre os quaes inclusos alguns pertencentes á categoria das roupas brancas. O lindo espectaculo que aquillo devia ter sido! Mas não implica que, sob determinados pontos de vista, a mulher não seja na realidade muito mais forte, muito mais energica, muito mais valente, e muito mais tudo que ella quizer, do que o homem.

(Ryan Walker) (Londres)

COMO O KAISER RECEBERA'
O PRIMEIRO JORNALISTA QUE O ENTREVISTAR

(Allude á celebre entrevista publicada pelo jornal londrino *Daily Telegraph*, e que desprestigiou quasi completamente o imperador Guilherme da Allemanha.)

A catastrophe de Messina. — Uma das maiores catastrophes que se tem produzido no mundo, e sem duvida a maior de que ha memoria nos tempos modernos, é a occorrida no sul da Italia e na Sicilia nos ultimos dias do anno passado. Um violento tremor de terra destruiu cidades e povoações inteiras e produziu 200 mil mortos, afora uma grande quantidade de feridos, cujo calculo é impossivel fazer. Reggio, Catanea e Messina, esta principalmente, ficaram reduzidas a ruinas, quasi inteiramente despovoadas.

Foi uma coisa verdadeiramente pavorosa, que confrange o animo de um feitio doloroso.

(L Rire) (Paris)

GUILHERME — *Palavra de honra, ninguem mais terá medo de mim!*
ALLEMANHA — *Terei eu!*

(Allusão cruel ao abuso de loquacidade do imperador da Allemanha.)

O terremoto teve uma larga extensão e foi de uma tal intensidade, que em alguns pontos quasi póde dizer-se não ter ficado um unico edificio de pé. Além d'isso, o mar, por sua vez, invadiu a terra depois de ter engulido centos de barcos de pesca e feito ir a pique diversos navios. E por ultimo, para coroar o espectaculo tragico, um incendio monstruoso appareceu a illuminar as horriveis ruinas.

Assim, as grandes cidades de Messina e de Reggio ficaram quasi totalmente destruidas; a de Maragra, com dez mil habitantes, foi reduzida a escombros; em Catanea e em Palmi houve enormissimos prejuizos e mortes, em Conitello não escapou uma casa, nem escapou uma pessoa. E por entre os escombros fumegantes, onde se accumulavam ainda centenares de moribundos e de feridos, bandos de malfeitores, que os soldados tiveram de dispersar a tiro, praticaram durante horas, as mais repugnantes scenas de pilhagem e saque.

Nem o proprio terremoto de S. Francisco da California offerece paridade com tão espantosa catastrophe.

A região tem sido, de resto, já por varias vezes experimentada por frequentes convulsões do seu terreno vulcanico, visinho do Etna. Messina, por exemplo, já fôra destruida em grande parte por um outro tremor de terra, em 1783, e soffrera egualmente uma outra do mar em 1823. Reggio fôra egualmente destruida pelo mesmo terremoto de 1783 e depois por um segundo em 1841. A catastrophe actual, porém, excede em pavoroso horror, nos estragos e mortandade todas as antecedentes, e é com uma natural commoção que se lêem as tristes noticias e pormenores d'ella.

Revista estrangeira

Na Venezuela. — Caracas, capital da Venezuela, está a cêrca de mil metros acima do mar, abrange

O EX-PRESIDENTE CASTRO, DICTADOR DE VENEZUELA

uma area de quarenta e cinco milhas quadradas e conta uma população de cem mil habitantes. Partem d'ali quatro linhas ferreas em diversas direcções.

VISTA GERAL DE CARACAS

Vê-se ao fundo o palacio do presidente Castro com a bandeira nacional a fluctuar

O PRINCIPE ALEXANDRE HERDEIRO PRESUMPTIVO DA SERVIA

O principe Alexandre da Servia. — Os seus discursos e brindes bellicosos, tornaram-n'o alvo de varias reprimendas do seu governo e dos governos estrangeiros. A parte superior da gravura representa a *Liga da Morte,* os servios, homens e mulheres, exercitando-se no manejo das armas.

O «PEQUENO TZAR» DA BULGARIA, FERNANDO I EM EVIDENCIA

Na Bulgaria. — A nossa gravura representa algumas mulheres bulgaras, beijando a mão do rei, quando este sae de uma egreja em Sofia, capital da Bulgaria.

Em Constantinopla. — Olhando para a nossa gravura, ao fundo, na tribuna do meio, só, o sultão; na tribuna da direita: os principes imperiaes;

UM ACONTECIMENTO HISTORICO EM CONSTANTINOPLA — SESSÃO DE ABERTURA NA CAMARA DOS DEPUTADOS, A 17 DE DEZEMBRO DE 1908.

(A sala é vista da tribuna dos embaixadores, durante a leitura do discurso da corôa.)

em cima: os genros e cunhados do sultão. A' esquerda, no angulo: os ministros, os patriarchas, etc. Na tribuna, á direita: os stenographos.

UM COMICIO NO ALBERT HALL

O suffragio feminino em Inglaterra. — Ha tempos o Chanceller do Exchequer presidiu a um comicio no Albert Hall, em Londres, reunido sob os auspicios da *Federacão Liberal das mulheres.* Apesar de Mr. Lloyd George apresentar uma moção a favor dos votos das mulheres, foi continuadamente interrompido pelas damas mais exaltadas. Miss Ogston, armada com um chicote, e que estava n'um camarote, principiou a esgrimir com a sua arma apenas o Chanceller começou o seu discurso. Interrompeu-o e dirigia-se para o ministro, para o aggredir, quando a separaram e levaram para fóra do edificio.

Na Servia. — Na época do Natal, celebra-se uma grande feira de porcos, proximo do palacio do Parlamento em Belgrado. O porco assado é para os servios o mesmo que o peru é para nós. E por esse tempo, effectuam-se magnificas transacções. A scena representada é caracteristica.

UM INCIDENTE DO NATAL NA SERVIA

Porcos e politicos

Deputados servios comprando porcos para o jantar do Natal

Alguns deputados vestindo o traje nacional, conduzem porcos, cada um a seu modo. Não fazem a minima ceremonia, nem se importam que os photographos os apanhem no goso flagrante de uma vida patriarchal.

Depois de bem cumprirem os seus deveres politicos entregam-se de corpo e alma ás obrigações de familia. Quer dizer, depois de um discurso cheio de patriotismo, uma costelleta bem saborosa não faz mal a ninguem.

Resenha Mundial

Senhoras em evidencia

D. Virginia dos Santos Avellar. — Esta senhora, irmã da distinctissima pintora D. Emilia dos Santos Braga, é, como ella, uma artista illustre

que honra sobremodo a arte portugueza. As suas telas teem merecido justos encomios dos entendidos, e um seu retrato, primorosamente pintado por sua irmã, demonstra mais uma vez que ha familias com as quaes Deus se não mostrou avaro nem em dons nem em belleza.

Observações curiosas

A nocividade do tabaco. — Além dos effeitos bem conhecidos de todos, verificou-se pelas observações feitas nas fabricas de tabaco, onde se empregam muitas mulheres, que uma grande parte d'estas tinham os partos antes de tempo e as outras viam morrer os filhos na infancia. Attribuidos estes factos á intoxicação pelo tabaco, concluiu-se que o habito de fumar deve ser formalmente prohibido ás mulheres casadas.

Aviação

Aérodromo «Port-Aviation». — Quasi ás portas de Paris, no meio da planicie que se estende até Juvisy e Savigny-sur-Orge, a Sociedade promotora de aviação, estabeleceu um aérodromo — o primeiro do mundo — inaugurado ha pouco.

Este campo de vôo, baptisado com o nome de «Port-Aviation» é um pouco mais vasto que o hippodromo de Long Champ. A pista é de fórma elliptica, em um desenvolvimento de três kilometros. As tribunas podem conter sete mil pessoas.

O PRIMEIRO AERODROMO: «PORT-AVIATION» A VINTE KILOMETROS DE PARIS

A poesia popular

O cantador de Setubal. — Conta 88 annos o popular poeta Antonio Maria Euzebio, vulgarmente conhecido por *Calafate*. Espirito arguto, de phrase viva, imaginação ardente e phantasiosa, cheio de philosophia optimista, ou antes benevola, que uma larga e dura experiencia da vida lhe fez adquirir, é um curioso e notavel exemplo do muito que vale o talento, mesmo inculto, quando é pujante. Ninguem, ao ouvir os versos encantadores que lhe sahem dos labios, dirá que são feitos por um analphabeto, que diz muito natural e simplesmente quando lhe falam do seu mérito: *Eu não sabia que tinha tanto valor; os senhores é que o dizem...*

O general sr. Henrique das Neves, desvelado protector do pobre e octagenario poeta, tomou a iniciativa de colligir e fazer publicar as composições poeticas do philosophico e sentimental cantor das margens do Sado, no philantropico pensamento de lhe suavisar os ultimos dias da vida.

E' uma caridade que trará larga compensação a todos que prezam a poesia.

De ha muito conhecemos e apreciamos o notavel engenho do singular velho e aqui damos uma amostra do seu valor, que causará nos leitores dos *Serões*, como a nós nos causou, a mais sincera impressão admirativa.

Ultima glosa d'um conhecido mote intitulado *No cemiterio:*

Alli estive analysando
Muitos nomes conhecidos,
Alguns d'elles já sumidos,
Que o tempo os vae apagando.
Quando sahi vim chorando
Cheio de magoa e quebranto,
Mas inda li n'um recanto,
N'uma cruz negra que havia,
Um letreiro que dizia:
De que serve á morte o pranto?

Nova applicação do vidro

Postos telegraphicos de vidro. — Uma companhia allemã trata actualmente de substituir os postes de madeira, sujeitos ás influencias atmosphericas e aos ataques dos insectos, por postes de vidro consolidados por meio de grossos fios metallicos entrelaçados na propria massa.

Crê-se que, além da sua maior resistencia, estes postes ficarão mais baratos que os de madeira.

Modas

Noticias frescas de Paris, trazidas por pessôa amiga e provadas com grande copia de deliciosas e opulentas toilettes, confirmam-nos que é o genero *Directorio* o que mais tem agradado, que as elegantes adoptam, e o que terá mais longa vida entre as varias e ephemeras manias que se designam pelo nome generico de modas.

A *Maison Bouée,* disse-me a minha gentil informadora, tem este anno levado a palma a todas as outras, pela elegancia e distincção das toilettes e pe-

AS MODAS EM PARIS — VESTIDOS A' DIRECTORIO E OUTROS

las novidades deveras originaes que tem posto em voga.

E' possivel que obtenhamos, expressamente tiradas para os *Serões*, photographias d'alguns dos mais perfeitos modelos, que encantarão as nossas leitoras pela elegancia e correcção das linhas. São verdadeiras obras de arte e como taes devem ser consideradas. Madame Boueé, sente tanto a responsabilidade do seu trabalho, que não toma conta de nenhuma encommenda quando não seja precedida da d'um espartilho fabricado nas suas famosas officinas.

No trajo de baile, de que damos o modelo, o vestido é de seda brilhante e molle, de côr cinzenta muito clara, coberto de renda do mesmo tom, palhetada a ouro, e a fita do cinto dourada.

Para os trajos de passeio as côres mais elegantes são, além da preta, flôr de alecrim, cinzento, café com leite, e como já disse no artigo antecedente, todas as mal difinidas.

Os chapéos são verdadeiras maravilhas, sobresahindo com vantagens entre os outros, o genero Rembrant.

Os regalos usam-se enormes, e as pelissas longas.

Algum dos trajos de passeio, como se póde vêr na gravura, são muitissimo praticos e do melhor bom gosto. As jaquetas de pelles continuam a usar-se.

As sahidas de theatro, são tambem muito commodas e d'uma grande elegancia na sua singeleza de linhas.

AS MODAS EM BERLIM — PROVANDO UM VESTIDO DE BAILE N'UM DOS AFAMADOS ATELIERS

Sport automobilista

A vista dos chauffeurs. — Interessantes observações foram feitas em França ácerca da acuidade visual dos *chauffeurs* de automoveis, ás deficiencias da qual se attribuem a maioria dos desastres que estes vehiculos occasionam. Chegou-se ao resultado geral de que em 100 *chauffeurs*, ha pelo menos 80 cuja vista é má.

Pela sua importancia é este um assumpto digno de ser considerado pelos governos de todos os paizes, que, no interesse publico, só deviam permittir a concessão de licenças para guiar automoveis a individuos previamente examinados n'um instituto de ophtalmologia.

Honra ao talento

Ordem de S. Thiago. — Senhoras portuguezas condecoradas com a *antiga, nobilissima e esclarecida ordem de S. Thiago, de merito scientifico, litterario e artistico*:

Duqueza de Palmella, pelo seu merito artistico.

DUQUEZA DE PALMELLA
C. MICHAELLIS DE VASCONCELLOS

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO
ACTRIZ VIRGINIA

Aos titulos de nobreza, herdados de seus maiores, aos que os seus actos de altruismo e benemerencia lhe teem conquistado, juntou esta gentilissima senhora novo titulo, devido unicamente ao seu trabalho. Tendo-se dedicado á esculptura, revelou-se n'ella uma artista notabilissima, tendo a satisfação de vêr as suas obras apreciadas, tanto em Portugal como no estrangeiro, com o louvor de que são dignas.

Maria Amalia Vaz de Carvalho, pelo seu alto merito litterario, exhuberantemente comprovado em annos de arduos e aturados trabalhos, e em obras que despertam vivissima admiração pelas variadas fórmas que reveste o seu formosissimo talento. Neta do grande poeta Sá de Miranda, é n'ella a poesia dom tão natural que sem o menor esforço conquistou o primeiro logar entre as poetisas e escriptoras portuguezas.

Carolina Michaëllis de Vasconcellos, pelo seu merito scientifico, evidenciado em trabalhos de grande importancia para a historia da lingua e da litteratura portugueza e notaveis não só pelo seu alto criterio como pela paciente investigação e consciencioso cuidado com que são feitos. Doutorada pela Universidade de Friburgo, esta senhora que possue uma erudição vastissima, é justamente considerada como uma auctoridade em filologia.

Actriz Virginia, pelo seu merito artistico. No theatro portuguez, onde no entanto teem brilhado artistas de primeira grandeza, Virginia destacou-se pela comprehensão dos personagens que tinha de apresentar em scena, e pelo cunho de realidade e vida que lhes sabia imprimir e que arrebatava as plateias mais exigentes. Tragica eminente, conta os seus triumphos pelo numero de papeis que creou.

Ninguem poderá evocar o *Frei Luiz de Souza* sem que lhe acuda á lembrança a maneira genial porque Virginia desempenhava o papel de Magdalena de Vilhena.

Descoberta scientifica

Novo anesthesico dentario. — Chama-se *novocaina* o anesthesico recentemente experimentado n'um hospital de Londres, e que sobre a cocaina, da qual possue o mesmo poder analgesico, apresenta as vantagens da mesma toxicidade, acção mais prolongada e preço pouco elevado. Pelo successo das experiencias prevê-se o emprego da *novocaina* em outras operações além das dentarias.

A festa das creanças

Festa da arvore. — No dia 22 de dezembro realisou-se na Avenida Casal Ribeiro a festa da arvore, que d'anno para anno vae revestindo maior

A' ESPERA DO DESFILE

imponencia, embora não conseguisse ainda interessar n'ella o povo, apezar dos esforços que a Liga d'Instrucção, sua promotora, para isso tem empregado.

MÃOS A' OBRA

Era interessantissimo de vêr a alegria e vontade com que os pequenitos se lançavam ao trabalho, para que limitadamente concorriam, e o ar, leve-

ESCAVANDO A TERRA

mente vaidoso, com que admiravam a sua tarefa assim que a concluiam.

Durante a festa algumas bandas de musica executaram varios numeros e o orpheon da Escola Maria Pia, sob a regencia do sr. Ferreira da Silva, executou além do *hymno das Escolas*, a *Barca bella* e a *Partida das Andorinhas*.

Terminada a ceremonia, as creanças desfilaram ao som do Hymno da Sementeira.

Não só em Lisboa mas em outros pontos do paiz se realisou esta festa o que prova que dentro em pouco entrará definitivamente nos nossos costumes como outras festas que trazidas de longe entram hoje não só nos usos como tambem nos gostos.

Progresso em relojoaria

Extravagancias da moda. — As grandes elegantes no estrangeiro usam agora por cima da luva um grande annel com um relogio minusculo que lhes não deixa perder a noção do tempo. E' muito natu-

UMA NOVA INVENÇÃO

Um relogio no annel. Por ora, custa 360$000 réis

ral que esta moda se vulgarise rapidamente, como aconteceu em tempo á dos relogios nas pulseiras, e brevemente a vejamos ostentar em Lisboa.

Ha quem affirme que nem assim as Lisboetas aprenderão a ser pontuaes.

Não será exagêro?

Livros

Trabalho bemdito, por *D. Virginia de Castro e Almeida.* — E' um optimo romance em que se glorifica a energia da acção. Cheio de idéas nobres e elevadas, demonstrador de grandes verdades economicas, de pensamentos philantropicos e altruistas,

é uma obra moralisadora, ternamente aquecida aos sentimentos d'um coração de mulher de faculdades elevadas e com dôce philosophia. No estado da maioria dos espiritos a leitura de tal livro é reconfortante.

As ruinas do Carmo, por *Manoel José da Cunha Brandão.* — Interessantissimo opusculo descrevendo o que foi desde a sua fundação, e é actualmente, o Convento dos Carmelitas. Muito boa leitura para todo aquelle que olha o passado com saudade, e uma pedra musgosa faz pensar.

Cartas politicas, por *João Chagas.* — Opusculo semanal de 16 paginas que o notavel escriptor e propagandista republicano tem publicado, vem mais uma vez affirmar a sua incomparavel competencia na argumentação, causando a uns pezar de o terem por adversario, a outros prazer de o contarem entre os seus partidarios.

Trepadeiras, por *João Saldanha de Oliveira e Sousa.* — E' um volumesinho de 118 paginas com versos bellos e esmerados, nos quaes o escriptor se mostra poeta distincto e escriptor impecavel.

Não sabemos se é estreia, mas pelo seu primor não o parece. Citaremos como dos mais bellos a *Lição do mar.*

Esboço monographico da amendoeira — I. Noticia historica, por *J. V. Gonçalves de Sousa* e *Manoel de Sousa da Camara.* — Magnifico o trabalho d'estes dois distinctos agronomos e que interessa não só aos da profissão como a todos os intellectuaes.

Além da origem e etimologia d'esta arvore traz a noticia dos varios pontos em que tem vegetado e fructificado e o papel que tem desempenhado na mythologia e na litteratura e o estudo dos nomes por que tem sido conhecida em varios paizes e os proverbios em que é citada.

Poesia humana, por *Xavier Carvalho.* — Primorosa edição da casa Louis-Michaud. São versos escriptos ao longo do caminho da vida, *trechos da mocidade extincta*, como poeticamente lhes chama o auctor, e sobre os quaes diz possuir encomiasticas cartas de Camillo, João de Deus, Anthero, Eça, Verlaine, Mallimé Huysmam, Coppée e outros muitos.

Com votos de taes juizes, dispensa outros.

Uma linda quadra:

Tristissimas ruinas do passado
Eu vos saúdo, radiosamente,
Sois como um velho templo abandonado
E todo cheio d'um luar dormente.

Lufadas, por *Alberto Spinola.* — E' uma estreia poetica cheia de promessas e que merece parabens, pois revela no seu auctor um pujante talento.

Outros tempos, por *Julio Dantas.* — O laureado auctor de *O que morreu de amôr* e d'outras tantas joias litterarias de reconhecido merito, acaba de colligir em volume, interessantes e eruditos artigos, dispersos por varias revistas e publicações. Muitos d'elles, segundo as proprias palavras do auctor, fôram elaborados sobre o largo material de documentação recolhido para a obra que se intitulará *Hereditariedade e degenerescencia nas Raças Reaes Portuguezas;* alguns suscitaram-lhe reparos do grande poeta Bulhão Pato e do brilhante jornalista Barbosa Colen.

Outros tempos, apezar de publicados ha cinco ou seis annos, estão na memoria de todos; quem leu *A elegancia romantica em Portugal, Uma freira de Lorvão, O libello do Cardeal Diabo,* tem-n'os frescos na memoria, porque a sua leitura suggestiva é d'aquellas que não se esquece facilmente.

Julio Dantas tem, como poucos, o dom de evocar o passado, dando-nos o delicado prazer de o vivermos por instantes e de o deixarmos saudosos.

Magnifica a edição.

Como se conquistam mulheres, por *Maurice Magre,* traducção de Bernardo de Alcobaça. — Este livro tem por sub-titulo *conselhos a um rapaz.* Certamente o auctor não tinha filhos nem ninguem que lhe merecêsse interesse, porque os seus conselhos não são de amigo.

O Rei, por *Campos Lima.* — São lindos os versos d'este poemeto o qual pela sua harmonia deve encantar todos os ouvidos, visto que pelas suas idéas não agradará a todos os espiritos.

Elogio dos sentidos, por *Antonio Correia de Oliveira.* — E' este sem duvida o melhor trabalho do notavel poeta cujas obras tão discutidas teem sido pelo muito que merecem e pelas idéas que suscitam. Tinha o auctor contra si a maioria das opiniões desde que se deixára apaixonar exclusivamente pelo forçado panteismo da escola moderna. Quem primeiro o lêra e notára a pujança das suas faculdades, o fertil colorido com que em phrase castiça exprimia as sensações mais vivas, e os mais fortes sentimentos, ficáva um pouco desapontado pegando nos seus livros, e vendo que a furia mystica d'um elevado panteismo apagára por assim dizer a personalidade do auctor entre bellas e altas idéas lindamente expressas, mas em que havia um proposito de se recatar aos olhos dos leitores, proposito que não agradava.

No *Elogio dos sentidos* não é assim. O auctor é bem elle e o seu dôce panteismo, temperado pelo cunho original da sua elevada personalidade, impõe-se á admiração geral.

Uma amostra:

A vida é Sêde; os Sentidos
São agua do mar: Cautela!
Só depois de erguida em Nuvem
É bom e dôce bebêl-a...

A edição é esmeradissima, immensamente elegante e cuidada, como todas as que sahem da casa Magalhães e Moniz, editores do Porto.

Musa alemtejana, pelo *Conde de Monsaraz.* — Não se póde negar que é bella esta musa que tem a par de *Canções de rosas, A extrema uncção* e do *Inverno a Primavera,* bella como o matiz dos campos, alegre e varia como um par de borboletas.

A sua leitura é suave e agradavel e as suas descripções cheias de côr e luz. E se não veja-se:

No monte, o lavrador, cançado da labuta
Do dia que passou, monotono, uniforme,
São oito horas, ceou, recolheu-se e já dorme.
Feliz por ver medrar as terras que disfructa.

A lavradora não; activa e resoluta
Moireja até mais tarde e descança conforme
A faina lh'o consente e a barafunda enorme
De homens e de animaes que em derredor se escuta.

Mas a filha que tem vinte annos e que sente.
Nas solidões da herdade a alma descontente
E o sangue a referver n'um sonho tresloucado.

Encosta-se á janella; ouvem-se as rãs e os grillos;
E os olhos de azeviche, ardentes e tranquillos,
Ficam-se horas a olhar as sombras do montado....

A edição muito luxuosa e nitida é da *Classica Editora.*

O Brazil, suas riquezas naturaes e industriaes — *Vol. II. Industria agricola de* 1908. — E' livro util para quem pretenda conhecer a fundo as principaes culturas do solo brazileiro, entre as quaes avultam a do cafeeiro, da canna sacharina, do algodoeiro e do tabaco, além de tambem fornecer importantes elementos de estudo sobre a agricultura, sericultura e industrias pastoris.

Revista mental portugueza, pelo *Visconde de Villa Moura.* — Muito notavel n'esta obra o estudo sobre Camillo, de quem ha pouco tambem o apreciado escriptor Paulo Osorio publicou uma magnifica monographia.

Visitantes brazileiros

Olavo Bilac, Paulo Barreto e Baptista Coelho. — Estiveram entre nós em curta visita Olavo Bilac, o primoroso e festejado poeta, tão querido dos portuguezes que se habituaram a olhal-o como seu; Paulo Barreto, jornalista eximio, que sob o pseudonymo de João do Rio firma interessantissimas chronicas na *Noticia* e na *Gazeta de Noticias;* e Baptista Coêlho, que, além de jornalista, é um apreciado auctor dramatico, que c ontaentre outras peças o *Maxixe* que teve um exito unico em todo o Brazil.

Archeologia

Busto de imperador romano. — No decurso de umas excavações no velho theatro romano de Vienne (departamento do Sière, França), alguns operarios exhumaram um busto de imperador romano, de tamanho natural, com a fronte cingida de uma corôa, á qual está presa uma fiada dupla de grandes perolas. Por cima da couraça, pende do hombro direito um largo manto marcial, preso por um fecho de ouro. Este traje era reservado para os generaes, e, durante o Imperio, para os imperadores. Pela expressão do rosto e, sobretudo, pelo ornato da cabeça, suppõe-se que o busto é do imperador Nero.

Os diamantes

O mais volumoso diamante do mundo. — O diamante monstro, encontrado a pequena profundidade na mina do Transvaal, denominada do *Premier,* na manhã de 25 de janeiro de 1905, foi offerecido, por proposta do presidente do conselho de ministros da Colonia, general Luiz Botha, ao rei Eduardo VII. de Inglaterra. O *Cullinan* foi trazido para a Europa com grandes precauções. Lapidado em Amsterdam, trabalho que levou nove mezes, produziu essas duas pedras, as maiores que actualmente existem. Ao principiar a lapidação, a grande pedra separou-se em duas e ainda estas se fragmentaram, produzindo ao todo quatorze joias de varios tamanhos.

O DIAMANTE CULLINAN NA SUA FORMA ORIGINAL

Pesava então 3:025 quilates, com cinco pollegadas de comprimento, duas e meia de altura e oito a onze de espessura.

O DIAMANTE COMO AGORA É, DIVIDIDO EM DOIS LAPIDADO EM AMSTERDAM

Brilhante ovalado de 576 ½ quilates | *Brilhante quadrado de 309 $^{1}/_{16}$ quilates*

Theatros

S. Carlos. — No mez de dezembro realisaram-se n'este theatro as ultimas recitas da companhia franceza e a estreia da companhia italiana.

A *Mignon* e o *Caminheiro*, ultimas operas cantadas pela primeira, foram francamente applaudidas, agradando sobremodo o *Caminheiro,* dirigida pelo proprio auctor, o notavel maestro Leroux. Jean Bourbon teve n'ella um soberbo trabalho, a que soube dar o maior realce.

Em vista do exito obtido por esta opera, resolveu a empreza inaugurar com ella as recitas populares. O magnifico theatro teve uma enchente *á cunha* e a recita decorreu no meio do maior enthusiasmo.

A estreia da companhia italiana foi com a *Aida,* seguindo-se-lhe no cartaz o *Trovador.* O desempenho d'estas operas do reportorio antigo não conseguiu agradar completamente, devido a alguns artistas não reunirem em si as qualidades de bons cantores e bons actores.

D. Maria. — *Beijos por lagrimas* é o que, no largo espaço que vai d'um numero dos *Serões* a outro, se tem constantemente representado no palco do Normal: crêmos que não ha melhor elogio para a peça e seus interpretes.

O sr. Faustino da Fonseca conseguiu empolgar a plateia com os tres primordiaes vultos da sua peça e tão bem, tão cabalmente o fez que crêmos que ella viverá e reviverá muito frequentemente n'aquelle theatro.

D. Amelia. — Não foi sem fundamento que Adolpho Brisson escreveu no *Temps* a proposito da peça de Caillavet, Flers e Aréne, posta ha pouco em scena no D. Amelia sob o titulo de *Rei da Gafanha:* «Nous venons d'écouter la satire la plus impertinente, la plus gaiment corrosive qui ait été dirigée

contre nos mœurs...» Quem a vir representar concordará.

De facto a satyra é das melhores, e estamos certos que a mais d'uns labios trará riso amarello. Não poupa ninguem e, como diz ainda o mesmo notavel critico, depois de ter rido, sorrido e pensado no desenlace da peça, sai-se de lá *penetrado d'uma* especie de melancolia. E' natural. As fraquezas humanas, quando bem evidenciadas, após o riso despertam sempre um mixto de piedade e tristeza.

Augusto Rosa, no papel do protogonista, Chaby no do marquez de Chamaraude, e José Ricardo no de Bonel, foram, como sempre, inexcediveis de talento e de arte. Angela Pinto com a graça desenvolta que a caracterisa não podia encontrar papel mais adequado a faze-la brilhar do que o de Martha Bourdier.

Trindade. — Muito harmoniso o desempenho da *Carmen*, em portuguez, que, sob a regencia do maestro Luiz Filgueiras, se cantou em dezembro pela primeira vez n'este theatro.

Delfina Victor teve decerto n'essa noite um dos maiores e mais notaveis successos da sua vida artistica, e Isabel Fragoso e Mauricio Bensaude deram todo o relevo possivel aos seus papeis. O encantador *spartitto* de Bizet não perde em ser ouvido em portuguez.

Na despedida do velho actor Queiroz, que por falta de vista se retira da scena de que foi um dos mais brilhantes ornamentos, houve tudo que pode tornar uma noite memoravel para quantos prezam a arte theatral. Virginia, a incomparavel e dôce figura de mulher, tão notavelmente artista que, retirada ha muito da scena, continúa por assim dizer a ser vista n'ella, tanto a sua maneira lembra a cada peça em que ha um papel dos que costumava desempenhar, abrilhantou com a sua presença a despedida do seu velho amigo. assim como Brazão e Ferreira da Silva. O actor Queiroz no final do terceiro acto cantou um duetto com Palmira Bastos que foi delirantemente applaudido.

Gymnasio. — Durante o mez de dezembro deu-nos as seguintes peças novas: *Concerto na trapeira,* gracioso *levantar de panno* de Julio de Menezes, chéio de trocadilhos a qui-pro-quós engraçados; *Quarta-feira de Cinza,* interessante comedia allemã traduzida pelo illustre escriptor Freitas Branco: e *O olho da Providencia,* comedia que pelo agrado com que foi recebida deve figurar longo tempo no cartaz.

THEATRO DO PRINCIPE REAL — UMA SCENA DO «FREI LUIZ DE SOUZA»

Na Avenida. — *A bota do diabo,* original do Dr. Avelino de Andrade, musica da maestrina brazileira Francisca Gonzaga, é um mixto de operetta, magica e farça, realmente interessante, que com agrado tem sido ouvidadu rante noites successivas. A musica é linda e veiu, se é possivel, augmentar os creditos da já notavel compositora.

Principe Real. — A peça de Decourcelle, traduzida por João Soller, a *Morta Viva,* teve no elegante theatro da rua da Palma o mesmo notavel successo que em Paris no Ambigu.

Todos os actores se desempenharam admiravelmente dos seus papeis, avantajando-se a todos Maria Falcão, que foi inexcedivel de realidade no seu duplo papel e que na scena da morte de Lina foi verdadeiramente superior.

A estreia de Brazão e Ferreira da Silva com o celebre drama de Garrett, *Frei Luiz de Souza*, teve o successo que era de esperar com tal auctor e actores.

A primeira do *Ultimo Adeus* foi tambem recebida com geral agrado.

Colyseu dos Recreios. — Tem apresentado aos frequentadores novos e magnificos trabalhos.

Além da *troupe arabe*, notavel em saltos, estreiaram-se os Dorans, os cinco Olympiers e os gymnastas aereos *Les Albirels*,

Mas a estreia que mais apreciada tem sido foi a do homem miniatura, *Leman Limg Upoo*, que, de proporções minusculas mas bem conformado, executa primorosamente varios exercicios gymnasticos.

As ultimas novidades são Zertho, o admiravel *clown-dresseur* com os seus intelligentes cães, e os *Gabaner* que se estreiaram, com vivo interesse do publico, nos cantos e danças do Tyrol.

Receitas

Os pentes de tartaruga que tenham perdido o lustre, podem polir-se com uma pasta de pó de pedra pomos e azeite, o que se esfrega com uma luva velha de *peau de suède*. Caso o polimento se estrague mergulha-se depressa em agua quente, para a pasta cair logo. Deve repetir-se o processo, até o polimento ficar bem brilhante.

*

Limpam-se os moveis polidos, passando primeiro com vinagre morno, e uma pouca de agua. Depois puxa-se o polimento com o cream habitual e uma escova de carmuça. As nodoas ou manchas tiram-se perfeitamente com oleo de linhaça. Um outro systema é lavar a mobilia com agua e sabão e em seguida applicar com um panno, o vinagre e azeite de parafina misturado esfregando-se com bastante força.

*

Para limpar tapetes deita-se uma porção de fel de vacca, em agua fria. Esfrega-se o tapete, com uma escova molle, molhada n'esta agua. Depois passa-se com agua limpa, e secca-se com um panno.

*

O sal ordinario tira perfeitamente as nodoas de fuligem dos tapetes ou pannos de meza. Deve, comtudo, ser espalhado na nodoa no primeiro momento, deixando-se ali ficar durante algum tempo. Em seguida sacode-se levemente com um espanador, e depois escova-se com uma escova secca e limpa, sacudindo-se depois.

*

Os bronzes antigos — vasos, estatuetas, placas, etc. — devem ser lavados periodicamente, para se conservarem os objectos sem grande accumulação de poeira nos intervallos dos ornatos.

Deita-se n'uma bacia agua a ferver, e ali se mettem os objectos um por um. O bronze deve ser depois esfregado com um bocado de flanella grossa, enrolada n'uma escova forte. Um pano de pô macio é o que se usa para secar os artigos, aos quaes se dá brilho com uma escova de camurça.

Vida na sciencia

Segurança nas minas. — Mr. J. Thovert communica com a Academia das Sciencias de Paris os resultados de experiencias feitas para determinar a possibilidade de reduzir o calor desenvolvido pelos nitro-explosivos a ponto de evitar a combustão do monoxydo de carbonio que abunda no ar em muitas minas. Descobriu-se que a addição de saes alcalinos tinha este vantajoso effeito. A detonação dos explosivos assim tratados não era acompanhada por inflammação dos gazes atmosphericos ambiantes.

Espediente

Aos srs. assignantes

Tendo sido remettidos á cobrança todos os recibos de assignaturas vencidas, rogamos aos nossos ex.mos assignantes a fineza de os satisfazer logo que lhes sejam apresentados, afim de não soffrerem interrupção da remessa dos SERÕES.

Gravuras dos SERÕES

Alugam-se quaesquer clichés publicados n'este Magazine.

Para tratar, na Administração dos SERÕES, Praça dos Restauradores, 27.

SERÕES

A empreza dos **Serões,** grata ao carinhoso acolhimento que o publico lhe tem dispensado quer em Portugal quer no Brazil, vae introduzir-lhe, a contar do proximo mez de janeiro, importantes modificações, afim de que esta magnifica revista corresponda em todos os pontos á sua missão.

A parte litteraria continuará a ser esmerada como até aqui e desenvolverá largamente a representação photographica dos acontecimentos mais importantes que se derem tanto no paiz e Brazil, como no estrangeiro.

Conterá com o maior desenvolvimento possivel e profusamente illustrados, artigos sobre viagens, sciencia, litteratura, arte, sobre o progresso da industria e do commercio, contos, poesias, romances dos melhores auctores nacionaes e estrangeiros, etc.

Terá as suas paginas sempre abertas tanto ás pennas já consagradas como aos **novos escriptores** que se evidenciem pelos seus meritos e pelo seu trabalho.

Será um defensor estrénuo dos interesses commerciaes e industriaes publicando gravuras e descripções, de quantos inventos e conhecimentos sejam uteis para a sua propaganda e alargamento de transacções.

Inserirá uma resenha bibliographica dos principaes livros publicados em Portugal, no Brazil, Hespanha, França, Italia, Inglaterra, Allemanha e America do Norte.

Dará uma pagina musical, incluida no texto, das operas, operetas, operas comicas, de compositores portuguezes que tenham obtido maior exito nos theatros, concertos, etc., a par das melhores estrangeiras modernas ou classicas.

Tendo provado a experiencia que a folha solta dos moldes e das modas se extravia frequentemente, pelo que a administração tem recebido multiplicadas e repetidas reclamações, os **Serões** publicarão no texto uma pagina artistica sobre quaesquer novidades que interessem ás senhoras com um artigo explicativo em que se faça a historia d'essa novidade, o que determinou o seu apparecimento, a vantagem ou desvantagem do seu uso, n'uma palavra a critica feita por uma das nossas collaboradoras.

Organisará uma galeria tão completa quanto possivel de senhoras portuguezas e brazileiras que pela sua elegancia, benemerencia, caridade, dotes de espirito, posição e virtudes sejam notaveis.

Muitas outras vantagens de ordem material e espiritual proporcionará aos seus leitores e assignantes, avultando entre essas um

BONUS

aos nossos assignantes e aos que se inscrevam por periodo não inferior a um semestre e que desejem completar o mais bello **magazine** portuguez — **Serões** —, desde o seu inicio, podendo adquirir um volume ou todos os dez publicados com um abatimento de 50 % do seu custo real.

BRINDE

Uma viagem de Lisboa a Paris

Ida e volta em 1.ª classe

e em época determinada pelo contemplado, ou, ainda, o **seu equivalente em moeda corrente.**

Este brinde recahirá por meio do sorteio da loteria do Natal de 1909, áquelle que possuir o numero a que couber o premio maior. A elle teem direito os assignantes de um semestre, que perceberão para tal fim uma senha numerada, e os assignantes annuaes duas, senhas estas que serão opportunamente enviadas aos nossos assignantes nas circumstancias expressas.

Typ. do Annuario Commercial — Praça dos Restauradores, 27 — LISBOA

SERÕES

LIVRARIA FERREIRA

132, R. DO OURO, 138 — LISBOA

N.º 45 — MARÇO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Praça dos Restauradores, 27 — Telep. 805

Typ. do Annuario Commercial — Praça dos Restauradores, 27

Proprietaria: Livraria Ferreira — **Director litterario:** Eduardo de Noronha — **Director gerente:** Caldeira Pires — **Séde da redacção e administração:** Praça dos Restauradores, 30. — Composto e impresso na **Typographia do Annuario Commercial,** Praça dos Restauradores, 27.

Summario

MAGAZINE

A MUSICA DOS SERÕES

A

DIRECTOR LITTERARIO
Eduardo de Noronha

Serões

ADMINISTRADOR
Caldeira Pires

Propriedade da LIVRARIA FERREIRA

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Redacção, administração, officinas de composição, impressão, photogravura e encadernação

Praça dos Restauradores, 27

LISBOA (PASSAGEM DO ANNUARIO COMMERCIAL) Telephone 805

As nossas capas de luxo

Com o n.º 42, completou este bello magazine portuguez — **Serões** — o **7.º volume** da **2.ª serie.**

Os nossos estimaveis assignantes que desejarem utilisar-se das capas — de bello effeito em fundo de percalina vermelha a ouro e negro — pódem enviar-nos os 6 numeros para encadernar, juntamente com a importancia de 300 réis (custo da capa), 100 réis (de empaste) e 100 réis (de porte do correio), ou seja, tudo, **500 réis,** que dentro de cinco dias receberão o volume encadernado.

Os **Serões,** assim acabados, mais evidenceiam ser a publicação, relativamente, mais barata que se faz entre nós.

1.ª Série
QUATRO VOLUMES
A 1$200 réis cada

2.ª Série
SETE VOLUMES
A 1$200 réis cada

NOTA. — O maço a remetter-nos deverá ser embrulhado em papel consistente, atado com cordel forte, para que os numeros não soffram com o transporte. O pacote, devidamente estampilhado com sello de 80 réis, deve ser dirigido á

Administração dos SERÕES

Praça dos Restauradores, 27 — LISBOA

Revista bibliographica universal

La Musique actuel en Allemagne et Autriche-Hongrie, par *Eugène d'Harcourt.* Paris, 1908.

Estudo sobre os conservatorios, concertos e theatros, escripto com natavel competencia especial.

Sor Demonio, por *Felipe Trigo.* Madrid, 1909.

Esta ultima novella do illustre escriptor espanhol tem sido severamente apreciada pela critica, que acusa o auctor de ter d'esta vez exagerado ás suas habituaes tendencias eroticas.

The Maid of France, by *Andrew Lang.* London, 1908.

Este curioso volume escripto por um protestante constitue uma vigorosa reputação da obra de Anatole France sobre a admiravel Pucella de Orleans. A opinião do auctor escossez resume-se n'esta sua conclusão: «Inclino-me a acreditar que Joanna foi inspirada n'um certo sentido e estou convencido de que ella foi uma mulher do mais alto genio e do mais nobre caracter. Sem o seu genio e o seu caracter, as luzes que ella teve do mundo invisivel (se as teve) não lhe teriam servido de nada para o cumprimento da sua grande tarefa».

Les croyances religieuses et les sciences de la nature, par *J. Guibert.* Paris, 1908.

Serie de oito conferencias apologeticas em que o superior do seminario do Instituto Catholico de Paris, procura demonstrar que não existe qualquer antagonismo entre as sciencias e a fé.

La vie à la Bastille. Souvenirs d'un prisonnier, par *A. Savine.* Paris, 1908.

São as recordações de prisão do agente secreto Constantin de Renneville, bastante dramatisadas, mas que, ainda assim, corroboram todos os trabalhos publicados nos ultimos annos sobre a Bastilha, e que destróem o absurdo tecido de lendas, formado pela imaginação popular e augmentado pelo espirito de partido.

Il tesoriere del Duca. Romanzo storico di *L. Gramegna.* Torino, 1909.

O auctor de *Dragoni Azzurri,* descreve n'este seu novo romance historico, o estado de anarchia em que caira o ducado do Piemonte, em 1536.

L'enciclica «Pascendi» e il modernismo. Studii e commenti di *Eurico Rosa.* Roma, 1909.

E' a segunda edição, já publicada este anno, e acrescentada, do famoso livro de polemica contra o modernismo escripto por este distincto jesuita, como commentario á enciclica *Pascendi dominici gregis,* que o anno passado condemnou a nova doutrina.

Vingt-cinq années de vie littéraire, par *Maurice Barrès.* Paris, 1909.

Paginas escolhidas da obra de Barrès, o celebre propagandista do culto do Eu e da vontade.

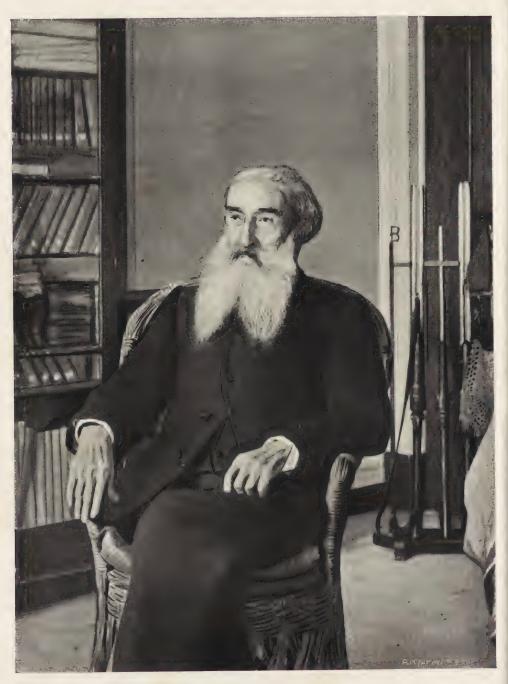
Les Détours du cœur, par *Paul Bourget.* Paris, 1909.

Nova collecção de novellas do genero psychologico, em que o eminente escriptor ainda não encontrou competidor.

Le Clergé à l'Académie, par *Mgr. Moucheron.* Paris, 1909.

Desde a sua origem a Academia franceza tem contado entre os seus quarenta annos nada menos de 117 padres e prelados, que são biographados n'este volume, ao qual a recente morte e substituição do cardeal Mathieu dá uma flagrante actualidade.

Avis. — Les titres de tous les ouvrages dont deux exemplaires auront été envoyes à la redaction des *SERÕES,* seront le sujet soit d'un compte-rendu, soit d'une mention spéciale, selon l'opportunité reconnue de la publication.

SERÕES
N.º 45 — MARÇO
LIVRARIA FERREIRA—EDITORA

Bulhão Pato

Outono

GEORGICA

Sejas velho, embora, outono.
Que bello dia!
Que dia, Senhor, que dia!...

De manhã, para assustar,
Umas brumas
Sobre as arribas do mar.
Nuvens sinistras nenhumas.

Todas orladas de espumas,
As ondas a rebentar
Na areia loira. Que dia,
Que dia, Senhor, que dia!...

Os bois mansos a lavrar,
E o lavrador, ao timão,
Na voz inculta, a entoar
— Inculta mas afinada —
A campestre desgarrada.

São Martinho, folgazão,
Temol-o á porta. Isso então,
Agora sim que será
Mosto a rodo, que o vinhedo,
Cachos de tal perfeição,
Não deu, nem talvez dará
Por estes annos mais cedo.

Vejam, no lagar aquelle!...
Parece um Baco d'Antino:
Alto, bem posto, robusto;
Olho azul e cristalino!

Não falta ao pé do magusto,
Uma cachopa, fitando
Os olhos nos olhos d'elle,

Ella, um tipo portuguez,
De pupillas fusilando,
San como um pero camuez!

A bocca vermelha; aos cantos,
Umas covitas;
Covitas que são encantos
D'almas afflictas!

Almas que podem damnar-se,
Como o que á sede rebenta,
Se na fonte a borbulhar,
Não crava a bocca sedenta
Para saciar-se!

Um pouco sobre o moreno;
Mas, se lh'o dizem responde:

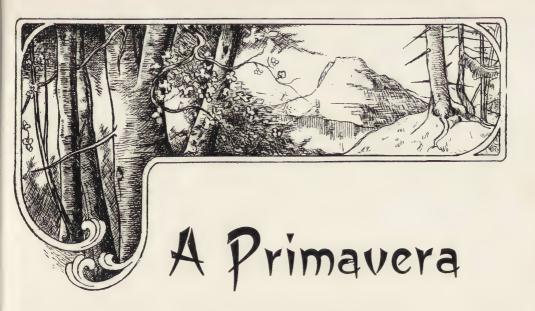
«Sou trigueira; bem o sei!
É trigueirinha a pimenta,
E vae á mesa do rei!»

E depois n'uma risada,
Que lhe põe em braza o rosto,
Os fumos do amor... e o mosto,
Tornam-na mais engraçada!

Ao Demo melancolias...
Sejas velho, embora, outono.
Das-me o passado,
Com as fulvas alegrias.

Mil vezes abençoado;
Bemdito de ti, radiando
No ethereo azul d'estes dias!

Monte de Caparica — Torre, 908.

Bulhão Pato.

A Primavera

SAUDÊMOS a Primavera! Quando ella chega n'uma onda de sol, n'uma nuvem de flores, toda promessas, toda mysterios, alegre como o riso das creanças, alvorada vaporosa dos dias lindos — toda a Natureza se agita, revive e se alinda n'uma saudação que se repercute de quebrada em quebrada, de serra em serra, de fragua em fragua, acordando o echo em vibrações sonoras, dissipando as sombras em clarões de luz!

Quando ella passa ha murmurios vagos — no bater da aza, na canção incerta, no gorgeio a medo, no ciciar da briza, no estremecer da folha... E tudo se alegra, se reveste e enfeita, para a vêr passar.

No espaço o azul sem nuvens; na terra as ondulações da relva; no arvoredo o verde tenro das folhinhas novas; nos prados o branco saltitante das margaritas; nos vallados o roxo melancholico dos lirios doloridos; nos outeiros o ouro refulgente dos junquilhos!

E nos pomares então, a festa, a grande festa que lá vae...

Em março os pecegueiros sorridentes vestem-se de côr de rosa, em nuvens de gaze transparente, como odaliscas; em abril as pereiras toucam-se de branco, castamente, como freiras; e em maio, quando as cerejeiras opulentas se adornam lascivamente de rubis, como cortezãs — nos campos as papoilas vermelhas, sangrentas e capitosas, salpicam de manchas ardentes e orgiacas, o loiro quente dos trigaes.

Não é nas cidades — não — que a Primavera se desdobra em maravilhosas telas.

Ahi, aonde ella chega como um echo, por onde passa como uma nuvem, onde se espalha como uma sombra — ahi — toda ella se resume no vôo da andorinha, n'essa azita nostalgica, setinosa e negra, que pelas tardes calmas fende a

aragem tepida...

E' na amplidão dos campos, na solidão dos bosques, no seio da propria Natureza, que ella se expande n'um indefinido encanto.

O seu nome evoca as nossas aldeias amouriscadas, as nossas aldeias caiadas de branco, as nossas aldeias de saloios, as rusticas povoações, os pequeninos logares sertanejos, as nossas quintas muradas com pedra solta por onde a silva arisca vem espreitar a estrada, sempre a namorar quem passa.

Traz-nos a Primavera a nostalgia das nossas terras, onde os moinhos do alto das nossas collinas verdejantes agitando as velas pandas, põem na paisagem a nota viva ruidosa e quente; a nostalgia dos nossos casaes onde ha noras a gemer o dia inteiro; das nossas herdades onde a agua espuma nos açudes; das nossas estradas onde os carros de bois passam chiando; e das nossas serras com os seus rebanhos e pastores.

E traz-nos então ao ouvido, o murmurio da agua das levadas e a canção dolente da camponeza.

Como ella é realmente bonita, essa Primavera que afastando para longe as chuvas do inverno e a ventania agreste, passa com a sua varinha magica, tocando esta linda terra de Portugal!

Tornando mais azues e mais limpidas, as claras margens d'aquelle rio de sonho, o nosso rio Lima, que se recorta caprichosamente nas suas areias doiradas, serpenteando em curvas vivas e ousadas pela paisagem dentro, rasgando a vegetação luxuriante como laminas prateadas; golpeando em reflexos metallicos como adagas recurvas, o verde negro ou claro da folhagem setinea ou avelludada; palhetando aquelles arrendados massiços de verdura e folhagem, como estilhaços rutilantes de crystal.

Espalhando mais mysterios nos recantos idyllicos, profanos e sagrados do Bom Jesus do Monte, com a sua *Via-Sacra,* as suas alêas estreitas e emmaranhadas, cheias de altos e baixos — e lá no alto a sua milagrosa Senhora do Sameiro.

Dissipando um pouco a tristeza profunda, que se desprende da grande matta frondosa do Bussaco, com os seus caminhos sempre a subir zig-zagueantes até se bifurcarem nos seus nichos desmantellados, escondidos na sombra pesada das suas arvores ponteagudas, dos platanos, dos alamos, de enormes carvalhos seculares e cedros colossaes.

Dando mais estranho encanto á melancholia que paira sonhadora, pelos poeticos lugares de Coimbra.

E' por certo aqui, que a magica varinha primaveril deixa um especial encanto, depois de ter abafado um pouco mais além, n'uma chuva de maravilhas surprehendentes, o eden que é Penacova.

Nas franças dos salgueiros, na rama dos choupos meditabundos e sonhadores á beira do Mondego, nos bosques do Choupal, no Penedo da Saudade — oh! terras de Portugal, que bem em vós se enquadra a Primavera!

Oh! arredores de Coimbra — manhãs claras, tardes melancholicas, crepusculos tris-

tes, poentes mysteriosos, noites de luar em que o canto do rouxinol e o chôro das guitarradas, tão bem se casam com a suave canção da Primavera, que vem sacudir ainda a ultima gotta de orvalho de sobre as flores da amendoeira — e n'um hymno de louvores desapparece em maio, no mez das rosas — por entre as borboletas doidejantes, que jogam as escondidas na madre-silva, e as abelhas doiradas, que zumbem em volta de uma *rêve d'or*.

* * *

Symbolisada n'um vulto de mulher ou n'uma petala de flor, no trinado da ave ou no canto do pegureiro, no anceio da nossa alma ou no frémito do arvoredo sensual, ebrio de amor — a Primavera é a synthese de esse beijo genesico e animico, que o sol creador depõe na terra fecunda.

D'esse beijo que depois é a seiva que se crystallisa em flor, a flor que se etherisa em perfume, o perfume que se dilue em amor, o amor que se transforma em fructo.

N'um murmurio de vida e alegria, ella é toda amor — desde o seu halito que perfuma e dilata o ar, que bafeja e faz germinar as leivas, até á ternura com que envolve acariciadora a Natureza inteira!

Não ha poeta, não ha pintor, não ha esculptor, que lhe não tenha traçado, delineado ou cinzelado, no verso, na tela ou no marmore — a alma, a graça, a belleza, o espirito, a frescura e a fórma.

Com a sua feição pagã, ella tanto pode ser uma ecloga de Virgilio, como um fauno de Miguel Angelo, como uma Venus de Ticiano.

D'esse Ticiano, o mais sensual e o mais pagão dos artistas da Renascença, que foi o maior colorista do seu seculo n'aquella Veneza ardente e orgiaca, em que elle transpondo os assumptos biblicos ia materialisar na tela — a caracteristica dominante do seu temperamento, o espirito do seu tempo e o amor mais puro de toda a sua vida — ou na lascivia das suas bacchantes, ou na estranha e fulgurante auréola das suas virgens, ou pondo na sua *Flora* os traços da filha adorada.

A's mais variadas concepções se adapta graciosa a Primavera, sob os seus multiplos aspectos.

Copiada do natural, symbolisada nos assumptos mythologicos, representada em phantasias allegoricas; nas ornamentações de todas as épocas, nos baixos relevos, nos cunhos das moedas — em tantos motivos decorativos; nas vividas paisagens de Poussin e Claude Lorrain, nas marquezitas e pastoras, transportadas por Watteau para os ridentes jardins de Cythera, nas obras dos Huysmans, nas allegorias de Lancret, nos *amores* de Boucher — e por toda a escola do seculo XVIII.

No seculo XIX ainda — nas telas dos Roberts, nos medalhões de Spaendonck, precisamente symbolisada na *Venus e Adonis* de Prudhon ou tratada nas paisagens de Corot.

Essencialmente a sua idéa tanto podia estar na manufactura de um Saxe, na concepção do velho Sèvres, na confecção dos passaros, das plantas e das flores de oiro do estylo japonez, nos vestidos Luiz XV pintados ou nos brocados de Genova — como pode evolar-se no espirito de uma prece em volta do abrunheiro sagrado do Japão — ou no perfume da flor da laranjeira, com que a noiva cinge a fronte sonhadora, na madrugada das suas ingenuas illusões, n'um desabrochar de crenças, n'um alvorecer de esperanças, na primavera da vida.

*
* *

Celebravam os romanos nas proximidades da Primavera umas festas chamadas *Lupercaes* — *Lyceannas* na Arcadia — em honra do deus Pan, percorrendo as ruas de Roma, apenas cobertos com as pelles de differentes animaes e dirigindo ás formosas romanas gracejos — ao que parece, nada gentis...

Foram por certo estas festas, que inspiraram em parte o nosso Carnaval. Em março celebrava-se primeiro uma festa campestre chamada *Ambarvalia*, que depois foi fixada em 29 de maio, e em que se fazia uma procissão pelos campos e pelas searas, terminando por um sacrificio denominado *Suovetaurilia*.

Em 21 de abril eram as *Palilias*, em honra de Pales, a deusa dos rebanhos e dos pastores. Estas festas consistiam n'umas fogueiras de ramos de rosmaninho, oliveira, pinheiro e loireiro, onde se purificavam. Depois deitavam fogo a grandes montes de palha, que os pastores saltavam em doidas correrias, ebrios, cantando — seguidos dos seus rebanhos. E' de crer que de aqui se inspirassem tambem as nossas fogueiras e descantes do S. João.

No primeiro dia de maio, celebravam-se de noite os mysterios da *Bona Dea*. Esta deusa que é o espirito da natureza e que entre os antigos, tanto podia ser *Cybele*, como *Ops, Terra, Maia, Fauna, Rhea, Proserpina, Diana* ou *Hecate* — era representada com uma corôa mural na cabeça, n'um carro puxado por leões.

Diz-nos a fabula n'uma allegoria, em que parece estar comprehendida a idéa do verão e do inverno, que Proserpina restituindo a vida a Adonis, morto n'uma caçada por um javali, lhe permittia deixar os infernos durante seis mezes do anno.

Estamos pois n'essa quadra em que o espirito de Pan, como um raio de sol, de vida e de alegria, abrangendo na fórma a natureza inteira, é festejado doidamente nos seus dominios.

Sob o olhar dominador, apaixonado e ardente da linda Venus que

Inunda d'harmonia a vibração da luz
O valle em flor de Pan e o horto de Jesus...

as nymphas, as driades, as napeias, as oreades, passam nas florestas, nos montes, nas grutas, nos bosques, nas charnecas e nos prados, deslisando na nudez mal velada da tenue transparencia dos seus véos fluctuantes, dançando, cantando e rindo — fugindo aos faunos de pés de cabra, e aos satyros coroados de tenros e verdes pampanos.

As naiades gentis e scismadoras, debruçam-se voluptuosamente nas aguas dos regatos e das nascentes, mirando-se vaidosas, nas fontes e nos lagos prateados, e adormecem e sonham á beira dos arroyos ou nas grutas musgosas das cascatas — emquanto as nereides sobre os mares, se corôam de conchas nacaradas e algas viçosas, sacudindo os cabellos ondulantes, de onde a espuma cae transformada n'uma chuva de perolas e opalas — para ir depois em delicadas ondas, beijar as rochas, aflorar as práias.

*
* *

Saudêmos pois as lindas andorinhas, esses pagens de olhitos vivos e pennas aguçadas, negras e luzidias, que veem annunciar-nos que a Primavera — está ahi!

Saudêmos essas meigas avesitas envolventes, que no seu vôo gracioso, passam ao alcance da nossa mão e nos roçam pelo rosto a azita cariciosa e confiante.

Ellas são as doces companheiras dos exilados e dos prisioneiros.

Conta-se que em um castello perto de Epinal, na Lorena, um prisioneiro da Revolução, cingíra um annel de metal no pé de uma d'estas creaturinhas.

Durante os tres annos de captiveiro, ella voltou sempre pela mesma época, a visitar o seu triste amigo e companheiro.

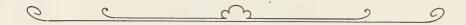
Saudêmos pois a Primavera!

Ella é para as flores a graça, para as creanças o riso, para os novos uma esperança ou uma illusão a mais — e para os velhinhos, então a saudade perfumada e viva de uma pagina de amor, d'um sonho do passado...

Oh! terra de Portugal, que bem em ti se enquadra a Primavera!

Antonio Nobre, — anda, vá, desperta — empunha a tua lyra de oiro e vem cantar na tua voz dolente:

A fartura da seara reluzente
O vinho, a graça, a formosura, o luar!

CACILDA DE CASTRO.

O ROUXINOL

NO CANTICO DOLENTE E TÃO MAVIOSO
DO ROUXINOL, O REI DAS HARMONIAS
HA UM MYSTERIO INFINDO DE ALEGRIAS
E PRANTOS D'ALMA EM SEU TRINAR CHOROSO;

O VÔO É TÃO SUBTIL E VAPOROSO
COMO AS ENDEIXAS, COMO AS MELODIAS
QUE VAE TRINANDO EM PRANTOS E AGONIAS...
TRILLOS DE AMOR DE QUEM VIVE SAUDOSO;

E A RECORDAR UM SONHO QUE PASSOU,
UM BEIJO TODO AMOR, TODO IDEAL,
TÃO PROLONGADO QUE JAMAIS FINDOU,

ALEGRA O CAMPO Á HORA MATINAL
DEIXANDO O NINHO QUE AMOR FABRICOU,
SEMPRE A CANTAR DOLENTE E TRIUMPHAL.

J. B. Pinto da Silva.

SALGANDO A SARDINHA

O Engerido e a Sereia

(Scenas da Beira-Mar)

DEDICATORIA

Em memoria do nosso ultimo poente, em Syracusa, quero invocar aqui o seu nome, Miss Jane-Mary Clark Stryiénski, que com luar e sonho escreveu «The Knight Errand and the Blind»: e pedir-lhe que acceite a homenagem d'estas paginas, escriptas na rude lingua inculta dos pescadores do meu paiz, e onde a realidade grosseira se confunde com a idealidade — egualmente divina, na alma dos humildes, como na dos heroes.

Monte-Carlo, novembro de 1908.

I

ÃO sei porque me veio agora á lembrança a historia desse pescador que noivou com a morte, allucinado pela miragem dos seus amores sem esperança

Quem m'a contou?

As ondas, ou o meu coração?..

Por ventura não seriam senão os seus olhos, tão tristes, ha pouco, no terraço, quando ficou por muito tempo calada, olhando o Mar — os seus olhos nostalgicos, que de subito m'a evocaram, na elegia da luz que espiritualisava o ceu e as aguas, como n'um poente de Whistler o seu querido Morto.

Em verdade, eu não poderia jurar-lhe, minha boa amiga, se tudo o que lhe vou contar aconteceu a um vagabundo que, de tanto penar, endoideceu d'amores; ou se realmente se passou na minha propria alma, n'um antigo naufragio d'illusões, junto d'este mesmo Mar que tantos tem acolhido.

Foram os seus olhos, ha pouco, tão tristes – ou os meus sonhos que m'a contaram?

O que é bem certo é que a sinto correr-me do coração, e que precizo de lh'a dizer, agora que o crepusculo e o silencio mais evocam os idylios mortos e a solidão das ruinas d'esse palacio encantado do seu Poema, onde o moço Cavalleiro-Errante encontrou dormindo a linda Cega Nua, que só tinha por manto os seus cabellos doirados.

A pouco e pouco, como sonhos que se des-

fazem, vão-se em torno de nós, no ceu e no mar, amortecendo os reflexos do poente. E' a hora maravilhosa em que as virgens, silenciosas, alongam para o espirito os olhos abertos, como se esperassem dessipar um divino mysterio: a hora bemdita entre todas em que tudo, pela natureza, parece que tem voz para nos falar ao coração.

Quantas creaturas, pelo mundo, n'este mesmo instante em que no seu rosto, tão branco na penumbra vesperal, os seus olhos me lembram duas chammas onde se concentrasse toda a claridade que da terra vae subindo para os astros, fitam tambem o ceu e as vagas, a sonhar ou a recordar-se — na ancia de que ha-de vir, ou na saudade de que passou. E quantas lagrimas, n'este mesmo instante, vão n'esse occulto ceu espiritual da vida interior crear poemas eternos!

Olhei o luar, o luar sagrado a surgir, a florir as vagas harmoniosas! Como ellas cantam, cheias de saudade, esta noite, como se falassem tambem de coisas passadas...

Não sente a mesma nostalgia, etherea dispersa em tudo, na luz que parece povoar-se d'apparições, no mar que fala mais baixinho, e dentro em si, no echo de todas essas vozes confusas das vagas que se recordam talvez de já ter sido Sereia, — corações desfeitos em aguas, salgadas aguas como as lagrimas dos que amaram?

Quer ouvir a historia desse pescador de Portugal que as ondas me ensinaram — as ondas, que são as illuzões eternas dos poetas da minha terra!

Recline a cabeça na mão esguia, n'esse lindo geito de quem sonha, e deixe-se ficar assim calada, com uma expressão *extra terrena* com que Dante Gabriel Rossetti espiritualisou a *Beata Beatrix* — emquanto, as primeiras estrellas surgem tremendo, a luzir sobre o rosto da Noite, como as lagrimas que eu vi, um dia, correr sobre o seu rosto...

II

O pescador Antonio era um rapaz encolhido, desageitado e triste, de cabellos ruivos e grandes olhos humildes de cão sem dono. Chamavam-lhe o *Engerido*. E toda a gente se ria da sua timidez e da sua fealdade.

Era exposto da roda. Ninguem sabia onde nascera — nem elle, de certo. Nunca seio materno e divino lhe dera de mamar. Mas, como o d'aquelle outro pescador da Galileia (que tambem por muito amar teve na vida egual sorte) triste foi o seu fado na terra — que para além d'ella, sómente, como Elle ensinou, «serão consolados aquelles que choraram».

Um dia, apparecera n'aquella povoação de pescadores, esfarrapado e faminto, com os pés descalços inchados e sangrentos de vaguear por montes e caminhos.

Seduzido pelo encanto do Mar, como se no seu coração de caminheiro acordassem attavismos dos celtas errantes, por ali ficou. Dias inteiros sosinho, vagueava ao sol dos areaes, d'olhos verdes absortos nos longes d'agua luminosos, nos enxames pairantes de velas das lanchas, nos vôos alvos das gaivotas sobre as espumas ou nos esbeltos brigues ou nos vapores que partem do porto cheio de mastros e fumos, para o horizonte do desconhecido.

Sobrio, como todos os pobres, vivia do que pescava e dos mariscos que arrancava dos rochedos, na maré baixa. Nas partidas dos paquetes d'imigrantes, fazia carretos. E solitario e feliz, como um pária sem senhor, dormia nas noites de verão, ás estrellas; e nas frias noites de chuva, em que o vento norte fazia uivar as ondas, n'uma velha barraca desmantelada, onde se guardavam as ancoras e os lémes das lanchas.

A principio, os pescadores olharam-no com a deisconfiança que os homens do mar teem sempre pelos da terra. Os arraes, a quem se dirigia, recusavam-lhe trabalho. Mas a pouco e pouco, todos se foram afazendo á docilidade submissa do *Engerido*. E como remava horas seguidas, sem mostrar fadiga, arranchou por fim n'uma companha de pesca, onde ganhava o salario escasso dos cavadores das ondas, a quem pouco basta, como aos da terra, para viverem na paz de Deus.

De poucas falas, herculeo, roto e ruivo, sob o capacete de oleado, lembrava um wiking primitivo, com a sua expressão de candura humilde no rosto crestado pela marezia e o eterno sorriso alheado dos timidos nas glaucas pupillas contemplativas.

A scismar, ninguem sabia em que, passava ás noites inteiras acordado, emquanto os outros dormiam, sobre as vélas, embrulhados nos gabões de burel.

Estendido á prôa da lancha boiando sobre a lenta ondulação fosforescente do mar alto, com os olhos absortos nas nuvens e nas constellações, cantava, ao embalo das aguas, as velhas trovas tristes e sagradas dos mareantes de Portugal.

Que rustico sonho atonito illuminaria nas caladas noites lunares, aquella alma rudimentar de barbaro, sob o mysterio do infinito formilhante de ignorados mundos?

No que ha-de scismar, sob os astros, uma alma de adolescente — embora seja a d'um engeitado sem eira nem beira?...

Um dia, descobriu-se o segredo.

E não houve ninguem que se não risse do *Engerido.*

Aquelle paria de vinte annos, aquelle pobre diabo tão desageitado e roto, de quem todos escarneciam — amava!

III

Quando na praia constou que o Antonio zôrro andava apaixonado, as vareiras robustas e trigueiras, fazendo-lhe roda, perguntavam-lhe com as boccas encarnadas como romãs, todas abertas em rizo:

— Eh! *Engerido,* então quem é a conversada? Já l'arranjaste o dóte, tunante?

Elle tinha um grande sorriso silencioso que lhe illuminava a fealdade de gigante ruivo, e sem responder, fugia, cada vez mais encolhido, como quem traz no peito, religiosamente guardado, um maravilhoso thesouro, com mêdo que lh'o roubem.

OVARINA

E ninguem suspeitou nunca que aquelle valdevinos que todos tinham por doido, erguesse os olhos para a esterella mais alta — pois não era outra a luz dos seus olhos senão a filha do Manuel do Mar, o arraes mais rico da praia, — Clara Linda, a *Sereia,* como por toda a costa era nomeada pelos que faziam promessas de enormes corações de cera á Senhora Apparecida, e pelas romarias ardentes de agosto, ao som das banzas floridas de giestas e cravos, a cantavam ao desafio.

Como lhe crescera no peito esse sonho, tão grande que enchia o mundo? Que mãos lhe haviam posto ao pescoço, quando nascera, o escapulario com um coração aureolado d'espinhos? Esse era o unico que comsigo trazia, scismava elle; que o *outro,* andava encantado no peito de *Clara Linda.*

A principio inconsciente, como uma onda que a attracção dos astros faz erguer-se das profundidades do mar imptuoso, assim fôra crescendo, desde que a vira, esse amor secreto, sem o sentir — á maneira d'uma flôr escondida, que só pelo aroma se dá a conhecer um dia.

Mas foi na festa dos pescadores, por uma manhã de sol e alegria, com foguetes e arcos de murta no adro, que elle decifrou

emfim, o seu destino, na hora em que a viu a engrinaldar de açucenas e papoulas o altar da Senhora — que não era decerto mais formosa e loura, no céu estrellado do seu manto azul, do que ella, sua irmã na Terra — Apparecida do seu coração!

Ajoelhou sem saber se era a uma ou a outra que havia de erguer as mãos. Desde esse dia (tinha vinte annos, e era como se acabasse de nascer!) o Antonio zôrro soube que no mundo não ha mais luz nem ventura senão a que vem d'olhos amados.

E já lá iam dois (ainda hontem, pelo encanto: havia seculos, pela amargura!) tudo á sua roda se fizera noite cerrada — porque Clara Linda do Mar não lhe tinha amor.

Que negra sina quizera que elle amasse entre todas, exactamente aquella mesma que não o amaria nunca?

Outras o amariam, talvez, se lhes abrisse os braços rudes de mareante. Outras responderiam porventura ao seu desejo — mas nenhuma outra ao seu sonho. No mundo só aquella existia para a sua alma. E nunca mais teve olhos senão para a adorar — e para a chorar.

A' PESCA DA LAGOSTA

Anonymo martyrio de querer áquella que nos não ama!... Quantas Sereias (como esta, sem outros feitiços) por quem choram em vão os olhos d'alguem, que nunca viram com olhos de vêr — e que todas as noites, como este pescador malaventurado, vão sonhar em segredo, deante das suas janellas fechadas...

IV

Sol nado, vogava a lancha *Vai com Deus*, de latina solta, como uma grande gaivota, sobre a agua verde e prata, com seu Coração de Jesus, á pôpa, pintado a vermelhão.

Todos os da companha riam, só Antonio a scismar n'ella, queria ser o vento norte que ia bater á sua vidraça, ou a estrella d'alva que atravez d'ella estava espreitando o despertar da sua amada, branca e loura como uma sereia, entre as algas finas dos seus cabellos soltos.

Ao sol do meio dia, colhendo as redes e cantando por esse mar de cobalto e ouro, os ais das suas cantigas levavam-nos ao areal onde ella andava, as ondas confidentes, a segredar nos rochedos — mas só ella, nunca os ouvia, de coração mais duro que elles, Senhora das Dôres!

Pelas noites de calmaria, á hora em que as almas errantes pairam na solidão e no silencio, d'olhar perdido na lua cheia, só a ella via e só o nome d'ella gemia nas cordas da sua banza. E dir-se-hia que as gaivotas e os peixes suspendiam por momentos as suas viagens, para escutar, em torno da lancha boiando, aquella voz de dôr, maior talvez que a do mar.

Lindas estrellas do ceu,
Bem alto vae o luar;
Mais alta vae a ventura
Que Deus tem para nos dar...

Mais alta vae a ventura!... Mas a ancia de a alcançar, essa, ou longe ou perto da vista, vive a toda a hora no nosso peito.

Mal punha pé em terra, corria logo aonde ella estava. E Clara Linda, mal o avistava, mudo como uma sombra, ria-se d'elle:

— Valha-te S. Braz da porta aberta, alma penada!

A' tardinha, quando fiava á dobadoura, á porta da casa d'alpendre, como a voz d'elle tremia.

— Deus te salve, Sereia!...

Poeta sem fala, o meu vagabundo não sabia exprimir em palavras o que lhe enchia o coração. Para alli ficava, a torcer a carapuça de lã verde nas mãos enormes, sem se atrever a dizer mais nada, a olhar para a teia que ella fiava, com vontade de morrer.

Ella fingia que o não via. A's vezes, nem lhe respondia, e com um gesto de enfado, entrava em casa. Oh! a pobre carapuça de lã verde, quantas lagrimas que enxugava, elle podéra contar!

Nas romarias, rapazes e cachopas riam e bailavam, ao som dos ferrinhos e violas, a *Siranda*, a *Caninha verde* e o *Vira*, entre descantes.

Puz-me a jogar as cartas
Mail-o Senhor de Mattozinhos,
Elle ganhou a minha alma,
Eu ganhei-lhe os seus espinhos.
Aili! Aili!... Ailéé!...

Todos tinham conversada. E como se abraçavam nas voltas, que rudes pressões de mãos e claros rizos nas faces morenas em que os olhos negros ardiam, sob os lenços escarlates e amarellos, a esvoaçar.

Que saborosas cantigas, á desgarrada, cheirando a sal e a marezia, nas bocas rubras como cravos, quando batendo as palmas em cadencia, ou fazendo vibrar as castanholas no ar, a ronda dos namorados passava na alegre garandoia dos bailados ribeirinhos: — as vareiras airosas, com os seios aflantes, meneando as saias garridas nos quadris que teem do marmore a solidez macia e das vagas a liquida ondulação: — os pescadores trigueiros, de faixas encarnadas á cinta, as carapuças e boinas enfeitadas de flôres de papel e d'imagens da Senhora: — e todos os pés descalços e ligeiros pulando a um tempo na poeira das estradas ou nos adros relvosos das ermidas brancas, sobre o Mar...

Os meus olhos são dois pretos
Que me vieram de Angola;
Que já foram bem queridos
De quem os abarrece agora!...

A *Sereia* lá ia, nos braços, d'outro, mais formosa que todas. Os cabellos fluctuavam-lhe esparsos, á volta do rosto rosado, n'um resplendor d'oiro, como o da virgem. As estrellas luziam menos que os seus olhos. E como a sua voz subia até ao ceu e descia até ao fundo do coração!..

O' meu amor nada, nada!
O' meu amor nada não!
Eu nada tenho em meu peito,
De que não tenhas quinhão!...

Só o *Engerido*, entre os velhos, para alli ficava, com seus olhos mendigos d'engeitado.

Uma vez, atreveu-se a dizer-lhe:

— Queres-me para teu par, Clara Linda?...

Ouviu-a responder, d'escarneo, estas palavras que lhe entraram no peito como facadas:

— Sume-te, morte negra!... Que até aqui me ha-de perseguir, este enguiço.

Se o *Engerido* pudesse sumir-se no canto mais escuro, onde não chegasse a luz do sol! Mas mesmo no fundo da sombra, corrido de vergonha, certa Fada, com sua varinha de condão, fazia rebentar a luz — a magica luz d'aquelles olhos de milagre, que faziam o sol e o luar na sua vida.

Tudo tentou, para que ella o não deitasse ao desprezo. Foi uma noite á Bruxa que deita as cartas. Fez a promessa á Senhora Apparecida de lhe levar um cirio da sua altura, no dia em que o seu mau fado mudasse. Mas nem a Bruxa de tanta nomeada nem a Santa de tantos milagres, fizeram aquelle.

Emagreceu. Os olhos afundaram-se-lhe, no carão ruivo. Começou a isolar-se de toda a gente, a andar dias inteiros longe da praia, escondido entre as penedias que as ondas espumantes escalam ao longo da costa, como castellos em ruinas. Com o ar inquieto e medroso dos perseguidos, ficava-se horas e horas, com a cabeça entre os punhos, a olhar e a ouvir o mar.

As vareiras, quando o avistavam, faziam-lhe roda, motejando:

— Tu que tens, alma penada?

— Andas falto de carinhos?

— E' o amor que não t'assiste?

— Quem foi a feiticeira que te botou o feitiço?...

E com o seu segredo no peito, o *Engerido* fugia, perseguido pelos risos das raparigas.

A's vezes, á noite, no alto-mar, os outros pescadores, ao acordarem de repente, viam-no de joelhos, com as mãos postas, como quem reza.

— Que estás tu para ahi a resmungar, malinado?

Não respondia. Mas, mal adormeciam, de novo, com um sorriso de tresloucado a illuminar-lhe a cabeça disforme, repetia o nome d'ella — Clara Linda! Clara Linda! . .

ARRASTANDO A LANCHA PARA TERRA

— tão baixinho como se tivesse receio que as proprias ondas o ouvissem.

— Deixa-te de paixões, creatura — dizia-lhe o patrão da lancha, o velho *Tio Norte*, que tinha tanta experiencia das sinas como dos ventos. Deixa-te de paixões, creatura nova, que mulheres de má valía no mundo, ha mais do que sardinhas no Profundo! Bota a tua rêde n'outra maré, e se uma t'engeita, vira de vela p'ra outro pôrto!

— Amar outra, amar outra! — pensava o triste,

Quem ha-de arrancar, sem que morra, o coração do peito em que vive?

Só quem cegasse – para nunca mais vêr as estrellas!

Só quem ensurdecesse — para nunca mais ouvir o mar!

V

A' tardinha...

Sobre o azul d'esmalte do mar banzeiro, para o largo, a pualha aeria do sol, como um fumo doirado, fluidisa n'uma aguarella maravilhosa de tintas immateriaes, o espaço intermino.

A' ESPERA DOS BARCOS

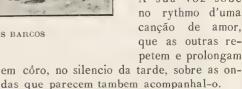
Tinge-se de laranja, de lilaz e purpura real o ceu, na barra extrema do horisonte oceanico, Cumulus de nuvens roseas encastellam-se em arquitecturas de miragem, ou entreabrem-se em grutas d'oiro, na apotheose do Poente. Refulgem as cristas das vagas transparentes, irradiando faulas d'arco-iris na alvura ephemera das espumas. E por toda a amplidão atlantica, relampagos de côres accendem-se, vacillam, transluzem magicamente. Dos remos que os barqueiros erguem e abaixam, em gestos eguaes, caem chammejando geadas d'esmeraldas. Gottas de luz escorrem das azas das gaivotas que mergulham e emergem, em vôos bruscos.

Cingida pelos molhes graniticos do porto, toda povoada de brigues brancos e vapores negros, a bacia placida, espelhando na claridade vitrea da agua profunda as feérias cambiantes do occaso, troca um lucido parque irreal, dourado pelo Outono. Reverberando, os rastos dos barcos traçam estreitas aleas que parecem tapetar-se de folhas caidas d'algum arvoredo astral.

E toda essa symphonia de tons expirantes, em gradações de mais em mais transcendentes, vem n'uma fugidia escala de ondasinhas claras, verde fluidas, das nuances instantaneas do phosphoro que se apaga, morrer melodiosamente no areal louro, a rezar, n'um purissimo murmurio de vozes liquidas, as avè-marias estheticas da Luz.

Em grupos de estatuas, molhando na onda os pés nus, immobilisam-se, como n'um quadro antigo, as vareiras de braços cruzados sob os peitos, á espera das lanchas que se avistam já, alvejando nos longes d'agua.

Com o queixo nos punhos, os cabellos apartados em bandós sobre as pequenas cabeças ovaes e morenas, como Sulamitas, outras estão sentadas nas praias, em hemicyclo.

Fitando no mar largo os olhos verdes, a *Sereia* canta, A sua voz sobe no rythmo d'uma canção de amor, que as outras repetem e prolongam em côro, no silencio da tarde, sobre as ondas que parecem tambem acompanhal-o.

E na solemnidade da hora religiosa, sob a luz que unge a terra e o mar, dir-se-ia um espectaculo d'outr'ora, no mysterio dos seculos primordiaes, quando as virgens, ao cair das tardes, esperavam no regresso das galeras os noivos mareantes ..

VI

Umas apoz outras, como uma revoada de rolas que volta ao pombal, ao vir da noite, depois de pairar desde alvorada, entre a nuvem e a vaga, veiu recolhendo as lanchas.

Ao sabor da brisa, as altas vélas triangulares deslizam, á flôr das aguas, resplandecendo na luz crepuscular. E lembram, assim. a distancia, grandes chammas verti-

caes correndo, perseguindo-se no espaço azul.

Em fila, entram por fim no porto, singrando á bolina, as dianteiras.

A agua lisa reflete-as como um vidro translucido, no seu vôo sereno.

Deante das curvas prôas velozes, como deante das charruas cortantes um prado florido de margaridas brancas, fende-se a agua verde em sulcos espumosos. E por traz d'ellas, em tremulos reflexos, as suas imagens alongadas ficam um momento navegando — como uma segunda esquadrilha submarina, entre as illusorias miragens da bahia luminosa.

Perto da praia, subito, as vélas arreadas caem ao longo dos mastros.

Esculpturalmente, sobre o fundo de cobalto e ouro, dezenham-se as attitudes e os gestos dos pescadores erectos. Fincando os longos remos, n'um simultaneo esforço eurythimico, todos os da companha, inclinando os bustos herculeos, dão o impulso derradeiro. E como cavallos ageis, boleando as garupas nervosas, as lanchas erguem as proas ligeiras sobre a onda rapida, e veem finalmente varar na areia, entre o babujar da espuma refervente.

Logo as espozas, e as filhas e as namoradas dos pescadores, acorrem ás margens, de saias enfaixadas nos quadris airosos.

Entrando na agua que lhes lambe as pernas nuas até ao joelho, redeiam os catraios recemchegados. E n'um alarve tumulto de risos, todas se curvam, em magotes movediços, para ver a fartura abençoada das sardinhas que palpitam e rebrilham em escamas de prata viva, nas malhas negras das rêdes.

Em breve, por toda a orla do areal se erige, agitada pelas vagas, a floresta balouçante dos mastros, sobre a qual, n'uma branca nuvem movente, as gaivotas esvoaçam piando.

Todas são baptisadas, como christãs. Sobre os cascos pintados de côres garridas as rudes mãos afeitas a manejar os remos, traçaram em grandes lettras que se curvam e se erguem umas contra as outras, como os mastros sobre as ondas, os nomes do Santo de mais devoção ou da moça de mais lindos olhos. Os mais artistas, illustraram-nas de ingenuas figuras, á prôa e á pôpa: peixes fantasticos, corações crivados de setas, paisagens nunca vistas, e as armas reaes de Portugal, entre as bandeiras azues e brancas.

Todos tem lindos nomes, como os d'aquella mystica «Ladainha das Lanchas» que Antonio Nobre, o poeta dos pescadores e das ondas, cantou em tão religiosos versos, n'um dos poemas mais portuguezes do *Só*; — *A «Sinhora da Boa Viage»*, a *«Menina Virge»*, a *«Trezinha»*, a *«Jesus-Maria-Juzé»*, a *«Nossu Sinhor de Matuzinhos»*, a *«Real Grandeza»*, a *«Sêmos pobres»*, a *«Estrela du Norte»*, a *«Felor do Mar»* — e mais, d'um valor primitivo, d'uma orthographia rustica que enternece e faz sorrir...

Junto da derradeira — a *Vai com Deus!* — que é a da companha do *Engerido* — uma vareira de seios aflantes, e boca entreaberta n'um sorriso em que os dentes alvos reluzem, ergue nos braços, com a divina graça d'um gesto de mãe, o filhinho nú como um menino Jesus trigueiro, que todo elle ri, luminoso, ao sol, com uma sardinha prateada a luzir na mãosita fechada.

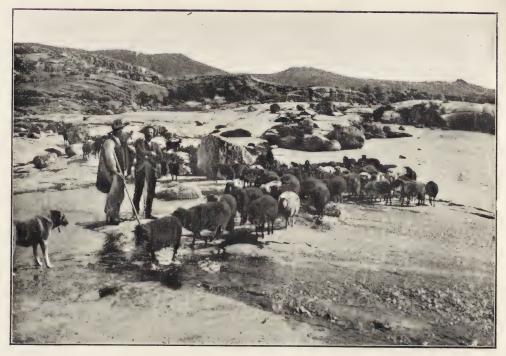
A' prôa, o pae, um rapagão tostado e fulvo, com a camisa entreaberta sobre o peito de athleta, curva-se para o tomar nas mãos enormes.

Por cima d'elles, no explendor da luz d'oiro, revoluteiam as gaivotas, n'uma geada crepitante d'azas...

E deante d'aquelle quadro, o *Engerido* á pôpa, fica-se, esquecido, a contemplal-os — com que inexprimivel olhar de amargura, como se dentro da sua alma de poeta inconsciente nascesse e morresse n'esse instante, um inconfessado sonho d'amor, muito humilde, muito triste...

— Eitu, vê s'acordas, boca de arraia! — grita-lhe o arraes. — E' assim que tu trabalhas, pasmado das maleitas!

(Continúa.)

Justino de Montalvão.

REBANHO ATRAVESSANDO A RIBEIRA DA CANIÇA

Em terra de lobos
No paiz dos rebanhos

(Notas de uma excursão á Serra da Estrella)

(Continuação)

Da nave de cabaços ao observatorio — A vista esplendida do covão de Manteigas — A casa de Cezar Henriques A tisica e as altitudes — Antigo e novo observatorio — Pelo valle das eguas para as penhas douradas — O valle do conde — Acampamos de novo — O lapão do Ronca — Pastores e rebanhos — Como um cão vence um lobo — Quem é o «chim-chim» e como elle rouba os lobinhos dos covis.

Do alto do Fragão do Corvo, então, o golpe de vista é esplendido; no fundo do enorme covão que se afunila em socalcos, sobresahindo da verdura que as mattas do Estado alastram por toda a lomba occidental, Manteigas, destaca a 700 metros de profundidade, n'um apinhoado de habitações de pouco vulto, de côr indecisa, onde se presentem ruas acanhadas, como se o casario se unisse n'um aconchego tépido contra as neves, ou n'uma união forte contra os lobos.

Corre-lhe ao lado o Zezere que pelo valle aspero deriva desde o Covão dos Cantaros, imponente, no contraste; verdejam aqui e acolá milhos e batataes empapados na humidade das margens, como retalhos de panno verde estendidos no enxugadoiro; e, firmando bem a vista distingue-se a divisão dos campos pelos muros de pedra solta que vistos do alto parecem simples li-

nhas sujas a que o boleado das oliveiras dá mais relevo.

A' direita pinheiraes immensos; ao fundo soutos extensos e seculares cobrem a encosta do monte fronteiro e, para lá das cristas da montanha, acompanhando o valle, as cordilheiras entrecruzam-se, chocam-se, dividem-se, retalham-se, eriçadas de picos, debruadas de cerros pontuadas de morros.

O valle torce-se para léste, escondendo na curva as aldeolas do Sameiro, Valle de Moreira, Balhelhas, Aldeia de Matto, Belmonte.

São oito horas, vae o sol amornando e, como se eleva por sobre nós, dá de chapa no casarêdo que começa a fumegar, arrancando chispas dos vidros oscillantes.

Arrancamos os olhos deslumbrados da paisagem, a manhã vae alta e o tempo foge.

De passagem na estação telegraphica apertamos a mão a Ramos de Paiva, que nos recebe com uma galharda gentileza; falla-nos enthusiasmado da Serra, do ar, de toda aquella vida de saude que ali tem gosado des'que a falta d'ella o forçou a vir até lá. E ninguem hoje suspeitará, ao admirar-lhe a côr sanguinea e o seu typo robusto d'homem do norte, um antigo affectado.

Ramos de Paiva tem um cão de S. Bernardo que é uma lindeza; e ali, no paiz das neves, já esse bicho intelligente, por quatro vezes, tem valido a caminheiros extraviados e perdidos pela bruma.

De novo, feitas as despedidas, e curiosos pelo que nos conta aquelle miraculado, montamos nos gericos e tomamos para o Valle das Eguas. Trepamos até ao alto; já o carro de bois nos leva a dianteira e na cola d'elle vamos caminhando n'uma planicie de feldspatho, areienta, onde o carreiro se destrinça bem, coçado pelo transito.

Caminho das Penhas Douradas, faz dó avistar á direita as ruinas do Hospital Principe da Beira erguendo ao ar improficuamente os humbraes apilarados, desmantelada a cantaria aparelhada, que o tempo já esverdeou!

Era ali, provisoriamente, que se devia installar em quatro pavilhões o hospital para tuberculosos a que prestava um relevante serviço de direcção o talento do Dr. Bazilio Freire.

Entraves politicos empennaram a obra. Sempre a *bemdita* politica!

A Allemanha conta, para a cura dos seus tuberculosos, para cima de setenta sanatorios; na Inglaterra procura-se afastar o mal de Koch pela sã alimentação com o *beef*, e pela vida fisica com o *lawn-tennis*, Portugal caracterisa-se na lucta contra a tuberculose pelo escarrador, na phrase pittoresca d'um hygienista.

E' bem de ver que o escarrador faz parte do systema de ataque da terrivel doença, conjugado com outros meios efficazes: mas reduzir a profilaxia da molestia ao escarrador, francamente... é de riso!

Mas, quando nós seguiamos para as Penhas Douradas, da troupe berraram-nos que tinham ali saltado umas perdizes; não esperei por mais nada, larguei o burro e deitei-me atraz das perdizes com o Dr. Pereira.

A perdiz da Serra é musculosa como nenhuma outra; resente-se da aspereza do terreno: relações entre a geologia e as perdizes! No entanto eu, tinha a certeza que do bando, fosse elle de trinta, não escaparia uma!... Pois não dei um tiro e quem amarrou duas á cinta com um *double* bonito foi o Dr. Pereira.

Mettemos para as Penhas Douradas a que já me referi: são uns penedões denegridos dos temporaes, em que sobresahem, pela altura, a Penha Angela e a Penha Rasa.

Procuramos no alto a linha do cume e seguimos para o curral do Martins, porque n'essa noite deviamos ir pernoitar ao Valle do Conde e convinha-nos, para alojar a *comitiva*, encontrar desempedido o Lapão do Ronca.

A meio caminho topámos com uma caravana que de lá vinha e que nos informou que o arraial estava livre; saudámos os viajeiros e andámos.

O relevo do terreno não mudou sensivelmente; a paisagem vae-se amaciando á medida que nos chegamos ao Valle do Conde. Não é o solo escalavrado, mendigo de hervas e ramagens; por toda a crosta se estende o *servum*, um hervedo fino e basto que o gado aproveita no verão, e que ao andar dá a impressão de se pisar um tapete espessamente feltrado. Apparece o zimbro que na sua folhagem glauca, picada de bagas que o sol vae enegrecendo, re-

veste por vezes penedos enormes lembrando, na simetria e no arredondado, o buxo tosquiado dos jardins fidalgos.

Botanicamente fallando, o zimbro chama-se *juniperus nana;* das suas bagas se estrahe a genebra. O apparecimento do zimbro denuncia uma zona de vegetação — começa a 1:400 metros e vae até 1:900 de altitude. Entre estes dois extremos poucas mais plantas se encontram.

Como é resinoso, o zimbro arde com extrema facilidade; largar-lhe um fósforo é quanto basta para ver ateada uma labareda enorme.

O Curral dos Martins que atravessámos, uma extensa planicie arrelvada, não apresenta interesse especial.

Descemos a encosta para sudueste e estamos no Valle do Conde: o carro de bois com os viveres seguenos de perto e, como já viessemos moidos da passeata, soube-nos bem ficar ali.

O Valle do Conde, topographicamente, é um logar *simpático,* se a simpatia tambem se pode estender ás terras. Tem perto d'uma legua de extensão e como todo elle é atapetado de servum é sitio frequentado de rebanhos,

Como ponto de aquartelamento é optimo, não só porque a natureza, ali é prodiga em penedos-abrigos, mas porque está a boa distancia, dos Cantaros, das Lagôas, da Torre, de tudo emfim que ha que ver na Serra.

Tão simpatico é o logar que Sousa Martins simpatizou com elle e ahi é que era seu intento construir o Sanatorio.

CASCATA DO RIBEIRO DA CANDIEIRA
Vertente léste da Serra

Esta cascata e objecto de um pedido de concessão por uma empreza de Gouvêa, para ser utilisada como estação geradora de electricidade para fins industriaes.

O Valle do Conde está em condições climatericas excepcionaes; segundo observações do Dr. Lopo de Carvalho tem menos 47 % de ventos e menos 50 % de nevoeiros que a encosta do observatorio.

No entanto é n'esta ultima que se constroem habitações para curas d'ar, hoteis e casas particulares — edificios pobretões sem gosto nem arte!

Um dos melhores abrigos naturaes do Valle é o Lapão do Ronca — um penedo com uma reintrancia funda a modo de lura, de pouca altura, abrigado, onde se passa bem uma noute.

O sitio é abundante em agua esplendida, como todas as nascentes da Serra; atravessa-o longitudinalmente um ribeirico que vae rabiando por entre o servum, furtando-se aqui para surdir mais á frente, corroendo o solo debruado de musgo que a humidade conserva n'um tom novo de velludo escuro.

Os nossos homens occupavam portanto o Lapão do Ronca onde antes d'elles já tinham *roncado,* por 1881, Sousa Martins, Emygdio Navarro, Carlos Tavares, e até nossos dias, muitas mais pessoas illustres, pela certa.

Para nos alojarmos, armámos de novo a barraca de campanha.

A creadagem accendeu um lume grande e, como tivessemos mandado por leite, appareceu-nos um pastor que andava perto no meio d'um rebanho todo tilitante de guisos e chocalhos.

Não é este o tempo em que o leite mais

abunda pela serra. A vida dos rebanhos tem que dividir-se, na procura de pastagens, que a neve occulta, quando começam as primeiras geadas. Em cada rebanho ha dois grupos de rezes: o alfeire formado pelas cabras e ovelhas vazias e o alavão constituido pelas paridas e pelos borregos ou chibatos.

Os gados da terra chã deixam a serra pela ultima quinzena de agosto, e o retorno das ovelhas é uma festa pastoril que poucos conhecem.

N'um dia fixado o rebanho deixa a montanha e vem caminho das faldas: abrem o cortejo os bodes que os proprietarios abastados enfeitam de fitas variegadas nas cornaduras e de colleiras vistosas com chocalhos monstros, que resoam gravemente como orgãos; seguem-se as ovelhas com a comitiva de borregos, no fim as cabras, fechando o cortejo os pastores com os cães.

E toda aquella onda movediça vem avançando lentamente com uma orchestração de sons completa, desde os chocalhões-baixos dos chibos até ás campainhas-contraltos das ovelhas e borregos, lembrando uma musicata de romaria. São por vezes oitocentas cabeças que na caminhada vão afugentando lebres e ovelhas, rapozas e lobos, despertando os povoados n'aquella parada de vida agricola, a que não faltam os caçadores para guarnecer os cintos n'uma batida esplendida.

Por vezes o apartar das cabeças é renhido entre os varios donos, fertil em pancadaria e, feita a divisão, cada fracção recolhe aos curraes da terra chã.

Ahi se amerzendam os gados retoiçando pelos campos dos povoados até ao inverno. Pela serra ficam apenas os rebanhos de perto, aguardando as primeiras neves.

Pelo S. Martinho parte o alavão para a Idanha, sitio das pastagens hibernaes; nos fins de novembro vae o alfeire; e toda aquella população de pastores se desloca para o exilio. As pastagens na Idanha alugam-se por bom dinheiro. Tão depressa des-

TRECHO DA LAGÔA COMPRIDA

Esta lagôa, que fórma uma importante queda d'agua, sobre a vertente oeste da Serra, é tambem objecto de outro pedido de concessão pelo illustre deputado e engenheiro militar, Sr. Antonio Rodrigues Nogueira, que proximo de Ceia installára uma estação geradora de electricidade para fins industriaes.

gela a serra, começa tambem o regresso dos gados: o alavão vem por fins de março, o alfeire pouco depois.

Voltados da Idanha afadigam-se os pastores no fabrico dos queijos. Os queijos da Serra são principalmente de ovelha e cabra e, comquanto Portugal não se possa considerar um paiz leiteiro, o leite e o queijo attingem cifras importantes. Por inqueritos recentes (1), computa-se a producção de leite do continente em 100.964:360 litros, rendendo perto de 4:500 contos de réis; o queijo produzido orça por 4.600:000 kilos que rendem quasi 2:000 contos de réis!

O verdadeiro queijo da Serra é finissimo; tão fino que já Link na sua *Voyage em Portugal depuis 1797 jusqu'en 1799* refere, que a familia real portuguêsa todos os annos mandava aos reis de Hespanha um presente de queijos!...

Mas, como eu ia dizendo, appareceu-nos no Valle do Conde um pastor com um caldeiro de leite.

O pastor da serra é um typo curiosissimo: producto d'aquelle meio extraordinario e gigantesco, parece que lhe gira nas veias o sangue dos guerreiros de Viriato. Ali nasceu, de pequeno o acostumaram á serra e á pastoreação, ali vive no meio d'uma natureza que elle não aprecia, mas que lhe dá qualidades excepcionaes, nomada em contacto com a penedia, as neves e os lobos.

São todos rapagões desempenados: vestem fatos de burel, sapatorras de bezerro brochadas, safões de pelle de ovelha, chapeirão de feltro e com um caldeiro, uma manta e um cajado correm a serra dentro dos seus *termos*.

Assim como é rude, é franco e leal. Os rebanhos que guarda não lhe pertencem, são em geral de mais de um dono que por cabeça de gado dão um tanto ao pastor por mez. De longe lhe levam a brôa, as batatas e as cebolas que esconde nas buracas das fragas e que hão de durar semanas.

Uma vez na serra o pastor não volta ao povoado; todo o dia vae seguindo por monte

OUTRO TRECHO DA LAGÔA COMPRIDA

(1) Pode ver-se o magnifico artigo de Joaquim Rasteiro, no livro *Notas sobre Portugal,* enviado á ultima exposição do Rio de Janeiro.

e valle, vigiando o rebanho onde conhece as ovelhas uma por uma e as cabras a quem chama pelos seus nomes «Mocha», «Cornuda», «Lindeza», mettendo dois dedos á bocca, n'um assobio selvagem — e ellas que o conhecem tambem, veem á mão comer-lhe a brôa. Pernoita onde lhe acabou o dia, reunido o gado junto d'uns penedos e ahi se alapa embrulhado na manta.

O maior, o unico amigo do pastor na serra, é o cão — confia n'elle como n'um irmão: onde um come, come o outro, tira da bocca uma codea para lhe dar, se preciso fôr.

O verdadeiro cão da serra é corpulento, valente e d'um instincto pouco vulgar. Quando na entrada d'um redil é preciso contar as cabeças, dois cães d'um lado e d'outro do portal facilitam a operação, não deixando entrar mais que uma de cada vez. E isto é natural, faz-se a um simples assobio do pastor!

Para o dono é meigo, para os estranhos desconfiado, para os inimigos uma féra. São em geral lanzudos, trazem cortadas as orelhas e o rabo e uma gargalheira de pregos enormes no pescoço.

CHAFARIZ DE EL-REI (GELADO)

Pequena lagôa, situada a 1:900 metros. A sua agua não é nativa; resulta apenas do derretimento das neves e das chuvas.

Tirado d'aquelle meio onde vive e para o qual foi creado, o animal entristece, mal come, e uiva de nostalgia.

O rafeiro de dia dormita, entorpecido por uma somnolencia que o enerva. De noite não descança, é um vigia destemido, com uma vista de lynce e um olfato apuradissimo. Mal escurece o cão parece que se reanima, não pára, ronda o gado d'um lado para o outro, ouvido á escuta, espiando o negrume de ventas no ar. Ao minimo ruido dá signal e o pastor conhece-lhe o ladrar.

O maior inimigo dos rebanhos é o lobo — e não vá julgar-se que os lobos na serra são uma *blague*. O lobo é um carnivoro possante e afoito. Sem ter a arrogancia do leão ou a deslealdade do tigre é atrevido no ataque, mas covarde na lucta. Perseguido, foge. Descahido do quarto trazeiro, tem uma força descommunal nas maxillas: tendo filado uma ovelha pelo cerno transporta-a a distancias enormes; dois que ataquem uma rez espedaçam-a pelo meio.

O lobo, na serra, cria nos covões, na parte mais medonha da penedia, nos fragões dos Cantaros e na chapada sobranceira ás lagôas. Na época do cio, andam desenvoltos e é frequente vel-os espolinharem-se pela neve em cabriolas doidas, deixando um rasto em que as pégadas se destacam bem.

Tem uma pellagem grisalha com cambiantes de escuro. O lobo castiça-se pelo inverno, a femea que é muito ciosa dos filhos pare, de 6 a 9 cachorros, pelos começos de maio. «E' pela Santa Cruz (3 de maio) que a loba dá á luz» diz um rifão da serra.

São gulosos de carne de burro. Emquanto ha rebanhos na serra por lá se entretem; quando a neve aperta e a fome é negra, descem aos povoados em alcateias.

O lobo ataca mais de noite que de dia. Os olhos no escuro luzem como carbunculos; são medrosos do fogo. O cão presente-o, pelo olfato, a grandes distancias, e á medida que elle se avizinha entra de uivar.

As ovelhas e as cabras em lhes dando a *flamma* do lobo, como dizem os da serra, começam de inquietar-se — as ovelhas sapateiam com as patitas, as cabras espiram — e é tal a devoção pelos filhos que, as pobres, julgando que os defendem, mettem-nos no meio e formam circulo, testeiras para fóra.

O rebanho é todo uma roda de cornaduras inutilmente aggressivas. O pastor espera, assobia aos cães, afoitando-os.

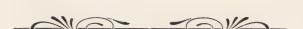
E então, mais vizinho o inimigo, o cão avança e d'um pulo cahe-lhe em cima. O lobo recua, procura filar o rafeiro pelo

rabo, por uma orelha, pelo pescoço, Mas fere-se no pregâme da colleira, escorre-lhe o sangue do focinho e das beiças. Abraçam-se n'uma ancia de morte e o cão crava-lhe os dentes na guella, procura-lhe as veias, ferra-lhe as prezas, rasga, espedaça, até que o prostra n'uma sangueira escura abandonando-o, inerte, com um olhar de desprezo.

Ora eu conheci na serra um velhote, miudo e secco, de nome José Patrão, por alcunha o *Chim-chim*. Creado ali, entretinha-se na ousada empreza de roubar os lobinhos dos covis. Por começos de maio punha-se em campo, seguia as pegadas do lobo e rebuscava as penedias á procura das covas. Os cachorros nascem de olhos fechados e quando teem fome esganiçam-se n'uma lamuria piegas. E o *Chim-chim*, de ouvido á escuta, lá ia á buraca e levava os lobitos, que depois creava e vendia.

A loba é doida com os filhos; se percebe que lhe bolem, muda-os de cova, levando-os nos dentes, como as cadellas; logo que elles entram em edade de poder comer, os paes ripam-lhe em febras miudas a carne que trazem e assim lh'a servem.

(Continúa.

A. DE SOUSA MADEIRA PINTO.

Na campa d'uma engeitada

(EM DIA DE FINADOS)

Vós que vindes em grande romaria
Desfolhar neste campo gôivos mil,
Visitae, visitae a lousa fria
Onde habita o meu corpo jovenil!

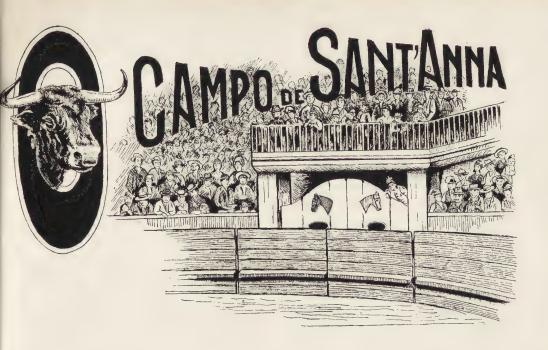
Fui engeitada! Sem norte, sem guia,
Andei p'lo mundo que é rude e mui vil.
Chorei magoas, chorei penas e, um dia,
Disse adeus ao cortejo astral d'abril!

Hoje, nestes sumptuosos mausoleus,
Piedosas orações sobem aos ceus!...
E eu, infeliz de mim, triste engeitada,

Só tenho na pauperrima guarida
As lagrimas d'orvalho que dão vida
A's florinhas em plena madrugada!

Mario Florival.

Recordações de então

II

Tanto o cartaz como o programma antigo, constituem actualmente uma curiosidade de subido valor para os collecionadores de raridades tauromachicas. E' d'esses cartazes e programmas que vamos agora tratar.

O cartaz usado na primitiva d'esta praça, era o que se póde dizer de mais simples. A illustral-o tinha sómente, quando tinha, uma tôsca e mal gravada cabeça de boi, pois chamando-lhe de touro com certeza offenderemos até o mais modesto dos desenhadores animalistas, que se tenham dedicado a transportar á tela ou á pedra, a figura do formoso animal.

Pouco mais exarava o cartaz d'esse tempo que o nome do lavrador que fornecia os touros, os dos artistas que trabalhavam, os locaes da venda de bilhetes e as horas em que abria a praça e começava a corrida. Isto é, o bastante para annunciar, com seriedade, o espectaculo.

O cartaz de quatro e cinco folhas, ornado de illustrações varias e composto nos typos mais miudos que se pódem imaginar para trabalhos d'esta ordem, só mais tarde foi introduzido pelo cavalleiro Antonio Maria Monteiro, o artista que melhor soube explorar a novidade na festa annual.

Os cartazes do beneficio d'aquelle artista, chamavam sempre a attenção pelo estraordinario numero de attractivos que apresentavam, e pelo tempo que levavam a lêr! Qualquer aficionado que não pudesse dispôr, pelo menos, de meia hora para tomar conta de todos os pormenores com que o beneficiado pretendia deliciar o publico, melhor era desistir do seu intento, e reser-

var-se a ir vêr na praça desfilar surpreza sobre surpreza!

Este genero de cartaz por poucos foi explorado, além de Antonio Monteiro; mas póde dizer-se, que algumas vezes foi imitado.

O programma, porém, chamou em geral mais a attenção, pelo menos até ao meiado do seculo passado, pela excentricidade como

VISTA INTERIOR DA PRAÇA

(Quando foi tirada esta photographia, achava-se a praça ornamentada)

era redigido. O verso era parte obrigada a rechear a prosa, despertando sempre a hilaridade do leitor.

Vamos dar um modelo, recortado do *Novo Gratis*, referente á corrida de 9 de agosto de 1846, sendo então emprezario da praça Mr. Emilio Doux.

Lidavam-se n'essa tarde quatorze touros de Rafael José da Cunha, sendo cavalleiro João José dos Santos Sedvem. O grupo de bandarilheiros era composto por João Alberto, o *Barbeiro*, José Cadete, João Pedro da Herra, José Joaquim, o *Russo*, e por dois hespanhoes de nomes André e Fernando. Dois intervallos de pretos completavam a festa.

Eis como o referido programma começava:

«A's tres horas da tarde será recolhido o gado, e sem mais detensa limpa e regada a praça, segundo o sistema do antigo capitão das bombas; e ás cinco horas e um quarto, logo que se apresente no seu camarote o dignissimo Magistrado Inspector do divertimento, entrará na praça, acompanhado dos seus competentes andarilhos, o nunca assaz elogiado e façanhudo Neto, que por sobrenome não perca, montado em adextrado ginete de manejo, que se não manobrar conforme a arte, culpa não é do inteligente bixo, mas sim da estupidez do cavalleiro; porém esta mesma desinteligencia é de preceito, porque assim como um certo poeta

dramatico, quando queria marcar uma scena de barulho, punha a seguinte rubrica — *A desordem dos actores, é a ordem da scena* — logo

P'ra que um Neto de Touros seu logar,
Desempenhe com arte, e com maneiras,
Em vez de ter bom porte, e bem montar,
Deve em tudo fazer sómente asneiras.
O que por modo inverso praticar,
Mostrando ter saber, só das trincheiras
Applaudido será por fanfarrão,
Por bebado, pateta e borrachão.

E pois que o nosso matuto,
Não quer a fama perder,
Protesta de convencer,
Cada vez está mais bruto;
Mostrando que tem bom fructo
Tirado destas licções,
Quer d'eternos trambulhões,
De boléos bem desmarcados,
Deixar na praça gravados,
Do seu nome altos padrões.

Mas se acaso der á casca,
Couza muito natural,
Que a terra lhe seja leve
Repita um côro geral.

Logo que finde as estropelias do estillo, mudará de conductor, e voltará á praça em mesquinho rocim, o qual tem figurado muito por Lisboa, carregando melões e melancias; e que segundo os melhores prognosticos, findo este lucido intervallo, irá terminar seus dias n'alguma récua de ribeirinho; se antes d'isso o *Hercules Preto,* não tomar posse d'elle por alguma extraordinaria fatalidade.»

Foi este espectaculo dividido em nove quadros — pelo que se vê que o espectaculo de touros, antigamente, tambem se dividia em quadros —, que tinham os titulos seguintes:

1.º *Arte e Preceito* (o primeiro touro, para ser farpeado).
2.º *Arte, e destreza disputando entre-si* (o segundo, terceiro e quarto touros, para serem bandarilhados).
3.º *O saber zomba da ferocidade* (o quinto touro, para ser farpeado).
4.º *O novo Diogenes engraixado* (o sexto touro, destinado ao primeiro intervallo), que é descripto d'esta fórma:

«... para o engraçado intervallo da *Pipa,* dentro da qual um furibundo habitante bipéde da Zona Torrida, vai desafiar um furioso quadrupede da Zona Temperada, para resolver o problema, que ainda não está defenido, de qual dos dois é mais bruto; sendo coadjuvado nesta façanhuda empreza, por outros seus quejandos companheiros, esperando sahir airosamente da contenda

Pois quando um preto s'empenha
Tudo faz muito perfeito,
Apesar de que não tenha,
Para tudo muito geito.

Tem braços, pernas e mãos,
Tem brios, e presumpções,
E levam sem descorarem,
Centenares de trambulhões.

N'um branco qualquer pancada,
Logo faz a côr mudar;
Um preto por mais que leve,
Sempre preto hade ficar.

A' vista desta vantagem,
Que lhe deu a natureza,
Por mais aleijões que apanhem,
Nunca demonstrão fraqueza.»

5.º *Qual será o mais perfeito* (o setimo e oitavo touros, para serem bandarilhados).
6.º *Pericia e delicadeza* (o nono touro, para ser farpeado).
7.º *Fabrica de Trambulhões* (o decimo touro, destinado ao segundo intervallo), que vem assim descripto:

«... para o sempre applaudido e jocundo intervallo dos pretos em cavallinhos de pasta; sendo servidos pelos que primeiro farpearem de cavallo, se ficarem em estado disso.

Este intervallo é petisco,
Que nunca pode enjoar;
Nos boléos mais exquisitos
N'outro qualquer apanhar.

Pois juigando que a canastra,
E' qual da China a muralha,
Investem com furia o Touro,
Que ás vezes tudo escangalha.

Os pretos nos cavallinhos,
Tem audacia mui guapa
E por mais tombos que apanhem
Sempre estão promptos no mappa.

E então o misero preto,
Que se mostrava pimpão,
D'envolta com o cavallo
Fica estendido no chão.

Mas um copo de marufo,
Que é remedio universal,
Dentro em pouco torna o preto,
Ao seu estado normal.»

8.º *Quem levará a palma?... lá se verá* (o decimo primeiro, o decimo segundo e o decimo terceiro touros, para serem bandarilhados).

PRAÇA DO

CAMPO DE SANT'ANNA

DOMINGO 23 DE SETEMBRO DE 1866

Quem faz gosto nos touros [illegible],
Hoje [illegible] que por ser [illegible]
Da [illegible]
Do Campo de Sant'Anna [illegible]

Os touros que vereis tem tal braveza,
Que até d'ella [illegible] a natureza!!!

Sublime funcção, em tudo, e em tudo e por tudo brilhantissimo espectaculo, d'uma [illegible] corrida dos mais furiosos, bravissimos e puros

TREZE TOUROS

Manda-los apartar dos melhores que tem nas suas manadas a Exm.ª Sr.ª

D. MARIA INNOCENCIA DA SILVA CALDAS

[illegible] lavradora de Santarem, sendo esta a segunda corrida [illegible] fez acreditar que apresentará um [illegible] curro de touros, [illegible] que os que foram corridos nesta praça no dia 2 de Setembro, vindo entre elles

UM BOI MOCHO

E O TOURO SALGADO

que foi o anno passado corrido no dia 10 de Agosto e farpeado pelo Exm.º Sr.

MARQUEZ DE CASTELLO MELHOR

Toma parte na [illegible] e valente, destemido e sempre até hoje [illegible] RAPHAEL GONÇALVES farpeando um touro a cavallo e depois será pegado de cara pelo mesmo, sendo coadjuvado pelo [illegible] — Tambem tomarão parte na mesma os afamados [illegible]

Em vista do que fica exposto, e que o mesmo [illegible] agradarão summamente aos intelligentes espectadores, por que [illegible] póde dizer-se

[illegible]
[illegible]
[illegible]
Nas proprias [illegible], d'entre da barriga!
Havendo vacca, que [illegible]
[illegible]
Resultando [illegible]
Passar d'então para cá a ser alfeira!

Que divertimento póde haver que mais desperte o appetite, interesse, arrebate e anime a curiosidade, do que uma magnifica, bem disposta e perfeitamente executada corrida de touros? — Que espectaculo ha em que o espectador, embora prevenido, do que tem para ver, encontre sempre novidades, que a imaginação [illegible] não póde [illegible] cogitar, como é uma tourada? — Por isso

PRIMEIRA PAGINA DE UM PROGRAMMA

9.º *Primôr e brio* (o decimo quarto touro, para ser farpeado).

Curiosidades como esta arrecadam com todo o cuidado os amadores, pois constituem documentos raros.

Dezoito annos depois, a 25 de setembro de 1864, o cavalleiro Manoel José de Mesquita, depois de estar ausente das lides por dois annos, em virtude de desastre, era assim que appellava para que os frequentadores do espetaculo não faltassem ao seu beneficio:

Lisbonenses sublimes, generosos,
Por bondade prestae vossa attenção,
Dando, pois vos supplica respeitoso,
Ao cavalleiro Mesquita protecção;
A qual o mesmo conta ha de obter,
Visto o seu beneficio hoje fazer!

O uso, porém, de ligar o verso á prosa foi subsistindo por algum tempo. No programma da corrida de 5 de maio de 1872, na qual tomava parte o grande Antonio Carmona, ainda viamos os seguintes:

Caminhar do optimo ao sublime
Progresso verdadeiro bem exprime.

De gosto noticia vae dar-se a Lisboa,
Que seus habitantes hade alvoroçar
Sabendo na praça do Campo tourada,
Assás estrondosa tem p'ra admirar!

Funcção deste lote qual esta promette,
Ser hade, por certo de grande prazer,
Ninguem que possua luzente metal,
Esp'ramos que deixe d'alli concorrer!

Aos bandos a gente parece já vermos,
De toda a cidade mui azafamada,
Bilhetes comprando entrar para a praça,
Buscando anciosos gosar a tourada!

Os laureados Peixinhos, a 14 de julho do mesmo anno, tambem se dirigiam ao publico aficionado, por occasião do seu beneficio:

José Peixinho e seu filho que vão fazer
Sua festa artistica n'este dia
Esperam novamente hão de obter
Do mesmo as graças, que alcançar porfia!

Foi d'esta época em diante que, póde dizer-se, começou a simplificar-se mais o programma e a rarear tambem n'elle o verso. Quando muito, lá de longe em longe é que n'um ou n'outro ainda se lia que

Tourada como esta, certamente,
Nunca 'té hoje viu a luza gente!

ou então que

D'um polo a outro polo, hade gabar-se
A corrida que vae annunciar-se!

rimas que foram aproveitadas vezes sem conta, não só no mesmo anno como em épo-

NOVO GRATIS.

Jornal d'Annuncios.

PRAÇA DO CAMPO
DE
SANTA ANNA.
ARREMATANTE — EMILIO DOUX.
DOMINGO 9 DE AGOSTO DE 1846.
POMPOSA E VARIADA CORRIDA DE
14 TOUROS.

E pois que o nosso matuto,
Não quer a fama perder,
Protesta de convencer,
Cada vez és mais bruto;
Mostrando que tem bom fructo
Tirado destas licções,
Quer d'eternos trambulhões,
De boléos bem desmarcados,
Deixar na praça gravados,
Do seu nome altos padrões.
Mas se acaso der á casca,
Couza muito natural,
Que a terra lhe seja leve
Repita um côro geral.

CABEÇALHO DE OUTRA FOLHA VOLANTE

cas seguidas, até á final costumeira da introducção de tal genero de litteratura no programma do espectaculo tauromachico.

Outros tempos, outros costumes!

Agora não publicam versos, mas junta-se-lhe prosa muito peor e mais estopante, como é aquella que occupa metade do espaço em condições varias, por demais fastidiosas, como são quasi todas as condições, que ninguem lê, e que torna o programma em geral maçudo.

Por isso, entre o programma antigo e o moderno, antes o antigo, por que era mais comico e menos aborrecido!

*
* *

Veem a proposito algumas linhas sobre João Sedvem, José Cadete e Rafael José da Cunha, anteriormente citados.

João José dos Santos Sedvem foi o unico cavalleiro que se tornou verdadeiramente notavel no seu tempo. E se como toureiro deixou brilhantemente assignalada a sua passagem pelas principaes praças de então — a do Salitre e a do Campo de Sant'Anna —, como equitador não deram menos que falar os seus feitos.

Em qualquer praça que se apresentava a tourear, Sedvem conseguia sempre fazer-se applaudir. Dava constantemente sobejas provas do que valía como toureiro, e de maneira que ninguem podia pôr em duvida os seus muitos conhecimentos da arte de lidar rêzes bravas a cavallo.

Como os grandes mestres, Sedvem já seguia as pisadas das notabilidade que cultivavam a arte de tourear — por pouco que fizesse n'uma tarde, em alguma cousa porém havia de chamar a attenção da assistencia. Se lhe tinham cabido em sorte rêzes ordinarias e não tinha conseguido evidenciar-se toureando, no mesmo instante obrigava o publico a levantar-se, a enthusiasmar-se e a applaudil-o pela fórma como mandava o cavallo que subjugava e procurava o touro que tinha na sua frente, fazendo então alarde dos seus meritos como equitador.

E as mais das vezes que animaes montava, sem condições nenhumas para o toureio!

Grande numero de aficionados affirmava que Sedvem sahia á arena propositadamente em maus cavallos, para mais ainda poder salientar-se; e falavam assim, porque o distincto artista não se cançava de dizer, sempre que para isso tinha ensejo, que o verdadeiro cavalleiro só podia mostrar a valer a sua cotação artistica, toureando com cavallos difficeis.

UM BILHETE DO ANNO DE 1870

Não temos dados para garantir tal asserção; mas é de crêr que seja verdadeira, se recordarmos que Francisco Carlos Batalha foi o discipulo dilecto de Sedvem, e os bons cavallos para toureio nunca preoccuparam tambem Batalha — todos lhe serviam.

D. Miguel, o moço principe tão aficionado do popular divertimento, tinha em Sedvem um dos seus companheiros predilectos, dispensando-lhe por isso a melhor das estimas. Muitas vezes tourearam juntos.

Sedvem era muito temido pela sua valentia, e o seu começo foi dos mais humildes — cobrador dos talhos de Alcantara.

*

José de Sousa Cadete, segundo o venerando aficionado e respeitado critico Pinto de Campos, foi um dos maiores incentivos á concorrencia do publico á praça do Campo de Sant'Anna. Nasceu em Lisboa em 1816, n'uma casa proximo d'aquelle circo.

Cadete começou em 1837, no Campo de Sant'Anna, como moço de forcado, estreando-se no Porto no anno seguinte como bandarilheiro. Os seus primeiros vencimentos foram 1$200 réis!

Progredindo rapidamente na arte que cultivava por verdadeira aficion, conseguiu mais tarde salientar-se entre todos os artistas do seu tempo no toureio de animaes difficeis. Para este genero de trabalho contribuiu sem duvida a sua extraordinaria agilidade e a rijeza de pernas com que a natureza o dotou.

JOÃO DOS SANTOS SEDVEM

Só com uma constituição d'esta ordem um artista poderia tourear sessenta touros em tres tardes, como Cadete fez um anno em Coruche, seguindo logo depois para a Nazareth, onde trabalhou em tres corridas seguidas, e partindo d'alli para Lisboa ao terminar a ultima, para tomar parte na que se effectuava no Campo de Sant'Anna no domingo!

N'uma corrida em beneficio do Asylo de Mendicidade, em que se lidaram vinte e quatro touros, tirou Cadete vinte e tres *moñas!*

JOSÉ DE SOUSA CADETE

José Cadete foi um artista de immensos recursos: sahia aos touros para ambos os lados, executava o *salto de garrocha* e *a transcuerno,* fazia com muita precisão o *quite* a corpo descoberto e bandarilhava com ferros de palmo. Esta ultima sorte executou-a logo depois de a ver ao bandarilheiro hespanhol Manuel Trigo; e com tanta perfeição a levava a effeito, que o publico a cada momento lhe pedia para a repetir, tanto mais que Cadete foi o artista portuguez que primeiro a praticou.

Dizia Pinto de Campos que o grande *Cúchares* tinha por José Cadete muita consideração e estima, apontando-o sempre como exemplo de um toureiro de sangue e de notavel valentia.

Conta-se até que toureando *Cúchares* certa tarde no Campo de Sant'Anna uma corrida de Rafael da Cunha, o primeiro touro que sahíra para um dos seus bandarilheiros lhe causara tal terror, que nem animo tinha para o citar.

O eximio matador, então, chamou Cadete, pedindo-lhe para ir bandarilhar o animal, e mandando recolher para dentro da trincheira o seu bandarilheiro, dizia-lhe ao mesmo tempo que puzesse os olhos no toureiro luzitano, e se queria voltar a Portugal como lidador de rêzes bravas, tinha que fazer o mesmo que elle!

N'esta apreciação de *Cúchares*, estava o maior elogio que se podia render a um artista.

José Cadete toureou até depois dos sessenta annos, vindo a fallecer em 1887. Legou dois filhos á mesma arte — Manuel Cadete, tambem já fallecido, e Jorge Cadete.

*

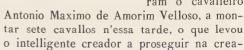
Rafael José da Cunha foi o ganadero que mais fama adquiriu no seu tempo, e não existe em Portugal nenhum aficionado de corridas de touros, apesar de decorridos tantos annos depois do seu fallecimento, que não conheça, pelo menos, o seu nome laureado. Este facto incontestavel é, só de per si, bastante para elevar a individualidade a que nos referimos, que com a sua intelligencia, vontade, arrojo e brio, alcançou com tanto trabalho um logar proeminente entre os creadores seus contemporaneos, n'uma época em que não estavam tão divulgados e não tinham surgido ainda os innumeros aperfeiçoamentos agora conhecidos e que posteriormente foram applicados á creação dos touros de lide.

RAFAEL JOSÉ DA CUNHA

Rafael da Cunha viu coroados de bom exito os seus esforços, pois como consequencia d'esse labor apresentava corridas verdadeiramente extraordinarias, como até então se não tinha offerecido ensejo de apreciar, tanto pelo que respeita a tratamento como a bravura. Foi entretanto largamente compensado do seu dispendio e da sua diligencia, recebendo as acclamações que lhe eram dirigidas em todas as tardes que se corriam rêzes das suas manadas, e o seu orgulho de aficionado teve valioso premio tambem, porque se lhe attribuiu, e com justo fundamento, o maximo esplendor que attingiram as corridas com o concurso da sua notavel ganaderia.

Como era inevitavel, estas circumstancias collocaram Rafael da Cunha na situação de alvo principal das invectivas dos adversarios das corridas de touros, os quaes, inexoraveis, como sempre, o ligavam á responsabilidade de ter fomentado extraordinariamente em Portugal uma diversão que julgam condemnavel.

Foi em 1837, a pedido de alguns amigos, que cedeu a primeira corrida para a praça do Campo de Sant'Anna. A bravura e poder que evidenciaram as rêzes, obrigaram o cavalleiro Antonio Maximo de Amorim Velloso, a montar sete cavallos n'essa tarde, o que levou o intelligente creador a proseguir na creação de gado bravo.

FERRO DA GANADERIA

Por isso, no anno immediato, Rafael da Cunha resolveu comprar vaccas e touros sementaes de reconhecida bravura e boa estampa, ao creador do Cartaxo, sr. Damaso dos Santos (1), que n'essa época tinha credito, assim como comprou tambem algumas rêzes pertencentes ao infantado e ao barão

(1) Conta-se que Damaso Xavier dos Santos fôra o mais entendido creador de touros do seu tempo, affirmando-se ainda que nas corridas dadas por D. Miguel, quem escolhia os touros que el-rei devia tourear, era aquelle lavrador.

da Junqueira, e ainda outras descendentes da afamada raça Cadaval, ampliando d'esta fórma muito a sua ganaderia. E com taes elementos e auxiliado com a boa vontade de alguns maioraes, animou-o a esperança de propagar a melhor especie, e de facto conseguiu-o, pois, como rezam as chronicas, os resultados excederam toda a espectativa, ao ponto de o considerarem o primeiro ganadero portuguez.

Os touros de Rafael da Cunha, segundo a opinião de um abalisado critico seu contemporaneo, reuniam em si todos os signaes que caracterisam os das mais finas raças, e distinguiam-se, não só pela bravura como pela corpulencia e excessivo poder. As cabeças eram de boas fórmas, os corpos em geral de bonita estampa, e sobretudo muito rijos de cabeça e rins.

Eram muito rapidos tambem no acommetter, dando origem a que quasi todos os lidadores portuguezes — cavalleiros, bandarilheiros e moços de forcado — e muitos hespanhoes, fossem colhidos, sem comtudo nunca poderem ser classificados de mal intencionados os touros d'esta raça, apesar de ter existido na ganaderia algumas rêzes que foram lidadas em muitas corridas, em vista da sua excepcional bravura.

Os cavalleiros Antonio Maximo de Amorim Velloso e João dos Santos Sedvem por mais de uma vez soffreram as caricias dos cornupetos de Rafael da Cunha, n'uma das quaes Sedvem foi colhido por um touro que já tinha oito corridas, e que o derrubou conjunctamente com o cavallo que montava.

O renome de Rafael da Cunha expandiu-se ainda pela peninsula, correndo-se os seus touros nas principaes praças de Hespanha, nas quaes usava a divisa azul e branca, e nomeadamente na de Madrid, onde se estreou no dia de S. João de 1852. O successo foi enorme, bastando dizer que os oito touros que se lidaram n'essa tarde levaram 94 varas!

Foi *Cúchares,* que conhecia as magnificas condições de lide dos touros de Rafael da Cunha, por os ter lidado muitas vezes em Portugal, quem os recommendou ás emprezas do visinho reino.

Rafael José da Cunha nasceu em Castello Branco em abril de 1791, e falleceu em egual mez do anno de 1868.

(Continúa.)

CARLOS ABREU.

Phots. da collecção Segismundo Costa.

APOCALYPSE

Para Guerra Junqueiro

Relampagos, curiscos, trevoadas,
Chuva caudal e céo ennegrecido;
A terra geme e se ouve um alarido
De montanhas cahindo espedaçadas.

Blasphemia, escuridão, ruas trancadas,
Rijo tufão — sensacional bramido,
Como um grito de Deus enraivecido,
Retumba ao som de extranhas badaladas...

Fulmina um raio no antro do infinito;
Ouve-se além um funeral maldito,
E' o universo partindo-se em pedaços...

Um turbilhão de estrellas do além desce
E acompanha Tupan, que empallidece,
Emquanto o mundo róla nos espaços!...

Parahyba — Brazil.

Joel Pinto.

Os ex=libris

Uma das grandes monomanias do seculo, é a das collecções.

Ha lá alguma coisa que não seja susceptivel de colleccionar-se? Tudo o é, por mais extravagante que pareça, — desde as moedas e os livros raros, desde os quadros de mestre até o fragil e precioso *bibelot*, com escala pelos cachimbos e pelos botões. O *colleccionismo* (que a ironia scintillante de Mark Twain tão despiedosamente fustigou na pessoa do celebre colleccionador de echos) é hoje uma verdadeira vesania a que raros logram eximir-se.

N.º 1

Algumas collecções representam um trabalho intenso, mas proficuo, porque são uteis como repositorio documentalmente historico, como estudo comparativo, ou servem ainda, pela sua arte e bom gosto, para deleite do espirito e fonte de emoções intellectuaes. Assim as de moedas, as de estampas e gravuras, de livros, de quadros e estatuas, de archeologia historica e prehistorica, de ethnographia, de historia natural, etc. Outras nenhum valor teem, nem intrinseco nem estimativo. Mas o que todas ellas exigem é grande dispendio de dinheiro e de trabalho, quer na acquisição de objectos, quer na sua installação e conservação, sem que uma fortuita venda, garanta na maior parte dos casos ao colleccionador um producto que lhe compense as despêsas e o trabalho.

N.º 2

LIBRI ET LIBERI SUB OCULIS SEMPER.
Eug. de Castro
Ex libris

N.º 3

Todas as manías de colleccionar, teem — umas por outras — representantes em Portugal. Quem tem ainda poucos, mesmo raros adeptos, é o *ex-libris*, e é delle que vou agora entreter-me.

* * *

O termo, que (não desfazendo nos seus conhecimentos philologicos) uma grande parte dos leitores desconhece ainda, consta de duas palavras latinas, significando — *dos livros*, ou *pertence aos livros*. Perdôem-me os que versam a magestosa lingua de Tácito esta explicação, que só se entende com aquelles para quem o latim... é grego.

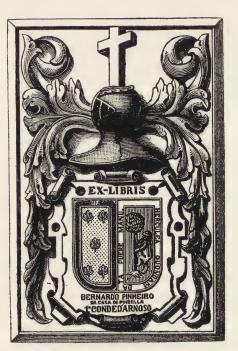
N.º 4

O *ex-libris*, que livremente poderemos traduzir — *pertence*, é pois a marca ou signal de posse dum livro. Antigamente essa declaração de propriedade reduzia-se á rubrica do dono, quer só, quer acompanhando datas, phrases e até versos. Quem ha ahi, que, folheando os compendios da petisada das escólas, não tenha por lá encontrado frequentemente versos da ingenuidade destes:

Livro meu muito amado
Thesouro do meu saber,
Folgarei em te achar
No dia em que te perder.

O sujeito que te achar
Usará de termo honrado;
Se não souber o meu nome
Em baixo vai assignado.

F...

Com o andar do tempo, porém, foi-se adoptando o uso de imprimir nas pastas de encadernação um brasão de armas, desenhos de phantasia, iniciaes, anagrammas ou simples legenda com o nome do possuidor. Encontram-se exemplares admiraveis nas encadernações sumptuosas dos seculos XVI, XVII e XVIII, cujas pastas e lombadas, pela solidês do material, profusão dos ouros e artistico dos ferros, são indisputaveis primores no genero. *Ex-libris* impressos, porém, tambem se collavam nas mesmas pastas, interior ou exteriormente.

Quando começou a espalhar-se o *ex-libris* destas duas ultimas especies? Não sei. Pela sua origem, talvês nos seja licito adscrever os primeiros á Allemanha do seculo XV. Hoje, porém, o costume de empregar essas vinhetas em livros generalisou-se, mas Portugal é dos raros países onde elle ainda não conseguiu enraisar. Verdade seja que se o culto do livro tem ainda poucos sacerdotes entre nós, é devido ás condições do atraso intellectual do país.

da Casa da Annunciada
(1.º CONDE DE RIO MAIOR)
N.º 5

O hábito de reunir *ex-libris* em collecção data de ha poucos lustros. Mas para quê o *ex-libris*, perguntarão, fóra da sua natural serventia? Se outra rasão não subsistisse, esta bastava: colleccionam-se *ex-libris* pela mesma rasão que se colleccionam sellos, cachimbos, botões, e até sapatos velhos. Porque são objectos cuja variedade os torna colleccionaveis. Conser-

vam, por exemplo, o velho papel sellado, os velhos assignados e bilhetes do banco, as antigas estampilhas do correio, algum valor

N.º 6

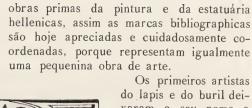
real fóra da circulação? E no emtanto são numerosos os amadores destas especialidades.

Mas felismente que mais alguma coisa dá ao *ex-libris* o direito á consideração de que gosa. Elle indica-nos qual o gosto litterario de F., elucida-nos sobre o criterio que presidiu á escolha dos seus companheiros espirituaes; serve de subsidio aó bibliophilo, ao heraldista, e ao historiador nas suas investigações; incita ao amor pelos livros; e muito especialmente representa na arte contemporanea um estímulo nada para despresar. Na sua relativa exiguidade, comporta ás vezes uma obra artistica digna de estudo e de apreço. Assim como outr'ora eram admiradas e tidas em grande conta as ondulosas figuri-

N.º 8

nhas de Tanagra, ou as reproducções diminutas, nos camafeus e na ceramica, das

N.º 7

obras primas da pintura e da estatuária hellenicas, assim as marcas bibliographicas são hoje apreciadas e cuidadosamente coordenadas, porque representam igualmente uma pequenina obra de arte.

Os primeiros artistas do lapis e do buril deixaram o seu nome a subscrever algumas destas composições. Um dos mais famosos *ex-libris* da série inglêsa, tão notavel pela purêsa da gravura como pela simplicidade e encanto do desenho, é devido ao lapis genial de Sequeira, interpretado por um outro grande artista — o gravador Bartolozzi.

Por seu lado a heráldica, sciencia subsidiaria da genealogia e da historia, tem no *ex-*

libris representação vastissima, sendo até um brasão armoriado, em grande numero de casos, o seu unico assumpto. Veem a par

N.º 9

uma flora e uma fauna estylisadas, as divisas, lemmas e sentenças moraes, cavallei- rescas e de nobrêsa, allegorías, composições phantasticas, e até versos e trechos de escriptores e poetas celebrados. Alguns figuram um grande vulto historico ou patriótico, e até o proprio biblióphilo; noutros levanta-se, magestoso e arrogante, com suas torres creneladas e suas pontes levadiças, o velho solar fortificado ou a residencia senhorial dos antepassados.

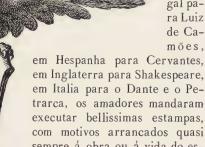
Depois, o campo é largo, e presta-se ás mais atrevidas interpretações do talento pinturesco. Neste ponto, no *ex-libris* moderno, quanta variedade! E' a arte-nova, com as suas linhas de recorte exótico; o impressionismo, de interpretações rebeldes; os primitivos, documentando inconscientemente nos seus processos ingénuos um interessante caso de atavismo em arte; e até a nova escola secessionista trouxe já ao *ex-libris* as suas concepções avançadas, os seus combates e as suas esperanças. E' toda uma felicissima e criadora revolução artistica, com o seu logar imprescindivelmente marcado na chrónica flammejante do engenho humano.

N.º 10

O estímulo da rivalidade e do interesse pessoal impellem tambem a mão do artista a maravilhas. Muitos amadores commettem o desenho do seu «pertence» a varios artistas, cada qual esforçando-se por superar, na medida do seu possivel, o trabalho dos collegas. E' então um verdadeiro duello que se trava, mas um duello pacifico e fructuoso, onde só a imaginação floreia a mais inoffensiva das armas — um lapis ou uma penna.

As collecções especiaes da obra de poetas e prosadores celebres, teem ás vezes as suas marcas de posse privativas. Assim, por exemplo em Portugal para Luiz de Camões, em Hespanha para Cervantes, em Inglaterra para Shakespeare, em Italia para o Dante e o Petrarca, os amadores mandaram executar bellissimas estampas, com motivos arrancados quasi sempre á obra ou á vida do escriptor.

N.º 11

No estrangeiro, ha muito que o *ex-libris* tem a sua cotação, sendo apreciado como merece.

Com a extraordinaria voga alcançada, os collecionadores, no intuito de fazer propaganda e facilitarem as mútuas relações, fundam sociedades, organisam exposições, imprimem jornaes e revistas. Podem apontar-se como modelos no genero a *Société Française des Collectionneurs d'«Ex-libris» et de Reliures Historiques*, de Paris, a *«Ex-libris» Society de Londres*, e a *«Ex-libris» Vereins Gesellschaft*, de Berlim, cada uma com o seu orgão official na imprensa. E assim em Hespanha, em Italia, na Austria, nos Estados Unidos da America, onde ha artistas reputadissimos de um e outro sexos que se dedicam ao desenho de *ex-libris.*

GAGE THOMAZ (INGLATERRA)
(Habitou Portugal)
N.º 12

Entre nós, repito, o *ex-libris* tem ainda poucos adeptos. Ultimamente, porém, vem-se operando um certo progresso, devido em grande parte ao exemplo que nos vem de fóra, á publicação do *Archivo de «ex-libris» portuguêses*, revista superiormente dirigida em Génova pelo meu amigo e distincto escriptor Joaquim de Araujo, nosso representante naquella cidade italiana, e dos *«Ex-libris» ornamentaes portuguêses*, do bibliófilo Annibal Fernandes Thomaz, meu illustre amigo e conterraneo, ora residente em Lisboa.

N.º 13

Figueira da Foz.

M. Cardoso Martha.

N.º 14

As estampas n.os 1 a 10 são da Bibliotheca da Figueira da Foz.

As n.os 11 a 14 são da collecção do sr. general Adolpho Loureiro.

Em casa dos artistas

Carlos Reis

CARLOS REIS, que obteve agora o *grand-prix* na Exposição do Rio de Janeiro e que de longa data firmou o seu logar entre os grandes pintores da Europa, é uma figura singularmente interessante por qualquer lado que se encare. A sua obra é vasta, bellissima, dispensa commentarios, falla por si; e tão alto e tão bem que vê-la supre quanto se poderia lêr de agradavel a seu respeito. Este meu dizer pode parecer vão, mas não é, e eu explico porquê.

Ha obras bôas, magnificas mesmo, mas que nada dizem a quem não seja *um conhecedor;* distinguem-se pelas suas qualidades technicas e portanto, sem snobismo, só por technicos pódem ser apreciadas com sinceridade. Não succede assim aos trabalhos de Carlos Reis. Além das suas qualidades de *officio* deriva d'ellas uma tal emotividade, uma tão intensa expressão de vida, que as figuras das suas telas parecem sêres animados tanto as almas se espelham nos rostos.

Ha musica cuja belleza é de tal modo sublime que, commovendo a alma do artista mais delicado, faz vibrar por modo intenso, inda que vario, o coração do mais inculto camponio. São comparaveis a essas melodias os quadros do grande pintor portuguez.

CARLOS REIS PINTANDO O SEU ULTIMO QUADRO

Um pequerrucho, vendo inesperadamente uma cabeça de creança que elle esboçava, soltou uma sonora gargalhada, exclamando n'uma admiração inconsciente, e talvez por isso mesmo com mais valor do que grandes elogios:

— Elle ri! elle falla!

Um entendedor encanecido, vendo depois o mesmo esboço, brada com igual enthusiasmo:

— Oh! que lindo! Mas elle falla! elle ri!

E' este a meu vêr o melhor elogio da arte e do artista.

Um dia perguntei-lhe apenas por mera

CARLOS REIS E SEU FILHO JOÃO

curiosidade, então bem longe de o confiar agora ao papel, qual era a sua concepção sobre arte. Com a simplicidade e graça que lhe são peculiares respondeu-me:

— Podia synthetisar-lh'a n'uma phrase feita, como usam os grandes homens. Prefiro porém dizer-lh'a em bom e chão portuguez. Considero-me uma machina d'impressões e procuro, quanto possivel, attingir a perfeição. Desdenho fazer-me conhecer por qualquer traço. Se a natureza tem defeitos não é a mim que compete emendar-lh'os. Copio-lh'os, sou um escravo seu.

Quanto á paleta de Carlos Reis não ha nada mais simples: seis ou sete côres. Um nada com que elle faz tudo.

De genio nimiamente vivo e espirito brilhante, a sua conversa é attrahente, graciosa e levemente satyrica. Tem, como poucos, a arte de contar bem uma anecdota, ou relembrar um facto passado, e escreve com a mesma naturalidade e fogo com que falla.

Gabando-lhe essa qualidade, tão notoria n'elle, perguntei-lhe por que não escrevia. Respondeu-me que um francez, seu amigo, lhe tinha dado em tempo esse conselho e, na melhor intenção de o seguir, sahíra, comprára um caderno de papel e um lapis, e voltára a sentar-se á sua mesa de trabalho. Nada! Absolutamente nada! Nunca na sua vida se sentíra tão despejado de idéas.

Mas os annos decorreram e, hoje, o grande artista, sabendo conter melhor os impetos da sua fogosa impaciencia, traz um livro em preparação, e muito natural é que, depois do primeiro, venham outros dar-lhe nas lettras logar identico ao que adquiriu nas artes.

Moreau Vauthier, no seu interessante romance intitulado *Les Rapins*, escolheu para o protagonista o typo de Carlos Reis. Tem n'elle descripções magnificas, entre ellas a

Assim citarei apenas tres de caracter anodyno, mas que darão aos leitores a justa medida do seu espirito alegre e original.

Trabalhou sempre Carlos Reis, e com o maior empenho, em obter um palacio para as Bellas-Artes e em tão louvavel intento o acompanharam todos os seus collegas. Prometteram-lhes primeiro um terreno junto á cervejaria *Jansen,* na rua do Alecrim, mas surgiram não sei que difficuldades, e essa ideia foi posta de parte; mais tarde, e só no intuito de se desembaraçarem momentaneamente de pedidos, concederam-lhes os terrenos ao cimo da Avenida, então pertencentes ao sr. Carlos Eu-

UM CANTO DO ATELIER

da sua partida para França. Fallei-lhe n'elle cheia de investigadora curiosidade.

Com a sua *verve* habitual protestou:

— Não acredite. E' um falseado documento cheio de calumnias que agora me fazem corar, e que fizeram descorar em tempo *alguem* que hoje tem o dever de as não acreditar.

Assim será, e é por certo se o affirma, mas as anecdotas, os ditos satyricos que correm mundo e lhe attribuem, os que eu mesma lhe tenho ouvido, dariam um volume de desopilante leitura. Quantos contaria se não receiasse ser indiscreta!

O FILHO DE CARLOS REIS

genio d'Almeida. Esta ultima circumstancia, desconhecida de muitos, alegrou-os pela optima situação do novo edificio.

Carlos Reis, que a sabia, ficou desapontado e não tendo animo de esfriar a satisfação dos seus collegas nem podendo tambem callar-se, exclamou n'um impeto de desafogo:

— Pois bem. Eu darei dos meus pinhaes de Torres Novas, quando houver esse terreno, madeira para a sua construcção.

Os presentes elogiaram a generosidade. Collaço disse-lhe depois:

— O seu donativo é importantissimo.

Carlos Reis fixou-o admirado.

OUTRO CANTO DO ATELIER

— Então você está persuadido que eu tenho pinhaes?

— Então?

— E' que o terreno não o teem, nem nunca o terão pela simples razão de que não é da Camara.

Hoje, que o tão desejado edificio está em construcção, embora em outro local, Carlos Reis, para corresponder ás instancias d'alguns amigos que lhe pedem *madeira de Torres Novas*, dadiva a que não está obrigado pela sua promessa, mandará vir de Torres Novas um pinheiro destinado a fazer tremular a bandeira nacional sobre a frontaria do novo palacio. D'esta fórma terá a engraçada anecdota uma consagração historica.

Outro facto. Um homem, adeantado em annos, encontrando um dia Carlos Reis, depois de o ter fitado com insistencia, foi para elle de mãos abertas perguntando:

— V. Ex.ª não é irmão do infeliz poeta Cezario Verde?

— Não, não sou, respondeu o artista cumprimentando.

Segundo encontro n'um carro e nova pergunta:

— V. Ex.ª não é primo do infeliz poeta Cezario Verde?

— Não, não sou, mas conheci-o, etc., etc.

E a conversa continuou por instantes.

Terceiro encontro:

— V. Ex.ª não é...

Aqui o nosso fogoso pintor, não se podendo conter mais, terminou-lhe a phrase:

— Avô do infeliz poeta Cezario Verde? Não, não sou, não, senhor. Sou Carlos Reis. Sei muito bem quem V. é, e tenho muito gosto de travar o seu conhecimento.

Ultimo traço que aponto, este passado comigo. Perguntaram-me do Brazil o modo de obter certa côr, entre rosa e cravo, d'um tom de muito difficil definição, e saber o seu nome technico, se é que o tinha.

Como a pergunta me embaraçasse escrevi a este mestre na certeza de que com a sua habitual amabilidade me tiraria da difficuldade. A resposta não se fez esperar.

Ensinava-me n'ella, em quatro palavras, o meio de obter o difficil tom e ajuntava: *A côr não sei, confesso-lhe isto com os olhos pregados no chão: sobe-me ao rosto todo o carmim dos envergonhados e auctoriso V. a chamar-lhe para o futuro a côr da vergonha da minha cara, como castigo da igno-*

rancia que lhe estou mostrando. E não será ella em muitas circumstancias, semelhantes a esta, a côr que melhor symbolisa a vergonha dos homens, visto que tão facilmente desapparece?

O filho de Carlos Reis, assumpto tão digno e tentador do pincel do artista, deseja ha muito, como é natural, vêr-se reproduzido n'uma tela, que elle tem a certeza, ficará rica de côr, expressão e vida, e insta pela realisação do seu justo desejo.

— Tu não pagas, responde-lhe o pae como objecção.

Elle fica-se um momento pensativo e torna-lhe:

— Eu tenho quatro vintens... dou-lh'os.

Por tal preço, tão encantadora e generosamente offerecido, qual será o grande pintor que não lhe satisfaça a vontade?!

Julgo poder affirmar, sem receio de engano, que Carlos Reis se deixará tentar pela ideia d'este immenso lucro.

E, de facto, que quadro lhe pode trazer ao coração mais emotividade e á alma mais estonteantes perfumes de gloria? Nenhum. Se pensarmos em todos os fecundos mananciaes que Carlos Reis pode tirar da feitura de tão bello quadro, e não temos mais que demorar o pensamento nas famosas telas que existem dos filhos de Rubens, Van Dick e outros, não podemos deixar de confessar que oitenta réis, em tal caso, é fabulosamente caro.

Não pague, Joãosinho!

MADRE PAULA

Na cela do convento, ao sol-morrer,
Madre Paula medita tristemente.
A saudade do seu amor ausente,
Um éco amortecido d'um viver...

Pela estrada passavam probresinhos
Rotos e magros, cheios de desgraça.
E viu n'aquella dôr a que não passa
Na sua vida, longa, sem carinhos.

Ao longe, n'um poente, o sol fugia...
Lembrou-se então da sua moradia
Onde falara horas esquecidas.

E Madre Paula, pallida, chorosa,
Deixou ficar nas faces côr de rosa
Duas lagrimas puras e perdidas.

Carlos Cilia de Lemos.

Os bastidores do nihilismo

Historia de um assassino, contada segundo os jornaes
e a narrativa pessoal do seu secretario, Mr. Bruce Ingersoll

POR

MAX PEMBERTON

XXI

Em Barcelona

(Continuação)

Lembro-me que estava á pôpa quando se deu o momentoso acontecimento. Barcelona surgiu como um enorme leque de offuscantes e brancas linguas de fogo, que rutilavam a curtos intervallos por cima das montanhas e que se reflectiam em feixes intensos na agua. Não havia lua n'aquella noite e o mar não tinha uma só ondulação ou a mais pequena franja de espuma. Notei no convés do yacht a celeridade com que os marinheiros se desempenhavam dos seus deveres, indo e vindo com a maior indifferença. A luz no estae, o clarão da bitacula, o vermelho e verde dos pharoes regulamentares, a bombordo e a estibordo, concorriam ainda mais para esses laivos de romance, caracteristicos do convés de um navio á noite.

Como disse conservava-me á pôpa observando a esteira espumosa que deixávamos atrás de nós e scismava que novos quadros, que novos emprehendementos esta viagem nos proporcionaria. Nunca apreciara tão justamente o poder de Jehan Cavanagh e de quanto conhecia os homens. Não existia melhor juiz. Não precisava falar, todos lhe obedeciam. A sua palavra era uma lei superior á dos tribunaes e dos parlamentos. Era como o salvador d'aquelles a quem faltava a fé na humanidade, sem pensar em receber agradecimentos ou honras. Como podia eu perguntar para onde se dirigia e para quê? Esse mysterio fascinava-me além de toda a espectativa. A minha vaidade deliciava-se ao pensar que eu era o collaborador d'este homem, o seu empregado de confiança, o seu amigo. Uma exaltação de espirito como nunca me assaltara levou-me a desejar novos episodios, novos incidentes, novos perigos. Queria acompanhal-o e provar-lhe a minha dedicação.

Taes eram os meus raciocinios quando se deu o momentoso acontecimento. A medonha tragedia da rotunda de Barcelona pertence actualmente á historia, mas desejo narrar como a presenciei, de bordo, no convés do yacht *Lobo do Mar*. Surgiu primeiro como uma nuvem vermelha, isto é, estenderam-se subitamente por cima da agua enormes vapores rubros, terrivelmente pavorosos, coroados por labaredas que pareciam tocar no firmamento. Não se lhe seguiu immediatamente nenhum estrépito. A cidade patenteou-se-me com toda a nitidez n'aquelle horroroso momento, as torres, as

cúpulas e as casas mais elevadas, as montanhas distantes e todos os suburbios da cidade tornaram-se tão visiveis como se fôra dia! Decorreu um seculo antes que chegasse até mim o ribombar da detonação que veiu rolando sobre o mar, seguido por pesadas lufadas de ar quente, uma rajada medonha, com accentos gemebundos, uma especie de sinistra carpideira da morte. O oceano, placido um segundo antes, agitou-se violentamente, para se tornar a acalmar quando o tufão passou. Sobreveiu acto contínuo uma escuridão absoluta, impenetravel, e após, estampidos formidaveis, que o ecco repetia misturados com gritos de angustia, com o derrocar de pesadas construcções, com os horrendos brados dos que succumbiam no meio de tão estupendo caos.

Não sabia absolutamente nada do acontecido quando me acerquei da pôpa. Naturalmente, como se deve suppôr, imaginei que fosse um terramoto, e que as trémulas linguas de fogo, agora a patentearem-se em diversos pontos, era o encandescido restolho de uma tremenda sega feita por Deus. Não é facil relatar quaes são os nossos pensamentos em occasiões taes como esta. Tanto quanto me recordo ninguem no convés do yacht mostrou qualquer excitação acima do commum, nada mais que a serenidade manifestada pelos marinheiros em frente do perigo. Lembro-me que um dos tripulantes, que precisou equilibrar-se para não cahir e que passou a meu lado, notou, gracejando:

— Em terra houve novidade.

O capitão do yacht, que mais tarde sube chamar-se Jack Greenwood, dirigiu-se para o lado de estibordo e demorou-se ali applicando o ouvido. O helice, todavia, continuava a dar o mesmo numero de voltas, e a nossa singradura não se alterou na minima coisa.

...AS TREMULAS LINGUAS DE FOGO...

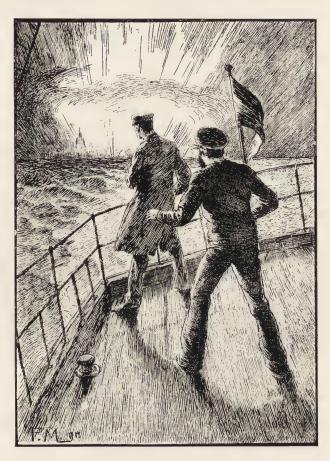
E no entanto atrás de nós ficava um inferno, chammas que subiam de todas as bandas da sobresaltada cidade, lamentos das victimas que chegavam até nós, sinos a tocar a rebate, o panico que campeava por toda a parte.

—Que pensa d'isto? — perguntei a um marinheiro que se approximara.

Tirou um pedaço de tabaco de um pacote e respondeu vagarosamente:

— Não penso nada... a menos que o rei de Hespanha não desse alguma festa.

— Será um terramoto?

— Não me parece, deve ser coisa differente. Se fosse um terramoto o bailarico ainda não tinha acabado. O compasso é muito mais apressado e levava mais tempo. Na minha opinião, foi o arsenal que voou pelos ares, e por felizes nos podemos dar

em estarmos aqui vivos, o que não nos succederia se andássemos pela cidade, mas vem ahi o patrão, elle ha de saber o que é.

Levou a mão ao barrete e retirou-se olhando para Jehan Cavanagh, que se dirigia com passo ligeiro para a escada do tombadilho. Decorrido um minuto o meu chefe atravessou o convés e acercou-se de mim.

— Por mais esforços que fizessemos não conseguimos evitar isto, Ingersoll — disse elle n'um tom extremamente triste.

Encarei-o admirado.

— Que foi, Mr. Cavanagh? Que aconteceu?

Pegou-me n'um braço e conduziu-me para um sitio ainda mais afastado.

— Existem ali amigos da sua protegida de Bruges; exterminam-se uns aos outros, Ingersoll. Lembra-se do nosso gracejo no comboio, que a dentada do cão cura-se com o pello do mesmo cão, e que os governos talvez um dia se vissem obrigados a atirar sobre aquelles que vivem pelas bombas? Tão certo como Deus estar no céo os hespanhoes parecem ter-nos pegado na palavra. Havia uma grande reunião dos amigos do caos n'uma construcção a que chamam a Rotunda. Parece que se acha agora reduzida a chammas e a cinzas. Se não foi a policia a auctora da catastrophe, deve-se attribuil-a a alguns dos seus amigos. Preveni a auctoridade do que succederia. Deixei-lhe plena liberdade; não posso tomar mais encargos sobre os hombros. Na verdade, Ingersoll, se soubesse como me sinto cansado, se pudesse comprehender o que isso significa para mim...

— O que succedeu, occorreu sem ser por sua livre vontade?

Mr. Cavanagh virou-se para mim quasi zangado.

— Quem tem a vontade livre? Se vir uma mulher atirada para uma cova e um homem a ameaçar-lhe o pescoço com a faca fica-me livre a vontade de a soccorrer ou não? Se trabalhar no meu laboratorio e descobrir o germen d'alguma terrivel doença, tenho eu a vontade livre de guardar para mim essa descoberta que devo á humanidade? Ingersoll, os anarchistas mataram meu pae em Baku, faço o que o meu espirito me ordena que faça. Nem por uma hora, emquanto sentir um sôpro de vida, deixarei de trabalhar para conseguir o meu fim. E' uma resolução inalteravel. Devo o cumprimento d'este dever á humanidade e a mim proprio.

— Mas a humanidade não lhe ordenou que fosse hontem á praça de touros.

Receei que a minha temeridade o incolerisasse, mas com grande surpreza ouviu-me pacientemente.

— Todos os homens correm esse perigo, — respondeu-me — de ceder ao desejo que se delicía com o soffrimento, mesmo nas suas mais innocentes phases. Era como o antigo negreiro; e o homem civilisado de hoje nem sempre se emancipa d'esse egoismo. A indifferença pelo soffrimento humano... é uma coisa terrivel, Ingersoll. Pense no que fariam esta noite as nossas imaginações se lhe dessemos licença. Casas a arder, ruas cheias de escombros, cadaveres tão mutilados que é impossivel reconhecel-os, um panico indescriptivel na cidade, queixumes das mulheres, blasphemias dos homens... poderiamos imaginar tudo isto se nos fosse permittido fazel-o. E' por isso que me insurjo contra a noite. Um general deve retirar-se do campo da batalha depois d'ella ganha, mas quem pode desviar a vista de um espectaculo como aquelle? Meu Deus a cidade inteira está em fogo. Que quadro, Ingersoll, que exemplo para a Europa ámanhã!

Comprehendi que a medonha scena o fascinava como elle temia. Baldadamente protestava que satisfizera todos os seus desejos. Quedou-se ali á pôpa como uma estatua de marmore, com o lugubre clarão vermelho nimbando-lhe a massiça cabeça, com o barrete atirado para trás, com o pescoço bem destacado do busto. Dominava-o a mesma tentação do espectaculo a que succumbira em Madrid. Sabia que expiravam muitas creaturas acolá, e os seus propositos de vingança clamavam bem alto. Era trabalho perdido discutir com elle em tal momento e conservei-me a presencear o quadro como elle, e a admirar-me como o mar se comprazia a tornal-o ainda mais grandioso.

Realmente Barcelona parecia ter sido condemnada. Como os jornaes depois relataram a area queimada fôra consideravel e duas grandes fabricas ficaram reduzidas a cinzas. Quando as labaredas porfim se apagaram gradualmente e o céo ao norte começou a perder o fulgor de dourada irradiação, uma das mais bellas coisas que tenho contemplado, Mr. Cavanagh como que se recordou

do que tudo isso significava, e levou-me abruptamente do convés para a sua camara.

— Ingersoll — disse quasi n'um tom de censura — porque consentiu que eu me demorasse ali?

— Nem me lembrei, Mr. Cavanagh. — Pensava n'outra coisa...

— Pensa n'ella, noite e dia, desde que sahimos de Bruges, Ingersoll. Não sou cego nem criança. Raciocina que ella está innocente, que é injustamente perseguida, uma victima do meu odio implacavel. Algumas vezes tem estado quasi para abandonar o meu serviço. Uma fidelidade que não pode explicar conserva-o a meu lado. Pensa auxial-a continuando ao pé de mim. Pois não o vi desde o principio? Seria um louco se não me occorrece essa possibilidade quando o mandei á Belgica? Venha cá Ingersoll, contar-lhe-hei até que ponto sou justo. Se essa rapariga está innocente, quem melhor provará a sua innocencia do que o homem que a ama? Quererá elle, se o amor d'ella representa para si o que deve representar, manter-se na mais absoluta neutralilidade até que esteja habilitado a dizer: «Não é criminosa, foi outra pessoa, descobri o seu nome?» Fiz em Baku varios favores áquella familia. Sua mãe deveu-me a mim serviços que Paulina ignora. Qual foi a minha recompensa? O bando vermelho poz-lhe um chapéo na cabeça e um revolver na mão. Paulina matou meu pobre pae, por que é mulher e banal e porque a convenceram a transformar-se em martyr da Santa Russia. Mas presentemente o senhor, seu advogado, não encontra uma palavra só para pronunciar em sua defesa. Levaram-n'a para ser açoutada, para a tortura, e diz: «Pois que vá.» Quem merece censura, Ingersoll ou eu? Quem é o juiz, a minha consciencia ou a sua?...

Parou, encarando-me quando passava. Senti subir-me ás faces uma onda de sangue e apossar-se de mim tal vergonha que não consegui pronunciar uma palavra. Nunca ouvira uma censura que tão acerbamente me ferisse. Santo Deus! Como me cegara completamente, não vira nenhuma das consequencias que n'este momento se me patenteavam. A minha amisade significava cobardia, indifferença, indolencia. Abandonara a pobre creança á primeira coisa que me disseram, prompto a seguir o meu caminho, a continuar nos meus divertimentos, ao passo que sobre ella pesava a maior das ignominias. Era essa a terrivel verdade que se apresentava ante mim n'aquella noite. Abandonara uma creança infeliz a quem o meu auxilio poderia salvar. Oh! que pusillanimidade e que vergonha! E era muito tarde agora, tinham-n'a conduzido para a Russia e nunca mais a tornaria a ver. Declaro sem reserva que succumbi a esses amargos sentimentos que me dominavam e occultei de Mr. Cavanagh as lagrimas que me corriam pela cara abaixo.

— Meu amigo — disse Mr. Cavanagh, tocando-me no hombro com um gesto cheio de bondosa sympathia — não comprehende que fui severo? Conversaremos a este respeito em Trieste. Talvez ainda seja tempo. Oxalá que Paulina esteja innocente; os seus labios nol-o dirão.

Não podia responder a esta consoladora indicação, como não podia responder a qualquer outra coisa. Despedi-me de Mr. Cavanagh e atirei-me para cima do beliche até que rompeu a madrugada, repetindo que Paulina jazia n'uma masmorra da Russia e que fôra a minha covardia que a enviara ali.

XXII

No palacio da Ponte

Na primeira semana de agosto passamos o Lido e ancoramos na Riva dei Schiavoni em Veneza. Por assentimento commum a nossa viagem fôra regulada de modo que se nos deparou a cidade e uma centena de ilhas ao nascer do sol. Não ha panorama de céo ou de mar que exceda o de Veneza quando ella se ergue, «qual nova Cybele», do fundo do oceano.

A principio envôlta em brumas cinzentas começou depois a dourar-se; estendia-se-lhe aos pés um espelho todo azul e prata; coroava-a as joias do diadema solar; flechas, cúpulas, cidadellas, palacios, castellos, mais augmentavam a sua magestade — um misto do colorido e de contornos admiraveis. Quem não se sente extasiado a tal hora, quem se recusa a render homenagem ante semelhante altar!

Toda a gente que se agrupava no convés ficou maravilhada quando Veneza se

revelou com o seu magnifico esplendor. O silencio não era tributo inferior á eloquencia para exprimir a magia que nos dominava. Navegáramos lentamente desde Trieste. Um luar clarissimo banhava as aguas argentinas do somnolento Adriatico. Ao alvorecer a cidade surgia de subito ante a nossa vista deslumbrada. Fomos divisando um a um todos os marcos d'aquellas aguas familiares aos marinheiros — o Dogana e a Salute, a ilha de Guidecca, San Giorgio Maggiore, e para além o Grande Canal, e toda essa terra prodigiosa de suggestivo mysterio, que faz de Veneza o que ella é.

Visitara Veneza muitas vezes, mas nunca a semelhante hora, quando a sua população dormia e os seus magnificos carrilhões se conservavam silenciosos. Approximarmo-nos d'essa joia indo de Maerto, pela via ferrea, é manter a nossa curiosidade constantemente em vibração. A lagoa era n'esse momento uma toalha de agua estagnada sem haver nada que lhe encrespasse a superficie. Veneza pouco tem que mostrar ao viandante quando este se debruça da portinhola de um comboio. Mas contemplada do oceano, depois de uma viagem ao luar, quando uma especie de extase nos empolga em seguida a sahirmos do Adriatico e quando a nebrina principia a desvendar um cento de ilhas, que delicioso conjunto! A Europa não possue nada com que se orgulhe mais, constitue como uma especie de premio para os que viajam n'este seculo xx, de olhos cansados e de desoladora indifferença.

Mas a minha missão não é descrever Veneza, nem emittir a minha opinião a tal respeito. Quando as minhas primeiras sensações de deleite cederam o logar a uma mais solida satisfação, — a de que passariamos alguns dias em terra — comecei outra vez a reflectir, principalmente no negocio que levava Jehan Cavanagh á Italia em agosto e a urgencia que o compellia a ir assar-se em Veneza quando podia muito bem navegar e deliciar-se pelos mares do norte. Com certeza a viagem não fôra para mim uma simples diversão. Trabalhara como um negro desde que sahimos de Barcelona, escrevendo volumes dictados por Mr. Cavanagh e encontrando montões de correspondencia em cada porto onde tocávamos. E' conveniente explicar que eram documentos commerciaes, que nada tinham com os negocios particulares de Mr. Cavanagh. A despeito da sua opulencia, anciava ainda por ganhar mais dinheiro; não largava mão da gerencia das suas multiplas transacções; tratava de tudo como se fosse um corretor de Wall Street. O seu talento para as finanças, surprehendia-me. Percebi tambem que era um meio de se esquecer.

— A existencia mais digna de piedade é aquella que só tem uma face — observava elle quasi como desculpando-se. — Ganho dinheiro como qualquer outro colleciona porcelanas. E porque não? Não é só bonito mas agradavel sentir o fino e assetinado papel das notas e dos cheques que nos sussuram na mão. Talvez não seja tão artistico como um bule com duzentos annos, mas é mais pratico e emocionante. Contam-se muitas pêtas ácêrca do dinheiro, meu caro amigo. Nunca acredite na pessoa que lhe declarar que não gosta de enriquecer. Mente, tal creatura não existe. O que elle quer dizer é que não está para se imcommodar para ganhar dinheiro. Existe muita gente indolente, Ingersoll. Afigura-se-me que é até o vicio predominante.

— Mas, Mr. Cavanagh — retorqui — o anceio de enriquecer não é um acto digno de piedade?

— Não acredite isso, Ingersoll. Para juntar uma riqueza honestamente necessita-se possuir as mais altas qualidades de caracter, paciencia e actividade. Empreguei o termo «honestamente», porque qualquer velhaco pode roubar um diamante, qualquer embusteiro fundar uma companhia fraudulenta. Mas um homem que amontôa importantes haveres faz mais pelo bem da humanidade que o maior dos reis.

Era uma doutrina que não podia discutir, voltei de novo para o meu trabalho, desejoso de esquecer os dias que vivera em Bruges e em Madrid. Não o consegui. Passeava á noite no convés do navio — e que soberbo navio era — e repetia a mim proprio que o meu futuro era tão escuro como a noite. Vivia sem esperança, sem refrigerio. Porque não havia de desembarcar em Veneza, dirigir-me a Baku e salvar Paulina Mamavieff, nesse mesmo instante? Havia momentos em que resolvia fazer isso, outros em que raciocinava: «Ella é criminosa; não a devo salvar» E assim andava por Veneza cheio de duvidas.

Almoçamos muito cedo nessa manhan, e Luthero James, o homem mais mandrião que tenho encontrado na minha vida, condescendeu em nos acompanhar. Não se importava nada comtemplar qualquer cidade ao romper do dia. Só conversou ácêrca de febres e disenterias.

— Gostaria de ter no meu laboratorio uma garrafa cheia d'estes germens - observou elle, lembro-me, ao almoço — achariamos com certeza em abundancia bacillos da febre tiphoide que estamos agora em via de engulir. Não o quero desanimar, Cavanagh, mas o facultativo tem deveres a cumprir. A minha opinião é que nos conservemos a bordo e não nos arrisquemos. O que é Veneza, no fim de contas? Uma serie de construcções velhissimas á beira de um pantano. Enterrar-me-hão em S. Marcos se morrer, e não falo sufficientemente o italiano para ir d'aqui para o céo. Demais, ha medicos em terra, e a experiencia ensinou-me que ha sempre perigo em qualquer parte onde haja medicos. E' por isso que me ponho ao largo.

— Esqueceu-se então do que lhe disse em Barcelona? Reflicta, meu caro doutor, no perigo que tambem se corre a bordo. Ha tantas contigencias funestas. Olhe, vou tomar esta tarde a mala que parte para Milão. Se quizer...

Fitei muito depressa Mr. Cavanagh a estas palavras e quasi não prestei attencção aos protestos vehementes do medico. Iamos voltar para Inglaterra? Essa simples possibilidade determinou em mim um desalento que não pude disfarçar. Que valor tinham as minhas resoluções quando me encontrasse em Inglaterra? Está claro que Mr. Cavanagh percebeu logo o que se passava em mim. Era um ente que se comprazia com o misterio, e quando acabou de motejar com o doutor, foi com ares misteriosos que disse:

— Metta-se n'uma gondola logo que possa, Ingersoll, e vá onde a direcção d'esta carta indica. N'essa casa dar-lhe-hão instrucções, que seguirá. Se eu não estiver aqui quando voltar o capitão Greenwood fica ao seu dispor. Não perca tempo, e lembre-se que a responsabilidade do que succeder é exclusivamente sua. Confio interesses importantes á sua guarda e deve proceder o melhor que lhe fôr possivel.

Disse isto e muito mais, do qual eu só percebi o sentido muito vagamente. Segundo todas as apparencias, Mr. Cavanagh preparava-se agora para desembarcar do yacht, e queria deixar-me dinheiro para uma ulterior viagem. A momentanea esperança que poderia ir até o Mar Negro defez-se como fumo. Adduziu, comtudo, que o *Lobo do Mar* tocaria em Gibraltar e talvez em Lisboa para receber correspondencia. Certamente isto não significava que navegariamos para o Oriente e convenci-me porfim que havia em jogo qualquer interesse commercial e que fôra eu o escolhido, á falta de qualquer outro embaixador. Como não me podia excusar, acceitei a missão de cara alegre e esperei até que as badaladas da torre soassem oito da manhan. A essa hora despedi-me de ambos e entrei n'uma gondola.

Os acontecimentos tomavam um novo rumo. Só em Veneza, sem a minima noção do assumpto que ia ali tratar, Mr. Cavanagh voltava a Inglaterra antes de mim, deixando-me uma carta dirigida a uma tal madame Mornier no Palacio da Ponte, que não sabia sequer onde ficava. Felizmente esta ultima difficuldade sanou-se pois o meu gondoleiro indicou-me qual era a direcção a seguir e tomou-me immediatamente debaixo da sua paternal protecção.

— Inglês... yess, yess... meu pae... tambem inglês. Mim falar muito bem... certamente, signore... teve sorte... ha muitos embusteiros em Veneza... ci saremo in dieci minuti... não mais... eccoli?

Estava satisfeitissimo comsigo mesmo, e, conduzindo a gondola como altiva confiança, sahiu do Grande Canal e atravessou numerosos canaes completamente desconhecidos para mim. Estacou por fim deante de uma antiga mansão não longe, como sube depois, da egreja de San Zacaria. Ali, condoendo-se da minha ignorancia de Veneza, trocou as saudações do costume com um porteiro, e decorrido um instante passava eu da torreira do sol para um d'esses antigos e magnificos vestibulos que são o orgulho dos palacios de Veneza.

Fazia escuro dentro de casa, apesar de escoar atravez de uma porta, aberta do outro lado, uma claridade branca. Aquella, enxerguei, deitava para um pequeno jardim, uma especie de pateo com uma fonte ao centro e com algumas raras flores vermelhas em redor. A grande escadaria, collocada do outro lado, fôra em tempos resplendente de

ouro e marmore, mas encontrava-se agora desbotada e gasta. Divisei as linhas de amplas telas penduradas na parede, mas não era capaz de descobrir vestigios de qualquer sêr humano. O caso surprehendia-me, e debatia-me n'um dilemma quando o som de uma voz que partiu do jardim me fez subir o sangue á face e pular o coração.

Era a voz do Paulina Mamavieff, e sem dizer nada a ninguem, entrei pelo jardim dentro. Comprehendia agora o motivo porque Mr. Cavanagh me enviara ali e o que significava a sua carta.

XXIII

As desconfianças de Paulina

Trazia um grande ramo de rosas na mão, e estava perto da fonte brincando com um feio cão de agua, que diligenciava arrancar-lhe as flores. Era ao animal e não a qualquer pessoa que dirigia as suas palavras, e tão entretida se encontrava que cheguei ao lado d'ella antes que sentisse os meus passos na vereda. Trajava um vestido azul claro, mas estranho e italiano para os meus olhos de inglez. Deixara cahir o seu bello cabello pelas costas abaixo e trazia um bonnet tambem azul claro. Era, não havia duvida, a minha pequena anarchista.

— Paulina — exclamei — esqueceu-se de mim?

Tremeu quando eu lhe toquei e as flores cahiram-lhe dos seus dedos nervosos. O rosto, onde se estampavam momentos antes as côres da felicidade, tornou-se pallido como o marmore da fonte. Não me resistiu, não respondeu á minha ardente pergunta; quedou-se muda e pregou em mim os seu inolvidaveis olhos. Conheci então que desconfiava de mim.

— E' o meu amigo inglez que me levou chocolate — disse por ultimo, e perguntou: — Porque voltou? Porque está em Veneza?

— Para a transportar para Inglaterra, Paulina, eis o motivo que me traz aqui.

— Foi Mr. Cavanagh quem o mandou...

— Que outro me poderia mandar? Vamos contar-lhe toda a verdade... a verdade inteira. Empenhei a minha palavra que assim succederia. Quer ajudar-me Paulina?

— Ajudal-o?! — gemeu, e eu recuei ante o seu tom de desprezo. — Mas o senhor abandonou-me em Bruges. Oh, prometteu salvar-me e fingiu que não me conhecia na estação. Bem o vi ali; não tinha um unico amigo; não me quiz falar...

A sua phisionomia chammejava ao lembrar-se de tal e afastou-se de mim n'uma accusação justa, a que eu não podia responder. Que verdade encerravam aquellas palavras! Toda a minha discussão em Bruges terminara por uma docil submissão aos seus juizes. Assistira á sua partida para a Russia e não erguera um dedo para a libertar. A affirmativa do seu crime, a futil negativa da sua historia, satisfizera-me. Que esforços empregara eu para rebater os argumentos de Mr. Cavanagh, fossem elles quaes fossem? Tinham sido tão fracos, que se os rememorasse n'esse momento não me honrariam nada.

— Não me julgue ao de leve — balbuciei, procurando approximar-me d'ella — Lembre-se que conhecia pouco a sua vida quando fui a Bruges. Paulina, não me contou ao certo o que se passou em Baku... não me deu margem a auxilial-a Que podia dizer a Mr. Cavanagh... que Paulina confessava o crime, mas que eu acreditava na sua innocencia? Disse-lh'o; respondeu-me que as minhas affirmativas não eram exactas. Depois veiu o caso do caminho de ferro...

Paulina ouvia-me com a maxima attenção.

— Que caso?

— Uma tentativa dos seus amigos para destruir o expresso de Vienna. Não o conseguiram... evitamos o attentado. Sahi de Bruges com Mr. Cavanagh e só quando voltei é que a vi na carruagem, mas muito tarde para lhe falar. Paulina, succedeu tudo isso por culpa minha? Tem razão para me censurar?

Não me respondeu immediatamente mas a sua mão que eu conservava na minha, tremeu, e senti o sangue pulsar-lhe com força nas veias. Se a nossa conversação se tornou assim íntima com tal rapidez foi devido á solidão do jardim. Quão distante elle estava da antiguidade que nos cercava! Muitos namorados tinham ali estreitado a amante nos braços; muito doce suspiro echoara por baixo d'aquellas amplas abobadas. E os sinos de Veneza repicavam então celebrando as suas alegrias, como hoje celebravam as nossas.

Disse que Paulina não me respondeu immediatamente, e, na verdade, as minhas palavras tinham-n'a tornado pensativa. Quando falou, foi ainda para me accusar, mas de uma maneira que eu não provocara.

— Pensa que eu tenho singulares amigos, não é verdade?

— Penso o que disse... nada mais.

— Ha muita gente louca que procede assim.

— Porque fala dessa maneira?

— Porque pensa uma injustiça. Nenhum dos meus amigos estava em Bruges quando Mr. Cavanagh ali se encontrava... excepto um, o velho Andrea, e esse jazia na prisão.

— Mas Paulina, conviveu com essas creaturas... visitou-os em Roma, Madrid e Napoles.

Paulina riu zombeteiramente.

— São dirigidos por creanças e obedecem-me — esclareu ella socegadamente. Havia tal franqueza na sua resposta que não redargui uma palavra.

— Só a comprehenderei bem Paulina... depois de ter vivido comsigo muitos annos. Mas agora vae para Inglaterra e isso será um inicio. Diga-me... porque não me devo esquecer do motivo porque vim aqui... quem é madame Mornier, e onde está?

— E' uma mulher velhissima, tão velha que deve ter nascido antes de Veneza emergir do mar. Falou em carta? Não a pode ler; está quasi cega.

— Leia-a então a Paulina a ella e traga-me a resposta.

Não hesitou em fazer o que lhe aconselhei, embora eu percebesse que as minhas palavras a tinham perturbado fundamente. Pegou na carta, e lendo o endereço com vivacidade, soltou uma exclamação que me intrigou, e em seguida deitou a correr para dentro de casa.

Decorreu um longo quarto de hora sem que tornasse a ver mais ninguem. Não se ouvia um unico ruido no jardim a não ser o murmurio da folhagem. Ouvia os gritos dos gondoleiros no canal, e as suas vozes chegavam até mim como de um sitio remoto a um subterraneo. Então, como por ironia, um lacaio appareceu na escada, e vi que trazia uma carta na mão.

— Senhor — participou em inglez. — Conduzirei mademoiselle ao yacht ás seis horas. Minha ama lamenta não se encontrar em condições de o receber.

— E mademoiselle? — perguntei-lhe,

— Está com madame Mornier.

Surprehendeu-me a sua ausencia. A carta que me entregavam não era para mim. Não tinha nenhum pretexto decente para me conservar no jardim. Sahi... mas dominado pela maior perplexidade.

(Continúa.)

Traducção do inglez de EDUARDO DE NORONHA.

Anniversario funebre

Em vez de um ramo de orvalhadas flôres,
Eu venho n'este dia, em magoa absorto,
Trazer ao teu jazigo — ó meus amores!
Meu pobre coração tambem já morto!

21 de janeiro.

Visconde de São Boaventura.

O CASTELLO DE OSAKA *(Aspecto actual)*

Vestigios da passagem dos portuguezes no Japão

colonia portugueza, estabelecida no Japão, reduz-se hoje a dois funccionarios (se tanto) — um ministro e um consul —, e algumas dezenas de macaenses e descendentes de macaenses, occupando geralmente modestas situações nas firmas estrangeiras. Mercê do seu exotismo gracioso e das encantadoras apparencias da paizagem, o Japão é um paiz largamente frequentado por estranhos, por *touristes;* pois os *touristes* portuguezes resumem-se annualmente a uma meia duzia de individuos, vindos da China em curta visita de passeio, ou, como funccionarios, transitando entre Macau e a metropole, via America. Quanto a relações mercantis entre Portugal e o Japão, não passam ellas ainda de meras tentativas, indolentemente mantidas e de exito duvidoso. Quando a gente se ponha a pensar em tudo isto, parece quasi inverosimil — mas está a Historia a affirmal-o — que houvessemos sido nós, portuguezes, que descobrimos, por meados do seculo XVI, o Nippon ao mundo occidental, encetando immediatamente intimas relações com os nipponicos, reservando-nos o exclusivo trafego europeu com o imperio e sendo mensageiros de um novo credo, a religião christã, que implantámos, exercendo em curtos annos uma brilhantissima catechese.

Bem curtos annos foram, com effeito — cêrca de oitenta —. Passámos, para rapidamente desapparecermos. Fomos um meteoro social. No entretanto, esta passagem deveria ter deixado aqui, na exotica civilisação que de surpresa devassávamos, vestigios inequivocos da sua acção prestigiosa. E deixou-os. O que acontece é que, desinteressados do Japão, como de todo o Oriente, e acalmada a febre aventureira que nos creou logar proeminente na vida mundial, pouco ou nada nos importa agora o estudo critico do rasto dos nossos proprios feitos, embora o assumpto se mostre captivante; abandonando a ta-

refa a outros, a estranhos, cujas apreciações peccam por vezes por falta do criterio e pouca lealdade.

As linhas que vão seguir-se referem-se aos vestigios que apontei. Não teem porém a pretenção, nem por sombras, a um estudo serio do assumpto; são simples notas avulsas, reunidas ao acaso, com o unico intuito de irem despertar algum interesse, sem demasiado enfado — por serem breves —, a leitores da minha terra.

GUERREIROS SERVINDO-SE DAS «TANEGASHIMA»

(De uma gravura de Hokusai)

Em 1542 (a data é um tanto discutida), os portuguezes descobrem o Japão ao mundo do Occidente. Em 1549, o missionario jesuita Francisco Xavier, hespanhol de origem, mas servindo os portuguezes, desembarca no Japão, em Kagoshima, e enceta a sua propaganda religiosa, seguido de perto por outros nossos missionarios e por numerosos mercadores. Em 1587, dá-se a primeira perseguição contra os christãos. Em 1597, em Nagasaki, vinte e seis christãos perecem em martyrio. Em 1624, após luctas cruentas, tragedias e massacres, o Japão fecha á christandade as suas portas, com excepção dos hollandezes, que acceitam, a troco de proventos mercantis, uma humillissima condição de quasi captiveiro, encerrados na ilhota de Deshima, no porto de Nagasaki. Durante 229 annos, o imperio mantem-se, pode dizer-se, incommunicavel. Em 1853, um commodoro americano, Perry, fundea a sua esquadra cêrca das aguas de Yokohama; é o primeiro passo para um reatar de relações, que marcam a extraordinaria evolução effectuada no paiz durante os ultimos cincoenta annos, bem conhecida de nós todos.

O CASTELLO DE NAGOYA

(Aspecto actual)

Começando pela data do nosso advento ao solo japonez, é curioso observar que não restam do facto informações precisas. Não admira, todavia. Não podemos comparar este advento a uma verdadeira descoberta, como a da America, por exemplo. Desde os primeiros annos do seculo XVI, éram-nos familiares os mares do Extremo-Oriente; conheciamos a Formosa, o archipelago de Luchú (Ryûkyû em japonez), as costas da Coréa; portuguezes e japonezes deviam encontrar-se amiudadamente no mar e em terras asiaticas, sem d'isto fazerem grande caso; e a uma ou outra das innumeras ilhas do Japão, corridos com o mau tempo, alguns dos nossos teriam abordado por ventura, precedendo Mendes Pinto, que por seu turno a ellas abordou, trazido por uma tempestade.

Note-se, como circunstancia interessante, que o nome de Mendes Pinto não figura nas velhas chronicas nipponicas. N'um livro da época de Keicho (1596-1615), citado como a melhor auctoridade japoneza no assumpto, menciona-se que no 25.º dia da 8.ª lua do anno 12.º de Tembum (23 de setembro de 1543), chegou ao porto de Tanegashima (cêrca de Kagoshima) um grande navio tripulado por estranha gente de equipagem, sendo dois dos seus chefes Francisco e Kirishita (Christovão?) da Mota. Descreve-se em seguida, com minuciosa ingenuidade, as

espingardas que os estrangeiros possuiam, a que chamavam *téppô* (talvez por onomatopea), de entre as quaes os habitantes do logar compraram duas, por alto preço, aprendendo a usar d'ellas e depois a fabrical-as. O nome de *tanegashima,* em memoria do local, ainda hoje é empregado para indicar as antigas espingardas japonezas — agora artigos de museu, — iguaes ás nossas escopetas; e *téppô* é o termo corriqueiro de qualquer arma de fogo. Assim na lingua, ficou, o documento persistente do grande acontecimento que os portuguezes trouxeram ao Japão — : a introducção das armas de fogo, as

NAGASAKI *(Aspecto actual)*

quaes impozeram desde logo importantissimas modificações na tactica da guerra e na construcção dos *shirô,* os castellos, alguns dos quaes ainda hoje de pé.

A nossa influencia no Japão, limitada ao periodo de 1542-1624, foi essencialmente religiosa e mercantil. Considerando-a pelo lado religioso, começo por dizer que não ficaram d'ella monumentos, no sentido usual d'esta palavra. Taes monumentos, se existissem, seriam egrejas. A madeira, que é aqui o material mais empregado na construcção dos edificios, a custo podéra resistir até aos nossos dias. Mas não foi a acção do tempo que derrubou os templos christãos; foi a co-

lera dos Shoguns, dos generalissimos, os quaes, expulsando ou massacrando os missionarios, os mercadores e os convertidos, ordenavam ao mesmo tempo a destruição de todos os vestigios, que podessem recordar a religião da cruz. O rigor da censura subiu a ponto tal, que nem foram permittidas, em livros, as mais ligeiras referencias ao assumpto; nem os termos que designavam os christãos, os estrangeiros, podiam ser escriptos; o que explica a escassez de documentos litterarios que o Japão offerece em tal materia.

O fervoroso padre Francisco Xavier, desembarcando em Kagoshima, visitára seguidamente Hirado, Yamaguchi, Kyôto (a capital); effectuando milagres numerosos, segundo resam chronicas christãs, e convertendo nobres, e convertendo bonzos, e convertendo o povo. Outros jesuitas portuguezes seguiram-lhe o exemplo, juntando-se-lhes após os frades hespanhoes. Em 1582, a inteira ilha de Amakusa, grande parte das ilhas de Gotô e dos daimyatos de Omura e de Yamaguchi são christãos, contando-se umas seiscentas mil almas convertidas. Embaixadas japonezas vão a Roma, prestar obdiencia ao chefe supremo da Egreja, e passam por Lisboa. No começo do seculo XVII, cêrca de um milhão de catholicos, espalhados por todo o

imperio, representam a christandade japoneza. E é pouco após que, por ordem de Hideyoshi, de Iyeyasu e dos shoguns que se foram succedendo na dynastia Tokugawa, as perseguições começam, inauguram-se e proseguem os massacres, os martyrios, os terriveis decretos repressivos, é arrasada a obra inteira dos missionarios portuguezes, a religião christã julgada um crime, sendo expulsos ignominiosamente os estrangeiros. Foi então que muitos japonezes convertidos fugiram para Macau, onde deixaram traços — de raça, de costumes, de linguagem — reconheciveis até hoje.

Agora é tempo de alludir, de relance, ao vestigio mais commovente, mais enternecedor e mais inesperado, que ficou da nossa passagem no Japão. Após a vinda do commodoro americano, o Nippon ia reabrindo pouco a pouco as suas portas aos estranhos, não de bom grado, mas á força. Redigiram-se e ratificaram-se tratados. Uma missão catholica, franceza, estabeleceu-se no imperio. Em 1862, uma egreja foi erigida em Yokohama. Em janeiro de 1865, uma outra, a egreja dos Vinte e Seis Martyres, elevou-se em Nagasaki. Ora, no dia 17 de março de tal anno, em Nagasaki, um grupo de doze ou quinze japonezes — homens, mulheres e rapazio — juntava-se á porta da egreja. Surpreso, o padre Petitjean abriu a porta, entrou com elles, ajoelhou junto do altar e poz-se a orar. Então, tres mulheres, já idosas, approximaram-se do padre; e uma d'ellas, com as mãos sobre o peito e falando mui de manso, como se receasse que as paredes tivessem ouvidos para escutal-a, disse-lhe que o coração d'ella e os corações de todos os presentes éram iguaes ao seu, ao coração do padre... Petitjean, commovido, perguntou-lhe donde vinham. Vinham de Urakami, aldeia proxima. E a velha accrescentou: — «*Santa Maria no go zô wa doko?*» (onde está a nobre imagem de Santa Maria?).

A EGREJA CATHOLICA DE NAGASAKI
(Aspecto actual)

Desvendava-se um interessantissimo mysterio. Todas as perseguições, todos os martyrios, todos os decretos repressivos, toda a espionagem exercida contra o christianismo, durante dois seculos e meio, não haviam logrado extirpal-o do Japão. Embora sem padres e sem templos, as crenças persistiam, em familias contadas por milhares. Em Urakami, em Gotó, em Nagasaki e n'outros pontos, os christãos pullulavam, praticando o culto como melhor podiam, a occultas; de quando em quando, denunciados por espiões ás auctoridades do local, alguns pagavam com a vida a constancia na fé dos seus avós. Gente simples e rude — pescadores, camponezes —, aquelles pobres crentes faziam recordar de certo modo os primeiros discipulos de Jesus, unidos como irmãos pelo prestigio de uma idéa, soffrendo pelo martyr de Golgotha. Em cada um dos gremios secretos dos christãos, havia um individuo que exercia o cargo hereditario de baptisar as creancinhas, conhecendo, mais ou menos, as praticas latinas usadas em taes casos. Todos aquelles japonezes possuiam, além do seu nome nipponico, dado aos registros officiaes e correntemente conhecido, um nome christão, de baptismo, para uso intimo, apenas balbuciado em confidencia; um era *Paoro* (Paulo), outro *Domingo* (Domingos), outro *Rorenzo* (Lourenço), outro *Mikeru* (Miguel), uma mulher chamava-se *Iwana* (Joana), uma

rapariga tinha o gracioso e ingenuo nome de *Izaberina* (Izabelinha). Sabiam de cór, em latim, o Padre-Nosso, a Ave-Maria, a Salvè-Rainha; tinham livros de orações, resavam juntos, commemoravam o Natal, a Paschoa, guardavam os domingos; benziam-se á portugueza, o que a principio deu muito que

O VALLE DE URAKAMI

pensar ao padre Petitjean, que se benzia á sua moda. Os missionarios francezes encontraram uma gentil pintura, representando a Virgem, uma bella cruz de cobre e outras reliquias; muitas familias possuiam uma lembrança qualquer dos padres portuguezes, legada de paes a filhos, e d'estes a netos e a bisnetos — ás vezes uma simples conta, destacada de um rozario.

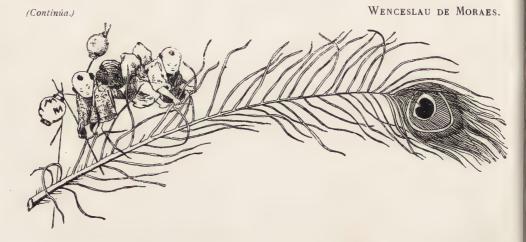
Em plenos meados do seculo XIX, resurgiram, por algum tempo, as perseguições contra os christãos; alguns d'elles, fracos de espirito ou postos a tortura, fizeram publica apostasia; outros — o grande numero — distinguindo-se entre elles o septuagenario Domingos Zenyemon, mostraram nobre firmeza em suas crenças. Mas, mercê da intervenção dos diplomatas estrangeiros, e tambem do espirito da época, tudo cessou em breve; a liberdade dos cultos assentava arraiaes no paiz do Sol Nascente.

(Continúa.)

WENCESLAU DE MORAES.

A Architectura da Renascença em Portugal

Por ALBRECHT HAUPT

Parte II — O PAIZ

ALEMTEJO

A SACRISTIA conserva a sua formosa abobada hemispherica: os caixotões que a adornam são de estuque com motivos ligeiros, as tabellas com uns como brutescos italianados, em pintura de bom lavôr; nas praças, largas, intermedias, umas fracas pinturas jesuiticas, conversões e quejandos assumptos. O atrio respectivo representa uma abobada de base quadrada, hemispherica, repartida em esquadraturas, descansando em quatro columnas, de aspecto aprazivel.

EVORA — FRISO DE ESGRAFITO, EM UMA CASA

A capella particular do Cardeal, no primeiro andar, é bella, já como architectura já como decoração; é um recinto rectangular com abobada de berço e tendo um annexo redondo com uma cupula. O primeiro compartimento é de abobada de berço, estucada, com tabellas e caixotões; a cupula de marmore com uma bella cornija sobre arcos e penduraes; a janella redonda emoldurada por escudetes; por cima ergue-se um tambor com quatro janellas, duas das quaes, cegas, e nos intervallos uns nichos com imagens de jesuitas.

A abobada é formosa, com o seu adorno de caixotões, pretos e brancos. Nos lanços inferiores da parede atinentes ao altar de obra de talha, alternam o estuque e azulejos, obra muito mais moderna.

E' importante o pateo nobre da Universidade com as suas arcarias; estas, de dois andares nos dois lados principaes, á mão esquerda e á direita, e apenas praticaveis no piso terreo. As proporções do conjuncto, bem como as proprias columnas de marmore, são pesadas e deficientes em finura. Ao centro da frontaria encimando a entrada, a antiga aula (a egreja em época anterior), no primeiro andar; a despeito do seu estado de ruinas, a melhor quadra em todo o edificio.

A fachada é um tanto maçuda, posto que não destituida de effeito; pilastras de marmore com embutidos pretos e de côres, e tres janellas rectangulares lhe decoram a superficie; o frontão que a topéta é pronunciadamente barrôco com os seus anjos e quartões, toscos e grosseiros, comquanto sejam de marmore.

O interior da sala descreve um pa-

EVORA — AQUEDUTO

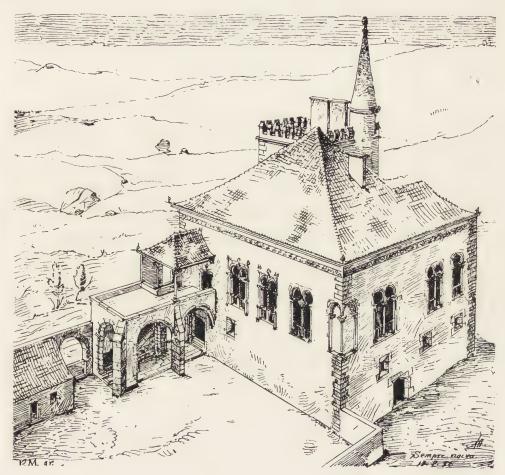
rallelogramo, com tecto de maceira flexuado, estragadissimo. Depara-senos em frente uma tribuna, e em redor um estrado com um luxuoso antemural de marmore branco; as paredes apresentam um silhar de azulejos, entre pilastras muito pintalgadas, por cima uns listões de estuque, á laia de hermetas, com seraphins e festões, entre estes, umas tabellas com pinturas de grutescos; no topo, os alizares e parapeito de marmores da tribuna para os ouvintes, entrecorridos de estuques, muito ricos.

Na face que fica em frente da entrada, no espelho do frontão, um escudo de armas de marmore aguentado por dois anjos, por baixo o taburno com uma escada de marmore branco, (o sitio do altar ou logar para o Cardeal?). A decadencia de tão sumptuoso recinto é objecto de magua para todo aquelle que préza a Arte.

Das edificações religiosas do Cardeal topamos ainda, mais para baixo, com a vasta egreja de Santo Antão, no mercado, uma basilica, simples e tosca, com columnas doricas; e bem assim com o convento de Santa Clara, proximo da Universidade, ostentando um famoso claustro geral com uma grandiosa columnata de columnas doricas, de granito, inferiormente, e cujo effeito é deveras monumental. Na sacristia conserva-se uma esplendida custodia da Renascença, promanando egualmente do Cardeal.

Edificios quer profanos quer particulares não abundam pela cidade; apenas o primitivo carcere municipal, no mercado, do tempo de D. Manuel, é digno de menção, com a sua architectura gothica do ultimo periodo, austera e de bom aspecto, augmentado ainda pela arcada do piso inferior, e as competentes grades de ferro, fortes e rudes, com cabeças de animaes e carrancas. Em frente da outra metade

do edificio existe uma arcaria no primeiro pavimento com nove finissimas columnas doricas sobre um eirado, nos intervallos uns fragmentos romanos encastoados na parede. A columnata de singular elegancia, toda ella de marmore, pelos visos é coeva de D. João III, e comtudo, não consigo esquivar-me á impressão, de como poderá apresentar ainda uma reliquia da actividade de Andrea Sansovino, no paiz.

As ruas, conforme ficou exposto, estão cheias de architectura amouriscada coetanea de D. Manuel; o exemplo de uma janella caracteristica reprodul-o a estampa da residencia de Garcia de Resende, biographo e valido de el-rei D. João II, que aqui veiu a fallecer em 1520.

PAÇO DA «SEMPRE NOIVA», PROXIMO DE EVORA

(Continúa.)

A morte do barqueiro

A Alvaro de Bulhão Pato

INHA amanhecido triste esse dia de dezembro. Nem essa immensa camada de neve, que de noite cobrira os campos em toda a extensão que a vista podia abranger, servia a dar á paisagem um tom alegre, porque um espesso nevoeiro circumscrevia o horisonte a um espaço limitadissimo.

Apesar d'isso porém sentiam-se possuidos de uma alegria communicativa os rapazes do collegio de uma pequena villa do norte, muito proximo da minha aldeia, onde eu estudava tambem. E' que começavam n'esse dia as férias do Natal.

Puzera-se de parte o estudo para tratar dos preparativos da partida com aquella animação caracteristica de todos os estudantes no primeiro dia de ferias.

Apenas alguns cabulas e outros que se tinham salientado pelas suas travessuras, ficavam de castigo. Eu era d'estes ultimos.

Já minha mãe havia escripto ao director do collegio, pedindo-lhe que, pelo menos, me deixasse ir a casa os dias de festa, mas nada conseguira.

Que não, que eu precisava ser punido severamente, pois d'outra fórma nada se faria de mim, dizia.

Eu sabia tudo isto, mas não tinha perdido a esperança: custava-me a crêr que minha mãe se resignasse facilmente com a idéa de que eu passasse fóra de casa o Natal — essa tradicional festa de familia.

No emtanto decorreram longos momentos de cruel espectativa; soára a hora do almoço, durante o qual a rapaziada, que em breve iria abraçar os seus, dava largas ás mais ruidosas manifestações de alegria, não obstante a presença dos professores, que em vão impunham silencio. E eu sentia-me cada vez mais triste por não poder como elles deixar o collegio, que, agora, mais do que nunca me inspirava uma profunda aversão.

No meu cerebro de creança debatiam-se já os mais tenebrosos projectos; pela minha imaginação ardente perpassavam os mais extraordinarios planos de revolta; eu estava já disposto a, em ultimo recurso, fugir do collegio, escalando o muro da cêrca.

Em vão procuravam animar-me os meus companheiros de infortunio: conservava-me mais concentrado e triste que qualquer dos outros, eu que era talvez o mais alegre e expansivo.

Estava no auge do desespero, visto que perdera de todo a esperança, quando entra pela janella um bando de pombas e d'esse bando se destacou uma, branca como a neve que cobria os campos e, no seu vôo, passou tão perto da minha cabeça, que eu senti as suas azas tocarem-me ao de leve nos cabellos.

Fui, n'esse momento alvo de uma manifestação dos meus camaradas, que pretenderam animar-me, fazendo-me crêr que a pomba branca era emissaria de boas novas.

Confesso que me deixei influenciar pela superstição, e que este rapido incidente me veio distrahir um pouco.

Mas o tempo ia passando, faziam já os meus condescipulos as suas despedidas, sem que nada viesse avivar-me a esperança.

Ia novamente sentir-me assaltado pelo mais profundo desanimo, quando vi que o director do collegio se dirigia a mim, trazendo na mão uma carta.

Esperei, invocando toda a minha coragem, pois calculei que pouco agradavel seria o que eu ia ouvir, a avaliar pelo seu aspecto carrancudo.

Enganei-me porque elle apenas me disse com uma voz secca e grave com que procurava occultar a commoção:

— Prepara-te para ires para casa, que tens alli um creado á tua espera. Tua mãe ha-de perder-te com tanta condescendencia.

Não havia duvida: a pomba intercedera mysteriosamente por mim. Minha mãe escrevera novamente, suplicou, pediu como só as mães sabem pedir.

Eu ia a ferias.

*
* *

Dissipara-se o nevoeiro; não se sentia a mais leve aragem; o sol, em todo o seu esplendor, dissolvia lentamente os crystaes da neve, arrancando-lhes, ao mesmo tempo, fulgidas scintillações que me deslumbraram.

Para se apreciar bem a felicidade é preciso que ella nos tenha custado muito sacrificios. Nenhumas ferias eu apreciei tanto como estas, porque nenhumas outras tinham sido precedidas de tantas e tão dolorosas emoções para mim.

Foi por isso que eu, já na estrada, a caminho de casa, me julguei o homem mais feliz do Universo.

O criado ia-me contando as novidades da aldeia e, entre ellas, deixava-me pensativo a que se referia á doença do barqueiro que provavelmente nós iamos encontrar já sem vida, pois dissera-me o creado, na sua rustica ingenuidade, que elle apenas esperava ser confessado para morrer tranquillo.

Era meu amigo o velho barqueiro.

Ensinára-me a nadar, ensinara-me a remar e contava-me historias de mouras encantadas e de tragicos naufragios que me produziam arrepios e ao mesmo tempo divertiam a minha imaginação infantil. Depois, era elle o pae de Leonor, essa gentil creança, a flôr das raparigas da minha aldeia, cuja rara formosura exercia já sobre mim uma estranha influencia.

Bem reconhecia o bom velho que, entre mim e a filha, havia uma grande affeição, mas eramos ambos muito creanças para que esse facto pudesse preoccupal-o.

*
* *

Na concentração do espirito que me adveio, da impressão de desalento que em mim produzira a noticia da doença do barqueiro, e da piedosa tarefa, que a mim proprio impuz, de confortar Leonor no caso mais provavel da morte de seu pae, eu ia-me approximando de casa sem dar por isso. Esse soberbo espectaculo que a natureza me offerecia, era-me quasi indifferente.

ERA MEU AMIGO O VELHO BARQUEIRO.
ENSINARA-ME A REMAR...

Eu via já as casas da minha aldeia, amontoadas na margem do rio, que eram como um bando de cysnes que tivesse deixado os alcantis da serra; divisava já as oliveiras da encosta, qual multidão immensa de noivas gentis, vergadas ao peso do véo branco da neve; sentia o Douro, d'essa inconfundivel belleza funebre,

a marulhar soluçante por entre as penedias.

Tudo isso, tudo, tinha para mim uma melancolica poesia. Esse vasto lençol de neve dava-me apenas a idéa de uma mortalha collossal, a envolver o cadaver do desventurado barqueiro.

Foi sob uma immensa impressão de tristeza, a contrastar com a alegria de minha familia, que eu entrei em casa, onde pouco depois chegava tambem o padre que vinha administrar a extrema-uncção ao barqueiro.

Pedia-me o padre que o acompanhasse.

Fui.

Ao entrar em casa de Leonor, ao ver essa casa de um irreprehensivel asseio, mas na qual se notava logo a extrema pobresa de seus paes, eu avaliei n'um momento as difficuldades que se seguiriam á morte do barqueiro que, a ella e a seus irmãos, deixava como unico patrimonio o barco, que elle recebera tambem, como unica herança de seus paes, que por sua vez o tinham herdado de seus avós.

LEONOR ESTAVA DE JOELHOS JUNTO DA CAMA...

Senti-me verdadeiramente horrorisado ao ver o pobre velho. Dir-se-hia que estava alli um cadaver se não fosse a sua respiração offegante, que commovia todos aquelles que presencearam os seus ultimos momentos. Leonor que trocára commigo um olhar em que brilhou uma alegria fugaz, estava de joelhos, junto da cama de seu pae, com os olhos, vermelhos de chorar, solto o seu cabello louro, esse cabello de que ella me dera n'uma despedida, uma pequenina trança perfumada.

O padre dissera umas breves palavras em latim e, mal acabou de pronunciar a ultima, o barqueiro fechou os olhos, e não mais se ouviu a sua respiração.

Morrera.

Mas, antes de morrer, eu vi que o seu olhar vitreo, gelado como a morte, ameaçador como a lamina d'um punhal, se fixava insistentamente, ora em mim, ora na filha, como se tivesse a dizer-me alguma coisa em relação a ella.

Não sei qual fosse a significação d'aquelle olhar, o que sei é que, a partir d'esse momento, eu reconheci que entre mim e Leonor, havia um abysmo insuperavel — o cadaver de seu pae

E foi por isto que eu d'ahi em deante me desviava sempre dos logares onde podia encontral-a. Ella estranhou a minha ausencia e, passados meses, procurou occasião de se encontrar a sós commigo, sob um pretexto futil, para censurar o meu procedimento.

Linda, como nunca, no seu vestido preto, a contrastar com a alvura da sua pelle, não sei que estranha influencia exerceu em mim, que eu senti-me enfeitiçado pelos seus encantos, esquecendo por completo todos os protestos de renunciar ao seu amor.

Poucas palavras tinha dito quando as lagrimas lhe embargaram a voz. Essas lagrimas foram bem mais eloquentes do que tudo quanto ella pudesse dizer-me.

Commovido, cheio de enthusiasmo, apertei-a ternamente em meus braços e os meus labios procuravam já os seus, quando senti um impulso irresistivel a afastar-me d'ella.

Pela minha mente perpassara, com a rapidez d'um relampago, essa impressão sinistra que me ficara do olhar do barqueiro moribundo...

Desculpei-me o melhor que pude, fiz-lhe ver todas as vantagens da nossa separação

e por fim despedimo-nos, ella chorando, eu, triste é certo, mas com aquella resignação evangelica que nos advem do dever cumprido.

*

* *

São decorridos bastantes annos, Leonor! Mas apesar d'isso, ainda hoje, quando evoco essas saudosas recordações da minha infancia, esse querido rio que nós sulcavamos destemidos no teu barquinho, as suas margens poeticas, que tantas vezes nos viram brincar juntos e que foram testemunhas dos nossos primeiros murmurios d'essa dôce linguagem do amor, admiro, no ceu doirado da minha phantasia, a tua imagem, que em breve procuro esquecer, porque a sua recordação anda ligada á d'esse ultimo olhar que teu pae fixou em mim — vitreo, gelado como a morte, ameaçador como a lamina d'um punhal...

COMMOVIDO APERTEI-A TERNAMENTE EM MEUS BRAÇOS...

F. A. Corrêa.

GENEZIS

Trazia na minh'alma entristecida,
Da dôr de te não vêr ha tanto tempo,
Não sei que vagas sombras, que da vida
Me tornavam de dôr cada momento.

Para ti a fugir-me, o pensamento
Só em ti se quedava; e tu, querida,
Como cruel, ligeira como o vento,
Fugindo me deixavas triste lida.

Emfim. Hontem passei á tua porta;
E avezinha voltando ao doce ninho,
Fazendo reviver a estancia morta,

Com tal doçura olhaste e tal carinho,
Que já a vida agora me transporta.
Bem dito o teu olhar, ó meu anjinho!

Fundão.

Celestino Monteiro.

Grandes topicos

A Turquia constitucional. — A evolução que ha pouco menos de um anno se tem manifestado na politica interior da Turquia, e que teve como resultado substituir o absolutismo por um regimen constitucional, recebeu a sua consagração na fundação de um parlamento ottomano, cuja abertura official se realisou em Constantinopla a 17 de dezembro do anno passado.

O novo parlamento compõe-se de duas camaras: a dos Senhores ou Senado e a dos Deputados. O presidente e os membros da primeira são designados pelo Sultão, não podendo o numero dos senadores exceder o terço dos membros da camara dos deputados. Os deputados são eleitos por escrutinio secreto á razão de um por cada cincoenta mil habitantes do sexo masculino, realisando-se as eleições geraes todos os quatro annos.

A constituição que rege a nova fórma do governo ottomano data de 23 de dezembro de 1876, tendo sido promulgada solemnemente alguns mezes depois da elevação ao throno do actual sultão Abdul Hamid II, que bem pouco tempo, porém, cumpriu a promessa de respeitá-la, e desde 1880 submetteu a Turquia ao systema de governo despotico mais absoluto.

(Ulk) (Berlim)

A DOENÇA DA ALLEMANHA

— *Minha senhora, o seu temperamento tem crises que eu não posso conjurar. Confesso francamente que não espero que este remedio lhe faça muito bem.*

(Na Allemanha o excesso das despezas sobre as receitas é formidavel. O parlamento quer impôr economias, mas o governo não se sente disposto a acceitá-las).

Os partidos liberaes, cujos chefes tiveram de refugiar-se no estrangeiro, não desarmaram porém, mantendo diversas associações secretas, que, desde ha dois ou tres annos, haviam organisado a propaganda methodica entre o exercito e as auctoridades religiosas e no proprio povo. Em começos de julho do anno passado, contando com o apoio de alguns corpos do exercito que tinham ganho para a sua causa, os *jovens turcos,* — como são denominados os reformistas — decidiram iniciar o movimento revolucionario tão pacientemente preparado durante trinta annos. Houve ainda uma veleidade de resistencia por parte do sultão, mas Abdul Hamid depressa comprehendeu que, dada a gravidade da situação, lhe convinha mais transigir, e por isso em 24 de julho a antiga constituição era officialmente restabelecida.

As operações eleitoraes começaram logo em setembro e tiveram como resultado uma importante maioria parlamentar em favor dos partidarios das reformas, que estabeleceram um programma politico e social destinado a completar a obra tão brilhantemente encetada, sendo essa a tarefa que o actual parlamento prometeu xecutar, mas que provavelmente não terá forças para realisar.

(Punch) (Londres)

O PAE ADOPTIVO

ABDUL HAMID — *Quem me diria ha um anno que havia de chegar a isto, a ser ama secca?*

(Refere-se o *Punch* ao salto que deu a Turquia passando rapidamente do governo despotico do sultão ao systema constitucional.)

(International Syndical) (Baltimore)

O ACCORDO ENTRE A AMERICA E O JAPÃO

Os Estados Unidos e o Japao fizeram um accordo para olhar pela China e protegerem os interesses d'esses dois paizes no Pacifico.

(A allusão é clara. Feito o accordo entre as duas nações, quem tem tudo a perder é a China.)

O presidente Taft. — E' agora nos primeiros dias de março que o novo presidente dos Estados Unidos eleito em 3 de novembro ultimo, irá installar-se na Casa Branca, com o fim de cumprir o seu mandato que dura quatro annos.

O sr. Taft, candidato do partido republicano, e protegido de Roosevelt, que reuniu a maioria dos votos, triumphando por isso do sr. Bryan, candidato do partido democratico, seu principal adversario, é um magistrado de carreira. Em 1885, quando era juiz de primeira instancia, mereceu a attenção do presidente Harrison, que o nomeou procurador geral. Foi n'esta occasião que veio para Washington e se ligou com Roosevelt. Em seguida foi juiz do tribunal federal, do qual transitaria seguramente para

(Wahre Jacob) (Stuttgart)

AINDA OS DARDANELLOS

O urso moscovita e o leão britannico olham sofregamente para o boião de doce do estreito dos Dardanellos e pensam se não seria melhor devorarem-se primeiro e o que escapasse comel-o depois.

(Allusão ao eterno empenho da Russia e da Inglaterra dominarem no estreito dos Dardanellos, chave do Mar Negro.)

o supremo tribunal dos Estados Unidos, se as circumstancias o não tivessem obrigado a deixar a magistratura.

Depois da guerra hispano-americano o presidente Mac Kinley designou-o efectivamente para o logar de governador das Philippinas, e o sr. Taft conseguiu desempenhar-se lisongeiramente de tão pesado e difficil encargo.

Quatro annos mais tarde foi nomeado ministro da guerra e das colonias. N'esta qualidade deu provas de uma excepcional actividadade, occupando-se simultaneamente da construcção do canal do Panamá,

dos problemas politicos da America Central, do estabelecimento em Cuba de um governo com bases duradouras e da manutenção da ordem nas Philippinas, sem falar de outras questões de menor importancia.

O sr. Taft só abandonou a gerencia da sua pasta quando foi declarado candidato official á presidencia da republica.

Os acontecimentos de Marrocos. — Como é sabido, o reconhecimento official de Mulaï Hafid pelas potencias é, desde os primeiros dias de janeiro, um facto official. Tendo os representantes estrangeiros recebido o consentimento dos seus governos, uma

(Le cri de Paris) (Paris)

UM POUCO DE SOCEGO

GUILHERME II — *Boa Madame Steinheil, muito te agradeço o dares-me um pouco de socego.*

(O imperador da Allemanha com a sua imprudente loquacidade era o thema de todas as conversas. As declarações de Madame de Steinheil sobre o crime do «impasse Roussin», em Paris, desviou as attenções da sua imperial personalidade.)

nota collectiva notificando o reconhecimento, cujos termos foram assentes pela França e pela Hespanha, foi entregue, pelo decano do corpo diplomatico, ao delegado do sultão em Tanger.

Eis resumidamente o texto d'essa nota, conforme as informações das mais auctorisadas revistas politicas estrangeiras:

«Os governos signatarios da acta de Algeciras receberam a carta datada de 4 de Ecada 1326, que Mulaï Hafid lhes enviou por intermedio do decano do corpo diplomatico em Tanger, em resposta á sua communicação de 18 de novembro.

«Os governos dos paizes representados em Marrocos acolheram com satisfação esta resposta, na qual encontraram a prova de que as explicações que formularam, na citada nota de 18 de novembro no proprio interesse das relações de amisade e confiança que desejam manter com a auctoridade soberana do

(Fischietto) (Turim)

UM PONTO DE VISTA ITALIANO

As esquadras ingleza e allemã teem augmentado tanto, que d'aqui a pouco não se poderão chegar uma á outra para combater.

(Satyra que verbera a rivalidade entre a Allemanha e a Inglaterra sobre o dominio dos mares.)

(Pasquino) (Turim)

A TRIPLICE ALLIANÇA

ALLEMANHA — *Cautela rapazes, ou cahimos todos tres.*

(A triplice alliança formada pela Austria, Italia e Allemanha, esta periclitante. Se um d'esses paizes foge ao pacto, como a Italia parece disposta a fazêl-o, a triplice alliança fica desfeita.)

nperio cherifhano correspondeu ao pensamento de ulaï Hafid.

«Por consequencia as potencias signatarias da cta de Algeciras decidiram reconhecer Sua Magesde Hafid como sultão legitimo de Marrocos, e enrregaram o decano do corpo diplomatico de Tanger e notificar este reconhecimento ao representante de ua Magestade n'esta cidade».

As populações barbaras continuam agitadas, mas arece, á data das ultimas noticias, que a influencia e Mulaï Mohammed vae decaindo.

União monetaria latina. — O governo belga presentou já ao parlamento o projecto de lei appro-

(Pasquino) (Turim)

TALIA *(Entre a Russia e a Austria) A aguia ou o urso? Qual devo escolher? Uma e outro teem as garras muito aguçadas!*

Epigramma que visa á hesitação da Italia entre as duas allianças que se lhe offerecem: a da Austria e a da Russia.

ando a convenção addicional á convenção monetaia de 6 de novembro de 1885, concluida em Paris a de novembro do anno passado, entre a Belgica, a rança, a Grecia, a Italia e a Suissa.

A nova convenção, que entrará em vigor no prieiro de abril d'este anno, eleva os contingentes de oedas divisionarias de prata para cada um dos esados contratantes a 16 francos por habitante, sendo valiada a população e 3.600 mil habitantes para a uissa, 7.300 mil para a Belgica, 39.300 mil para a rança, 2.650 mil para Grecia e 33.800 mil para a alia Além d'isso, a população das colonias frances, comprehendendo a Argelia e Madagascar, é avaada em 20 milhões de habitantes, e a do Congo elga em 10 milhões de habitantes.

O adiamento da Duma. — As sessões da Duma foram suspensas desde 2 de janeiro por um ukase imperial, que fixou a sua reabertura para o dia 2 de fevereiro. Este adiamento representa a interrupção de um mez nos trabalhos do parlamento russo; tal lacuna torna-se, porém, mais importante quando se reflectir que poucas semanas transitarão entre a reabertura e as ferias da Paschoa e que, depois d'estas, a ultima phase da sessão (abril-junho) não comprehenderá mais que um periodo de cêrca de dez semanas.

De mais, o regimen parlamentar está ainda no seu periodo de aprendizagem na Russia. E' a este respeito bastante expressiva a seguinte estatistica, que nos fornece um jornal estrangeiro:

«Sobre as trinta e cinco sessões plenarias realisadas desde 28 de outubro do anno passado até á data do adiamento, a Duma consagrou dezesete ao exame de diversos projectos de lei; mas, apesar da limitada importancia dos assumptos examinados, e da inutilidade para a maior parte d'elles, de um debate publico, quarenta e nove apenas d'esses projectos foram aprovados difinitivamente.»

E' extraordinario que as nações que cameçam a applicar de novo o regimen parlamentar encontrem logo de entrada os defeitos dos já experimentados.

Na China

REI MORTO, REI POSTO

A nossa gravura representa varios mandarins, proclamando fora das muralhas de uma cidade mongolica, o novo imperador da China.

O throno do schah da Persia

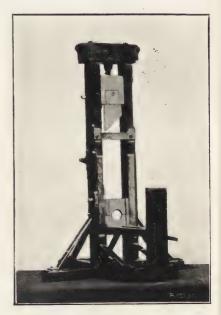
Agora que o schah da Persia está tanto em foco com a revolta dos seus vassallos, vem a talho de fouce

mostrar as grandezas de um potentado, que lucta com serias difficuldades para se manter no throno.

A pena de morte em França

A CAMINHO DA GUILHOTINA

Depois de abolida a pena de morte, as Camaras francezas viram-se obrigadas a decreta-la outra vez, de tal fórma os crimes augmentavam n'aquelle paiz.

A primeira execução feita, de quatro assassinos, realizou-se em Bethume, em janeiro.

A GUILHOTINA

A nossa primeira gravura representa o terceiro condemnado a caminho para a guilhotina.

A questão do Oriente

POSTOS AUSTRIACOS DE SIGNAES NOCTURNOS NAS FRONTEIRAS DA HERZEGOVINA

Senhoras em evidencia

Marqueza de Rio Maior. — Esta senhora, ertencente a uma das primeiras familias da velha ristocracia, é uma das pessoas a quem a pobreza de isboa mais deve.

O seu nome, querido e respeitado de todos, é diaiamente abençoado pelo incalculavel numero de desraçados de quem tem sido abrigo e caridoso amparo.

Comprehendendo a caridade com espirito verdadeiramente christão, pensa como o poeta que

Nem só da mão sahe a esmola

e a sua palavra, intelligente e persuasiva, leva tambem o conforto a muito coração dilacerado.

Pode-se dizer sem favor, que esta individualidade attrahente e delicada, passa pela terra sem a tocar.

Livros novos

Contos. — O notavel escriptor Candido de Figueiredo, deu á luz da publicidade um elegante voluminho, intitulado *Contos*, affectuosamente offerecido a sua mulher, e no qual reuniu tres joias litterarias de inestimavel preço: *Conto do Natal*, *Arminho*, e *Um drama na aldeia*, narrativa historica. São interessantissimos, mas o segundo em que, observador e sentimental, o auctor nos descreve o supplicio moral d'um cão, que se suicida por não poder com o fardo da existencia, é simplesmente primoroso. Lêsse, relêsse com piedade e acaba-se... por dar razão ao cão.

Livro que se pode pôr em todas as mãos e que, só pelo nome que o firma, se venderia com a mesma rapidez, pelo dobro do preço.

A Eneida de Vergilio, traducção de *Coelho de Carvalho*. — A cuidadissima e trabalhadora traducção da immortal obra do genial Mantuano, veio mais uma vez demonstrar, que o talento notavel de Coelho de Carvalho, sabe superar as innumeras difficuldades que

sempre surgem quando se trata de exprimir com clareza e propriedade pensamentos alheios.

Não será nunca elle que justifique a engraçada phrase italiana: *Traddutore traditore*.

E' um livro excellente e elegante, e a edição, muito esmerada, da Livraria Ferreira. A parte artistica honra a typographia do Annuario-Commercial.

As glorias da scena

Taborda. — Quanto diz respeito a esta rutilante e inolvidavel ornamento da scena portugueza, interessa não só Lisbôa como Portugal inteiro. Taborda

é para todos o *nosso Taborda:* — nosso não porque lhe chamem assim. mas porque todos temos orgulho e vaidade n'elle. Todos lhe queremos, todos o cele-

bramos, e não ha a falar no seu nome sem relembrar as suas geniaes creações em peças de Molière, traduzidas por Castilho.

Que auctor! que traductor! que interprete! Onde se encontra um mais harmonioso conjuncto?

Mas, pegando na penna para lhe prestar em nome dos *Serões* uma sincera homenagem de consideração e apreço pelos seus 85 annos, tão rijos e sadios, iamo-nos esquecendo em divagações. Culpa, e só culpa, do seu nome que se não pode pronunciar sem que arraste apoz si mil idéas admirativas.

Escriptores brazileiros

João do Rio. — A João do Rio, o talentoso jornalista que ha pouco deixou Lisbôa em direcção a Paris, foi offerecido por despedida, um lauto banquete com que collegas e amigos quizeram provar-lhe o seu sincero apréço, e marcar por uma grata recordação a sua passagem por Lisbôa.

O seu ultimo livro publicado ha pouco, é muito

ALFREDO BARRETO
(João do Rio)

interessante e original. Compõe-se de quatro partes, subordinadas ao titulo gentil de *Alma encantadora das ruas*. Na primeira trata do que n'ellas se vê; na segunda de tres dos seus aspectos de miseria, na terceira, onde ás vezes termina a rua, (crimes etc.); e na quarta da musa das ruas, que é afinal a sua alma encantadora e poetica, cheia de rimas e cantos. E' muito curioso e digno de lêr-se.

Contrastes

A irmã de Pio X. — A vida encerra curiosas coisas e as suas vicissitudes causam espanto mesmo aquelles que estão habituados a observa-la nos seus assombrosos contrastes.

Que de immensas considerações não traz ao espirito, vêr Pio X no primeiro logar do mundo catholico romano, no esplendor e galas da sua reconhecida realeza e Lucia Sarto Parolim, sua irmã, preparando pelas suas proprias mãos, a ceia na pobre casa que habita em Rieso?

A sua semelhança com Sua Santidade é notabilissima e surprehende todos que conhecem o Summo Pontifice.

O maior vapor fluvial

E' o *Robert Fulton*, construido este anno nos Estados Unidos da America do Norte com destino á navegação do Hudson.

Tem 120 metros de comprimento, 13 de largura, uma altura total de 24 metros e pode transportar 5:000 passageiros. E' movido por duas rodas de 7 metros de diametro, que lhe imprimem a velocidade de 38 kilometros por hora.

Em Africa

O TENENTE ALLEMÃO GRAETZ
ATRAVESSANDO A AFRICA DE AUTOMOVEL

A catastrophe da Italia

Encontrar palavras com as quaes se dê uma pallida idéa do que o coração sente ao lêr os telegrammas e noticias que annunciaram e dão promenores da terrivel catastrophe que enlutou a Italia, e por ella o mundo, seria, e é o natural desejo de todos que têem por qualquer razão de se occupar d'esse assumpto. Mas é quasi impossivel. Como nas dôres irremediaveis e grandes, a mente espanta-se, os olhos seccam, a palavra estrangula-se na garganta, e a penna é impotente para descrever quadros de tanto horror.

RAINHA HELENA, DE ITALIA

REI VICTOR MANOEL III

Existe a Providencia? Esqueceu-se ella dos homens?

A crença, por arreigada que seja, sente-se fortemente abalada, e a alma, enternecida pela contemplação de tão pungentissimo quadro, anniquilada pela instavel fragilidade das cousas terrenas, mais uma vez dolorosamente evidenciada, fica oppressa, esmagada por todo aquelle immenso cataclysmo, e não encontra senão uma palavra que involuntariamente lhe descerra os labios: — Compaixão.

E que grande compaixão! Fogo, lucto, fome, loucura e morte! E, mais que tudo a furia da impotencia da vontade ante a desolação, da perda de seres queridos: o desespero moral para o qual não ha soccorros nem podem existir consolações.

Em todos os pontos da terra a que chegou a triste nova não houve um unico ser, que de humano tivesse o nome, que se não impressionasse fundamente; mas em Portugal, mais do que em qualquer outro paiz, a commoção, passando o enternecimento, attingiu a dôr. E' que o nosso povo tem ainda bem vivas na memoria as lembranças do terremoto de 1755.

Contadas de avós a netos, correm ineditas historias e lendas aterradoras a que os abalos sismicos de Messina e Reggio de Calabria, vieram dar vulto e côr. E assim, a idéa de passados males faz-nos

UM TRISTE EXODO

sentir como proprias as desgraças alheias. Povo pobre, não pode a nossa generosidade suprir os nossos desejos. Se é largo o coração, é estreita a bolsa, o que o não impede de bater unisono com o do povo italiano, partilhar a sua dôr, e vestir o seu lucto.

Os portuguezes, extremamente arrebatados im-

A EGREJA DE S. GREGORIO EM MESSINA

pulsivos, têem alma aberta a todo o generoso sentir. Podem esquecer-se ou affastar-se dos grandes em festas e alegrias; porém na tristeza e na dôr são, e

sempre fôram, companheiros fieis e compadecidos de todos os que soffrem. E'-lhes grato, como a todos que prezam o bem social, vêr a fraternidade dos povos n'esta triste occasião; é-lhes grato vêr que o coração não conhece barreiras, que a generosidade não entende limites, que a dedicação chega ao

— As calamidades foram tres: o terremoto, malfeitores e ladrões, e os especuladores da Bolsa.

E' incrivel que a perversidade possa existir ante a demonstração irrefutavel do nada que é a vida.

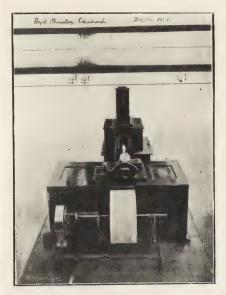
Como a imaginação é acanhada e estreita para poder abranger tudo que ha de estranho, baixo,

O TERRAMOTO EM REGGIO

heroismo. Mas a par do altruismo e abnegação sem fim de muitos, quantos seres que não se podem considerar homens, tanto semelham feras, têem querido especular com a catastrophe? E' assim que Giolitti entrevistado por um jornalista e dominado pela mais justa e explicavel indignação, lhe declara.

torpe, elevado e nobre n'esta tragedia horrivelmente triste! Mortos aos milhares juncando o solo; animaes, raivosos e esfomeados, devorando os cadaveres; homens, mulheres e creanças, desvairadas pela fome, matando gatos e cães para comer, loucos, passando a cantar através das ruinas; feridos agonisando; in-

cólumes que perderam mais que a vida nos seres que a morte lhes arrebatou, e que para mais soffrer conservam inteira a razão.

E atreveram-se a tocar nos cadaveres, não para lhes dar sepultura, mas para os despojar; nas mulheres, não para as proteger mas para as violar; nas

O SISMOGRAPHO
DO OBSERVATORIO DE EDIMBURGO

creanças, não para as acalentar, mas para as roubar, vender, e servirem depois como animaes amestrados para saciar a ganancia de emprezarios sem escrupulos. A ordem, dada pelo governo italiano para a liquidação summaria de taes creaturas, é, além de justa, piedosa até para os proprios que a soffrem: mais vale não sêr do que sêr assim.

Resistir a vêr tanto com os seus olhos sem desejar

PORTO DE MESSINA

repartir-se por quantos padecem para os soccorrer e consolar, seria já de si monstruoso; mas procurar no mal alheio a satisfação de instinctos e vicios proprios, não tem nome: mais vale não sêr do que sêr assim, é uma verdadeira abjecção.

Os reis de Italia de ha tanto adorados pelo seu povo, pelo justo motivo de serem pessoas fielmente cumpridoras dos seus deveres, n'um tempo em que todos mais ou menos transigem com os seus gostos e commodidades com manifesto detrimento das suas obrigações, acabam de dar ao mundo um grandioso exemplo de civismo e de alta comprehensão do difficil mister de dirigir povos. Com reis assim não ha republica possivel. Isto demonstra mais uma vez que onde ha homens bons não ha fórmas de governo maos.

Refazer de prompto quanto em breves instantes os abalos sismicos destruiram seria o sonho, não só de tão bons reis como de todas as almas compassivas, Não póde comtudo a vontade do homem, fraca como tudo que é humano, conseguir satisfazer-se com a

O EXODO DE MESSINA

As fugitivas vestindo os trajes mais variados e pittorescos.

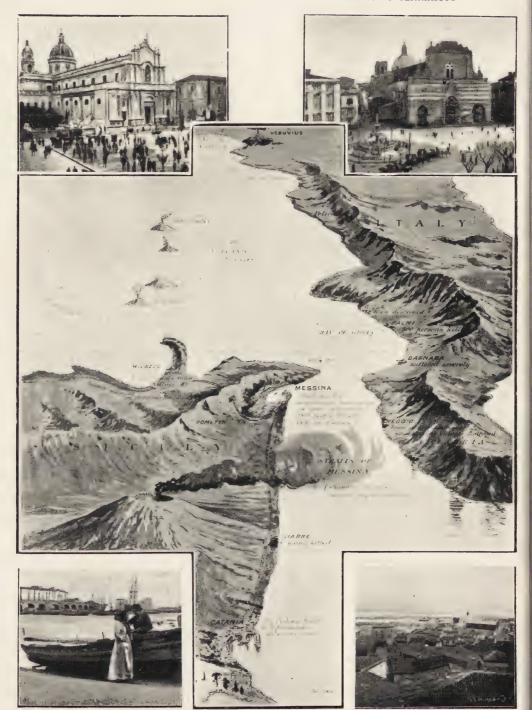
rapidez que o pensamento anceia, mas póde, e quer, valer desde já por todos os meios no seu alcance, ás victimas dos terremotos. Assim, a caridade do mundo n'um gesto unico de fraternal solidariedade exclama com voz tremula de angustia e piedade:

— Para as victimas de Messina e Reggio. Para os aldeões da Calabria.

Esposos, filhos, paes, vós todos que tendes affeições a perder, lembrai-vos d'aquelles que na sua dôr procuram um coração amigo onde encostar a cabeça e só encontram pedras informes que lh'as ferem em agudas arestas.

A Sociedade da Cruz Vermelha e muitas outras collectividades não menos dignas da confiança publica, continuam ainda a receber donativos de todo o genero a favôr das victimas.

A CATHEDRAL DE CATANIA ANTES DO TERRAMOTO

A CATHEDRAL DE MESSINA ANTES DO TERRAMOTO

QUINHENTOS BARCOS DESTUIDOS EM CATANIA

VISTA A «VÔO DE PASSARO» DO ESTREITO DE MESSINA
(Do *Sphere*)

VISTA GERAL DE MESSINA

Aqui fica o commovido e sincero apello dos *Serões* á caridade dos seus leitores.

Foi imponentissimo o cortejo que os bombeiros

PASSAGEM DO BANDO PRECATORIO
NA PRAÇA DO PRINCIPE REAL

voluntarios e municipaes de Lisbôa organisaram para recolher donativos a favôr das victimas da horrorosa catastrophe italiana. Os carros iam lindamente ornamentados com material de salvação e plantas.

A colheita foi larga devido não só á grande im-

COLHENDO DONATIVOS

pressão que em todos os espiritos causou aquella immensa desgraça, como tambem as vivas e geraes sympathias que o corpo de bombeiros goza em toda a cidade pelas suas constantes e quasi diarias provas de abnegação e altruismo.

Necrologia

Jayme Arthur da Costa Pinto. — O fallecimento de Costa Pinto consternou a cidade. O bondoso provedor da Real Casa Pia, era geralmente, estimado pelas suas raras qualidades, entre as quaes sobresahia uma grande dedicação pelos amigos, um notavel desprendimento de bens e honras e uma grande e altruista philosophia.

El-Rei D. Luiz propoz-lhe um dia fazê-lo conde.

— Meu senhor, peço licença para pensar até amanhã.

No dia seguinte voltou.

— Então? perguntou-lhe El-Rei.

— Acceito, meu Senhor, mas não para mim; para fulano, que dá tantos contos para o asylo de tal, que precisado está de dinheiro.

El-Rei sorriu e fez-lhe a vontade.

Estes homens assim, em que pode mais o coração que a vaidade, deixam sempre no espirito dos que os conheceram uma funda e sentida saudade.

O general Francisco Maria da Cunha. — Era um bom e um carater impolluto, foi director do Real Collegio Militar, ministro de Estado e chefe da Casa Militar de El-Rei. E em todos estes elevados cargos, onde nem sempre se conquistam sympathias, soube crear amizade e dedicações sinceras.

Viveu sempre modestamente; muita vez, quando ministro da Guerra, sahindo da sua secretaria, subia para o banco dianteiro d'um d'aquelles horriveis *omnibus* que faziam carreira entre Carnide e Lisboa, e lá seguia para casa, bonacheira e despreoccupadamente fumando o seu inseparavel cachimbo, sem se importar com os olhares de reprovação que lhe lançavam os elegantes ao passar na rua do Ouro e Rocio.

Adorado pela familia, deixa n'ella um vacuo que nada pode encher, e o partido progressista, em que militava, perde n'elle um dos seu mais leaes e importantes vultos.

Contra as «interviews»

Uma excentrica. — Lady Auckland, que os jornaes ingleses dizem ser um typo muito original, tem a mais viva antypathia á maneira desceremoniosa e intromettida por que os jornalistas realisam as suas *interviews*. N'um premeditado proposito de lição, of-

fereceu cem libras ao primeiro jornalista que conseguisse entrevistá-la na occasião do seu desembarque em Inglaterra de volta da America.

Seria extravagancia ou reclamo commercial sabiamente preparado?

A moda

E' da maior elegancia a toillete de recepção de que damos a estampa. A saia, ou antes o vestido, é de setim *Liberty* côr de peito de rola, e a casaca de velludo de tom mais escuro, bordada a crystal da côr do setim. As abas da casaca, graciosamente torcidas, terminam por grandes laçadas de setim e velludo, seguras por vistosos passadores de crystal.

MODELO DE UMA CAPA

VESTIDO EM CACHEMIRA DE SEDA BORDADO A OURO E PRATA

Damos em segundo logar uma riquissima capa, para sahida de baile ou theatro, de zibelina forrada de magnifico setim branco e guarnecida de pennas, perolas e coraes.

Continuam a usar-se muito os penteados com fitas das côres dos vestidos.

Caprichos da moda

A creação de avestruzes. — O uso das plumas e enfeites de pennas de avestruz, que

a moda generalizou, deu origem a uma industria cujos resultados são altamente vantajosos. O avestruz, originario das planicies da Africa e da Arabia, foi domesticado no Natal em 1874, e esta industria desenvolveu-se tão rapidamente, que em 1879 dispunha de um capital 36:000 contos de pennas. As guerras de que a Africa do sul foi theatro, vieram a aruinar tão florescente industria e levaram alguns proprietarios a transportarem-se com meio cento d'estes animaes para a Nova Zelandia, onde o mais lisongeiro exito veiu coroar as suas esperanças. A Sociedade de Acclimação de Melbourne, conhecedora dos optimos resultados que esta industria proporcionava, introduziu-a e desenvolveu-a em muitas regiões de Australia, onde actualmente existem herdades que contam até um milhar de avestruzes.

Um avestruz de tres mezes custa a bagatella de 25:000 réis; um casal de reproductores paga-se por 500:000 réis. E', como se vê, uma riqueza.

Estimulo aos inventores

O conselho de administração dos caminhos de ferro allemães estabeleceu, á semelhança do que se pratica nas fabricas, uma verba especial destinada a remunerar as invenções dos seus agentes, operarios ou outros empregados que tenham por fim melhorar a exploração das linhas ferreas.

No quartel de engenheria

VISITA DE EL-REI

EXERCICIOS DE GYMNASTICA

Congresso feminino

UM CONGRESSO DE DAMAS, CELEBRADO NA RUSSIA, NO QUAL FORAM ADVOGADAS «AS UNIÕES LIVRES E A POLYGAMIA»

N'este congresso, o primeiro congresso de damas, realisado na Russia, na casa da camara de S. Petersburgo, uma delegada classificou o casamento de mera escravatura e advogou a polygamia como uma instituição ideal. Outras, na mesma ordem de idéas, reclamaram o reconhecimento da sociedade para as «uniões livres».

UMA SCENA DA ZARZUELA «EL SANTO DE LA IZIDRA»

Recitas de caridade

No theatro de D. Maria. — As recitas realisadas em principios de janeiro no theatro normal, por um grupo de gentis senhoras e rapazes da nossa sociedade elegante, a favôr das officinas de S. José, fôram coroadas do melhor exito. Representaram-se as comedias *Manãna de sol, L'anglais tel qu'on le parle,* e a graciosa zarzuela *El Santo de la Isidra,* peças em que os mesmos interpretes já tinham colhido em Cintra fartos applausos. Ninguem os dirá amadores, mas profissionaes. Salientaram-se, entre todos, a familia Morales de los Rios e Nuno Almada pela excessiva naturalidade com que desempenharam os seus papeis.

As officinas de S. José, é uma das mais uteis instituições que se tem creado para suavisar a miseria dos pobres, pois lhes dá meios de a combater e lhes prepara os espiritos para as luctas da vida. Soccorrer este prestimoso estabelecimento, é praticar o bem, coisa que nem sempre se faz.

Bem hajam suas Ex.as pela sua louvavel inicitiva.

GRUPO QUE CANTOU O CÔRO DA ZARZUELA «LAS ZAPATILLAS»

Foot-ball

UM GRUPO DE JOGADORES DO SPORT, CRUZ QUEBRADA, NO CAMPO DO BOM SUCCESSO

UM GRUPO DE JOGADORES DO, INTERNACIONAL, NO CAMPO DE ALCANTARA

O PRIMEIRO E SEGUNDO GRUPO DO CRUZADOR «D. CARLOS» NO CAMPO DO BOM SUCCESSO

Receitas

A pintura invernizada das paredes, fica muito brilhante quando se limpa com chá. Fervem-se as folhas de chá velhas em agua. Isto tambem é bom para limpar mobilia preta, que esteja empoeirada.

*

Para limpar molduras douradas, põe-se a ferver n'um quartilho e meio d'agua, uma porção de flôr de enxofre, sufficiente para tingir a agua, e quatro cebolas. Filtra-se o liquido, e depois de frio applica-se com uma escova macia nas molduras.

A melhor maneira de se ferver leite, é dentro de uma caçarola de agua fria. Esta põe-se ao lume, e deixa-se ferver a agua, durante quatro minutos, depois do que, se tira rapidamente do lume.

Vae-se então mudando a agua em differentes temperaturas até o leite esfriar. O leite deve ser arejado antes de se dar a beber a uma creança, basta agital-o rapidamente na colher durante uns momentos.

*

As dôres de cabeça nervosas alliviam-se rapidamente, fungando-se rabano raspado, e levemente quente.

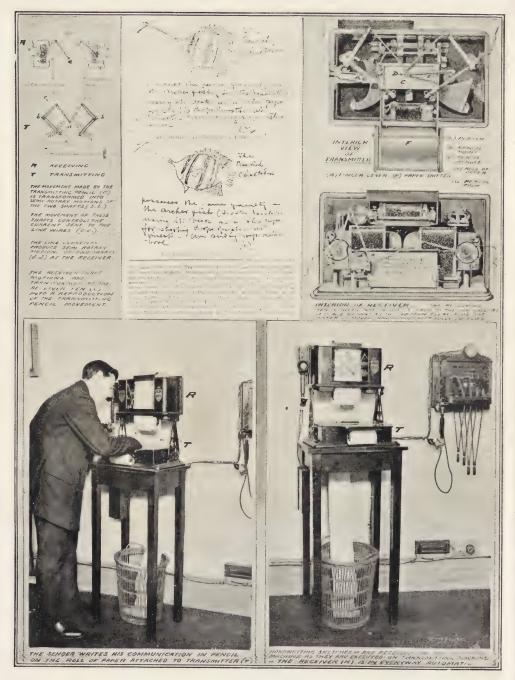
A festa dos pinhões

(Em Santo Amaro)

UM ASPECTO

OUTRO ASPECTO

Aproveitando o telephone

Um apparelho que dispensará o correio. — *O telephone que escreve e desenha.* — A escripta ou o desenho feita com o lapis do instrumento transmissor, são reproduzidos em fac-simile pela penna do instrumento receptador. O apparelho completo consiste no transmissor e receptador que funcciona com a linha do telephone sem interferencia ou

TELEWRITER

Apparelho por meio do qual se póde enviar uma carta e um desenho pelo fio telephonico

(Da *Illustred London News*)

alteração do serviço do telephone. Não é, por ora, uma coisa absolutamente pratica, mas de futuro pode fazer com que se prescinda do correio para enviar cartas, telegrammas e desenhos.

Theatros

S. Carlos. — A bella opera de Saint-Saens, apezar do andamento d'alguns trechos que offereceram ao publico novidade e estranhesa, por não estar habituado a esta interpretação, agradou.

A sr.ª Meicik e o sr. Scampini nos papeis dos protagonistas fizeram-se applaudir sem reservas. O sr. Rosanoff, que substituiu em recitas subsequentes o sr. Scampini no papel de Sansão, excedeu este senhor em muito, excepto na estatura que briga com o papel. A esta opera seguiu-se a segunda recita popular com o *Barbeiro de Sevilha.*

A concorrencia foi numerosa e a peça bem escolhida, por ser das que mais teem agradado n'esta época em que a Companhia Italiana não tem conseguido despertar enthusiasmo nos espectadores.

A *Aida,* e a *Lucia* não conseguiram interessar. N'esta ultima só o sr. Carpi, a quem faltam alguns recursos vocaes, que a encantadora opera de Donizetti exige, mereceu applauso e nem mesmo elle o obteve, tão friamente recebida foi esta *primeira* pelos espectadores.

No *Rigoletto* sim; o sr. Carpi teve de bisar *La donna é mobile* e a sr.ª Nevada e o sr. Nani cantaram o ultimo duetto da opera entre o Rigoletto e Gilda. Foi uma deliciosa surpreza para o publico que está habituado a vê-lo suprimir. Em todos os actos os artistas fôram muito ovacionados.

Mugnone tem feito prodigios. E' inquestionavelmente um excellente director de orchestra e o seu merecimento impõe-se muito notavelmento.

D. Maria. — A Empreza do Normal decidiu tambem, e honra lhe seja, seguir o exemplo de S. Carlos dando recitas populares. Realisou a primeira com o applaudido drama *Beijos por lagrimas.*

A Rosinha do Castello, nova peça de Maximiliano d'Azevedo, é digna de todo o elogio. São tres actos passados nas ilhas e que tem scenas encantadoras de observação e colorido.

Adelina Abranches e Barbara foram inexcediveis; e Joaquim Costa e Ignacio têem n'ella uma scena primorosa.

THEATRO DE D. MARIA — O ULTIMO ACTO D'«A ROSINHA DO CASTELLO»

O sarau promovido pela Real Sociedade de Geographia em favor das victimas dos terremotos da Italia foi brilhantissimo. Todos os que n'elle tomaram parte mereceram calorosos e vivos applausos, que pela sua vehemencia bem demostraram quanto eram sentidos; mas as honras da noite couberam inquestionavelmente ao sr. Alpoim pelo seu primoroso discurso.

Têem-se tambem repetido n'este theatro a *Morgadinha de Valflôr* e *Les Fourchambaut.*

D. Amelia. — Além de algumas repetições da *Zazá, Ladrão* e *Minha mulher noiva d'outro,* houve n'este theatro as seguintes *primeiras:*

M'Amour de Bilhaud e Hennequim, levada pela troupe Mayol.

Não é, como em geral o theatro moderno, d'uma grande moralidade, mas, talvez por isso mesmo, agradou bastante ao publico que applaudiu freneticamente.

Quanto ao *Je ne sais quoi* de Francis de Croisset e *Depuis six mois* de Max Maurey cahiram decididamente no gosto dos espectadores.

O terceiro espectaculo d'esta companhia deu-se com a peça de Sardou *La papilone*, cançonetas de Mayol e *La chance du mari* de Roberts de Flers e Caillavet.

Despediram-se com uma *matinèe* em que se representou a peça em tres actos *Les trois sultanes* e a linda comedia de Musset *Il faut qu'une porte soit ouverte ou fermée*, além das canções de Mayol.

Esta companhia deixou no publico a melhor impressão e gratas recordações de difficil esquecimento. A' contrariedade de a ver partir póde-se responder, com a phrase consagrada ás andorinhas:

Ils reviendront.

O chá das cinco do Dr. Augusto de Castro é uma comedia interessante sem grandes scenas que impressionem o publico, mas simples, natural, cheia de graça delicada e fulgurante de espirito: pois com todas estes predicados não prendeu muito os espectadores. As plateias estão tão habituadas á graça chula, ditos picantes e phrases vermelhas, que a uma comedia de sala prefere-se (é triste) sem duvida a *Lagartixa*.

Trindade. — Taveira não tem senão a louvar-se da nova fórma por que explora este theatro.

O publico tem corrido ali e não tem regateado palmas aos interpretes do *Barbeiro de Sevilha, Bohemia* e *Carmen* que tiveram um exito completo.

Muito brevemente sobe á scena *A Serrana* de Lopes de Mendonça e A. Keil.

Repetiram-se alli tambem as conhecidas peças *Madame Favart, Capital Federal e Solar dos Barrigas.*

Principe Real. — O *Kean* teve, como era de esperar, uma verdadeira enchente. Brazão houve-se com a sua costumada mestria e os outros actores com correcção muito de elogiar: agradou como sempre.

A comedia drama de Strimberg que se intitula *Pae* e na qual Ferreira da Silva tem uma das suas melhores creações, teve tambem na Rua da Palma exito identico ao que obteve no Normal.

E da *Timidez de Cornelio Guerra* não é preciso dizer mais do que isto: *Brazão* desempenhou n'ella um interessante papel e a adaptação á scena portuguêsa foi feita por *Eduardo Garrido*. Para se fazer idéa é preciso mais?

Representaram-se tambem *Fr. Luiz de Sousa, Mysterios do Convento* e *João José*, tudo peças conhecidas do publico e recebidas por elle com prazer.

Gymnasio. — *O olho da Providencia* de tal modo se acha bem no cartaz que só ha pouco permittiu

THEATRO DA TRINDADE — UMA SCENA DA «CARMEN»

[j]ogar n'elle aos *Doidos com juizo*, comedia allemã [e]ngraçadissima, que desperta sempre no publico gar[g]alhadas consecutivas *A virtude triumphante*, *Calixto* [J]*unior*, *Fonseca e Roquette*, *Ditosa bofetada*, monologo [d]ito pelo Valle e que faz rir as pedras, têem acom[p]anhado a *Providencia* no cartaz.

Avenida. — Foi recebida com grande e sincero [a]pplauso a *Severa*, opera comica em tres actos de Julio Dantas e André Brun com musica de Filippe Duarte. Julia Mendes é primorosa no papel da pro[t]agonista e todos os outros actores vão bem não des[m]anchando o conjuncto harmonioso da peça que tem [o] merito, infelizmente tão raro entre nós, de ser ge[n]uinamente portuguêsa. A partitura encerra trechos de grande melodia, e honra muito o compositor.

A viagem da noiva, tambem tem sido representada.

A festa dos Reis

O MINISTERIO CAMPOS HENRIQUES A' SAHIDA DA SÉ

Rainha Guilhermina

PALACIO REAL EM HAYA

Foi nos aposentos que ficam na frente do palacio que a rainha da Hollanda teve o seu parto.

Lucta

POULE DE LUCTA GRECO-ROMANA NO REAL CLUB NAVAL

Outro invento

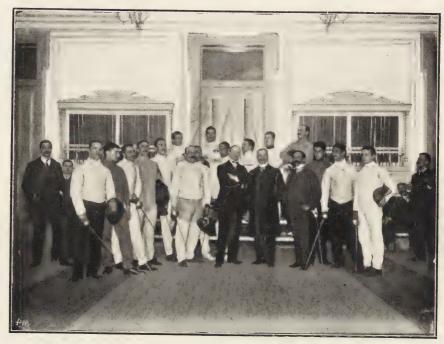
UM NOVO CARRO PARA AMBULANCIA INVENTADO EM INGLATERRA

O dictographo

Quem conhece o *telephone* não ignóra o inconveniente da conversação poder ser interceptada por um terceiro. Para assegurar o segredo das communicações telephonicas, um inventor americano construiu um apparelho muito engenhoso e pratico, a que deu nome de dictographo. Nas experiencias realisadas, mostrou de modo decisivo, satisfazer plenamente ao fim a que era destinado.

Commodidades principescas

CASA DE JANTAR DO COMBOIO REAL DO REI EDUARDO VII DE INGLATERRA

Centro nacional de esgrima

UMA DAS RECEPÇÕES SEMANAES DOS ATIRADORES DOS OUTROS CLUBS

A direcção do Centro Nacional de Esgrima, querendo dar prova da boa camaradagem que anima todos os seus socios, resolveu receber todas as semanas os membros das outras associações congeneres. A photographia que reproduzimos é tirada no momento em que, depois de varios assaltos ao florete e á espada, tanto convidados como socios, tendo os seus dois mestres de armas Antonio Martins e Vega á sua frente, se juntam em fraternal e aprazivel convivio.

SERÕES

LIVROS, REVISTAS E JORNAES

RECEBEMOS E AGRADECEMOS:

Contos do estio e do outomno, por *Luiz de Magalhães*. — O filho do grande orador parlamentar que foi José Estevam, é pelo seu talento, digno representante do nome doirado que herdou.

Poeta de alma e coração, o prosaismo da politica não conseguiu affasta-lo das lettras que cultiva com arte e primor. Veja-se:

... quando chegam da velhice os gêlos, quando ella n'uma auréola de prata vem, austera, cingir nossos cabellos, — Oh! nessa idade desolada e ingrata consola o coração, triste e descrente, ir folheando pensativamente essas antigas paginas da vida...

A Cruz de Villa Viçosa — Encontrada pelo sr. *Francisco Ribeiro da Cunha* no espolio litterario de Rodrigo Vicente d'Almeida, foi por este senhor editada com manifesta vantagem e applauso de quantos se interessam por estudos historicos.

A questão agraria, por *Antonio Lino Netto*. — E uma obra valiosa para todos que desejem conhecer as riquezas do solo patrio. O auctor investiga n'ella não só a multiplicidade de culturas a que se prestam os terrenos de Portugal, como vai procurar no desleixo e abandono de tão interessante assumpto, evidente fundamento da miseria e decadencia da raça.

Leitura muito interessante e instructiva é livro que, estamos certos, todos lerão com prazer.

Diz o auctor no prefacio, que o escreveu por ter de apresentar uma dissertação para o concurso da 16.ª cadeira do Instituto Industrial e Commercial de Lisboa. Ainda bem que teve esse motivo que nos proporciona tão uteis conhecimentos.

Trabalhos da Academia de Sciencias de Portugal — Primeira serie — Tomo I — Esta Academia, fundada apenas ha pouco mais de um anno, tem sido d'uma actividade muito digna de louvor. A publicação d'estes seus primeiros trabalhos é interessantissima e muito para lêr-se. Sendo escasso o nosso tempo para estudar como merece tão valiosa obra, referimo-nos apenas á parte que d'ella já podemos apreciar. Assim, os estudos anthroprologicos do Dr. Aurelio da Costa Ferreira, continuador incansavel da magnifica obra de Ferraz de Macedo, sobre João de Deus, são de grande interesse.

As investigações sobre o auctor da Arte de Furtar, que segundo as curiosas observações de Bruno não é como se julgara o padre Antonio Vieira, a quem se attribuia aquelle livro de graça e espirito inegualavel, Este estudo tem o melhor convite aos olhos no nome que o firma.

Sobre a renovação material de Lisboa, por *Abel Botelho*. — E' uma conferencia interessante na qual o orador se insurge contra a falta de esthetica que predomina na construcção da cidade em que ha a mania de abusar da linha recta, etc.

Como se vê é substanciosa e variada a materia d'este volume que promette a sequencia de outros não menos valiosos.

A boa mãe, Uma licção da historia, Para as creanças. — tres livros optimos recentemente postos á venda e que farão as delicias dos pequeninos leitores. D. Anna de Castro Osorio, sua auctora, cujo inquestionavel merito é notorio, tem dispensado os maiores disvelos e estudado com minucioso cuidado todos os processos modernos de educação. Os seus livros teem nos espiritos infantis uma grande e benefica influencia, e recommenda-los ás mães, é fazer-lhes favor e conquistar sympathias das creanças a que devem ser dados como premio de bons estudos. Serão indubitavelmente, certo estimulo.

Manhã, por *João Maria Ferreira*, que no ultimo concurso dos *Jogos Floraes* teve, n'este poemeto a classificação de bom. Editou-o o auctor e já em tão curto espaço o reedicta. E' esta, sem duvida, cabal recommendação.

SERÕES

A empreza dos **Serões,** grata ao carinhoso acolhimento que o publico lhe tem dispensado quer em Portugal quer no Brazil, introduziu-lhe, a contar de janeiro ultimo, importantes modificações, afim de que esta magnifica revista corresponda em todos os pontos á sua missão.

A parte litteraria continuará a ser esmerada como até aqui e desenvolverá largamente a representação photographica dos acontecimentos mais importantes que se derem tanto no paiz e Brazil, como no estrangeiro.

Conterá com o maior desenvolvimento possivel e profusamente illustrados, artigos sobre viagens, sciencia, litteratura, arte, sobre o progresso da industria e do commercio, contos, poesias, romances dos melhores auctores nacionaes e estrangeiros, etc.

Terá as suas paginas sempre abertas tanto ás pennas já consagradas como aos **novos escriptores** que se evidenciem pelos seus meritos e pelo seu trabalho.

Será um defensor estrénuo dos interesses commerciaes e industriaes publicando gravuras e descripções, de quantos inventos e conhecimentos sejam uteis para a sua propaganda e alargamento de transacções.

Inserirá uma resenha bibliographica dos principaes livros publicados em Portugal, no Brazil, Hespanha, França, Italia, Inglaterra, Allemanha e America do Norte.

Dará uma pagina musical, incluida no texto, das operas, operetas, operas comicas, de compositores portuguezes que tenham obtido maior exito nos theatros, concertos, etc., a par das melhores estrangeiras modernas ou classicas.

Tendo provado a experiencia que a folha solta dos moldes e das modas se extravia frequentemente, pelo que a administração tem recebido multiplicadas e repetidas reclamações, os **Serões** publicarão no texto uma pagina artistica sobre quaesquer novidades que interessem ás senhoras com um artigo explicativo em que se faça a historia d'essa novidade, o que determinou o seu apparecimento, a vantagem ou desvantagem do seu uso, n'uma palavra a critica feita por uma das nossas collaboradoras.

Organisará uma galeria tão completa quanto possivel de senhoras portuguezas e brazileiras que pela sua elegancia, benemerencia, caridade, dotes de espirito, posição e virtudes sejam notaveis.

Muitas outras vantagens de ordem material e espiritual proporcionará aos seus leitores e assignantes, avultando entre essas um

BONUS

aos nossos assignantes e aos que se inscrevam por periodo não inferior a um semestre e que desejem completar o mais bello **magazine** portuguez — **Serões** —, desde o seu inicio, podendo adquirir um volume ou todos os dez publicados com um abatimento de 50 % do seu custo real.

BRINDE

Uma viagem de Lisboa a Paris

Ida e volta em 1.ª classe

e em época determinada pelo contemplado, ou, ainda, o **seu equivalente em moeda corrente.**

Este brinde recahirá por meio do sorteio da loteria do Natal de 1909, áquelle que possuir o numero a que couber o premio maior. A elle teem direito os assignantes de um semestre, que perceberão para tal fim uma senha numerada, e os assignantes annuaes duas, senhas estas que serão opportunamente enviadas aos nossos assignantes nas circumstancias expressas.

Assignatura de 1909 Os srs. assignantes dos *Serões* que pagarem adeantadamente, ficam desde já habilitados ao **BRINDE** que este Magazine offerece a todos que tomarem a assignatura dos doze mezes do corrente anno (n.os 43 a 54). Dirigir as importancias a Caldeira Pires, Praça dos Restauradores (Palacio Foz).

Proprietaria: Livraria Ferreira — **Director litterario:** Eduardo de Noronha — **Director gerente:** Caldeira Pires — **Séde da redacção e administração:** Praça dos Restauradores, 30. — Composto e impresso na **Typographia do Annuario Commercial,** Praça dos Restauradores, 27.

Summario

A

DIRECTOR LITTERARIO
Eduardo de Noronha

Serões

ADMINISTRADOR
Caldeira Pires

Propriedade da LIVRARIA FERREIRA

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Redacção, administração, officinas de composição, impressão, photogravura e encadernação

Praça dos Restauradores, 27

LISBOA (PASSAGEM DO ANNUARIO COMMERCIAL) Telephone 805

As nossas capas de luxo

Com o n.º 42, completou este bello magazine portuguez — **Serões** — o **7.º volume** da **2.ª serie.**

Os nossos estimaveis assignantes que desejarem utilisar-se das capas — de bello effeito em fundo de percalina vermelha a ouro e negro — pódem enviar-nos os 6 numeros para encadernar, juntamente com a importancia de 300 réis (custo da capa), 100 réis (de empaste) e 100 réis (de porte do correio), ou seja, tudo, **500 réis,** que dentro de cinco dias receberão o volume encadernado.

Os **Serões,** assim acabados, mais evidenceiam ser a publicação, relativamente, mais barata que se faz entre nós.

1.ª Série
QUATRO VOLUMES
A 1$200 réis cada

2.ª Série
SETE VOLUMES
A 1$200 réis cada

NOTA. — O maço a remetter-nos deverá ser embrulhado em papel consistente, atado com cordel forte, para que os numeros não soffram com o transporte. O pacote, devidamente estampilhado com sello de 80 réis, deve ser dirigido á

Administração dos SERÕES

Praça dos Restauradores, 30 — LISBOA

Revista bibliographica universal

Obras do Conde de Monsaraz. Dois volumes de versos. Contém um: Do ultimo romantico, paginas soltas e Severo Torrelli. Contém outro: Catharina de Athayde, O grande marquez, lenda do jesuitismo. Edição esmeradissima da livraria Ferreira.

Embrechados. *Conde de Sabugosa.* Segunda edição primorosa da livraria Ferreira.

Os delinquentes passionaes e o criminalista Impallomeni. *Emmanuel Lasserre.* Traducção em portuguez. Edição muito cuidada da livraria Ferreira. Cento e oitenta e sete paginas.

A questão agraria. *Antonio Lino Netto.* Estudo interessantissimo. Tresentas e cincoenta paginas.

Acções catalyticas. *Antonio Lino Machado Guimarães,* Licenciado em Philosophia Natural. Cento e sessenta paginas.

Os nossos amigos. *Anna de Castro Osorio* e *Paulino de Oliveira.* Livro approvado e adoptado para as escolas pelo Conselho Superior de Instrucção Publica de Minas Geraes. Contém doze contos e numerosas illustrações.

Uma lição da historia. *Anna de Castro Osorio.* Livro de leitura approvado pelo mesmo conselho que approvou o anterior. Oitenta paginas e numerosas gravuras.

La Mort de Philae. 37.ª edição. *Pierre Loti.* E' uma narrativa deliciosa, tendo por thema o Egypto, cheia de côr local e escripta no estylo suggestivo e evocador do eminente homem de lettras francez. Preço 3 fr. e 50 cent.

La Tournée du Petit Duc, de *Willy.* N'uma edição elegantissima, o auctor dá-nos um romance moderno, recheado de observação, com personagens typicas, de um grande relevo. Preço 3 fr. e 50 cent.

Les Porteuses de Torches, de *Jehan d'Ivray.* Além de uma edição primorosa, com vinte e duas gravuras de pagina, é uma novela onde a phantasia corre parelhas com o exame pormenorisado e optimamente reproduzido de scenas de vida actual. E' uma novela que empolga o leitor desde o primeiro ao ultimo capitulo. Preço 3 fr. e 50 cent.

Ce qu'il faut savoir d'hygiene, dos professores *R. Wurtz* e *H. Bourges.* Contém onze capitulos sobre todos os assumptos de hygiene, singela e proficientemente redigida, com o texto elucidado por gravuras.

Principes de thérapeutique, por *A. Mauquat,* medico em Nice. Doze capitulos, 365 paginas. Edição cuidadissima.

Au coeur de la vie. *Pierre de Coulevain.* Impressões de viagem. 412 paginas. 3 fr. e 50 cent.

Les détours du coeur. *Paul Bourget.* Romance. 380 paginas.

Les Vrilles de la Vigne. *Colette Willy.* Edições de «La vie parisienne». Compilação de varias narrativas attrahentissimas. Duzentas e vinte e quatro paginas. Preço 3 fr. e 50 cent.

Les Médicaments usuels. *Dr. Alfredo Martinet,* antigo interno dos hospitaes de Paris. Therapeutica clinica. Terceira edição. Quinhentas e desaseis paginas com gravuras intercalladas no texto.

L'education de soi même. *Dr. Paul Dubois.* Duzentas e sessenta e quatro paginas.

Juvenilia. *Odilon Nertoi.* Com o retrato do auctor. Poesias. Cento e trinta e seis paginas.

Todos estes livros se encontram á venda na Livraria Ferreira, Rua do Ouro, 132 a 138, Lisboa.

Avis. — Les titres de tous les ouvrages dont deux exemplaires auront été envoyes à la redaction des *SERÕES*, seront le sujet soit d'un compte-rendu, soit d'une mention spéciale, selon l'opportunité reconnue de la publication

SERÕES
N.º 46 — ABRIL
LIVRARIA FERREIRA—EDITORA

P. Marinho gr.

Alfredo da Cunha

Poeta, escriptor e jornalista. O «Diario de Noticias» deve-lhe a sua orientação calma e sensata. Sob uma apparencia franzina occulta indomavel energia, uma grande bondade de alma, um genio ponderado. E uma individualidade em relêvo no nosso meio litterario, jornalistico e social.

Lição de linguistica

AMOR, substantivo masculino;
do latim *amor*.

(De todos os diccionarios)

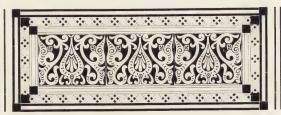
Seja quem fôr que te adextre
No ensino da nossa lingua,
Seja quem fôr o teu mestre,
Vê-se-lhe bem que tem mingua

Do que vale mais que a sciencia
E que as regras da grammatica,
Porque lhe falta a experiencia
E tudo ignora da pratica.

Cita-te mil diccionarios,
Com outras tantas theorias,
Tratados, vocabularios,
Insulsas philologias;

Cita-te um livro genial
Que inventa origens profundas
De palavras que afinal
São d'outra parte oriundas.

— Obra que explica e ensina
Que o que chamamos «amor»
Vem da palavra latina
Que lá indica o auctor.

São mentiras, bem o creio,
Quanto de ler eu acabo
N'esse livro de erros cheio
Do principio até ao cabo.

Acceito sem reluctancia
Que o amor é substantivo,
Porque está n'elle a substancia
De quanto no mundo é vivo;

Que além d'isso é masculino
Tambem admitto que o seja,
Visto que amor feminino
Não é cousa que se veja,

Ninguem sabe em que consiste,
Como nasceu, quanto dura,
E é duvidoso se existe
Ou existiu porventura...

Mas derivar do latim,
De paternidade estranha,
A paixão que brota em mim,
Não é verdade, é patranha.

Que seja a lingua latina
— Lingua de padre prior —
Mãe de palavra tão fina,
Repelle-o o meu proprio amor!

. . . .

O amor, da alma é que vem,
D'ella tira a sua origem,
E as forças todas que tem
A outra alma se dirigem.

A raiz está no peito,
E a sua derivação
Bem a aprendi, com effeito,
Em tempos que já lá vão!

N'aquelle ditoso dia
Em que eu, na luz d'um olhar,
Li toda a etymologia
D'essa palavra sem par;

Quando puderam teus labios
Dar-me do amor a saber
O que eu nunca em livros sabios
Sem ti pudera aprender...

Alfredo da Cunha.

Bulhão Pato

IMMORTAL auctor da *Paquita*, aquelle rutilo e deslumbrante espirito que attrahe quantos se lhe approximam, é hoje um lindo velho, com uma gentilissima cabeça, que tenta, provocando o pincel dos artistas, e foi na minha creancice um bello homem.

Vejo-o ainda na Trafaria, quasi sempre acompanhado por seus sobrinhos, Raphael e Nuno, e por seu afilhado Antonio, vestindo o elegante trajo de caçador com que depois Luppi o retratou.

Eu era então muito creança e, d'esse tempo, só conservo distinctas as impressões que vivamente me feriram a imaginação. Lembram-me os vultos e não me recordo geralmente das feições. Duas pessoas, porém, me ficaram n'aquella época nitidamente gravadas no espirito. D. Maria da Piedade, irmã do eminente escriptor, e Bulhão Pato que deslumbrava os meus olhos e a minha imaginação.

Eu achava-o bello, encantador, e tinha como que a intuição da sua grande superioridade.

O seu pittoresco trajo de caça, que lhe valorisava a figura gentil, dava-lhe aos meus olhos de creança um immenso relevo; parecia-me um heroe de lendas maravilhosas deslocado na terra entre os homens aos quaes em nada se assemelhava. Assim, desde que elle entrava em nossa casa, cessavam para mim as brincadeiras: parava a distancia de modo a vêr e ouvir, sem despertar a attenção dos meus, e, chupando malcreadamente o dedo polegar da mão direita, entretinha a esquerda a torcer e destorcer as bordas do bibe. Esta attitude valeu-me inumeras reprehensões; era machinal sempre que me alheava de mim e me dispunha a estudar os outros, o que talvez não creiam, mas é uma das mais gratas occupações das creanças.

Estudando, pois, Bulhão Pato, admirava-o profundamente, e tanto, que tenho na memoria desde então versos seus, escriptos por brincadeira, a proposito d'um dôce feito e mandado por minha mãe a sua irmã, versos que elle esqueceu, e talvez os outros. Tão devotadamente os recolhi na memoria que hoje, que tudo deslembro facilmente, acodem-me sem o menor esforço aos bicos da penna. Ahi vão. Elle, se os lêr, sentirá talvez uma lagrima humedecer-lhe as palpebras. A recordação d'um passado radioso de mocidade e espirito é sempre saudosa. Fôram dirigidos a meu avô:

General, pede o meu voto?
Pois francamente lá vai.
Não é voto de «S. Bento»,
Nem tambem lisonja ao pae.
Pondo as mãos nos Evangelhos
Juro ser bôa a compota,
Mais do que bôa obra prima
Obra de D. Carlota.

Annos depois, creança ainda, via-o semanalmente em casa d'um nosso grande amigo, hoje fallecido, ouvia-o recitar com recolhimento, e d'esses serões, para mim de dôce recordação, são Bulhão Pato e Thomaz Ribeiro as pessoas que me deixaram mais grata impressão.

Parece-me que o estou vendo, n'um gesto que ainda hoje lhe é habitual, passar os dedos pela farta cabelleira ao passo que recitava versos encantadores que me deixavam n'alma um rasto de melancolia e prazer!

Foi d'essa casinha branca
Que a avesita voou...

Terminava assim a ultima poesia que ali lhe ouvi.

Ora se um espirito de creança, sem desenvolvidas faculdades de apreciação, era assim deslumbrado e attrahido, como satellite por um astro, que impressão não produziria a sua personalidade inconfundivel n'aquelles que estivessem preparados para a poderem estivar á sua justa altura?

O talento d'este mestre é facetado como um diamante; cada ponto que fitamos parecenos sempre o mais luminoso.

BULHÃO PATO NO JARDIM DA SUA VIVENDA

Como prosador, a elegancia e propriedade da expressão, os recursos inexgotaveis da nossa lingua que elle conhece e trata como poucos, dão aos seus trabalhos grande realce e põem-lhe nos labios sorrisos de desdem sempre que vê recorrer a estrangeirismos para exprimir mal em lingua alheia o que tão bem diriam na sua. E não se fica em sorrisos. Vêja-se:

Nada

Livros de grande lombada,
E tudo, fio a pavio,
Uma estupenda maçada!...
Do paiz... nem o arrepio
D'um bico salgado... Nada!

....

Nas serras da nossa Beira,
Um magusto de castanha,
E circundando a lareira,
Olhos de força tamanha,
Que matam por brincadeira!...

A cantar a canna verde
Uma cachopa de Aveiro!
Chispando como um valverde,
De tamanquinha e sombreiro,
Com que o mais santo se perde...

Revoluteando a bailar,
Arrecadas, rendas brancas,
Olhos em braza a saltar,
Batendo as roliças ancas,
Derreada sobre o par!...

No Alemtejo, manhã fria,
Pelos bravios montados,
A retumbar a alegria
D'alguns moços bem plantados
Que lá vão á montaria!...

Nas nossas vastas campinas
Novilhos brincões mugindo,
Pelas tardes crystallinas,
Entonados, investindo,
Provando as forças taurinas!...

Com os passados alentos,
Propiciarmos o futuro,
E ás ruinas dos monumentos
Arrancarmos o oiro puro
Dos nacionaes sentimentos!...

Nada!... Extrangeiras figuras,
Repintadas bem ou mal,
Que ás primeiras raspaduras
Deixam vêr o original
A rir das caricaturas!

Não são estes versos prova, se prova fôsse precisa, de que Bulhão Pato como poeta, artista e critico, é eximio?

As suas descripções participam do brilho dos olhos com que viu, as suas georgicas criam bucolicos, e as suas temiveis e temidas satyras. capazes de causarem frio á pedra e calor ao lume, são, por todos os que prezam as lettras patrias, admiradas com desvanecimento.

Elle descreve a natureza como ninguem. E' natural. Durante a sua longa vida conversou sempre tanto, tanto com ella que, reconhecida de ter captivado tão gentil espirito, ella contou-lhe abandonadamente os seus mais intimos segredos. Como elle os comprehendeu todos sabemos.

Ha tempo, por uma linda manhã (não me lembra a época do anno) fui ao Monte visitar aquelle querido mestre; encontrei-o passeando na sala, de olhar incendido face rosada, como se o fogo do coração lhe custasse a conter.

BULHÃO PATO NO SEU GABINETE DE TRABALHO

— Interrompi-o no melhor de qualquer composição? perguntei.

— Não, não me interrompeste. Repetia umas singelas quadrinhas que improvisei hontem a um recemnascido que ia a enterrar.

Depois, levando-me á janella do seu quarto, ajuntou indicando-me com a mão o local.

— Descia eu aquella encosta, além, era quasi sol posto. O caixãosito era levado por creanças e os raios agonisantes do sol envolviam o pequenino ser como n'um ultimo e meigo affago... Recebi uma dolorosa impressão. Ouve o seu resultado.

E com voz sonora, cheia de modulações suavissimas, verdadeira voz de poeta, começou:

Dois beijos

Dois beijos tiveste um dia...
Da aurora, quando nasceste,
E á tarde quando morreste
Do sol que tambem morria.

Foi ditosa a tua sorte
Nos instantaneos lampejos...
Quantos não tem d'esses beijos,
Nem na vida nem na morte.

O sol, no espaço de um dia,
Que mais podia fazer,
Que dar-te um beijo ao nascer,
E um beijo quando morria?

Quando terminou nenhum de nós tinha os olhos enxutos.

Falei do seu sentimento. Quanto á sua graça e ao seu espirito não conheço nada mais delicado e leve, ou mais pesado e cortante, segundo pede o assumpto.

Exemplos d'uma e de outra fórma, tirados das suas memorias, mas que lhe ouvi dos proprios labios. E' elle que fala:

«Um dia na Arenosa entraram mais dois hospedes: José Dias Ferreira e Fernando de Mello. José Dias teria vinte e quairo annos; era lente da Universidade, fôra deputado e fizera um discurso que prenunciava o grande e futuro orador; Fernando de Mello, medico, falava com facilidade e elegancia, um pouco ornamentada a phrase no estylo coimbrão do tempo.

A VIVENDA DE BULHÃO PATO

A' noite, quando a palestra se animara, entrou a metter mão commigo. Cruzamos os ferros. A um bote imprevisto que eu lhe atirei, perguntou-me com mordente ironia:

— Porque não disse isso em verso?

Respondi-lhe de improviso com estes dois embrechados:

E' filho de Pena Cova
Este doutor transcendente.
Arreda de lá tal penna,
Que traz a cova ao doente!

De Pena Cova sahiu,
Fernando de Mello um dia.
Sabem que fez? Quem diria!...
A quantos doentes viu,
Co'a penna a cova lhe abriu!

Embainhamos os floretes e reconciliamo-nos em seguida ao nosso jovial duello.»

Contando uma engraçadissima questão com uma peixeira, questão a que chama a sua *Oração da corôa*, e que não reproduzo aqui porque já vae longo o artigo para o espaço de que me é dado dispôr, depois de descrever com o seu habitual chiste a incomparavel scena na qual venceu a vendedeira em *bellas* palavras termina com esta magnifica phrase:

— Se me dá para entrar em S. Bento, calcule o leitor onde hoje estaria!...

Ouvir-lhe contar o passado é vêr erguerem-se ante nós seres que, conhecidos de nome, elle nos mostra com palavras que excedem photographias.

Como elle diz os seus versos! que fogo! que paixão! que vida!

E o homem, o homem pelo lado grave da palavra?

Vale o litterato; se fôra possivel, mais talvez. Liberal de convicções arreigadas, amante do progresso e da civilisação, nimia-

mente apaixonado por todos os problemas sociaes, Bulhão Pato, que já fez oitenta annos, se tivesse nascido hoje, seria, pelos seus pensamentos e sentir, o homem de ámanhã.

Elle está tão novo de espirito e coração, que, ouvindo-o, nos espantamos da sua sadia vivacidade: tem o coração nos labios, a alma nos olhos. E é tão raro isto hoje no nosso meio e na nossa época!

O amôr, a liberdade, a natureza teem no seu coração fervente culto. Sempre que se refere a esta ultima sahe-lhe dos labios este brado enthusiastico:

— Nada mais bello!

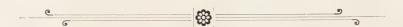
Bulhão Pato ganha em ser conhecido. Quanto mais intimamente o tratamos acontece-nos o contrario do que é vulgar: descobrimos-lhe qualidades novas em vez de defeitos.

A sua modestia é unica. Chega a dar aos outros a impressão de que não conhece o seu merecimento.

Se me perguntarem qual das multiplas fórmas d'este pujante talento me é preferida responderei sem hesitar:

— A satyra.

O ultimo livro do decano dos poetas portuguezes é um verdadeiro thesouro e o seu suggestivo titulo, *Faiscas de fogo morto*, mostra que elle, ao contrario dos que critica no seu *Nada*, tem tal abundancia de idéas, que transbordando do volume vieram poisar na capa.

MARIA O'NEILL.

Maldita!

Maldita! Maldita! eis a voz que eu escuto
Nas sombras da noite, se geme o tufão;
Ao longe lá ouço bramir a tormenta,
Não menos medonha no meu coração.

....

Março de 1862. *Anna Placido.*

MALDITA POR QUÊ?

Maldita! Que importa que o mundo te brade,
Que a infamia na fronte te escreva: «Maldita!»
O Christo, no lenho da dôr infinita
Tambem foi maldito da raça precita,
E Christo era um Deus.

Para cada martyr, crê-me,
Um anjo baixa dos ceus,
Que ao Senhor leva uma prece
Como a teve os labios teus.

Maldita! Por quê? Mãe que adoras teu filho
Que desces com elle aos abysmos, cuidando,
Que a paz te convida, e voltas chorando,
Maior desventura na terra buscando,
Com ancia de mãe!

....

Março de 1862. *Camillo Castello Branco.*

ENXUGANDO AS REDES

O Engerido e a Sereia

(Scenas da Beira-Mar)

(Conclusão)

VII

AL a esquadrilha das lanchas, balouçando na derradeira vaga, atraca á margem, o areal, ainda ha pouco quasi deserto, coalha-se instantaneamente d'uma multidão formilhante e ruidosa.

Dos casebres baixos e caiados, em cujas vidraças o sol arde, ao alto da praia, toda a população desce correndo, pelas estreitas ruellas areadas, onde eternamente paira o fartum acre do peixe e da salmoura.

Agitando as saias curtas, com os cabazes da *salga* e as canastras do peixe, em fórma de berços, á cabeça, todas as vareiras afluem, preparadas para a faina de escorchar, lavar, *revenir* e acamar a sardinha, que em seguida wagons, carros de bois e machos d'arrieiros, carregam aos milhões, para os mercados da cidade.

Em bandos, a canalha inumeravel faz uma gritaria estridula, cabriolando na maré, com os corpos nús que lembram, ao sol, maravilhosas miniaturas de bronze fulvo, entre a brancura palpitante das espumas.

E' a hora viva, a hora d'apotheose da labuta e do leiloar. Toda a população válida, sonora e activa, moureja, corre, agita-se, berra, alterca sobre o vasto areal louro. Nas casas, apenas ficam os doentes e os velhos, sentados ás portas, fumando as ultimas cachimbadas de veteranos do Oceano, com olhos cançados — tão tristes, de já não enxergarem as ondas!...

Nada mais pittoresco e fulgurante de côr, vida, movimento, de que essa immensa mancha a pollular de fórmas e cambiantes em que um pintor ou estatuario encontrariam, a cada relance, motivos d'arte incomparaveis.

Em frente do azul ardente da bacia, irradiando em cada aresta de vaga reverbéros de chamma e relampagos de safiras, todo aquelle turbilhão movediço de povoléu, em que gritam as notas escarlates e amarellas das saias de baeta e dos lenços azues, roxos, brancos, verdes; — toda aquella onda humana que sem cessar se renova, agita e desloca em attitudes cada qual mais flagrante, sobre o infinito deslumbramento do mar, torna evolativos aspectos de vida barbara.

E sobre este brazeiro de tintas, sobre esta rmesse de fórmas, os ultimos raios do sol batem-se quasi horisontaes, tremulando uma poeirada de fogo; — pairam, chammendo, ao rez do areal, n'uma imponderavel evoa de fumo doirado, onde o movimento as figuras destacam phantasticamente, d'um lêvo imprevisto de tons para embriagar a tina exthatica d'um colorista.

VIII

Entretanto, aos pares, correndo, com as lças arregaçadas sobre os joelhos, vão os escadores acarretando dos catraios, nos gos atulhados, as sardinhas colhidas nas *eças* vareiras ou nas *tortas* á poveira.

Em cardumes luzentes, com reflexos limdos d'escamas azuladas, esvaziam-nas sore o areal amarello. E em breve, por toda praia alastram aquelles charcos de prata quida, rebrilhando, mordidos da luz, entre negrejar da gente que os circunda.

Pago o *dizimo* ao guarda do fisco que ae de grupo em grupo com seu ar imporinte, cofiando o bigode, começa o leilão ntre a gritaria do tropel vociferante que o dia seguinte, logo ao romper d'alva, correrá... as ruas distantes da cidade, lanando aos ares, com a mão em porta-voz obre as boccas escancaradas, os pregões stridulos:

— Viva da costa! quem n'a quer a saltar ivinha!...

Sobre o alarido confuso da multidão, soem no ar os clamores dos arraes, herculeos roucos, com os cadernos das contas branuejando nas mãos pelludas:

— Quem merca a lóta?

— Está em dez mil réis!

— Quem a merca, gente, quem merca a ota barata!

E os lanços vão subindo.

— Está em quinze! Dá quinze e meio!...

— Quem dá mais?

— Dá vinte!

— Dá trinta e é de graça!...

— Ai que rica! ai que rica lota!

Para atraír os compradores, as mulheres songeiras e avidas como ciganas, teem diinuitivos de carinho, palavras de mel!

— Vá! que é tão vivinha, amôres!

— Compraide-me, compraide-me a mim, ue sou tão fresquinha, meus soes!

Mas logo mudam de attitude, ante uma offerta mais diminuta. Descompostas em ataques de furia, ao menor pretexto, arregaçam as mangas, redopiam os saiotes, batem palmadas nas faces e nos trazeiros.

A cada instante, rebentam disputas. Com as cabeças estorcidas em esgares de megeras, puxam os cabellos despenteados, como se fossem arrancal-os, em crises epilepticas. Impulsivas, com as mãos nas cintas, os bustos curvados para os adversarios, silvam pragas extraordinarias, d'um pittoresco, d'um imprevisto de expressão inimitavel, acompanhadas do cortejo de juras tradicionaes d'essa raça nomada de zingaros do mar, entremeadas de signaes da cruz, de gestos obscenos, e de invocações á Virgem e a todos os santos.

Aproveitando-se do tumulto; entretanto, pequenos larapios de dez annos, escoam-se por entre os grupos, como gatos, e com uma perna estendida, vão rapinando as sardinhas, fisgadas entre os dedos dos pés, como tenazes vivas.

— Quem n'a quer tão linda! quem n'a quer tão linda! — gritam, ao mesmo tempo, as *arraias* das outras lotas de sardinha, que os pescadores, sem descançar, vão descarregando dos catraios.

— Eh! malinados!

— Ah! raio, que te esgano a alma!

Cada vez mais, a algazarra da multidão cresce, sobre o mar sonoro. E d'aquelle tumulto vem uma vertigem de vida animal, de saude exhuberante, de força impulsiva e brutal. Soam palmas, pregões, gritos d'uma grosseria barbara e plebeia. Sobre o areal irradiante, sobre a agua fulgente, a luz vibra, como uma fumarada fulva. O cheiro acre do peixe, do mexoalho, dos caranguejos, dos montões de escamas pôdres, suffoca, no ar môrno, onde a brisa só a espaços exhala as fresquidões salubres, os halitos salitrosos e iodados da aura marinha. Bandeirolas escarlates tremulam como labaredas, sobre o furmilhar da turbamulta.

E' uma mescla torvelinhante da gente do mar e da terra, vinda da costa ou do interior; — arrieiros do norte, com os machos vergando sob as cargas de canastras, agitando, sob as môscas, as colleiras de fios de coiro e de trança vermelha, em que tilintam os guizos; — moços de lavoura, de

camisas de estopa suja e calças de cotim remendado, em tamancos, o chapeu braguez ensebado sobre as cabeças glabras e trigueiras; — raparigas das aldeias, de lenços garridos cruzados nos peitos enormes, encostados á canga arabe dos bois, fitando os olhos de herviboras n'aquelles rapagões athleticos da beira-mar, que passam orgulhosos e fulvos, sem fazer caso d'ellas, com o desdem da sua raça aquatica pela do interior dos campos; — vendeiras adolescentes, com cestos acogulados de pecegos rozeos, de melões louros e de figos morenos, mostrando a pôlpa côr de carne sumarenta; — regateiras da cidade, de pelles encarquilhadas, d'uma fealdade de miseria e doença que resalta ainda mais entre aquelles bellos animaes fortes a quem o ar do largo dilatou os pulmões e a que o sol tostou como bronzes; — mendigos curvados, em farrapos, estendendo a mão secca á esmola de sardinhas; — e pelo meio, cães magros, ganindo, corridos a pontapés, e voltando sempre, de focinho farejante.

LANÇAMENTO DE REDE DE PESCA NO RIO DOURO

Um manco, com o taboleiro pendente sobre o peito, apregôa:

— Linhas, atacadores, dedaes!

Outro, zarolho, cantarola:

— Olha a historia do «Frade a mai'la Freira» e da «Princeza Magalona» ou o «Almanak do Borda d'Agua» a dez réis!...

Um cego, guiado por um pequenito de olhos de febre, soluça á guitarra o *Fado do Emigrante*. E as raparigas param um momento, a escutar aquella muzica triste e aquellas trovas roucas da poesia de Portugal, em que se fala de Amor, de Miseria e da Saudade.

De joelhos na areia, uma garotita de seis annos embala ao mesmo tempo, a sua boneca, feita de farrapos, e o irmãosito que chora, de pernitas gordas ao ar, deitado n'uma canastra, como um Moysés recemnado.

— Quem quer escorchar, quem quer es-corchar? — gritam as *arraias*, escancarand as guellas até ás orelhas, donde pendula as grossas argolas d'ouro macisso.

Acocoradas no areal, em torno dos mo-tões vendidos, as vareiras velhas, como bru-xas, escorcham com navalhas ferrugent as cabeças chatas e luzentes da sardinha, arremeçam para o lado, em monte, as tr-pas arroxeadas, sobre as quaes esvoaça enxames zumbentes de moscas verdes.

— Lavadeiras! Eh raparigas! quem qu lavar?... quem quer lavar?...

E as mais novas, mergulhando na ag os artelhos finos, curvam-se para agitar n vaga os *repicheis* cheios. Depois, n'uma fi alegre, voltam correndo, a rir e a canta fortes e esbelta com os dent brancos como gre ros de sal a luz nos rostos tostado Aos seus pés, ondas rasteir correm atraz d'e las, rindo tamben em risadas borbu lhantes d'espum

Na luz morren te, as suas figur harmoniosas desta cam em relevo, sol tos os cabellos qu os derradeiros re flexos parece v talizarem, n'um vapor d'oiro fluido.

De cima das lanchas, seguem-nas, co olhares de desejo, os namorados, despejand sem fim, como uma onda de abundancia, a sardinhas dos pobres...

IX

Entre o rancho das que n'essa tarde en chiam o areal, nenhuma mais maneirinha airosa do que a *Sereia*.

Lavando as sardinhas no *repichel*, a cad movimento dos braços nús, os seios virgen erguiam-se e baixavam-se como duas ond de carne sobre as ondas d'agua. Os cabel los soltos nimbavam-lhe a cabeça hellenic d'uma fluctuação d'oiro que a luz idealizav A certos momentos, quando se ria ou can tava, resplandeciam até ao fundo as pupil

s como duas gottas d'agua marinha, que trassem dois raios de sol. Nos seus labios rnosos humidos e frescos como as cerejas, dentes eguaes luziam, d'uma alvura tão rilhante que pareciam illuminar-lhe o osto. A saia arregaçada, que as ondas moavam, modelava-lhe como n'um marmore, fórmas perfeitas.

De toda a sua belleza harmoniosa e luinosa de Venus rustica, emanava a fasnação que outr'ora attraiu e captivou, na rra extrangeira, as almas nomadas e avenreiras dos navegantes barbaros, do Norte, uando pela primeira vez extasiaram os lhos glaucos na graça ardente das virgens orenas do Sul, depois de errarem entre os evoeiros, nos longos mares desertos.

Toda a noite da vespera, todo esse infiito dia de verão, emquanto os outros da ompanha deitavam as rêdes, o *Engerido* ensara n'ella, preso no desvairamento de sse amor exclusivo, absorvente, que só as lmas que vivem na solidão são capazes de entir, n'um olheamento quasi mystico e fóra a vida.

Já não podia mais suffocar no peito aquella hymera de timido, que trazia no peito, omo um thesouro escondido. O seu coração e vagabundo, tanto tempo adormecido cordava — como uma ave presa, a agitar s azas anciosas.

Assim que a viu n'essa tarde, quando a *ai com Deus* arribou á praia, foi como se e repente lhe ardesse nas veias um sangue ovo. E aquelle pobre diabo meio doido e empre silencioso, que nascera com uma lma de poeta, contemplativa e candida, entiu que não podia viver mais sem desabafar oda a amargura divina d'esse sonho iniolavel que o allucinava.

Já as outras varinas iam correndo em leira, pelo areal. Gradualmente, os seus ultos esfumavam-se na sombra que ia suindo da terra como uma nuvem de fumo.

Na margem, a *Sereia* ficara sosinha, findo um navio que n'esse instante passava, odo empavezado de vélas, na barra fulva o horisonte. Do meio disco de fogo do sol, spargia-se sobre a agua um leque de raios e chamma que crivavam as vagas dormens. Brandamente, o mar ia escurecendo em ns d'um roxo cada vez mais denso.

O *Engerido* abeirou-se d'ella, enleiado, om o coração a bater, os labios tremulos:

— Clara linda!...

Ella voltou vivamente a cabeça, n'um movimento de surpreza. E ao vel-o no trage esfarrapado de briche, todo encolhido deante d'ella, com as mãos enormes estendidas n'um gesto de mendigo, passou-lhe nos olhos enygmaticos, de côrça e de deusa, um relampago de crueldade e de desprezo.

Grasnando, as gaivotas revoluteavam, desciam em vôos rapidos á tona d'agua; depois emergiam sacudindo as azas gottejantes, com uma sardinha reluzindo nos bicos longos. Os seus grasnidos, do som aspero das roldanas enferrujadas, rasgavam a paz da hora religiosa.

Immovel, fitou-o um momento, com a cabeça inclinada sobre a espadua, uma das mãos no quadril. As ondas, uma apoz outra, vinham lamber-lhe os pés, como féras amorosas.

— Que é que tu queres de mim, creatura?

Esteve assim um pouco de tempo, a olhal-o, com esse olhar cruel das mulheres que teem a consciencia da sua realeza physica. Depois, encolhendo os hombros, n'um trageito d'asco, deu dois passos para se affastar.

— Em nome de Christo, escuta-me!...

E sem vêr mais nada, como se todo o mundo se concentrasse n'aquelle rosto, como se todo o explendor do sol poente reardesse n'aquelles olhos que o cegavam, elle sentia que o seu destino se ia decidir n'essa hora. Tremiam-lhe as pernas, como n'uma vertigem. Com uma voz que lhe irrompia da alma, aos arrancos, como a agua d'uma nascente occulta, continuou:

— Porque foges de mim? Que mal te fiz, para me deitares assim ao desprezo, quando morro por te vêr?... Se soubesses como te quero mais que á vida e ao sol que me alumia! Se soubesses quantas coisas que trago no sentido para te dizer!...

As gaivotas piavam. As ondas riam...

Ella parara, de novo a olhal-o com os seus magicos olhos verdes.

— Quando estou só, ás noites, por esse mar largo, a pensar em ti, havias de ter pena de mim se me escutasses... Mas á tua beira, não sei que é... O coração perde a fala... Por ti, dava todo o sangue das veias, e nem que me arrancassem os olhos em vida, havia de ver-te sempre, luz dos meus olhos! aqui, dentro do peito!...

Que doidas palavras lhe disse ainda?...

Poeta algum do mundo poderia exprimil-as, tão humanas, como n'essa linguagem inimitavel dos simples, quando amam: palavras que correm, ardendo, do coração do povo, como o sangue, como as lagrimas; divinas imagens supremas, arrancadas das profundidades da alma primitiva; lyrismo expontaneo e rustico como devia ser o do primeiro homem que o primeiro raio de luz do amôr espiritualisou, no mysterio do mundo recemcreado!

Falava alto, como se delirasse — sem se lembrar que havia outra gente, passando junto d'elles, outros ouvidos que o escutavam. Poderia desemcadear-se o mar e invadir a terra, que não arredaria um passo, alheado de tudo, como se estivesse só com ella, fóra da realidade, fóra da vida.

As vareiras que andavam lavando o peixe paravam; os pescadores que desciam das lanchas, com os remos e as rêdes aos hombros, agrupavam-se, n'um magote que ia crescendo, approximando-se cada vez mais, para ouvir o que elle dizia.

PESCA EM MAIKO

Mas na allucinação, na febre do seu sonho, o pobre tonto não via os gestos de troça que o apontavam, não ouvia as chufas que o apupavam.

Só a ella via, luminosa, deante d'elle. Com os olhos na face magra, a arder n'uma cegueira extatica, n'uma exaltação dolorosa que lhe fazia arquear o corpo e a alma, sentia o desejo instinctivo de se ajoelhar, de erguer as mãos como deante d'uma Deusa...

— Tem pena de mim, *Sereia*.

Tocou-a na mão a tremer. Ella repelliu-o bruscamente; e com uma gargalhada que cobriu o rumor do mundo, ouviu-a dizer:

— Vocês não querem vêr o espantalho, que tresloucou?

Foi como se acordasse, atordoado, com bôca aberta, os braços caidos, paralysad de angustia e de vergonha.

— Olhae, gente, olhae o *Engerido* qu quer casar com a *Sereia!*

— Quanto juntaste de dote, ó zueira?

— Chamem-lhe doido!... Vêde se nã escolheu logo a mais rica da praia!...

— Não te basta a *Gaivota,* perdido!

— Vae pedil-a ao pae, que elle dá-te dote com um arrôxo, mandrulho!

E n'um alarido de troça selvagem, turba apupava-o.

— Oh zueira!

— Oh zorro larouco!

— Oh ricócó! oh ricócó!

Com o bar dulho balof sacudindo vinho com um odre, Malhão desa tou a dança cambaleand deante d'ell

Ora vae tu!
Ora vae tu!
Ora vae, vae
Que eu não poss
Ai! ai!...

Espantad encolhido, d cabeça baix olhando se vêr, com a expressão inquieta e doida d'u cão cercado, parecia ter perdido a voz e movimento. A cara ardia-lhe como se a esca dasse todo o lume da terra. Atravez d'um nevoa fulgurante de vertigem, aquelle côr de gargalhadas e apupos, a que se juntava todos os echos da praia — pregões, disputa berros, gritos agudos, grasnidos asperos d gaivotas — enchiam-lhe a cabeça do zunid surdo e verberante d'uma concha immensa qu lhe buzinasse junto do ouvido. Veio-lhe u impeto de furia, de romper por entre o grup Um garoto puxou-lhe pela camisa. A frald saiu-lhe por um rasgão das calças. Qu correr sobre elle. Outros saltaram-lhe e roda. Empurraram-no. E no meio do band torvelinhante, avistou a *Sereia,* que o aponta va, batendo as palmas, n'uma alegria cruel

Estendeu para ella as mãos a gagueja

como uma creança, com as lagrimas a envidraçar-lhe os olhos desvairados:

—Em nome do Christo, cala-te, que me partes o coração!

N'isto sentiu um choque molle, viscoso e fetido que lhe escorreu sobre o rosto, lhe escureceu a vista...

Fôra o *Maio*, o namorado preferido de Clara, que por traz lhe enfiara na cabeça a ceira cheia de tripas e de cabeças escorchadas de sardinhas, que uma rapariga trazia.

Suffocado, aturdido, soltou um grito como se em vez do sacco de palha o cobrissem com um capacete de ferro em braza. Sem poder falar, abafado por aquelle escafandro grotesco, arquejando, tentava arrancal-o, debatendo-se, sob os punhos da chusma que se atropelava para lh'o segurar, sob o rosto. Mas subito, o *Maio* soltou uma praga, com a mão no ar, a escorrer sangue:

—Cão, que me mordeste!

E n'um arremeço de colera, deu-lhe um encontrão tão violento que o fez cair de costas, agitando as pernas no ar, com a ceira na cabeça.

Então, foi um delirio. N'uma sarabanda, n'uma algazarra, a garotada precipitou-se sobre elle, a espolinhar na areia. As vareiras batiam as palmas. Curvados sob os molhos das rêdes e as canastras atulhadas, os pescadores semi-nus, tostados, gargalhavam, com risos enormes, que lhes sacudiam os troncos herculeos. E com as mãos nos seios, a *Sereia* ria como uma doida:

—Ai raparigas, que eu não posso mais!...

Aos empurrões, a canalha pulava, rebolando por cima d'elle. Puxavam-lhe pelos pés descalços, cobriam-no de areia.

A alegria furiosa, a alegria selvagem do povo, tão animalmente impulsiva e prompta para a crueldade como para a piedade, agitava n'um turbilhão de hilaridade a turba apinhada, transpirando de calor, embriagada de força e de agitação.

Na sombra dubia do crepusculo que acarvoava as fórmas, áquella mancha tumultuaria de caraças alvares, de visagens bestiaes, d'olhos luzentes e boccarras escancaradas até ás guellas, fazia uma agua-forte caricatural, monstruosa e goyesca.

Attraidos por esse riso enorme que abalava a praia, os que leiloavam e labutavam, ao pé das lanchas ou das lotas, accorriam. E vendo o pobre diabo, de costas no chão, como um caranguejo, a debater-se sob o enxame da canalha, o côro de gargalhadas engrossava.

X

N'um arranco, que lhe inchou as veias no pescoço, entre a camisa rasgada, o *Engerido* conseguiu voltar-se. E, sacudindo a criançada que o manietava, viram-no emfim, n'um supremo esforço de athleta, pôr-se em pé, arremeçando a ceira que foi bater na cara do *Maio*, á frente do grupo que de subito abriu roda quando elle surgiu. Samsão ruivo, disforme, com a horrivel cara transfigurada, mascarrada de escamas, de tripas, d'areia, de sangue e de lagrimas...

De punhos cerrados, avançou com os olhos alienados ardendo d'um fulgor tão fixo, que o *Maio* recuou, encolhido...

Mas quando todos esperavam qualquer coisa de terrivel, uma lucta furiosa, um crime talvez, viram-no subitamente cambalear, como fulminado, levou as mãos crispadas ao pescoço... E, revirando as pupilas esgazeadas, com a expressão visivel e horrivel dos cegos a quem o chão falta debaixo dos pés; n'um longo urro surdo, rouco, como o mugido do touro ao cair de joelhos, vomitando o sangue negro, na arena, rodou sobre as pernas, caiu de chofre, a escabujar n'um ataque epileptico.

A turba oscilou. As cabeças atonitas curvaram-se. E ainda sem a noção precisa do que se passava, emquanto uns recuavam, outros, por traz, precipitavam-se para vêr.

Mas, um movimento entreabriu o grupo. E appareceu uma rapariga de cabellos soltos sob o lenço azul, com a saia ensacada e as mãos sujas do peixe escorchado.

Era a *Gaivota*, a escorraçada a quem todos atiravam chascos desde que um homem a perdera e caira na desgraça; a *arrolada* que o vento da má sorte levara e de novo trouxera, uma noite, á praia, como as suas irmãs do ar...

Empurrando os que se apinhavam deante d'ella, ajoelhou-se na areia, ao pé do *Engerido*. Com ternura animal e divina, abriu-lhe a camisa sobre o peito arquejante. E como uma mãe precoce, que mal sabe ainda o gesto que afaga e que protege, amparou-lhe no regaço a cabeça tragica que as convulsões estorciam.

—-Olha a *Gaivota* a mail-o noivo!

Houve um riso. Outras chufas soaram:

— Oh Clara Linda! tu não tens zelos?

Uma colera de indignação e revolta levantou a cabeça da humilhada. Exclamou, fitando-os:

— Excommungados sejaes, corações de pedra! Vêde como o puzesteis, que póde aqui findar, o pobre de Christo!

Debruçaram-se, estupidos de assombro. E com a mesma inconsciencia com que até esse instante o tinham escarnecido e brutalisado, todos se puzeram a lastimal-o, de subito intumecidos pela reacção da piedade,

— Quem tem uma chave, que lhe faz passar o mal?

Uma vareira tirou da algibeira de chita bordada, uma chave, limpou-a ao saiote vermelho, pouzou-lh'a sobre o peito.

Arqueado na areia, com as pupilas injectadas, a bôca espumante, o *Engerido* debatia-se, sob as mãos que o seguravam.

— Parece um congro no anzol! — disse o *Malhão*.

Ninguem lhe achou graça. Os mesmos que ha pouco teriam rido, egualmente, fitaram-no com censura:

— Cal-t'ahi, barriga de sapo!

MERCADO DA RIBEIRA NOVA

expontanea e impulsiva como o odio, no coração do povo — que como o dos animaes inferiores, é mais proximo da Natureza.

— Tem razão, coitadinho do homem!

— E' o mal que lhe tira a razão e que o faz torcer assim!

— E' o primeiro ataque que lhe dá?

— Até póde abafar, com o sangue na garganta!

— Abri-de-lhe melhor a camisa, que suffoca!

— Toma tento, rapariga, não lhe chegues a mão, que póde morder.

— Agarrem-lhe nos braços. Segurem-lhe bem as mãos, que se póde esganar.

— Vae coser a borracheira para outro sitio, pote de vinho!...

A cada arranco, uma bola parecia inflar o pescoço do *Engerido*, descia, subia, como se o suffocasse. O suor escorria-lhe do cabello ruivo sobre a testa suja. O sangue que irrompia do beiço mordido, misturava-se-lhe á baba.

— E se morre?

— Não póde ficar aqui, n'este estado!

— E' leval-o p'ra casa!

— Onde é?

— Lá ao fim da praia!

Quatro pescadores, dos mais rijos, pegaram n'elle, ergueram-no; dois pelos hombros, os outros pelas pernas.

— Içа!...

— Peza como um gigante!

Em padiola, levaram-no, a caminho da barraca desmantelada, onde dormia. Na noite que caira, accendiam-se já os archotes. A' frente do grupo, um, erguido no ar, ardia, esfumaçando.

O clarão agitado na marcha, fazia ondear as sombras, sobre a praia. E illuminada pelo reflexo avermelhado, a *Gaivota*, desgrenhada e rôta, lembrava uma figura de lenda e de tragedia — uma das trez que no Calvario, seguiam, chorando, o Cruxificado...

LANÇAMENTO DE UM BARCO

XI

A voz forte de um arraes, eccoou sobre os commentarios da turba.

— Então, gente, toca a trabalhar!

No meio das outras, Clara Linda correu, sacudindo as saias sobre as pernas torneadas.

O movimento e a lucta, um instante interrompidos, recomeçaram: — Risos, gritos, pregões, disputas – todo o alarido confuso da vida que cria, destroe e passe sem se importar com as alegrias ou as dôres que vae deixando no seu rastro.

E d'ahi a pouco, uma voz de crystal e oiro, como a agua das fantes, limpida e virgem, — a mesma voz sensual e feiticeira, que nos arraiaes e nas sirandas fazia tremer os homens até á alma; — a voz de Clara Linda subia, cantando:

Oh! meu amôr, nada, nada!
Oh! meu amôr, nada, não!
Eu nada tenho em meu peito,
De que não tenhas quinhão!...

No claro-escuro tintureteano da praia, esburacado de clarões de archotes que davam ás figuras tons espectraes e se reflectiam, tremendo na agua, phosphorecencias côr de sangue, as gaivotas esvoaçavam, piando sobre as ondas — que pareciam fazer côro á voz da Eterna Sereia.

E na vastidão da noite e do mar, aquelle canto tinha não sei que de ironico, de bestial e de futil...

JUSTINO DE MONTALVÃO.

Á IRENE

(Minha adorada neta)

Creança tão linda,
Tão cheia de vida,
O Céo te proteja
Com almo sorrir
E a vida te seja
Perenne florir!
Tu gosa, creança...
A flôr, tua irmã,
Revive e floresce
A' luz da manhã.

Visconde de São Boaventura.

A tragedia do Calvario

I

No occaso côr de opala o sol esmorecia;
e immerso no seu sonho elyseo e perfumado,
tombando a fronte sobre o peito ensanguentado,
Jesus de Nazareth entrou em agonia...

Seccou-se a bocca ideal d'onde o Verbo escorria
como luz de luar ou balsamo sagrado,
turvou-se aquelle olhar ingenuo e delicado
onde o céu se espelhava e Deus resplandecia.

Morreu como vivera: o proprio soffrimento
quasi o não attingiu, que no ultimo momento
Não pertencia a si: era da Humanidade!

Não era um homem — era a Consciencia d'um povo,
erguendo sobre a terra um Evangelho Novo,
feito de Amor e Paz, Doçura e Caridade!

II

Entretanto tombou a noute. A multidão
debandára e na treva a cruz desappar'cia...
Como uma féra após sangrenta refeição,
bebeda de prazer, Jerusalem dormia.

Súbito um grito agudo, intenso, d'agonia,
mixto de desespero e dôr a imprecação,
como vaga açoutando agreste penedia
avassalou da noute o frio coração...

Tudo em volta fremiu. A propria natureza
estremeceu transida ante a estranha grandesa
d'aquelle uivo de Dôr, ingente e lancinante!

E quando despontou a lua, junto á cruz,
uma mulher beijava as chagas de Jesus:
era a Mãe que velava o filho agonisante...

J. REGALLA.

A fiandeira do Minho

IAR, para muita gente, é *matar o seu tempo*. Mas esta lida da róca, para a lavradeira minhota, constitue uma prenda de mãos, que em creança se aprende e d'algum modo contribue para o «*amanho* da sua vida.»

Meninas prendadas, a quem tudo apetece por curiosidade, e a quem, geralmente, mingúa para o trabalho rude certa habilidade instinctiva (que outra não é a habilidade da camponeza), porque as velhas dos contos de fadas usavam do rolo da estopa, do fuso corredôr, e possuiam certo escaninho de massarócas, constituie o *fio* mais uma prenda da sua graça. Porém, ver fiar nas pequenas ou grandes cidades, quer por prenda quer por precisão, para encontrar a ingenua maneira original da gente aldeã, é procurar um pinto em oiro entre as areias d'uma praia infinita.

Em verdade, só a camponeza sabe fiar; tem graça, fiando.

Só a camponeza, e a *Fiandeira* do pintor Malhôa, que, independentemente, é uma obra d'Arte. Essa, sim. Essa sabe apertar a linhagem no cingedoiro de carneira bezerra, sabe ajustar na cinta a canna amarella da sua róca, e aporfia no redopio do fuso, beijando, adoçando nos labios puidos dos beijos á sua duzia de netos, a melhoria do seu linhal.

Reunindo, temos ainda uma personagem de Camillo, a *Tia Luiza*

das Gaias, da *Engeitada,* que á porta do seu casinhoto, em Santo Antonio das Taipas, fiava, ao sol, o linho dos bemfeitores. Nunca escrevo d'esta velha de romance, tão propria, tão espontanea, que me não recorde com saudades d'aquelles bonitos arredores das *Gaias.* Pelo cahir das folhas e ao sol humido do S. Martinho, é que se deve evocar essa fiandeira octogenaria, obra de milagre, quasi divina pela sua expressão pictoresca. E evocal-a ainda sosita, meia cega, nas quatro paredes da sua casa d'esmola.

Tudo se apaga, porém: as gerações passam; os usos mudam continuamente; e o que em tempos foi mister de gente idosa, é hoje tarefa de rapariga. Boa camponeza, afadigada no seu trabalho e no asseio da vida urbana, chama-se-lhe, por uso, *mulher de casa.* Sabe cavar nas terras de renda, cegar no lameiro, sachar no milheiral, e ajuda a toda a especie de trabalho agricola. Dentro de casa sabe dos arranjos da cosinha, com um paladar inexcedivel; se tiver sido creada de abade, tanto melhor; e além d'isso tem as suas prendas de costureira, de fiandeira, de engomadeira, da feitoria das rendas e miótes, e *até* de *coiffeur* (de *coiffeur,* affirmo) porque nas Caldas das Taipas existe um estabelecimento, organisado no pateo d'uma casa aldeã, com o seu prato annunciante, como o do barbeiro Nicolau do *D. Quixote,* onde uma mulhersinha dos arredores se dedica ao *arduo mistér,* ao preço de dez reis.

Um caso isolado, é claro.

*

Tudo tem suas penas de cultura: as ideias, as creaturas, os troncos, — tudo o que vive. E esta *Odyssea* do linho tem seus tormentos.

De chapelão viseiro, aos punhados de semente, lança o lavrador o germen da sua colheita humilde. E recolhe, pelos inicios do verão, aquele *chãosinho* d'hervas seccas, que mais tarde ha-de vestir e estimar.

Foi tempo, foi. Outr'ora a colheita do linho era singular de fartura, porque se tornava util. Hoje, não. Chegaram os pannos do fabrico a vapor, menos consistentes, sem duvida, mas mais economicos para utilisar. E ahi temos nós a entrarem para o arranjo da casa portugueza do norte (a casa mais conservadora) pannos *crús,* pannos *domesticos,* pannos *familia,* que os vapores inglezes e hespanhoes descarregam nos portos de Leixões e Lisboa. O progresso tem d'estes contrastes: amolga a feição emotiva das coisas, tira-lhes o encanto espontaneo, regional, e da-lhes um aspecto uni-

versalista, inexpressivo. N'um paiz pequeno, como o nosso, quando as cidades de maior vida procuram, com maior ou menor sinceridade, essa remodelação de habitos, de feição incolôr, moderna, só a provincia, e sobre tudo o campo, restava attingir semelhante *necessidade* do nosso tempo, por homogenea das suas tendencias de sociabilidade politica.

Por isso, o campo ou o viver do campo, tinha de contribuir com o desmoronamento do seu estado familiar, tão solido, tão pictoresco, tão portuguez. E como a vida ou as necessidades da vida interna de cada lar, por mais encanto que reunam, não podem viver apenas para os idyllios da écloga, facil é determinar que o que agora principia a disolver-se, virá, em breve, a perder os mimos particulares do seu caracter.

O movimento inevitavel das civilisações...

Como dizia, o linho colhe-se nos inicios do verão, já amarello, n'um trabalho agricola a que chamam *arrinca*. Aqui a primeira *étape* d'este hervivero afilado, que dá canceiras interessantes. Depois a lavagem: o linho amólhado e preso, que é posto no fundo d'um d'esses rios verdes, de margens em vinha ou pinheiral, comprimido por grandes rébos.

Dura alguns dias a limpeza do terrão. A cantiga o confirma:

Ha oito dias que espero,
e choro desde o primeiro;
tens-me presa, meu amôr,
como ao linho n'um ribeiro...

E logo, limpa da terra, a farrapada do linho, rala e humida, é estendida sobre os campos rasos da colheita, a enxugar á grande vida do sol.

Quando se colhe um linhal, por minguado que elle seja, grande numero de gente aflue á casa do lavrador. Elle é preciso cardal-o, espadelal-o, crival-o, assedal-o; até que, em pasta, se veste a róca, e os dedos se aprofiam em correr. Depois da sécca começa o grande afazer das espadeladas, tantas vezes á luz mortiça das candeias de ferro; e, como nas noitadas de pisa do lagar, tangem-se cordas d'arame pelas casas da visi-

nhança, junto á espadéla da namorada:

— P'ra semana temos folia!

— Aonde?

— Ali, na espadeláda do Serigal.

— Bravo!

— Até lá!

— Até lá... Adeus.

Nas *Pupilas do Senhor Reitor*, de Diniz, apparece o espectaculo d'uma esfolhada, animado pelo extremo interesse do escriptor inimitavel. As espadeladas são assim. Falta-lhes, apenas, o estimulo do *milho-rei*. Mas quanto a cantigas e a abraços, a enscenação é a mesma.

Ha noites bonitas por esse paiz fóra; noites a que a massa escura da folhagem, o silencio pesado dos sitios no isolamento, e um crivo frio d'estrellas, dão toda a chorographia de uma provincia. Noites em que as creaturas mal dispostas do mundo, encontram, n'uma paz infinita, o logar e hora necessarios ao seu espirito. Porém, como as noites do verão no Minho, penso não poder encontrar eguais em terra alguma de Portugal.

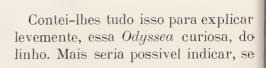
Sobre tudo com arraial de campeneos.

Sob um celleiro da região (agasalho das colheitas agricolas) ergue-se um alpendrado de telha-vã, tinto de pixe entre as soleiras de granito, em frente do qual se eleva uma escada de pedra, rude. Ali ou na eira, moças e velhas, caseiras pobres e ricas, de espadela na mão e o linho assente no ripeiro, moirejam pela noite alta, entre acordes de harmonium, o palpite do derriço, e os desafios dos inspirados do campo. Venha a gente fina, cambiada entre uma insaciavel lucta de desejos nos arraais citadinos da civilisação, olhar de relance, siquer, este entretenimento ingénuo das noites d'agosto, no socegado logar das eiras; e terá, certamente, a noção mais exemplar do que é a anciedade humana: em si tão exagerada e impulsiva, pela maneira exterior do seu viver; e n'este povo tão serena e tão propria, seguindo como a agua humilde d'um ribeiro, ao seu destino, dentro da sua condição.

Tudo isso á volta do linho.

Depois é fial-o, córal-o, lançal-o á teia. E uma vez riqueza da arca, a costureira faz o resto: as camisas do uso, as saias *de baixo*, (multiplicadas no dia de romagem), e os lenções com renda d'agulha — Deus sabe se para o leito dos noivos, se para cobrir o rosto branco dos mortos...

*

Contei-lhes tudo isso para explicar levemente, essa *Odyssea* curiosa, do linho. Mais seria possivel indicar, se

um artigo de *magasine* fosse uma especie de cenimatographo-falante, reproduzindo esses episodios tão curiosos, quanto desconhecidos.

No entanto, pelas estradas do Minho, no tejadilho da mala-posta regional, especie de torre de Babel (como escreveu um grande artista), ou nos logares cheios de commodidade das carruagens de luxo; d'um modo qualquer, — será facil surpreender apascentando o gado ou sentada entre os panelos de cravos da sua escada rustica, esta fiandeira do norte, modelo das mulheres afadigadas, posta na vida para o trabalho continuo, e sempre senhora do melhor riso e da melhor graça. Onde quer que a encontrem, fresca, limpa, virtuosa, quer no desenho da saia trabalhada, quer no alisado dos cabellos sedosos, quer, ainda, na novidade do seu mistér, onde encontrar-lhe esse modo de ser tão enleiado e tão natural, pelo qual ella é, no quadro da sua paisagem, um elemento de optima e engraçada decoração.

Creatura tão bondosa como honesta, nasce e apagasse nos campos do seu logar, como as flôres que por lá arrimam na volta de cada anno. Absorve-se no labyrinto do seu problema caseiro. Toda ella é da vida. E isto porque se ha terra rica em Portugal, mas onde cada canto seja d'uma familia, é o Minho — productora fabrica de gente economica, trabalhadora, paciente, para a qual a vida, do nascer ao pôr do sol, é causa de tarefas continuas e de suores continuos.

Foi por este motivo que principiei afirmando que o fiado, como todo o trabalho da camponeza do Minho, por mais pictoresco, por mais devertido, era sempre um genero de contribuição para o arranjo urbano.

Alfredo Guimarães.

A casa Anadia

PASSEI hontem por lá. Portas, janellas, tudo cerrado. O que aquillo foi!...

D. José de Sá Pereira, conde da Anadia — o José Anadia, como lhe chamavam — aos quinze annos, embora tutelado, estava sobre si.

Arranjaram-lhe reputação — falsa e empeçonhada da malidicencia com que se baba a inveja macilenta e mordaz. Diziam, por menospreso, que frequentava o Retiro dos Pacatos, o Papagaio, a Perna de Pau e o Colete Encarnado. Frequentava, tinha esse bom gosto, como o tem agora quanto ahi ha de mais escolhido na intelligencia e na educação — que lá vae para comer o peixe frito ao ar livre, a alface perfumada de pimpinella, creada nos alfobres mimosos e regados pela nora gemente, beber o copo tirado do pichel espumante e sem confeição, gostar a açorda de coentros e de espinafres, improvisada á ultima hora por um amador de boa mão para adubar appetitosos bocados; tudo isto nos espairecidos e graciosos retiros das hortas de Lisboa.

CONDE DE ANADIA

Acudam-lhe, em quanto é tempo, que vão desapparecer os deliciosos retiros: basta ser coisa nacional para darem cabo d'ella!

Conde de Anadia, estivesse onde estivesse; na feira da Agualva ou na de Sacavem, falando cigano com o seu compadre Botas, era sempre um gentil homem.

Não ha muitos, na chusma de ricassos: viscondes, condes, marqueses com que se pavoneia por toda esta terra a burguesia dominadora!

Na sua casa não se davam festas ruidosas, mas que trato intimo e que sumptuosidade em toda a especie de objectos de arte n'aquella casa!

Entre muitas obras de extrangeiros de notavel merito, havia quadros de Sequeira e Vieira Portuense.

Raczynshi dá preferencia aos d'este: *Venus* e o *Amor*, e a *Condessa de Othoguia* armando os filhos cavalleiros, são encantadores.

A proposito das obras de prata o auctor das *Artes em Portugal* diz: «*Os vasos* de

prata que a condessa possue são especimens admiraveis das obras de ourivesaria do *Cinquecento*. Não ha nada mais bello e de melhor gosto no genero.»

E' singular, que n'essas obras, não cite a que sobreleva a todas e foi batida pelas proprias mãos de Cellini.

Por morte do conde D. José, para partilhas dos filhos, vendeu-se em Londres por vinte contos de reis, e, segundo me disseram, o comprador revendeu-a por mais do duplo.

A avó de José Anadia, estou a ve-la na sua berlinda de esmalte amarelo, puchada a duas muares de Alter do Chão. Vivera nas primeiras cidades da Europa, e largo tempo em Roma. Muito intelligente, devotada ás letras e ás artes, primorosa no trato, e, como a marqueza d'Alorna, de sangue peninsular e vivo.

Conhecia quando ella estava já na edade provecta, mas conservando ainda o lume das pupillas como se estivesse na força da vida.

Raczynshi descreve-a nas seguintes linhas:

«E' impossivel ter maior bondade. Assim é, que em todos os logares onde ella tem propriedades, nos arredores de Coimbra, Vizeu, Condeixa, Figueira e aqui (Lisboa) é objecto dos maiores encomios. Não conheço ninguem que não a estime e diga bem d'ella.

O seu Castello de Mangualde perto de Vizeu, é talvez o mais sumptuoso de Portugal, e tornou-se celebre pela hospitalidade dos seus proprietarios.»

•

Conde da Anadia, em S. Carlos ou n'um baile, viu D. Anna de Moraes Sarmento, filha mais nova do visconde de Moraes Sarmento, nosso ministro largos annos em Londres. Enamorou-se perdidamente d'ella.

Que admira, se a gentilissima menina era uma flôr dobrada e opulenta dos sonhados jardins de Armida.

Em poucos dias casavam.

Depois de rapida viagem ao seu solar dos Paes de Mangualde, vieram para Lisboa, de onde rara vez sairam.

O conde da Anadia era alto, elegante, rosto de colorido ardente, beiços vermelhos, olhos côr de avelã, portuguezes e de viva scintilação.

PALACIO DO CONDE DE ANADIA, NA RUA DE S. JOÃO DOS BEMCASADOS

Inteligente, e, comquanto lhe fallasse cultura litteraria, possuia gosto nativo. Em tudo o denunciava: na simplicidade do trajo, na escolha de uma joia antiga, no annel, na corrente, nos sinetes do soberbo relogio, nos seus trens governados por Antonio Simão, um dos aurigas mais afamados de Lisboa.

Os jantares, sempre primorosos, nos dias festivos tornavam-se banquetes, onde o mais illustre discipulo do Matta tinha rasgos de Napoleão nas baterias da cosinha.

A TIA NARCISA, DO RETIRO DA «PERNA DE PAU»

Que mesa! Os centros antigos do mais fino lavor; soberbos candelabros, cristaes de Boemia e Veneza, loiças em que os padrões do Oriente se mediam com os exemplares relativamente modernos das fabricas da Europa.

O velho mórdomo em pé, atraz da cadeira do Conde, immovel, dirigia com os olhos os criados. E no meio de tal grandeza e rigor no serviço, uma intimidade familiar, um *á vontade* que dispunha deliciosamente o animo de todos os convivas. Nada de hirto e convencional.

Vinhos francezes de primeira ordem.

Da velha cava saía o Doiro e Madeira como raros provam hoje: Córgo, Sercial Pallido, Terran Treas, Verdelho, Malvasia das propriedades do Conde de Carnaval.

A' parte as da corôa não havia em Portugal joias como as do palacio Anadia: rubins, esmeraldas, safiras, perolas, brilhantes. Só dois brilhantes de uns brincos antigos que pertenciam a irmã mais nova do conde, D. Maria das Dôres, foram vendidos por dois contos de réis a um ourives do arruamento, e por preço baixo.

O RETIRO DA «PERNA DE PAU», NA ESTRADA DE SACAVEM

Aos jantares e serões frequentes, vinham os irmãos da condessa, que eram numerosos, e uma irmã, D. Carlota, casada, ao tempo, com D. Simão Anadia, e, por morte d'este, em segundas nupcias, com o marquez de Oldoini, ministro da Italia em Portugal; tambem, como a irmã, gentilissima senhora.

O mais velho dos irmãos, marquez da Fronteira e de Alorna, bello homem na estatura e no porte, musico de talento e um mestre ao piano.

Que trechos soberbos dos grandes auctores nos deu n'aquelles deliciosos serões!

Os intimos eram Simão Aranha e Luiz Aranha com sua mulher, D. Isabel da Camara, irmã mais nova do conde de Carvalhal, a minha querida Izabel, criança que trouxe ao collo, e senhora exemplo de virtude como esposa e mãe, cujo perfil grego revelava os dotes da sua alma de eleição.

Deixou uma filha em tudo exemplar condigno de tal mãe.

D. Manuel d'Almeida (Lapa), general Bezerra, José Palha, José d'Avellar, Domingos Martins Peres e eu compunham o circulo limitado d'aquellas encantadoras reuniões.

Quasi todos esses cairam, ha muito, na terra do esquecimento.

Aqui está por que passando hontem pela casa Anadia, pintada agora de côr de rosa flammante, se me afigurou triste e negra... como a tumba!

Monte Caparica — 1908.

Bulhão Pato.

Portugal pittoresco

Aspectos do Bom Jesus de Braga

Pastorilisantes

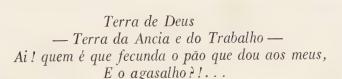
Para o altar a Bulhão Pato

Offerece um devoto

Quem me déra — ai! quem me déra!...
Deitar-me com a Primavera
N'um leito de rosmaninho!...
Ai e ó ai!
N'um leito de rosmaninho!...
Ser o amor dos meus amores...
Ser o pai de tantas flôres...
Com ella dormir sosinho!...
Ai e ó ai!
Com ella dormir sósinho!...

Sol rutilante,
Abençoado, fecundador!
Ai! quem é que se deita ao pé da minha amante
— Do meu Amor?!...

Milho loiro! Estrigas d'oiro!
Que abençoado thesoiro!...
Graças a Deus, que alegria!...
Ai e ó ai!
Graças a Deus, que alegria!...
Toalhas brancas — limpeza;
Pão fresco em cima da meza...
Pão nosso de cada dia!...
Ai e ó ai!
Pão nosso de cada dia!...

Terra de Deus
— Terra da Ancia e do Trabalho —
Ai! quem é que fecunda o pão que dou aos meus,
E o agasalho?!...

Ai! quem me déra ser fonte
Da aguinha fresca do monte,
Matar a sêde a quem passa!...
Ai e ó ai!
Matar a sêde a quem passa!...
Ser um regalo na lida,
Ser um consolo na vida,
Ser um bem cheio de graça!...
Ai e ó ai!
Ser um bem cheio de graça!...

Aguas bemditas!
Aguas do Céo — de fonte adrêde!
Ai! quem é que vos solta nas horas aflictas
De quem tem sêde?!...

A noiva, tecendo o linho,
Faz o enxoval do seu ninho,
E' feliz como ninguem!...
Ai e ó ai!
E' feliz como ninguem!...
Quando casar, que ventura!
Terá lençoes com fartura,
Terá camisas tambem!...
Ai e ó ai!
Terá camisas tambem!...

Noivas em flôr!
Noivas de arminho e de belleza!
Ai! quem é que vos enche o coração d'amor,
E de pureza?!...

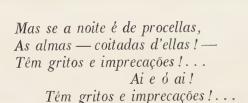
O fumo sáe das herdades,
Na torre deram «Trindades»:
«Vamos com Deus, que é já noite...»
Ai e ó ai!
«Vamos com Deus que é já noite...»
Entra o curral a boieira,
Come-se o caldo á lareira:
«Toca a deitar!... Boa noite...»
Ai e ó ai!
«Que Deus nos dê boa noite!...»

Somno profundo,
Tranquillo, reparador,
Ai! quem é que te manda aos pobres d'este mundo,
Consolador?!...

Morrendo, velhos doentes,
Erguem as mãos penitentes,
Sáe o «Bemdito» da igreja...
Ai e ó ai!
Sáe o «Bemdito» da igreja!...
Nas casas, vozes orando;
Nos caminhos, revoando:
«Bemdito e louvado seja...»
Ai e ó ai!
«Bemdito e louvado seja...»

Almas de crentes,
De velhos santos, sem um crime,
Ai! quem é que vos fez assim tão innocentes?!
Quem vos redime?!...

Fora d'horas — noites calmas —
Nos pinheiraes andam almas
Psalmodeando orações!...
Ai e ó ai!
Psalmodeando orações!...

Mas se a noite é de procellas,
As almas — coitadas d'ellas! —
Têm gritos e imprecações!...
Ai e ó ai!
Têm gritos e imprecações!...

Noites — mysterio!
Noites de calma ou de tormenta,
Ai! quem é que tira as almas do cemiterio
E as apoquenta?!...

N'aldeia nasci chorando,
N'aldeia vivi cantando,
A morte, aqui, dê-m'a Deus!...
Ai e ó ai!
A morte, aqui, dê-m'a Deus!...
Longe dos homens que luctam,
Longe das guerras que enlutam,
Mais perto vivo dos céos!...
Ai e ó ai!
Mais perto vivo dos céos!...

Aldeia! aldeia!
— Deveza, ou campo, ou rio, ou serra —
Ai! quem é que te deu a paz que te rodeia
— A paz da terra?!...

....

Prometheu olha o Céu — aspira — adóra a Vida —
E sempre de grilhões nos pulsos seculares,
Poetisa, idealisa a Essencia Indefinida...
Ouve-se então cantar... — São d'elle esses cantares.

Bahia dos Tigres. ALBERTO CORRÊA.

LAGOA COMPRIDA, VISTA EM TODA A EXTENSÃO

Em terra de lobos
No paiz dos rebanhos

(Notas de uma excursão á Serra da Estrella)

(Conclusão)

Do Lapão do Ronca á Torre, pelos Barros Vermelhos — A lagôa do Peixão — O Valle da Candieira — A explanada da Torre e a piramide — Exageros de altura e ballelas sobre a Serra antes da Expedição de 1881 — Os Cantaros — A extraordinaria paisagem do Cantaro Magro — As lagôas escura, comprida e rendonda — Varias lendas e versões — De como Sancho Pança-Pina sè vê afflicto n'uma descida — A partida — Rijeza de dois alfacinhas.

A nosssa barraca fôra armada ao correr do valle, perpendicularmente ao Lapão do Ronca, a pouca distancia do veio d'agua clara que ahi passa.

N'ella nos alojamos *bon gré, mal gré*, sempre em lucta aberta com a barriga do Sancho, que entre risonho e amuado retorquia invariavelmente:

— Mas, não me dirão vocês, que culpa tem um homem de ser gordo?!...

Ainda era escuro quando levantámos ferro; uma grande serenidade pairava por todo o valle e lá de cima, destacando do fundo, acenava-nos tremeluzindo uma estrella. A manhã avança, dilue-se mais e mais o escuro, vincam-se as fórmas da penedia; e a pouco e pouco uma forte dóse de

opala alaga o ceu onde o sol jorra feixes de luz vermelho-cobre, como notas vibrantes d'um clarim de guerra, n'uma alvorada estridente. No alto uma perdiz chalra n'um cantar estralejado e trocista.

Perde-se tempo. Partimos Valle do Conde acima, no mesmo piso feltrado de servum que a agua esgueirada ensopa, formando charcos limosos nos declives. Para a direita estende-se o Valle da Barca e sobranceiro a elle uma barreira de granito lascada de sinuosidades, mordida de neves e tempestades, mosqueada de lichens. A chapada trazeira termina n'um morro bojudo que é o Cantaro Gordo. E no fundo, na garganta que entre os dois paredões se cava, a lagôa do Peixão recebe todo o chorume que das rochas escorre.

Mettemos pelos Barros Vermelhos, na encosta fronteira, por onde se desenham as veredas no solo encarniçado de feldspatho em grande extensão. Para quem visita a Serra este sitio dos Barros Vermelhos é um entroncamento e um ponto de referencia importante, donde se pode seguir para qualquer lado.

Quebrando sobre a direita segue-se para a região das lagôas do Alva; torcendo para a esquerda vae-se á região dos Cantaros, Lagoa do Peixão, Poio de Matacães e, acompanhando a linha central desemboca-se no acampamento da Expedição de 1881 e d'ahi se toma para a explanada da Torre; e d'esta divisão o poderem-se agrupar em dois nucleos as lagôas da Serra: para a esquerda a do *Peixão, Cantaro* e *Clareza*; para a direita a *Escura, Comprida e Rendonda* e as secundarias *Secca* e das *Favas*, formando o segundo grupo, no conjuncto, as lagôas do Alva.

Na ascensão eu retrocedi para a esquerda e visitei a Lagôa do Peixão, descendo pelo penedâme escorregadio, por onde não ha caminho e por vezes é difficil a passagem.

A lagôa é lindissima, muito semelhante á Escura, talvez menos imponente. Encravada n'aquelle fundo, cercada de granito dá á paisagem um extraordinario relevo; é pouco profunda, oito a dez metros e, a circumstancia de estar rodeada de penedia denegrida dá ás suas aguas um tom escuro que se harmoniza bem com o conjuncto.

O nome d'esta lagôa tem sido motivo de bulhas entre os eruditos; uns querem que seja *Peixão* — de peixe — outros inclinam-se por *Paxão* — corruptella de *Paixão* — por ter sido ali affogada uma tal Santa Antonina, natural de Ceia.

Quem deu voga á leria foi o licenciado Jorge Cardoso, fertil em bujardas. O que parece averiguado, pelos sabios, é que a santa martir e virgem foi nascida em *Niceia* e que foi lá que o patusco de Diocleciano lhe deu tratos de polé, lançando-a por fim n'uma lagôa.

Bulhem muito embora os eruditos; eu, apegando-me a Emygdio Navarro, opto pelo *Peixão* e acho que a lagôa é lindissima.

Com estes *à-cotés* ia-me perdendo no meio da Serra!

Marinhando pelo fraguêdo agárro os companheiros; a troupe segue para diante, passamos junto ao *Chafariz d'El-Rei* que a julgar pelo rotulo deveria ser um monumento celebre, pelo menos manuelino! Mas não; é um lagoacho sem importancia nenhuma, onde nem mesmo ha bica! E' esta uma das excepções á regra «*Pelo rodar da carruagem se conhece quem vae dentro*»!

Descemos ao Valle da Candieira local afamado de lobos e trepamos para a esplanada da Torre, onde de longe se avista o cimo da piramide *complementar*.

Estamos na parte mais alta da Serra: 1:991 metros acima do nivel do mar. Este numero acabado em *um* que podia muito bem ser o da *sorte grande*, não agradou ao principe D. João VI que gostava de *contas redondas*. E vae d'ahi o serenissimo senhor, por 1802, mandou construir no Malhão da Estrella uma piramide quadrangular, de pedra solta, com 9 metros de altura. E assim se chegou aos 2:000 metros de altitude.

E' preciso notar que a construcção da piramide não obedeceu ao fim de *arredondar* a altitude da serra, mas destinou-se a servir de ponto de referencia para o levantamento da carta geografica do reino.

E aqui vem a talhe de foice dizer que antes da Expedição de 1881, muitas lendas e narrativas estranhas correram sobre varias coisas da Serra. Uma das inexatidões era a da sua altura. Havia quem lhe désse «7:500 metros acima do nivel do mar ou 5:850 acima da sua base»! (1)

---

(1) Pode vêr-se o artigo *A Serra da Estrella suas alagôas e rios* firmado por Miguel Xavier Mercier d'Almeida, a pags. 222 do vol. IV do *Archivo Pittoresco*.

Balbi collocava o ponto culminante de Portugal na serra do Suajo, monte da Gaviarra, com 2:467 metros de altitude e dava á Serra da Estrella 2:400 metros no Cantaro Magro! (1)

Reivindicâmos para a Serra da Estrella a maior altitude do reino e o panorama que d'ahi se descortina é extraordinario.

A paisagem desenrola-se emquanto a vista pode abranger: os povoados do sopé estão a 1:200 metros abaixo d'aquella culminancia; para nascente e sul estendem-se os valles do Fundão, da Covilhã, a planicie rasa de Castello Branco, a Gardunha, até que as terras se confundem em manchas escuras pela Hespanha dentro. Alongam-se pelo poente os contrafortes da Estrella, o Colcurinho, as serras de Arganil, Goes e da Louzã, as serras da Beira Alta e Douro; no ultimo plano, quasi sumida, a serra do Bussaco que um barrete de nevoa esconde e, para lá o mar que se alonga de Espinho á Nazareth.

E todo aquelle panorama vastissimo batido na distancia lembra uma tela de fundo de scena onde ha traços indecisos, mal se apercebendo os povoados, onde as serras são simples borrões de tinta parda: é um segundo tecto do mundo!

Abeiramos-nos da torre: na face voltada a norte, o tempo ou a maldade indigena, desmoronou parte da construcção, vendo-se em terra um fragmento da inscripção que ali fôra gravada em duas lages. Resava ella assim:

O PRINCIPE REGENTE N.
S. MANDOU FAZER ESTA
PIRAMIDE PARA...
EM O ANNO DE 1802.

POVOA NOVA — ALDEIA NAS ABAS DA SERRA DA ESTRELLA

Seguimos d'ali para o Cantaro Magro pela Rua dos Mercadores. E' uma passagem apertada onde não cabem bem duas pessoas a par; d'um lado e d'outro talhou a natura na penedia bruta uns parallelogrammos de granito que, dizem os guias, parecem fardos de fazendas á porta de lojas. Pelo volume tanto podem ser fazendas como atados de bacalhaus, a propriedade do nome deixa muito a desejar.

Mas avançamos, torneando umas fragas,

(1) E da mesma opinião Pinho Leal no seu *Portugal Antigo e Moderno,* vol. III, pag. 77.

e de repente paramos aterrados, sem dizer palavra. A pouca distancia de nós ergue-se aggressivo o vulto denegrido do Cantaro Magro, materialisação perfeita do espirito do mal como se, ali, postado n'aquelle covão immenso, dirigisse os destinos do mundo, distribuindo a esmo raios e tempestades, fomes, guerras e pestes.

O covão que elle domina tem trezentos metros de profundidade e em toda a volta da cova não verdeja uma herva, não ha um sopro nem um signal de vida, e só lá para baixo, uma tonalidade mais escura do solo, denuncia os começos do Zezere, como um rio envenenado de morte que a custo rompesse do fraguêdo.

No cimo, muito ao alto, duas aguias em voos lentos descreviam espiraes enormes, subindo sempre. E perante todo aquelle quadro medonhamente bello, eu só tive esta exclamação prosaica: — «Caramba!» E Sancho olhando-nos espantado, poderou: — «E se eu lá cahisse abaixo, hein?!»

Os Cantaros estão dispostos em semicirculo, ficando respectivamente nas extremas do diametro o Cantaro Gordo e Raso e no centro a monstruosidade do Cantaro Magro

GARGANTA DO POÇO DO INFERNO

Com todos estes horrores, é de vantagem saber-se que já varias pessoas têm subido ao cimo do Cantaro Magro e entre essas — para maior honra e gloria do tourismo portuguez — algumas senhoras!

Das sensações gastro-physiologicas d'essas arrojadas alpinistas, não me compete a mim apreciar.

Arrepiâmos do novo caminho, para os Barros Vermelhos e vamos em demanda das lagôas do Alva porque o nosso guia achando-se melhor acampado no Valle do Conde do que correndo as penedias da Serra, resolvêra, no seu intimo, mostrar-nos aquillo tudo n'um dia...

E lá fomos. Depois de muitos rodeios, de algumas indecisões do guia no caminho, porque Sancho promettera-lhe uma *corôa de gorgeta,* se o levasse por *carreirinhos macios*, chegámos á Lagôa Escura. E' no genero da Lagôa do Peixão mas, superior á vista. Está no fundo d'uma depressão granitica que lhe dá uma côr *escura* ás aguas e d'ahi o nome; tem qualquer coisa da sublimidade do covão dos Cantaros, pela penedia bruta que a rodeia. A chapada granitica superior, é de maior altura e mais imponente que a barreira que a separa da Lagôa Comprida.

Quando principia o degelo todas as aguas d'aquella concha, concorrem na Lagôa e, então, trasborda para a Lagôa Comprida que lhe fica subjacente, por um despenhadeiro — *as riscas* da Lagôa Comprida. Quando ali estivemos a Lagôa era um simples poço, fechado em toda a roda.

Tambem, por tempos dos nossos bisavós se contavam fantasticas historias da Lagôa Escura. Um exilado das luctas liberaes que teve a magica idéa de se occultar na Serra da Estrella onde viveu dois annos e onde morreu, Joaquim José Lopes, contava a D. José de Urcullú autor do *Tratado de Geografia astronomica elementar, fisica e historica antiga e moderna,* que era opinião corrente, communicar a Lagôa com o mar; que em dias de tempestade as ondas, lá, eram embravecidas, etc. Joaquim Lopes não acreditava e attribuia os destroços de madeiras, que ás vezes sobrenadavam nas aguas da

Lagôa, não a fragmentos de navios naufragados que o mar para ali arrastasse, como diziam os lapuzes ignorantes, mas talvez, dizia o sr. Lopes, a restos d'um barco que um *homem rico* da serra ali tivera, em tempos, para seu divertimento. A explicação do intemerato liberal não era feliz: nem os destroços eram do barco do *homem rico*, nem o mar tem a força de compressão sufficiente para elevar as suas aguas a 1:767 metros de altitude! As madeiras que ali apparecem são troncos de zimbro que as aguas do degelo arrastam. E, desfeito este mysterio, passaremos á Lagôa Comprida. A nossa travessia foi épica.

Tinhamos que escolher entre um moroso rodeio pelas penedias de nascente ou pela descida directa pelas *riscas*. Eu propuz o segundo: foi acceite. Sancho, ao ver o despenhadeiro, recalcitrou. Empurramol-o! — «Que deixasse a barriga lá em cima e descesse!» E depois, que diabo, já por ali tinham descido Sousa Martins e Emygdio Navarro, era historico...!»

RIBEIRO DO FRADE E FREIRA
(Gelado)

Cae aqui, levanta acolá, fomos descendo; ás duas por tres, tinhamos que fazer alto, á espera do Pina que bufava e suava como um toiro (salvo seja!) e queria desistir. «Aqui ninguem desiste!» E elle, só resmungava furioso: «Pois sim, convidem-me! Se me apanho em Lagares...

Por fim lá chegámos. A Lagôa Comprida nada tem de extraordinario. Em superficie é a maior; n'aquelle tempo ia quasi enxuta, arrastando a corrente pelas margens extensas do valle. O escoante das aguas fórma a ribeira da Caniça que vae entroncar no Alva.

Quando ali estivemos já andavam trabalhando na construcção d'uma valla por onde, a meia encosta, devem derivar as aguas para a producção d'energia electrica que irá illuminar Ceia e varias outras terras vizinhas, ao que oiço.

Como o dia fosse adiantado planeámos voltar ao acampamento para visitar o restante no dia seguinte, na descida para a Senhora do Desterro.

Mas eis que, já trepada a encosta, (com horror o digo!) o desanimo que atacára Sancho, fazendo-o amaldiçoar a Serra, pegára-se, como sarampo, a quasi todos!!

As bellezas da Serra, eram uma cantiga! diziam os dissidentes (sem offensa ao nobre partido!). Andar um dia inteiro para, vêr penedos e mais penedos, duas ou tres poças d'agua e ahi estava a *encantadora* Serra da Estrella! Se se apanhavam em casa a comer as bêrças e a jogar a bisca na botica, nem acreditavam!!...

Eu e Lobo d'Avila Lima chamámos-lhe *barbaros!*

Elles seguiram para a Senhora do Desterro, sem guia nem nada, esbaforidos, mortos por se verem em casa. Lobo d'Avila, eu e Branquinho, um bravo farmaceutico de Lagares, voltámos para o Valle do Conde onde nos esperavam umas saborosas migas de bacalhau!

Passou-se isto — para honra de dois *alfacinhas* o digo — a 26 de agosto do anno da graça de 1908, quando o sol poente doirava as cumiadas da Serra, e as flôres do *Nardus Lachenalii* morriam no relvado!

No dia seguinte, nós tres desciamos a Serra, em direcção ao *Jardim d'El-rei:* é uma planura no fundo d'um valle, onde as

aguas correndo o solo deixam caprichosos espaços arrelvados de servum, lembrando canteiros floridos.

Ahi fizemos alto e, junto á fonte do Canariz, atacámos com energia o almoço que foi coroado com uma sobremeza opipara — uma lata de optima *goiabada* que Sancho-Pina deixára na mala, para regalo do seu ventre e que nós apreciámos com um tiquesinho vingativo.

Emquanto lambiamos os beiços com a doçura, contou-nos o guia uma historia! «Era, uma vez, um homem da terra chã, que sabia ler e descobriu em sua casa um *roteiro* do tempo dos moiros que ensinava onde estavam escondidas muitas riquezas, na Serra. E vae d'ahi o homem metteu pernas ao caminho e foi pela Serra fóra. Encontrou uns pastores e perguntou-lhes onde era a *fonte do Canariz*. Os pastores que eram *atilados* e sabiam tambem que na Serra havia thesoros escondidos, prometteram ensinal-o se elle lhes confiasse o segredo. O homem cahiu no laço. Um dos pastores afastou-se e foi adeante tapar com uma manta a fonte para que o homem a não visse (!) e com os outros levou o incauto para a lagôa redonda onde o deixaram perdido.

Uma noite, armados de ferros, vieram ao sitio cavaram, cavaram e levaram toda a riqueza escondida: ouro, prata, pedras preciosas, anneis, mil cousas ricas.

Depois, repartido o achado irmãmente, enriquecidos, deixaram de guardar gado, viveram muito felizes e tiverem muitos filhos!...»

Eu e Lobo d'Avila só perguntava-mos ao guia se lá não haveria mais riquezas d'aquellas, que nos tirassem d'uma vez para sempre d'esta pelintrice que o bacharelato parece prolongar — e a uma desilludida risada do camponio, resolvemos não as procurar, e seguir para diante.

UMA PARTE DA VERTENTE LESTE DA SERRA, JA ARBORISADA

Passámos pela Lagôa Secca que é agora um farto atoleiro de sete metros de diametro e, tornejando para o norte, visitámos a a Lagôa Redonda — é talvez a menos interessante das lagôas; tem uma penedia alcantilada pela direita, é limosa, cheia de liaças e juncos.

Mettemos ao *Covão Atravessado:* á esquerda e para o fundo fica a *Nave da Areia*

e o *Pomar de Judas* — um antigo sitio de altão frondes que o povinho das vizinhanças tem dizimado — devo dizer que não ha lá nenhuma figueira...

CASCATA DO POÇO DO INFERNO

Cortamos sobre *Malhadaes de Cavallo;* o panorama abre-se n'um hemi-circulo: á esquerda o Bussaco; ao fundo a cortina do Caramulo e parallela, para cá, uma extensa fita de nevoa acompanhando a diagonal; para a direita avista-se Mangualde, Villa Nova de Tázem, Santa Comba. Na frente e em primeiro plano, estende-se o valle do Coxaril; á esquerda o Peramol, escalavrado e nú.

Bebemos na *Fonte Fria* e descemos para o Chão das Eiras onde tinhamos estado em março, com a montanha cheia de neve.

Perto retoiça um rebanho e uma raparigota de fatos claros lança ao ar, na sua voz esganiçada, esta cantiga ingenua:

O' minha pombinha branca,
Onde queres tu que eu te leve?
— Leva-me á Serra da Estrella,
O' minha pombinha branca,
Enterra-me ao pé da neve!

Olhamos mais uma vez a montanha e lançamos-lhe um adeus de despedida e saudade, pelo seu ar, a sua vida e toda aquella paisagem extraordinaria.

E lembramos desistencia dos companheiros! Que bárbaros!

Viemos encontral-os na Senhora do Desterro, gentilmente agasalhados pelo sr. João Dias, um rico industrial do sitio.

E quando todos á tarde deixámos S. Romão, reluzindo ao cimo dos campos ferteis da Assamassa, toda sussurrante de aguas, engalanada dos seus telhados vistosos de marselha, toda vibrante de actividade nas rodas gigantescas das suas fabricas, eu considerava que a *serra* era a simplicidade, o ar, a luz, a vida, e que a *cidade*, para onde voltava, tinha no seu artificio, a maldade, o veneno... a morte!

A. DE SOUSA MADEIRA PINTO.

Pensamentos

Ditas

AMOR, POR OUTRO AMOR CORRESPONDIDO,
E' NA VIDA O MAIS CASTO AMANHECER:
E' AMAR AO LUAR, TODO ESCONDIDO,
AMAR ALGUEM, SEM MAIS NINGUEM SABER...

Desditas:

AMAR NÃO SENDO AMADO É DESDITOSO,
E VIVER SEM AMAR É NÃO VIVER...
MAS, ACIMA DE TUDO ACHO HORROROSO
AMAR ALGUEM SEM ESSE ALGUEM SABER!...

Carlos Affonso dos Santos.

Os cravos brancos

Tocou a campainha para o almoço.

— Vamos, disse-me Silvestre tomando-me o braço. E' á mesa que gosto de tratar assumptos graves.

Eu sentia immensa curiosidade, mas nada queria perguntar. Recebera de manhã um lacónico bilhete do meu amigo, concebido n'estes termos:

«Preciso falar-te urgentemente. Vem».

Vesti-me, praguejando por ser acordado no melhor do meu somno, e havia duas horas que, tendo-lhe entrado em casa, esperava ouvil-o, sem que elle se decidisse a falar.

Sentámo-nos. Um instante depois sentia-se o tinir dos talheres e reinava entre nós um constrangedor silencio.

Por fim o meu amigo voltando-se para o creado perguntou:

—Está tudo aqui?

—Tudo, senhor visconde.

—Retira-te e fecha a porta.

O creado obedeceu, e o silencio prolongou-se. Quando eu já me dispunha a interrogal-o, Silvestre ergueu a cabeça e com voz levemente commovida, indagou:

—Tens lido a obra de Conan Doyle?

A pergunta surprehendeu-me em extremo.

—Tenho. Porquê?

— Que pensas d'aquelle systema de deducção, empregado por Sherlock Holmes?

—Acho-o muito interessante e sobre tudo engenhoso.

—Não, não é isso. Eu me explico. Que pensas d'elle como methodo de applicação pratica.

—Enlouqueceste, ou estás brincando?

—Nem uma nem outra cousa; mas, tendo lido toda a obra do notavel escriptor, fiz d'ella um estudo consciencioso, appliquei-a, e cheguei, por tal signal que bem dolorosamente, á conclusão de que a deducção é a mola real para obter a verdade.

—Sim! Como?

—Sabes quanto sou ciumento. Não te escondo que n'estes ultimos tempos a conducta de minha mulher me tem dado seriamente que pensar, mas o meu muito orgulho impede-me de lhe mostrar a menor desconfiança. E' assim que, querendo apurar a verdade, pratiquei a theoria de Sherlock Holmes e colhi excellentes, bem que lamentaveis resultados.

—Isso é decerto engano.

—Qual? então não tenho as provas?

—Tens provas? indaguei estupefacto.

—Inegaveis.

—Mas...

—Eu te conto. Hasde ter notado que a Leonor tem o genio um pouco triste; é modesta e de gostos simples; porém ha tres mezes, pouco mais ou menos, mandou fazer um vestido elegantissimo e passou a occupar-se bastante do toucador. Estimei, porque nada suspeitava, e até lhe repeti um espirituoso axioma d'um dos nossos modernos escriptores: «A belleza da mulher e sá na gaveta dos arrebiques». Ella mostrou-se satisfeita de me agradar e começou a crear habitos de elegancia. Por esse tempo foi-nos apresentado aquelle pintor francez que al-

gumas vezes aqui tens encontrado. A Leonor não só pinta bem, como conhece a arte, e critíca tão judiciosamente que os melhores pintores gostam de ouvir as suas apreciações sobre as obras de Reni, Ciseri, Castagnola, Konink e muitos outros que ella tem estudado conscienciosamente nas mais ligeiras minucias. Não me admirei portanto que o pintor preferisse a qualquer outra a conversa de minha mulher. Uma noite, nos annos de minha sogra, em que recebemos em casa algumas pessoas amigas, notei no espelho a troca d'um olhar, e desde então começou o inferno para mim. Comprehendi repentinamente a transformação de Leonor e...

Uma leve pancada na porta da sala e a fresca voz da viscondessa, cortaram a palavra ao marido que, sobresaltado e contrariadissimo, respondeu:

— Entra.

Abriu-se a porta e no limiar appareceu a gentilissima figura de Leonor, mais pallida que de costume.

...RECEBEMOS EM CASA ALGUMAS PESSOAS AMIGAS

— Se sou de mais, retiro-me.

— Não, não, podes ficar.

E Silvestre, lançando-me um olhar entendido, disse para a mulher:

— Sahiste?

Ella admirada:

— Sahi, sim.

— E foste por Valle de Pereiro?

— Fui; quem te disse?

— Ninguem. No entanto não voltaste por lá.

— Tambem é verdade.

— Passaste no Loreto.

— Exacto.

A cada affirmativa da mulher Silvestre lançava-me um olhar de triumpho.

— Pode saber-se onde foste?

— Se tu já sabes, para que o perguntas?

— Foste á Baixa fazer compras, affirmou elle ironico e nervoso.

— E' certo.

E, tirando o lenço da algibeira, a viscondessa assoou-se.

Silvestre tornou-se extremamente pallido e disse á mulher com voz tão alterada que ella affligiu-se:

— Emprestas-me esse lenço? Não tenho aqui o meu...

A viscondessa estendeu-lhe o lenço e indagou carinhosamente:

—Que tens? Sentes-te mal?

Elle com riso forçado:

— Nada, absolutamente nada.

Ella então voltou-se para mim e disse-me n'um tom apprehensivo:

— O Silvestre dá-me cuidado. Está com o genio perfeitamente alterado e d'um nervosismo extremo... tão depressa o vejo livido e lhe encontro as mãos geladas, como o noto afogueado e coberto de suores. O Pedro devia convence-lo a consultar os medicos. Tenho-lh'o pedido muita vez, mas não faz caso do que eu digo.

— Está bem, calla-te, intimou elle com azedume.

As lagrimas assomaram aos olhos da viscondessa que, para as occultar, sahiu da sala.

Então Silvestre levantou-se, fechou de novo a porta, e, tornando a sentar-se, murmurou em tom doloroso, lançando-me um olhar febril:

— Notaste?!

— O quê?

— Que não me enganei em nenhuma das minhas affirmações.

— Ora adeus... acaso.

— Não, senhor, deducção. A Leonor está de roupão, mas de botas, e botas com lama: signal de que sahiu e foi por Valle de Pereiro. O dia está optimo e as ruas enxutas, mas n'aquelle sitio o terreno foi revolvido por causa das obras e a agua que cahiu a noite passada tornou-o lamacento. Ora... o pintor mora na Rotunda. Voltou pelo Loreto porque traz no peito um ramo de *mignonettes*, que só na rua Nova do Carmo se vendem. E por ultimo, concluiu mostrando-me a ponta do lenço que a mulher lhe emprestára, vê.

— H. D. Isso que tem?

— São as iniciaes d'elle: Hervé Duquesne.

— Mas vocês estão zangados? Porque não comem juntos?

— Porque Leonor sobre um pretexto futil, almoça sempre no quarto.

— E ao jantar?

— Nunca falta. Mas como ia dizendo, tenho-a espreitado. Leonor sae todas as manhãs e occulta-m'o. Habituada a contar-me tudo não sabe mentir... cae em contradicções: emfim a situação é insustentavel e resolvi pôr-lhe cobro.

— Pensa bem no que vaes fazer...

— Tudo quanto ha de simples. Sabes que resolvi abrir banca de advogado? Que queres? Desde que li o Conan Doyle apaixonei-me de novo pela minha carreira e anceio por entrar em acção. Tenho a certeza de que nada escapará á minha investigação. Vou ás Ilhas e se aquillo por lá me agradar...

— Mas não estavas melhor aqui?

— Talvez, talvez... pensarei n'isso. Por agora convem-me partir, e é esta a razão que dou. Não o faço porém sem me despedir de minha mãe que chega dos Pyrineus no dia vinte e oito; tenho portanto diante de mim quinze dias para pôr a limpo um caso que já não offerece a menor duvida.

— Ha pouco affirmaste ter provas..., notei como se o apanhasse em contradicção.

— Eu te digo. Holmes empregava como agentes em casos graves, garotos com pouco mais de uma duzia de annos. Chamei, pois, um pequeno que me pareceu atilado e fi-lo seguir a viscondessa. Ella... entrou em casa do pintor. N'essa tarde perguntei-lhe onde fôra. Córou, hesitou e, beijando-me na testa, respondeu com embaraço não isento de malicia: «á missa». Fiquei como pregado na cadeira. Não ignoras as minhas relações com Beatriz... é á missa que ella diz ir quando me vem encontrar. Imagina o golpe que soffri.

— Meu caro, na vida é assim: olho por olho e dente por dente. Comprehendo o padecimento do teu orgulho, mas quanto ao coração, a julgar pelo que contas, deve ter ficado incolume.

— Enganas-te. Eu adoro minha mulher.

— Agora? indaguei com incredulidade, a que não era estranha uma ligeira zombaria.

— Sempre. E' um espirito superior, mas a um homem não basta espirito e virtude; é preciso alguma coisa mais. A' Beatriz amo-a. Desejava minha mulher em Beatriz e Beatriz em minha mulher.

— Isso é muito complicado para poder ser entendido por um homem methodico nos affectos como eu sou.

— Por isso mesmo, adiante. Basta dizer-te que tomei quasi odio a Beatriz e estou resolvido a quebrar com ella.

— Mas, agora pergunto eu, que culpa tem a pobre rapariga da falta da viscondessa?

— Se eu tivesse sido para Leonor o que devia, nada d'isto se tinha dado. Por quem faltei eu aos meus deveres?

Oh! a logica dos homens, exclamei indignado; tu, e só tu, é que és culpado...

— Serei, não se discute; tu desconheces insignificancias sempre importantes em assumptos d'esta natureza. Mas, voltando ao caso, resolvi para ámanhã o grande passo e, como receio a impetuosidade do meu genio, contei com a tua companhia e amisade.

— Fizeste bem. Estou ao teu dispôr.

— Obrigado. Jantas commigo. A' noite iremos a S. Carlos e verás com os teus proprios olhos o jogo da viscondessa. Não é elle que se desmanda.

— E' francez, não admira.

— Ella, é ella! Mas não falemos mais do assumpto, despreoccupemo-nos até quanto possivel. Queres um cigarro?

— Obrigado. Pelo que vejo destinas-me o papel do Dr. Watson? Não será uma imitação fiel de mais?

— Watson não está sem um fim nos livros de Conan Doyle. Dir-te-hei mesmo que é um complemento de Holmes: affaga-lhe e esperta-lhe o raciocinio, procedimento magnifico para obter um exito singular. Estás sem emprego; se, mediante a modica quantia (aqui hesitou) d'uns trinta mil réis, quizesses servir-me de secretario particular, ser-me-hias de não vulgar utilidade.

— Não te parece disparatada a tua conducta?

— De modo nenhum: é até a mais racional possivel, visto que se baseia em raciocinios.

COMPREHENDO O PADECIMENTO DO TEU ORGULHO...

— N'esse caso acceito.

E, com uma pontinha do genio aventureiro que dorme no fundo de todo o coração portuguez, eu lisonjeava-me de me sentir Watson, bem que mais desejasse vêr-me Sherlock Holmes.

Silvestre agradeceu-me commovido e, querendo mostrar-se á altura da situação d'um *dectetive* perfeito, lançou mão da guitarra e depois d'uns preludios entoou:

Deixa em teus labios de fogo
Toda a minh'alma queimar,
Porque, se a vida é um jogo,
Perdê-la assim é ganhar.

Na estreiteza d'um abraço
Nas ancias d'um bei...

— O senhor não sai? indagou da porta o creado.

— Sim, sim, respondeu Silvestre, atirando com a guitarra para cima d'uma cadeira. Ponham o dog-cart.

Durante o passeio o visconde mostrou-se despreoccupado, mas na sua falsa e ruidosa alegria percebi que occultava um vivo soffrimento. Impressionou-me sempre mais a dôr que tenta vencer-se do que aquella que se entrega ao desespero. Procurei distrahi-lo; mas no seu olhar febril, no riso nervoso e forçado, desagradavel ao ouvido como viola desafinada, na volubilidade e rapidez com que passava d'um a outro assumpto, e até na vivacidade da replica, tudo á uma demonstrava n'elle um poderoso esforço de reacção.

O jantar passou-se bem. A viscondessa, animada pela alegria do marido, fazia brilhar o seu espirito levemente satyrico, e eu observava-os a ambos, lamentando de mim para mim a breve desunião d'aquelle interessante par. Ao café um creado assomou á porta trazendo na mão um lindo ramo de cravos brancos.

— Para a sr.ª viscondessa!

— Quem manda? interrogou Leonor com ligeira emoção.

— Não sei, minha senhora.

— Então como lhe veiu á mão?

— Entregou-m'o o porteiro, dizendo que o trouxe um moço.

— Decerto uma lembrança da estouvada da Thereza, continuou a viscondessa com voz pouco firme. Dê essas flôres á Luiza; que as ponha no meu toucador.

Durante este curto e rapido dialogo olhei Silvestre. O rosto tornara-se-lhe livido, os labios incolores e os musculos faciaes agitavam-se-lhe: tinha um aspecto feroz que a custo serenou. Voltando-se á viscondessa, que insistia na estranhesa que lhe causava o modo porque chegaram as flôres, respondeu naturalmente:

— Estás ligando extrema importancia a um facto insignificantissimo e da mais facil explicação. O homem tinha pressa e esqueceu-se de entregar a carta ou bilhete que trazia; quando der por isso voltará a reparar o erro.

Leonor mostrou-se satisfeita com a opinião do marido e ausentou-se para cuidar do vestuario. Eu fui envergar a casaca e segui para S. Carlos.

A primeira cousa que notei foi o pintor, passeando no vestibulo d'um lado para o outro e tendo na lapella um cravo, em tudo semelhante aos de Leonor. Mal tinha feito esta observação senti, passos atraz de mim e a voz crystallina da viscondessa que me dizia rindo:

— Foi pontual pela primeira vez na sua vida.

Offereci-lhe o braço e olhei rapidamente em volta; já não vi o francez. Quando auxiliei Leonor a tirar a sua explendida capa, notei com pasmo que no seio e na cabeça se destacavam dois lindos ramos de cravos brancos. Silvestre, surprehendido tambem, não pôde conter-se que lhe não dissesse com visivel contrariedade:

— E' de mau gosto e muito pouco senhoril usar flôres de que se ignora a procedencia.

Leonor respondeu naturalmente:

— Talvez tenhas razão... tens por certo; mas não tinha outras. E, pegando gentilmente no cabo do seu pesado binoculo de esmalte, começou observando a assistencia e sorrindo ou acenando com a mão a uma ou outra amiga ou conhecida que, como ella, ornavam a sala. Fazia-o tão natural, tão despreoccupadamente que eu não sabia que pensar.

N'um dos intervallos Duquesne veio ao camarote. Leonor recebeu-o amavelmente e, n'um momento em que Silvestre e eu discutiamos acaloradamente a voz do barytono, ouvi distinctamente Leonor murmurar ao ouvido do pintor:

— A'manhã.

Elle depois mostrou-lhe por um gesto o cravo que tinha na botoeira e murmurou:

— Quiz que eu o trouxesse...

Ella sorriu e assentiu por um gracioso movimento de cabeça.

Então radicou-se-me completamente no espirito a idéa da culpabilidade de Leonor, e notei que nada ha mais imprudente do que o amôr, quando verdadeiro. Beatriz, a dôce e sympathica amante de Silvestre, n'um camarote do lado opposto, desolada por não lhe merecer um olhar, não desfitava os olhos d'elle sem se lembrar ou importar com o que cada um poderia dizer. A sua angustia era visivel. Leonor, a dois passos do marido, lançava um olhar de entendimento ao pintor e murmurava-lhe ao ouvido um *ámanhã* que se me afigurava cheio de promessas.

Chegára a casa e, tirando o sobretudo, inda mal tinha tido tempo para coordenar os acontecimentos do dia, quando Silvestre me entrou no quarto, e atirando comsigo sobre o divan, exclamou:

— Então viste?

Acenei affirmativamente, não sabendo até que ponto elle levára a sua investigação.

— Tudo, tudo? insistiu elle.

— Creio que sim.

— Isto tambem? indagou, incredulo, atirando sobre a mesa um papel azul amarrotado.

— Não, isso não.

— Então lê.

No papel azul com as iniciaes de Hervé Duquesne, li estas palavras escriptas rapidamente a lapis: «Hoje foi-me impossivel esperal-a. Quando volta?»

— A impressão que senti foi tal, que, chegado a casa, não pude impedir-me de lhe fazer uma scena, tomando como pretexto as flôres, confessou o meu amigo.

— E agora? perguntei assombrado.

— Agora mato-os, respondeu friamente o visconde.

— Mas não era bom interrogal-a, confundil-a primeiro? Saber até que ponto está compromettida?...

— Qu'importa? Faltou.

— E tu?

Silvestre abaixou a cabeça e, após uns segundos de silenciosa lucta interior, redarguiu:

— Tens razão, não me compete julgar. Separar-me-hei e partiremos em seguida: mas primeiro quero mostrar-lhe que não sou um imbecil. A'manhã tambem vou á entrevista.

— Era melhor não ir.

— Vou. Se não queres, não me acompanhes.

— Eu deixava-te lá só n'uma occasião d'essas!... E a hora?

— A's sete. Como sabes?

— E' o costume.

— Bem. Vou acompanhar-te a casa.

— Acceito. Se quizeres perder estas horas da noite conversando comigo, fazes-me um favor especial: pela primeira vez na minha vida sinto-me completamente desorientado.

O resto da noite pareceu-nos interminavel. Emfim, pela volta das seis e meia, sentimos uns leves passos que deslisavam pelo corredor, e pela frincha da porta pudémos vêr o vestido branco da viscondessa desapparecendo na porta do jardim. Olhei para Silvestre.

— Sigamol-a, ou por outra, tomemos-lhe a dianteira.

E, abrindo a porta do vestibulo que dava para a rua, tomámos apressadamente o caminho da Avenida.

Ao chegar em frente da casa de Duquesne o visconde, sem hesitar, entrou.

NÃO PUDE IMPEDIR-ME DE LHE FAZER UMA SCENA

— Agora onde vaes? indaguei tomando-lhe o braço.

— A casa d'elle... é no primeiro, direito.. ficarei no patamar superior... quando Leonor chegar entrarei com ella.

— Mas isso é o escandalo talvez a morte!

— O que fôr se verá.

E, soltando-se-me da mão subiu a escada.

Segui-o. O coração batia-me apressado e pelo meu estado comprehendi o de Silvestre. Decorreram minutos longos como seculos, e por fim os degraus fizeram ouvir o passo ligeiro de Leonor.

Olhei o visconde. Tremia e o suor inundava-lhe a testa. Aventurou-se a espreitar. Imitei-o, e vimos a viscondessa bater á porta da esquerda. Então Silvestre, galgando d'um salto os degraus, achou-se ao pé da mulher no mesmo instante.

A viscondessa recuou um passo e, soltando uma sonora gargalhada, perguntou:

— E o Pedro?

Vendo-me apparecer por meu turno, desatou a rir com tal gosto que as lagrimas lhe corriam pelas faces. Nós olhavamol-a perplexos.

A porta abriu-se e a viscondessa, continuando a rir, disse-nos:

— Uma vez sem exemplo permitto-lhes que entrem adiante. Por ahi.

E apontou-nos o corredor.

Entrámos n'uma sala onde uma senhora sexagenaria conversava animadamente com H. Duquesne, que, sentado diante d'um cavallete, retocava um retrato de Leonor, em tamanho natural, com cravos brancos na cabeça e no peito.

A senhora, ao vêr Silvestre, correu a cingil-o nos braços, clamando alegremente:

— Meu filho, meu querido filho! Quanto estimo vêr-te!

E, voltando-se á nóra, n'um tom de censura:

— Não soubeste guardar segredo até ao fim!

— Não tive culpa, minha querida mãe, respondeu a viscondessa, rindo e lançando-nos alternativamente, a mim e a Silvestre, olhares impiedosos. Foi um simples acaso que, a meu pesar, me proporcionou a agradavel companhia d'estes senhores.

Silvestre e eu, sem percebermos bem, sentiamo-nos vexados. A viscondessa continuou:

— Por hoje, meu caro Duquesne, fica addiada a nossa sessão. Estes senhores convidaram-me para um divertimento a que me não posso recusar, embora tenha a maior pena de lhe causar atrazo.

Nós examinámos a tela, dirigimos alguns elogios ao pintor, mas sentiamo-nos contrafeitos, receando parecer ridiculos. Depois de combinar nova sessão para completo acabamento da obra, Duquesne retirou-se, parecendo não ter ligado a menor importancia á nossa intempestiva entrada.

Então Leonor, depois de ter trocado em voz baixa umas palavras com a sogra, começou dirigindo-se a mim:

OUVI-O EM MINHA PROPRIA CASA CONVIDAR BEATRIZ A SEGUI-LO

— Vou contar-lhe uma historia, Pedro, que talvez o interesse, bem que lhe não seja completamente estranha. Quando Silvestre pensou em ir ás Ilhas disse-me que eu devia ficar, porque se tratava d'uma ausencia de curta duração. Maguou-me a resolução e admirou-me por insolita, preoccupando-me muito; a breve trecho um acaso me descobriu a causa. Ouvi-o, em minha propria casa, convidar Beatriz a segui-lo. Fugia-me? Abandonava-me? Como o poderia eu saber? A sua resolução nada tinha de desculpavel a não ser uma grande paixão. Beatriz é uma senhora, recebida em toda a parte como tal. Se seguia Silvestre, era decerto na idéa de não mais se separar d'elle, e só para rea-

lisação d'um tal desejo se tornava comprehensivel a conducta d'ambos, sobre tudo a d'ella. A mulher hesita sempre diante d'um escandalo. Se eu chorasse e lhe pedisse que desistisse do seu intento, não obteria nada: os homens espesinham sempre quem se humilha. Decidi, pois, servir-me das suas novas theorias de investigação e escrevi a minha sogra pedindo-lhe auxilio.

Voltando-se ao marido continuou:

— Não querendo deprimir-te na opinião de Duquesne, o que aliás bem merecias, distribui-lhe o papel, deixando-o na ignorancia de tudo. Ajustei o meu retrato, feito a occultas, para te presentear no dia da tua partida.

— Agora, perguntou a mãe de Silvestre sorrindo, que preferes tu levar: a copia ou o original?

— Isso nem se pergunta, respondeu o visconde, confundindo no mesmo abraço a mulher e a mãe.

— Uma palavra ainda. Como arranjaste esta casa?

— Disse-me Duquesne que estava vaga, falando em vêr se lhe cederiam um quarto para pôr o cavallete, visto no seu atelier entrar muita gente e não ter onde o occultar.

A mãe de Silvestre, sorrindo, foi a uma gavetinha d'um lindo contador de pau santo e, tirando um sobrescripto, entregou-o ao visconde dizendo:

— Ahi tens o plano do ataque, a conta da mulher que bordou as iniciaes no lenço, etc., etc.

— Mas o bilhete de Duquesne? interrogou Silvestre.

— E o cravo que elle trazia na lapella? ajuntei eu.

— Isso são pequenos retoques que eu, como mais experiente (para alguma coisa servem os cabellos brancos) dei na obra de Leonor. Pedi ao pintor que levasse o cravo para por um gesto inquirir de Leonor se tinha recebido os que lhe mandei, porque parecia que o moço os entregara n'outra parte. O bilhete fiz-lh'o escrever dizendo precisar sahir caso ella não viesse. Instei com elle para que fôsse a S. Carlos e me trouxesse a resposta, sem que tu désses por isso.

— São habilissimas as mulheres quando se trata de enganar! Que dizes a isto Pedro?

— *Tout est bien qui finit bien.*

O visconde quebrou as suas relações com Beatriz. Dizer que a lição o deixou completamente emendado em aventuras de amôr, seria desconhecer o coração masculino. O que é certo é que durante um anno, ou talvez mais, Silvestre só pensou na mulher. E, no seu espirito, encontrou n'ella o *dectetive* inglez, um perigoso rival.

MARIA O'NEILL.

Transviada

Por tão feios, asperrimos caminhos,
Teus mimosos pésinhos delicados!
Não podem mais seguil-os meus cuidados
Por esses intrincados escaninhos...

Tão incautos que vão, pisando espinhos
Hão-de chegar ao termo ensanguentados!
Hão-de abysmar-te emfim n'esses vallados!
Guiados á mercê, os pobresinhos...

Minha razão tambem empobrecida
Infraquecendo a mão que te guiava...
D'aqui te prophetisa, á despedida,

Que has-de vir, no regresso da jornada,
Dizer-me então, talvez envergonhada:
Não existe a ventura apetecida!...

Armamar.

Ernesto Leitão

Os bastidores do nihilismo

Historia de um assassino, contada segundo os jornaes
e a narrativa pessoal do seu secretario, Mr. Bruce Ingersoll

POR

MAX PEMBERTON

XXIV

O regresso a Inglaterra

Levantamos ferro com destino a Inglaterra no dia seguinte ao romper da madrugada. Pouco tenho que escrever ácêrca da nossa viagem, nem desejo muito demorar-me com respeito á difficil posição em que me colloquei. O leitor que me acompanhou até aqui comprehende facilmente as singulares circumstancias em que me encontrava, responsavel como era pela custodia de uma pessoa accusada dos mais graves crimes. Não conseguira ainda provar a sua innocencia e davam-me toda a liberdade de proceder com ella como entendesse. A par d'isso tinha que responder pelos meus actos a um homem a quem eu aprendera a temer e a estimar.

Paulina e eu eramos os dois unicos passageiros a bordo do yacht. Todas as manhans quando acordava, muitas vezes com o sol, os meus primeiros pensamentos fixavam-se no instante em que ella sahisse do seu camarote para vir ao meu encontro, com o cabello cahido pelos hombros brancos, com as faces rosadas pelo bom ar do mar, com os olhos irrequietos pela alegria de vida, mas desviando-os dos meus. Que jogo das escondidas esse! Todas as suas estupendas evasões, as suas loucuras demagogas, a sua tagarelice ácêrca de liberdade e de justiça colhida de livros exaltados, e por cima de tudo isto o seu lindo e provocador ar de mulher, como que me solicitavam que a tomasse nos meus braços e desafiasse todo o mundo a accusal-a.

Jehan Cavanagh desejaria isto ou não? Paulina assombrou-me uma noite quando estávamos á vista de S. Vicente, dizendo-me ousadamente com zombeteiro sorriso:
— Mr. Cavanagh tem medo dos meus amigos. O senhor tornou-se o meu carcereiro, Mr. Ingersoll, o que o tranquilisa. Já em Baku me temia. Mas se o senhor me protege...

Pegou-me na mão e apertou-ma.

— Podiamos desembarcar em Lisboa — declarei eu — quem nol-o prohibia? Podiamos ir por esse mundo fora, Paulina, viver em qualquer parte onde ninguem soubesse os nossos nomes. Quem o impediria? Em Inglaterra ainda talvez se levantassem difficuldades, mas de Lisboa partiriamos para a America. Eu trabalharia para si, ensinal-a-hia a viver; faria de si minha mulher, Paulina...

Emmudeceu-me com um gesto quasi duro.

—Iria comsigo—affirmou ella—mas nunca teria direito a ser sua esposa.

Essa resposta chamou-me, á realidade das coisas. Pensava algumas vezes que o senso moral, tal como o comprehendemos no Occidente, não o conhecia Paulina. As suas doutrinas eram as de uma rapariga do Oriente. Estremecendo como uma joven de temperamento apaixonado, não duvidava que ella me seguisse até o fim do mundo. Bastava que lhe dissesse: «vem». Nem havia virtude na minha hesitação. O crime de que a accusavam despertava em mim uma voz que devia respeitar. N'esse momento não era mais que um protector, e respondia por ella e pela sua honra a Jehan Cavanagh. A victoria custou-me immenso... tanto que receio confessal-o.

Declararei que nos seus momentos de ira contra mim... pois houve esses momentos... não me encontrou sem defesa. Estreitara-a nos meus braços quasi brutalmente, e tentava, n'esse instante, arrancar-lhe a confissão:

— Não é criminosa — exprobei-lhe — hei de conseguir que me diga a verdade.

Arreceou-se, a sua phisionomia tornou-se impenetravel, os labios tremeram-lhe, fitou-me com persistente desafio. E, lembro-me, esta tragedia do interrogatorio repetia-se todos os dias. Não havia treguas a tal respeito. Desde o momento em que Paulina sahia do seu camarote para o almoço até as minhas demoradas «boas noites», ella e eu ficavamos só no grande salão ou tornávamo-nos um par feliz no convés. O capitão Greenwood, se conhecia os antecedentes de Paulina, portava-se com um tacto que eu não esperava n'um homem de mar. Reunia-se comnosco á mesa — fumava cachimbo commigo quando Paulina se ia deitar, á noite, mas nunca pronunciava o nome d'ella na minha presença.

Assim decorreram os dias d'aquella esplendida viagem, e uma madrugada quando Paulina sahiu do seu camarote mostrei-lhe as rochas alvacentas de Inglaterra, e diligenciei ser tão sentimental quanto a occasião o exigia. A sua indifferença desapontou-me. Chovera immenso durante a noite e a bruma da manhan tornava as costas tristes. Este contratempo convenceu-a que a nossa tendencia para a melancolia não era exaggerada. Estou certo que Paulina esperava encontrar toda a gente vestida de preto.

— Mesmo quando vão a Baku o seu aspecto é frio — commentou ella falando dos meus compatriotas — pois se até quando dão beijos parece que rezam orações. Se puzerem um inglez ao sol, arrepia-se. Clama: «Perco o meu logar no céo se gostar do sol». Vi-os em Paris com um ar tão triste e tão lugubre como se fossem para o cadafalso. Mr. Ingersoll, é como elles, mas eu, de quando em quando, faço-o rir. E quando me beija, não pensa em rezas...

— Pois ha assim tanta coisa no mundo, Paulina, que nos desperte o riso?

— Tudo — exclamou, com uma gargalhada espontanea — tudo quanto vemos, tudo quanto fazemos... todos os dias, sempre... não é fingido, artificial, falso? Exactamente como n'este momento, quando me diz que os meus olhos são azues como o mar... pensa que sou vaidosa e que me ufana com esse madrigal? Quando desembarcar irá ter com Mr. Cavanagh e dir-lhe-ha: «E' um diabrete obstinado, ella, e não lhe apanhei nada.» Sei isso e rio... rio mesmo na prisão quando os seus amigos vão ali ameaçar-me. Quanto mais rio menos falo — e aconchegou as minhas mãos ao seu peito, — é muito natural que envelheça antes de conseguirem que eu faça a mais pequena confidencia. Em Inglaterra, Mr. Ingersoll, é provavel que me achem extravagante.

— Mas agrada-lhe ir ali commigo?

O sorriso apagou-se-lhe nos labios, e encarou-me bem de frente.

— Comsigo, sim — respondeu-me — mas só comsigo.

— Descanse; ninguem mais desembarcará com Paulina.

— Isso não é verdade, Mr. Ingersoll; Fédoro tambem irá comnosco.

— Quem é Fédoro?

A pergunta saltou-me naturalmente dos labios, porque não tinha a minina noção de quem poderia ser esse homem. Mas percebi immediatamente que ella não me acreditava. Lia-se-lhe nos seus maravilhosos olhos a duvida e o desprezo que essa duvida representava. Estou certo que suspeitava que eu lhe mentia.

— Fédoro é creado de Mr. Cavanagh. E' impossivel que não o conheça.

— Mas nada mais verdadeiro. Nunca vi

semelhante creatura na minha vida. Não m'o pode descrever?

Não accedeu a este meu pedido. Os meus protestos não lograram convencel-a. Não me quiz confiar senão metade dos seus pensamentos a esse respeito. Mas não occultava de mim mesmo que surgira entre nós um certo elemento de desconfiança com que era preciso contar. Felizmente interpoz-se outra coisa. Tocou a campainha para o almoço e, como o capitão Greenwod se veiu assentar á mesa, não se me deparou ensejo para insistir no assumpto.

— Devo communicar-lhes que ámanhan por estas horas devemos estar no Tamisa — participou o capitão.

Era a primeira vez que nos dizia que nos dirigiamos para o Tamisa.

— Fundeia em Gravesend, capitão Greenwod?

— Não tanto cá em baixo, Mr. Ingersoll. Vou desembarcal-os em Porto Victoria. Nós vamos ao Tyne para examinar a machina. Ha tres annos que este yacht anda no mar e os yacht envelhecem muito depressa.

— São como as mulheres — commentei eu — e quando envelhecem são teimosas. Ao capitão deve saber-lhe bem passar algum tempo em terra.

— Assim e assim; nasci no meio d'esta bacia azul e não ando bem fora d'ella. O que me faz embirrar com a terra é que ali raras vezes se sente a alegria de viver. No mar é outra coisa... com bom tempo ou mau, ao meio-dia ou á meia-noite, alegra-me a vida. Talvez isto pareça singular no filho de um homem que cahiu no *Victoria*. O habito de gostar do mar arreiga-se na gente como qualquer outro. Com certeza esta senhora não é da mesma opinião.

Paulina que o ouvia com interesse, replicou-lhe sem demora:

— Concordo plenamente comsigo, capitão Greenwood. Vivi cinco annos á beiramar, e comprehendo-o. Sempre a contemplar o azul do firmamento, a perguntar o que existe ali, para além das nuvens... a admirar as suas estrellas scintillantes... é o entretenimento do marinheiro. Vivemos nas cidades porque estamos cegos, mas é bom não dizer semelhante coisa a Mr. Ingersoll. Tem fallado de Londres desde que sahimos de Lisboa. Todo o bom inglês assim faz; em qualquer parte onde esteja tem sempre saudades de Londres. Que feliz se considerou desde que partimos para Londres.

Rimos todos e o tempo passou. Quando principiou o almoço estávamos á vista da Ponta de Santa Catharina, em seguida surgiram os penhascos alvejantes, as dunas de areia, cidades que eu conhecia tão bem como a sua historia. Algumas são verdadeiras banalidades, louvado seja Deus! Quem viajou pelo Oriente pode supportar as lendas de Littlehampton, ou de Decameron? Mas aprazia-me esquecer, conversando, a dura prova que me esperava em terra. Até onde nos transporta a nossa imaginação? Revelaria Londres os seus segredos? Responder-me-hia Londres ás innumeras interrogações que me tinham torturado desde que sahira de Veneza? Breve saberia tudo isso. Não existia nenhum navio que andasse sufficientemente depressa para acompanhar os meus pensamentos n'aquella noite.

Estávamos pelas alturas de Dover, lembro-me, ás oito, e um luar esplendido ajudava-nos a subir o Tamisa. Paulina tornara-se silenciosa, e raro conversava commigo. Mettera-se-lhe na cabeça que cedo nos separariam, e que o tal homem misterioso, Fédoro, seria a principal causa dos seus infortunios. Falara-lhe com a maxima franqueza, não podia fazer mais. A bordo, como na prisão de Bruges, não pronunciara uma unica palavra para se defender, continuava muda, embora o seu mutismo destruisse a sua e a minha vida.

— Não fala porque ama o homem a quem protege.

Nunca refutara o asserto; não o repudiou n'esse momento.

— Não o nego, Mr. Ingersoll — protejo um homem, que me offendeu gravemente.

— Paulina! Santo Deus! Mas os seus olhos negam a affirmativa. Tem outro motivo. Não é porque o ama?

— E' verdade — redarguiu ella com a maior placidez —, não é porque o ame.

— Nem porque o tivesse amado?

Esquivou-se a responder, falando ácêrca da noite, da terra distante, das luzes da cidade, dos pharoes que brilhavam por cima da areia, de tudo menos do que eu desejava. Quando me deu as «boas noites!» os seus modos eram quasi contrafeitos.

— Fez muito por mim, Mr, Ingersoll —

disse-me — Se isso representa alguma coisa para si, nunca o esquecerei.

— Não fiz nada, Paulina. Impediu-me que fizesse fosse o que fosse.

— O tempo me justificará, e não é pouco contar com um amigo. Permitta que uma creança lhe deseje um «até a vista!» de mulher.

E assim se afastou. Durante uma hora inteira andei pelo convés a meditar sobre o que me succedera, e principalmente na declaração de Paulina que protegia um homem que a offendera. Podia ser um logar commun tal asserto, mas não se me afigurava natural. Todavia, surprehendeu-me verificar que a repetição da phrase me torturava. Se tivesse sido amante d'esse homem... mas Santo Deus! Que affronta á lealdade d'aquelles inolvidaveis olhos! Todas as suas feições revelavam innocencia, e o meu coração recusava-se a acreditar que houvesse n'ella qualquer nodoa; queria-a para esposa de toda a minha vida.

NÃO FALA PORQUE AMA O HOMEM A QUEM PROTEGE

Dirigi-me para o meu camarote, mas não para dormir. Qual foi, porém, o meu assombro quando encontrei aii, em carne e osso, o argelino (como eu o designava), o mesmo que fôra comnosco para Waterbeach quando Mr. Cavanagh me levou ali da primeira vez.

Acudiu-me então subitamente, que era elle o homem a quem Paulina chamara Fédoro e que entrara para bordo em Veneza.

XXV

Fédoro

Podia ser tambem uma falsa supposição. Havia outras hypotheses. Podia ter embarcado em Gibraltar ou em Lisboa... ter saltado em Dover á noite. Contra isto levantava-se a convicção de Paulina que dera pela sua presença a bordo havia muito tempo. O caso é que elle se encontrava ali, á porta do meu camarote, inclinando-se com toda a reverencia, mas no seu rosto moreno luzia um olhar negro que não o tornava nada attrahente.

— Bon soir, M'sieu.

O seu francez, tinha agora, como reparara então, um singular accento, que eu não podia localisar. Quando me appareceu, pertencesse a que paiz pertencesse, afigurou-se-me vêr n'elle a morte. A exclamação que os meus labios soltaram nem a prudencia nem a delicadeza podiam fazer retrogradar.

— D'onde demonio vem?

Respondeu-me ainda no seu arrevezado francez.

— De casa de meu amo... venho buscar

essa senhora para a levar para Watterbeach.

— Traz alguma carta?

— Não, senhor... o meu amo não está bem... não pode escrever.

Era curioso registar como os seus olhos negros relampejavam e giravam nas orbitas quando me respondeu. A esse typo faltava certamente um fez e uma cimitarra. Lembrei-me que os calções largos do Oriente lhe iriam a matar.

— Quando veiu para bordo?

— Em Plymouth... á hora do lanche.

— Mr. Cavanagh está em Watterbeach?

— Está ali ha cinco dias... uma semana.

— Porque não me procurou antes?

Desfechou sobre mim um olhar que quasi me penetrou.

— Necessitava andar com prudencia; a pequena tem muitos amigos em Inglaterra. Meu amo muitos inimigos. Se eu não fosse discreto...

Calou-se de subito com um aceno de mão, como se significasse «bem sabe o que quero dizer». A proposito da sua declaração, convenci-me que não tinha importancia, se me falara ou não a verdade. Francamente, se tivesse embarcado em Veneza, podia ter recebido correspondencia de Plymouth ou mesmo de Dover. Recordei-me que vira o barco dos pilotos a bombordo quando passáramos pelo caes do almirantado.

— Mr. Cavanagh mandou-me algumas instrucções?

— Deve esperar em Londres uma carta sua.

— Onde?

— No hotel que escolher.

— Hospedar-me-hei em casa de lady Elgood, em Montagu Square...

— Não quer mais nada?

— Mais nada, ou se quizer escreverei directamente.

Inclinou a cabeça n'uma saudação perfeitamente oriental, e dirigiu-se com toda a pausa pelo corredor adeante como um pachá que atravessa o vestibulo de uma mesquita. Antipathisara com este homem desde o principio, e imagina-se facilmente com que apprehensão acolhia a noticia que seria o companheiro de Paulina quando ella sahisse do navio. Por outro lado sabia quanto Jehan Cavanagh gostava d'estas excentricidades, nem acreditava que a sua resolução deixasse de ter um designio. Se mandava ir Paulina para Waterbeach é que queria ouvir a sua historia da propria bocca d'ella. A minha presença em casa constituiria um embaraço e não um auxilio n'essas circumstancias. E indubitavelmente confiava n'essa creatura vinda do Oriente. O seu conhecimento dos homens era notavel, nunca falhava.

Acontecia por isso que eu estava, ás dez da manhan immediata, só com o capitão Greenwood no yacht, e tão desnorteado como se elle me desembarcassse em Goa e eu me transformasse em rajah de Bangalore. Respondendo ás minhas perguntas, contou-me laconicamente o capitão que Paulina sahira do navio ás sete e meia d'essa manhan e prohibira que me acordassem.

— Foi com o argelino? — indaguei.

Respondeu affirmativamente, e accrescentou, com grande satisfação minha, que o creado Edward tambem os acompanhava.

— Mas Fédoro não é argelino — corrigiu o capitão — é natural de Tiflis, uma especie de selvagem das florestas. Mr. Cavanagh trouxe-o para bordo depois de ter acutilado tres quartas partes da população com o seu montante. Comprou-o ao director da prisão, e leu-lhe as vidas dos Santos. Os seus antepassados devem ter desembarcado da arca de Noé em Ararat, mas é um bello homem que faz um effeitarrão n'uma cidade e não conhece meio termo em assumptos de fidelidade. Socegue que Miss Paulina não encontrava melhor defensor.

As suas palavras demonstravam-me plenamente que comprehendera o meu interesse no assumpto, o que lhe agradeci do íntimo da minha alma. Pelo que me dizia respeito, resolvera ir para Londres e ali aguardar as instrucções de Mr. Cavanagh em que me falara o moreno Fédoro. Não era coisa muito agradavel, estávamos no mez de agosto e o calor tornara-se insuportavel, escusado será affirmar-se; mas Londres, no meio de tudo, é a cidade da acção e fora de Londres um homem activo vive no purgatorio. Tomando esta maxima por evangelho, sahi de Porto Victoria n'um dos comboios da manhan e cheguei a casa de minha tia Mary em Montagu Square exactamente ás duas horas.

E' uma casa velha, n'um largo ainda mais velho e sombrío, e bastante lúgubre

nos dias vulgares. As festas de minha tia não são frequentes e as poucas que offerece são taciturnas. Costumavam reunir-se em volta da sua mesa de chá, cinco vigarios carrancudos que olhavam de má catadura para outros tantos curas. Via-se tambem ali um medico decrépito que só bebia agua pura e um antiquissimo creado, que ameaçava succumbir a uma apoplexia cada vez que desrolhava uma garrafa. Usualmente, á minha chegada, era necessario acordar esta antiguidade do seu somno martelando sem piedade n'uma porta de mogno e puxando com toda a alma pela campainha, triumpho de um artista genial nos primeiros tempos do reinado da boa rainha Victoria. Julgue-se, pois, do meu assombro quando, ao entrar no largo n'aquella tarde, o meu trem só a custo conseguiu passar por meio de muitas carruagens particulares, e encontrei não menos de vinte e cinco senhoras e outros tantos homens á porta da illustre dama.

— E' algum casamento — monologuei — a boda de Una!

Não me podia restar a mínima duvida. Os dias e as semanas tinham decorrido tão depressa, succederam-me tantas coisas desde que Una encontrara Harry Relton no baile de Trinity, que quasi esquecera a sua existencia. Só agora as fileiras das carruagens e as rubicundas faces dos sorridentes cocheiros me recordavam esses factos. E ali apparecia eu, não só sem vestuario adequado á ceremonia, mas vestindo um fato de flanela de viagem que envergonharia a rua Trinity. Na verdade o cocheiro do meu trem fazia melhor figura que eu n'aquelle solemne momento.

— Desejo mil venturas á noiva, senhor — disse-me o automedonte — e que ella encontre um marido tão bom como o senhor seria se fosse o noivo.

O que, traduzido em miudos, significava que não se lhe daria de beber uma pinga á sua saude. Preparava-me para lhe satisfazer o desejo.

— Sou «tectotaller» (1) ha muito tempo, — respondeu-me — beberei antes chá em casa de madame Tossand, ali ao voltar da esquina. Muito obrigado pelo seu favor, mas não lhe desejo que se case. Eu já enterrei duas.

(1) Pessoas que não bebem liquidos alcoolicos.

Continuei no meu caminho por entre as damas boquiabertas e topei na escada com um grande ajuntamento de pessoas de maneiras adocicadas.

Os cinco vigarios estavam já a um canto, discutindo o desastre nacional que representaria qualquer tentativa para se pôr em uso os paramentos vermelhos dos catholicos. Os cinco curas pareciam agitados principalmente por causa do Champagne e do pão de ló, que caçavam de mesa em mesa com a porfia de um lebreu sobre a presa. O velho doutor Tubbs, com um sapato de setim na mão, batia com elle nas abas do casaco de um seu competidor, ao passo que zombava da theoria que attribue a calvicie a um bacillo. Minha tia andava de um para outro lado e quasi chorava de alegria. Quando nos encontramos frente a frente, estacou como fulminada.

— Bruce... meu Bruce! Louvado seja o Senhor!

— Um copo de Champagne, tia, e uma sandwich de presunto para salvar a minha vida. Quer que morra de fome no limiar da sua porta?

Agarrou-me na mão com vehemencia e arrastou-me através dos convidados. Proximo do fogão — apagado é claro, senão seria morte certa n'um dia tal como aquelle — estava a pequena Una com o traje nupcial e o meu velho amigo Harry Relton, a verdadeira imagem de um inglês que não nascera para vestir sobrecasaca, mas que lh'a tinham enfiado á força. Quando o par me viu, soltaram ambos uma exclamação. A de Harry foi um berro como para assular os cães.

— De todos os meus primos mais estimados e queridos — declarou Una, offerecendo-me a face para eu a beijar, mas olhando para Harry como dizendo: «Não te importes, logo me beijarás á vontade!» — de todos os rapazes de quem mais gostava foi o primo o unico que nunca me escreveu uma simples palavra, e ainda por cima apparece no meu casamento com o fato com que assiste á limpeza do seu automovel.

— Minha cara Una, não seja injusta. E' uma excellente flanella, asseguro-lhe, comprada n'um alfaiate inglês em Monte Carlo. As algibeiras são largas por causa do dinheiro perdido. Agora, realmente, suppõe por um instante que eu sabia d'esta loucura?

Harry concordou, mirando a noiva como quem lhe dizia: «E' uma alimária, mas nós não fazemos caso!»

— Telegraphei-lhe para a direcção que nos deu, em Londres, mas o telegramma foi devolvido. Não deu signal de si, nem coisa que o valha. Lady Elgood recebeu uma carta sua de Trieste, mas um telegramma que ella lhe enviou não lhe foi parar ás mãos. Meu velho, onde se metteu e quem é a dama?

— Ha de ser uma menina com certeza — commentou Una — elle é tão conquistador! Talvez até já se tenha casado.

— Olhe lá — retorqui — quando eu me casar não maçarei os meus amigos com telegrammas a participar-lhe o meu infortunio. Esconder-me-hei como um ladrão, durante a noite e uma noite sem luar. Gosta do meu presente, Una?

Era curioso observar-lhe os olhos quando eu proferi essa phrase. Cruzou as duas mãos n'um arrebatamento de extase e tomou uma attitude que q alquer sentimental chamaria divina.

— Sei antecipadamente que ha de ser lindo. Já veiu, Bruce?

— Pois olhe já eu não sou da mesma opinião,. . . ainda o não comprei.

— E' o homem mais horrendo e menos limpo de Londres. Agradeça ao céo o partirmos ás tres horas.

Os seus pensamentos pareciam ser reciprocos, pois olharam um para o outro uma vez mais de modo a envergonharem-me, e principiei então a falar em alta voz ácêrca do tempo.

Logo depois Una descobriu que devia ir mudar de vestido ao seu quarto, e Harry tomou-me de parte, levou-me para o vão de uma janella e começou a conversar commigo com vivacidade.

— Correm por ahi cincoenta historias e todas acredito — declarou-me — A ultima é que estava em Veneza com uma rapariga turca. Deve ser verdade com certeza. O velho Blaker, de Jesus, tambem me contou que se relacionara com um americano doudo, Jehan Cavanagh. E' certo ou não, Ingersoll?

— Não, decididamente, Jehan Cavanagh nem é americano nem doudo.

— Mas deve sel-o. Parece que abandonou os seus negocios e foi para casa do diabo por que lhe mataram o pae em Baku. Blaker narrou-me essa trapalhada. Tambem me affirmou que Ingersoll era secretario de Cavanagh.

— Está muito bem informado. Hei de lhe perguntar quem o informou tão conscienciosamente.

— Tem uma unha que lhe adivinha tudo. Mas, meu velho, Cavanagh tem juizo ou é doudo?

— E' exactamente a pergunta que faço a mim mesmo a proposito de metade dos homens que eu encontro. São doudos ou teem juizo? Em geral sobrevém outra pergunta... consideram elles os outros doudos ou com juizo? E' uma historia muito comprida, Harry. Contar-lh'a hei quando voltar.

— Então só d'aqui a um mez. Partimos para Pangbourne esta noite... vamos passar a lua de mel a uma casa de campo, hein?! n'uma propriedade de meu tio em Somerset. Una quer que eu me dedique á advogacia com seriedade. Creio que ella tem razão.

— Depende do que a advogacia disser. Sabe, por acaso, como Blaker conhece tão bem os meus negocios?

— Sem duvida, foi aquelle velho maluco, Luthero James, que exerce clinica em Trumpington, que o informou. E' medico de Cavanagh, e entrou ao seu serviço em má occasião. A mulher enlouqueceu e tentou matar o filho. Um acontecimento terrivel, mas sabe sem duvida todos esses pormenores. Espalhou-se que Cavanagh está doudo furioso desde essa eventualidade.

N'este instante houve um movimento geral nos convidados, por causa da hilariante distribuição do inoffensivo, mas indispensavel cereal, e a violenta agitação do velho medico que com o sapato recordava a Harry as circumstancias do seu infortunio Este soltando um: «Por Jupiter! E' tempo de me retirar!» apertou-me a mão com força e safou-se. Seguiu-se-lhe então toda a antiga comedia da partida que, reliquia do barbarismo medieval, é ainda considerada necessaria á respeitabilidade das bodas. As senhoras riam com riso suffocado; vieram da cosinha todos os creados e enfileiraram-se defronte da porta; os homens trataram de disfarçar quanto possivel, mas tinham as mãos cheias de arroz. Minha tia Mary ria e chorava alternadamente, e tornava-se difficil

affirmar se as lagrimas ou os risos eram de tristeza ou de alegria. Quando Una appareceu o ambiente fez-se branco em redor d'ella. Atirou-se como n'um mergulho para dentro da carruagem, Harry foi-lhe no encalço; o cocheiro fustigou os cavallos, o velho sapato voou pelo ar, vimos n'um relampago varias physionomias risonhas á janella, a carruagem dobrou rapidamente a esquina no seu caminho para Paddington e houve um celibatario a menos n'este mundo egoista.

— Ficas cá, Bruce? — perguntou-me minha tia, quando voltamos para cima.

— Por alguns dias, se me der licença — respondi.

— Meu caro sobrinho, não podias fazer melhor coisa. Deixa-me olhar bem para ti, Não me pareces bem. Creio que andas apaixonado.

— O velho Tubbs adiministrar-lhe-há um antídoto. Que faz esta noite, Mary? Não dansa, espero-o?

— Não podia, meu caro; não tenho coragem para isso. Fica commigo, Bruce e ajuda-me a esquecer que sou uma velha. Estou certa que tens muita coisa para me contar.

— Tanto, minha cara tia, que nunca serei capaz de dizer nem mesmo metade. Agora, deixe-me ir lá acima mudar de fato. Estou como um carvoeiro que entrasse por engano em Buckingham Palace.

— Como jantas aqui, Bruce, conversaremos.

— Talvez — respondi e afastei-me.

XXVI

Um conhecimento

Minha tia pouco amor conservava a Montagu Square depois de Una se ter ido embora, e sahimos de Londres ambos, no dia immediato, para passar algumas semanas em Eastbourne. Só accedi em realizar esta excursão depois da solemne promessa feita pelo velho creado Fownes, que me mandaria todos os dias as cartas que viessem para mim e que não se descuidaria em expedir-me qualquer telegramma quando fosse necessario. Eastbourne não é uma estação de aguas muito divertida, mas para um amador do *tennis* tem grandes encantos. E regosijei-me com a companhia da amavel senhora que se arvorara agora em minha conselheira.

Francamente, contei muita coisa a minha tia Mary. Ha mulheres preciosas a quem se podem fazer confidencias; sympathicas, espertas mulheres em cujo criterio é acertado confiar. Mary Elgood pertencia a essa minoría. Seu marido morrera, na edade pouco avançada de quarenta e um, de febre, na Persia. As honras que conquistara como funccionario civil levaram-no á morte. Sei que minha tia Mary o chorou com dedicada e altruista pena, o que denunciava pouco convivio do mundo. Minha tia sentira sempre por mim uma certa predilecção. Em Eastbourne passeávamos juntos de carro ou a pé todos os dias e jogávamos o *piquet* tranquillamente á noite. A existencia que levara durante os ultimos tres mezes parecia-me tão afastada que mal podia acreditar que fosse real. Minha tia não estava de todo convencida.

— Ha pessoas muito singulares no mundo, meu caro Bruce — commentou ella uma tarde quando nos assentamos na relva perto de Beachy Head. Não é moda hoje em dia nenhum particular querer coagir o crime. Se meditares ácêrca de todas essas aventuras, acharás que Mr. Cavanagh nada mais fez que tentar reprimil-o por suas mãos, mas fal-o com os elementos de um millionario. Os que o são poderiam affirmar como isso é relativamente facil. Comprehendo muito bem que a policia ficaria satisfeitissima em secundar uma personagem com tanto dinheiro e tanta influencia. Mas tudo o mais é insensatez. Estas grandes perturbações sociaes não se aquietam pela simples acção de qualquer homem. Espera o teu amigo conseguir o que o tzar da Russia não conseguiu? Pensa que pode amarrar as mãos da época? Na verdade devemos lamental-o immenso. Como é que seu pae perdeu a vida? Porque foi elle a um paiz de selvagens para ganhar dinheiro quando já possuia tanto? Eu não quereria conviver com tal gente, Bruce. Evitaria associar-me com quem pode influir tão intensamente na nossa vida.

— Tia — respondi — se não fosse por causa de Paulina abandonaria o serviço de Jehan Cavanagh ámanhan. Aconselhou-me

o mesmo que eu repetia a mim proprio desde que sahi de Veneza. E' o magnetismo pessoal de Jehan Cavanagh que me obriga a acceitar as suas theorias de justiça e de legislação. Quando estou longe d'elle, vejo quanto são falsas. Faz mal em se vingar, e deseja vingar-se brutalmente. Por outro lado, é um homem que os outros homens devem estimar. Se o pudesse salvar de si mesmo considerar-me-hia felicissimo.

— Nunca o conseguirás, Bruce, já não é tempo. Com respeito á pequena, esquecem que residem em Inglaterra? Eu no teu caso iria a casa d'elle...

— A minha casa, tia... comprou-a em meu nome.

— Para enganar aquelles que o espiavam, naturalmente. Mas isso não altera o meu ponto de vista. Eu iria a Waterbeach e tirava-a de lá. Ouviste o que disse Harry... houve lá grande alvoroço... a louca quiz matar o filho. O acontecimento não será favoravel a Paulina Mamavieff, tem a certeza. Detesto os terrores, Bruce, mas tenho pena da pequena, e nas tuas circumstancias, não pederia tempo.

— Não me occorreu essa consideração — retorqui porfim — crê que ella corra perigo.

— Oh, isso é ir muito longe. Mas penso que a sua situação não é correcta, desde que pensas fazer d'ella tua mulher...

— Minha mulher... tia!

— Meu rapaz, isso é tão visivel como a luz de um farol, conheci-o logo apenas chegaste. Pensas que não tenho olhos. Bruce, quem ha que não tenha cuidados no mundo! Bruce, fazes-me rir todos os dias! Bruce, filosofo, Bruce misogino! Podes enganar-me. Meu rapaz, estás apaixonado por Paulina Mamavieff. O teu amor é a causa dos seus infortunios, o teu amor é que fez com que ella não te revelasse toda a verdade; âma-la porque existe entre os dois a simpathia commum de uma causa que não comprehendem... uma causa justa e muito honrosa. Deixa Mr. Cavanagh prégar tanto quanto elle quizer. Nunca modificará a minha opinião a tal respeito. E no fundo, Bruce, não penso que elle a deseje modificar. A coragem da pequena tambem o convenceu. Percebe-se isso em cada acto seu. A viagem de Paulina a Vienna foi uma vergonha. Mandou-a ali para te experimentar. Quando deixou os dois sosinhos no yacht, suppôz que ou te cansarias d'ella ou a obrigarias a casar comtigo. Tens sido fiel aos seus interesses, e se o deixares sósinho, será fiel aos teus.

— Acha então que devo ir a Waterbeach?

Minha tia tornou-se grave durante um instante.

— Acho — affirmou; — tudo de quanto conversamos é nada comparado com o que pode ali acontecer. Vae esta noite, Bruce. Traze Paulina para aqui. Ella me confessará a verdade. Nunca uma creança me occultou a verdade, e ella m'a revelará. Se quizeres, irei a Cambridge e esperarei ali por ti. Se vês que não é prudente... porque o teu amigo com olhos de Argus certamente o hade saber... deixa-me só um dia ou dois e vae ter commigo depois. Uma cabeça esperta desculpar-te-ha, e realmente, meu caro Bruce, um homem apaixonado não precisa desculpar-se.

Discutimos e tornamos a discutir observando o mar azul lá muito ao longe e as velas brancas e cinzentas n'aquelle sereno e calmo dia de verão. Um homem está sempre constrangido e exaltado quando fala do seu amor, mas ninguem o estaria com minha tia Mary, certamente uma das mulheres mais sensatas que encontrara. Acabou por me convencer. Parti n'aquella tarde no comboio para Londres e encontrava-me em Cambridge as doze da manhan seguinte. Ali, senti que me faltava o animo. Como iria a casa de Mr. Cavanagh sem ter sido chamado e que desculpa lhe apresentaria? Se expedisse um telegramma a Waterbeach talvez Mr. Cavanagh não gostasse e poderia melindral-o. O meu apparecimento imprevisto significaria evidente desconfiança. Oscillando entre um esperançoso *sim* e um desalentado *não*, lanchei no hotel Bull e fui depois passear a Backs. Era uma caminhada, mas ao menos acercava-me até poucas milhas da residencia que abrigava Paulina.

Escusado será dizer-se, Cambridge é uma terra pavorosa em principios de setembro. A cidade fica reduzida a quasi um ermo. Metade dos logistas partem para Yarmouth, a outra metade diverte-se commercialmente no Cam ou espreguiça-se ás portas e anceia pela chegada de qualquer

americano nómada. Descobri até que nos claustros de Jesus o proprio Homero cabeceava e que o porteiro se puzera ao fresco. Tornava-se quasi inacreditavel que dentro de tres semanas todos estes logares despertariam com a ruidosa presença dos *calouros* e dos *veteranos*, que o rio se encheria de embarcações, que as *cabras* tocariam nas torres, que tudo revelaria com a maior pompa e ceremonia que Cambridge continuava a prodigalisar as luzes da sua sciencia. Apenas decorridos tres mezes, tinha direito a dizer *quorum pars sum*. Que coisa tão melancolica é a nossa ida mocidade. Quantas illusões concebemos nas horas da alegre juventude!

O passeio não melhorou em nada o meu estado de espirito... apenas me cansou o corpo. Não era capaz de tomar uma resolução: ou abandonar o meu intento ou proseguir n'elle. A perspectiva de uma triste mesa de jantar, seguida de uma noite solitaria n'um hotel sem ninguem, deveria estimular-me as faculdades, mas, infelizmente não me acudiu nem uma unica idéa. Um par de damas americanas, com um Baedeker e um cão de collo, um velho sacerdote com mais de cincoenta annos, não manifestaram nenhum desejo de travar conhecimento commigo. Beberriquei o meu café gôlo a gôlo na mais completa indolencia e durante meia hora ninguem me perturbou. N'esse momento entrou uma nova personagem, e eu virei-me para ella com curiosidade.

Era um homem baixo, vestido com um fato de viagem. O seu chapéo viera directamente de Paris, o seu cabello era preto e annelado, a sua luneta petulante. Fumando um cigarro por uma comprida boquilha de ambar, dirigiu-se resolutamente para o vestiario e quando voltou encaminhou-se para a mesa onde eu me encontrava.

— Dá-me licença, Mr. Ingersoll?

— Blondel, que surpresa! — bradei.

Elle, porém, ergueu a mão como recommendando-me prudencia. Reconheci que commettera um erro.

(Continúa.)

Traducção do inglez de EDUARDO DE NORONHA.

Reminiscencias do Além

Onde achar esse pouzo ambicionado,
essa doce mansão, que anciosa aspira
minh'alma — Prometheu acorrentado —
fitando o céo, translucida saphira?

Onde achar esse páramo sonhado,
distante, bem distante da mentira,
desse drama da vida, esse enredado
drama triste em que o mundo se admira?

Clamo, peço, interrogo e a propria sciencia
um allivio não tem, uma esperança,
para a dôr dessa negra contingencia! . . .

Esquece, oh alma inquieta, e emfim descança;
esquece essa fatal reminiscencia
— esse pouzo, esse céo, essa lembrança!

Rio de Janeiro.

Origens do portuguez do Sul

TENHO ante os olhos a *Carta hypsometrica de Portugal,* na escala de 1:500000, excellente trabalho do illustre geologo, que ha cerca de 30 annos vive entre nós, M. Paul Choffat. Trás ella a data de 1906 e a indicação de ter sido gravada no estabelecimento de L. Wuhrer, Paris. O relevo do solo é representado por 2 gradações de verde e 6 de bistre; as profundidades oceanicas por 2 de azul. Serviu de base a *Carta Chorographica* da Direcção dos trabalhos geodesicos, na escala de 1:100000, publicada de 1856 a 1900, carta que representa o relevo em curvas de nivel (isohypsas).

Essa carta hypsometrica está dividida em duas folhas, designadas uma como folha do Norte, outra como folha do Sul. Comprehende-se que essa divisão mecanica não representa senão approximativamente a divisão geographica que o auctor tinha em vista. O corte mecanico segue de perto o Tejo, desde o ponto em que este recebe o Erjes, até onde lhe afflue o Ponsul e donde se desvia um pouco para sudoeste e logo para oeste a receber as aguas do Zezere, depois do que desce rapidamente, passado Tancos, na direcção de sudoeste, ao estuario de Lisboa. A linha natural de divisão é realmente o Tejo. O Alemtejo geographico, isto é o territorio ao sul do Tejo, é uma peneplanicie de altitude media de 250 metros, de que devemos separar a Arrabida, que parece ligar-se ás collinas mesozoicas do N.; ao N. desse rio ficam os terrenos de maior altitude, os mais altos montes e serras (P. Choffat). O Tejo é tambem o limite botanico do N. e S. A' diversidade das condições orographicas liga-se a das condições hygrometricas e thermometricas, de que resultam importantes differenças na vegetação. De modo geral (abstrahindo de excepções secundarias), o territorio português ao norte desse rio é a região do pinheiro maritimo e dos carvalhos de folhas caducas, emquanto o territorio ao sul do mesmo rio é a região do pinheiro manso e dos carvalhos de folhas persistentes (B. de Barros Gomes, J. Daveau).

A velha divisão em provincias e a moderna districtal põe ao N. do Tejo a primeira uma parte da provincia da Estremadura e a segunda divide o districto de Santarem, como o de Lisboa em parte a N. e parte a S. do mesmo rio: o limite N. da Estremadura é o do districto de Leiria, incluido nessa provincia. Os dialectologos, do seu lado, incluem na parte S. do reino toda a Estremadura. O Portugal meridional comprehende, assim, na divisão provincial, administrativa moderna e na dialectal, as tres provincias da Estremadura, Alemtejo e Algarve ou os districtos de Leiria, Santarem, Portalegre, Lisboa, Evora, Beja e Faro; o Portugal setentrional as restantes provincias ou districtos: este com uma superficie de 42:331 kilometros quadrados; aquelle com a de 46:622, isto é, o país fica dividido em duas partes que não divergem muito de extensão. A população é, porém, muito mais densa ao N. que ao S.

Como se trata no presente artigo, resumo de desenvolvido estudo, de factos historicos, especialmente linguisticos, adopto a ultima

divisão, que só parcialmente diverge da primeira. Pela expressão *português meridional* entende-se aqui a lingua fallada nas provincias da Estremadura, Alemtejo e Algarve, abstrahindo das differenças secundarias por provincias e localidades.

O territorio do S., assim demarcado, foi aquelle em que, na faxa occidental da nossa peninsula, se extendeu por mais tempo o dominio musulmano. Na solidão que existia entre Coimbra e Santarem, de que nos falla, sem duvida com exagero, o hagiographo de S. Theotonio, construiu D. Affonso Henriques, em 1135, o Castello de Leiria, para se oppôr ás correrias dos sarracenos, que devastavam os campos de Coimbra. E' a memoravel data de 1147 que fixa, na linha do Tejo, com a conquista de Santarem, Lisboa, Cintra, Palmella e Almada, o limite S. do nascente reino de Portugal, até que a definitiva conquista do Algarve, um seculo depois (1249), marca o limite maritimo ao extremo sul e trás, como consequencia, a fixação da fronteira de leste (1267). O quadrilatero territorial português está constituido.

Os trabalhos historicos, especialmente de Alexandre Herculano, provaram que no S. existia, sob o dominio musulmano (berbere-arabe), uma população christã, isto é, de *mosarabes,* christãos em parte arabizados. Um ponto importante resta esclarecer nessa materia.

Que lingua fallavam esses mosarabes?

Para Herculano, que o repete varias vezes, fallavam arabe.

Essa opinião está d'accordo com as velhas affirmações de auctores do reino vizinho, segundo as quaes o português derivaria da lingua de Galliza, trazida, pelas conquistas successivas, de lá até ao Algarve. Assim o disse, por exemplo, o erudito gallego Padre Francisco Martin Sarmiento, no seculo XVIII. O mesmo modo de vêr apparece recentemente no anthropologo norte-americano Ripley e no colonista inglês Harry H. Johnston. Um muito notavel philologo, o allemão Gustav Gröber, suppõe que os dialectos peninsulares provenientes do latim perderam o territorio conquistado pelos arabes, vindo depois extender-se nelle, partindo do norte, pela reconquista christã. O nosso escriptor Oliveira Martins, defendeu tambem a supposição de que o português do S. se formara ao N. do país, ou pelo menos assim parece entender-se da sua confusa exposição.

Os nossos philologos, que, desde 1881, teem vindo publicando estudos sobre as variedades provinciaes e locaes da lingua portuguesa, não trataram dessa questão, aliás muito importante, a não ser nalgum escrito que não chegasse ao meu conhecimento. Num *Esboço de dialectologia portuguesa* (1902) do Dr. Leite de Vasconcellos não ha uma palavra sobre o assunto. Apenas o sr. A. R. Gonçalves Vianna, num opusculo de 1892 (repetido mais tarde na *Revista Lusitana),* concluiu de transcripções de nomes de logar na *Geographia* do arabe Edrisi que, no seculo XII, no S. de Portugal, se distinguia entre os sons que em português se representam por *ç* e *s,* como se faz ainda na provincia de Trás-os-Montes e numa parte da do Minho.

Foi sempre minha convicção que as populações christãs, do S. do que veiu a ser Portugal, fallavam já, antes da reconquista do seculo XII, a mesma lingua que as do N., embora um pouco differenciada, não constituindo, porém, como se suppõe por uma falsa analogia, absolutamente gratuita, uma lingua distincta, para se poder oppôr á do N., como na França a lingua d'oc á lingua d'oil. Essa convicção derivava principalmente do estudo dos nomes de logar, rios, montes etc. do S. e do N. comparados. O latim, cuja extensão em toda a faxa occidental da nossa peninsula, comprehendendo a moderna Galliza e Portugal (como no resto da peninsula, exceptuando o dominio do basco) se suspeita do estudo dos auctores antigos, e das inscripções e monumentos do periodo romano achados em o nosso solo, ter-se-hia ido modificando de modo por assim dizer igual nessa faxa, por opposição ao latim de leste, que seguia outra direcção, revelada nos dialectos que chamamos hispanhoes. Nos documentos em latim barbaro, que vieram até nós a partir do meio do seculo IX, transparece a lingua vulgar, o português do N., em grande numero de formas e na syntaxe. Não havendo documentos do S. anteriores á reconquista, temos que recorrer aos nomes proprios alludidos e investigar se ha entre elles maior ou menor numero que razões acceitaveis nos façam considerar como existentes no S. an-

es dessa reconquista e examinar se esses omes devem ser considerados na sua phoetica e morphologia, ou pelo menos na honetica, como portuguêses.

Já num artigo dum periodico que viveu ouco tempo, como o seu titulo annunciava A *Borboleta*, Braga, 1877, pp. 113-114), u mostrara que certos nomes portugueses le logares do S. apresentavam prefixo o rtigo arabe *al*, e ainda alguma particulaidade mais, attribuivel tambem a influencia rabe, comquanto o nome em si fosse poruguês. Deviamos considerar esses nomes omo remontando ao tempo do dominio muulmano no S.

Este assunto foi tratado por mim depois

VISTA DE MERTOLA E RIO GUADIANA

muitas vezes, por exemplo numa conferencia feita em Lisboa e resumida no *Diario de Noticias* (17-19 maio, 1880), cujas conclusões combateu O. Martins (*Historia de Portugal*), 2.ª ed. II, 301), e sobretudo nas minhas lições do Curso superior de lettras, a começar em 1878. Só nestes ultimos annos é que a parte que considero mais importante nesta investigação póde ser não digo terminada, porque ainda bastante ha que fazer para a concluir, mas sufficientemente estudada para que as conclusões sejam mais seguras: é a que respeita á determinação da antiguidade no S. de nomes de logar derivados de nomes de plantas, determinação que só póde alcançar-se com o auxilio da geographia botanica portuguesa, graças a contribuições recentes de varios especialistas para esta materia.

Neste meu presente artigo tento apenas dar ideia do methodo empregado, por meio de exemplos, sem indicações de fontes, com a minudencia que exigiria um trabalho desta natureza publicado em revista especial.

1. Comecemos pelos nomes que remontam á antiguidade romana e como taes encontramos nos antigos auctores gregos e romanos ou nas inscripções romanas.

Abelterium apparece-nos em a forma medieval e moderna *Altér*, com o *b* medial supprimido, como em *ti* de latim *tibi*, *marroio* de *marrubium*, etc.

Ebora reproduz-se em *Evora*, com mudança regular de *b* em *v*.

Equabona, apesar de algumas objecções, tem por correspondente moderno *Coina*, com a já referida perda do *b*, e a do *e* inicial, de que ha outros exemplos, como *namorar* por *enamorar*.

Fraxinus, que vemos modificado em *Freixo* (num foral *Freixeno*), é nome de planta e logar do N. e S.

Malateca (preferivel á variante *Malceca*) é sem duvida o moderno *Marateca*.

Myrtilis, por intermedio duma forma *Myrtila* vive em *Mertola*; o *y*, antes de duas consoantes, foi mudado em *e*, como em *gesso* de lat. *gypsum*.

Olisippo ou antes *Olisippona,* depois de varias transformações, fixou-se na forma *Lisboa:* houve perda do *o* inicial, que póde explicar-se, mudança de *p* em *b,* que é frequente (ex. *cabo de caput),* perda do *n* como em *boa* de *bona.*

Osecrus ou antes *Osecerus,* nome de *rio,* que se conserva na forma *O Zezere,* fundido ou confundido o *O* inicial com o artigo.

Esses nomes do S. nas suas formas medievaes e modernas são conformes á phonetica portuguesa.

2. Em auctores e documentos do seculo XII encontram-se nomes de logares do S., onde deviam já existir antes da reconquista. Em a narração da tomada de Santarem por Affonso I, mencionam-se entre Coimbra e aquella praça os seguintes logares: *Abdegas, Alfafar, Cornudelos, Aluardos, Ebrahaz* in summitate *Pernez,* por onde passou aquelle rei na sua empresa.

Abdegas é muito provavelmente o moderno *Adegas* do C. de Figueiró dos Vinhos (Leiria); *Adega, Adegas* são nomes doutros logares do S. e N.

Alfafar é muito provavelmente o logar do nome *Alphauara,* mencionado em documentos de 1094 e 1102; no foral de Germanello (Jermelo) occorre tambem o n. l. *Alfafar.* A origem é arabe: *al-fakhkhâr,* oleiro, ou antes *dâr-al-fakhkhar,* olaria, por ellipse de *dâr;* em hispanhol ha o appellativo *alfahar* (oleiro), contrahido em *alfar* (Dozy).

Cornudelos não tem, parece, correspondente moderno, mas é formação portuguesa, derivado ou de lat. *cornu* ou mais provavelmente de *cornus,* nome de planta; ha na toponymia medieval e moderna outros nomes duma daquellas bases, como *Cornado, Cornuda, Cornedos, Corneira, Cornadela.*

Aluardos persiste em o nome *Serra d'Albardos; Aluardos* occorre no foral de Leiria de 1142.

Ebrahaz, a que Fr. João de Sousa attribue origem arabe, parece ser o mesmo que *Abrã* (grande e Pequena) no C. de Santarem.

Pernez, é o mesmo que o moderno *Pernes,* talvez o mesmo que *perna,* em ablativo; de *perna* derivam varios nomes de logar.

Palmella, nome da bem conhecida povoação em frente de Lisboa, entre o Tejo e o Sado, tomada em 1147 aos musulmanos, é uma formação perfeitamente portuguesa de *palma* (lat. *palma),* suffixo *ella,* frequentissimo em proprios e appellativos. *Castrum Palmella* figura na *Epistola* do Cruzado inglês sobre a tomada de Lisboa, etc.

Em documentos de 1152 (5 annos depois da conquista de Santarem) e 1162 (15 annos depois do mesmo successo) apparecem nomes de logar das proximidades dessa povoação, como *Alpiarça, Almeirê (Almeirim), Herdade de Bonedello, Herdade da Silveira, Herdade de Fornos, Porto de Cervela, Fremoseli* e é muito verosimil que se trate de nomes já alli existentes antes da reconquista. *Bonedello, Silveira, Fornos, Cervela, Fermoselha,* são formas portuguesas.

Entre outros logares do que veiu a ser territorio português cita o geographo arabe Edrisi, na primeira metade do seculo XII, *Silves,* no Algarve, povoação afamada pelos seus jardins de figueiras; esse nome é uma forma casual de lat. *silva,* que temos nas formas *silva* e *selva.*

Na *Historia geral de Hispanha,* manuscrito da Bibliotheca nacional de Paris, em parte impresso em Coimbra em 1864, acha-se incluida a *Chronica* do Mouro Rasis, traduzida por Mahomad e Gil Perez, do arabe para português, por mandado de D. Dinis, como se vê da traducção hispanhola, feita sobre a portuguesa, e dada a lume por D. Pascoal de Gayangos (1850). O escrito de Rasis contem uma descripção de Hispanha, que corresponde ao estado de coisas cerca do fim do seculo X, em que viveu o auctor. O texto de Paris falla do «castello de *Tocamque*» em cujo termo «jaz huma villa a que os antigos chamavam *Ebris* e ora he chamada *Euora*». A traducção hispanhola publicada por Gayangos menciona os logares *Aroques, Tocania* e *Ebris;* mas noutro codice ha as variantes *Orique* e *Totarrique.* E' evidente que se trata do nome do logar bem conhecido *Ourique* e dum outro pouco conhecido *Totenique,* que apparece em varias designações do C. de Odemira (Beja): *Herdade de Totenique, Monte de Totenique* (de *Baixo de Cima, Raxado), Herdade de Toteniquinho. Totenique* está por *Toutenique* (como *moreno* por *moureno, Morelinho,* nome de logar, por *Mourelinho,* etc.). *Toutenique* de-

iva de uma forma *toutena*, não documenta-a, com o suffixo *ique*, que se encontra em arios nomes de logar como *Ourique, Ma-ique, Amorique, Penique, Sequinique* (Evo-a), *Terrique* (rua daquella cidade), etc. A eu turno *toutena*, deriva de *touta*, com o uffixo *ena*, frequente em nomes de logar, omo *Arcena, Barbacena, Burratena, More-na, Quenena, Seramena, Sacavena*. Aquelle lemento *touta* apparece tambem em os no-es de logar derivados *Toutaim, Toutão, 'outello, Toutezo, Toutiçal, Toutinhal, Tou-nheira* e *Touto*, de que deriva *Toutosa* todos do N.). Como appellativo temos o de-ivado *toutiço* (dahi o já lembrado *Touti-al)* e o mesmo elemento *touta* apparece em nome d'ave composto *toutinegra*. Na lin-ua geral *touta* apparece no sentido de *pete* e no do seu derivado *toutiço;* no omposto *toutinegra*, o primeiro elemento gnifica, sem duvida, *cabeça; Cabeça, Ca-eço* occorrem com frequencia como nomes e logar, assim como derivados dessas pala-ras. Assim *Totenique* é uma formação per-itamente portuguesa, pertencente a um rgo systema de nomes, mas que só se ncontra no S., onde evidentemente se for-ou antes do seculo XI.

Ourique é nome d'outra povoação meri-ional, tambem anterior aquelle seculo; não arabe, como por vezes se suppôs. Occorre como nome desse logar, C. (Beja) e na de-gnação *Campo de Ourique*, em Lisboa. Vejo esse nome um derivado de *ouro*, como em *urilhe, Ouril*, (nomes do N.); *Ouro* appa-ece tambem como nome de logar. Ainda e *Ouro* deriva, a meu ver, *Ourem* (Santa-em), que o sr. David Lopes, num valioso studo sobre a nossa toponymia arabe, sup-ôs ser o mesmo que *Oran*, encostando-se a utras traslações mais certas de nomes de gar da Africa septentrional e da Arabia ara Portugal: parece-me, repito, um deri-ado de *ouro*. As formações em *em* são fre-uentissimas em o nosso país, por exemplo: *gostem, Aldarem, Cadem, Fontem, For-osem, Gondarem, Ferrem, Guilhavem, La-arem, Morem, Pevidem, Pintem, Rosem, egirem, Tourem*, todas do N.; — *Cacem, otem, Jandorem, Lagarem, Legocém, Mor-icem, Pexem, Sacavem*, todas do S. O erivado *Ourem* não se encontra ao N.: é uito provavelmente uma formação produ-da no S., antes da reconquista christã. *Ourem* (forma latinizada *Aurem)* teve foral em 1180; mas figura já num doc. de 1159.

3. Muitos nomes de logar são tirados de nomes de plantas, com suffixos ou sem elles. Póde-se, em varios casos, determinar pela historia e geographia da planta, de que se tirou o nome de logar, se esse nome é formação do S. O processo exige por vezes discussão um tanto larga. Exemplifico.

Alandroal é o nome duma villa, cabeça de C. (Evora), unico logar desse nome. Este nome figura no foral de Villa Viçosa, de 1270; existia pois alli na segunda metade do seculo XIII. Resta saber se era anterior. Significa logar plantado de ou em que crescem *alandros*, sendo *alandro* forma alemtejana, a que correspondem as mais conhecidas *oloendro, aloendro, eloendro, loendro*, nome vulgar da arvore cuja designação botanica é *nerium oleander*, L. O derivado *Loendreiro* occorre como n. l. no C. de Almodovar (Beja). Em o N., onde tenho ouvido o povo chamar mais usualmente essa arvore *cevadilha*, ou *espirradeira*, nunca são empregados na toponymia. Tem a arvore igualmente a denominação litteraria de loureiro-rosa, devido á forma e côr da flor (rosada, por vezes branca),. Segundo Pereira Coutinho, habita em sitios humidos, á beira dos rios, no Alemtejo meridional, e cultiva-se nos jardins, a que póde accrescentar-se, nas hortas, quintas, isolada ou em pequenos grupos, até no N. do país. J. Daveau apresenta o *nerium oleander*, como habitando a secção do Alemtejo oriental, da zona das planicies e collinas, isto é o Alto Alemtejo e a parte portuguesa da bacia do Guadiana, caracterisada pela ausencia dos pinheiros e dominio absoluto dos carvalhos verdes (azinheiro, sobreiro): nessa secção fica o *Alandroal*. O *nerium oleander* é especie Mediterranea; — prospéra naquella região alemtejana — nas margens dos rios, ribeiros e torrentes (barrancos). Aqui temos sem duvida o centro de acclimação e dispersão desta planta no territorio que veio a constituir Portugal. S. Isidoro de Sevilha, fallecido em 636, dá a forma vulgar do nome da planta, *lorandrum*, de que por transformações, que estudo na memoria de que extraio esta noticia, sairam as formas portuguesas do nome e outras. A introducção da arvore na peninsula foi provavelmente obra dos romanos, alguns seculos

antes daquella data. Plinio o naturalista informa-nos de que os sannos, povo da Asia-Menor, tinham um mel que produzia a loucura, qualidade que se suppunha provir-lhe das flores do nerium, que os gregos e romanos chamaram *rhododendron*, e alli abundava nos bosques. Esse povo asiatico enviava a cera, mas não o mel, nos tributos aos romanos. O Ponto era a patria dos venenos e contravenenos. Na Asia-Menor é frequente ainda hoje o oleandro, nas margens dos ribeiros e nos montes. Mais para o S., no dominio dos semitas, dão-lhe os arabes o nome de *difleh, defle, difna*, reflexo do grego *dáphnê* (loureiro), o que torna provavel que a arvore não foi alli introduzida antes das relações desse povo com os gregos. Da Asia-Menor passou a arvore para a Grecia, onde só é mencionada depois de Theophrasto. Descreve-a Dioscorides, contemporaneo de Plinio, attribuindo-lhe acção venenosa sobre diversos animaes e dizendo que a flor, tomada com vinho, era ao homem antidoto contra a mordedura das serpentes. Em Roma achamo-la mencionada no *Culex*, attribuido a Vergilio, mas que muitos julgam posterior ao poeta da *Eneida*; só um seculo depois nos apparece o nome della na obra de Escribonio Largo. Plinio, que repete as indicações de Dioscorides, sobre as propriedades venenosas e medicamentosas da planta, diz-nos que ella passou da Grecia para Roma, como já o nome de *rhododendron* indicava. Eis em resumo o que apuraram os eruditos, sobre todos Victor Hehn, da historia antiga da nossa planta.

Afigura-se-nos que o loureiro-rosa deveu a sua transplantação da Asia-Menor para a Europa oriental mediterranea a duas qualidades: a sua supposta acção medicamentosa e o seu caracter ornamental. As mesmas deviam ter determinado a sua implantação em o nosso Alemtejo, no periodo romano, em que houve importante povoação nesse territorio. Modernamente não a importariam para alli, porque o alemtejano da região em que ella se reproduz espontaneamente não é amigo das arvores; só vê nellas o lado utilitario, e diz até, quando lhe perguntam porque são raras as arvores por alli, que estas «não se plantam, nascem.» Um alemtejano instruido, apreciador da boa litteratura, do Alandroal, exprimiu-me uma vez o seu horror ás arvores, o seu affecto pelas planicies descobertas, sentimentos que parecem ser frequentes nos naturaes daquella região. Algum ethnographo de má morte será inclinado a ver nesse facto uma herança do arabe, suspirando pelo seu deserto, onde, aliás sem duvida, elle muito amava e ama o oasis, pela agua e as palmeiras. Um alumno meu, alemtejano, attribue aquella dendrophobia a ser nociva a sombra das arvores á cultura do trigo.

O nome de *loendro* designa na Beira central uma arvore diversa do nosso *alandro* alemtejano: é o *rhododendron ponticum*, L. com a variante *rhododendron baeticum*, Boitier e Reuter, (ericaceas), que vegeta naquella região, nas margens dos affluentes do Vouga e do Antuã. A designação geral, de origem douta, é *rhododendro;* mas no Algarve a arvore é chamada *adelfeira:* vegeta alli nas bordas das ribeiras e outros cursos d'agua da Serra de Monchique. Alguns auctores modernos pretenderam que o *rhododendron* de Plinio (21, 23, 45) era o *rhododendron ponticum*, a *azalea pontica* de Tournefort, o que Victor Hehn rejeita. Todavia a applicação do nome *loendro* a essa planta, na Beira, leva-nos a suppôr que assim fosse chamada a arvore entre os romanos, isto é *rhododendron;* teria sido gente romana que a trouxesse para o nosso occidente, e assim se explicaria como a mesma forma *eloendro, loendro* designa entre nós ás duas arvores. E' certo, porém, que o nome poderia ter sido transferido do *nerium oleander*, para o *rhododendron ponticum*, como o foi *adelfeira*, derivado de *adelfa*, que se encontra em hispanhol e é o arabe *addiflâ;* este termo significa nos auctores arabes ora o *nerium oleander*, ora o *rhododendron*, e provem do grego *dáphnê*, como já foi indicado acima. Inclino-me porém a que a applicação do nome ás duas arvores remonte entre nós á antiguidade romana.

A nossa discussão põe a toda a luz que *Alandroal* é termo do português do S., transformado *in loco*, segundo tendencias da lingua portuguesa, do termo latino, alterado primeiro numa forma commum peninsular *lorandro*.

Aderneira, Aderneirinha, Adarnal (por *Adernal*) são nomes de logar do S., derivados de *aderno*, do lat. *alaternum*, com suppressão regular do *l* (como em *mao* de *malum*, *veu* de *velum*) e mudança de *t* in-

tervocalico em *d* (como em *medo de metum, sede* de *sitem*. O termo *aderno* designa já a *phyllirea media*, L. já a *phyllirea latifolia*, L. A expressão *aderno bastardo* significa o *rhamnus alaternus*, L. Essas tres arvores pertencem á associação da oliveira, cujo centro de propagação entre nós se acha na zona calcarea entre Mondego e Tejo. O nome *aderno* deve pois ter-se desenvolvido no S., donde penetrou como toponymo no N. só até Oliveira do Hospital (Coimbra), onde nos apparece uma *Quinta da Adernella*.

Pelo mesmo processo se mostra que outros nomes de logar, derivados de nomes de plantas se formaram no S.: taes são *Alamo, Atabua* ou *Tabua, Azinho, Buxo, Camarinha, Medronho, Tramaga* e derivados desses nomes.

4. O estudo doutras series é tambem instructivo com relação ao fim que temos presente. Assim a serie *Chão* (do lat. *planum*) e seus derivados, que é rica e comprehende as formas *Chãozinho, Chãos, Chões, Chazinha, Chada, Achada, Achadinha, Chainça, Chaiça, Chaicinha, Chainha, Chainho, Cheinho, Chaim, Cheira (Chaeira, Chaneira), Cheirinho, Chello (Chaello), Chellos, Chella, Chellas, Chellinho, Chelleiros, Chedas*, essa série deve ter-se desenvolvido parallelamente em o N. e o S. O *n* medial perdeu-se antes do fim do seculo XII ou pelo menos deixou de ser som independente para ser simples resonancia nasal; uma derivação como *Chaella*, que ainda occorre no seculo XIII sem a contracção em *Chella*, era já inintelligivel, uma forma cristalisada. Essas formações de que os antigos documentos, principalmente as inquirições do seculo XIII nos apresentam exemplos, devem pois remontar ao periodo em que não se dera ainda aquelle phenomeno phonetico. *Cheeyras* nas Inquirições de 1258 tinha, por exemplo, tão pouco sentido como *Cheiras* tem para nós, e essa forma vinha já do seculo XII ou pelo menos era já deste seculo a forma *Chaeiras*. *Chelleiros* (Lisboa) é tambem uma velha formação. Hoje quer-se explicar *Mattos-Cheirinhos*, C. de Cascaes, como se o segundo elemento fosse deminutivo de *cheiro*: *cheirinhos* está por *chaneirinhos*, do mesmo sentido que *chãozinhos*. Em nomes como *Cheira-ventos* e *Cheira-lampos* é que ha o verbo *cheirar*. A discussão meuda da serie *chão* leva-me a acceitar como formas do S., que remontam para alem da re-

LAVADEIRAS NAS AZENHAS DO ALVIELA

conquista, embora em geral se encontrem tambem no N.: *Achada* (só do S.), *Chainça, Chainha, Chainho, Cheira, Cheirinho, Cheiro, Chellas, Chelleiros* (só do S.).

5. Ha uma serie de nomes de logar do S. que tem prefixo o artigo arabe *al*, e apresentam ás vezes outras particularidades attribuiveis a influencia arabe, como mudança de *o* final em *e* (compare-se *Alvorge*, formado do artigo arabe e do grego *púrgos*, pequena fortaleza), mas que por si são portugueses, taes como os seguintes:

Alcanede	ao	lado	de	*Canedo, Canedinho;*
Alcanhões	»	»	»	*Canhos, Canhões,*
Alcarapinha	»	»	»	*Carapinha* e deriv.
Alcombral	»	»	»	*Combra, Combro,*
Alcorrego	»	»	»	*Corgo, Corga,* etc.,
Alfeijós	»	»	»	*Feijão* e deriv.
Alfeijoeiros	»	»	»	» » »
Alfundão	»	»	»	*Fundão,* etc.
Alfeite	»	»	»	*Feito, Feto* e deriv.
Alcoruchel	»	»	»	*Coruchel.*
Almoster	»	»	»	*Mosteiro,* e deriv.

Essas formas com o artigo arabe devem remontar ao dominio musulmano. Póde objectar-se que em *Alcoruchel* o elemento *Coruchel* é d'origem francesa e que portanto devia introduzir-se mais tarde na lingua. E' certo que *coruchel, corucheu* representam o francês *clocher*. Deve notar-se que já em 1128 D. Theresa dera o Castello de Soure aos templarios, que foram dalli extendendo a sua influencia para o S., por terras já em 1139 sob a acção christã, até o Zezere e Almourol, e tiveram em 1159 doação de Cera (Thomar). Procederam elles a construcções diversas, que nos explicam a introducção de termos franceses respectivos já no periodo da conquista da linha do Tejo por Affonso I e nos annos immediatos, em que a influencia arabe se fazia ainda sentir.

*
* *

Não exgotei as categorias diversas de nomes de logar do S. cuja existencia antes do meado do seculo XII é possivel provar mais ou menos rigorosamente e cujo caracter português, pelo aspecto phonetico e morphologico, é evidente. A convicção completa resulta do conjunto dos dados reunidos: a minha investigação extende-se a muitos centos de nomes.

25 de janeiro, 1909.

F. ADOLPHO COELHO.

A tua trança

Quando agora, n'um extasis de amôr,
Remiro com prazer a tua trança,
Entra-me n'alma uma risonha esp'rança,
Aureolada de rútilo fulgôr...

Lembra-me então o vívido fervôr
Com que t'a pedi, tímida creança,
E a noite de luar, tépida, mansa,
Em que, a sorrir, m'a déste, linda flôr!..

E ao fitar-lhe os lacinhos côr de rosa,
— Simplicidade artistica e graciosa —,
Prende-me um sonho, enleva-me um delirio...

Creio vêr n'elles o vinculo potente,
Que ha de prender á minha, eternamente,
Tua alma pura e candida, qual lirio!...

Niza.

J. Figueiredo.

CARLOS REIS

Do illustre pintor Carlos Reis recebemos a seguinte carta:

Meu... amigo

Fiquei sem falla quando a sr.ª D. Maria O'Neill fez a fineza de me mostrar entre umas esplendidas photographias do meu atelier destinadas aos SERÕES, *uma que me provocou um deliquio apóz o mais indescriptivel pavor.*

«Pois eu estou assim»?! exclamei. E caí para o lado.

N'esse meu retrato onde a ruina aparenta mais vinte annos de musgo, que eu não tenho, e que fez ao meu proprio petiz estender de susto um beiço que elle não tem, vêjo a imagem d'um terrivel escrivão de fazenda que ha muitos annos deixou este mundo onde passou metade da sua vida a atazanar os pobres contribuintes, e a outra metade a soprar n'uma implacavel flauta cujos sons lhe faziam fugir da bocca horrenda, milhões de perdigotos esbaforidos que se escapavam por entre a dentuça dizimada. E isto sem fallar no halito pestilencial.

Ainda não estou em mim: N'essa photographia sou o perfeito retrato do velho Antonio Gascão.

Por Deus meu querido amigo, tenha piedade de mim e faça suprimir do artigo essa imagem que é o meu terrôr e seria o de minha propria familia que me querem mais Carlos e menos Gascão.

Se attender á supplica que lhe faço lavado em lagrimas, se o seu coração fôr sensivel ao desgosto de me vêr n'essa photographia avô de meus filhos, nunca mais esquecerá a gratidão que fica devendo o

22-1-1909.

Carlos Reis.

A imagem não pôde ser supprimida. Já estava impressa. Mas como temos a maior consideração, não só pela arte do primoroso paizagista, mas ainda pelo seu physico, damos n'este numero a sua vera effigie, que nos foi amavelmente cedida por um dos nossos primeiros photographos, Arnaldo da Fonseca, que entrou na conjura.

A modestia de Carlos Reis, que nos perdôe o ter publicado a presente carta sem auctorisação do signatario, e dado um novo retrato, sem que nos fosse fornecido pelo proprio.

Questão proposta

Um numero inteiro, que não importa qual seja, sendo dividido separadamente por dois numeros inteiros *dados* produz dois restos egualmente *dados*. Que resto provirá da divisão do numero primitivo pelo producto dos mesmos dois numeros inteiros?

Não é esta a questão que propômos aos nossos leitores, por quanto vamos expôr o processo a empregar para resolvel-a. Sem prejuizo da generalidade, supponhâmos que um numero arbitrario sendo dividido por 7 e por 5 deu respectivamente os restos 3 e 4. Que resto resultará da divisão do mesmo numero pelo producto 7×5?

5	15	30	10	25	5	20	35
4	29	9	24	4	19	34	14
3	8	23	3	18	33	13	28
2	22	2	17	32	12	27	7
1	1	16	31	11	26	6	21
0	**1**	**2**	**3**	**4**	**5**	**6**	**7**

Construa-se uma quadricula rectangular de 7×5 quadrados, marginada em dois lados contiguos por escalas numericas de 0 a 7 e de 0 a 5, coincidentes nos *zeros*.

Escrevam-se os numeros successivos de 1 a 35 partindo do *zero*, sempre segundo linhas a 45° com as margens da quadricula. Quando essas linhas attinjam uma casa marginal superior passe-se á casa inferior da columna immediata á direita, e quando attingirem uma casa da ultima columna passe-se á primeira casa da linha immediatamente superior, como no diagramma claramente se observa.

Como o resto da divisão por 7 foi 3 e o da divisão por 5 foi 4, procura-se o numero da quadricula que se encontra no ponto dado pelas coordenadas 3 e 4. Esse numero é 24. E' este o resto procurado.

Trata-se, agora, de justificar, com rigor mathematico, o processo empregado. Eis a questão.

Janeiro de 1909.

NUNES CARDOSO.

Charada

Um ponto sou, bem preciso, — 2
E tambem tenho harmonia. — 2
Não dês voltas ao juizo
Pois estou na zoologia.

ARIEL.

Decifrações do n.º 42

Enigma. — 1.º Cachamorra; 2.º Abavo.
Enigma pittoresco. — Casa de ferreiro, espeto de pau.
Charada. — Falsabraga.

Por omissão, não sahiu assignado o enigma pittoresco, cujo auctor é: — **E. R. Q.** (michaelense).

Senhoras em evidencia

Marqueza de Unhão. — Não é opulenta e não póde por isso a bolsa corresponder-lhe aos rasgos do coração; mas o seu caracter altruista é por demais

conhecido e apreciado. Descende do grande navegador que todo o mundo venera, e é filha do marquez de Niza, de galante e elegante memoria. A sr.ª D. Eugenia Telles da Gama, tem sido desde a sua juventude, dama de sua magestade a rainha sr.ª D. Maria Pia, de quem é devotadissima amiga. Muito sincera e profunda nas suas convicções religiosas, póde dizer-se d'esta senhora, sem lisonja, que é uma alma toda de Deus.

Carlota Serpa Pinto Moreira. — Filha do notavel explorador, a senhora de quem damos o retrato, é gentilissima, mas o seu espirito excede a sua graça e elegancia. E' sobretudo por elle que esta senhora se distingue.

Os seus ditos satyricos correm em Lisboa de boca em boca, e todos os festejam, menos os que a elles dão causa. Quem a não conhece julga que ha n'elles proposito ou premeditação, e não é assim: sahem-lhe espontaneos, irresistiveis, irreflectidos e, como tem optimo coração, muita vez lamenta e se contraria que sejam repetidos. Talento pujante e vivaz, interessa-se por todos os assumptos litterarios e artisticos e por todas as questões de momento: a sua con-

versa é variada e attrahente e consegue, o que n'um povo meridional é difficil, fazer-se escutar com prazer.

Optima educadora, obtem dos filhos, pelo carinho, muito mais do que outros conseguem pela severidade.

Escriptoras portuguezas

Branca de Gonta. — É distinctissima esta poetisa que em tudo lembra seu pae, desde a voz até ao talento. Ha pouco mais d'um anno deu esta senhora a publico o seu primeiro livro *Matinas,* de que é ex-

trahido o soneto aqui publicado, e com elle conquistou de prompto a opinião publica que, de então para

cá, a tem acariciado com o sentido apreço que as suas producções merecem.

Não

Não olhes para mim! — De que servia
que eu cedesse á fraqueza que me invade,
se eu quizera, até fim da minha edade
conservar n'alma a luz d'um claro dia!

Vae teu caminho, vae! Toda a magia
que se evóla da tua mocidade,
leva-a a quem possa amar-te sem maldade
que eu não devo provar essa ambrosia!

Mas — ver tantos anneis no teu cabello,
tão nobre o teu sorrir... ver-te tão bello
sem que uma força magica me attraia???...

Quem pode em nossas almas deitar sondas?!
Vão lá dizer ao mar «não tenhas ondas»,
e ás ondas — «não venhaes morrer na praia!»

O automobilismo na guerra

UMA METRALHADORA N'UM AUTOMOVEL

Livros

Quadros do Natal. — Os *Quadros do Natal*, do sr. Astolfo Marques, da Academia Maranhense, estão graciosamente traçados á penna, e não posso dizer

dos cinco contos que compõem o elegante voluminho, qual é o que mais agrada. Affirmo porém, que é leitura leve e interessante que se faz, como eu a fiz, d'um folego.

Mortos illustres

O actor Taborda. — Morreu o Taborda. Sente o paiz essa perda com rara intensidade. O insigne actor foi um bom no sentido mais altruista da palavra. No theatro deixa um vacuo difficil de preencher, na vida social abre uma lacuna que amigos e estranhos lamentam sinceramente. Nos seus oitenta

e cinco annos não existe uma sombra a embaciar-lhe o caracter, tão puro como os seus grandes e expressivos olhos, onde se reflectia tudo quanto se passava na sua alma.

Se a paz da Eternidade deve ser concedida a um mortal, com certeza no desconhecido *álem* não regatearão o melhor logar a Taborda.

Pintura portugueza

Exposição Alves Cardoso. — A exposição que Alves Cardoso fez dos seus trabalhos na casa Bobone, teve um grande exito.

Correram ali milhares de pessoas a admirar os

trabalhos do discipulo de Carlos Reis, o eximio colorista a que se poderia chamar o pintor da luz, e todos foram unanimes em lhe tecer os mais calorosos louvores, pelo muito que os seus quadros dizem áquelles que os observam com a attenção que elles reclamam.

UM TRECHO DE ROMA, DA RENASCENÇA

Dia nubládo e *Luar (França)* fôram dos que mais vivamente nos impressionaram. É pena que a gravura não possa reproduzir tão encantadoras pinturas, pelo menos com semelhança, mas não dá d'ellas nem um pallido reflexo.

Este trabalho que reproduzimos, magnifico tambem, presta-se melhor a dar aos leitores dos *Serões* que não tenham tido o prazer de admirar os 75 quadros de Alves Cardoso, uma idéa do seu valor e gosto que tão evidente se mostra. Os seus trabalhos são impressões e vistas colhidas na sua estada em França e Italia, amostra valiosa e variada do muito mais que traz em esboço. N'uma breve conversa, que tivemos com o nosso interessante compatriota, soubemos d'elle que se propõe visitar as nossas provincias e fixar na tela, além das suas soberbas paysagens, velhos usos e costumes populares que tendem a desapparecer.

Auguramos-lhe mil prosperidades na bella carreira que escolheu e tão brilhante e profusamente illustrou já, apenas no seu inicio.

O oxigenio no athletismo

O dr. Leonardo Erskine Hill, professor de physiologia no hospital de Londres, crê enthusiasticamente no oxigenio — o *ar vital* de Condorcet — como estimulante dos athletas, e affirma que aquelles que o inhalem antes de qualquer esforço, terão vantagens sobre os que o não fizeram.

O OXIGENIO SUBSTITUINDO O TRENO
ATHLETAS INHALANDO O GAZ ANTES DA LUCTA

Realisaram-se já varias experiencias nesse sentido. A nossa estampa representa os athletas no momento da inhalação.

O automobilismo no gelo

O MOTOR DO TRENÓ DO CORONEL MARIO RAFA

O MOTOR DO TRENÓ DO TENENTE JEAN DE BANE

Um quadro celebre

O SUPPLICIO DE TANTALO

Quadro de F. Brunay, pintor francez. exposto ultimamente no «Salon» de Paris

Sport

Manuel de Castro Guimarães. — E' um dos mais distinctos *sportsmen* da nossa sociedade elegante onde conta innumeras sympathias.

E' eximio em todos os generos de *sport* o que o não desinteressa das artes, como a muitos, porque

S. Ex.ª é um organista muito apreciado que sabe expressar e comprehender, como pouco, os trechos mais difficeis de notaveis compositores. O orgão que possue fabricado em Lisboa por artistas portuguezes é, segundo affirmam os entendidos, o maior e melhor que existe em Portugal.

As suas audições muito concorridas, e singularmente desejadas, são uns dos mais delicados prazeres de quantos prezam a boa musica.

O magnifico retrato que reproduzimos é copia d'uma primorosa tela de V. Corcos que é o melhor e mais rasgado elogio do seu illustre autor.

A festa em Palhavã. — O concurso de jogos athleticos, realisado em favor das victimas da grande

CORRIDA DE PERNAS ATADAS

catastrophe italiana, pelo Real Gymnasio Club Portuguez, correu animadissimo, mas com deminuta con-

correncia, devido ao aspecto ameaçador do tempo. O programma organisado foi interessantissimo e seguido á risca, sendo as provas disputadas com caloroso empenho. O Club Internacional de Foot-ball, foi o mais classificado, tendo obtido 4 primeiros premios e 4 segundos.

LUCTA DE TRACÇÃO
A «equipe» do Real Gymnasio Club

AS MENINAS QUE VENDIAM PROGRAMMAS

O «box» em Sydney. — O canadiano Toumy Burns e Jack Johnson, conhecido pela alcunha do preto amarello, jogaram em Sydney, na Australia, uma partida de box que interessou os *sportsmen* de todos os paizes. A lucta tornou-se tão penosa e demorada, e os espectadores estavam por tal fórma excitados, que a policia intimou o jury a dar o seu parecer. Jack foi proclamado vencedor e recebeu 40:000 francos, emquanto o vencido, segundo o que estipulára no seu contracto, embolsou 150:000 francos.

É ao excessivo comprimento dos seus braços, que elle teria devido a victoria, se a lucta continuasse. Excedem um milhão as quantias que tem ganho ao box.

O novo imperador da China

O REGENTE TCHUN E O SEU SEGUNDO FILHO — O PEQUENO IMPERADOR DA CHINA
Um soberano de tres annos que reina sobre quatrocentos e trinta milhões de homens

O Entrudo

Não o Carnaval, mas o nosso velho Entrudo resurgiu este anno ainda que frouxamente. Do *Turf* e *Club Tauromachico,* jogou-se com enthusiasmo vivissimo, com todas as armas prohibidas, mas proprias do tempo: pó, *cocottes,* e até ovos!

Isto, longe de ser censura, é satisfação. *Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso,* como diz o adagio e gostosamente repetia o grande Garrett. O Carnaval, importado do estrangeiro, acabaria por só entreter creanças. Não é nosso, nem está na indole (como diremos n'um movimento de orgulhoso jubilo?) ainda um pouco selvagem do nosso povo, indole que, longe de o acanhar lhe promette futuro e gloria que os requintados da civilisação não pódem esperar.

Houve bailes, matinées para creanças, sendo talvez a mais brilhante neste ultimo genero, a que se realisou em casa dos srs. Condes de S. Luiz. O folião das ruas é que foi mais pobre; mas a Avenida regorgitou de gente, e a satisfação, e alegria popular não desdenharia em vez de tres dias um oitavario de festas e desafogo de convenções sociaes.

UMA JAPONESA... DE LISBOA

A menina Maria Elisa Rangel de Lima, vestida de musumé

(Um dos premios do baile infantil, no Coliseu)

DOIS CARDEAES SEM CONSISTORIO
O eminente actor Eduardo Brazão e seu filho

CARNAVAL DE 1909

AS CREANÇAS MASCARADAS NO BAILE DA LEGAÇÃO DE HESPANHA

CARNAVAL DE 1909

AS CREANÇAS MASCARADAS NO BAILE DA LEGAÇÃO DE HESPANHA

CARNAVAL DE 1909

NAS RUAS — VARIOS ASPECTOS

Curiosidades

Mudança original. — Os engenheiros americanos teem-se celebrisado pelas arrojadas tentativas, quasi sempre coroadas de exito, a que se teem abalançado.

A estampa que reproduzimos fornece um exemplo.

Nas margens do rio Hudson isolaram um predio de dois andares dos seus alicerces, carregaram-o sobre um barco como qualquer simples fardo, e transportaram n'o assim ao seu destino.

Nem mesmo os locatarios tiveram de se encommodar com a mudança: elles e os moveis, tudo foi transportado nos seus respectivos aposentos!

A Moda

Este vestido proprio para jantar ou noite, é da maxima elegancia; a sua côr póde sêr azul pallido ou vêrde mar, e as mangas e corpo com bordados japonezes.

VESTIDO SIMPLES DE JANTAR

Theatros

S. Carlos. — *Madame Buthcrfly* agradou. A senhora Farnetti, que é um optimo soprano, estreiou-se com felicidade. O tenor Carpi e o barytono Rapisardi mereceram tambem os applausos do publico. Mugnone conseguiu tudo da sua orchestra.

O Amôr de Perdição, que ha dois annos tem causado o enthusiasmo da nossa primeira plateia, teve um novo triumpho. Na senhora Baldassare e no senhor Rosanoff encontrou o nosso famoso compositor dignos interpretes da sua bella opera. Do Mephistopheles só o prologo e a romanza do epilogo, cantado pelo senhor Carpi, conseguiram ser ouvidos com prazer.

D. Maria. — Além de varias repetições houve n'este theatro as seguintes primeiras:

Caminhos tortuosos de Cezar Porto, tres actos applaudidos.

É um bem combinado enredo sobre desagradaveis surprezas conjugaes, que as leis não remedeiam. O desempenho muito correcto: deve ter longa carreira, assim como o monologo *Manga d'alpaca* que a acompanha no cartaz.

O Livro do ponto que é uma critica á burocracia portugueza por Emygdio Garcia, foi muito bem acolhida. Ignacio, Joaquim Costa e Luiz Pinto, bem como os restantes actores, muito concorreram, pelo bom desempenho, para o seu excellente exito.

D. Amelia. — A festa artistica de Palmyra Bastos, teve, como era de esperar, a concorrencia devida ao talento com que ella encarna a principal personagem do *Tio Milhões,* peça escolhida e que vem já de ha annos visitando o cartaz. A festa que os artistas de todos os theatros realisaram n'este, teve uma enchente e correu animadissima. Além da comedia o *Desquite* e da opereta *Intrigas no Bairro,* cantaram-se differentes trechos de musica e recitaram-se varias poesias. Foi uma noite de encanto que deve ficar na memoria de todos que alli concorreram. *Paus ou Espadas,* a graciosa traducção de André Brun, teve um completo successo.

Trindade. — Emquanto se ensaiou n'este theatro a opera de Alfredo Keill e Henrique Lopes de Mendonça, representaram-se as já conhecidissimas e applaudidas peças *Tangerinas magicas, Carmen, Bohemia, Hotel do livre cambio* e *Capital Federal.*

Gymnasio. — *O pataco falso* é uma comedia burlesca de que é auctor Ernesto Rodrigues e que faz rir as pedras. *A Prima Annica* do mesmo senhor e de Xavier Marques tem scenas consecutivas em que se não póde parar de rir.

Avenida. — N'este theatro foi a *Gueicha*, opereta comica em tres actos, posta em scena com grande apparato, a unica primeira que se tem dado desde o nosso ultimo numero. Salientaram-se n'ella pelo seu desempenho Medina de Sousa e Julia Mendes.

Principe Real. — O *Azebre* novo original em tres actos de Henrique Lopes de Mendonça, teve n'este theatro um successo. Ferreira da Silva desempenhou n'elle o principal papel no qual interpretou com a mais soberba mestria as intenções do actor, e juntou á longa galeria das suas explendidas creações mais uma de singular merecimento. Lopes de Mendonça, o inspirado poeta e dramaturgo que todos tão justamente apreciam, tem na nova peça mais uma glorificação do seu notavel talento.

O thema que escolheu é cheio de verdade.

Fidelio, um artista musical de subido talento, procura na baixa bohemia o esquecimento, ou antes a mitigação das suas dôres moraes. Uma noticia inesperada que o inebria das mais suaves alegrias, chama-o de novo á paz e ao conforto do lar. Mas era tarde. Sente-se deslocado alli. Só o berço do neto estremecido consegue prendê-lo; mas é tão fragil a prisão d'um berço contra as fortes tentações que a bohemia da Mouraria, encarnada n'uma mulher perdida, lhe suggere continuamente que, ao mais pequeno e justo reparo que o genro lhe faz, volta á sua antiga miseria. O heroe da peça seria um bom, um dedicado, talvez um grande pelo talento, se tivesse sido comprehendido. Sente-se n'elle uma alma que soffre, mas é um fraco, e esses temperamentos assim não reagem quando feridos moralmente; procuram no alcool e na lama o esquecimento e descem, descem sempre até acabar n'um hospital ou morrer á esquina d'uma rua.

Lopes de Mendonça não levou tão longe o seu bem estudado personagem. Fa-lo voltar á bohemia e, tendo provado o poder do vicio n'aquelles que uma vez o contrahiram, pára ahi.

A casa da filha não é a Fidelio um meio acariciador e muitos não comprehendem a razão porque o auctor a pintou assim: o contraste seria mais frizante, mais theatral, mas menos verdadeiro. Um pae que sai da Mouraria tem aos olhos dos filhos qualquer cousa deprimente; depois, o seu principal mal vem d'elle proprio; são as circunstancias e habitos que não corrije, esperando sempre que os outros se corrijam, que é o que é humano.

O que lhe torna a vida insupportavel é não se adaptar á vida de sala com todas as suas mesquinharias, pela mesma razão de que o vicio que o subjuga não lhe impõe, fóra d'ali, encommodos disfarces. — E' a vida em toda a sua triste realidade.

Ferreira da Silva muito bem o comprehendeu, escolhendo o Azebre para a sua festa artistica.

A estreia de Lucinda Simões e Christiano de Sousa effectuou-se com a *Tia Leontina*, comedia de Boniface et Rodin que, por ser já conhecida do publico, não foi menos festejada.

O Bibliothecario, tão apreciado sempre, reappareceu este anno com geral agrado.

Colyseu. — Estreiaram-se as *Imperial Girls*, jovens inglezas que teem captivado o publico pela sua graça e gentileza, e as bailarinas *Olivares-Romero* que são tambem dignas de menção.

Andrée Syvial, numero de excentricidade musical, obteve farta colheita de applausos no elegante circo.

Brazileiros illustres

Os filhos do Barão do Rio Branco. — Estiveram de passagem em Lisboa, os filhos do ministro das relações exteriores do Brazil, que se dirigiam

para Berlim, onde o sr. Raul do Rio Branco, foi exercer o cargo de secretario da legação do seu paiz.

Um motor singular

Parecia que o alligator seria o ultimo dos animaes a applicar a qualquer especie de tracção. Pois houve um homem que conseguiu domesticar um brutinho dessa especie, — um americano H. J. Campbell, pro-

UM ALLIGATOR COM APPARELHO

prietario de uma fazenda em Crikansas. O animal escangalhou por tres veses o vehiculo com a sua cauda poderosa, mas porfim habituou-se e faz regularmente o seu serviço conduzindo o dono nos seus passeios em redor da herdade.

Obras d'arte

Monumento ao Marechal Saldanha. — Já o não conhecemos, mas privámos intimamente com testemunhas presenciaes das suas glorias.

Homem de guerra e de sala, o vencedor de Almoster exercia uma acção deslumbradora em quantos o tratavam. Homens e mulheres do seu tempo, ao evoca-lo, illuminava-se-lhes o olhar, um sorriso de sympathia assomava-lhes aos labios, onde pullulavam phrases enthusiasticas, de enaltecimento pelos seus feitos, e palavras cheias de benevolencia e affecto para desculpar os seus erros.

Um seu ajudante de campo, que foi incontestavelmente um dos maiores homens do nosso tempo, visitando comnosco o historico forte de Torres Vedras, falava-nos d'elle assim, — e a face, de ordinario pallida coloria-se-lhe de emoção:

— Que homem! que chefe! que soldado! que cortezão! Era em tudo unico, mas como cabo de guerra não tinha egual.

E calorosamente, desvanecidamente, descrevia com fogo a brilhante acção de 22 de dezembro, a morte de Mousinho, a attitude do marechal, e tudo com tão vivas e bem achadas côres que julgavamos por instantes assistir á peleja.

Duas senhoras, uma da sua época, outra que poderia pela idade ser sua filha, tinham sobre elle as mais lisongeiras opiniões.

A primeira disse-nos:

— Quando elle entrava n'uma sala *ninguem via mais nada:* era bello, elegantissimo, e á fama da sua bravura juntava a graça d'uma delicadeza primorosa e requintada. Foi excessivamente querido e... merecia-o.

E ficava-se de olhar perdido no espaço seguindo talvez no pensamento, impressões mais intimas que não desejava repetir.

O MONUMENTO

A segunda pintava-o assim:

— Os seus cabellos de neve, contrastando com a viveza do olhar e o aprumado da figura, realçavam a bella austeridade da sua phisionomia, austeridade que um sorriso apagava. Elle gostava da mocidade, ria e folgava com ella, e a creançada adorava-o.

Os seus velhos soldados enternecem-se a lagrimas relembrando o prestigioso chefe, e é assim, atravez de todos estes affectos, que pelo calor do coração passaram vivos de filhos a netos, que a esbelta figura

do grande marechal exerce no espirito de todos os portuguezes a mesma acção empolgante que exercia nos seus contemporaneos. E' que todos sabem, não pela historia, mas pelo que aprenderam dos labios queridos de paes, que em tenras idades são para os filhos verdadeiros oraculos, o seu papel na guerra peninsular, como em Montevideu carregou a cavallaria de Artigas, e sobretudo, por mais recente, a sua singular e decisiva acção nas Campanhas da Liberdade. Dizia Saldanha, segundo conta o sr. Rodrigues da Costa, que um general devia ser ás vezes tão destemido, que parecesse doido, outras tão prudente, que parecesse fraco. E que entendia tambem ser o *brio* o primeiro predicado militar, predicado sem o qual a profissão perderia todo o seu prestigio e poesia.

Dir-se-hia que n'estas palavras traçava um esboço do seu retrato moral.

Depois, quem não ouviu contar por algum dos seus o celebre episodio de 19 de maio, e não se commoveu sabendo o susto da filha que o estremecia! Ao ver o pateo da sua casa coalhado de tropa e julgando que lhe iam prender o pae, corre ao quarto d'elle e encontra-o já prompto, cingindo naturalmente a espada.

— Veem prendê-lo? indaga afflicta.

—A mim? pergunta sorrindo sobranceiro.

E logo responde.

—Não, descança; sou eu que lhes vou dar uma leve lição.

Abraça-a e sai.

Descança! repete consternada a pobre senhora collando o rosto á vidraça da janella, vendo-o montar a cavallo no pateo da casa, tomar a testa da columna e sahir silenciosamente, seguido dos seus homens com destino ignorado...

OS DESCENDENTES DO DUQUE DE SALDANHA

Descança! Só quem não tiver affectos lembrará sem estremecer os seculos da angustia que a pobre senhora passou em horas.

Voltou-lhe incolume e victorioso, como sempre: mas podem as alegrias, por grandes que sejam, compensar as amarguras e incertezas da espera? O prazer não mata mas a dôr, essa gasta annos em momentos.

Escreveu um nosso notavel poeta:

Quer Deus que as glorias d'uns inda as mais puras
Custem n'outras angustias e torturas...

ANTIGOS CAMARADAS DO DUQUE DE SALDANHA

Quão poucos, ao contemplar o elegante monumento com que a nação perpetúa o seu testemunho de apreço, e Thomaz Costa, o seu nome, se lembrarão das lagrimas de que a gloria dos heroes é amassada.

Talvez ninguem. Mas o que não esquecerão, porque se impõe, é que a gloria que a espada alcança é a mais bella.

O feminismo na guerra

As mulheres em Inglaterra estão tomando a peito a defeza da sua patria na contingencia de qualquer futura invasão.

Tratam agora de organisar um corpo de enfermeiras, que terá mil damas a cavallo para acudir aos feridos nó campo de batalha, e tres mil a pé para fazerem serviço nas ambulancias e hospitaes. A nossa gravura mostra a «Sergeant major» Katie Bakes angariando recrutas. Estes novos soldados terão o seu uniforme, bem como arreios para as montadas, cuja importancia é de tres pencis por cada praça. As de cavallo já se estão exercitando na picaria. Embora o novo corpo ainda não tenha sido officialmente reconhecido nem conte com a garantia do governo, assegura-se que será commandado pela filha de um marquez muito conhecido.

É esta indubitavelmente uma empreza nobre e eleveda e que merecem que a imitem.

É á cabeceira do leito dos enfermos e junto de todos os que soffrem, que a mulher tem o seu posto de honra, e quando no exercicio d'essas sagradas funcções, deve ser e é, justamente applaudida.

N'um campo de batalha como n'um quarto do hospital, a sua acção pode ser muito util e benefica.

Juramento de bandeiras

Na Escola do Exercito. — Realisou-se em 14 de fevereiro ultimo, o juramento de bandeiras dos alumnos que ainda o não haviam prestado. A ceremonia teve logar na magnifica cêrca do nosso primeiro estabelecimento militar de instrucção, em seguida á missa rezada na igreja da Bemposta, á qual assistiram todos os alumnos, na fôrça de uma companhia de guerra sob o commando do sr. capitão Pacheco Simões.

JURAMENTO DE BANDEIRAS NA ESCOLA DO EXERCITO

A caricatura no estrangeiro

(Il Papagallo) (Bolonha)

UM CURIOSO MODO DE VER ITALIANO NA NOVA SITUAÇÃO DA TURQUIA

Alguns dos «sportsmen» da corrida (a Austria por exemplo) ficaram com as machinas escangalhadas. Miss Turquia continúa no caminho do progresso, auxiliada pela Inglaterra, França e Russia.

(Der Whhre Jacob) (Bérlim)

A MÃE EUROPA—*Cautela meus filhos; ahi vem o papão!*

Allusão bem transparente aos armamentos da Allemanha.

(Kladderadatsch) (Berlim)

A ULTIMA OBRA-PRIMA DA CERAMICA DIPLOMATICA

Por amor de Deus, evitem qualquer choque.

Allude ás relações delicadas entre a Allemanha e a Inglaterra.

Politica

Reunião dos deputados Amaralistas. — Havia natural curiosidade em conhecer a attitude que no parlamento tomariam os deputados affectos ao almirante sr. Ferreira do Amaral, perante o actual governo. Esta attitude ficou definida na reunião effectuada em casa do illustre marinheiro, na qual se apuraram 12 votos contra, e tres a favor, sendo um d'estes o do sr. Marques Pereira, condicional.

Duello. — O duello dos srs. José de Azevedo e Wenceslau de Lima causou grande curiosidade e palavroso bulicio, razão esta porque os *Serões*, estranhos a politica, lhe fazem referencia.

O CURATIVO

Realisou-se ás tres horas da tarde de 27 de janeiro no velodromo de Palhavã. No segundo assalto ficou ferido no antebraço o sr. José d'Azevedo.

O theatro por dentro

Dois estranhos quadros. — Actualmente representa-se em Paris, no theatro Chatelet, a peça de grande espectaculo *As aventuras de Gravoche,* que, pelo modo luxuoso como está posta em scena, e sobretudo pelo maravilhoso effeito de dois dos seus quadros, tem sido immensamente applaudida. Estes dois quadros que demonstram muitissimo engenho da parte do machinista que os montou, são: um rapto em aeroplano e um naufragio.

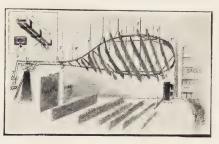
No primeiro vê-se vir do fundo do theatro um aeroplano que passa por cima d'uma grande cidade, chega ao proscenio, dá uma volta e vai parar sobre o telhado d'uma casa, onde salva a heroina da peça, para em seguida proseguir na sua marcha e desapparecer. No segundo, mais impressionante ainda, vê-se em pleno mar, na noite brumosa, Gravoche e os seus amigos fugindo n'um barco, depois de terem deixado a arder um rastilho que communicará o fogo ao paiol da polvora do *Amazonas* Vê-se apparecer. no meio de denso nevoeiro o navio, que os persegue, e que a pouco e pouco vai definindo as suas fórmas; por fim chega, enorme, ao primeiro plano e ahi manobra para alcançar os fugitivos; mas n'este momento

UM SALVAMENTO EM AEROPLANO

uma explosão terrivel fal-o desapparecer nas ondas

O empolgante effeito d'estes quadros é obtido da seguinte fórma:

O aeroplano, que é um modelo reduzido do de Wilbur Wright, tem 6,m50 de envergadura e està suspenso d'um apparelho formado por uma cale de madeira, no meio do qual se abre a todo o comprimento uma ranhura. A este apparelho chamam os francezes *paciencia,* pela semelhança que offerece com a *tala* de que os soldados se servem para limpar os botões do uniforme, e que estes designam por aquelle suggestivo nome.

A cale vem do fundo da scena até ao primeiro plano e tem exactamente a forma de uma *raquette* de 21 metros de comprido por onze de largo; em *C* e *C'* possue charneiras que permittem dobra-la e

COMO EVOLUCIONA O AEROPLANO

iça-la para o urdimento durante o espectaculo, de fórma que sómente fica montada no seu logar a parte *A B* que representa o cabo.

Quando se arma a scena do rapto, arreia-se a *paciencia,* dobrada em duas, por meio de dezoito fios de aço, que servem tambem para a abrir e para a fixar a nove metros acima do palco, no prolongamento de *A B*.

Da parte superior do aeroplano sahem dezeseis fios

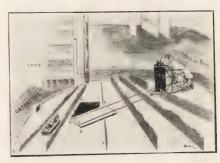
d'aço reunidos em tres feixes, que atravessam a ranhura e vão prender-se a um carro montado sobre bolas. Este carro rola na cale pela acção de cor-

O PAQUETE «AMAZONAS» DANDO CAÇA AO BARCO DOS FUGITIVOS ANTES DA EXPLOSÃO

das ligadas aos tambores de dois sarilhos *T* e *T*, movidos por machinistas robustos. Pannos pintados fingindo o ceu, cuidadosamente afinados com o scenario, occultam aos olhos dos espectadores o engenhoso aparelho, que póde ser montado em dez minutos.

Quando é a scena da salvacão, o aeroplano, tripulado pelo seu conductor, está em *D*, depois avança pela esquerda passando por *B* e *C* e dá a volta pela frente de espectador até chegar a *E*, onde pára, recebe a heroina e parte de novo, por *C' B*, para voltar a *D*. Este trajecto dura tres minutos.

Para preparar o quadro do *Amazonas* começa-se por collocar no palco obliquamente a partir do fundo á esquerda *(a, á)* dois carris que atravessam a scena: em *d*, *d f e f* estes carros assentam sobre um prato *A B C D*, movel sobre um eixo em *A*, e que cobre exatamente a plataförma d'um elevador que funciona n'um alçapão aberto no meio da scena. O *Amazonas* que tem 5,5 de altura, 9 metros de comprimento e 3 de largura, é collocado sobre um carro, cujas rodas assentam nos carris, e disposto de travez sobre a scena, tendo sómente pintada a prôa e o lado voltado para o publico: o lado opposto é aberto para permittir a manobra dos machinistas. Sobre o palco dispõem-se parallelamente á ribalta pannos pintados simulando vagas *(e)* todos cortados verticalmente na altura dos carris.

Quando o panno se levanta para o quadro do naufragio, os actores estão no barco á direita da scena. Tres pannos de gaze, parallelos, dão a impressão d'um espesso nevoeiro, que vai deixando adivinhar e depois apparecer o navio, á medida que vão sendo successivamente levantados. O *Amazonas*, com a sua tripulação, avança lentamente empurrado por seis homens, e de cada vez que toca um dos pannos que fingem as ondas, é este puxado d'um e outro lado para deixar livre uma passagem igual á largura do vapor. Quando o carro está no prato *A B C D*, os homens empurram-no sobre a direita de modo que toda a massa gire em torno do eixo *A*, e o prato cubra a plataförma do elevador. N'este momento fazem-se estalar algumas bombas, accendem-se fogos

O QUE SE PASSA EM SCENA. O MOVIMENTO DO «AMAZONAS»

de Bengala, o elevador funcciona, e o prato *A B C D*, levando comsigo o *Amazonas*, desapparece completamente por detraz das ondas de panno.

Mais vantagens aos nossos assignantes e compradores dos SERÕES

A todos os nossos assignantes e compradores dos SERÕES offerecemos o **Bonus de 10 %**, sobre o preço da venda, de um exemplar do **ANNUARIO COMMERCIAL DE PORTUGAL**, edição 1909, para o que, bastará a apresentação d'este bilhete na administração do Annuario Commercial, Praça dos Restauradores, 30, (Palacio Foz).

AGUA CASTELLO

Minero-gazoza, lithinada natural

DE

MOURA

Refrigera os sãos e cura os doentes

A melhor, a mais pura e a mais barata das aguas de meza do Paiz.

Agradabilissima ao paladar, tomada simples ou misturada com cognac, leite, wisky, vinho, etc. — premiada na Exposição de S. Luiz e no Palacio Crystal do Porto.

ESCRIPTORIO E DEPOSITO

123, RUA DA CONCEIÇAO

Telephone 880

Empreza das Aguas de MOURA ASSIS & C.ª

LISBOA

Gravuras dos SERÕES

Alugam-se quaesquer clichés publicados n'este Magazine.

Para tratar, na Administração dos SERÕES, Praça dos Restauradores, 30.

SERÕES

LIVROS, REVISTAS E JORNAES

RECEBEMOS E AGRADECEMOS:

Passaros que fogem..., por *Veiga Miranda*. — São interessantes episodios da vida brazileira que o auctor descreve com vivacidade e côr. Não sabemos se é este o seu primeiro livro, mas demonstra n'elle faculdades litterarias promettedoras de prospera carreira.

A Batalha da Asseiceira (16 de maio de 1834), por *F. Sá Chaves* capitão do Estado Maior de Cavallaria e major da 4.ª Brigada. — O sr. Chaves que ha muito trabalha n'um livro a que tenciona dar o titulo de *Campanhas de meu pae*, extrahiu d'elle um capitulo que publicou agora sob o titulo acima indicado. E' uma interessante monographia na qual, com documentos á vista, o auctor julga com imparcialidade e criterio. As illustrações que acompanham este trabalho valorisam-no muito.

A vida aos vinte annos, por *Alexandre Dumas*. — Da collecção *Horas de Leitura* acabam os editores Guimarães & C.ª de publicar o XIV volume. O que elle vale di-lo o nome do seu auctor.

Versos, por *M. Cardoso Martha*. — São simples e despretenciosos os versos d'este poeta coimbrão que promette largo futuro.

O momento litterario, por *João do Rio*. — São *palestras* segundo o termo do auctor, com varios e illustres escriptores. A elles submetteu João do Rio um questionario do qual a ultima pergunta é a seguinte. *O jornalismo, especialmente no Brazil, é um factor bom ou mau para a arte litteraria?* Sobre este interessante assumpto obteve quarenta respostas. E' um livro muito digno de lêr-se e que tanto em Portugal como no Brasil teve excellente acolhimento, não só pela maneira intelligente como está tratado, como pelas personagens illustres que ventilam varios problemas sobre a arte, litteratura, e mentalidade brazileira.

O paradoxo sobre o comediante, por *Diderot*. — E' um voluminho de 92 paginas 1.º da Bibliotheca de vulgarisação artistica, que promette pelo seu inicio uma excelente e prospera carreira. O conhecido auctor da *Arte de dizer* ajuntou lhe um interessante e erudito capitulo da sua penna sobre uma phrase de Horacio, e os *Conselhos de Diderot a uma actriz*. Além d'um interessante retrato do notavel francez e do seu amigo Grimm, traz varias e curiosas gravuras.

A Sociedade moribunda e a Anarquia, por *J. Grave*: traducção de *T. Lobo*.—Este interessantissimo estudo é prefaciado por Octave Mirbeau e contém um largo desenvolvimento da idéa anarchista. Termina por estas convictas palavras n'um capitulo entitulado *Verdades em phrases*: «E esta propaganda, longe de affastar adeptos para a nossa causa, só contribuirá para lhe trazer todos os que têem sêde de Justiça e Liberdade.» E' como se vê, propaganda de ideaes inatingiveis, mas sinceros, e portanto respeitaveis.

Photo-Revista, jornal mensal scientifico, pratico, noticioso e artistico, dirigido por *D. Alberto Bramão*. — E' magnifica no genero esta nova e interessante publicação ricamente illustrada que deve ter entre nós optima acceitação por tratar exclusivamente d'um assumpto que tem conseguido interessar quasi todo o paiz onde o numero de amadores photographicos augmenta diariamente. Este numero, que é o primeiro, traz 6 gravuras impressas a côres, um interessante artigo sobre a invenção da photographia e Niepce, seu inventor, e, além de noticiar varias novidades, ensina alguns processos photographicos. Traz tambem uma secção de echos e noticias e varias curiosidades. Era uma revista que faltava no nosso meio e a que indubitavelmente está preparado longo e prospero futuro.

Leituras Escolares, por *José Nunes da Graça* e *Fortunato Correia Pinto* professores primarios. — E' um interessante livrinho profusamente illustrado no qual estes professores colligiram prosa e verso de auctores consagrados e ajuntaram varios contos interessantes e uma parte manuscripta, muito util para o desenvolvimento dos pequeninos leitores: é uma obrinha recommendavel e attrahente.

Theatro de Camillo Castello Branco, 5.º volume. — Termina com este livro a brilhante série das obras d'este tão querido auctor, publicadas pela Parceria A. M. Pereira que com pezar seu e do publico, não conseguiu chegar a accordo com os proprietarios dos volumes que lhes faltam. Traz duas comedias em 3 actos *A morgadinha de Val d'Amôres* e o *Lubis-Homem* com um prefacio de Alberto Pimentel. Só os que nunca lêram Camillo, e esses não contam, deixarão de lamentar a paragem de tão interessante publicação.

Survivances du regime communitaire en Portugal, Abrégé d'une monographie inédite, por *A. A. de Rocha Peixoto*. — E' muito erudita e curiosa esta obra do distincto professor que tem encontrado no norte do paiz, restos do regimen communal agrario. Cita casos interessantissimos que tornam a leitura da sua monographia agradavel e proveitosa.

SERÕES

A empreza dos **Serões,** grata ao carinhoso acolhimento que o publico lhe tem dispensado quer em Portugal quer no Brazil, introduziu-lhe, a contar de janeiro ultimo, importantes modificações, afim de que esta magnifica revista corresponda em todos os pontos á sua missão.

A parte litteraria continuará a ser esmerada como até aqui e desenvolverá largamente a representação photographica dos acontecimentos mais importantes que se derem tanto no paiz e Brazil, como no estrangeiro.

Conterá com o maior desenvolvimento possivel e profusamente illustrados, artigos sobre viagens, sciencia, litteratura, arte, sobre o progresso da industria e do commercio, contos, poesias, romances dos melhores auctores nacionaes e estrangeiros, etc.

Terá as suas paginas sempre abertas tanto ás pennas já consagradas como aos **novos escriptores** que se evidenciem pelos seus meritos e pelo seu trabalho.

Será um defensor estrénuo dos interesses commerciaes e industriaes publicando gravuras e descripções, de quantos inventos e conhecimentos sejam uteis para a sua propaganda e alargamento de transacções.

Inserirá uma resenha bibliographica dos principaes livros publicados em Portugal, no Brazil, Hespanha, França, Italia, Inglaterra, Allemanha e America do Norte.

Dará uma pagina musical, incluida no texto, das operas, operetas, operas comicas, de compositores portuguezes que tenham obtido maior exito nos theatros, concertos, etc., a par das melhores estrangeiras modernas ou classicas.

Tendo provado a experiencia que a folha solta dos moldes e das modas se extravia frequentemente, pelo que a administração tem recebido multiplicadas e repetidas reclamações, os **Serões** publicarão no texto uma pagina artistica sobre quaesquer novidades que interessem ás senhoras com um artigo explicativo em que se faça a historia d'essa novidade, o que determinou o seu apparecimento, a vantagem ou desvantagem do seu uso, n'uma palavra a critica feita por uma das nossas collaboradoras.

Organisará uma galeria tão completa quanto possivel de senhoras portuguezas e brazileiras que pela sua elegancia, benemerencia, caridade, dotes de espirito, posição e virtudes sejam notaveis.

Muitas outras vantagens de ordem material e espiritual proporcionará aos seus leitores e assignantes, avultando entre essas um

BONUS

aos nossos assignantes e aos que se inscrevam por periodo não inferior a um semestre e que desejem completar o mais bello **magazine** portuguez — **Serões** —, desde o seu inicio, podendo adquirir um volume ou todos os dez publicados com um abatimento de 50 % do seu custo real.

BRINDE

Uma viagem de Lisboa a Paris

Ida e volta em 1.ª classe

e em época determinada pelo contemplado, ou, ainda, o **seu equivalente em moeda corrente.**

Este brinde recahirá por meio do sorteio da loteria do Natal de 1909, áquelle que possuir o numero a que couber o premio maior. A elle teem direito os assignantes de um semestre, que perceberão para tal fim uma senha numerada, e os assignantes annuaes duas, senhas estas que serão opportunamente enviadas aos nossos assignantes nas circumstancias expressas.

Assignatura de 1909 Os srs. assignantes dos *Serões* que pagarem adeantadamente, ficam desde já habilitados ao **BRINDE** que este Magazine offerece a todos que tomarem a assignatura dos doze mezes do corrente anno (n.os 43 a 54). Dirigir as importancias a Caldeira Pires, Praça dos Restauradores (Palacio Foz).

Proprietaria: Livraria Ferreira — **Director litterario:** Eduardo de Noronha — **Director gerente:** Caldeira Pires — **Séde da redacção e administração:** Praça dos Restauradores, 30. — Composto e impresso na **Typographia do Annuario Commercial,** Praça dos Restauradores, 27.

Summario

Revista bibliographica universal

Memorias d'um policia amador, por *A. Conan Doyle.* Estas novas aventuras de Sherlock-Holmes, traducção de Manuel de Macedo, é mais um livro impolgante da famosa collecção, editada em optimo papel, com duzentas paginas, pela livraria Ferreira, e pelo modestissimo preço de 200 réis.

O livro das creanças portuguezas e brazileiras, por *D. João da Camara, José Antonio de Freitas, Maximiliano de Azevedo* e *Raul Brandão*, que coordenaram uma série de trechos e formaram um livro primoroso para as primeiras letras. Profusamente illustrado, nitidamente impresso e editado pela Livraria Ferreira, é uma obra de 370 paginas que todas as creanças devem possuir.

Jornadas no Minho. A segunda edição deste bello trabalho de impressões, aventuras e travessuras de dois excursionistas meredionaes, editado pela Livraria Ferreira, com 364 paginas, é uma obra deliciosa, um soberbo companheiro para as horas de ocio e um bello ornamento para a estante.

Notas sobre os sonetos e as tendencias geraes da philosophia de Anthero de Quental, por *Antonio Sergio,* é um estudo profundo e logicamente deduzido sobre a alma do inolvidavel poeta. 190 paginas. Edição esmeradissima da Livraria Ferreira.

O actor Antonio Pedro julgado pela arte e pelas letras. E' a vida do eminente actor, feita por seu filho, com 244 paginas e 48 gravuras.

La crise du transformisme, por *Felix Le Dantec,* encarregado do curso de biologia geral na Sorbonne. E' um estudo curiosissimo e muito bem documentado, com 290 paginas.

L'absession. E' um romance que tem obtido um extraordinario exito de livraria, de Jules Claretie, da Academia francesa, com 390 paginas, 12 gravuras fora do texto. Preço 3 fr. 50.

Armas portateis e material de artilharia. Um excellente livro elaborado conforme o programma de ensino da Escola Naval, por João Baptista Ferreira, capitão tenente da Armada. E' um volume de 690 paginas com mais de mil estampas intercalladas no texto, indispensavel a todos que se dedicam á carreira da marinha de guerra e um valioso auxiliar para os officiaes.

Maladies de la peau, por *E. Sanches,* professor de clinica das doenças cutaneas e syphliticas na faculdade de Paris e medico do hospital de S. Luiz. E' um tratado modernissimo com 506 paginas e 108 gravuras intercaladas no texto.

L'Anneé scientifique et industrielle. 52.º anno 1908. Publicação fundada por Luis Figuier e continuada por Emilio Gautier. E' a revista do que houve de mais interessante durante o anno na cosmologia, astronomia, physica, clinica, historia natural, siencias biologicas, agricultura, artes industriaes, obras publicas, geographia, etc. 480 paginas e 75 estampas.

Histoire de l'Art, por *Alphonse Roux,* professor da Universidade, com um prefacio de Emile Berthaux, professor de Historia da Arte moderna na Universidade de Lyon. E' um trabalho educativo e de flagrante actualidade. Conta 440 paginas e 372 gravuras.

L'Hygiene Infantil. *(Allaitemente maternel et artificiel sevrage)*, pelo *Dr. G. Variot,* medico em chefe do hospicio da assistencia de Paris. E' um livro de 73 paginas

tão util para os profissionaes como para as mães.

Sur les deux rives. Exilado de França pela ruina dos paes, um rapaz emigra para o Canadá. Até aos vinte annos vive a vida das selvas, depois segue a vida de estudante em Quebec e enamora-se de uma canadiana. Este romance, cheio de novidade, de León de Tintean, conta 410 paginas e está já na sua nona edição.

La folle histoire de Fridoline. E' um romance de sensação e de palpitantes situações, de Guy Chantepleure com 360 paginas de Calmann Levy. Preço 3 fr. 50.

Collette Bandollie, *histoire d'une jeune fille de Metz.* Com este titulo e o substituto *Les bastions de l'este* escreveu Maurice Barrès, da Academia francesa, um romance patriotico e vibrante, de 260 paginas. Preço 3 fr. 50.

La Mère. E' a ultima novella de Maximo Gorki, o revolucionario escriptor russo, 400 paginas. Preço 3 fr. 50.

La princesse de Venise. Maximo Formont acaba de lançar no mundo litterario este suggestivo romance, que se baseia nos reflexos do passado italiano. 374 paginas. Preço 3 fr. 50.

La Bassinoire. E' uma serie de contos dialogados, sobre os costumes contemporaneos, de Gyp. 380 paginas. Preço 3 fr. 50. Edição de Ernest Flammarion.

Un mariage americain. Com o finissimo espirito de observação que caracterisa Georges Ohnet, escreveu o talentoso romancista uma novella de grande merecimento. 310 paginas e innnmeras gravuras. Edição de Ollendorf. Preço 3 fr. 50.

Theatre de la revolution. Inclue este volume as seguintes peças: Le 14 juillet, Danton, Les Loups, de Romani Rolland. 360 paginas, edição de Hachette & C.ª.

Avis. — Les titres de tous les ouvrages dont deux exemplaires auront été envoyes à la redaction des *SERÕES*, seront le sujet soit d'un compte-rendu, soit d'une mention spéciale, selon l'opportunité reconnue de la publication.

DIRECTOR LITTERARIO
Eduardo de Noronha

Serões

ADMINISTRADOR
Caldeira Pires

Propriedade da LIVRARIA FERREIRA

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Redacção, administração, officinas de composição, impressão, photogravura e encadernação

Praça dos Restauradores, 27

LISBOA (PASSAGEM DO ANNUARIO COMMERCIAL) Telephone 805

ANNUNCIOS

A administração dos *Serões*, revista mensal de importante tiragem e larga circulação — não só em Portugal (Ilhas e Colonias), como no Brazil —, offerece nas paginas supplementares dos *Serões*, nitidamente impressas e em optimo papel, uma **Secção especial de annuncios**, que antecederá o texto de cada numero d'esta publicação, nas seguintes condições:

Por uma só inserção		Por um anno, ou sejam, 12 inserções	
1 pagina	6$000 réis	1 pagina	70$000 réis
1/2 pagina	3$500 »	1/2 pagina	40$000 »
1/4 pagina	2$000 »	1/4 pagina	20$000 »

Os clichés, quando o annuncio fôr illustrado, serão fornecidos pelo annunciante. A administração dos *Serões* encarregar-se-ha, quando o annunciante manifeste tal desejo, de mandar fazer qualquer cliché, sendo a sua importancia paga separadamente.

Pequenos annuncios: 5 linhas, em columna de 1/3 da largura de pagina, 500 réis cada inserção.

Condições de assignatura

A assignatura dos *Serões*, é computada por trimestre, semestre ou por anno, correspondendo o seu inicio aos mezes de janeiro, abril, julho ou outubro, e o seu pagamento feito adiantadamente:

Portugal, ilhas, colonias e Hespanha	Anno	2$200 réis
	Semestre	1$200 »
	Trimestre	600 »
Para o Brazil (moeda fraca)	Anno	12$000 »
Para outro qualquer paiz estrangeiro	Anno	15 fr.

NUMERO AVULSO, 200 RÉIS

ADMINISTRAÇÃO DOS **Serões**

Praça dos Restauradores (Passagem do Annuario Commercial) 27

Telephone 805 LISBOA

SERÕES
N.º 47 — MAIO
LIVRARIA FERREIRA—EDITORA
132, RUA DO OURO, 138 LISBOA

José de Sousa Monteiro

Romancista e investigador erudito. Os Amores de Julia *assignalam uma individualidade litteraria de primeira grandeza. Como poeta, a sua obra tem enorme alcance philosophico, sem excluir intenso sentimento e um culto profundo pela fórma. Deve-lhe Ibsen excellentes traducções.*

Um caso estranho

N'UM ALBUM

Era uma vez um rei d'uma ilha estranha,
no mar revolto e fundo,
maior que Portugal, maior que a Espanha,
quasi maior que o mundo!

Uma ilha, como as ilhas encantadas
das lendas, em que ha mouras,
e leões que, de jubas eriçadas,
guardam princesas louras.

Tinha elrei — doce avô — uma nétinha,
um verdadeiro encanto.
Princeza mais gentil ninguem a tinha.
Qual mais gentil! Nem tanto.

De alvura tal, e faces tão rosadas,
que parecia, em summa,
esculpida por mãos de ignotas fadas
de rosas e de espuma.

E rica! Nunca tal o mundo vira
em toda a redondeza:
Palacios tinha vinte e de saphira,
com portas de turqueza!

Cem pagens; mil corceis... Uma rainha!
E que rainha em tudo!
Esfregavam-lhe as louças da cosinha
rodilhas de veludo!

Medita a infanta um dia, e de repente:
— Senhor Avô, declaro
que preciso, e não pouco, d'um presente:
um album muito caro!

Paris ficava longe e nessas eras
quem pensava em vapores?
Telegrapho, correio, eram chimeras,
scismas de scismadores.

Uma tia — uma tia! um anjo bento,
feito de luz e prece! —
acode a Santo Antonio, e, n'um momento,
um album apparece.

Mais alegre que um par de borboletas,
a princesinha: — Agora,
venham versos co'o cheiro das violetas,
e as lagrimas da aurora!

Um poeta da côrte encarregou-se,
na mais gentil maneira,
(Prouvera ao Deus do ceu que assim não fosse!)
da pagina primeira.

Que rimas! De pasmarem as estrellas!
E dose bem medida!
A côrte — que imprudencia! — põe-se a lel-as,
caiu adormecida.

Adormeceu o avô, a tia, a neta,
— dormir que ainda dura —,
por terem lido os versos do poeta,
n'uma unica leitura.

Ministros, senadores, deputados, —
uma caterva infinda!
principiam a ler os taes malvados,
estão dormindo ainda.

Um medico, chamado a dar aviso,
com doutoral entono
começa a entrar nos versos, d'improviso
rebola ao chão com somno!

Dorme toda a ilha, victima innocente
das rimas indiscretas!
Toda cautela é pouca, seriamente,
com albuns e poetas.

Passou-se o caso estranho ha muitos annos,
ha mesmo alguns milhares,
quando Ulysses, torrados os troyanos,
sulcava, errante, os mares.

Noto esta circumstancia simplesmente
por medo d'uns mesquinhos:
não vão suppôr-me o autor impertinente
ou o reu dos taes versinhos...

José de Sousa Monteiro.

Victor Hugo e «Os Miseraveis»

Uma carta do grande poeta, explicando as suas intenções e o alcance social do seu romance

A carta, que publicamos, de Victor Hugo é de uma versão manuscripta em italiano, provavelmente feita pelo secretario de Victor Hugo, e foi escripta em resposta a uma pergunta do Conde Victor A. Pepe, sobre o intento de Hugo ao elaborar o seu grande romance. A carta, com a assignatura do auctor, foi fornecida á revista anglo-americana «The Century Magazine» pela condessa Rozwadowska, filha do destinatario.

Não se encontra na correspondencia de Hugo, e por isso considerava-se inedita até á publicação recente pelo «Century», d'onde a vertemos. Tem interesse especial pelas referencias a problemas sociaes da actualidade, embora as condições geraes da Italia hajam assumido mais favoravel aspecto do que na data em que a carta foi escripta.

«Hauteville House, 18 de outubro de 1862.

Tem toda a razão, quando diz que *Os Miseraveis* é livro para todos os povos. Ignoro se por todos será lido, mas o que é certo é que para todos o compuz. Dirige-se tanto á Inglaterra como á Hespanha, tanto á Italia como á França, egualmente á Allemanha e á Irlanda, ás republicas que teem escravos assim como aos imperios que teem servos. Os problemas sociaes transpõem as fronteiras; as chagas da raça humana — chagas immensas que cobrem o globo — não se deteem nas linhas azues ou vermelhas traçadas no mappa. Onde quer que o homem jaza na ignorancia ou no desespero, onde quer que a mulher se venda por pão, onde quer que uma creança soffra á mingua de livro onde aprenda e de lareira que o aqueça, o livro *Os Miseraveis* bate á porta, dizendo: «Abri! Aqui me tendes. Para vós me destino.»

Na phase — tão obscura ainda — de civilisação em que nos achamos, o nome do miseravel é Homem: em todos os climas elle soffre; em todas as linguas se lastima.

A vossa Italia não é mais isenta de mal do que a nossa França: a vossa maravilhosa Italia supporta no seu proprio solo toda a especie de miseria. Acaso o bandoleirismo, que é uma fórma insana do pauperismo, não reside nas vossas serras? Poucas são as nações tão profundamente corroidas como a Italia pela ulcera dos conventos, a qual eu tentei sondar. E' certo que possuís Roma, Milão, Palermo, Turim, Siena, Pisa, Mantua, Bolonha, Ferrara, Genova, Veneza, uma historia heroica, ruinas sublimes, sumptuosos monumentos, soberbas cidades, mas sois tão pobres como nós: tendes á farta maravilhas e podridão. O sol da Italia é indubitavelmente esplendido, mas, ai de nós! o azul do céu não tira os andrajos ao homem!

Como nós, tendes vós preconceitos, su-

perstições, tyrannias, fanatismos, e leis cegas que servem de esteio a costumes ignorantes. Nada saboreaes do presente e do futuro que não se lhe misture um travo do passado; e tendes no vosso seio um barbaro — o monge, e um selvagem — o *lazzarone*. A questão social é identica para nós e para vós. A vossa população morre um pouco menos de fome, e um pouco mais de febre; a vossa hygiene não se avantaja muito á nossa; as nuvens tenebrosas, que na Inglaterra são protestantes, são catholicas na Italia, mas, sob nomes differentes, o *vescovo* é analogo ao *bishop*, e o obscurantismo é quasi da mesma especie. A errada interpretação da Biblia importa tanto como o falso entendimento dos Evangelhos.

Devo proseguir? Devo demonstrar mais cabalmente o lutuoso parallelismo? Acaso não tendes indigentes? Olhae para baixo. Acaso não tendes parasitas? Olhae para cima. Porventura aos vossos olhos, como aos nossos, não oscilla a odiosa balança em cujos dois pratos tão tristemente procuram equilibrio o pauperismo e o parasitismo?

Onde está o vosso exercito de mestre-escolas, unico que a civilisação reconhece? Onde as vossas escolas livres, obrigatorias? Dar-se-ha caso que toda a gente saiba ler na terra de Dante e de Miguel Angelo? Já transformastes vossos quarteis em prytaneos? Não tendes, como nós, um orçamento militar exorbitante e uma verba ridicula para a educação? Não tendes tambem essa obediencia passiva com que se fabrica uma soldadesca brutal? Não tendes um militarismo que obedece á disciplina até ao ponto de fazer fogo sobre Garibaldi — que o mesmo é que disparar sobre a honra viva da Italia?

Examinemos a vossa organisação social; tomemol-a tal qual é exactamente, e revelemos a sua iniquidade flagrante: mostrae-me vossas mulheres e vossas creanças. E' pela somma de protecção concedida a essas creaturas debeis que nós medimos o grau de civilisação. Dar-se-ha caso que a prostituição seja menos deploravel em Napoles do que em Paris? Que patrimonio de verdade se contem nas vossas leis, que quantidade de justiça emana de vossos tribunaes? Tendes porventura a dita de não conhecer a significação d'estas palavras sombrias — vingança publica, infamia legal, galés, cadafalso, algoz, pena de morte? Italianos! E' morto Beccaria, e vive entre vós Farinacio, como entre nós. E depois observemos o vosso regimen de Estado. Tendes acaso um governo que comprehenda a identidade da moral e da politica? Estaes a pique de amnistiar vossos heroes? Até em França algo se fez de parecido. E agora, passemos em revista as miserias, tragam todos para aqui o seu fardo: vêde, sois tão ricos como nós! Pois, como nós, não tendes tambem duas condemnações: a religiosa, pronunciada pelo padre, e a social, decretada pelo juiz? O' grande povo da Italia, como te assemelhas ao grande povo da França! Sim, meus irmãos, como nós, vós sois *miseraveis*.

Das profundezas de tréva em que mergulhamos todos, não descortinaes mais nitidamente do que nós as paragens esplendidas e remotas do Eden. Além d'isso, os padres enganam-se ao sustentar que essas paragens ficam nas nossas costas, quando ellas, pelo contrario, estão em frente, de nós.

Resumo o que disse. Este livro dos *Miseraveis* é um espelho das nossas condições, assim como das vossas. Homens e castas ha que contra elle se revoltam, e a razão entendo-a eu: os espelhos dizem a verdade, e por isso são abominados; mas nem por isso deixam de ser uteis.

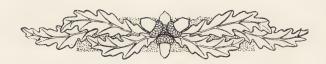
Quanto a mim, para todos escrevo; com profundo amor pelo meu paiz, mas sem me preoccupar pela França mais do que por qualquer outro povo. Pouco a pouco, ao passo que vou avançando na vida, mais simples me torno, e mais e mais me vou fazendo o patriota da humanidade.

E' essa aliás a tendencia da nossa época, a lei do desenvolvimento da Revolução Franceza; e, para que correspondam á expansão perpetua da civilisação, os livros devem cessar de ser exclusivamente francezes, italianos, allemães, hespanhoes, inglezes, para se tornarem europeus, ou, mais ainda, humanos. D'ahi uma nova logica de arte e certas necessidades de composição, que tudo modificam, até as condições — tão acanhadas no passado — de gosto e de linguagem, as quaes, como tudo mais, devem ser presentemente ampliadas.

Censuraram-me alguns criticos francezes, com grande jubilo meu, por me acharem fóra do que elles chamam o gosto francez: quem me déra que o elogio fosse merecido!

Em summa, faço o que posso: soffro da dôr universal, e procuro attenual-a; e, dispondo apenas da misera força de um homem, a todos brado: *Auxiliae-me!*

Eis o que a sua carta me impelliu a dizer-lhe; e á sua patria o digo egualmente. Se tanto me alonguei, foi por causa d'esta phrase sua: «Italianos ha que affirmam ser francez este livro *Os Miseraveis* e nada ter comnosco. Que os francezes o leiam como historia; nós pelo contrario, leamol-o como romance.» Mal de nós! repito, quer italianos quer francezes, a todos nos importa a miseria. Desde que começou a escrever-se a Historia e a meditar-se a Philosophia, a miseria é o revestimento da raça humana: oxalá chegue finalmente o momento de rasgar esses andrajos, e de substituir no corpo do Homem-Povo os amaldiçoados remendos do preterito pelo grande manto purpureo da Aurora!

Se julga esta carta de utilidade para illuminar quaesquer espiritos e para dissipar quaesquer preconceitos, pode publical-a. Rogo-lhe acceite esta nova segurança dos meus sentimentos de consideração.»

ENLEIOS

Senhora, segundo creio,
Vossos olhos me chamaram
E tão presto me encantaram
«Que vou... mas tenho receio»:
Pois, se o vosso olhar me veio
Subir ao ceu onde estou,
Por má sina me deixou
O susto de vos perder;
Comtudo... que hei-de eu fazer?
«Tenho receio, mas vou.»

Se este anhelo tão risonho
Fôr mentirosa illusão,
Senhora, por compaixão
«Acordae-me d'este sonho.»
Porém, se, como supponho,
O grato prazer me é dado
De vêr surgir a meu lado
A aurora d'um paraizo,
Senhora, dae-me um sorriso
«Para eu sonhar acordado.»

A aurora por que eu espero,
O sonho por que eu anceio
Anda occulto no meu seio,
«Posso dizel-o e não quero.»
Mas este enlevo sincero
Em que todo me alvoroço
Cada vez que um olhar vosso
Me banha em fontes de luz,
Nenhuma phrase o traduz;
«Quero dizel-o e não posso.»

Felix Bermudes.

José Malhôa

ONHECI-O ha pouco no jury do concurso de belleza e robustez promovido pelo jornal *O Seculo*. Chamou-me a attenção o olhar investigador e enthusiastico com que elle examinava as creancinhas, e perguntei a alguem, que estava perto de mim, quem era.

— Não conhece? retorquiu-me admirado. E' o Malhôa.

— Por isso a sua physionomia me não era estranha. Tenho visto mais de uma vez o seu retrato, mas — que quer? — fixar feições não é o meu forte.

Falei-lhe depois. A proposito das creanças, algumas gentilissimas, descreveu-me a feira dos modelos em Italia e outras curiosidades observadas nas suas viagens. Escutei-o com prazer porque conta bem.

Agora, ao dirigir-me ao seu atelier para lhe pedir photographias e auctorisação para me occupar n'este artigo da sua notavel personalidade, eu não sabia quem ia encontrar, desconhecendo quasi completamente o seu caracter que só em curtos momentos tinha podido estudar; por isso para me afazer á ideia de que a recepção seria cordeal evoquei pelo caminho a sua obra dizendo-me que não me era estranha, nem o podia ser, a pessoa cujas obras se casam de tal fórma com o meu gosto e pensamento que me parecem familiares.

Ao chegar á sua porta parei admirada. Era linda, elegantissima a construcção que se offerecia aos meus olhos, e que na frontaria, logo abaixo da cornija, ostentava em lettras doiradas a legenda: *Pro Arte*.

Fiquei encantada de pensar que as maravilhas que toda a Lisboa conhece e admira eram produzidas alli, n'aquelle tepido ninho de graça e d'affecto que transpira conforto e felicidade.

José Malhôa, accedendo amavelmente aos meus desejos, guiou-me os passos ao seu estudo, e ahi, absorvida na contemplação das suas telas e carvões, demorei-me duas horas que me pareceram minutos, durante as quaes eu, tão excessivamente tagarella, consegui escutar sem esforço, o que é muito difficil a uma mulher.

Com a mais captivante franqueza o grande pintor mostrou-me carvões sobre carvões, telas sobre telas, deixando-me completamente maravilhada. Os nossos costumes, o nosso ceu, o nosso Portugal, palpitam com tal intensidade de vida em toda a obra de José Malhôa que parece estar ligado a ella um pedaço do nosso coração.

Malhôa expõe no *Salon*. Este facto acordou-me logo no espirito a ideia da impressão que sentiria um portuguez vendo-se n'um paiz estranho em frente d'um dos seus quadros.

Julgo adivinha-la.

O *Mestre Escola*, creio que o das *Pupillas do senhor reitor*, que elle enviou á exposição de Barcelona, ameaçando com a

palmatoria os rapazes que lhe roubaram as maçãs, a *Rapariga das cebôlas, Na ilha dos amôres*, que elle fez, segundo julgo, para o museu de artilheria, são verdadeiros primores; mas para mim, não ha nada, nada que iguale os seus bebados. Os olhos, a expressão do rosto do bebado e toda a attitude dos dois personagens do quadro que se intitula *Assez, mon père,* é um deslumbramento; mas, ainda mais do que tudo isso, o seu grupo de bebados sentados á meza. Deante

«OS BEBADOS» — QUADRO DE JOSÉ MALHÔA

d'este magistral trabalho acode-me aos labios a phrase: Nem só Velasquez! Depois, á medida que os meus olhos, não cansados de vêr, se entregavam á dôce tarefa de fixar pontos varios com igual prazer, ia-me augmentando a curiosidade pela vida do homem, creador de todos esses primores, e pude formar d'elle a mais lisongeira opinião. Os seus principios foram duros, como os de muitas outras celebridades, mas, caracter energico e pertinaz, soube vencer todos os obstaculos que encontrou no caminho. Não foi estudar ao estrangeiro; entregue a si, foi elle que se completou e se fez o que hoje é.

A sua concepção de arte é — *A verdade;* exprimindo-a em toda a sua nudez está convicto que segue o melhor caminho. Alma lavada de mesquinhos sentimentos, lamenta que os seus collegas, alguns com tanto e tão raro merecimento, não frequentem o *Salon* onde desejaria vê-los premiados como elle tem sido.

Contou-me com a mais enternecedora simplicidade, que, sendo avêsso a favôres, nunca pediu benevolencia a ninguem. A primeira vez que expoz disse-lhe um amigo:

— Recommendaste o quadro?

— Eu?!... Não.

— Então podes estar convencido que vem pelo caminho por onde foi.

Passa-se tempo e, por acaso, abrindo José Malhôa uma revista de arte, encontra o seu quadro reproduzido entre os premiados.

Imagine-se a sua satisfação.

Casado com uma intelligente senhora,

um engenheiro que fôra alli traçar o plano de alguma estrada, é-lhe hoje amigo sincero; e ao vê-lo passar com a sua caixa de tintas, seguido d'um Christo vestido com a sua tunica e que carrega, em vez de cruz, com o cavalete e o banco, sorri com bonhomia, dizendo:

— Lá anda o Malhôa a entreter-se.

E não o perturba no seu trabalho. Ao principio não succedia assim. Paravam, cercavam-n'o, incommodavam-n'o com perguntas; mas elle soube e conseguiu educa-los.

São muito curiosos alguns dos episodios que elle conta, passados com camponezes.

DOIS TRECHOS DO «ATELIER»

que o comprehende e aprecia, sem filhos cuja educação o preoccupe, José Malhôa vive da arte e para a arte. Tem na esposa, além do affecto da mulher, o amigo dedicado e o companheiro sempre prompto para todas as viagens e excursões. Por isso a sua vida é, por assim dizer, bem fadada.

Em Lisboa pouco ou nada pára:

— Paris ou Figueiró dos Vinhos.

E o olhar illumina-se-lhe com ternura.

E' alli que elle trabalha real e verdadeiramente, quasi de sol a sol. O povo, que primeiramente o recebeu com rudeza quasi hostil suppondo-o

Dois que retive:

Um dia um mocetão, espadaúdo e forte, poz-se a examinar a maneira porque elle pintava e fez-lhe abruptamente a seguinte pergunta:

— Por quanto vende o senhor isso depois de prompto?

José Malhôa pensando que, se lhe dissesse a verdade, não seria acreditado, fingiu nada ouvir e não respondeu.

No dia seguinte o pertinaz observador voltou novamente e tornou a insistir na pergunta.

José Malhôa pensou um pouco (não desejava espanta-lo) e respondeu-lhe:

— Quatro libras.

— Quatro libras! tornou elle incredulo, isso póde lá ser! com quatro libras compra-se muita terra.

D'outra vez, não sei se o caso teve logar com elle se com um amigo que o acompanhava, montou-se o cavalete, e o desenho d'uma d'essas encantadoras casas rusticas, que fazem de longe o nosso enlevo, appareceu garboso na tela, cheio de poesia e verdade. Então um velho camponez que sahira do casebre e analysava com mal contida raiva o trabalho do pintor, avançou e com voz tremula disse:

— Meu caro senhor, n'aquella casa moraram meus avós, nasceram os meus paes... não sei se me entende... nasci eu, os meus filhos, os meus netos... não sei se me entende.

E, como realmente o não entendessem.

— O' meu caro senhor, risque-me isso d'ahi, ou, com esta enxada, racho-o de meio a meio.

OUTRO RECANTO DO «ATELIER»

Era o caso que o velho julgava, preoccupado com a abertura d'um novo caminho, que se propunham deitar-lhe abaixo a habitação.

Malhôa fez em Figueiró dos Vinhos uma pequenina casa que depois ampliou e que é hoje uma bôa construcção de elegante simplicidade. Alli passa a maior parte do seu tempo. Quando chega todos o vão cumprimentar; a philarmonica da terra festeja-lhe a chegada e mil demonstrações de affecto o cercam. Depois, conhecendo-lhe o genio e sabendo que elle gosta de viver isolado, ninguem mais o procura. Na vespera do dia em que retira agradece as attencções recebidas, e vive assim a seu gosto sem que a necessidade da convivencia com estranhos se lhe imponha.

Vê-se que a vida do lar o prende no seu encanto e que a sua superior intellectualidade sente não precisar, antes pelo contrario, de frequentar a sociedade para viver satisfeito. Concede-lhe o tempo que não pode furtarlhe e, deixando a todos, como deixa, uma lisongeira e grata impressão, não se prende aos espiritos que captiva. As suas amizades ou relações não influem de fórma alguma na vida que se traçou e que é bem digna de inveja.

Gostei de o ouvir falar das suas viagens, das suas visitas aos museus e sobretudo do *Salon,* de que elle censura, com a justiça e criterio que todos lhe conhecem, a insensatez dos assumptos escolhidos, os effeitos procurados e rebuscados e portanto nunca conseguidos, lamentando a preponderancia funesta que isso deve ter sobre os novos, alguns dos quaes se apresentam com muito valor; e, para me exemplificar os absurdos que se estão dando, conta-me este engraçado facto:

— Chamou-me a attenção no *Salon,* despertando-me a curiosidade, uma grande tela de que não consegui perceber o assumpto. Demorei-me a observal-a e... nada. Embirrando com o caso voltei no dia seguinte e não fui mais feliz. Decidi consultar o catalogo e vi que o quadro representava... *um gallinheiro á meia noite!!!*

Isto, contado por elle com a maior naturalidade, é d'um cómico irresistivel.

JOSÉ MALHOA TRABALHANDO

Feriu-me a retina, como assumpto conhecido e muito do meu agrado, um estudo collocado no canto mais obscuro do atelier. Aproximei-me. Era, sem as figuras que o valorisam e que de per si tão bellas são, o Marquez de Pombal, no quadro intitulado o *Ultimo Interrogatorio,* sentado, de rosto dolorido e corpo alquebrado. E aquella notabilissima expressão, que o pincel de Malhôa

lhe soube imprimir, commoveu-me a alma e humedeceu-me o olhar. E' que, sósinho, n'aquelle pedaço de tela, a sua dôr desacompanhada é talvez ainda mais enternecedora.

Na vastissima obra do grande pintor, que seria longo enumerar, destacam-se verdadeiros primores como são: *A volta da romaria, O barbeiro da aldeia, Os oleiros, As papas, A partida de Vasco da Gama para a India, O ultimo interrogatorio de Pombal, Azeite novo,* que teve medalha de honra na exposição de Bellas Artes, e a *Apotheose a Beethoven* que reproduzimos aqui. Entre os seus retratos, que conhecemos, os pasteis dos tres filhos de Eduardo Santos Moreira, os retratos de D. Luiza Almedina, de Madame Bravo e de seu marido, da Condessa de Proença a Velha, o de D. Thereza Pereira da Costa, que obteve a 2.ª medalha na exposição de Madrid, e muitos outros, dizem quanto este mestre é feliz n'este genero.

Mas pintar os costumes populares portuguezes é a sua tentação; e de tal maneira os reproduz sem descurar a mais leve minucia que dá, mesmo a estrangeiros, uma ideia nitida e perfeita dos nossos costumes e habitos.

Para mim os seus bebados excedem tudo. Eu, que nunca achei nada que me repugnasse mais do que esse baixo vicio, ao contemplar as telas de José Malhôa quasi o abençoei, pois que sem elle não me seria dado apreciar aquillo.

E' inegavel que até o vicio tem vantagens e compensações!

Ao pegar na penna para traçar as minhas impressões tão rapidamente quanto fôram colhidas, chega-me a noticia de mais um traço que vem definir melhor o retrato moral que na minha imaginação eu traçára d'este mestre da pintura.

Pediu a demissão de socio da Academia. Naturalmente... segundo supponho, para não ter de se encommodar a lá ir!

Original no que produz, original em si, conserva em tudo a verdade. Por isso obteve sem favôr o epitheto de grande, que todos lhe atribuem desvanecidamente e elle escuta sem vaidade, porque sabe que o merece *pro arte.*

LINA MARVILE.

INFANCIA

Da vida o livro d'oiro, o confidente
Que em tamanha aridez traz a esperança,
E' como o riso bom de uma creança
Que a dôr do mal inda não fez descrente.

Riso, prazer, ventura, eis a alliança,
Que só na infancia todo mundo sente;
Depois vem a velhice e, num repente,
Nosso corpo no tumulo descança!

Que mundo de prazer nos traz a infancia!
Tem mais cantos os bosques, mais fragrancia
As flores que se estendem, valle em fóra!

Creança — sonho-azul de Deus, bafejo
Do halito de Christo, casto beijo
Que o sol depôz na face de uma aurora

Niteroy.

Julio Seabra.

LEQUE MODERNO COM CRAVOS

Rendas Portuguezas

ESTA arte gracil teve o seu berço na Jtalia, o paiz dos sonhos e das flores. Diz a lenda que um pescador do Adriatico, apaixonado pela mais linda filha do canal, lhe deveu o precioso presente de uma rêde, feita por suas mãos.

E a primeira vez que a lançou ás aguas, *pescou* apenas uma linda alga, petrificada, esplendida e finissima! De repente, a guerra chama ás fileiras todos os marinheiros. E a joven apaixonada passa horas inteiras, presa do seu desgosto, a olhar para a alga magnifica... ultima lembrança do bem amado!...

LEQUE LUIZ XVI

Pertence á senhora marqueza de Fontes

Encanta-se a detalhar as finas nervuras, as fibras tão leves que desenham maravilhosos arabescos; a pouco e pouco, as suas mãos, cruzam os fios; quer reproduzir o modelo que os seus olhos não cessam de fixar!

E inventa, finalmente, a renda á *Piombini*. Pertence pois ao amor a invenção da renda que é leve, delicada, caprichosa, mas firme e duradoura como elle!

A' humilde renda do pescador succedeu a altiva renda de Veneza e quasi todos os povos cultivaram esta lindissima arte!

E' em Flandres que encontra primeiro uma patria

digna de rivalizar com a que foi seu berço; Bruges, Malines, Bruxellas e Antuerpia inventam as suas celebres variedades. A França não fica atraz n'este movimento; Colbert quer dar ao seu paiz a bella industria que fez a riqueza de Veneza. Interessa-se pelos productos d'Alençon, concede-lhe em 1665 um privilegio e dotação por dez annos. Estabelece fabricas nas principaes cidades do reino.

Manda vir as habeis operarias de Bretanha e de Italia e dentro de pouco tempo, Alençon, Chantilliy e Valenciennes dão ao *ponto de França,* uma alta e justa reputação!

A Inglaterra quer rivalizar com a Belgica; não o consegue, mas o seu commercio abarca as rendas belgas, vendendo-as como producções nacionaes e impõe-lhes o nome de *Pontos de Inglaterra.*

Assim, por toda a parte, em Hespanha na Allemanha, em Saxe, na propria Russia, a renda conquista os seus brazões e leva o pão e a fartura, aos lares mais humildes! Encanta mesmo os ócios de princezas e rainhas!

UM CABEÇÃO

E merecia essa honra! Nada de mais aristocratico para trabalhos femininos. Nada de mais lindo para umas lindas mãos! Uma renda artistica fina e original podendo ornar o vestido de uma *neta!...* Depois de haver servido no da filha!

Essas rendas antigas e magnificas que se guardam, como reliquias, com o seu perfume d'outros tempos e a sua graça original, mostram o gosto da geração que as usa.

Luiz XIV gastava em rendas mais do que uma rainha. Conta-se que pagou por 250 escudos de ouro uma gola ou collarinho de *Ponto de Veneza.* E' verdade que para dar mais consistencia aos elegantes desenhos d'esta renda, as operarias usavam crinas de cavallo; mas não encontrando tantas crinas bôas quantas desejavam, resolveram applicar os fios do seu cabello no collarinho do seu rei.

No tempo de Luiz XV os fidalgos enfeitavam-se para combater, como para os bailes.

Os homens gastavam tanto como as senhoras e o preço das rendas attingiu n'essa época quantias fabulosas.

Os enxovaes das noivas levavam só de rendas trinta e quarenta contos.

Madame, filha de Luiz XV, teve no seu enxoval duzentos contos de rendas. O delirio chegou ao ponto de haver leis de repressão e ser prohibido o seu uso. S. Francisco de Regis que prégava n'esse tempo no Auvergue, condoido da sorte das operarias, fez revogar essa lei e ficou desde então o advogado das rendeiras.

Mais tarde a renda voltou a ser perseguida.

Napoleão I, porém, quasi, novamente, introduziu em França o gosto pelas rendas; e nas Tulherias usaram-se em grande escala.

Uma guarnição do leito de Maria Luiza, toda em abelhas, era de um gosto e d'uma riqueza prodigiosa!

Finalmente, em 1818 o tulle e as rendas baratas de tear, dão um golpe por assim dizer, de morte, nas verdadeiras rendas.

E na Restauração do reinado de Luiz Filippe é posto completamente de parte o uso da renda. Quasi todos ignoram a bel-

leza artistica das malines e de todas as rendas que não é possivel citar nas rapidas linhas despretenciosamente lançadas aqui!

As lindas rendas de Chantilly adoradas por *madame* de Maintenon; as blondes que ornaram a graça flexuosa de Maria Antonietta e tantos milhares de variedades mais. Em Portugal, porém, o trabalho da renda não tomou grandes proporções.

Em Setubal, Peniche e em toda a costa de Portugal existiam algumas rendeiras e em Setubal principalmente houve quem n'esse negocio ganhasse bastante dinheiro — As pobres operarias porém não.

Faziam centenares de metros de rendas onde empregavam milhares de bilros. Mas eram sempre mal remunerados e os *piques* sempre eguaes — Vêr uma renda, era vêr todas. No entanto, o trabalho de algumas rendeiras era verdadeiramente perfeito com o seu cunho especial.

CABEÇÃO MODERNO COM OIRO

Levavam mezes a fazer um metro de renda, aquellas que se applicavam a trabalhar *d'encommenda*. E houve não sei se em Peniche, uma rapariga que perdeu a cabeça quasi por ter levado dois ou tres annos com metro e meio de renda!

A sua applicação toda, era para roupa branca e roupa de Igreja.

As grandes senhoras Portuguezas usavam rendas estrangeiras. Houve tambem uma época em que a renda de tresmalhe, a de crochet e a de duas agulhas, foi muito apreciada. Chegavam a fazer-se colchas inteiras de crochet e de tresmalhe.

Principalmente da Ilha da Madeira vinham e veem verdadeiras maravilhas n'esse genero!

E ainda hoje existem em todas as casas, antigos lençoes, toalhas, *guarde camas*, etc., ricamente guarnecidos de trabalhosas rendas d'essa especie. E *roquettes, alvas toalhas d'altar*, em toda a parte existem ainda objectos dignos de todo o apreço. Em rendas de bilros então ha trabalhos estonteadores para quem conhece o métier. Cousas d'ensandecer as pobres operarias; feitas, sem arte nenhuma e com o maior trabalho. Bonitas no meio de tudo e da sua falta de gosto originaes. Esta industria tende porém a desapparecer. Ninguem paga o trabalho, ninguem o aprecia nem percebe!

Já vae longe a época d'aquella senhora, esposa de um engenheiro, proprietario de minas, que ensinou a renda de bilros ás pobres mulheres dos mineiros. A sua dedicação foi de tal modo admiravl, que uma bôa velha com o seu quê de feiticeira lhe predisse que a senhora Santa Anna a recompensaria, fazendo prosperar os seus filhos, sem que perdesse nenhum e que se multiplicariam tanto como os bilros da sua almofada.

E a predicção realisou-se. Quando Barbara Ettelein Uttruam, que assim se chamava esta admiravel mulher, morreu, deixou sessenta e cinco descendentes entre filhos e netos!

Teve a recompensa que merecia.

A renda, que tão elegante torna os objectos que envolve, devia ser ensinada a to-

das as meninas em todas as escolas do reino. Fazel-as crear o *amor da arte*, dar-lhes noções geraes de desenhos e obrigal-as a applical-as, embora com sacrificio de algumas disciplinas inuteis, que só lhes tomam tempo e na maior parte das vezes as desorientam.

Póde ser que ainda volte o tempo dos cabeções, das *barbes*, aquellas longas tiras que usavam as senhoras do seculo XVIII, enfeitando o cabello e cahindo pelas costas com um comprimento certo e medido, segundo a classe a que a senhora pertencia.

Foi *madame* de Fontanges quem inaugurou a moda da renda nos cabellos. A origem é cheia de graça, durante uma caçada, os anneis do cabello da favorita escapavam-se da fita que os segurava; e ella improvisou uma côifa com o seu lenço de rendas! O rei ficou encantado e pediu-lhe para a conservar na reunião da côrte. O seu enfeite inédito, foi apreciado; e no dia seguinte todas as senhoras appareceram penteadas á Fontanges. Este penteado devia mais tarde, tomar dimensões pyramidaes!

EDREDON ESTYLO D. JOÃO V

Sem falar da roupa branca ornada com as mais bellas, finas e lindas rendas; rendas que se applicavam a todos os accessorios da *toilette*. E nos lenços bordados que as damas davam aos seus favoritos e elles usavam no chapéo como prova d'apreço pela offerente. Nos leques, por detraz dos quaes se velavam os olhares e escondiam os sorrisos.

Póde ser que volte, porque a renda não pode abandonar a mulher; quando não palpite em redor do seu pescoço em gargantilha ou *fraise* como no tempo de Henrique II, em que pela cicatriz que tinha no pescoço elle inventou essa moda e augmentou em tamanho ao ponto da rainha Margarida de Navarra, mais tarde, ser obrigada a servir-se de uma colher de dois palmos e meio para a não enxovalhar, e a rainha Izabel de Inglaterra usar a *fraise* mais engommada de toda a Europa, enfeitada de uma quantidade prodigiosa de renda de ouro, de prata, de cannotilho, tecida de perolas e de pedras preciosas, quando se não use em collerettes abertas em leques monstruosos, deixando adeante um meio decote como se pode vêr nos quadros de Rubens, quando não envolva como, em uma onda de neve a haste de um lyrio, uma garganta formosa, pode ainda adoptar-se em *echarpes*, em volta do corpo augmentando-lhe a fina delicadeza, tornando-a mais esbelta e mais flexivel!

E' possivel que voltem os corpetes de rendas pretas que tanto se usavam com os *fichús* Maria Antonietta. Esses *fichús* pretos ou brancos guarnecidos de dois folhos de rendas que se crusavam no peito e atavam atraz, fazendo parte da toilette tanto de passeio como de baile.

Ha rendas de verão e rendas de inverno, rendas para pela manhã e para a tarde. Rendas para menina e para senhora.

Uma menina não poderá nunca enfeitar-se com o rico e pesado *Ponto de Veneza*, nem com a severa renda d'Alençon!

Assim como uma avó não poderá tambem adoptar as Valenciennes.

Cada pessoa terá d'escolher o que convém á sua edade e posição.

Parece que a renda ama tão apaixonadamente a mulher, que a não quer deixar em época alguma da sua vida. Enfeita-lhe o berço, cahe em pregas finas em redor dos seus vestidos e capas de creança; jovem, envolve artisticamente a sua gracilidade mal definida ainda; senhora, realça-lhe a belleza desenvolvida como o involucro da flôr aviva o brilho da corolla; cerca-lhe de uma auréola os cabellos brancos e occulta sob as suas pregas harmoniosas os ultimos restos da sua belleza!

UM LENÇO

Um philosopho disse que a belleza era uma promessa de felicidade; póde dizer-se que para a belleza, a renda é uma promessa de graça.

O que ha de mais encantador, com effeito, do que um braço delicado que sahe de uma manga de rendas, do que uma garganta cujo esplendor se advinha sob um véo diaphano?

Pelo seu vaporoso, pela sua transparencia, a renda tira toda a brutalidade ás linhas; permitte o indeciso, dá á roupa uma leveza requintada, harmoniosa, com a delicadeza da carne feminina. Sob a alvura leitosa, o rosado da pelle realça, auxilia a flexibilidade e a ondulação das linhas do corpo que ella segue sem as quebrar.

COUVRE-PIED

Feito para a exposição de S. Luiz em 1904
Obteve o Grand prix

Obra da mulher é feita para a mulher e desde que alguma castellã a inventou no fundo do seu castello obscuro, até á hora em que a bella filha do canal se distrahiu a reproduzir com os seus dedos ingenuos, a alga dos mares; atravez dos seculos, atravez das perseguições, apesar das modas diversas, a renda ficou sobre a mulher como um sonho fixo, como um poema cinzelado e florido de arabescos.

Havia muito que escrever sobre colleccionadores e colleccionadoras de rendas e guipures, sobre os preços de certas peças rarissimas e sobre as variações das modas que exilam ou reconduzem alternadamente, a voga d'essas brancas e finas decorações!

A mais rica accumulação de rendas actualmente, não se encontra em Paris mas em Roma; não em casa de uma senhora, mas de um homem... o representante de Deus na terra, S. Santidade o Papa, cujo thesouro em guipures e rendas, está avaliado em perto de 5 milhões!

A defunta rainha Victoria estava em segundo logar; os seus *laces* foram avaliados na quantia de 1 900:000 francos e os da princeza de Galles em 1.300:000 francos.

Em França citavam-se antigamente as rendas da Imperatriz Eugenia, e mais particularmente um certo *Ponto d'Inglaterra*, que tinha sido pago a 125:000 francos o metro!

Póde calcular-se o preço de uma guarnição de vestido principalmente no tempo dos crinolines.

As rendas, na America, são hoje procuradas e collecionadas como obras d'arte, e a familia Astor possue 1.500:000 francos d'ellas. Diz-se que a Vanderbilt têem

LEQUE MODERNO ESTYLO ARTE NOVA, COM ORCHIDEAS

Existe um na exposiçao de Barcelona

300:000 francos de pontos celebres e da maior finura.

A mecanica matou a arte da renda á mão; e se não lhe valemos, em pouco tempo a classe das rendeiras terá passado á historia!

Em Portugal não podemos nunca ter esperanças de vêr implantar a valêr essa industria cara e artistica! — O mercado é pequeno; a exportação nenhuma. Ninguem *faz gosto* no que é nacional. Se acontece, acham *caro* um cabeção soberbo em toda a parte do mundo; e dão por uma renda estrangeira quanto lhe pedirem.

LEQUE MODERNO

Até aqui não havia nada de verdadeiramente formoso nem artistico; hoje porém, que a nossa illustre patricia D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro com o seu fino gosto, o seu talento d'eleição, a sua arte excepcional creou, para o nosso paiz uma renda sua, um *Ponto Portuguez*, digno de figurar em logar de honra entre todos os *Pontos* universalmente conhecidos, é dever nosso, dever de mulheres e de portuguezas, honrar a nossa renda; compral-a, adoptal-a e ensinal-a ás nossas filhas. Nunca poderá ser uma grande industria, nunca poderá ser profusa a sua producção; mas póde ser grande e sobretudo em toda a parte, apreciada e conhecida! Compete-nos a nós levantal-a! — Não a depreciar, achando-a muitas vezes *cara*, sem a menor noção da arte real que presidiu ao seu desenho, e do esforço verdadeiramente grande com que se levou ao fim.

Chegando a empregar-se na confecção de um lenço, vinte rendeiras e não produzindo cada uma d'ellas, em um dia, um centimetro de renda. Isto é verdade!

Sua Magestade a Rainha D. Amelia, nossa excelsa soberana, dá o valôr devido a estes trabalhos dignos da maior admiração e elogio.

E' vêr essas peças riquissimas premiadas nas principaes exposições com medalhas de ouro. Essas guarnições d'estylo gothico como as feitas para a capella da senhora condessa de Sabugosa.

Guarnições preciosas de vestidos como o da senhora condessa d'Arge.

Leques como a gravura aqui representa em todos os estylos. Voltas de lenço, pontas de gravata, emfim!...

D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro põe em renda, todos os desenhos tirados pelo seu lapis artistico do natural, mas com uma modestia adoravel, — a modestia da superio-

ridade — diz: «Eu não apresento desenho nenhum sem que meu irmão Columbano o approve! . . . Elle é mais novo do que eu, dezesete annos. . . mas foi o meu mestre. . . e não ficava segura sem elle vêr! . . .»

Segura de ter *acertado!*
Que encanto!
Vejam as minhas queridas amigas a belleza do *genio!*

LUIZA.

MORENITA

Morena, linda morena,
Confesso-te aqui a sós
Que me causa immensa pena
No teu rosto o pó d'arroz!

Porque te «cáias» assim,
Morenita que estremeço?
Tu desejas ser marfim
Quando não passas de gesso!

Para quê falsos encantos,
Morenita d'olhar bello,
Se tens naturaes e tantos
Desde os pés 'té ao cabello?

Que lindos esses teus dentes!
— Perdão se sou indiscreto —
Perolas alvinitentes! . . .
Olha se os pintas de preto!

E esse teu cabello escuro
— Não te zangues que não vale —
Besunta-m'o de futuro
Com alvaiade ou com cal.

Para quê maneiras tolas,
Momices de qualquer zote?
Olha que esses rapazolas
Querem-te mas com o dote. . .

Teu encanto natural,
Belleza e prendas e graça
Não constituem capital.
Tens palmares? então passa. . .

Sê sincera, serás bella!
És bondosa, eu que o diga;
Vale uma flor, uma estrella
Quem é boa rapariga!

Ha brancas que fazem pena
De serem feias, coitadas;
E tu és uma morena
Como as moiras encantadas!

E quem sabe, morenita,
Se eras feia sendo clara;
Sendo morena, és bonita
Com essa bonita cara.

Morena, linda morena
Confesso-te aqui a sós
Que me causa immena pena
No teu rosto o pó d'arroz!

India — Gôa.

Mariano Gracias.

— A minha neta, sósinha e amuada! Lagrimas! O que aconteceu?

— Nada, avósinha.

— Doente?

— Não estou doente.

— O que foi? Assustas-me.

— Não se assuste, avósinha. Não se assuste, que não foi nada.

— Enganas-me. Tiveste desgosto.

— Lá isso tive.

— Bem me dizia o coração.

— Mas foi pequenino, muito pequenino.

— Sim? Anda cá. Senta-te, ao pé de mim, e conta-me as tuas magoas.

— O mano... o mano é mau. Pedi-lhe com tão bons modos...

— O quê?

— Que brincasse commigo.

— E elle não esteve pelos autos!

— Que eu era do tamanho de uma boneca, e que rapazes não brincam com bonecas. Ainda se eu fosse um cavallo...

— Ah! ah! ah! E tu o que lhe respondeste?

— Chamei-lhe doutor... de calção e perna á vela.

— Depois?

— Depois... sou uma infeliz que não tenho ninguem que brinque commigo.

— A menina falta á verdade.

— Não falto.

— Falta.

— Então, quem tenho que brinque commigo?

— E eu não sou gente?

— O que quer dizer?

— Que vou eu brincar comtigo.

— A avósinha! A avó é muito...

— Velha?

— Não queria dizer isso.

— Então?

— Que a avó é..

— E'...?

— Muito avósinha, ora ahi está.

— E muito sua amiga. Por isso, avó e neta vão brincar, como se fossem da mesma idade.

— Duas avósinhas?

— Da tua idade, magana, que te devoro com beijos.

— E' uma boa partida ao mano, para que veja que não preciso de Sua Ex.ª Vou buscar a boneca.

— Vae minha andorinha. Não corras tanto. Não a encontras? Sim, não a encontrarás. Ora, espera. Se eu me escondesse...

*
* *

— Avósinha! avósinha! Não sei da boneca. Olá! onde se metteu a avósinha? Nem avó nem boneca, ambas perdidas.

— Ih!...

— Ah! ah! ah! O jogo das escondidas! A avósinha é mais engraçada que o mausão do mano.

— Ih!... já!

— Eu vou achar. Alli... ah! não... Frio ou quente?

— Frio!...

— Atraz do sofá... não. Escondida no reposteiro... tambem não.

— Frio! frio!

— Neste quarto. Mau, Maria! Aqui, na janella, não está. Assim, não vale. Deixal-o. Vou para o piano. O bocadinho de que a avósinha gosta tanto.

— Bravo! bravo! Muito bem!

— Ai! que tonta! A avósinha escondeu-se

por detraz do piano e não me lembrou... Ah! ah! ah!

— Pensavas que a avó, por ser já muito avósinha, era incapaz de brincar. Engano teu. Vê agora se me apanhas.

— Ai! que engraçadinha avó! Apanho, sim. Lá me fugiu. Agora agarro-a.

— Não me apanhas, não.

— Pudera... a trocar-me as voltas.

— Duas vezes somos creança.

— Ah! que se escapou por detraz do piano. Não se cance assim, avó. Cá lhe seguro o vestido.

— Ah! marota!

— Valha-me Deus! que lá cahiu a avósinha!

— Tropecei...

— No vestido?...

— Ai! a minha perna!

— Jesus! Avósinha da minha alma!

— Não te assustes, isto passa.

— A avósinha maguou-se. Por minha culpa!

— A culpada fui eu. Metti-me em folias...

— Sou muito má, mais má que o mano. Não devia deixar a avósinha brincar. Doe?

— Um pouco, a perna esquerda; mas não passa de susto.

— Vou buscar agua.

— As lindas festas, que me fizeste, são sufficientes para a cura. Ahi vem já a minha enfermeira com a agua.

— Ande, beba uma gotinha. Agora vamos a levantar.

— Ai!... não posso.

— Doe, doe muito?

— Isto foi obra de geito que dei.

— Eu seguro-a, por debaixo dos braços. Upa!

— Não posso, amorsinho, não posso.

— Vá lá. Upa acima! que eu dou um chi, coração!

— A avó é pesada demais para as tuas pequeninas forças. Ai!

— Vou chamar o mano.

— Para quê?

— Para ajudar.

— Estás de mal com elle.

— Não importa. E' para seu castigo. Verá o resultado de não querer brincar commigo.

— Auxilio a tua vingança. Vae chamá-lo.

— Vou já. A minha boa avósinha. Se não fosse o mano...

*
* *

— Como ella vae afflicta, por amor de mim. Eu posso levantar-me, mas desejo ver até onde chegam os carinhos da pequena. Oh! já de volta. E de olhos baixos, toda triste e commovida. Querem ver que o mano se recusou a acompanhar-te.

— Terei forças para levantar sósinha a avó!

— Afogas-me com beijos. Não se afflija o meu amor. Eu posso erguer-me. Vês? Foi mesmo sem custo.

— Ainda bem! Até tenho vontade de pular. Em todo o caso, se a avósinha lhe doe, eu dou uma fricção na perna.

— Inverteram-se os papeis. Tu é que és a avósinha, e eu a tua neta.

— Tal qual. Vou ver se encontro a boneca para distrahir a minha querida neta.

— Espera ahi, avósinha. Não saes sem me contares o que se passou com o teu irmãosito.

— Cheguei-me ao pé delle para dizer... Eu ia muito branca, não é verdade, avósinha?

— Foi do susto de me veres caída no chão. Mas o que ha de commum?...

— Ha que o mano principiou a gritar, muito enfiado: «Tens alguma cousa?... estás doentinha?...» e deu-me beijos!... e fez-me festas!...

— Então o que é isso?! Vaes chorar?...

— E' que eu sou má como as cobras! O mano tão meu amiguinho!... e eu zangada com elle.

— Depois o que fizeste?

— Não disse ao mano que a avósinha tinha cahido. Coitadinho! ficava numa afflicção, que elle é um anjo!

— Possues um bello coração. Nem te ralho, como era minha tenção, pelas tuas idéas vingativas. Vou prégar um sermão de lagrimas... de alegria ao mano, e trazer-te a boneca, que eu bem sei onde ella pousa.

*
* *

— Estou contente que nem um rato, ou antes uma ratinha. O mano é meu amigo, a avó é minha amiga, o pae e a mãesinha são meus amigos. Que data de amigos! E

a avó a correr? Tem graça, que nem uma cabaça. E a jogar o jogo das escondidas!... Espera, que tambem me vou esconder. Ha de ser no mesmo sitio, por detraz do piano. Assim, não desconfiará. Prompto!

— Aqui tens o premio de possuires um coração de ouro. Onde estás?

— Ih!...

— O jogo das escondidas, como ainda agora. Os papeis é que estão trocados. Veremos se imito á minha pequerrucha. Onde se metteu a minha avósinha?

— Ih!... já!

— Aqui á esquerda?... Não. Alli á direita?... Tambem não. Frio ou quente?

— Frio!... frio!...

— Na janella? Atraz do reposteiro? Assim não vale. Deixal-o. Vou para o piano. O bocadinho de que a avó gosta tanto...

— Bravo! bravo! bravo! Ah! ah! ah!

— A meus braços, amorsinho! e aqui tens muitos beijos e esta lembrança.

— Que linda! Por isso a avó tinha escondido a outra boneca. E' mesmo muito linda.

— Estás contente?

— Estou. Mas...

— Temos um mas.

— Sim.

— Mas quê?

— Mas o mano não teve nenhum bonito?

— Um cavallo de papelão.

— A avó é uma santinha. Um cavallo de papelão!

— Era do que elle mais gostava para brincar...

— Mais do que commigo... sou uma boneca!..

— Ainda se fosses um cavallo...

— Ah!

— Fóra com esse restosinho de despeito.

— Eu gosto muito do mano...

— E o mano muito da menina. Olha. Deixou o cavallo e vem brincar comtigo.

— E' verdade!... Eduardo! Eduardo da minha alma! Deixa-me saltar-te ao pescoço!

Rangel de Lima Junior.

Torre de Crystal

Em nuvens côr d'aurora architectei um dia
A Torre de Crystal das minhas illusões:
Minh'alma então sonhára, em louca phantasia,
Mulheres ideaes, edénicas visões...

E dentro, em brando harpejo, a doce symphonia
De beijos sensuaes e o rir de corações...
E, para completar, a Gloria lhe sorria,
Mostrando-lhe do Verso as mil constellações!

Mas, como se desfaz um flóco caprichoso
D'espuma, assim tambem ruiu, esphacelada,
A Torre de Christal — meu Sonho venturoso! —

E se ouso, acaso, ainda a vista erguer, ousada,
Vejo um phantasma a rir, sinistro, pavoroso,
Que me acena chamando: — o inevitavel Nada

Rio de Janeiro.

Fernando Nery.

Os Braganças exilados

A proposito da abstenção politica do filho de D. Miguel I

D. Miguel I e o Marialva — A sua meninice — As culpas da rainha-mãe

D. Miguel I foi uma figura singular na Casa de Bragança a que o disseram alheio o *London Observer*, outros jornaes inglezes e Beckford, pois no anno de 1802, em face do corpo diplomatico, D. João declarara ser extranho ao nascimento do infante. Attribuiam a sua paternidade ao Marquez de Marialva de quem aventavam ter herdado o donaire, a graça, a gentileza pouco communs nos Braganças que o precederam, á excepção de D. João V, que fôra, em moço galhardo e formoso. A sua dessemelhança com a familia, os seus gostos differentes, o seu amor pelas picarias, pelas cavalgadas tumultuosas, pela arte dos Marialvas a que se dedicava com loucura, mais accentuaram essa fallacia da turba que bebera nos rumores do paço as suas duvidas ácerca da legitimidade de Sua Alteza. Fosse como fosse, rebento directo da Casa Real ou filho do galante fidalgo, é certo que jamais em torno d'um Bragança houve tanto enthusiasmo, tanto preito, tanta dedicação do baixo povo que sentia nos prazeres do principe lisonjeadas as suas preferencias pelas touradas e pela religião. D. Miguel, com o seu rosto formoso, os seus olhos negros e lindos, o talho gracil do seu corpo, era como um idolo ante o qual a populaça ajoelhava, a nobreza se submettia, o clero se curvava como se elle guardasse na sua pessoa uma sagrada essencia que tudo dominasse.

D. MIGUEL I
Fardado de tenente general do exercito
(Grav. da Bibl. Nac.)

Em creança — segundo escreveu um secretario da rainha-mãe — era orgulhoso e travesso, um pequenote creado entre as saias do mulherio palaciano e que fazia toda a

casta de maldades por entre os sorrisos aduladores dos cortezãos. Ligeiro d'animo, turbulento, nervoso, traquinas era o ai-Jesus da côrte, o filho dilecto de Carlota Joaquina, talvez a unica culpada de tudo que D. Miguel viria a soffrer em annos distantes nas rudezas d'um exilio.

O principe tinha tanto d'impulsivo quanto havia de reservado em seu irmão Pedro que, sendo um Bragança a valer no genio ardiloso, na manha e na habilidade pratica bem apresentava as caracteristicas da raça, os predicados que mais a distinguiram antes da mistura do sangue allemão nas suas veias afeitas ás ondas do sangue castelhano.

Era pois D. Miguel um homem que ficou creança até á hora da desgraça, um principe destinado talvez á calma vida dos filhos segundos nas côrtes ou a tornar-se um rei aburguezado como o D. João VI, sem esse espicaçamento constante exercido no seu espirito pela mãe que o impelliu ás mais extranhas loucuras ao sujeital-o á sua influencia de mulher sempre perigosa para demais quando os sujeitados estão nos degraus d'um throno.

A lição que D. Miguel recebeu ficou como um exemplo para os principes que se deixam guiar pelos conselhos nem sempre bons dos que o cercam.

D. ADELAIDE DE LOWESTEIN E BRAGANÇA, ESPOSA DE D. MIGUEL I, NA EPOCA DO SEU CASAMENTO

A viuva de D. Miguel, vive hoje no convento de Santa Cecilia em Cowes (ilha de Wight)

(Grav. da Bibl. Nac.)

Uma carta de Carlota Joaquina — A conspiração contra o rei — Um exilio dourado.

A côrte de Carlota Joaquina vivera sempre de conjuras á castelhana em que o punhal e o veneno se escondiam com sorriso, velhacos e devotos. D. João VI escapara á peçonha a que devia succumbir, em 1806, José Anastacio, ajudante do intendente da policia, e desde então o malfadado filho de dois tarados religiosos, refugiara-se nos cantochões dos seus frades de Mafra e na dedicação dos seus privados Lobatos, um dos quaes tambem morreu um tanto mysteriosamente. Após a vinda do Brazil, todo elle era receios do povo e da côrte; a mulher andava sempre embebida nas suas conjuras; as infantas mal o amimavam; os filhos, um talhara para si um imperio despegando-o do dominio portuguez, o outro, acirrado pela mãe, conspirava sempre. E o pobre rei de Portugal, d'Aquem e d'Além mar, só encontrava o carinho d'uma escrava negra que lhe provava a comida não fosse elle morrer envenenado, sem comtudo o conseguir salvar depois d'aquella merenda de Belem.

Em 1823 agitava-se a rainha contra o marido e contra a liberdade, mas como visse

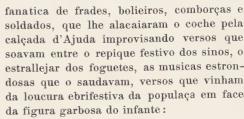
falhada a conjura e a policia fosse remexer nas suas malas em busca de papeis suspeitos, ella, seguindo o antigo habito, poz-se a salvo com uma carta ao pobre esposo:

«Meu amor: Agora me dizem que os nossos inimigos teem espalhado em Lisboa que eu pretendia fazer esta manhã uma revolta para ficar regente com o nosso filho Miguel e mandar-te para Villa Viçosa. Isto é uma aleivosia muito grande e n'ella entrará decerto o doutor Abrantes, e por isso te peço que ordenes ao intendente que proceda rigorosamente a esse respeito, pois tu bem sabes que eu não desejo senão viver socegada e que tu sejas feliz. D'esta tua: C. J.»

D. João VI, perante esta carta, teve a certeza de que a mulher tramava na sombra, ao recordar-se d'uma outra semelhante recebida quando da conspiração de Mafra.

Com effeito logo no anno seguinte a revolta rebentou. D. Miguel collocava-se á frente das tropas no Rocio; o povo aguardava em silencio o gesto do infante e na Bemposta o rei tremia de medo, fechado no seu quarto, á porta do qual havia sentinellas. Sem o embaixador francez Hyde de Neuville, que arrastando comsigo o corpo diplomatico, se dirigiu ao palacio, talvez que o pobre rei tivesse abdicado. Ante os representantes das nações os soldados cruzaram as bayonetas, um official pediu um bilhete do infante para os deixar passar e só quando um ajudante de D. Miguel o ordenou a porta se abriu para se vêr um rei chorando, convulso, apavorado nos braços do inglez Beresford. Dos seus labios com os soluços sahiu o perdão do filho cujos cumplices deviam ser castigados. O principe embarcara na *Perola* com o cirurgião Pires e o conde de Rio Maior e partia para o extrangeiro d'onde só devia voltar em 1828 para assumir a regencia do reino, após a morte do pae, que deu pasto a mysteriosos ditos.

A' volta de Sua Alteza — O Rei chegou — O absolutismo

A viagem do infante fôra cheia de gosos e d'alegrias. Esturdiara em Paris, divertira-se em Vienna, onde jurara manter a Constituição deante de Metternich, do conde de Bombelles e do barão de Villa Secca. Sahira logo para França e d'ali para Inglaterra; fôra recebido com enthusiasmo em Westminster, visitara o tunnel do Tamisa, que dois dias depois devia abater e finalmente puzera-se de viagem para Lisboa onde chegou nos primeiros dias de fevereiro. O seu desembarque no caes de Belem foi um delirio. O infante recusando ir ao Terreiro do Paço, onde a Camara o aguardava, ainda mais acirrou o enthusiasmo da turba fanatica de frades, bolieiros, comborças e soldados, que lhe alacaiaram o coche pela calçada d'Ajuda improvisando versos que soavam entre o repique festivo dos sinos, o estrallejar dos foguetes, as musicas estrondosas que o saudavam, versos que vinham da loucura ebrifestiva da populaça em face da figura garbosa do infante:

NASCIMENTO DA FILHA DE D. MIGUEL DE BRAGANÇA
D. Maria das Neves, a primeira filha de D. Miguel, nasceu em Klenihenbach a 5 de agosto de 1852
(Grav. da Bibl. Nac.)

D. Miguel chegou á barra
Já lá estava o seu carrinho
Para o levar a palacio
Descançar um bocadinho

Rei chegou
Rei chegou
Em Belem
Desembarcou
Na barraca
Não entrou

Sob o chuveiro das petalas dos jardins d'Alcolena e da Boa Hora, entre sorrisos femeninos e brados do povo, o infante sorrindo aos moleiros do Caramão e do Monsanto aos escudeiriços e fidalgos entrou no paço diante do qual começou a folia como em arrayal de milagroso santo. Correu o vinho a rodos e no bailarico rijo as vozes das moçoilas saudavam-lhe a belleza e acclamavam-no:

D. Miguel
Lindo diamante
Elle já é rei
Já não é infante

Assim começou a caminhar para a realeza absoluta; assim se tornou o rei dos frades, da soldadesca, da turba e do mulherio.

PRINCIPE D. MIGUEL MARIA DE BRAGANÇA
E PRINCEZA D. MARIA DAS NEVES DE BRAGANÇA, EM PEQUENOS
D. Miguel é o principe que se abstem
dos seus pretensos direitos;
sua irmã casou com o principe Affonso de Bourbon.
(Grav. da Bib. Nac.)

Miserias d'um principe — Um duro exilio — A escola da desgraça

O reinado de D. Miguel I ficou como um periodo d'horrores. Nunca se viram tantas forcas erguidas, tanta gente presa nas cadeias e fortalezas, tantas atrocidades que se praticavam ao som do *Rei chegou*, o *Ça Ira*, realengo do *Rei Terror*. Quando passava nas suas cavalgadas o povo ajoelhava; as freiras tinham o seu retrato nos altares; havia uma furia de o acclamar emquanto a Alçada ia lavrando sentenças. Começou a rebellião na qual D. Pedro não entrou tão desinteressadamente como se julga, seguiram-se as batalhas como n'um quadro final d'odio accumulado d'irmão para irmão na dynastia brigantina e por fim as forças de D. Miguel succumbindo na Asseiceira renderam-se pela convenção d'Evoramonte. Ali o principe teve o seu primeiro gesto d'honestidade ao despojar-se até das suas joias particulares, ao entregar o thesouro da corôa que valia 800 contos e preciosidades no valor de 3:000, em face d'esse tratado que amnistiava todos os delictos politicos, reintegrava no exercito os officiaes, nos logares os empregados publicos, a fazer a paz da nação. Só elle seria expulso, comprometter-se-hia a não mais voltar á peninsula e partiria dentro em quinze dias do reino para o que se lhe dava uma pensão de 60 contos.

Por aquelle calido junho, em que a terra portugueza é tão linda, o infante com vinte dos seus veteranos, cercado pelos lanceiros constitucionaes marchou a embarcar em Sines, na corveta ingleza *Stag* que o capitão Lockyer commandava. Levava 80 pessoas de comitiva e deliberava não acceitar essa pensão que lhe daria o ar d'um culpado rico, ao abrigo das miserias, emquanto os seus fieis jazeriam na indigencia. No caminho ouviu doestos e sem a intervenção do official Infante de Lacerda o guerrilheiro Batalha teria assaltado a escolta para desacatar o

homem diante de quem a turba ajoelhara. Naturalmente n'essa hora o principe perdeu todas as suas illusões, sentiu que pouco valor tem o amor do povo agora impetuoso como o das perdidas, logo voluvel, transformado em odio, como o d'ellas. A infanta Isabel Maria estava em Elvas e recolheu a Bemfica; o duque de Cadaval partiu dias depois para ir viver no palacio Montmorency, em Paris. No reino ficavam algumas dedicações nos conventos, no exercito e no coração das mulheres e o principe ao desembarcar em Genova, orando em face da Senhora da Vinha, sentia-se emfim bem vencido, pobre, mettido já na rude estrada onde o conduzira sua mãe. No throno estava a sobrinha cercada pelos soldados de D. Pedro; elle lá de longe escrevera o seu primeiro protesto: preferia a miseria, tinha emfim esse assomo de dignidade ensinado pela desdita.

«Declaro-me, agora, que estou em liberdade, contra a capitulação de 26 de maio passado, que me foi imposta pelo governo de Lisboa e que acceitei para prevenir mais desgraças e poupar o sangue dos meus fieis vassallos. Esta capitulação, portanto deve ser considerada nulla e de nenhuns effeitos.» Era a pobreza. O governo constitucional apprehendera ainda algumas das suas baixellas particulares que a velhinha D. Francisca Varde buscara salvar para servirem no exilio ao seu querido rei que vivia apenas d'uma pensão offerecida pelo papa Gregorio XVI. Estava em Roma no palacio Capponi que a familia Mencacci lhe offertara; ali vivia com os seus fieis, procurando

D. MIGUEL DE BRAGANÇA
Que se abstem dos seus suppostos direitos ao throno Portuguez
(Grav. da Bib. Nac.)

horas de maior felicidade. Via-se então esse principe das touradas e das cavalgadas, o *Rei Terror*, o soberano diante do qual um povo ajoelhara, passear a pé, humilde, confundido com as multidões indifferentes, chorando sobre o parco pão d'esse exilio bem differente do primeiro.

Dias havia em que não tinha um *bayoco* para comprar o leite da sua ceia. Aos opiparos jantares de gala succediam os ratinhados quinhões de vacca, os modestos pratos d'arroz; as fructas de Roma eram caras e elle devia ter saudades dos seus pomares ferteis, dos vergeis de Queluz, de tudo isso que perdera levado pela ambição de fazer de Portugal uma herdade em que colhesse todos os proventos e na qual o irmão se contentava apenas com alguns. Data d'aqui a sua transformação. O rei esturdio era agora um homem de coração que partilhava com os pobres o seu pouco pão; tornava-se um attento observador das miserias e, como se andasse a penitenciar-se d'uma grande culpa, fazia o bem, valia aos desgraçados, enchia-se de modestia. Uma

vez quiz vender o seu unico cavallo para soccorrer um realista hespanhol; outra levou para a sua mesa um portuguez esfaimado. Passando na rua Leccusa, onde o povo se affastava d'um pestifero, tomou-o nos braços e levou-o ao hospital. D'este modo, vivendo mal, a ponto de em 1841, em pleno inverno romano, não ter dinheiro para comprar um sobretudo e sahindo de casa do principe de Conti, onde estivera hospedado, não ter com que pagar o seu jan-

tar, o principe protestava sempre contra o seu banimento da patria, proclamava alli os seus direitos já em janeiro de 1835 e em maio do mesmo anno, já em novembro de 1840, já em junho de 1852, nas vesperas do nascimento de seu filho. Em Lisboa a condessa de Pombeiro fazia subscripções para o soccorrer e que elle, ainda em 1850, agradeceu de Bexhill. Do seu exilio seguiu com o coração sobresaltado a incursão de Mac-Donell em Portugal e, ao vel-o vencido, sem duvida sentiu que jamais seria rei de facto. No entanto protestava sempre no meio da sua miseria de que o salvou uma mulher digna — a princeza Adelaide de Lowestein — que ainda hoje vive n'um convento d'Inglaterra e que desejou partilhar as suas desditas e as suas esperanças casando com o principe que, pagando as suas culpas, na escola da desgraça se redimiu como homem.

RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL

Guerra allegorica em que se vê D. Pedro esmagando o governo de D. Miguel

(Grav. da Bib. Nac.)

Morte de D. Miguel I — Seu filho — Um sonho desfeito?!

Em novembro de 1866, D. Jorge Locio recebia em Lisboa o seguinte telegramma: «Le roi est mort subitement d'une paralysie de poumons. Dite au conte de Pombeiro et marquis de Abrantes. Charles prince de Lowestein.» D. Miguel I morreu e para seu filho se voltaram os seus partidarios. O principe não tivera a aprendizagem dolorosa de seu pae; fôra creado como todos os filhos das familias reaes, talvez com um desejo grande de vêr essa terra da sua raça, pois saudade não a podia ter. Vivendo na côrte d'Austria, sendo official do exercito d'esta nação, casado, augmentado em bens, decerto não soffreu nunca as agruras dos principes desditosos. Perto do throno mais tragico da Europa, assistindo ás desgraças da familia impe-

DESEMBARQUE DE D. MIGUEL I, NO CAES DE BELEM, EM FEVEREIRO DE 1828

Frades, collarejas e gente das ruas saudam o infante ao som do improvisado ÇA IRA *da realeza*

(Grav. da Bib. Nac.)

rial, D. Miguel soube da morte do herdeiro do throno, esse desequilibrado Rodolpho do mysterio de Mayerling; depois o desapparecimento do archiduque Salvador; ainda do fuzilamento de Maximiliano; dos casamentos morganaticos; de toda essa serie de factos que fizeram herdeiro d'um throno, de que estava bem distante, o archiduque Francisco Fernando. Realmente a casa d'Austria, que o acolhera, era um exemplo terrivel d'infelicidades regias nas quaes deve ter pensado ao vêr como ás vezes um pequeno principe pode herdar um imperio e ao sentir os espinhos d'essas existencias que se julgam tão mimosas Diz-se que a tragedia de Lisboa o fez meditar a ponto de se approximar da sua familia mudando a sua declaração de 1896, na qual dizia obrigal-o a sua honra a continuar no seu posto. E' crivel que o principe tenha essa anciedade de se ligar aos seus, ante as tragedias da realeza a que tem assistido no paiz onde vive e da noticia da que se passou em Lisboa: é crivel que venha para Portugal, para junto d'esse throno de discordia entre seu pae e seu tio, abstendo-se emfim d'esse ephemero titulo de rei que os seus partidarios lhe davam nos dias das suas reuniões em Seebestein e nas quaes talvez sonhasse n'um momento com uma effectiva realeza.

Se tal sonho teve, elle, agora, para sempre se esvae como uma illusão que era, como uma nuvem de fumo ao sopro, por vezes agreste, do vento d'esta nossa terra, vento que agita o Oceano d'onde o rei Miguel I partiu n'essa memoravel manhã luminosa de junho por entre as imprecações d'aquelles que talvez tivessem entoado a canção de vindictas que ficou entre nós como um sangrento *Ça-ira* da realeza.

NOTA.—Em Sines embarcaram com D. Miguel I os seguintes individuos: Conde de Soure, D. Bernardo Almada, Antonio José Guião, mordomo, João Gaudencio Torres, secretario, Joaquim Telles Jordão, ajudante, João Galvão Mexia de Sousa Mascarenhas, João Antonio de Azevedo Lemos, Joaquim dos Reis, confessor, Luiz Guilherme Coelho, D. Antonio da Silveira, Manuel de Sá Sarzeda, capellão, Antonio d'Oliveira Vianna, Antonio Pedro Baptista Gonçalves, José Castro de Quental, Manuel d'Almeida e Andrade, José Alves Candido, João Baldy, Pedro M. Rebello, Joaquim Rodrigues Castro, Diogo José de Noronha, Francisco de Magalhães Mascarenhas, Antonio Augusto de Mascarenhas Galvão, Manuel Bernardes Goulão, Antonio Pimentel Soares, Henrique Vieira, Constantino José Marques e trinta e dois creados.

ROCHA MARTINS.

FIDES SEMPER VIRENS

Ao Dr. Alfredo Bensaude

O' meus irmãos, ingenuos visionarios,
Cedo votados á Desgraça e á Dor,
Martyres talvez do Ideal, do Amor,
Que o mundo occulta em virginaes sacrarios:

Olhae ao longe os asperos calvarios
Tragico fim de cada sonhador!
Lá deixareis a vossa carne em flor,
E a propria vida, com seus sonhos varios . . .

Rudes torturas, por emquanto vagas,
Hão de esmagar-vos, como duras fragas,
Rolando pela vasta immensidade . . .

Porém que importa? Se um momento ao menos
Virdes acaso, entre clarões serenos
Brilhar um astro a que chamaes Verdade?

AFFONSO VARGAS.

O nosso quinto andar

A' illustre escriptora Celia Roma

N'aquelle quinto andar, encostadinho ao Ceu,
— Lindo ninho d'amor, á beira d'um telhado —
Fizemos um ménage, «art-nouveau» mobilado
De beijos, affeições, caricias... que sei eu?!

Era pobre a mobilia e as paredes nuas,
Não havia tremós, nem estofos d'esplendor,
Tão pouco «bric-á-brac», ou coisas de valor
Que nos mettem á cara as montras d'essas ruas.

Apenas o teu leito e um «édredon» sedoso,
Cadeiras, um sofá, um «guéridon» imperio,
E, em cima, o meu retrato, empertigado e sério,
Buscando pelo quarto o teu corpito airoso.

A mobilia era pobre e simples o bem-estar,
Mas a tua alegria, o teu genio travêsso,
E o nosso grande amor, eram moveis de preço
Que adornavam, com luxo, o nosso quinto andar!

No teu kimono branco, aereo e tão leve,
Que vestia o teu corpo, esbelto e esculptural,
Davas-me a impressão, galante e sensual,
De boneca allemã toda feita de neve!

Biscoitos e café... era a ceia modesta,
Preparada por ti, em lindo «tête-á-tête»,
Com caricias d'amor tornava-se em banquete,
E a luz do teu olhar illuminava a festa!

Então, n'esses festins, que vida extranha, nova!
Cingidos um ao outro, as mãos muito enlaçadas,
Eram juras d'amor, em bôccas namoradas,
Amor p'ra sempre eterno, amor além da cova!

A tua toilette era eu quem a escolhia,
Quando ias a passeio, e pelo braço meu,
E, desde a meia aberta aos grampos do chapeu,
Que feminil pericia eu então exhibia!

«Dame de compagnie», se algum dia a tivéres,
Como eu, talvez não saiba ajustar-te o espartilho!
No teu ar infantil até dizias: «Filho!
Que geito que tu tens p'ra embonecar mulheres!»

....

Um titular qualquer mudou a tua vida:
Pôz-te uma casa chic e deu-te creadagem,
Tens joias do Leitão, toilettes, carruagem
Em que, ás horas do «tom», passeias na Avenida.

Fizeste muito bem. A vida é attrahente!
Não se vive d'amor e tudo custa caro...
Impôe o teu capricho, esse artificio raro,
Que converte a mulher em deusa omnipotente!

Devora a f'licidade e gosa até fartar!
O coração não dês, que isso escangalha a vida!
Não te lembres de mim! Mas não te esqueças, qu'rida,
Do palpitante amor do nosso quinto andar!...

Carlos Trigueiro.

28-2-1909

JOGANDO

Vestigios da passagem dos portuguezes no Japão

(Conclusão)

o museu de Ueno, em Tôkyô, encontram-se hoje, em exposição, curiosos documentos da acção evangelisadora dos missionarios portuguezes. Figuram, entre outros, os seguintes: — um retrato a oleo, de Hashikura Rokuemon, em prece, em frente de um crucifixo; o titulo de cidadão romano, conferido ao mesmo Rokuemon, que visitou o papa Paulo V, em 1615, como embaixador do principe de Sendai; varias pinturas sagradas, rosarios, crucifixos, um livrinho de devoções escripto em japonez, etc. Alli figuram tambem exemplares das celebres *fumi-ita,* placas de metal com emblemas christãos, que nos tempos de perseguição os japonezes calcavam a pés juntos, e parece certo que tambem os hollandezes, no intuito de provarem ás auctoridades do paiz, quando preciso, que não seguiam o credo de Jesus.

A sua historia e a critica da perseguição japoneza contra os missionarios portuguezes, contra os japonezes convertidos e contra os estrangeiros em geral, cheia de horrores como todas as perseguições religiosas, não é para aqui. No entretanto, ao natural resentimento que os factos apontados, descriptos em minucia pelos nossos velhos chronistas, possam ter induzido a alma portugueza, devem fazer-se alguns reparos. Os nossos padres mostraram-se desde logo intolerantes; e os nobres convertidos foram mais do que intolerantes, foram despoticos, foram crueis, obrigando pela

força os seus vassallos a abraçarem a nova fé, incendiando os templos buddhistas e assassinando os bonzos. O commercio tornou-se cedo o monopolio dos christãos. Padres portuguezes e frades hespanhoes, mercadores portuguezes de pouca lisura de costumes, e mais tarde os hollandezes e alguns inglezes, todos começaram intrigando uns contra outros, e intrigando contra o imperio, ingerindo-se na politica interna, conspirando, espalhando a revolta, a confusão e a anarchia. Os dirigentes japonezes almejavam por estabelecer em bases firmes o commercio do paiz com o Occidente, no proposito de engrandecel-o pela industria e pelos progressos adquiridos; mas não podiam admittir tamanha influencia moral, exercida por estranhos, tendente á desintegração da familia japoneza, ao fanatismo, á oppressão religiosa, á inquisição e certamente, como remate, ao dominio politico dos brancos no solo dos Mikados. A opinião é correntia, entre os modernos escriptores occidentaes mais competentes, que o perigo jesuita foi uma das mais ameaçadoras conjuncturas que hão posto em risco a independencia japoneza, durante a longuissima existencia da nação. Hideyoshi, Iyeyasu, foram barbaros; mas salvaram da escravidão a sua patria.

DOMINGOS ZENYEMON

Passêmos adeante, para encarar agora o lado mercantil do nosso assumpto. Pouco ha que dizer. Os portuguezes poderiam ter feito muito n'este campo. Poderiam ter acordado as latentes energias na alma dos nipponicos, e dos chinezes tambem, antecipar os factos, alliar-se aos asiaticos e revolucionar o mundo. Não o fizeram, nem admira que assim fosse. O espirito de ha tres seculos éra outro. Reservaram os destinos á Inglaterra o logar de primeiro alliado occidental de um imperio do Oriente. E facto que os navios dos nossos mercadores serviram de modelos aos barcos japonezes, começando a construirem-se alguns de maior tonelagem e proprios á navegação de longo curso. Desenvolvemos n'este povo o espirito aventureiro, o amor das grandes viagens, das conquistas. Em 1594, Hideyoshi distribuia licenças a oito barcos japonezes para negociarem com Luzon, Amoy, Macau, Annam, Tonkin, Cambodge, Siam, Malaca e outros portos. Seis annos depois, taes licenças eram elevadas por Iyeyasu a sessenta e duas; e em 1620 montavam a cento e setenta e nove. Foi por aquelles tempos que, partindo um barco japonez para o India, com escala por Macau, ali, os portuguezes, não conseguindo que o capitão vendesse a carga e desistisse de ir além, confiscaram-lh'a sem outra fórma de processo. Mas a expulsão dos estrangeiros do solo japonez vinha pôr termo aos arrojos d'este povo em materia de expansão, seguindo-se naturalmente uma politica cautelosa, repressiva; a emigração dos nacionaes foi prohibida, prohibido o regresso dos ausentes, a tonelagem dos barcos reduzida a cifras infimas, de modo a só permanecer a navegação de cabotagem. O isolamento era a lei unica.

Vou agora referir-me a outros vestigios, de minima importancia mas ainda de interessantissima menção, que ficaram da nosssa passagem no Nippon. Estes vestigios encontram-se na linguagem japoneza. Começo por dizer que, na sua escripta ideographica, os

japonezes escrevem com tres figuras a palavra «Portugal». As duas figuras superiores querem dizer *budô* (uvas, vinha); de sorte que a rigorosa denominação da nossa terra seria para elles — o *Paiz das Uvas* — ou, por extensão — o *Paiz do Vinho*. . . — Ironica divisa, quando se tenha em conta a raridade de vinho portuguez em terras do Japão; em todo o caso, comprovativa da remota fama vinhateira da patria de Mendes Pinto e dos que lhe succederam.

Os portuguezes trouxeram ao Japão idéas novas, objectos novos. D'isto resultou naturalmente a adopção, na linguagem do paiz, de muitos termos nossos; dando-se ainda a circunstancia favoravel de uma notavel semelhança de pronuncia nas linguas faladas dos dois povos. Avultam, como facilmente se imagina, os termos religiosos; muitos d'elles ainda em uso, posto que os padres francezes, pastores actuaes do minguado rebanho dos catholicos nipponicos, cuidem de substituir estas palavras por outras, etymologicamente nacionaes. Cito alguns exemplos: — *Kirisuto* (Christo), *Yaso* (Jesus), *Kirisutan* (christão), *bateren* (padre), *Kontasu* (contas, rosario), *anima* (anima, alma), etc.

Depois, veem os nomes das coisas: — *botan* (botão), *birôdo* (velludo), *bôto* (bote), *bidôro* (vidro), *koppu* (copo), *mantéru* (mantéo), *kappa* (capa), *mantô* (manto), *pan* (pão), *shabon* (sabão), *kompeitô* (confeito), *saberu* (sabre), etc.

Os japonezes dizem: — *tempura* (de «tempero», ou outro termo parecido). — *Tempura* é qualquer artigo de cosinha, frito em azeite; corresponde ao nosso actual vocabulo «fritura». A palavra é tambem conhecida em Africa, de importação portugueza, claramente; eu conheci, em Moçambique, uma negra que se chamava *Tempura*.

TITULO DE CIDADÃO ROMANO CONFERIDO A HASHIKURA ROKUEMON

Os nipponicos dizem: — *tabako* (tabaco). — Parece não restar duvida de que fomos nós que introduzimos a palavra no Japão, e tambem a droga e o uso de fumal-a; isto por 1600. A principio, decretaram-se rigorosas leis prohibitivas contra o uso do tabaco; mas depois estabeleceu-se a tolerancia, passando todos a fumal-o, sem distincção de sexos. Observa um auctor japonez, contem-

poraneo: — «Mulher que não fume e bonzo que perserve nos seus deveres de abstinencia, eis duas coisas igualmente raras.» Deixando sem commento o cigarro, que os costumes modernos vão profusamente divulgando, convem saber que o tabaco japonez, de delicioso aroma, é fumado em cachimbinhos, alguns dos quaes são verdadeiros mimos de arte, comprados por alto preço. O *kiseru*, o cachimbinho, consta de um forno e de uma boquilha de metal (cobre, prata ou ouro), e de um fino tubo de bambu. Varios outros delicados utensilios (como a bolsa de seda, o brazeiro, etc.) fazem parte do arsenal do fumador. Os homens do povo, labutando pelas ruas, trazem sempre o cachimbo á cinta, envolvido n'uma bainha de coiro envernizado; os *touristes*, estranhos aos costumes, julgarão que vão armados de punhal. No lar, a mimica da *musumé* tomando nos dedos uma pitada de tabaco, enchendo o forno, accendendo-o sobre brazas, saboreando uma unica fumaça, sacudindo o residuo, enchendo de novo o forno e offerecendo o cachimbinho á companheira — é graciosissima.

FUMANDO

Os nipponicos dizem: — *karuta* (cartas, cartas de jogar). — Sem duvida, iam-se elles dando a varios jogos desde remotas éras, como bons asiaticos que são; mas, se não erram calculos, fomos nós que lhes trouxemos as cartas de jogar. O que succede, é que as cartas japonezas são mais bonitas do que as nossas. Estamos adivinhando que, em quanto os bons padres jesuitas iam ensinando a doutrina a estes pagãos e cuidando de guiar-lhes a alma a bom caminho, Mendes Pinto e os seus dignos successores — amaveis filhos do *Paiz do Vinho* — empregavam horas vagas em incutir-lhes o viciosinho do tabaco, jogando ao mesmo tempo biscas lambidas em aprazivel sociedade. Cahiu por terra a doutrina dos padres; mas o tabaco e as cartas de jogar — oh, pestezinha da alma humana! — persîstiram...

PORTUGAL...
O «PAIZ
DO VINHO»

Ficaram mencionados, muito por alto, como convinha, os vestigios que a nossa rapida passagem deixou no solo japonez. Duas palavras agora, para attentar na corrente inversa, que sempre se manifesta, como nos rios, em phenomenos sociaes da ordem que apontei.

Alguns vocabulos japonezes encontraram adopção na nossa lingua, especialmente em Macau, visinho e em intimas relações com o imperio durante um certo periodo. Em Macau, chama-se «biva» á nespera, á qual os japonezes chamam *biwa*. Os japonezes chamam *kaya* (de *ka*, mosquito, *ya*, casa) ao mosquiteiro; o termo é igualmente empregado na linguagem de Macau. O vocabulo «biombo» e o objecto que elle exprime são evidentemente de origem japoneza; os japonezes dizem *biôbu*. O mesmo acontece com «catana», portuguez, e *katana*, japonez. «Bonzo» é palavra japoneza; os japonezes dizem *bôzu*. Os chinezes do sul e os japonezes dizem *chá*; nós dizemos *chá*, como elles; o nosso termo vem de uma ou de outra origem; mas «chavena» é de pura importação nipponica, de *cháwan*, designando o mesmo objecto.

Os nossos padres e os nossos mercadores, animados de intenções que nada tinham que vêr com a deliciosa arte nipponica, não se importaram com ella, passaram desdenhosos. Haverá em Portugal um vaso de porcelana, uma boceta de charão, uma folha de desenho, trazidos do Japão,

do tempo em que nós tão assiduamente o frequentavamos? Supponho que não ha. Todavia, é bem possivel que certas fórmas de objectos (no bule, na chavena, na bandeja, etc.) tenham sido inspiradas em modelos japonezes.

Os loiros da Hollanda, permanecendo no Japão, excederam-nos immensamente como permutadores de idéas e de coisas, entre o Japão e o Occidente. Mas os verdadeiros descobridores do Japão artistico e pittoresco, os authenticos *Mendes Pinto* do Nippon encantador e feiticeiro, só appareceram ha alalguns annos, e foram os Goncourt, Revon, Lafcadio Hearn e poucos mais. A elles se deve o nosso reconhecimento aprofundado das delicadezas d'esta terra e d'esta gente, e a influencia resultante, da arte japoneza na arte do Occidente. Em troca, o Japão vae adoptando o nosso chapéo alto, a nossa lugubre casaca de ceremonia, os nossos canhões de tiro rapido e o bife com batatas, á ingleza . . .

«KARUTA» — CARTAS DE JOGAR, JAPONEZAS

Reservando para o fim um derradeiro commentario á influencia portugueza no Japão, commentario que vem em tempo proprio, justamente quando acabamos de inventariar os quasi chimericos vestigios que restam da nossa passagem pelo imperio, occorre-me dizer que convem ter bem em vista que semelhante influencia foi principalmente de ordem moral, não deixando, conseguintemente, vestigios palpaveis, visiveis, em abundancia. O nosso convivio com os nipponicos não cessa por este facto de ser, para elles, uma revelação de alcance formidavel. Acostumados, durante seculos sem conto, a encararem a Asia como o mundo e a velha civilisação chineza como a unica manifestação do pensamento, as suas relações comnosco e a ida de embaixadas á Europa, passando por Lisboa, então um dos grandes centros de acti-

vidades mundiaes, abriram sem duvida muito os olhos aos nipponicos, avidos, por indole, de novidades e instrucção. Foram os portuguezes que ensinaram a esta gente que lá muito ao longe, nas terras dos homens brancos, florescia tambem uma avançada civilisação, e que vastissimos impulsos, de progresso e de cobiça, dirigiram ali a marcha das nações. De taes conhecimentos, nasceu por certo um primeiro sobresalto na alma japoneza, o qual foi o germen da sua subsequente evolução, preparando-se pouco a pouco o imperio para estupendissima metamorphose que se operou nos nossos dias, na constituição intima do Estado, nas forças do paiz e nas aspirações do povo inteiro.

Kobe — Julho de 1908.

WENCESLAU DE MORAES.

SONHOS

I

Falava assim um dia a minha doce amada:
— Jamais posso explicar a tortura infinita
que tanto me flagella est'alma que se agita
num sonho a que me sinto agora acorrentada.

Que tenho eu? Que sei? Por que ancioso palpita
meu pobre coração que nada intende, nada
d'esta extranha emoção? Por que á noite estrellada
vélo, como se fosse uma triste proscripta?

Fito, profundamente o azul sereno e claro.
E, quanto mais o olhar pelo aspaço divaga,
mais me apavora a dôr de um grande desamparo.

Quero viver não sei de que sonho, em que plaga,
quero alcançar alguem que me foge, mas páro,
tremo, vacillo, grito e a duvida me esmaga.

II

Mas eu quero sentir toda a minha alma inquieta
voar, gemer, cantar como um passaro airoso,
que vai pela amplidão, buscando um novo pouso,
fugindo á vil prisão de uma gaiola abjecta.

E, por que d'esse amor quero sentir o goso,
a escravidão feroz, a tortura completa?
Porque amar é viver e a lagrima interpreta
a vida, cujo orvalho é o pranto silencioso.

Ha no meu coração alguma coisa esquiva,
que eu não posso dizer de que fonte promana,
que não sei explicar d'onde, emfim, se deriva.

E nesta indecisão, neste horrendo Nirvana
minha alma de mulher, tranquilla e compassiva,
busca o lado melhor da natureza humana.

Manaus — Brazil.

Teodoro Rodrigues.

MAIO

Resurge a Natureza em viva festa . . .
A luz ampla e vernal forte esfusia!
Revive o campo, esplende a serrania!
Maio. — Nos verdes olmos da floresta

Cantam as aves loucas de alegria! . . .
A flôr, da mais taful á mais modesta
Toda se entrega a borboleta lesta:
A seductora amante fugidia . . .

A vida em tudo freme e murmureja . . .
— O coração do bosque que lateja
Um coração humano se assemelha!

E a luz do sol que tinge os horisontes
Como um clarim, vibrando pelos montes,
Sôa gloriosa e rútila, vermelha! . . .

Rio de Janeiro.

PERES JUNIOR.

Recordações de então

III

Dissemos no nosso segundo artigo que o programma do Campo de Sant'Anna constituiu sempre mais interesse que propriamente o cartaz. Hoje temos elementos para accrescentar que, pelo meado do seculo passado, a rima tambem metteu o seu bedelho á larga no principal annuncio do espectaculo favorito dos portuguezes.

O *fac-simile* que adiante publicamos é reproducção de um cartaz do anno de 1860. E' tão interessante pela vetustez como apreciado pela sua raridade, sendo por isso grande o seu valor estimativo, para não dizermos historico. Pertence ao Real Club Tauromachico Portuguez, que o guarda e archiva cuidadosamente, devendo nós aos seus directores a obsequiosidade da cedencia do original, para o reproduzirmos aqui.

De exiguas dimensões comparando-o com o cartaz actual, pois mede simplesmente 62 centimetros de largo por 93 de alto, sendo dividido ainda em duas pequenas folhas, a sua redacção é curiosissima, começando logo pela apresentação do gado. O exordio é em prosa; depois é que se lhe seguem os versos:

E os amadores que quizerem
Conhecer disto a verdade,
Queiram no Sabbado á tarde,
A Carriche ir passear.
Na casa do Theotonio,
De calexe ou de carrinho
A cavallo ou de burrinho,
Ou mesmo dando á canella,
Alli podem de janella
Os bichos verem passar.

E depois para que seja,
Uma tarde bem passada
Bellos bifes e sallada,
Alli têm para trincar.
Se quizerem tambem podem,
A merenda variando,
O bom fiambre trinchando,
A vitella primorosa,
E até mesmo essa mimosa
Bella cabeça d'achar.

Pelos modos, o promotor da corrida — ou quem fez por sua ordem o original do cartaz — era frequentador do *Retiro do Theotonio* ou amigo do seu proprietario, pois devendo, e querendo certamente, incensar o lavrador ou reclamar a qualidade da sua fazenda, que no caso presente era, como se comprehende, o gado, desbancou por fim mas foi em chamar a attenção para os petiscos que se encontravam no supracitado Theotonio.

Em seguida faz a apresentação dos irmãos Carmonas, artistas que n'essa época já tinham grande renome. Antonio Carmona, que mais tarde foi matador de fama sob o apodo de *Gordito,* era então ainda bandarilheiro da *cuadrilla* de seu irmão José. Quatro linhas e pico de prosa, fechando com estas rimas:

Que da paz gosando sempre
O dôce fructo esp'rançoso,
Possam vêr por largos annos,
Seu viver assaz ditoso.
Pois que o povo portuguez,
Desde grande antiguidade,
E' do mundo respeitado,
Por modêllo de bondade.
Sendo os votos dos Carmonas,
Que o Céo ha-de apreciar,
P'ra que possa Portugal,
Venturas mil disfructar.

Agora é Peixinho, o promotor da corrida, que deita espiche. O começo dá-nos a idéa das lôas que por muitos annos ouvimos deitar os anjinhos que acompanhavam o tradiccional cyrio da Senhora do Cabo:

Nobre povo lisbonense,
Estimaveis amadores
Que bondosos mil favores
Mui francos sabeis prestar.
O Peixinho que vos deve
Vossa estima que aprecia
Vem rogar-vos neste dia
Façaes que o seu beneficio,
Lhe seja muito propicio,
Como alegre ousa alcançar.

Sendo esta a vez primeira
Que se arroja a tal empresa,
Confia já com franqueza
Da mesma mui bem sahir.
Da vossa immensa bondade,
Espera pois desta vez,
O capinha portuguez,
Da mesma a prova alcançar,
Pois que não sabeis negar
Proteger quem vos pedir.

Fazei pois oh! lisbonenses,
Que o Peixinho mui contente,
Dizer possa alegremente
O quanto esp'rava alcançou!
E como p'ra compensar-vos,
Só tenha no coração,
A mais pura gratidão
Com firmeza elle assegura,
Que sempre constante e pura
D'alma a mesma lhes votou.

Bellos tempos esses, em que a Musa andava ligada ao cartaz de touros, tendo a inspiral-a os Carmonas, o Peixinho e o Rafael da Cunha!

Hoje, porém quasi temos a certeza que se alguem tivesse a lembrança de redigir assim um cartaz, cantando em verso os meritos dos artistas annunciados, o menos que lhe poderiam chamar era — doido!

*
* *

Na corrida de que vimos tratando, tomaram parte, entre outros, o beneficiado José Peixinho e os cavalleiros Manoel José de Mesquita e Diogo Henriques Bittencourt. D'elles vamos dar algumas notas.

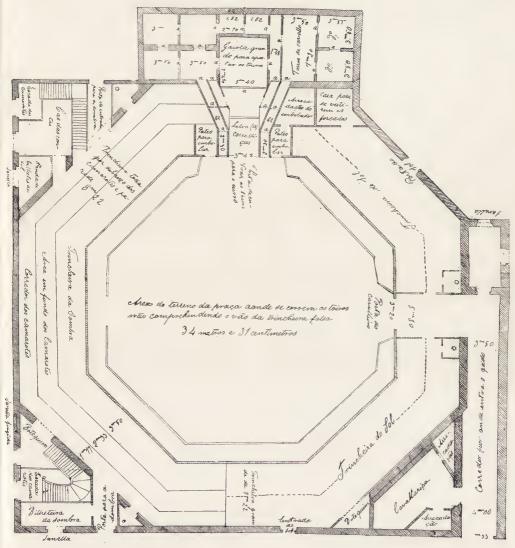
José Joaquim Ferreira, o *Peixinho* — que mais tarde tomou para appellido a alcunha com que os amigos o apodaram por ser um nadador eximio — foi, como bandarilheiro, uma verdadeira gloria da tauromachia portugueza.

Se a historia do toureio nacional estivesse escripta, observou um seu biographo, lá figuraria no logar de honra, sem a menor dúvida, o nome de Peixinho pae, tanto mais digno d'essa distincção quanto é certo que elle imprimiu á arte que praticou, uma tão singular orientação artistica, que o publico lhe conferiu o titulo de MESTRE em diploma sellado com as suas ovações e authenticado pela sympathia de que ainda hoje cérca a memoria do popularissimo toureiro.

José Peixinho nasceu em Lisboa a 7 de novembro de 1832, exercendo a profissão de pedreiro quando começou a dedicar-se ao toureio. A sua aprendizagem teve começo no Campo de Sant'Anna, nas embollações, que se effectuavam de manhã, divertimento que além d'este artista muitos outros deu, e de incontestavel valor.

Fez a sua estreia como artista em 1849

na praça de Almada, recebendo pelo seu trabalho n'essa tarde quatro *pintos!* Em 1853, porém, é que conseguiu obter contracto para a praça da capital, sendo Alegria pae o emprezario ao tempo, que lhe pagava por tarde em que toureava a quantia de 12$000 réis! E já era, dizem os aficionados antigos, um bom contracto!...

Uma vez com um logar no grupo artistico do Campo de Sant'Anna, Peixinho, ao lado de José Cadete, Antonio Roberto e João Roberto, então toureiros de renome, e

PLANTA PRIMITIVA DA PRAÇA ARCHITECTO: MALACHIAS LEAL

(Pertence ao sr. José Mesquita)

As obras começaram em dezembro de 1830 e concluiram em junho de 1831, poucos dias antes de se proceder á inauguração da praça.

Tinha capacidade para 6:000 espectadores, approximadamente, distribuidos por 100 camarotes, 54 cadeiras, 1:700 logares de sombra e 3:800 de sol.

Esta planta soffreu algumas pequenas modificações, que os aficionados que frequentaram a praça com facilidade encontrarão, e que por isso não apontamos por as julgarmos desnecessarias.

O local onde foi levantada foi indigitado a el-rei D. Miguel pelo cavalleiro João dos Santos Sedvem, que o encarregara de indicar o sitio mais conveniente.

PRAÇA DO CAMPO DE SANT'ANNA

Emprezario — Francisco Rodrigues Alegria.

DOMINGO 28 DE OUTUBRO DE 1860

ULTIMA CORRIDA DE TOUROS DA ÉPOCA TAUROMACHICA DO PRESENTE ANNO

EM BENEFICIO DO HABIL BANDARILHEIRO PORTUGUEZ

DENOMINADO PEIXINHO

Ha-de executar-se na supramencionada praça uma magnifica e optima corrida d'escolhidos, bravissimos e positivamente puros

12 TOUROS

Da conhecida e inimitavel raça que possue o abastado lavrador e principal criador do Riba-Tejo, o Sr. **RAFAEL JOSE' DA CUNHA**, os quaes juntamente com outros que o mesmo lavrador acaba de remetter para Hespanha, aonde vão augmentar a fama que já por outras vezes os touros deste eximio lavrador alli teu adquerido, estavam de ha muito separados e tratados com especial cuidado, como os illustrados amadores verificarão á vista do estado nutritivo com que hão-de apresentar-se sendo por nimia condescendencia e particular obsequio do mencionado lavrador, que veem neste dia para serem corridos, com o louvavel fim de protejer por este modo o beneficiado, e visto merecerem os gabos dos Irmãos Carmonas na occasião de irem á pastagem apartar os que foram remettidos para o reino visinho, e que tudo faz nutrir a esperança de que seja a corrida de touros mais especial deste anno, a que o beneficiado convida o publico para ir gosar a embolação para ajuisar a bravura do gado.

E os amadores que quizerem / Conhecer disto a verdade, — Queiram no Sabbado á tarde, / A Carriche ir passear. — Na casa lo Theotonio, / De caleça o de carrinho — A cavallo ou de burrinho, / Ou mesmo dando á canella, — Alli podem da janella / Os bichos vecam passar. — E depois para que seja, / Uma tarde bem passada — Bellos bifes / Alli tem p[illegible] o sallada, [illegible] trincar. — Se quizerem tambem podem, / A merenda varuado, — O bom fiambre trinchando / A vitella primorosa, — E até mesmo essa famosa / Bella cabeça d'achar.

Nesta corrida tomam parte igualmente pela ultima vez os famosos Irmãos **CARMONAS** e seu bandarilheiro RAFAEL LIBRERO, que protestam esmerar-se por fazerem a sua despedida ao generoso e apreciavel publico lisbonense digna d'apreço e saudosa recordação, pois que os favores, obsequios e agradavel hospitalidade que do mesmo tem recebido por maneira tal os tem penhorado, que é com a maior saudade que se veem obrigados a retirar-se aos patrios lares, suspirando que nova occasião em breve se lhes proporcione, em que possam vir gosar as delicias que tem disfructado nesta opulenta e lindissima cidade, nos nobres e sempre admiraveis habitantes da qual do intimo do coração sinceramente lhes desejam.

Que da paz gozando sempre / O doce fructo esp'rançoso, — Possam vêr por largos annos, / Seu viver assas ditoso. — Pois que o povo portuguez, / Desde grande antiguidade, — E' do mundo respeitado, / Por modêllo de bondade. — Sendo os votos dos Carmonas, / Que o Ceo ha-de apreciar, — P'ra que possa Portugal, / Venturas mil disfructar.

O beneficiado para mostrar por todas as maneiras quanto deseja ser grato aos seus compatriotas pelos constantes obsequios de que se lhe confessa devedor, tem disposto o espectaculo para que convida a sua valiosa concorrencia d'uma maneira tal que espera ha-de merecer a sua approvação, estando a praça livre não tendo a columna no centro, sendo embellezada pelos dois cavalleiros e mais artistas abaixo mencionados; para que se possam apreciar as mimosas delicadezas da arte, comprometem-se os dois cavalleiros por cada uma vez que o touro possa bater-lhe no cavallo pagarem mil réis, assim como os Irmãos Carmonas, seu bandarilheiro, Cadete e Peixinho, durante toda a corrida em quanto esteja o touro na praça, por cada vez que saltarem á trincheira falsa pagarão igualmente mil réis, que serão applicados ao Asylo das Raparigas abandonadas

Agora o beneficiado aos seus generosos concidadãos.

Nobre povo lisbonense, / Estimaveis amadores / Que bondosos mil favores / Mui francos sabeis prestar, / O Peixinho que vos deve — Vem [illegible] que apreça / Vem rogar-vos neste dia / Façaes que o seu beneficio, / Lhe seja muito propicio, / Como alegre esta alcançar — Sendo esta a vez primeira / Que se arroja a tal empreza, / Confia já com franqueza / Da mesma mui bem sahir, / Da vossa immensa bondade, — Espera pois desta vez, / O capinha portuguez, / Da mesma a prova alcançar / Pois que não sabeis negar / Proteger quem vos pedir. — Fazei pois oh' lisbon[enses], / Que o Peixinho mui contente, / Dizer possa alegremente / O quanto esp'rava alcançou! / E como p'ra compensar-vos — Só tenho no coração, / A mais pura gratidão / Com firmeza ell[e] [illegible] / Que sempre constante [illegible] / D'alma a mesma lhe, votos.

Já soam os bellicos instrumentos, vá começar o espectaculo!

A'S 3 HORAS E TRES QUARTOS DA TARDE, SE O TEMPO O PERMITTIR

Comparecendo o Illm.° Sr. Inspector da praça, sahirá o Neto que depois de respeitosamente comprimentar o magnanimo publico, retirando-se, mudando d'ambulancia, voltando de novo ao circo, e recebendo do attencioso Magistrado as ordens, fará que entrem no mesmo os estimados e sempre bem acolhidos cavalleiros

Manoel José de Mesquita e Diogo Henriques Bittencourt

Os quaes seguidos d'um brilhante cortejo, composto de JOSÉ CARMONA, 1.° matador d'espada, que espera colher novos applausos pelas variadas sortes de capa que ha-de executar, MANOEL CARMONA 2.° matador d'espada, ANTONIO CARMONA inimitavel bandarilheiro, e seu companheiro Rafael Librero, bem como dos bandarilheiros portuguezes José Cadete, e o beneficiado Peixinho, e juntamente o famoso corpo dos valentes homens de forcado; os ditos cavalleiros farão com a pericia de que são dotados as cortezias do estylo aos magnanimos espectadores, e findas estas, retirando-se para se prepararem para o combate voltarão de novo á praça logo que por seu turno forem chamados, e desempenharão o mesmo como vae mencionar-se

Neste resumo da optima corrida,	Que será fielmente assim cumprida.
1.° **TOURO** — para ser farpeado pelo cavalleiro Mesquita.	7.° **TOURO** — para o cavalleiro Mesquita farpear.
2.° dito — para ser bandarilhado pelo beneficiado, e José Cadete.	8.° dito — para ser pelo capinha Antonio Carmona bandarilhado.
3.° dito — para ser pelo capinha Antonio Carmona bandarilhado.	9.° dito — para bandarilharem os capinhas que o 1.° matador d'espada designar.
4.° dito — para ser farpeado pelo cavalleiro Diogo.	10.° dito — para ser pelo cavalleiro Diogo farpeado.
5.° dito — para bandarilharem os capinhas que o 1.° matador d'espada designar	11.° dito — para ser bandarilhado pelo beneficiado.
6.° dito — para ser pelos capinhas Peixinho e Cadete bandarilhado.	12.° dito — para ser pelo capinha Antonio Carmona bandarilhado.

Com este e as ultimas cortezias feitas pelos dois cavalleiros findará o recreativo e pomposo espectaculo. — Durante o mesmo a famosa banda marcial dos alumnos cégos da real Casa-Pia tocará primorosas peças de musica. — Os cavalleiros não se propõem a tomar duellos, por não ser pratica havel-os em touros farpeados. — O corpo dos bandarilheiros estará a cargo do 1.° Matador d'espada José Carmona. — Os homens de forcado farão as pégas que o intelligente lhes determinar. — Os touros dos cavalleiros que precisarem levar bandarilhas, serão postas por Antonio Carmona ou José Cadete. — Durante a corrida andarão na praça as capas [illegible] casa. — As farpas aos cavalleiros serão ministradas pelos capinhas, assim como estes são obrigados a ir buscar as bandarilhas ao local em que estão depositadas, pois aos andarilhos só compete, depois dos touros corridos levantarem da praça as farpas quebradas. — A embolação ha-de começar ás 10 horas da manhã, não é publica, mas as pessoas que comprarem bilhetes para a corrida da tarde, tem entrada na praça para a poderem gosar. — O resto dos camarotes acha-se desde já á venda na rua Nova do Almada, loja n.° 98, e no Domingo estarão igualmente á venda na praça desde pela manhã, no logar competente. — A venda dos bilhetes começará igualmente no Domingo desde pela manhã na praça, e ás 2 horas da tarde as portas da mesma estarão abertas para a corrida.

Generosissimo publico lisbonense, magnanimos e nobres amadores, o beneficiado reconhecendo o seu fraco merito, confia tanto na vossa generosa bondade, que espera dever-vos neste dia a mais valiosa e necessaria protecção, por que é do vosso amavel caracter compensar com larga mão a quem submisso implora os vossos favores, na certeza que por todos elles se mostrará eternamente grato, o vosso admirador Peixinho.

PREÇOS — Camarotes grandes da 1.ª ordem 5$000 — Pequenos desta 3$000 — Camarotes grandes da 2.ª ordem 3$600 — Pequenos da mesma 2$500 — Cadeiras 600 — Logares de Sombra 500 — Ditos de Sol 240 — Haverá meias entradas de Sombra e Sol para creanças até 7 annos.

A INSPECÇÃO PREVINE O PUBLICO DO SEGUINTE

Que para maior regularidade do espectaculo a sua direcção se acha commettida á pessoa intelligente proposta pelo emprezario e approvada pela authoridade. — 2.° Que ao director incumbe debaixo das ordens da Inspecção dirigir o divertimento conforme é promettido nos programmas e cartazes que se publicarem, determinando os bois que devem ser agarrados á unha, e todo o mais que diz respeito ao mesmo divertimento. — 3.° Que a Inspecção fiscalisará se se cumpre fielmente o promettido nos programmas, e não consentirá que se satisfaçam mal entrudidas exigencias, se por ventura apparecerem da parte do publico, o que não é de esperar. 4.° Inspector compete alterar a ordem do espectaculo, ou fazer-lhe qualquer mudança conveniente se as circunstancias o exigirem. — 5.° E' prohibido saltar á praça sem licença, antes de terminarem as ultimas cortezias do cavalleiro, bem como atirar para a mesma com quaesquer objectos que sejam. — 6.° E' igualmente prohibido bater nas trincheiras, bancos, e nos touros, ou arrancar-lhe farpas, ou por qualquer forma perturbarem o socego bem como estar assentado nesta desde que o Inspector se apresente no seu camarote até que se retire — 6. As pessoas que contravierem estas disposições serão presas e processadas na conformidade das Leis e regulamentos policiaes. — 7.° Finalmente, para que se não possa allegar ignorancia se fazem publicas as presentes determinações.

LISBOA — Typographia de Candido José Estevão da Gloria, Praça de D. Pedro N.° 30.

UM CARTAZ RARO

(Pertence ao Real Club Tauromachico Portuguez

de Vicente Roberto e Roberto da Fonseca, principiantes de grande merito e sympathia, assentou e aperfeiçoou o seu trabalho por fórma tal que dentro de poucos annos estabelecia-se singular mas leal e digna rivalidade entre elle e os irmãos Robertos, occasionando o apparecimento dos partidos *Peixista* e *Robertino*.

Peixinho bandarilhava superiormente, executando o quarteio com inexcedivel arte e summa precisão. Nenhum collega o excedeu, nem sequer o egualou, na execução d'aquella sorte.

Com o capote e muleta teve tambem a sua época, mas tempo depois deixou de praticar um e outro trabalho, motivado pela obesidade que o acommetteu. Chegou a pesar 120 kilos!

Em 1869, n'uma praça improvisada na *Quinta do Mólha-pão*, proximo de Bellas, propriedade do conde de Anadia, ao lado dos tres irmãos Antonio, Manuel e José Carmona, bandarilhou Peixinho um touro desembolado, por fórma tal, que o insigne espada Antonio Carmona, obraçando-o affectivamente, lhe brindava a sorte de morte, e o conde, mandando embalsamar a cabeça do bicho, pessoalmente a offerecia ao grande bandarilheiro como recordação d'essa tarde.

A *Quinta do Mólha-pão* confinava com uma outra quinta, propriedade do Morgado de Castro. Segundo nos consta, era alli que se realisavam os mais deslumbrantes divertimentos tauromachicos d'esse tempo, quasi sempre promovidos pelos dois illustres aficionados.

JOSÉ JOAQUIM FERREIRA, O «PEIXINHO»

Peixinho foi o artista de mais conhecimentos e mais vista do seu tempo, pelo que era muito considerado pelos collegas, pelo publico e pela critica, que não estando desconsiderada, como presentemente, era entretanto severa, respeitando-se mutuamente artistas e criticos.

Não havia collega que não consultasse na arena o grande mestre, nos lances mais difficeis. Bastava-lhe um relance de olhos para prophetisar a lide de qualquer touro, apenas elle pisasse a arena, indicando logo em seguida a fórma como tinha que ser toureado. E quem não attendesse o seu conselho, quasi podia contar como certa uma colhida!

José Peixinho falleceu em Setubal a 31 de março de 1879, deixando na tauromachia portugueza uma lacuna difficil de preencher. Legou á arte, entretanto, um filho com o mesmo nome, que por occasião do seu passamento já tinha a sua reputação tambem consolidada.

*

Dos cavalleiros, grande foi tambem o nucleo de artistas da velha geração que por demais honraram a tauromachia portugueza com o seu nome. E' isso sabido de todos os aficionados que mais ou menos teem profundado o assumpto, mas nunca se deverá

deixar de repetil-o, principalmente no caso presente.

Desejavamos, ao tratar d'esses ornamentos da arte de tourear, acompanhar a sua referencia com retratos e perfis desenvolvidos, mas escasseiam-nos os elementos para o fazer. Por um lado, a photographia n'essa época estava ainda muito atrazada, sendo rarissimo encontrar o retrato de qualquer artista antigo: a gente d'esse tempo não se permittia o luxo de se photographar a cada momento, como actualmente é usado fazer-se, e crêmos que artistas houve que nem uma só vez se deram a esse trabalho; por outro lado, as publicações periodicas e biographicas tambem escasseavam, não havendo onde colher apontamentos, o que não succederá com certeza a quem d'aqui a cem annos se lembrar e quizer dizer alguma cousa das individualidades de hoje, do toureio ou do theatro.

CONDE DE ANADIA

Salvador Marques, o saudoso aficionado e intelligentissimo critico, por exemplo, levou uns poucos de annos, sem resultado, á procura de um retrato do cavalleiro João Sedvem para dar no seu *Toureiro* — esse superior monumento bibliographico da tauromachia portugueza —, e tão pouco deu os de Mesquita e Bittencourt, para não falarmos de outros mais antigos. Ora, falhando a Salvador, o Mestre e amigo querido, alguns dos seus desejos, não é para admirar que nós succumbamos, tambem, em frente de determinadas vontades, pois temos contra nós o tempo que ainda tem decorrido de então a esta parte.

Veem estas palavras a proposito de Diogo Henriques Bittencourt, porquanto são muito vagos os apontamentos biographicos seus que possuimos, e o retrato só nos foi dado reproduzil-o, não de uma photographia mas sim de uma estampa do tempo, que en-

O CAVALLEIRO DIOGO BITTENCOURT FARPEANDO UM TOURO

(Copia de uma estampa da época, pertencente ao sr. José Mesquita)

tretanto os seus contemporaneos nos asseveram fiel.

Segundo as nossas investigações, ha algumas duvidas sobre o seu appellido, affirmando-se que o seu nome era unicamente Diogo Henriques, sendo a origem de Bittencourt a seguinte.

Um irmão do cavalleiro, chamado Innocencio Henriques, tivera uma desordem com um tal Pedro Rolla, homem de maus precedentes, e, como quer que Diogo assistisse a ella e o irmão se evadisse, o caso é que elle é que foi preso e lhe instauraram na Boa-Hora o respectivo processo.

O emprezario do Campo de Sant'Anna, que era João Rodrigues Alegria, que a todo o passo desejava apresental-o, pois lhe ouvira gabar as qualidades artisticas, é que se lembrou de annuncial-o sob o nome de Diogo Henriques Bittencourt, ficando d'ahi o appellido.

O que não resta duvida é que Diogo Bittencourt foi companheiro da arena de cavalleiros antigos como João dos Santos Sedvem, Antonio Maximo de Amorim Velloso, Antão da Fonseca, Manoel José de Figueiredo, Manoel José de Mesquita, e outros, e ainda vive, embora bastante abalado pela doença e pelos setenta e seis annos que já conta, um seu collega que com elle alternou tambem muitas vezes — Diamantino Pontes.

MANOEL JOSÉ DE MESQUITA

Diogo Bittencourt principiou logo a tourear de tal maneira que todo o publico o applaudia, e muito principalmente os fidalgos amadores, de quem, d'ahi em deante, era assiduo companheiro.

Onde estava Bittencourt, viam-se sempre José Maria Frescata, os condes de Vimioso e de Anadia, ou outro qualquer dos antigos aficionados.

As opiniões entretanto sobre Bittencourt, que foi discipulo do conde de Vimioso, por parte dos aficionados do tempo, são um tanto ou quanto desencontradas, não havendo nenhum que lhe negue valor, mas chegando outros a affirmar que tinha muito mais merecimento do que o proprio Sedvem, que chegou a alcançar na arena um renome por demais honroso e glorioso.

Mas ao passo que as opiniões se cruzam, parecendo que esta ultima é bastante exagerada, ha ainda quem não consinta ser desmentido sobre tal opinião, e n'este caso está a de um artista companheiro dos dois cavalleiros na arena — Manoel Botas —, que affirma a superioridade de Bittencourt sobre Sedvem.

Apesar d'estas affirmativas, parecenos fóra de duvida que Sedvem foi mais artista do que Bittencourt, porque era não só cavalleiro tauromachico eximio como picador de reputação consagrada, ao passo que Bittencourt era simplesmente toureiro, pois como equitador o seu nome e merecimentos eram quasi desconhecidos.

Outros, então, que não querem discutir Sedvem pelo motivo de o terem visto pouco, e se limitam só a apreciar Bittencourt e Mesquita, que por muitos annos se debateram artisticamente, são concordes em que os seus meritos e generos de toureio differiam muito um do outro.

Assim, dizem, Mesquita tinha um toureio perfeitamente classico, procurando fazer arte em tudo e por tudo, desde a maneira de se collocar sobre a sua montada e de a levar ao touro, até ao momento de pôr o ferro e sahir da sorte; Bittencourt, por sua vez, menos escrupuloso com o classicismo, preoccupando-o pouco a arte, todo o seu desejo era fazer alarde da muita valentia de

que era possuidor e arrebatar o publico em frente do qual toureava.

Do que se não póde duvidar é que Bittencourt, mais ou menos artista, mais ou menos classico, tinha que ser fatalmente um bom cavalleiro, pois temos a certeza que o conde de Vimioso jámais ligaria o seu nome ao de um discipulo a quem elle porventura não tivesse antecipadamente reconhecido merito.

Bittencourt teve sempre a felicidade de acertar com bons cavallos para o toureio, o que raramente acontecia aos seus collegas, motivo porque muitas vezes sobresahia extraordinariamente, e mais do que elles.

BILHETE DA ULTIMA CORRIDA EM QUE TOMOU PARTE O CAVALLEIRO MESQUITA

Na sua carreira poucas colhidas teve, mas uma — embora não parecesse grave á primeira vista — foi-lhe fatal. Deu-se em Villa Franca de Xira, na antiga praça.

Havia no curro, que pertencia ao lavrador *Esguelha,* um touro caraça, que Bittencourt não queria lidar, por qualquer motivo. O emprezario, porém, para desnortear o artista, mandou que ao caraça fosse *engraxada* a cara, para o tornar desconhecido.

Bittencourt, parece que prevêra o que lhe aconteceria: sahindo ao touro, foi desmontado e apanhou nas costas tal bolada, que lhe resultou n'um tumor frio.

Foi em virtude d'elle que morreu, não muito velho, n'uma modesta casa ahi para a rua do Telhal.

*

Manoel José de Mesquita nasceu no anno de 1813, a 6 de abril.

Militou nas campanhas da Liberdade em 1833, como cadete de cavallaria, no partido liberal, mostrando sempre mais vocação para equitador, no que chegou a ser eximio, do que para militar, motivo porque, concluida a guerra, pediu e obteve a baixa, dedicando-se seguidamente á profissão de picador.

Mais tarde, sob os conselhos, aliás proficuos, do velho mestre Maximo de Amorim Vellozo e do seu collega Figueiredo, estreou-se como cavalleiro tauromachico na praça do Campo de Sant'Anna, em 1834, contando então 21 annos de edade.

Foi dos artistas do seu tempo um dos que mais cotação adquiriu nos redondeis do paiz, e o seu conselho era ouvido com respeito não só pelos seus collegas como pelos fidalgos amadores que então toureavam, e que o tinham em muita estima pelo seu caracter impolluto e pelos grandes conhecimentos que mostrava da nobre arte de Marialva.

Mesquita alternou com os velhos cavalleiros Maximo de Amorim Vellozo (seu mestre), Figueiredo, Sedvem e Bittencourt, e mais tarde com Batalha e Mourisca. Posteriormente, teve como discipulos os cavalleiros José Maria Casimiro Monteiro e Antonio Maria Monteiro.

Em 1862 soffreu uma grave colhida por um touro de Rafael da Cunha, que derrubando cavallo e cavalleiro, lhe fracturou duas costellas, o braço e a perna esquerda, ficando impossibilitado por dois annos de tourear.

Em 1864, na tarde de 25 de setembro, reapparecia no Campo de Sant'Anna, n'uma corrida em seu beneficio, recebendo do publico as provas mais cabaes das sympathias de que gozava.

Foi seu amigo e discipulo o sympathico

fidalgo e distincto cavalleiro amador, sr. visconde da Graça, conservando ainda hoje seu neto, um retrato do nobre aficionado com a dedicatoria: «*Ao seu amigo e Mestre, o cavalleiro Mesquita, offerece o Visconde da Graça.*»

Mesquita toureou pela ultima vez em 23 de junho de 1878, n'uma corrida em seu beneficio, na praça do Campo de Sant'Anna, lidando-se n'essa tarde touros offerecidos por varios creadores. N'esta corrida alternou com Manoel Mourisca.

Nas antigas corridas de fidalgos, era sempre Mesquita convidado a ensaiar as cortezias, o que fazia com o gosto profissional que todos lhe reconheciam.

El-Rei D. Fernando muitas vezes lhe cedeu cavallos de estimação, pois se comprazia em o vêr fazer cortezias nos seus apreciaveis corceis.

Manoel José de Mesquita, que foi um toureiro considerado não só pelo publico como por todos os collegas, veiu a fallecer a 21 de outubro de 1880.

CARLOS ABREU.

(Continúa.)

Phots. da collecção Segismundo Costa.

O SOL

O sol pompeia, como noivo ideal,
em thálamo esplendente, em lar d'amor;
no espaço emitte luz, a luz calor,
calor que alenta a vida universal.

Alma do mundo, o sol não tem rival,
em graça, em beneficios, em fulgor,
que espalha como um filtro creador
do immaculado azul da esphera astral.

Esconde-se de noite, airoso, altivo,
na linha do occidente, ha seis mil annos,
para surgir, depois, mais lêdo e vivo.

O brilho de seus raios soberanos
fecunda a terra, illuminando activo
a dor, o sonho, a vida, os desenganos!

Beja.

Padre MANOEL ANÇÃ.

O RIO CONGO NO N'KULO

Uma viagem ao baixo Congo

Alli o mui grande reino está do Congo,
Por nós já submettido á fé de Christo,
Por onde o Zaire corre claro e longo,
Rio pelos antiguos nunca visto.

CAMÕES — *Canto V, est. XIII.*

De Cabinda a Santo Antonio do Zaire

Corria calma e quente aquella noite de março de 1901. Ao longe, a lua, acabava de mergulhar no horisonte. No ceu, as estrellas, scintillavam com um brilho intenso e fulgurante, como só se pode contemplar nas zonas tropicaes. Da pequena collina, onde se erguem, pittorescamente dispersas, as casas de Cabinda, chegavam até nós, subtis e agrestes emanações, trazidas pelo terral. E ella, a risonha capital do Congo portuguez, outr'ora grande emporio commercial e actualmente em plena decadencia, vencida pela concorrencia do Gabão e do Congo belga, encontrava-se, áquella hora, immersa em profundas trevas. Apenas, o farol do porto, montado n'uma pequena eminencia, sobranceira á praia, espargia em torno de si uma luz baça, como querendo testemunhar toda aquella decadencia.

Encontravamo-nos a bordo do *Salvador Correia,* pequeno vapor da marinha de guerra, então ao serviço da provincia de Angola. Fundeado na bahia de Cabinda, sacudia-o, brandamente, de bombordo a estibordo, uma suave calema, vinda de oeste.

Tinham-se ultimado os preparativos para suspender e a guarnição, exceptuando o pessoal de quarto, dormia tranquilla. De repente, no silencio d'aquella noite, calma e quente, soavam, compassadas, no sino de

bordo, as quatro badaladas, dobradas, da meia noite. Era a hora de largar. Tudo a postos: o commandante avante, no *spardeck*, o immediato, á prôa, na manobra do ferro, o restante pessoal nos logares respectivos. E elle, o pequenino vapor, liberto, emfim, das algemas, que o immobilisavam e sob a acção da força impulsora do helice, lá se foi, altivo e airoso, como uma gaivota, a afastar-se da bahia.

ARMAS DO BISPADO DO CONGO E ANGOLA

Por cima de nós, o Cruzeiro do Sul, distinguia-se, particularmente, no meio das differentes constellações do hemispherio austral. Pela nossa frente, divisava-se a linha continua e monotona do horisonte, estendendo-se para oeste, e das bandas de leste, surgiam, vagamente, umas formas confusas, mal definidas, que mal deixavam entrever os contornos da terra.

Iamos ao Zaire. Recordamo-nos, então, das nebulosidades, que por tanto tempo, envolveram no mysterio, esta grande arteria fluvial do continente negro. A sua corrente caudalosa, o problema das nascentes das suas aguas, que tanto preoccupou o mundo geographico, a ethnographia dos povos marginaes, as scenas de canibalismo que um ou outro viajante mais ousado e mais feliz nos descreveu nas suas memorias, todas estas reminiscencias nos passavam pela mente, emquanto com o olhar, procuravamos sondar o horisonte. E experimentavamos uma impaciencia febril de chegarmos, de subirmos o grande rio, o «Poderoso», como lhe chamaram os primeiros navegadores, de vermos alguma cousa nova...

PADRÃO DE S. JORGE EM 1859 NA FOZ DO ZAIRE

O silencio da Natureza era apenas perturbado pelo bater cadenciado e monotono da manivella da machina. Subitamente, para as bandas do oriente, esboçavam-se uns contornos violaceos. Pouco a pouco, foram tomando corpo, tornaram-se mais carregados e d'ahi a um instante, o astro do dia elevava-se em todo o explendor, acima do horisonte. Mais uma vez se offerecia á nossa contemplação aquelle caracteristico nascer do sol das zonas tropicaes, quasi sem crepusculo.

Navegavamos em plenas aguas do Zaire. A corrente é tão violenta que vae cortar a carreira dos vapores que de S. Thomé se dirigem para o sul, o que se conhece, não só, pela côr acinzentada que a agua apresenta n'aquellas paragens, mas ainda pelos detrictos vegetaes arrancados ás margens e que a corrente arrasta comsigo na impetuosidade da sua marcha.

Olhamos vivamente para a proa. Umas formas escuras, bastante afastadas, pareciam emergir do seio das aguas. Mais quatro milhas andadas, o sol elevara-se quasi um quarto no seu quadrante e aquellas formas tomavam um aspecto mais defenido; tornavam-se mais compactas. Eram palmeiras, as classicas palmeiras africanas, muito esguias, muito altas quasi todas, o tronco quasi todo nu e apenas lá no topo uma pequena copa, sob a qual bem insignificante abrigo poderemos encontrar para os ardentes raios do sol dos tropicos.

Tinhamos diante de nós a margem esquerda do Zaire. Para traz, um pouco para dentro, ficava-nos a margem direita, com a povoação de Banana, mal se distinguindo o contorno da terra, tão grande é a largura da embocadura do rio.

Isolado do renque de palmeiras, agora perfeitamente definidas, divisava-se proximo d'uma ponta de areia um marco de pedra, encimado por uma cruz. E' o padrão de S. Jorge, ali collocado para substituir o de 1859, que já por si substituira o primitivo que era de marmore e que fora mandado construir por Diogo Cão para

testemunhar a posse do territorio por Portugal.

Diz-se que este padrão foi destruido em 1645 pelos hollandezes. Mais tarde, M. Schwerim foi encontrar entre os indigenas, fragmentos de marmore, «feitiços» que elles veneram e que aquelle viajante suppõe serem restos do pilar ali collocado pelo grande navegador.

Dobrada a ponta Padrão, deparamos com uma immensa enseada, que ali forma a corrente caudalosa do rio, espraiando as suas aguas ao longo da margem esquerda. E' a enseada de Santo Antonio do Zaire (bahia do Sonho, ou Diogo Cão), ao fundo da qual se encontra a povoação do mesmo nome, com residencia, ou commando militar. Grande e vasta, esta bahia, é porém, pouco funda; apenas a podem atravessar no preamar, os navios de pouco calado, seguindo por um canal, d'uns tres metros e meio de profundidade, convenientemente balisado, até junto da povoação.

A margem direita, lá muito ao longe, apresentava-se confusa. Na margem esquerda sobresaiam, muito brancas, as casinhas de Santo Antonio, com os tectos de zinco, pintados de verde.

Têm má fama os indigenas d'estes sitios; insubmissos e rebeldes, por varias vezes se têm revoltado contra a auctoridade portugueza, tendo-se o seu espirito de rebeldia propagado mais para o sul até ás tribus que povoam o interior do Ambrizette.

Estavamos fundeados, havia pouco mais d'um quarto d'hora, quando ao portaló de bombordo atracava a embarcação que conduzia o pratico. Era este um homem de elevada estatura, espadaudo, tez bronzeada, uma barba esbranquiçáda a accusar-lhe já uma certa idade, trajando á europeia, de branco, a cabeça coberta por um grande chapeu de cortiça, forrado d'um tecido da mesma côr.

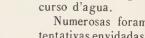
Eram passados alguns minutos depois das sete horas da manhã, quando o naviosinho, suspenso o ferro que o aguentava ao fundo, se poz, novamente, a caminho, começando a subir, finalmente, aquelle grande rio.

FRAGMENTO DO PRIMEIRO PADRÃO — O DE S. JORGE QUE DIOGO CÃO COLLOCOU NA PARTE SUL DA FOZ DO ZAIRE

O curso do Zaire — As nascentes — A força da corrente — O volume das aguas — A parte da região do Congo explorada pela civilisação europeia.

Descoberto em 1485 por Diogo Cão, o Zaire (Nzadi) dos naturaes, é mais geralmente conhecido no mundo geographico por Congo, por atravessar, n'uma grande parte do seu curso, o antigo reino do mesmo nome, onde hoje existe o Estado Livre do Congo, conquistado pela civilisação europeia e com os limites traçados na conferencia de Berlim. Recebe das tribus marginaes varias denominações, todas ellas tendo, em geral, a significação de «Grande Agua», nome que os indigenas da Africa Central empregam muito, quando querem designar um grande curso d'agua.

Numerosas foram as tentativas envidadas por illustres e arrojados exploradores para devassarem os segredos d'esta grande arteria fluvial do continente negro. O primeiro, porém, que conseguiu approximar-se da região dos grandes lagos onde o rio tem as suas nascentes, foi o portuguez José de Lacerda, em 1793, que teve a infelicidade de ser trucidado, no regresso, pelos indigenas. Seguiram-se muitos outros, devendo ficar immorredoiras nas paginas da geographia africana os nomes de Graça, Burtan, Speke, Livingston, Stanley, os iniciadores da civilisação europeia n'aquellas regiões que a lenda e o mysterio envolveram durante longos seculos.

Tendo as suas nascentes mais distantes na vertente meridional das montanhas Tchingambo, a meio caminho do lago Tanganika ao lago Nyassa e portanto mais proximo da costa oriental, o grande rio Zaire ao Gongo, cujo curso superior é conhecido por Loua-

Laba, recebendo o tributo d'uma infinidade de rios e riachos, constituindo uma das maiores bacias hydrographicas de todo o mundo e engrossado ainda pelas chuvas das regiões centraes, dirige-se para o norte n'uma grande extensão do seu curso, expande-se depois n'um immenso semi-circulo e subindo até 3° ao norte do equador, começa depois a caminhar para o sul, obliquando sensivelmente para oeste até vir lançar-se no Atlantico, a 40 milhas ao sul da pittoresca villa de Cabinda, entre as duas povoações de Banana, na margem norte e Santo Antonio na margem sul.

De todos os rios do mundo só o Amazonas, que tem egualmente as nascentes na região equatorial, lhe é superior no immenso volume de agua que transporta no seu leito.

A corrente do Zaire entra no Atlantico, seguindo para o noroeste, sob a acção da corrente maritima que na costa se dirige do sul para o norte, até uma distancia de 200 a 250 milhas em que a agua apresenta já uma côr acinzentada. A 140 milhas é frequente encontrarem-se troncos de arvores e ilhas de capim, que já chegaram a avistar-se nas proximidades do Cabo Lopez. A 34 milhas a agua é amarellenta.

UM CAVALLO MARINHO CAÇADO NO CONGO

Quasi toda a actividade commercial e politica dos europous se acha concentrada n'uma parte do curso medio, nas regiões circumvisinhas do lago Stanley, a montante das cataractas e em todo o curso inferior comprehendido entre Matadi e a foz.

Alguns kilometros acima de Matadi fica a primeira cataracta (Iellala) seguindo-se toda uma região de rapidos e cataractas que se prolonga por muitas leguas, tornando-se a navegação impossivel n'esta parte do rio.

E como não ha vias de communicação de facil accesso através aquella fertilissima região, a civilisação europeia ha-de levar ainda alguns annos a assentar ali os seus arraiaes.

. . . .

Subindo o Zaire — De Santo Antonio a Boma — De Boma a Noqui — Aspecto das margens — A região das ilhas — A parte montanhosa — Vegetação e aridez.

Era esta parte, a jusante das cataractas, que iamos subir pela primeira vez. Largando do porto exterior de Santo Antonio do Zaire, o *Salvador Correia* luctando com a violencia da corrente e seguindo, ao principio pelo meio do rio, foi-se approximando, sensivelmente, da margem portugueza. Pouco a pouco, o rio, que entre Santo Antonio e Banana tem uma largura de 11 kilometros, vae-se estreitando cada vez mais. A margem direita, ainda bastante afastada, apparecenos, já, bem distincta. D'um lado e do outro, uma vegetação exhuberante. Através a copa das arvores, muito altas, cujos ramos entrelaçados, formam uma verdadeira barreira de verdura, torna-se impossivel, a nossa vista, alongar-se para o interior. Por baixo de nós, as aguas barrentas do Zaire, correndo aos borbotões, vinham lamber na sua passagem, o costado branco do navio, deixando ahi impressas umas nodoas d'um amarello torrado. Lá do alto, os ardentes raios

d'aquelle sol africano fustigavam-nos asperamente. E sempre, á direita e á esquerda, a mesma matta espessa, impenetravel, apenas, aberta, de vez em quando, para dar entrada a algum riacho, tributacio do Zaire.

Apertam-se ainda mais as margens. O rio tem agora, apenas, uma largura de 5 kilometros. Na margem esquerda, rasga-se, de repente, aquella barreira verde, surgindonos uma pequena clareira, onde se avistam algumas casas terreas pintadas de branco e varias cubatas indigenas. E' a povoação de Quissanga. A montante, divisa-se mais adiante, na outra margem, a Ponta da Lenha.

Continúa a abundar o denso e copado arvoredo, em ambas as margens, por sua natureza baixas e alagadiças. E a nossa vista cança-se, aborrece-se d'aquella monotona vegetação.

Mas, alguns kilometros mais acima, a paysagem muda de aspecto. Do meio do rio surgem varias ilhotas cobertas de denso e espesso capim. Temos na nossa frente o pittoresco valle das Mattebas. As margens afastam-se novamente; lá, ao longe, no interior, a região apparece-nos, agora, montanhosa. As ilhas multiplicam-se, umas apresentam-se quasi núas, outras cobertas de copado arvoredo.

La adiante, ergue-se na margem sul uma escarpada mole de granito onde se vê fluctuar ao vento, a bandeira das quinas. E' a Pedra do Feitiço. Existe ali um posto militar commandado por um sargento.

Na outra margem, eleva-se um outro rochedo, em forma de agulha. E' o Bambandeck, chamado tambem o «Rochedo do Relampago».

FEITORIA NO CHINELULI — PREPARANDO O COCONOTE

A nordeste da Pedra do Feitiço, emerge do leito do rio a ilha Tchiongo, limitada ao noroeste por enormes blocos de granito da mesma formação d'aquelles.

Ha quem supponha que a ilha estava outr'ora ligada á Pedra do Feitiço.

A navegação, fazendo-se agora em grande parte por entre as ilhas, torna-se mais variada. E o panorama apresenta-se-nos, na verdade, brilhante, grandioso. Suspensas no seio das aguas, agrupadas sobre os rochedos, dispersas, aqui e acolá, nas muitas ilhas

que a todo o instante se nos deparam, arvores de todos os feitios, de todos os tamanhos, exhalando os mais variados aromas, cruzam-se, enlaçam-se por toda a parte, n'uma confusão que nos deleita a vista. E a nossa alma sentia-se enlevada na contemplação d'aquella pujante Natureza, o espirito abandonara de todo a nostalgia, que n'elle provocara a continuidade da paysagem das primeiras horas de viagem.

Aqui, duas ilhas mais proximas, deixavam entre si um verdadeiro tunel de verdura, que formavam os ramos das arvores entrelaçando-se superiormente, além uma serie de ilhas rasas, quasi exclusivamente cobertas de gramineas, permittia-nos alongarmos a vista por cima d'ellas e admirarmos a corrente caudalosa do Zaire, serpenteando agitada por aquelles canaes. Bandos de passaros, cruzando-se em varias direcções, animavam aquella tela vivente, com os seus gorgeios selvagens. Além, n'um pequeno areal, o classico jacaré dos rios africanos, com a enorme guela escancarada, aquecia-se ao sol; mais adiante, um ou outro cavallo marinho emergia do seio das aguas a sua immensa cabeça, para mergulhar vivamente, á nossa approximação. E tudo isto animado, glorificado por aquelle explendido sol, que áquella hora aureolado por compridas nuvens côr de fogo, ia declinando, sensivelmente, no horizonte.

Approximavamo-nos de Boma. Iam rareando as ilhas. Mais alguns kilometros andados e avistavamos a de Sacran'Ambaca, coberta de densa vegetação alpestre. E' talvez a mais formosa de todo o baixo Zaire.

A's 6 horas fundeavamos, finalmente, em frente da importante cidade do Congo belga.

. . . .

Boma ou Embomma, a cidade da Serpente, só em 1876 foi conquistada pelos negociantes europeus. Era até ahi o principal mercado de escravos de todo o baixo Congo.

Edificada na parte mais saudavel de toda aquella região, tem as differentes feitorias das nações europeias, situadas proximo do rio. A' volta d'ellas amontoam-se as habitações dos indigenas. Vimos ali tres feitorias portuguezas, duas belgas, duas hollandezas, uma ingleza e uma franceza. E' a cidade maritima, a cidade commercial.

O «Burgo» fica situado n'uma collina, 100 metros acima do rio. E' encantador, com as suas casas cercadas por amplas varandas, no meio de lindos jardins. Communica com a cidade baixa por um caminho de ferro de construcção ligeira. Nos arredores vêem-se grandes plantações de algodão e lindas palmeiras. O movimento commercial é importante. No porto vimos fundeados tres vapores.

VISTA DE BANANA

. . . .

Tendo passado aquella noite em Boma, no dia seguinte, com um calor abrazador, suspendiamos novamente, pela uma hora da tarde, para nos dirigirmos a Noqui. Era o ponto *terminus* da nossa viagem. Ali termina a jurisdicção portugueza sobre a margem esquerda do Zaire.

Tinham cessado as ilhas. As margens apertam-se cada vez mais, um terceiro aspecto nos offerece agora o panorama que se desenrola á nossa vista. Já não era aquelle arvoredo cerrado que nos acompanhou durante a primeira parte da viagem, cessaram tambem os vastos horisontes, que lhe succe-

deram quando começaram a apparecer as primeiras ilhas. A região apparece-nos agora montanhosa. São montanhas graniticas e de grés vermelho, abundantes n'alguns pontos, de schistos calcareos e calcareos propriamente ditos.

As margens apertando-se, augmentam os fundos, que n'alguns sitios chegam a attingir 100 metros e mais.

A navegação torna-se agora difficil e perigosa. Encontram-se, frequentemente, rochedos no leito do rio, alguns que se não vêem. A corrente é impetuosa, apresentando varios sorvedouros, alguns de 3 metros de raio e uma depressão central d'alguns centimetros. E d'um lado e do outro, substituindo o denso e copado arvoredo, que até ahi tivemos quasi sempre diante dos olhos, apenas divisavamos uma rachitica vegetação alpestre, cobrindo as margens que se erguem, escarpadas, de 100 a 300 metros, acima do nivel das aguas.

Tal é o aspecto da paysagem n'esta ultima parte da nossa viagem. Monotona, sim... mas d'uma imponencia selvagem!

UMA VISTA DO LADO ESQUERDO DO ZAIRE

Iamo-nos approximando da região das cataractas; a velocidade da corrente, é cada vez maior.

Tinhamos passado o Mossuco, feitoria da margem esquerda, onde residem alguns portuguezes. As margens, elevadas, tornavam-se mais abundantes de calcareos, tendo alguns o aspecto do marmore. A cobril-as a mesma vegetação rachitica e enfesada que nos acompanhava desde Boma.

Mais uma hora d'uma navegação difficil e morosa, encostados ora a uma margem ora a outra e eis-nos, finalmente, á vista de Noqui, cujas casitas brancas, disseminadas em amphitheatro, n'uma maior elevação da margem esquerda, nos vão apparecendo, n'um conjunto pittoresco, cada vez mais distinctas. Entre ellas, avulta, por sua maior vastidão, com uma grande galeria á frente, a residencia do commandante mili-

O RIO ZAIRE EM FRENTE A MATADI

tar. Tremulando ao vento, a bandeira portugueza, vê-se, ali, içada no topo d'um mastro. Agrupadas aqui, isoladas além, as cubatas dos indigenas, põem n'aquella téla umas manchas escuras.

Abeiramo-nos da margem esquerda. Não podendo fundear o navio no meio do rio, não só por causa da sua grande profundidade, n'aquella altura, mas ainda pela impetuosidade da corrente, tivemos de o encostar á terra. Um longo manto de verdura vinha acariciar-lhe o costado. Em cima, as cornetas do destacamento militar tocavam em frente á residencia, a marcha de continencia á bandeira, que estava sendo arriada. Era a hora do pôr do sol.

E ficámo-nos ali, a scismar, durante algum tempo, nos segredos que por longos seculos envolveram n'um denso mysterio aquelle rio immenso que fez a gloria do grande navegador Diogo Cão, que em fins do seculo XV lhe descobriu a foz, e do arrojado explorador Stanley, que tres seculos depois, veiu, nos nossos tempos, tornar o seu curso conhecido de todo o mundo culto.

Março de 1909.

CARLOS CALHEIROS.

COLOMBO

No mar. Sob a tormenta e sobre a vaga escura,
tacteando a amplidão e lendo nas estrellas,
Colombo, em pé na prôa, indomito procura
a róta que traçara ás suas caravélas.

As trévas, a anciedade e a dôr... Para vencel-as
trazia unicamente aquella fé segura
na Sciencia e na Cruz, gravada sobre as vélas,
de preto, a resaltar na immaculada alvura.

Por mais que brama o mar e mais que o vento ruja,
embora se revolte e o ameace a maruja,
não o abandona a fé. Sua figura homerica

Persiste sobre a prôa, inquirindo o horizonte,
impavida e febril, a esperar que desponte
o mundo que daria ao outro mundo, a America.

S. Paulo (Brazil).

VEIGA MIRANDA.

Os bastidores do nihilismo

Historia de um assassino, contada segundo os jornaes
e a narrativa pessoal do seu secretario, Mr. Bruce Ingersoll

POR

MAX PEMBERTON

XXVII

Jornada nocturna a Waterbeach

— Quando resolvi vir a Cambridge — disse Blondel — não esperava encontrar ninguem que conhecesse Mauricio Fournier.

— Não ha duvida, tambem quando eu deliberei dar uma saltada até aqui nem por sombras me acudiu ao espirito vel-o nesta cidade — respondi, pois comprehendi sem demora que Blondel não desejava ser conhecido, e muito menos pelo seu nome.

— Vae tudo bem lá em casa? — perguntou-me em voz alta.

— Era o que eu me dispunha a saber — redargui, — isto é, preparava-me para isso. Ámanhã de manhã tomarei a esse respeito uma resolução definitiva.

— Perdôe-me, Mr. Ingersoll, mas não parece deste seculo... Os nossos avós tomariam essa resolução ámanhã, nós tomamol-a esta noite. Bem, eu vou a um logarejo a uma hora d'aqui. Talvez queira vir commigo.

Annui. Apesar da sua prevenção, não podia despregar os olhos delle. Disfarçara-se maravilhosamente. E, não havia que hesitar, dirigia-se a Waterbeach.

— Contaram-me — declarei — que alguem lá de casa estava doente... um sugeito que encontrei em Paris. O que ha de verdade n'esse rumor?

— Tudo; conversaremos sobre o caso pelo caminho. Vá lá um calix de kummel e toca a andar. Não é grande bebida para quem trabalha... o kummel. Só serve para os ociosos.

Tocou a campainha que se encontrava na mesa e appareceu um creado.

— Participou-lhes que não voltava? — perguntou-me categoricamente.

Fiz um gesto negativo, mas, percebendo o designio, disse para o creado:

— E' provavel que não fique esta noite em Cambridge...

— E talvez ámanhã — accrescentou Blondel amavelmente.

O creado retirou-se, e Blondel enrolou um cigarro depois de molhar os dedos, com ar de entendido. Quando acabamos de beber convidou-me a sahir e pegou na minha mala. Dez minutos depois assentava-me a seu lado n'uma velha carriola e largamo-nos rapidamente pela estrada de Hutingdon fora. Quando passamos os arrabaldes de

Cambridge e o escuro da estrada nos ensombrou, o meu companheiro condescendeu em fazer outra observação.

— Folgo immenso em o trazer commigo, Ingersoll, embora venha sem que o chamassem.

— Isso é verdade — confirmei, disposto a não trocar mais palavra até Waterbeach.

— A grande novidade... é que descobriram o nosso amigo.

— Quem?

— Aquelles que aproveitam com a descoberta. Foi imprudente... previra-o. Um homem que vae para o combate com as lanternas do automovel accêsas é um candidato á ambulancia. O nosso amigo soffreu um grande choque... e praticou uma imprudencia.

— Quem são os homens? — inquiri laconicamente.

— Um delles é o nosso velho conhecido Dubarrac...

— O mesmo que me escapou em Antuerpia e depois em Bruges?

— Sem tirar nem pôr; olhe os resultados do seu erro. Se lhe tivesse acertado...

— Fiz o que pude. Está em Inglaterra?

— Está em qualquer parte na matta que circumda a casa do nosso amigo. Cavanagh não sabe nada. Lamenta-se por causa do filho...

— A creança não morreu, não é verdade?

— Ainda vive, creio, mas o medico pouca vida lhe dá. E' ahi que está o nosso mal. Essa gente anda bem informada. Vinte e quatro horas depois sabiam que o seu irreconciliavel inimigo se encontrava prostrado.

— Como conseguiu apurar isso?

— Expedi um telegramma para Victoria Street... ficou sem resposta... o primeiro telegramma meu a que Jehan Cavanagh não responde desde que me acho ao seu serviço. Depois Fédoro mandou-me chamar...

— Preveniu a policia local?

— Que policia?

— A policia de Huntingdon.

Tirou o cigarro da bocca e soltou uma gargalhada sardonica. Em seguida respondeu-me no seu proprio idioma.

— Mr. Ingersoll, na minha cabeça ainda ha algum juizo. Era o mesmo que telegraphar á abadessa de um convento. Serviria para alguma coisa?

— E o que pensa ácêrca de Mr. Cavanagh?

Tocou com o chicote no cavallo e respondeu-me vagarosamente.

— Se o encontrarmos com saude... optimo, conservo uma esperança. A sua presença anima-me. O senhor não é precisamente um bom atirador, mas todo o inglez... como devo dizer?... é um pouco cão de fila, e isso tem certo valor para agora. Vou dar-lhe um revólver... isso lhe explicará o que é necessario fazer. Vamos lá, chegamos, apeamo-nos aqui, Mr. Ingersoll.

A conversa de tal modo me empolgara que perdera a noção do caminho. Voltáramos da estrada real para uma estreita azinhaga, que nos levou a uma pousada miseravel, uma especie de casebre coberto de colmo, com uma luz forte que brilhava na sua unica janella, com muitos celleiros e cavallariças em redor. Eramos esperados, porque sahiu um homem apenas ouviu o rodar do carro e outro pôz-se a observar-nos do portal. Com espanto meu, Blondel falou-lhes em francez.

— Que novidades ha?

O homem que segurava no freio do cavallo, respondeu:

— Cumprimos as ordens de V. Ex.ª

— Bello. E Mr. Cavanagh?

— Está no observatorio.

Blondel atirou com as redeas para a banda.

— Devemos partir immediatamente — disse. — O cavallo conserva-se aqui até que eu o mande buscar.

Virou-se para mim e recommendou-me:

— Tenha muita cautela, Ingersoll, seja muito ajuizado.

Não percebia a sua allusão e não respondi. Depois do cavallo ser levado para a cavallariça, o homem que permanecera á porta sahiu e reconheci o argelino, o Fédoro do navio.

A sua saudação era não menos caracteristica que o seu aspecto. Apenas me lançou um olhar com as suas pupillas relampejantes, olhar que significava:

— Mr. Cavanagh não ha de gostar de o ver aqui.

Fingi que não percebi e perguntei-lhe:

— Mademoiselle Paulina está em casa?

— Está em casa — redarguiu, e com uma

tal inflexão, tão contente com a sua resposta, que se eu pudesse transformal-o-hia em pedra.

Blondel appareceu neste momento, e puzemo-nos a caminho sem mais explicações. Fédoro balouçava uma lanterna na mão, quasi como se manejasse uma arma. Blondel vestira um comprido casaco de borracha, com um capuz que quasi lhe occultava a a cara. Sahimos nesta disposição da pousada, andamos pela azinhaga adeante algumas centenas de jardas e entramos n'um portão. Nesse momento vi desapparecer a luz da janella, que ficava atrás de nós, e tudo immergiu na mais densa escuridão.

Encontrávamo-nos agora n'uma vereda, que ia dar a uma estreita rua, de pizo duro. A noite estava escurissima e a rua pejada de silvas e de salientes raizes de arvores. Ha sempre o que quer que seja de sobrenatural n'um bosque á meia noite, e aquelle não fazia excepção á regra. Achava-o povoado de extravagantes sombras. Havia coisas que subiam do solo, reptis que se arrastavam, invisiveis habitantes dos troncos e das estevas, sons indistinctos e longinquos, que me faziam vibrar os nervos já extremamente excitados por tudo quanto succedera antes. Estes sustos porém, eram prematuros. O que tinhamos a fazer não era para se fazer ali, mas com surpresa minha Blondel principiou a conversar commigo, tão á vontade como se fossemos n'um carro pela estrada real.

— Folgo immenso que viesse comnosco, Ingersoll — repetiu — a sua presença póde auxiliar-nos immenso. Tome este revólver e não hesite em fazer uso d'elle. Temos que nos defrontar com gente que não faz ceremonia, com homens determinados a matar Jehan Cavanagh. Lembre-se que chegamos n'uma occasião em que elle pouco mais está que inerme.

— O quê, está assim tão mal?

— Não está mal, mas não se tira da cabeceira da creança que idolatra. Devemos ser fortes por elle; devemos mostrar que não esquecemos o nosso dever. Quando elle fôr imprudente seremos nós cautos, percebe?

— E' então a prudencia que nos traz aqui esta noite?

— Sim, a prudencia. Quero esclarecer o caso tanto quanto possa. O nosso amigo costuma ir recrear-se para o observatorio. Encontral-o-hemos ali quando chegarmos. Não é ahi precisamente que está o mal, mas para lá chegar tem de andar uma milha e a estrada é um deserto. Um de nós deve percorrer esse caminho, esta noite, com uma lanterna, Ingersoll, do mesmo modo que Jehan tão levianamente o fez hontem. Quem a levar... corre seu risco, mas outros o seguirão de perto. Quem se offerecerá voluntariamente para desempenhar esse serviço?

— Levarei eu a lanterna, Blondel. Fédoro será mais util estando ao pé de si. Tenho recursos para me defender a mim proprio, elle é forte como um touro.

— Estava para lhe propôr o mesmo. A sua resolução tira-me de difficuldades. Leve a lanterna... e olho muito vivo.

Parou subitamente para examinar os arbustos e depois uma aveleira. Havia ainda um certo crepusculo naquella noite de outomno. Parou e cortou uma vara com uma destreza que não esperava em homem de taes habitos e maneiras.

Pegou depois na lanterna apagada, que Fédoro conduzia, e atou-a de modo que balouçasse na ponta da vara. Depois explicou:

— Atirarão á luz, Ingersoll, mas atirarão á retaguarda como é de uso entre os bons atiradores. Leve a lanterna bem prolongada para trás... é mais cauteloso assim. Eu vou logo no seu encalço os outros não andarão longe. Se, infelizmente, se se lhe deparar algum deante de si, já sabe o que tem a fazer. Agora, veja se o revólver está carregado e nem mais uma palavra.

Levou-me para um sitio onde estávamos abrigados e ali accendendo a luz examinamos os revólveres. Suppunha, e não me enganei, que nos achávamos nos limites do parque de Waterbeach. Atravessamos um fosso e entramos n'um terreno cheio de verdura. Para além, a distancia talvez de trezentas jardas, deparou-se-nos o grande circulo de arvores que formavam como um cordão de sentinellas em redor da casa do Fen. Approximámo-nos cautelosamente, seguindo uma sebe que circumdava um vasto recinto e estendeu-se-nos deante da vista um amplo terreno. Deste sitio descobria-se toda a construcção, o que me recordou os acontecimentos dos mezes decorridos e o

maior de todos, o facto de que Paulina Mamavieff estava encarcerada em Waterbeach.

Havia luzes no edificio, e na cúpula do observatorio divisava-se uma claridade intensa. O grande foco, porém, não era visivel, nem se observava nenhum symptoma que me levasse a acreditar que a casa estava alarmada. Nem os bosques que atravessávamos, nem a fragil herva que calcávamos, nem as folhas que estalavam debaixo dos nossos pés, não denunciavam nenhuma tragedia. Parecia impossivel que houvesse homens, que tinham vindo a Inglaterra, sahindo dos seus refugios no continente, para serem juizes do seu juiz n'esta terra remota. Mas conhecia muito bem Prospero Blondel para duvidar do caso. O mysterio principiava a estimular-me os nervos com a tortura da anciedade e da indecisão. Quasi cria que o arvoredo occultava demonios humanos, que cada passo mais me acercava d'elles, mas tambem acreditava que o que practicávamos era para bem de Jehan Cavanagh.

A cêrca de cem jardas do observatorio mettemos por um caminho á sombra de uma matta e accendemos a lanterna. Esta não era como as antigas, usadas pelos moços de cavallariça, e sim como a dos automoveis, de petroleo, com vidros verdes e encarnados. D'onde Blondel a trouxera, não sei, mas surprehendeu-me a perspicacia e rapidez dos seus pensamentos. Uma lanterna commum denunciaria o homem que a transportasse. Esta, pendurada da vara, não denunciava ninguem.

— Conserve a luz perto do chão e caminhe velozmente — segredou-me Blondel; — é o costume de Jehan... andar depressa. Imite-o e os bandidos pensarão que é elle que volta para casa. Vou indicar-lhe o caminho, conto consigo, Ingersoll, conto incondicionalmente comsigo.

Havia um grande affecto n'estas palavras, percebi, e é possivel que pela primeira vez desde que o conheci, o que fazia era simplesmente por amor do seu amo a quem começava a estimar deveras. A mim dominava-me uma vehemente anciedade, a que faltava a prudencia, e que me poderia ter sido fatal. Achava intoleravel andar a vaguear por meio dos arbustos e pensar que Mr. Cavanagh se achava a braços com aquelles que tinham jurado aniquilal-o. Foi n'este momento que Blondel me conteve.

— Não devemos ser vistos — disse-me n'um murmurio. — Vamos de mouta em mouta, Ingersoll, e depois direito á escada do observatorio. Comprehende-me?

Acenei com a cabeça, e, virando-me para me certificar que Fédoro ainda nos acompanhava, respondi que comprehendia muito bem e que procederia como me indicava. Principiou então um jogo das escondidas, que era extremamente arriscado. Arrastávamo-nos de esteva em esteva, de rojo, com medo de quebrar um ramo ou fazer estalar uma folha. Tres figuras a sumirem-se na escuridão. Qualquer volta podia collocar-nos frente a frente com os novos habitantes da matta. Um passo em falso deitaria tudo a perder. Precavemo-nos e colhemos excellente resultado. Attingimos por fim o circulo luminoso projectado pelo observatorio e paramos.

— Bello — disse Blondel — além estende-se uma vereda. Mettamos por ella e que Deus nos proteja.

Inclinei a vara no hombro, baixando a lanterna quasi até o chão, e de revólver em punho, enveredei ousadamente pelo carreiro até me encontar na rua que conduzia ao lago e ás portas do edificio. Senti desejos de correr, mas consegui reprimir-me. Recordando-me do passado, acudiu-me ao espirito, que um aviso secreto, como já sucedera uma vez, me chamara de Eastbourne para me lançar n'esta inesperada aventura. Sem mim, reflecti, Blondel com difficuldade realizaria o que desejava. Talvez não passasse de uma coincidencia, mas convenci-me que havia mais alguma coisa. As luzes distantes da vivenda, a certeza de que encontraria Paulina lá dentro, incutiram-me animo. Caminhei então com passo firme, procurando não olhar nem para a direita nem para a esquerda.

Que escuridão! Como as silvas se partiam e sussurravam debaixo dos meus pés, por mais que eu pretendesse abafar a bulha dos passos. Havia muitos rouxinoes em Waterbeach, e saudavam-me todos aquella noite com as suas notas joviaes. Toda a doçura dos seus trinados, os seus mysterios, os seus gorgeios, diziam-me eloquentemente que Blondel se illudira, e que só no seu cerebro existiam os homens que elle suppunha po-

voarem a profundesa das florestas. Dados mais alguns passos, parei e perguntei a mim proprio se os mezes decorridos me tinham transformado n'um irreductivel covarde. Meu Deus como eu tremia quando estaquei! Não era o medo como nós o comprehendemos, mas a subita recordação de tudo quanto eu podia perder se me succedesse alguma coisa má. Custam a perder as promessas dos vinte annos! Custava-me a deixar engolfar nas trevas eternas Paulina e o sonho de amor que essa rapariga me inspirara, a perder n'um instante a noção de uma existencia que não gosara. Via a terra como abrir-se a meus pés, a escuridão rodeava-me por toda a parte e a noite ainda mais concorria para augmentar estes meus loucos terrores. Os imaginarios fantasmas empolgavam-me o espirito, ouvi um grito na matta, e esse gritto soltara-o uma mulher.

Primeiro suppuz que fosse um grito longinquo, não um grito feminino, mas o de um animal surprehendido repentinamente por uma doninha ou por uma raposa, ou talvez um cão ladrando á lua. A minha supposição, porém, cahiu pela base, quando o grito echoou de novo, no carreiro, que se abria na minha frente, mas não a grande distancia. Não havia duvida era o som de uma voz humana, e, embora se lhe seguisse o mais completo silencio, corri com tanta velocidade quanto era possivel sem risco para a lanterna que eu transportava. De proseguir n'esta imprudencia cohibiu-me um assobio. Ainda não sei hoje se partindo de qualquer dos meus companheiros se d'outra pessoa. Percebi comtudo que era um signal para eu parar, e estaquei durante um certo espaço para me certificar se Blondel e o argelino tinham mettido pela mesma vereda. Nada alcancei. Applicando o ouvido senti alguma coisa que não esperava, — bulha das patas de um cão na relva e o rosnar surdo do animal quando se dirigia para mim. Um cão nunca me amedrontara e muito menos n'aquella noite. Quer se abeirasse ou afastasse pouco me importava.

Continuei no meu caminho, com os nervos irritados, com a lanterna a balouçar atrás de mim. Persuadira-me que havia gente após o cão e as informações obtidas robusteciam essa hypothese. Mas o bosque não accusava nem a sombra de um homem. Baldadamente perscrutei para a esquerda e direita, em vão puz de atalaia todos os meus sentidos; por mais que abrisse os olhos e applicasse o ouvido, não obtive nada. O cão seguia-me... ouvia-lhe os movimentos sinuosos através das silvas... mas de homens nem vestigios. Esta certeza transmittiu-me coragem. Tornei a caminhar velozmente, e, chegando a uma clareira deparou-se-me uma mulher.

Apoiava-se com uma das mãos ao tronco de uma arvore collossal, envôlta n'uma ampla capa preta, com o cabello disperso pelo rosto e hombros. Julgando que a conhecia, mas não estando bem certo, atravessei o relvado e levantei a lanterna. N'este mesmo instante, o cão saltou sobre mim, e eu proferindo uma exclamação de surpresa, deixei cahir a luz e tombei aos pés da mulher.

XXVIII

A dama do bosque

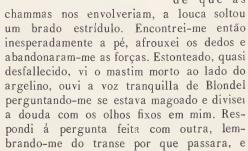
O cão filara-me pelo hombro, mas os dentes não me tocaram na carne. A dama — pois adivinhei que era a esposa louca de Mr. Cavanagh — cessou de gritar e estacou rígida na minha frente. Ouvi um forte brado das bandas do bosque e em seguida um tiro de revólver. Tudo isto, como podem imaginar, foi como um traço de pincel n'uma tela, porque eu e o cão rolávamos pelo solo, qual de baixo qual de cima, como se o animal fôra um homem e o homem um animal.

Ouvira contar muitas coisas ácêrca da força dos animaes; tivera com frequencia horrendos pesadêlos, nos quaes garras afiadas se me cravavam na garganta e que sentia na face o halito quente e immundo de uma fera. Aqui, no relvado de Waterbeach, experimentava ao vivo, ainda com maior horror, e perfeitamente acordado o que a dormir já era medonho. Não sei explicar que instincto impelliu as minhas mãos para o pescoço do mastim e me levou a apertal-as de tal modo que pareciam que os meus musculos rebentavam. Procedi, comtudo como o devia fazer. Voltara-me quando perdi o equilibrio, e, cahindo de costas, segurei o molosso pela garganta e aguentei-o, ao passo que o animal, na sua agonia e com um poder extraordinario, me arrastava de um para outro lado, pela relva fora, com a

respiração offegante a denotar-lhe o estertor, com os olhos tão rútilos como dois carvões accesos. O mais maravilhoso do caso era o clarão que nos illuminava. Não havia milagre na conjuntura. O petroleo entornara-se no chão e as raizes e arbustos ardiam.

Reconstituo muito bem a scena: as arvores colossaes subitamente illuminadas pela claridade da conflagração, o monstruoso mastim russo debatendo-se nas minhas mãos, a louca, hirta como uma estatua junto da arvore, e na matta proxima homens a gritar e detonações de revólveres. Mais vibrante que todos estes sons, durante um comprido segundo, um gemido de dôr sôlto por um moribundo; tudo isto me produziu uma tão forte ira, quando o cão se agitava por cima de mim, que as minhas unhas cravaram-se no seu amplo pescoço. O furor da lucta empolgara-me. Excitado até a brutalidade pelo horror do animal, finquei os pés nas raizes salientes e lutei com a ferocidade de um selvagem. O halito fetido do molosso e a espuma cahindo-me sobre a face não me desanimaram. Os musculos entumeciam-se-me como calabres, o sangue subia-me á cara e cabeça estonteando-me, desvairando-me, mas tratava-se da minha vida, e não haveria forças humanas que me arrancassem a presa.

EU E O CÃO ROLAVAMOS PELO SOLO

Disse que sentia uma certa satisfação feroz n'este encontro e não se pense que é qualquer preconcebido exaggero. Ha momentos em que o instincto de conservação tudo sobreleva, em que nos tornamos indifferentes a tudo, em que não se pensa em nenhumas consequencias. Tal era o meu caso n'aquella famosa noite. Não duvidava que a força do molosso acabaria por prevalecer, que porfim se furtaria á minha presa, que me derrubaria e que me despedaçaria as guellas com os seus dentes poderosos. Nada de isto aconteceu, mas não foi devido á interferencia dos meus amigos nem dos seus agentes. O fogo espalhara se pelo solo e chegou até onde nós luctavamos. O cão arrastara-me para ali e ia soffrer-lhe as consequencias. A um esforço supremo realizado por mim, com a subita consciencia de que as chammas nos envolveriam, a louca soltou um brado estrídulo. Encontrei-me então inesperadamente a pé, afrouxei os dedos e abandonaram-me as forças. Estonteado, quasi desfallecido, vi o mastim morto ao lado do argelino, ouvi a voz tranquilla de Blondel perguntando-me se estava magoado e divisei a douda com os olhos fixos em mim. Respondi á pergunta feita com outra, lembrando-me do transe por que passara, e

inquirindo o que succedera a Mr. Cavanagh.

— Voltou para casa, Ingersoll... esperava encontral-o ali. Seu filho Ion está peor.

— Vou então lá immediatamente. Que é feito dos outros, Blondel?

— E' uma pergunta a que eu muito gostaria de responder, mas hão de ainda incommodar-nos bastante.

Hesitou em proseguir, por causa da pobre senhora, que nos escutara com apparente indifferença, mas que n'esse momento rompeu em copioso pranto. O argelino abeirou-se da louca e dirigiu-se-lhe como se ella fôra uma creança. Que mal avaliara eu esse pobre diabo!

— Como é que esta senhora se encontra aqui a tal hora? — perguntei a Blondel áparte.

Respondeu-me encolhendo os hombros.

— Cavanagh insiste em que a deixem livre. Que lhe havemos de fazer? Reparou que nos entendeu quando falamos da creança. Deve ter ido ao observatorio com noticias. Deixe-a ir com Fédoro, é o seu melhor amigo.

Não podia hesitar, e dirigimo-nos todos para casa. Alguns dos monteiros e creados sahiam n'esse momento das suas vivendas e corriam pela relva para apagar o fogo das sarças. O sitio movimentou-se de gente.

— A tal emboscada foi uma simples apprehensão sua? — perguntei a Blondel.

Não concordou com a hypothese.

— Na matta existe um homem escondido. Não desejo conversar ácêrca d'isso. Desde agora, Ingersoll, estamos sitiados na nossa propria casa. E' necessario não commetter imprudencias. Confessar-lhe-hei ainda mais, se viesse para aqui um regimento em nada influiria sobre o que tem de acontecer.

— Até que porfim — declarei eu — vamos ouvir o que Mr. Cavanagh tem para nos dizer.

— Vá ter com elle, e que decida. Está á sua espera, Ingersoll.

XXIX

Na bibliotheca

O solar do Fen encontrava-se alarmado quando entramos. Topamos com o melifluo creado Edward ao pé da grande escadaria. Enxerguei de relance o avental de uma enfermeira no patamar superior. Ao mesmo tempo um francez, que me lembrava ter visto em Antuerpia, cumprimentava effusivamente Blondel e travava com elle sem detença uma viva conversação. O meu destino era a bibliotheca particular de Mr. Cavanagh e para ali me dirigi acto contínuo.

— Os seus aposentos estão preparados; — esperávamo-lo hontem.

— Sabiam então que estive em Eastbourne, Edward?

— Não o posso affirmar — entendi que devia apromptar os quartos. Mr. Cavanagh tem estado muito mal. A todos nos surprehende como elle mudou.

— E o que ha a respeito de mademoiselle?

Evitou responder-me desviando os olhos de mim.

— Mr. Cavanagh conversará comsigo a respeito d'essa menina.

Abriu a porta e eu entrei na bibliotheca.

Era uma casa espaçosa, com estantes de pau setim e mobiliario adequado. Com surpreza minha reparei que não estava illuminado com extremo brilho. As lampadas occultavam-se por trás de «abat-jours» e espargiam uma claridade quasi mortiça. Jehan Cavanagh não gostava de muita luz, e não liguei grande importancia ao caso. Attrahiram-me a attencção pequenas coisas espalhadas por toda a parte — um biombo collocado em frente das janellas, uma sonora campainha sobre a chaminé, e uma garrafa de cognac, com um unico copo, na secretária. Observei tudo isto quando entrei. A mudança que soffrera Mr. Cavanagh era enorme.

Vestia um chambre de seda carmesim, aberto, de modo a mostrar a camisa sem gomma, sem collete por baixo. A claridade espargida pelas lampadas, ainda augmentavam mais a pallidez natural do seu rosto; os anneis do cabello preto, a cahir por trás das suas orelhas transparentes, e o chupado das suas faces, manifestavam com eloquencia o seu mau estar. Era significativa a sua attitude. O cabello desgrenhado, o movimento contínuo dos labios, o seu andar de um lado para o outro, o cigarro mettido numa comprida boquilha de ambar e fumado quasi com ferocidade, demonstravam que o atormentava uma forte preoccupação. Em cima da mesa, em direcção da qual passeava, ha-

via uma tira de papel — o ultimo boletim medico ácêrca do pequeno Ion. Lia-o e tornava-o a ler constantemente, como para confirmar um desânimo ou descobrir qualquer vislumbre de esperança.

Entrei devagarinho, mas não tão devagarinho que não sentisse os meus passos. Fez-me um aceno com a cabeça. Era um gesto familiar n'elle. Não costumava desperdiçar palavras. Era um modo peculiar seu de cumprimentar.

Nada ali se modificara a não ser o dono da casa que parecia doente e inquieto. Esta impressão, comtudo, depressa cedeu o logar a outra.

— Porque veio cá, Ingersoll?

A pergunta era feita n'um tom que segnificava: «eu não lhe ordenei que viesse.»

— Vim — respondi placidamente — porque alguma coisa me compelliu a isso.

Cavanagh olhou para mim com a sua costumada perspicacia.

— Por seu interesse ou por meu, Ingersoll?

— Por meu interesse. Vim por causa de Paulina Mamavieff.

— Um lance cavalheiresco... Leandro entrando n'um carrinho n'um couto de assassinos ao entardecer. E' isso que pensa de mim.

— Não foi assim... mas podia ter sido.

— Seriamente?

— Seriamente... Nunca me esqueci do que aconteceu.

Quedou-se alguns segundos a reflectir nas minhas palavras. Depois continuou a passear.

— Contaram-lhe que meu filho está doente?

— Contaram, sim senhor.

— Não ha nada mais triste que a doença de um creança, Ingersoll... não existe n'este mundo de Deus nada que se lhe compare. Medite no caso, na nossa impotencia, no abysmo entre o nosso desejo e a nossa força... na necessidade de nos tornarmos enfermeiros, nós que conseguimos tudo quanto queremos, sermos obrigados a cruzar os braços, a vêr que a sua alma se prepara para voar, a alma do filho que estremecemos. Nem nos resta a consolação do sacrificio. Que podemos offerecer em troca á natureza? Ri-se de nós... a nossa offerta é recusada. Bradamos com toda a vehemencia: «a minha vida pela do meu filho». Não nos ouvem. As saudades são as suas armas. Entramos no quarto da creança e deparam-se-nos ali frioleiras, recordações do passado mais significativas que as lagrimas. Atire com isso fora, fica-lhe sempre presentes ante os olhos com um pesar redivivo. E' este um sentimento commum. Ingersoll, a palavra é perversa quando ridicularisa taes emoções inherentes á humanidade. Colloque um homem rico ao lado de um pobre, defronte de um filho doente, e ambos se transformam em reis. Esta creança, este bocado de mim mesmo, está moribundo. Foi a mãe quem o matou. Que devo fazer, Ingersoll? Onde me conduzirá agora o destino?

Assentou-se quando falava e escondeu o rosto nas mãos, mas não me podia occultar o pranto. Que dizer-lhe, que palavras de consôlo proferir? A minha vontade indecisa não atinava com uma resolução. As palavras, em momentos como estes, para nada servem.

— Foi o medico quem lhe disse que elle estava moribundo?

— Não m'o disse... Não precisava dizer-m'o. Mas conheço-o. E, Ingersoll, é obra de uma mulher... uma creança, quem tal o diria?! Devo-lhe isto a ella... ao seu anjo de barrete vermelho. Que a sua vaidade exulte, póde dizer: «Sou filha de Mamavieff, vinguei meu pae.» São coisas que as mulheres gostam de proferir... attrahem os homens para ellas. Nascem com a bossa da celebridade, quando lhes dá a mania para isso. Gostam de viver no caos... nos bastidores da anarchia... é o suprasummo do orgulho;... O gosto de figurarem nos jornaes, o julgamento, até a perspectiva da morte, delicia-as. Essas mulheres não teem outro objectivo, porque os seus miolos não abrangem outra coisa. Nunca uma mulher expôz theorias politicas com um grão que seja de bom senso, e primeiro que cheguem a esse aperfeiçoamento ha de levar muito tempo. Ingersoll, devemos punir as vaidades d'esta especie... é nosso dever fazel-o... devemos castigal-as, mesmo quando tenhamos de chamar a lei em nosso auxilio.

— Quer então dizer, Mr. Cavanagh, que vae mandar Paulina para a Russia?

— Exactamente, Ingersoll, se os meus amigos não se me anteciparem. Que parta para junto dos que teem mais direito a julgal-a. Estava doido quando dei ouvidos a outros conselhos. Empreguei mal a minha

influencia. O seu proprio raciocinio censurar-me-ha mais tarde. Seria loucura acreditar que o senhor ainda continúa a defendel-a. Nada ha mais que fazer a tal respeito. Paulina irá para a Russia e ali soffrerá as consequencias do que praticou. Emquanto aos outros, juro a Deus que tudo quanto o cerebro e o dinheiro podem proporcionar empregal-o-hei em os exterminar como ratos. Não quero tornar a ouvir falar em treguas, Ingersoll. Peregrinarei de cidade, em cidade, de continente em continente. Dispenderei a minha riqueza até o ultimo penny fazendo a essa gente o que me fizeram a mim. São uns covardes, como covardes os tratarei. Lembre-se do que lhe affirmo... Não existe hoje uma só cidade, onde o meu nome os não obrigue a pôrem-se de joelhos. Tenho visto homens com presumpções de fortes tremerem deante de mim, simplesmente porque conheço quem elles são. E' obra de poucos mezes, Ingersoll. O que fará uma obra de annos? Deixo ao seu espirito fazer a profecia.

Era a viva imagem da loucura obedecendo á sua logica. O seu rosto apresentava os olhos fixos e esbogalhados, com as veias grossas como cordas, com os labios humidos, estorcendo as mãos. Era a repetição do estado em que eu já o vira em Madrid. Esta tragedia de Waterbeach, o temeroso golpe que ameaçava a vida de seu filho, expulsara da sua alma qualquer idéa de transigencia, exigia que ferisse sem piedade. Quem o salvaria d'esse excesso? Que argumentação de amigo ou de inimigo poderia expulsar o demonio que d'elle se apoderara?

— Mr. Cavanagh, — respondi porfim — não é o meu chefe e amigo quem diz estas coisas.

— Mas Ingersoll, eu não estou fora de mim. Porque julga isso? Bem sabe que me encontro como d'antes.

— O homem que proferiu as palavras de ha pouco — insisti, — não é Jehan Cavanagh, é outro. O amigo a quem estimei não se pode transformar n'um assassino,

— Santo Deus! Ingersoll!... Que accusação! Assassino... d'aquelles a quem o seu mistér é assassinar.

— A sociedade não lhe transferiu os seus direitos de juiz. A lei ainda não se tornou impotente...

— A lei!... O que entende por lei? O covarde refugio dos que não possuem mentalidade. A lei aniquila os homens, Ingersoll! Lembre-se do que eram as nações antes de se arvorarem em couto de poltrões, que não teem coragem de pensar ou de fazer justiça por si mesmos?

— Mr. Cavanagh — repliquei muito placidamente — o senhor está prégando doutrinas que impelliram os homens para a anarchia.

A verdade do asserto, creio, surprehendeu-o. Quedou-se immovel, fumando raivosamente. Dirigiu-se para a meza e deitou um copo de cognac.

— Bem — exclamou após uma pausa — é necessario discutir e a noite não é boa para isso. Concederei a essa rapariga tres dias, Ingersoll... tres dias para me confessar a verdade; e, ouça, livre-a de Fédoro, pois elle é um escravo fiel quando se trata dos meus interesses. Tres dia, comprehende... e nem mais uma palavra. Não me torne a apparecer até que me traga alguma novidade. Estou muito descontente comsigo, Ingersoll, muito descontente.

Não respondi. No fundo da minha consciencia tinha a convicção que dissera qualquer coisa que devia ser ponderado. Quando sahi do aposento, Cavanagh virara o semblante para a parede, e ouvi-lhe pronunciar o nome do filho por entre soluços.

XXX

O barco

Era muito tarde quando sahi da bibliotheca, e não me surprehendeu nada ouvir o creado dizer-me que Blondel se fôra deitar. No meu quarto com a porta trancada, sem bem saber o motivo porque a trancara, com as janellas que deitavam para o jardim italiano escancaradas, diligenciei orientar-me na situação anormal em que me encontrava, e perguntar a mim proprio de que lado existia a razão. Tambem talvez sentisse um certo consôlo em me recordar que o quarto de Paulina não estaria muito distante do meu, que ella dormia n'aquella casa e que eu poderia velar pelo seu somno.

E' facil de presumir que pouco pensava em dormir n'aquella noite. As loucas pala-

vras que ouvira na bibliotheca retumbavam-me aos ouvidos como um echo vindo do caos. Tres dias de treguas, depois a punição inexoravel, a creança vingada! Que podia eu fazer em tal conjuntura. Porque bússola orientaria a minha razão? Sentia-me absolutamente inutil. E tinha que salvar Paulina e devia salvar Jean Cavanagh, por causa do affecto que lhe dedicava.

O leitor perderia a paciencia se eu relatasse todas as idéas que me acudiram. Umas vezes lembrava-me ir até ao quarto do pequeno Ion a vêr se podia conhecer ao certo o seu estado. Outras planeava buscar Paulina e mesmo com risco de ser descoberto, leval-a para fóra d'aquella casa, fossem quaes fossem as consequencias. A ameaça de Cavanagh ácêrca de Fédoro enchia-me de um pavor indizivel. Esse homem era um verdadeiro selvagem, que procederia selvagemente com qualquer victima, homem ou mulher. Comprehendi que se o pequeno morresse, as consequencias para todos, e principalmente para Paulina, podiam ser desastrosas. O perigo não era menor para os nihilistas. Deviam calcular que a nossa unica salvação dependia do pacto que negociassemos com elles.

Por outro lado pouco ou nada poderia fazer. Não acreditava que Blondel me ajudasse, nem tinha fé nenhuma em qualquer intervenção accidental. A' minha imaginação não sorria o pensamento de chamar os camponios de Huntingdon em nosso auxilio. A farça não se podia prolongar, a propria immanencia do perigo não permittia illudir-me.

Estas reflexões afugentavam-me o somno, não podia dormir, conservava-me irresoluto. Quando alvoreceu, lembrou-me aquelle dia de verão em que chegara á janella e vira o argelino — continuava a chamar-lhe assim — trotando pela matta fóra no desempenho de uma missão que eu não comprehendia.

N'esse dia, porém, os acizentados parques não me mostravam nada. O nevoeiro desdobrava-se por cima das terras e da matta e não revelava nenhuma creatura humana. Não queria acreditar Blondel, parecia-me impossivel o seu asserto de que estavamos cercados, que a Russia, a Italia e a Hespanha enviassem para ali agentes revolucionarios, e que esses homens acampassem no parque. Um sol dourado brilhou por cima d'aquelles desertos prados e paues. Os jardins incendiaram-se n'um resplendor glorioso de outomno infinitamente matizado. O lago scintillava como um espelho de prata bem polida.

Esta scena, com toda a sua suggestão de paz e de afastamento dos homens, manteve-me á janella durante uma hora inteira. Ao cabo d'aquelle tempo, a ponte levadiça desceu sobre o lago e um homem dirigiu-se a cavallo para o bosque. Não o reconheci, e outros, tambem desconhecidos para mim, seguiram-no com curtos intervallos. Esta cavalgada inspirou-me uma subita curiosidade, que eu não podia dominar, e resolvi seguil-os, ancioso, talvez, para me certificar por mim que a presumpção de Blondel era uma loucura, que eu provaria não ter razão de ser.

Isto, lembro-me, passava-se ás sete da manhã, não mais. No vestibulo encontrei as creadas que procediam á limpeza matutina. Uma d'ellas, de lingua mais sôlta que as outras, informou-me que o pequeno Ion continuava mal e que Mr. Cavanagh estava com elle. Mal acabava de falar quando soou a campainha annunciando a visita da manhã do medico. Ainda não me encontrara com elle e inclinei-me apenas quando o vi. Foi uma felicidade a sua vinda, porque a ponte levadiça ainda não fôra erguida quando eu sahi. Não respondi ás suas perguntas. De coração leve, por causa da doçura da manhã, e de bengala na mão, fui por ali adeante, em direcção do observatorio, a caminho do sitio onde se dera a scena da noite anterior, determinado a encontrar a chave do enigma, como sempre fizera toda a minha vida.

Uma resolução imprudente, dirão, e conheço hoje que foi. Tive a morte imminente n'aquella manhã. Mas aos vinte annos afrontam-se todos os perigos e rimo-nos das phantasias que são medonhas realidades para outros. Pela matta de Waterbeach, com um magnifico sol a aquecer-me, com a belleza do dia a afagar-me, que me importavam a mim os riscos das historias de Blondel ou as deliberações tomadas por Jehan Cavanagh? Salvara Paulina por mil fórmas diversas quando cheguei ao observatorio, e ria-me da simplicidade da empresa ao approximar-me do arvoredo, onde se dera o

incendio na noite anterior. Devia ter parado ahi. Lá estava o cadaver do cão ao pé da arvore chamuscada e o terreno calcinado.

O caso podia ter sido serio. Um fogo ali, se se propagasse levaria tudo. Impressos nas cinzas descobriam-se as pégadas das botas ferradas dos couteiros e vestigios que um observador acharia mais significativos. Para além d'este local, no ponto indemne do incendio, divisavam-se dois cartuchos queimados e algures pedaços de papel. Apanhei-os, e convenci-me que eram fragmentos de um jornal russo, embora o typo estivesse quasi obliterado pelo tempo. Eram descobertas eloquentes, que me chamaram á razão. Appliquei o ouvido e sondei a matta. Respondeu-me uma cotovia empoleirada n'um azevinho. Porque me batia então o coração? Não o posso dizer. Ha momentos que sentimos o pêso de olhares invisiveis e que ouvimos passos que nos seguem a enorme distancia. Achava-me n'essas circumstancias, e, sem me envergonhar, fugi do bosque como se estivesse enfeitiçado, dirigi-me para a ala occidental do edificio, e cheguei ao logar onde se erguiam as balisas das regatas no rio. Nunca o acaso me favorecera tanto.

Traducção do inglez de EDUARDO DE NORONHA.

MISERIA

O vento passa, enregelado e frio.
É negra e triste a noite.
E vae um grupo, qual visão, sombrio,
Do vento ao duro açoite,

Por essas trevas a vogar, sem ninho.
E sois vós, ó creanças
Sem pae, sem mãe, sem lar e sem carinho,
Que passaes tristes, mansas.

E procuraes em vão macio leito
Onde repouse a fronte:
De vossas mães o caloroso peito
Não ha quem vos aponte.

Só tem o mármor' da vetusta egreja
— O leito da miseria.
É a vossa mãe querida e bemfazeja,
A vossa mãe etherea.

Vós sois da Dôr o sideral emblema
Que pela noite passa:
— Indigencia ou Penuria — o vosso lemma,
Ó filhos da Desgraça!

Rio de Janeiro.

MARIO VILLALVA.

Charadas

I

Entre os homens, na terra, o mal e o vicio
imperam n'um reinado deshumano;
Deus dos infernos é assim propicio — 1
ao horrido flagelo e a tal plano.

O requinte do mal, na fina essencia,
do disturbio cruel e palpitante,
em todos se divisa na apparencia, — 1
enganadora, vil e delirante...

Quando será ó Deus que da Concordia — 2
os laços fraternaes unam *in mente*,
os que luctam impavidos, sem brio,
e a paz se faça da revolta ardente?!

Porto. CLUB DOS ESTOUVADOS.

II

O estado sociologico da Terra,
Como existe na epocha actual,
Não permitte acabar co'o capital,
Espectro que o trabalho sempre aterra.

Comtudo este declara-lhe uma guerra
Franca em *associações, meio legal*
D'atacar a dominação rural,
E o fisco que só odio em si encerra. — 2

E será o operario vencedor?
Constituirá a Terra um paiz são, — 2
Em que não haja escravo nem senhor.

E em que se aufira o bom conforto e o pão?
Talvez. Mas... deixai esse sonhador
Viver, acalentando essa illusão!...

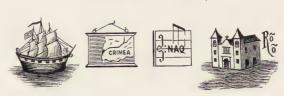
Angra. MELLO.

III

Na geologia estou por meus peccados,
Tudo destruo, sim, quando rebento. — 2
Sou rija, sei, mas dizem que os cevados — 2
Em mim encontram bem seu alimento.

ARIEL.

Enigma pittoresco

Ao amigo In-Justo.

Madeira. JOÃO DIABINHO.

Decifrações do n.º 46

Questão proposta — Ver o proximo numero.
Charada — Mirabanda.

Senhoras em evidencia

Aristocracia e caridade

Nobreza de sangue e nobreza de coração, duas aristocracias que nem sempre se alliam. Dama das mais preclaras virtudes, esposa extremosa e mãe amantissima, a senhora condessa de Sabugosa, occupa na sociedade portugueza um logar de eleição.

CONDESSA DE SABUGOSA

Amam-na os seus pobres, veneram-na quantos a conhecem, admiram-na e santificam-na todos os necessitados, todos os infelizes.

Uma poetisa inspirada

Delicada alma de poeta e forte caracter de luctadora. Serviu-lhe de berço o Porto, a trabalhadora cidade. Professora, fez do magisterio um apostolado; litterata, a sua obra é enorme e sentida no jornal, no livro, em quantas publicações tem collaborado, que são innumeras. O seu bello volume *Rosas e Musgos* revelam a formosura do seu coração de mulher e o seu fulgurante talento e inspiração de poetisa.

ALBERTINA PARAIZO

E' de Albertina Paraiso, esta deliciosa poesia:

Paizagem rustica

Batia em cheio o sol pelos trigaes,
Acalentando as tremulas seáras...
No ar passavam notas divinaes
De orchestras amplas, virginaes e claras.

Um grupo de formosas raparigas,
Frescas, morenas e gentis ceifeiras
Confundiam as limpidas cantigas
No spartito das aves nas bulseiras,

Pequenitos á beira dos caminhos,
Alegres e rosados como auroras,
Andavam uns a namorar os ninhos,
Outros então á busca das amoras.

E, mais além, o filho do moleiro,
Ouvindo as alvas pombas arrulhar,
Jurava eterno o seu amôr primeiro
A' moça mais bonita do lugar...

A EX.^ma SR. D. BERTHA ORTIGÃO RAMOS E SUA FILHA D. IZABEL ORTIGÃO RAMOS, DISTINCTISSIMAS PINTORAS AMADORAS

DUAS CABEÇAS DE ESTUDO DA EX.^ma SR.^a D. IZABEL ORTIGÃO RAMOS

O culto pela arte

Entre as senhoras portuguezas que mais teem celebrado o seu nome cultivando a arte, conta-se a Ex.ma Sr.a D. Bertha Ortigão Ramos. Antes de se casar, as suas telas figuravam em todos os certamens artisticos, recebidas sempre pela critica com apreciações elogiosas. Poucos profissionaes a excederam na pintura das flôres. Os seus deveres de extremosa e desvellada mãe de familia, obrigaram-na a pôr de parte a sua paleta e pinceis, mas nem por isso deixou de contribuir com um subsidio importante para o engrandecimento do seu antigo idolo.

Incumbiu sua filha a Ex.ma Sr.a D. Izabel Ortigão Ramos de continuar a sua obra. Esta senhora, discipula da eximia professora D. Emilia Braga, honra a dynastia de artistas a que pertence. Os seus trabalhos revelam notaveis aptidões e merecimentos. São d'isso prova os dois estudos que reproduzimos na gravura.

Uma artista de valor

Esposa do illustre professor Julio Teixeira Bastos, a sr.a D. Luiza Alexandra Cordeiro Bastos conquistou numa especialidade artistica pouco cultivada entre nós, um predominio incontestado. Inventou um processo, exclusivamente seu, de pintar e gravar sobre velludo. Os productos que apresentou na exposição americana de S. Luiz obtiveram uma victoria retumbante e grangearam-lhe a medalha de ouro.

D. LUIZA ALEXANDRA CORDEIRO BASTOS

As suas primorosas qualidades pessoaes, hombreiam com as suas pujantes faculdades de artista. E' no lar a doce companheira de um homem de valor; na officina. poucas como ella, honram o feminimo bem entendido.

Uma titular portugueza... estrangeira

Casou-se ha pouco tempo em Londres, Miss Maud Coats, com o duque de Wellington, filho de lord Douro. O noivo, por morte de seu pae, herdará o mesmo titulo de lord Douro. Foi essa uma das muitas mercês que incidiram sobre o general Arthur Wellesley, quando á frente das tropas anglo-portuguesas, expulsaram as tropas de Napoleão I, da Peninsula.

LADY DOURO

Intellectuaes

Medicina e oratoria

Homem de sciencia, orador e litterato, o dr. Azevedo Neves é um espirito lucido, vivo, perspicaz, educado á moderna. Como medico e como operador a sua reputasão é das mais solidas e completas. A sua palavra simples, mas quente e insinuante, dispõe d'essa persuação facil, peculiar ás intelligencias fortes e sensatamente orientadas. A sua bagagem litteraria é já avultada e de peso.

Entre outros trabalhos avultam: *Um caso de meia microcephalia — Contribuição para o estudo do ovario — Rodolpho Virchow — Technica d'autopsias clinicas — Um caso de kisto dermoide do raphe ano-coccygeo continuando-se com um adeno-kisto-mixoma do ovario esquerdo — O methodo Finsen para o tratamento do lupus vulgar — Therapeutica do lupus vulgar — Niels R. Finsen — Theoria mecanica das fracturas do craneo — O Laboratorio d'Analyse Clinica do Hospital Real de S. José e Annexos — Nota acompanhando os trabalhos apresentados na sessão de* 10 *de Dezembro de* 1906 *da Commissão encarregada do estudo do cancro, pelo secretario e relator da commissão — Inquerito feito em* 1904, *nas Provincias Ultramarinas* e outras ainda traduzidas para allemão

NO PRÉLO: *Les cancéreux à l'Hôpital Royal de S. Joseph et Annexes pendant la période* 1899-1903,

avec IX Tableaux statistiques et XI graphiques en couleurs — Enquête faite aux médecins portugais pour vérifier le nombre de cancéreux qui existent en Porgal (1904) *avec de très nombreux tableaux statistiques et graphiques en couleurs — La mortalité par le cancer à la ville de Porto pendant la période* 1893-1902 *avec XXIV tableaux statistiques et X graphiques en couleurs — Essai d'étude de la population portugaise — A população portugueza e o cancro — Etiologia e pathogenia dos tumores malignos — Mémoire sur les tumeurs multiples primitives des os.*

Breve deve sahir a *Pratica de autopsias (Technica e diagnostico)*, com innumeras gravuras. Pois com

DR. AZEVEDO NEVES

todo este arsenal, que faz presumir um velho encanecido, o que é redondamente falso, como o demonstra o retrato que reproduzimos, ainda tem tempo para tomar parte nas festas da Arvore, como succedeu na Amadora, e deixar as creanças encantadas com o seu verbo fluente, claro e suggestivo.

Jornalismo e litteratura

J. Reis Gomes possue um espirito privilegiado e uma penna primorosa. Militar, jornalista e escriptor, o seu talento affirma-se desassombrado e pujante nas mais variadas e complexas manifestações da actividade intellectual. Capitão de artilharia, é consideradissimo na sua arma; director do *Heraldo da Madeira,* o seu jornal occupa um logar preponderante e illustre na imprensa portugueza; escriptor, o seu omnímodo merecimento tem-se manifestado nas suas obras: *O theatro e o actor, Historias simples,* e no esplendido romance *A Filha de Tristão das Damas,* de maneira inconfundivel, brilhantissima.

J. REIS GOMES

Este ultimo romance escripto em linguagem tersa, cheio de interesse, com situações magnificas, é um trabalho que honra a litteratura nacional.

O feminismo na guerra

A gravura que hoje damos, mostra-nos lady Ernestina Hunt, filha do marquez de Hylsburg, e um dos officiaes nomeados para commandarem o regimento de mulheres enfermeiras, organisado recentemente em Inglaterra. Como já referimos, esta corporação

será formada por mil damas a cavallo e três mil a pé, algumas das quaes se apresentáram já devidamente uniformisadas.

Centenario da Guerra Peninsular

Classificação dos projectos para o monumento commemorativo

Primeiro premio

Segundo premio

DE JOSÉ E FRANCISCO D'OLIVEIRA

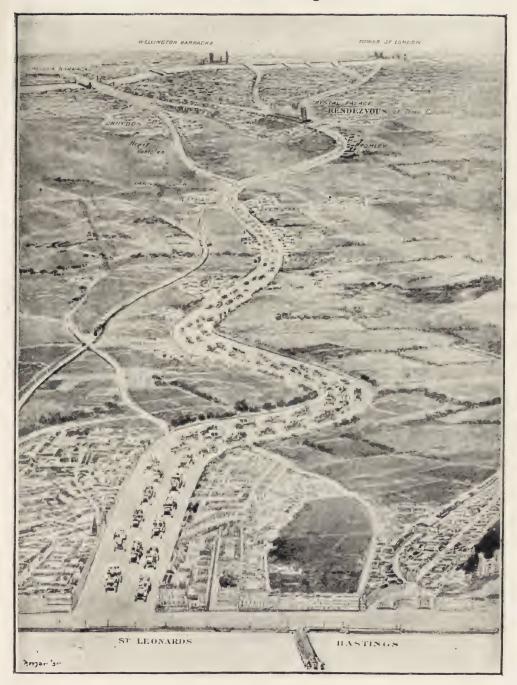
DE VENTURA TERRA

Terceiro premio

Primeira menção honrosa

DE SIMÕES D'ALMEIDA (SOBR.) E COSTA CAMPOS

DE MANUEL GERMANO PEREIRA SALLES

O automobilismo na guerra

UMA EXPERIENCIA CURIOSA

O ministerio da guerra de Londres, procedeu ha poucas semanas a uma experiencia curiosa. Imaginou que uma força inimiga desembarcara em Hastings. Mobilisou acto continuo um batalhão da Guarda e metteu-o armado e equipado, em centenas de automoveis, fornecidos pela *Automobile Association.*

Em poucas horas o batalhão formou na praia de S. Leonards e Hastings.

A sciencia da guerra

Sir Hiram Perey Maxim, inventou recentemente um apparelho, destinado a abafar o ruido das detonações das armas de fogo, sendo experimentado, pela primeira vez em New-York, com exito.

A 8 de fevereiro ultimo, o notavel inventor americano, reuniu os representantes de 80 jornaes politicos e revistas scientificas, e fez-lhes uma rapida conferencia sobre o novo engenho.

«O principio do meu apparelho é muito simples—diz o conferente; — baseia-se na força centrifuga. Todos teem visto, certamente, nos quartos de *toillete* modernos, que teem agua com pressão, a agua girar rapidamente na bacia sem se escapar pelo buraco de escoamento do fundo. O mesmo phenomeno se produz no meu silencioso. Os gazes da explosão, obrigados a redemoinhar, não pódem escapar-se bruscamente produzindo detonação.

UM APPARELHO PARA ABAFAR O RUIDO DAS DENOTAÇÕES DAS ARMAS DE FOGO

«Quanto á maneira de os fazer redomoinhar, é questão de arte. O meu apparelho não passa d'uma turbina invertida: em logar d'uma corrente gazosa que bata nas laminas da turbina e lhes imprima um movimento de rotação, emprego uma turbina fixa que communica á corrente gazosa uma velocidade de rotação vertiginosa. A potencia viva dos gazes, consome-se em trabalho interior e em redomoinhos, e os gazes, não sahindo senão depois de ter perdido a maior parte da sua energia, não produzem já o choque violento, a martellada gazosa, que produz a detonação!»

O silencioso Maxim póde ser facilmente transportado n'uma algibeira. E' um tubo de metal de 18 centimetros de comprimento por 5 de diametro, pesando 200 a 300 grammas, conforme fôr para adaptar a uma espingarda vulgar ou a uma carabina de guerra.

Para se poder usar, basta collocal-o na bôcca de uma espingarda. A parte central do tubo é completamente livre, tendo um diametro um pouco maior

Modas

O modelo que hoje damos é ultima palavra da moda em Londres para vestidos de primavera. E' constituido por um casaco e saia azul escuro, guarnecido com sottagem especial de côr um quasi nada mais claro que a do vestido. E' uma *toilette* elegantissima, a que predomina na sociedade mais elegante.

do que o da bala, de fórma que esta possa passar sem difficuldade, mas ao longo d'esta abertura central, estão dispostas uma serie de camaras com o perfil de caracol. Quando o projectil sae, os gazes com alta pressão que o acompanham introduzem-se, á maneira que vão passando deante de cada camara, no interior d'estas, onde pódem afrouxar livremente. A' propria fórma do perfil da camara, força-os a transformarem-se em redomoinhos que amortecem por si mesmos, gradualmente. E' só quando a sua energia está quasi inteiramente consumida, que pódem escapar para fóra com uma velocidade bastante resumida para que o ruido do tiro seja singularmente atenuado.

*
* *

O segredo do moto-continuo está, evidentemente, desvendado na actividade inventiva do espirito humano. Ainda os aeroplanos não passam de problemas cujos coeficientes são, exclusivamente, encontrados na phantasia de sabios utopistas, e já os fabricantes de canhões pensaram em inventar uma arma que os destrua, dada a importancia que podem vir a assumir como elemento de guerra.

A ARMA KRUPP
NA DESTRUIÇÃO DOS AEROPLANOS

Esta arma, é a Krupp de 6,5 cent. montada n'um reparo de peça de campanha e cujas rodas tomam uma posição especial, emquanto a arma faz fogo.

Para o seu apparelho, Mr. Krupp fabricou uma bomba incandescente destinada a perfurar o envolucro do balão e fazer explodir o gaz.

Os projecteis ordinarios passam atravez do sacco de gaz, sem que lhe causem outro prejuizo que não seja o de lhe fazerem uma serie de buracos.

A bomba incandescente póde tambem ser empregada contra os aeroplanos e, embora mesmo n'este caso, não communique o fogo, opéra como se fosse um projectil ordinario.

Viajantes illustres

Mr. Roosevelt e a sua nova Casa Branca

O antigo presidente da republica dos Estados Unidos norte-americano sahiu ha semanas de Nova York e esteve nos Açores, na Horta, a caminho para a sua excursão africana. Acompanha o Mr. Kermit Roosevelt, o photographo da expedição, seu segundo filho, o major Edgar A. Mearns, Mr. Alchen e Mr. Edmond Hales, naturalistas. De Napoles partiu para Mombaça, e de lá para Uganda e Noirodi, pelo caminho de ferro. Demora-se ali seis mezes. Cada explorador leva comsigo trinta carregadores Facto curioso o seu equipamento para as grandes caçadas foi fornecido por uma casa ingleza e não americana.

A BARRACA DE QUE SE SERVIRA' NA SUA EXPEDIÇÃO AFRICANA

Mr. Roosevelt, como é sabido, deliberou partir para a Africa, para que não se diga que o seu successor e seu amigo Mr. Taft, podia ser influenciado por elle.

Exploração do polo sul

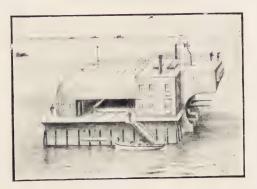
O tenente Ernesto H. Shakleton, o Nansen do sul, como lhe chamam em Inglaterra, commandante do barco *Nimrod,* foi até hoje o explorador que mais se

approximou do polo sul. Acompanhado pelo tenente Adam, Mr. Eric Marshall e Mr. Frank Wild, alcançou um ponto apenas distante cento e onze milhas do polo e ahi hasteou a bandeira do seu paiz, que lhe foi dada pela rainha Alexandra.

Shakleton foi mais adeante trezentas e quarenta milhas que o capitão Scott. Outra parte da tripulação do *Nimrod* descobriu o polo sul magnetico e ahi

TENENTE SHAKLETON

arvorou outra bandeira. O tenente Shakleton é irlandês mas foi educado em Londres. O inicio da sua carreira fê-lo como official da marinha mercante e embarcou durante algum tempo nos vapores da «Union Casthe Line». Ultimamente era um dos membros da expedição antarctica «Discovery».

Uma ilha artificial

EXPERIENCIA DE TORPEDOS NA «REDE» DE HYÉRES

Opera allemã

Obteve um exito verdadeiramente triumphal a tetralogia de Wagner, no theatro de S. Carlos. A fórma como as quatro peças foram postas em scena, o seu desempenho e enthusiasmo com que o publico as ouviu e as applaudiu, assignalam uma epocha notavel na historia do nosso theatro lyrico.

As operas *O ouro do Rheno, O annel de Niebelung, A Walkyria* e *O Crepusculo dos Deuses,* cantadas nas principaes cidades do mundo, composições de excepcional merito, não podiam deixar de alcançar em Lisboa o soberbo acolhimento que tiveram.

Tauromachia

Já abriu as suas portas a praça do Campo Pequeno, o que equivale a dizer que estamos em plena época tauromachica.

A' testa da nova empreza encontram-se os distinctos aficionados, srs. Albino José Baptista e Luiz Lacerda, por todos reconhecidos pela sua seriedade e conhecimentos profissionaes, o que é segura garantia das bellas corridas que alli vão ter os amadores do popular espectaculo.

ALBINO JOSÉ BAPTISTA
Socio gerente da empreza Baptista & Lacerda

Segundo o cartaz-aviso, o publico da capital verá este anno desfilar pela primeira praça do paiz, além dos melhores artistas portuguezes, as principaes summidades do reino visinho, como Fuentes, *Bombita, Machaquito, Gallo,* etc.

Obras d'arte

A «MAQUETE» DO MONUMENTO A JOÃO DE DEUS, DO ESCULPTOR MOREIRA RATO

E' primorosa a *maquette* que o apreciado esculptor Moreira Rato expoz ao publico como projecto do monumento que se prepara ao mais popular dos poetas lyricos portuguezes—João de Deus.

O pedestal é elegante e em volta d'elle erguem-se varias figuras allegoricas, todas cuidadosamente tratadas; no vertice o poeta naturalmente sentado tem um aspecto meditativo.

A obra de Moreira Rato é bella e digna de executar-se em qualquer praça publica. Para o conseguir formou-se uma commissão constituida por algumas senhoras e cavalheiros em evidencia no nosso meio social, litterario e jornalistico. Na primeira noite em que essa commissão se reuniu, abriu-se uma subscripção que subiu logo a elevada quantia. E' de esperar que tão auspiciosa iniciativa não fique por ahi.

Medalha commemorativa

MEDALHA DE OURO «CRUZADA DA INDIA»

O sr. commendador Antonio André Pessoa, foi portador do Rio de Janeiro para Lisboa, da medalha de ouro, *Cruzada da India*, offerta do Real Centro da Colonia Portugueza daquella cidade, ao cruzador *D. Amelia* na pessoa do seu commandante Nunes da Silva. Acompanha-a um *bilhete de ouro* que tem os seguintes dizeres:

«*O Real Centro da Colonia Portugueza no Rio de Janeiro, offerece ao Cruzador da Armada Real «Dona Amelia», na pessoa do seu digno Commandante Capitão de Fragata Joaquim Nunes da Silva, a medalha Cruzada da India, com que distingue os seus grandes benemeritos.* — 10-9-08.»

Tolstoi e a musica

Uma notavel artista russa, a sr.ª Londowchia, conta, que tendo passado ha dois annos o Natal em casa de Tolstoi, se admirou de vêr, como em tão avançada edade, elle se commovia com a musica, que conhece e aprecia muitissimo.

São os classicos que elle sente com praser, mas Choupim é o seu valido.

A musica antiga tem para o grande velho um especial encanto e lamenta que Hænde e Rameau estejam votados ao abandono. «E' musica (diz elle) que me transporta a outro meio. Tenho os olhos e julgo viver em seculos passados.»

Tolstoi tem collecciomado grande copia de canções populares russas que envia ao seu amigo Tschaikowsky, compositor russo, pedindo-lhe que as reuna e desenvolva «á maneira de Henday e de Mozart, e não de Schumman ou Berlioz.»

Esgrimistas portuguezes que foram a Nice disputar a taça do conde Alberto Gaultier no campeonato internacional de esgrima.
Carlos Gonçalves, Mario de Noronha, Ferreira de Castro e Sebastião Heredia

Pintura portugueza

Exposição Teixeira Bastos. — Verdadeiramente encantadora a exposição de quadros do illustre professor sr. Julio Teixeira Bastos, esse pintor de elevado merito que pelo seu esforço, pelo seu estudo e pelo seu grande amor á arte, conseguiu salientar-se, n'este meio de politicos e indifferentes, com as suas

vivas e indiscutiveis affirmações d'uma rigorosa compleição de artista.

Modesto, como todos os artistas que trabalham para satisfação do seu espirito, sem se deixar render ao elogio banal, profundamente absorto nos seus sonhos de arte, os seus trabalhos são cheios de sinceridade, feitos com a honesta consciencia dos que só ao seu talento e aos seus esforços querem dever os applausos da critica.

N'esta ligeira apreciação apraz-nos destacar, entre as sessenta e seis telas que enchem as paredes do elegante atelier do sr. Teixeira Bastos, o quadro *Viriato,* onde a paleta do distincto artista soube, maravilhosamente, comprehender a figura epica do Pastor dos Montes Herminios, surgindo entre os penhascos escalvados e severos da Serra da Estrella. Mal despertados ainda da viva emoção produzida pela tela a que nos vimos de referir e á qual a critica mais exigente não negará homenagem, e eis que já ali nos apparece o *Beijo de Judas,* documentando o talento e os conhecimentos technicos que possue o auctor, para conseguir os effeitos de luz e as gradações de côr que valorisam, especialmente, este quadro. *Castanheiros (Valles)* revela-nos as poderosas faculdades de paysagista que illustram, com singular relevo o notavel pintor, no nosso meio artistico.

Na exposição avultam ainda *Macieiras em flôr, Cabeça de Velha, Pinhal Manso, Limpando metaes, O almoço da Anna velha, Refeição da manhã* e *Gallinhas e Pintos* cuja expressão de verdade é flagrante.

Sociedade Silva Porto. — Com uma numerosissima concorrencia e os mais justos e calorosos applausos da imprensa, realisou-se a nona exposição de pintura d'esta benemerita collectividade, que de ha muito traz o seu nome ligado aos progressos da arte picturial no nosso paiz.

Embora esta noticia não possa ser mais do que o mero registo d'um acontecimento notavel do mez, ao qual a critica tem que ser quasi, em absoluto, extranha, não podemos deixar de affirmar a nossa admiração pelos trabalhos expostos que se traduzem, innegavelmente, por novos e poderosos documentos do valor artistico dos seus expositores. Estes são os srs. Abel Santos que, seguindo escrupulosamente os processos artisticos de Carlos Reis, apresenta 19 paysagens, onde venceu brilhantemente as innumeras difficuldades inherentes a este ramo de arte; Frederico Ayres, que, nas telas *Uma Rua, Depois do Ocaso* e *Estrada do Padrão,* demonstra uma observação de pormenores e uma riqueza e harmonia de côres que lhe dão titulo e fóros de verdadeiro artista; João Trigoso, que nos trechos tirados de varios panoramas algarvios, se confirma um artista de talento, de

ABEL SANTOS

F. AYRES

JOSÉ CAMPAS

LEANDRO CALDERON

(Da Exposiçao Silva Porto)

quem muito tem a esperar a pintura portugueza; José Campas, um temperamento artistico de firmada reputação, mostra-se, n'esta exposção, o espirito estudioso e infatigavel que lhe tem valido um logar

CONDUCÇÃO DE EGUAS
(Quadro de Antonio Saude)

preponderante entre os novos, sendo encantadoras, entre outras, as suas telas *Espalhando o milho* e a que destinou á prova do concurso para Paris; Leandro Calderon foi na verdade, muito feliz na escolha dos

O CALDO VERDE
(Quadro de José Campas)

assumptos dos quadros, aos quaes deu um realismo saggestivo; finalmente Alvares Cardoso e Antonio Saude revelam-se mais uma vez, em lavores a que não faltam technica e alma, artistas de fulgurantes meritos.

Anthero de Quental

Antonio Sergio, um escriptor nervoso, impressionavel, cheio de talento, escreveu sobre os *Sonetos* e as *Tendencias geraes da philosophia,* de Anthero do Quental, um livro substancioso, sensatamente orientado, um livro de larga documentação, que todos devem ler. E' mais uma obra de valor a juntar ás que se occupam dos trabalhos do grande poeta e prosador, morto em plena florescencia da sua pujante mentalidade.

Aspectos de cidades estrangeiras

A FAMOSA AVENIDA DAS TILIAS, EM BERLIM

Theatros

D. Amelia. — A época d'este inverno, no D. Amelia, ficou brilhantemente assignalada nos annaes do theatro portuguez, com a representação da peça *Os Postiços,* a que Eduardo Schwalbach soube imprimir

EDUARDO SCHWALBACH

os fulgores do seu extraordinario talento como comediographo. E, se é certo, que de ha muito os meritos do illustre escriptor estavam affirmados na complexidade extraordinaria de generos litterarios que tem cultivado, com invariavel exito, não é menos verdade que o seu ultimo trabalho theatral, comprovando-lhe faculdades já reconhecidas, lhe vem

evidenciar outras d'um valor não menos real e indiscutivel.

A peça *Os Postiços,* é desenvolvida em cinco actos, onde as allusões acirradas a uma sociedade impostora e cruel, esfusiam entre as teias de filigrana d'um drama psychologico, que detem o publico vibrante de interesse do primeiro ao ultimo acto. Não faltam ali os typos dos politicos de toda a parte e das grandes damas da vida mundana, gravitando em volta d'um meio de intriga que consegue disfarçar-se, á força de se integrar no embuste da mentira, nos escrupulos dos convencionalismos, nos excessos de virtudes nunca sentidas mas que é mister infligir aos outros, com os maiores rigores.

No desempenho destacam-se Luz Velloso, Emilia de Oliveira, Angela Pinto, Chaby e Pinheiro, cujos recursos scenicos dão o mair relevo aos papeis que lhes são destinados.

E imperdoavel seria fecharmos esta noticia sem alludirmos á iniciativa arrojada do visconde S. Luiz de Braga, que no louvavel emprehendimento de fazer representar *Os Postiços* no elegante theatro D. Amelia, com todos os atractivos d'uma *mise-en-scène* luxuosa, manifestou mais uma vez as qualidades fulgurantes que põem em destaque a sua figura de emprezario.

Trindade. — Depois de nos dar varias operas de auctores francezes e italianos traduzidas para portuguez, a arrojada empreza da Trindade, faculta-nos o verdadeiro prazer espiritual, de apreciarmos uma opera genuinamente portugueza, a *Serrana,* a que os seus auctores, Alfredo Keil e Lopes de Mendonça, teem cingida uma das mais gloriosas corôas da sua vida artistica.

O que a *Serrana* é como technica e como sentimento nacional; as poderosas faculdadas de talento e de alma que ella synthetisa estão, decerto, de ha muito consagradas, devidamente, pela critica. A Historia da Arte ha-de curvar-se, eternamente, e com renuncia ante esse trabalhador modesto que, apenas, encorajado pelo seu extremado amor á arte, scube triumphar d'um meio apathico e desolador que, por principio, lhe devia ser adverso.

THEATRO DA TRINDADE — «SERRANA», *opera de Alfredo Keil e Lopes de Mendonça*
(Final do terceiro acto)

Resta-nos, pois, salientar os prodigios de valor que o maestro Luiz Filgueiras faz na regencia da orchestra e o desempenho correcto da parte de Delphina, Bensaude, Victor e Pratas que, dia a dia, evidenciam novas e notaveis aptidões.

Avenida. — A esplendida revista *A Nove* tem sido, sem duvida alguma, um dos mais felizes successos do theatro Avenida, n'esta época, continuando, portanto, em noites successivas, a sua carreira triumphal, sem que o publico se fatigue de lhe prodigalisar applausos.

Entre as interpretes, devemos destacar Julia Men-

des, a actriz intelligente e estudiosa que conhecemos de sempre; Auzenda de Oliveira, a figurinha gentil, de *biscuit* que polvilha de graciosidade a revista ou a opereta em que seja um elemento, e, finalmente; Flora Dyson cuja elegancia e vivacidade se tornam qualidades para a distinguir em qualquer papel do genero theatral que cultiva.

Tudo o que se diga para frizar as qualidades que valorisam o rigoroso drama do insigne escriptor, ficaria além do amor que a sua representação calou na alma do publico, traduzido em applausos freneticos e expontaneos.

THEATRO DA AVENIDA — «A NOVE», *revista de Sousa Bastos*
(Final do segundo acto)

Principe Real. — Com excepcional successo, têem-se representado, n'este theatro, a peça do illustre dramaturgo Marcellino de Mesquita, *Envelhecer,* cuja intensidade dramatica encontrou uma interpretação apaixonada e emocionante, nos temperamentos artisticos de Maria Falcão e Eduardo Brazão.

O theatro Principe Real, que se propoz a dar uma época de arte a valer ao publico lisboeta, reunindo para isso, um elenco em que se contam alguns dos vultos mais em evidencia na scena portugueza, tem conseguido, com brilhante exito, o seu *desideratum,* para o que contribuiu tambem, a serie de conferencias litterarias effectuadas ultimamente no mesmo theatro, conferencias effectuadas por alguns dos nossos mais distinctos homens de lettras.

CONDE DE BURNAY

Na edade de 72 annos, falleceu em 29 de março ultimo, o Conde de Burnay. Personalidade pelo proprio esforço creada, conquistou no paiz e fóra d'elle, proeminente situação. Foi um exemplo de trabalho, de corajosa energia e de tenacidade, e se d'ahi lhe resultou fortuna, egualmente prestou grandes e importantes serviços ao Estado e ao progresso do Paiz. Muito atacado em vida pelas ambições e invejas, tiveram esses ataques a mais eloquente resposta no numeroso concurso de todas as classes sociaes ao seu funeral, que foi o mais imponente de que em tempos recentes ha memoria. E mereceu a justiça que se lhe fez, porque não foi só um homem de bem, mas um homem bom, sempre generoso e discretamente prompto a ajudar e soccorrer.

TYP. ANNUARIO COMMERCIAL - C. GLORIA, 5 - LISBOA

As nossas capas de luxo

Com o n.º 42, completou este bello magazine portuguez — **Serões** — o **7.º volume** da **2.ª serie.**

Os nossos estimaveis assignantes que desejarem utilisar-se das capas — de bello effeito em fundo de percalina vermelha a ouro e negro — pódem enviar-nos os 6 numeros para encadernar, juntamente com a importancia de 300 réis (custo da capa), 100 réis (de empaste) e 100 réis (de porte do correio), ou seja, tudo, **500 réis,** que dentro de cinco dias receberão o volume encadernado.

Os **Serões,** assim acabados, mais evidenceiam ser a publicação, relativamente, mais barata que se faz entre nós.

1.ª Série
QUATRO VOLUMES
A 1$200 réis cada

2.ª Série
SETE VOLUMES
A 1$200 réis cada

NOTA. — O maço a remetter-nos deverá ser embrulhado em papel consistente, atado com cordel forte, para que os numeros não soffram com o transporte. O pacote, devidamente estampilhado com sello de 80 réis, deve ser dirigido á

Administração dos SERÕES

Praça dos Restauradores, 30 — LISBOA

SERÕES

LIVRARIA FERREIRA

132, R. DO OURO, 138 — LISBOA

N.º 48 — JUNHO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Praça dos Restauradores, 27 — Telep. 805

Typ. do Annuario Commercial — Praça dos Restauradores, 27

Proprietaria: Livraria Ferreira — **Director litterario:** Eduardo de Noronha — **Director gerente** Caldeira Pires — **Séde da redacção e administração:** Praça dos Restauradores, 30. — Composto e impresso na **Typographia do Annuario Commercial**, Praça dos Restauradores, 27.

Os* SERÕES, *perante a enorme desgraça que acaba de ferir os desventurados do* Ribatejo *com o ultimo abalo de terra, associam-se commovidamente ao luto da nação por tão immenso cataclysmo, dedicando as mais sentidas lagrimas de pezar e piedade á memoria das victimas.

Summario

A

DIRECTOR LITTERARIO
Eduardo de Noronha

Serões

ADMINISTRADOR
Caldeira Pires

Propriedade da LIVRARIA FERREIRA

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Redacção, administração, officinas de composição, impressão, photogravura e encadernação

Praça dos Restauradores, 27

LISBOA (PASSAGEM DO ANNUARIO COMMERCIAL) Telephone 805

SERÕES
N.º 48 — JUNHO
LIVRARIA FERREIRA—EDITORA
132, RUA DO OURO, 138 · LISBOA

COMBATE DE GALLOS

COBRIL — COBRAS EM LIBERDADE

O ophidismo no Brazil

As mais temiveis cobras brazileiras — Meios de combater-lhes os effeitos do veneno — Os seruns anti-ophidicos

PARA a maior parte dos europeus, o Brazil não é só a famosa «terra da arvore das patacas», que tantas phantasias creou; é tambem «a terra das serpentes» que enche de pavôr a gente do povo. Certo, o grande paiz sul-americano, longe está de ser uma outra India, onde legiões de ophidios traiçoeiros causam annualmente horriveis hecatombes. Mas não se póde negar que nas mattas brazileiras existem numerosas cobras que victimam não poucas pessoas e constituem um justificado terror para os estrangeiros.

Querem os leitores conhecer alguns dos mais temiveis ophidios do Brazil? Pois vamos-lhes apresentar os mais interessantes que tivemos occasião de estudar no Instituto Serumtherapico do Estado de S. Paulo, — estabelecimento scientifico que consagra especial attenção aos meios de combater o ophidismo.

Uma das cobras mais perigosas é a *surucutinga,* ou *surucúcú pico de jaca,* denominada scientificamente *Lachesis mutus.* Vive nos Estados do Norte. Especie bem grande, chega a medir $2^{m},40$ e pesar 5:600 grammas, como um exemplar que examinámos. Tem uma côr amarellada ou rozea, em uma

serie de manchas pardas romboidaes. Notabilisa-se pela quantidade de veneno que produz.

A especie que determina mais accidentes é a *Lachesis lanceolatus* ou a verdadeira *jararaca*. Habita em todo o Brazil. Vive nas capoeiras e distingue-se pela sua ligeireza. Sua côr varia muito de um fundo

LACHESIS LANCEOLATUS — *Jararaca, Jararacuçú*

LACHESIS ALTERNATUS — *Urutu, Cruzeiro, Cotiára*

verde bem escuro, cinzento, ou pardo e algumas vezes amarellado, destaca-se de cada lado um desenho de côr preta, em fórma angular.

A *Lachesis alternatus* tem os nomes vulgares de *urutú, cruzeiro* ou *cotiára*. Habita só ao sul do Brazil. E' de uma côr parda marcada elegantemente de largos *CC* collocados em pares, ou alternados. Tem na cabeça um desenho que o povo acha parecido com uma cruz. O seu veneno é o mais hemorrhagico.

A *Lachesis neuwiedi* é chamada em alguns lugares *jararaca* e em outros *urutú*. De côr amarellada ou parda pallida, com manchas pardas, formando uma serie simples ou alternada. Pouco abundante. Possue pouco veneno.

A *Lachesis atrox* vulgarmente conhecida por *jararaca* ou *jararacuçú* é rara no Estado de S. Paulo. Côr parda com listas transversaes, ou com manchas triangulares, cujos vertices são muito proximos da columna vertebral. Seu veneno é muito activo, tendo uma acção digestiva intensa sobre os tecidos: chega a amputar o membro ferido.

A *Lachesis jararacuçú*, a verdadeira *jararacuçú*, tem no Rio de Janeiro o nome de *surucúcú tapete*. E' conhecida tambem por *urutú dourado*. Attinge grandes dimensões: já vimos um exemplar que media 2^{m},20. Apresenta, sobre um fundo preto, um desenho em fórma de dentes de serra, de côr amarella.

LACHESIS NEUWIEDI — *Urutú, Jararaca*

Habita os bosques e mattas á beira dos grandes rios. Muito rara no Estado de S. Paulo. Perigosa não só por produzir grande quantidade de veneno, como pelos effeitos d'elle: exerce acção fortissima sobre os tecidos, amputando o membro ferido.

A' *Lachesis itapetiningæ* o povo chama de *coatiarinha* ou *boipera*.

LACHESIS ATROX — *Jararaca, Jararacuçú*

Especie muito rara classificada pelo nosso mestre dr. Vital Brazil. Pequena, caracterisa-se por uma côr de terra amarellada em

LACHESIS JARARACUÇU — *Jararacuçú*

cima, com manchas pretas ovaes ou quadrangulares. Tem pouco veneno, porém activo.

Além d'estas especies, existem ainda pertencendo ao genero *Lachesis*, a *Lachesis biliniatus, Lachesis lansbergii* e *Lachesis castelnandii,* cujos venenos ainda não foram estudados pelo Instituto Serumtherapico.

A *Crotalus terrificus* habita em todo o Brazil. Conhecida por *cascavel* ou *boicininga,* é uma das especies mais terriveis, por ter um veneno muito activo. Vive nos campos e serrados. Destingue-se de todas as outras por ter na extremidade da cauda um guizo, que o animal agita quando se irrita, produzindo um barulho estridente.

De côr parda, com uma serie de manchas romboidaes escuras, mais clara ao centro.

O povo costuma dizer que cada annel do guizo corresponde a um anno de idade d'essa cobra, porém, tal crença não se baséa na verdade.

No genero *Elaps* existem diversas especies, entre ellas a *Elaps corallinus* e a *Elaps frontalis.* Vulgarmente conhecida por *coral,* esta torna-se notavel pela belleza dos seus anneis pretos e vermelhos e pelo seu brilho. Muito perigosa, pois produz bastante veneno de intensa actividade.

Estas duas ultimas especies tornam-se mais perigosas porque se parecem muito com as falsas coraes, que não são *venenosas.* Por isso, quem não as conhecer deverá evitar pegal-as, pois póde ser mordido por ellas, tomando-as por falsa coral. Não receiem, entretanto, em demasia, uma aggressão d'essa povorosa serie de ophidios peçonhentos, com que acabam de travar conhecimento. E' que já se descobriu o meio de evitar os males que elles causam, fazendo numerosas victimas.

CROTALUS TERRIFICUS — *Cascavel, Boicininga*

O DR. VITAL BRAZIL, DIRECTOR DO ESTABELECIMENTO, PROCEDENDO A EXTRACÇÃO DO VENENO OPHIDICO

Um illustre medico brazileiro, o dr. Vital Brazil conseguiu fabricar um *serum* que combate victoriosamente os venenos de todos esses terriveis inimigos do genero humano.

Para o preparo d'esse medicamento existe no Estado de S. Paulo, um instituto, sob a direcção do dr. Vital Brazil. Fica situado em uma bella chácara denominada Butantan, á margem

O DR. DORIVAL DE CAMARGO PENTEADO INJECTANDO O VENENO OPHIDICO N'UM ANIMAL

esquerda do rio Pinheiros e a cêrca de 9 kilometros da capital do Estado de S. Paulo.

Além dos seruns anti-peçonhentos, prepara o Instituto o serum anti-pestoso e o anti-diphterico, a vaccina anti-pestosa, a tuberculina bruta e T. O. A. Occupa-se tambem de estudos scientificos sobre serumtherapia em geral e bacteriologia.

A extracção do veneno é feita de 15 em 15 dias, tempo necessario para que as cobras o elaborem outra vez.

LABORATORIO

Como se procede á extracção?

Isto está bem claro na gravura que illustra este artigo.

Logo depois de extrahido, o veneno é liquido; de côr branca leitosa, o da *Lachesis itapetiningœ* e *Crotalus terrificus*, e amarello o das outras especies.

A *Lachesis mutus* é que fornece maior quantidade de veneno. Em seguida, vêm a *Lachesis jararacuçú*, a *Lachesis alternatus*, a *Lachesis atrox*, a *Elaps frontalis*, a *Lachesis lanceolatus*, a *Lachesis neuwiedii* e por ultimo a *Lachesis itapetiningœ*.

COELHEIRAS E COBAYEIRAS

Emquanto á actividade e á acção physiologica, hemolytica, proteolytica e coagulante dos venenos, varia isso de uma especie a outra. O de cascavel é o mais activo de todos, pois 1 gramma mata um milhão de pombos. Na acção hemorragica salienta-se o da urutú. O da jararacuçú e o da *Lachesis atrox* têm uma acção local muito grande.

Uma vez extrahido o veneno, filtra-se e leva-se á estufa para seccar. Na media, 1 cc. de veneno liquido dá $^1/_3$ de veneno secco.

Quando temos de fazer injecções nos animaes, dissolvemos o veneno em agua physiologica (solução de sal de cozinha a 7 por 1:000).

Prepara o Instituto Serumtherapico do Estado de S. Paulo, em Butantan, três qualidades de seruns anti-peçonhentos:

O *anti-crotalico*, fornecido por animaes immunisados com veneno de cascavel e applicado nos casos de mordedura por cascavel;

O *anti-boltropico*, fornecido por animaes immunisados com o veneno de *Lachesis lanceolatus*, *Lachesis alternatus* e *Lachesis atrox*, e applicado nos casos de mordedura por jararaca, urutú e *Lachesis atrox*;

JARDIM E POMBAL

O SR. BRUNO RANGEL PESTANA
JUNTO AO PORTÃO DO LABORATORIO

O *anti-ophidico*, fornecido por animaes immunisados pela mistura de todos os venenos e applicado nas mordeduras de qualquer cobra, ou quando não fôr conhecida a especie que produziu o accidente.

Para o preparo d'esses seruns, possue o Instituto oito animaes: três para o serum anti-crotalico; dois para o serum anti-boltropico, e três para o serum anti-ophidico. Emprega indifferentemente o burro ou o cavallo para tal fim.

Para immunisarmos os animaes que teem de fornecer o serum, principiamos a injectar debaixo da pelle, dóses muito pequenas e vamos augmentando-as progressivamente, até chegarmos a injectar maiores, como a de 2:500 grammas. Esta dóse é capaz de matar 2:500 animaes e no entanto, o animal immunisado resiste e continúa a viver.

Uma vez injectado, o veneno, as cellulas dos animaes que o receberam, digerem-no e fabricam uma substancia que tem a propriedade de neutralizar a peçonha. Tal substancia é lançada na corrente circulatoria, onde se accumula.

Grande trabalho nos dão esses animaes durante a sua immunisação. Por occasião de cada injecção, apparecem n'elles abcessos enormes que precisam ser rasgados, drenados e curados. Além disso, ás vezes succumbem durante a immunisação.

COCHEIRA-ENFERMARIA PARA ANIMAES PESTOSOS — PAVILHÃO DE SANGRIA

RESIDENCIA DO DIRECTOR

Um facto interessante que observámos em um d'esses animaes: deixando por algum tempo, de receber veneno, elle emmagreceu consideravelmente, ficando mesmo paralytico; porém, continuando-se com as injecções, se restabeleceu, engordando outra vez.

Depois de um tratamento longo, de repetidas injecções, passado cêrca de um anno, quando verificamos que no sangue já ha uma grande quantidade de substancias fabricadas pelas cellulas e capazes de neutralisar forte quantidade de veneno, retiramos uma pequena porção de sangue para dosar. Se 1 cc neutralisa a quantidade de veneno sufficiente para matar 500 pombos, sangramos o animal. Depois de cada sangria, o valor anti-toxico do serum do animal baixa muito, tornando-se necessario fazer uma nova serie de

CASA DO ADMINISTRADOR

injecções de veneno para que o serum adquira novamente a sua actividade.

Com todos os cuidados de asepsia, é feita a sangria e retirados em geral, 5 litros de sangue de cada animal. O sangue é colhido directamente em vasos proprios, onde fica durante 48 horas para coagular. Findo este prazo, transvazamol-os para alongas, onde permanece por 10 dias, até ser distribuido em tubos e entregue ao consumo.

De anno para anno augmenta de um modo consideravel o consumo de serum. N'este anno já sairam 4:200 tubos, até 30 de novembro.

INTERIOR DO LABORATORIO — ACONDICIONAMENTO DO SERUM

Para toda a America o Instituto envia serum, e numerosas são as communicações que chegam, attestando a efficacia d'este poderoso medicamento.

O proprio auctor d'estas linhas, pode dar o mais eloquente attestado da efficacia do serum em questão. Mordido por uma *Lachesis jararacuçú,* quando no Instituto lhe extrahia o veneno, recebeu n'um dedo grande quantidade de peçonha, cujos effeitos toxicos já sentia depois de meia hora. Ficou, entretanto, completamente curado, com a applicação do poderoso remedio inventado por Vital Brazil. Assim, a este deve a vida, que infallivelmente haveria perdido, se não encontrasse á mão tão humanitario especifico, destinado a prestar enormes serviços á população brazileira, que não será mais terrivelmente desimada por traiçoeiros ophidios.

Brazil — S. Paulo.

BRUNO RANGEL PESTANA
(Do Instituto Serumtherapico do Estado de S. Paulo.)

A caminho...

A minha Mãe

Vae-se-me a ignota vida amortecendo,
Vae-se-me a luz dos olhos apagando;
Entro na paz, e um bem irei sonhando
Se algum bem encontrar em ir morrendo.

Se tudo eu já perdi! . . . viver soffrendo!
Antes a paz do tumulo, cantando,
Me junte ás almas que lá estão amando,
Me roube a vida, de que vou descrendo.

Se tudo que foi meu me foi levado,
Deixem que eu entre n'esse mundo amado,
Longe d'aqui, por onde me vou errando . . .

E tu, ó minha Mãe do coração!
Se me vires nas taboas do caixão
Fecha-me os olhos que inda irão chorando!

Belem — Pará.

JOAQUIM MAGALHÃES.

BEDUINAS (SYRIA)

Costumes populares da ilha Terceira

Os mantos

Uma das maiores surprezas do forasteiro que visita as nossas bellas ilhas, tão notaveis na originalidade da paisagem como na conservação dos velhos usos portuguezes, é vêr na multidão a mancha negra dos mantos e capotes, em que o geral das mulheres se embiocam, occultando as fórmas. Habituando-se porém revelar-lhe-ha o manto encantos novos, dando-lhe o aperitivo do mysterio e o interessante enygma da mascara; augmentando o encanto do rosto que, por grande favor, se descobre aos olhares desejosos, no deslumbramento da seductora belleza das faladas mulheres da Terceira, de uma aristocratica finura inconfundivel.

Transfundiu-se na mais pura raça portugueza do seculo XV o sangue flamengo, que deu o typo esbelto, a frescura da tez ás deslumbrantes louras; dotou-a o Brazil da exhuberancia dolente das creoulas, cabello de azeviche, dentes miudinhos, fundas olheiras; trouxe-lhe a dominação hespanhola o galante requebro da andaluza e o preto dos seus olhos sonhadores; e o dos hebreus fugidos transmittiu á sadia carnação das morenas, olhos apaixonados de judia onde esvoaça a nuvem da saudade.

Andam as esbeltas embiocadas todas de negro, dos pés á cabeça, saia de merino

preto, o capuz do manto envolvendo-as do taboleiro de cartão até á cintura, onde se cinge n'um refêgo, os braços colhendo os extremos do involucro e rebuçando-o na frente, por fórma a só ficar aberto um pequeno oculo, que se move como um bico de passaro, apontando-se insistente na ameaça da curiosidade.

MANTILHA (CHILI)

Depois a dentro dos mantos, sob as pregas apparentemente uniformes, advinham-se no esguio, no flexivel da cintura, no irrequieto do biôco, no adejar de vôo dos largos pannos, as raparigas casadoiras, mirando ao longe os namorados; presentem-se no pesado abandono de embrulho esquecido, as quarentonas sem futuro, gordanchudas, afogadas nos inuteis seios, semeadas entre os grupos, como escolhos, em tôrno dos quaes esvoaça o bando de garças; ou encostando umas ás outras, n'um tremelicar nervoso, os biôcos, como antenas de formigas, em commentarios de beaterio.

Variando de ilha para ilha, alternando

CARRO DE TOLDO — TRAJOS POPULARES

com o capote e capêllo, transitando do berneo de ha cincoenta annos, para o azul escuro, o castanho e o negro de hoje em dia, são os mantos uma revivescencia do velho costume portuguez das côcas, do veu impenetravel da mulher mussulmana.

No cancioneiro de Garcia de Rezende ha referencia aos rebuços:

Vós ireis embiocada
de alfareme de cendal.

A relação da viagem de Tron e Lippomani em 1571 mostra os mantos em uso geral.

Das mulheres de Elvas e Villa Viçosa fala assim: «formosas mulheres, gentis e desembaraçadas, trajos semelhantes ás castelhanas, mas não andam tão embuçadas nem tão arrebicadas e brunidas.»

O MANTO

de toda a Hespanha; isto é, o manto grande de lan ou de sêda, segundo a qualidade da pessoa. Com elle cobrem o rosto e o corpo inteiro e vão aonde querem, tão disfarçadas, que nem os proprios maridos as conhecem, vantagem esta que lhes dá maior liberdade do que convem a mulheres bem nascidas e bem morigeradas.»

Ao mesmo tempo mostram os mantos, os biôcos, os rebuços em pleno uso nas mulheres mussulmanas, os documentos graphicos actuaes.

Não consentindo os velhos usos portuguezes que sahisse *em corpo* uma senhora só, permittiu o incognito do manto dispensar a creada de capote, ou o escudeiro.

TECEDEIRAS

Em Lisboa era o mesmo o costume: «O trajo feminino de Lisboa é o commum

Com o manto reunem-se as mulheres á multidão nas procissões, acompanham as co-

roações, vão aos terços, ás devoções, ás musicas, ás manifestações politicas, á chegada e partida do vapôr de Lisboa, que constitue sempre um acontecimento sensacional.

De imposição ciumenta do arabe, que cerrava a mulher a dentro das gelosias, deixava na fachada apenas a minguada abertura da porta, e voltava as janellas para o pateo interior, tornou-se o manto um meio de independencia, permittindo á mulher ir em ranchadas alegres, correr ás diversões populares e tradicionaes.

Mas não se limita aos mantos a revivescencia dos velhos usos portuguezes.

CAPOTE E CAPÊLLO

Ha tambem os curiosos trajos das camponezas, as *mulheres do monte*, cabello de risca ao meio a luzir de unto, saia pela cabeça, entufadas de saias sobre saias, os pés mettidos em galochas de cedro, com pálas de coiro verde, azulado e vermelho, luzentes de ilhós, cravejadas de pregos de aço.

São tambem muito originaes os leiteiros, barba ruiva, pé descalço, camisola de linho presa ao pescoço por botões de oiro; carapucinha preta, com orelhas vermelhas, pequena como a palma da mão, posta á banda n'um elegante equilibrio; batendo o bordão com ponteira rendilhada, trazendo ao hombro as cabaças sêccas ao fumo, rolhadas com herva, cozidas a cordel nas fendas por onde arregoam, gottejando leite.

A par do manto, o velho costume portuguez, castelhano e arabe, que só na ilha Terceira revive, ha tambem o capote, ainda conhecido em Lisboa, nas raras velhas que não podem separar-se do luxuoso adorno do seu tempo.

O capote immortalisado por Bordallo Pinheiro, nas bellas figurinhas de barro, nas scintillantes paginas do *Antonio Maria*, não se usa porém com o lenço engommado, em pontas, na bizarra attitude de um desafio, no adejar de borboletas brancas, no volitar em torno ao mexerico, ao escandalo, do celebre côro das velhas do *Solar dos Barrigas*.

O capote, farto, rodado, é inseparavel do capello, que dá um disfarce tão completo como o manto, sem permittir porém o petulante que n'aquelle assume o rebuço em oculo, em vigia, em bico de passaro.

Ainda em principio do seculo XIX o capote era commum aos dois sexos; usavam-o vermelho as mulheres, o famoso capote berneo, de que ainda ha na antiga gente uma saudosa tradição. Os artistas faziam consistir o seu luxo n'um bom capote de panno azul, com fe-

MULHERES DO CAIRO

chos de prata. Hoje é quasi exclusivamente um trajo feminino, ora azul escuro, ora côr de pinhão.

Comquanto proporcionem ambos o mesmo commodo disfarce, o capote e capello só é usado pelas classes populares.

O manto é um trajo fino, revelando na qualidade do tecido, no córte, na elegancia do pregueado a qualidade da mulher embuçada.

MULHERES DE DAMASCO

No Algarve chamava-se mandil ao rebuço mourisco, o mesmo nome que tem na Corsega o panno com que as mulheres cobrem a cabeça. Resta-nos o rifão, apezar de cahido o trajo em desuso: «Abril, aguas mil, coadas por um mandil», ás vezes corrompido em «coadas por um *funil*», perdida a comprehensão da palavra. No Porto o rebuço recebia o nome de mantilha.

No Alemtejo ainda ha quem se lembre do uso das côcas. Na ilha Terceira o manto, o capote e capello, dizem com o recato da velha e gloriosa povoação portugueza, as janellas de altos ralos, onde mal assoma uma cabeça ao postigo; os telhados de grandes beiraes, como abas de chapeu carregado sobre o rosto: a bella cidade d'Angra do Heroismo mascarada pelos pannos de muralhas, pelas fortificações do Monte Brazil, pelas cortinas dos seus dois castellos, celebrados nas luctas liberaes, só revelando o recatado encanto aos que lhe ganham a intimidade indo até ao ancoradouro da sua *angra*, tão pequena e tão linda.

FAUSTINO DA FONSECA.

ARGELINAS EM TRAJO DE PASSEIO

UM CORDEIRO EM PELLE DE LOBO

POR Percy Reinganum

— Os senhores não estão em casa, foram para o campo, disse a creada.

Encarei-a com pasmo.

Ha longo tempo esperava este dia feriado, tencionando convidar Melissa para um passeio no rio, longe das turbulentas multidões; isto no caso de não haver objecções da parte do tio ou da tia. O tio, nos ultimos tempos, permittia-se a liberdade de fazer objecções; porém eu nutria a esperança de obter, com o auxilio de alguma diplomacia, a concessão de umas horas de completa felicidade na companhia da sua muito adoravel sobrinha.

Agora, via de chófre cahir por terra, todas as minhas esperanças, todos os meus planos, perante as palavras de uma creadinha ladina.

— Quando partiram? perguntei, não tanto pelo desejo de o saber, como pela inexplicavel reluctancia em voltar para traz, tornando a descer a escada, que momentos antes havia subido tão lepidamente.

— Na quarta-feira, retorquiu a creada.

— Bem, faça-me o favor de lhes dizer que os procurei. Boa tarde.

Desci lentamente dois degraus. Então, uma vaga idéa principiou a formar-se no meu cerebro. Voltei-me. A rapariga ainda não fechára a porta.

— Para onde disse que tinham ido?

— Eu não disse nada, replicou ella, com os olhos a luzir.

A minha idéa tornou-se uma inspiração. Galguei de novo os degraus e metti-lhe na mão uma moeda de prata.

— Para a Praia de Saint Winyards, disse a creada.

— A direcção? perguntei, avidamente.

— Não sei, respondeu ella. Não m'a deram.

Affastei-me um tanto vexado. Teria sido natural que Melissa me avisasse da partida, pensei; acabando, porém, por concluir que ella não tivera culpa. Afinal o que era eu para Melissa? Um simples conhecido — um amigo talvez — que a visitava com mais ou menos frequencia, sem manifestações exteriores, que trahissem as intimas emoções na alma, desabrochadas e desenvolvidas com crescente rapidez. Fosse eu o que fosse para ella, um conhecido, um amigo, um mais do que amigo, formára-se no meu cerebro um proposito inabalavel: partir para Saint Winyards no primeiro comboio, n'essa linda tarde cheia de sol. Voltei, a correr, a casa. Atirei com um collarinho e uma escova de dentes para a mala, puz na cabeça um Panamá — uma bella imitação pelo preço — encontrando-me na Estação de *Charing-Cross,* cheio de calor e de exaltação, a tempo de apanhar o comboio expresso das duas e trinta.

A carruagem — eu viajava em segunda classe — estava completamente cheia. Pouco reparei nos meus companheiros de viagem, com uma excepção: a de um homem novo em quem notei uma certa semelhança commigo — pelo menos era moreno, com um pequeno bigode e trazia na cabeça um Panamá. Emquanto ao resto, vestia um fato de quadradinhos, um tanto espaventoso, em contraste com o meu correcto fato de sarja azul e ostentava no dedo minimo um vistoso annel de brilhantes. Era acompanhado por um individuo de certa idade, baixo e

gordo, de calva luzidia e rosto vermelho.

O comboio partiu e eu absorvi-me na leitura do *Magazine*, que havia comprado na estação.

Continuava a ler, com pertinacia, quando chamou a minha attenção uma phrase, dita na outra extremidade da carruagem.

— O senhor e o seu companheiro querem tomar parte n'esta partida?

O rapaz do fato de quadradinhos assim se dirigia a dois passageiros, em frente d'elle. Tinha nas mãos um baralho de cartas e havia estendido um jornal sobre os joelhos e os do seu gorducho companheiro.

Não podia ver as pessoas, a quem elle se dirigira, por estarem do mesmo lado do que eu; mas ouvi umas phrases de assentimento e começou uma alegre partida de «Solo».

Achando-me muito distante para poder seguir o jogo, de novo me absorvi no *Magazine*, lendo por uma hora ou mais, sem interrupção. Porfim, tendo posto de parte o meu livro, para accender um cigarro, ouvi ao sujeito gordo, esta observação:

— Isto não tem graça. Vamos ao *Monte?*

Accederam novamente os que iam sentados em frente. Reparei em que o homem do fato de quadradinhos, fazia banca. Observei-os por algum tempo, parecendo-me ganhar os que iam sentados do meu lado. Depois, perdi o interesse e peguei mais uma vez no *Magazine*.

Achei um conto impolgante, prendendo-se-me de tal fórma a attenção, que só despertei ao ruido das agulhas da estação, vendo com surpreza que estavamos em Saint Wanyards.

Antes de ter bem a consciencia de que haviamos na realidade chegado, o homem do fato de quadradinhos avançou rapidamente, abriu a portinhola e, sem esperar que parasse o comboio, saltou, seguido de perto pelo companheiro, desapparecendo ambos rapidamente.

Ouvi que se trocavam phrases exaltadas no compartimento. Os dois individuos, na extremidade do banco onde eu ia, argumentavam com vehemencia, juntando-se á discussão alguns outros passageiros. Ouvi as palavras «gatunos»! «Fizeram-me uma *limpeza* completa»! «Eu no seu caso dava parte á policia». «Ainda no outro dia... e o maroto apanhou dois mezes de cadeia». Assim conclui que os dois cavalheiros, que acabavam de nos deixar, haviam feito uma viagem lucrativa.

O assumpto pouco me interessava, roendo outros pensamentos.

Ao saltar em terra, lancei em volta um olhar, na vaga e fallaz esperança de ver alguma indicação da presença de Melissa. Até a figura baixa mas imponente do tio, me teria enchido o coração de jubilo; brilhava, porém, apenas pela ausencia e o coração conservou-se-me vazio e triste.

Abri caminho com os cotovellos até á sala de espera, onde dei a guardar a mala, passando no caminho pelas duas victimas da *Batota*. Um d'elles empenhava-se em pedir o emprestimo de uma libra ao outro, que a seu turno não manifestava amistosa presteza em acceder aos rogos do companheiro.

Diriji-me para os lados da praia. Era um dia brilhante e cheio de sol. Encontraria com certeza Melissa, sentada ou passeiando, só ou acompanhada pelos tios, no passeio junto á praia. Ficará contente com a minha visita inesperada, ruminei eu? E occorreu-me quanto o contrario me seria desagradavel. Esta idéa de tal fórma me assustou, que cheguei a desejar não ter vindo; mas reanimei a minha coragem. O principal era encontral-a. Receei ter dado bastantes nas vistas atravessando o Passeio a passos largos, encarando os passeantes, examinando attentamente as pessoas sentadas nos bancos e nos recantos abrigados. Circumveguei minuciosamente muitos d'esses recantos, o que despertou as suspeitas de varias senhoras velhas, que seguiam com desconfiança as minhas evoluções.

Trez vezes fiz o percurso completo do Passeio, acabando por me deixar cahir sobre um banco, enchugando com o lenço o copioso suor do rosto.

Fazia muito calor. Não corria a menor viração e o mar, scintillando aos raios do sol, subia murmurando pela praia em pequenas ondas. Em frente de mim, via-se uma linha de barracas e aqui e além a cabeça de um nadador picava, com um ponto negro, a superficie scintillante do mar.

Apoderou-se de mim um desejo irresistivel — sahir da minha roupa quente e mergulhar n'essa agua fresca e crystallina. Esta impressão fez-me, augmentar de momento para momento o calor. Porque estava

eu ali sentado, a torrar? De um salto puz-me de pé e percorri com o olhar a multidão. Nem um signal de Melissa!

Resolvi tomar um banho.

Desci a escada para a praia e, fazendo estalar a areia debaixo dos meus pés, approximei-me das barracas, escolhi uma, pedindo ao hirsuto banheiro um fato de banho.

— Essa barraca não pode ser. Foi para lá agora mesmo um sujeito. A outra, ahi ao lado, está ás ordens.

Cinco minutos mais tarde, nadava vagarosamente nas salsas ondas. Sahi para o largo. Após uns momentos, voltei-me de costas e, olhos fitos no firmamento azul, deixei-me boiar, entregue a uma deliciosa sensação de completo conforto physico.

Passado tempo senti-me resfriar e voltando-me, nadei em direcção a terra. Ao approximar-me, lembrei-me de que não tinha reparado no numero da minha barraca. Recordava-me apenas de que, tanto ella como a que eu em principio havia escolhido, ficavam pouco mais ou menos a meio da fila. Chegado á praia, corri em linha parallela ás das barracas, tentando reconhecer a minha.

Havia outro banhista que pelos modos estava nas mesmas circumstancias do que eu. Vi-o olhar attentamente para dentro de uma das barracas, pela porta semi-cerrada, affastando-se logo appressado. Passando por elle pareceu-me cara conhecida; é difficil, porém, reconhecer alguem, sem o fato e com o cabello molhado. Voltou-se e caminhou vagorosamente para deante. Eu parei em frente da barraca onde elle havia espreitado e, alvejando o fundo escuro, vi pendurado o meu Panamá. Subi lesto os degraus, porque começava a tremer de frio e empurrei a porta semi-cerrada. Empurrei-a; mas um obstaculo qualquer empedia-me de a abrir mais. Entrei com esforço pela estreita abertura, fechei a porta e... dei de cara com um policia!

Nunca em minha vida, tivera surpreza tamanha. Receando ter-me enganado, titubiei umas desculpas, voltando-me para sahir. O policia estendeu-me o braço, defendendo a porta e pronunciou estas palavras surprehendentes:

— Isso é que não!

Era um policia muito alto e muito corpulento, mais parecendo um pescador desfarçado n'uma farda azul. Apezar do meu espanto não pude deixar de me admirar do facto de podermos ambos caber em tão exiguo espaço.

— Que jogo é este? Perguntei com altivez.

— E' o seu jogo que acabou, replicou o policia, esforçando se idiotamente por ter espirito. Vista-se, ande, e venha comigo.

— Não sei o que significa este seu procedimento, disse eu; mas, faça-me o favor de sahir da minha barraca; isto não é jaula para elephantes.

— Nada de piadas, retorquiu elle, com modo estolido e ameaçador. Vista-se e ande d'ahi comigo.

— Mas... comecei eu.

— Ande d'ahi comigo, repetiu elle, em tom monotono, dando-me a impressão de que essas palavras eram o estribilho de um duetto que iamos cantar. Começava a parecer-me tudo isto um sonho absurdo.

— Meu amigo, está laborando em erro...

— Ande d'ahi comigo, disse elle mais uma vez, o que tiver que dizer, ha de dizel-o na esquadra e com o fato vestido.

Então, olhando em volta, soffri outro choque.

— Ora esta! exclamei, este fato não é meu!

Por ali, pendurados em pregos e espalhados sobre o banco, viam-se as peças componentes d'um espaventoso fato de quadradinhos, e o chapeu panamá que me attrahira, não era, emphaticamente não era, o meu —. N'um relampago fez-se-me luz no espirito. Dei quasi uma gargalhada, com o allivio de descobrir uma explicação.

— Olhe lá, exclamei. Ponho-lhe as cousas a claro n'um momento! Procura um gatuno, um certo batoteiro de comboio! Deram-lhe parte d'elle esta tarde, não é verdade? Podera! Elle veio até no expresso das duas e trinta.

— Ora, se você o não havia de saber! interrompeu o policia, asperamente. Vá, basta de cantigas. Metta-se dentro d'essa farpella e avie-se. Não posso estar aqui todo o dia.

— Mas está enganado, eu não sou quem procura! Não percebe? Este fato não é meu. Enganei-me na barraca.

A bocca do policia escancarou-se em largo sorriso alvar e descaradamente piscou um olho.

— Não pega, observou elle, vi-o entrar

— vi-o sahir — metti-me aqui — e cá estamos os dois.

— Repito-lhe, exclamei eu, com desespero, esta barraca não é minha, nem esse fato me pertence. Não tenho comigo os meus bilhetes de visita; não é costume leval-os para o banho. Chamo-me Francisco Moberley.

— O nome do fim não conheço eu; mas sempre ouvi chamar-lhe Chico-Batoteiro.

— Qual historia! retorqui, indignado, nunca ninguem me chamou Chico.

— Batoteiro, corrigiu elle, com placidez, Chico-Batoteiro.

— Menos ainda, batoteiro! Já me estava chegando a mostarda ao nariz. Ora, vamos lá procurar a minha barraca.

O policia ficou immovel, barricando a porta. A fuga pela outra porta, atravessando a multidão em fato de banho, era impossivel.

— Se você se não veste depressa, chamo um collega, disse elle, brincando com o apito. Eu queria fazer a cousa sem barulho; mas se é teimoso, eu e o collega veremos que especie de embrulho poderemos fazer de você.

N'este momento eu tiritava de... frio e comecei a limpar-me vigorosamente, com o lençol. Rebusquei no meu cerebro a maneira de sahir d'este dilemma e porfim tive uma idéa.

— Se esperar cinco minutos, disse eu, o dono d'este fato deve apparecer.

Evidentemente impressionado pela minha sinceridade, o policia hesitou.

— Pois seja, replicou, vá lá cinco minutos; e depois, você veste-se e vem comigo.

Nunca na minha vida passei cinco minutos mais desconfortaveis, sentado a tiritar dentro do lençol, n'essa barraca humida e cheia d'areia, em face d'aquelle enorme policia, esperando — esperando pelo dono do fato de quadradinhos. Ninguem appareceu. De quando em quando, erguia os olhos para os do policia fitos, immoveis, em mim.

— Prompto! exclamou elle em voz aspera e tão repentinamente que eu dei um pulo.

— Um minuto mais! implorei, desolado; mas ao dizer isto comprehendi o que se passára. O outro, mais esperto do que eu, lobrigára o policia dentro da barraca e n'este momento, provavelmente, estava bem á vontade no meu fato, secco e livre, emquanto eu...

— Ande lá para deante exclamou rudemente o meu captor. Nada de conversas, Vista a farpella.

E eu obedeci. Que podia eu fazer? Vi-me de relance no pequeno espelho e tive um arrepio. Uma camisa côr de rosa, uma gravata azul celeste, um horrivel fato de quadradinhos! Pensei no meu correcto fato azul e soltei um gemido de dôr.

— Prompto, vamos lá, disse elle, ao verme encaixar na cabeça o Panamá do batoteiro. Passou o braço pelo meu e juntos sahimos, para a praia, cheia de sol.

Então, pareceu-me que os olhos de toda a multidão se fitavam em mim. O banheiro ficou de bocca aberta, vendo-nos sahir juntos de braço dado. Algumas creanças brincavam na areia, proximo da barraca. Deixaram cahir as pás e encararam-nos com espanto. Senti-me ruborisar dos pés á cabeça sob esse vergonhoso fato de quadradinhos e, quando chegámos á escada conduzindo para o passeio, parei de repente.

— Olhe lá, disse eu, se me larga o braço, prometto-lhe ir socegado, sem tentar fugir.

— E' muito calva, retorquiu o policia.

— Dou-lhe a minha palavra de honra, exclamei eu, supplicante; não me ponha assim em evidencia.

Apezar da sua rudeza, penso que era uma boa pessoa.

— Está bem, disse elle, não quero fazer as cousas desagradaveis de mais. Seguro-lhe só a manga.

Largou-me o braço agarrando-me na manga com mão de ferro, por fórma que, tendo nós os braços cahidos, se tornava quasi imperceptivel a prisão. Assim subimos para o Passeio

— A que distancia fica a esquadra? perguntei.

— A' um quarto de hora, replicou elle. Advirto-o que não fale mais, accrescentou. Aviso-o de que tudo que disser será tido como uma prova contra si.

Soltei uma gargalhada rouca e desesperada. O que será o fim d'isto? pensei.

Não podia convencer-me de que esta ridicula personagem, accompanhada por o gigantesco policia, era eu, Francisco Moberly; cheguei até a duvidar da minha propria innocencia. Se ao menos eu encontrasse

alguem que me conhecesse! Depois, n'um rapido reviramento, pedia a Deus que não fosse visto por alguma das minhas relações.

E então... vi Melissa!

Estava só, sentada n'uma cadeira americana, com um livro aberto e voltado sobre os joelhos, olhando pensativa para quem passava. Em momentos estariamos em frente d'ella.

senhora, que está sentada n'uma cadeira americana; depois irei comsigo.

— E' contra as ordens; mas ouvindo eu tudo, não ha novidade.

Juntos approximamo-nos e parámos em frente de Melissa. Ella levantou a cabeça, olhando-nos surprehendida.

— Miss Mandeville, exclamei eu.

— PERDI O MEU FATO; BEM DEVE COMPREHENDER QUE ESTES «TRASTES» NÃO PODEM SER MEUS.

— Senhor policia, disse eu, com voz commovida. Está ali... alguem que eu conheço. Atravessemos para o outro lado.

— Já que tem tanta certeza de que me enganei, respondeu elle, com pesada ironia, o melhor que podia acontecer-lhe era provar a sua identidade. Onde está o individuo?

Emquanto elle falava, comprehendi que afinal o melhor seria apresentar-me e acabar com isto.

— Deixe-me dizer uma palavra áquella

Augmentou o seu espanto.

— Ah! E' Mr. Moberly! Que surpreza vel-o aqui! Quando chegou?

— Cheguei esta tarde e agora vou a caminho da esquadra.

Melissa não manifestou a impressão que eu esperava.

— Para quê? perguntou ella; perdeu alguma cousa?

— Sim, respondi, com amargura. Perdi o meu fato. Bem deve comprehender que estes

trastes não podem ser meus. Mas vou, obrigado por este cavalheiro.

Melissa olhou successivamente para mim e para o policia.

— Então, o que esteve a fazer? perguntou ella, com o riso nos olhos e uma desesperadora covinha na face. Alguma das suas...

— Miss Mandeville, interrompi eu calorosamente. Estou preso por um engano estupendo. Rogo-lhe que faça com que seu tio vá á esquadra provar a minha identidade; a palavra de um respeitavel cidadão deve ter o devido valor para essa gente.

— Com certeza. Melissa levantou-se. Vou procurar o tio e mando o lá immediatamente. Que pouca vergonha! Logo nos tornaremos a ver, Mr. Moberly.

— Com sua licença, menina, enterpoz o policia, o mais seguro é despedir-se d'elle já, porque é provavel que não tenha outra occasião para o fazer. Cá na minha, ia jurar que nem fiança lhe dão.

Melissa corou de indignação.

— O senhor deve ter cuidado no que diz, exclamou ella. D'aqui a meia hora Mr. Moberley estará em liberdade. E voltando-se rapidamente, deixou-nos.

O meu captor esfregou lentamente o queixo, com a mão.

— Esta *sujeita* não é feia, observou elle, com ar meditativo; é exquisito como estes typos sempre apanham as melhores!

— Vamos andando, exclamei bruscamente, sentindo-me mais protegido e cheio de confiança.

Na esquadra, ficaram satisfeitissimos ao ver-me; d'isso não me restou a menor duvida.

O inspector saltou da cadeira, apenas me lobrigou, e após umas phrases do collossal policia, começou a dar voltas em torno de mim, mirando-me de alto a baixo, com *ronrons* felinos de contentamento. Depois, tirou um papel da secretária e leu-o em voz baixa ao subordinado, olhando-me ambos de vez em quando.

Ouvi-lhes murmurar as palavras, bigode escuro — cabello escuro — fato de quadradinhos — Panamá, deprehendendo que era uma discripção do meu amigo batoteiro, que elles comparavam comigo. Eu nada disse.

D'ahi a momentos o meu captor fez-me signal para eu o seguir para outro quarto. Era uma cella pequena e escura, com uma janella fortemente gradeada. Segurou a porta aberta para eu entrar e em seguida sahiu, fechando-me á chave.

Sentei-me n'um banco muito duro e esperei.

Demorar-se-hia muito o Mr. Mandeville? E quando viesse, o que diria elle? Já lhe conhecia o feitio. Fingiria ter suspeitas a meu respeito ou faria *espirito* á minha custa? Parecia-me até serem preferiveis as suspeitas aos seus gracejos.

Passou-se meia-hora, segundo os meus calculos. Na busca que haviam feito ás minhas algibeiras — ou antes direi ás algibeiras do fato que eu trazia — tinham tirado o relogio e a corrente, que me pareceu serem de ouro, seis ou sete libras e um masso de cautelas de penhores.

De repente, ouvi uma voz muito minha conhecida e ao mesmo tempo abriu-se a porta. Sahi, dando logo de cara com Mr. Mandeville, córado e um tanto iracundo.

— Então, Moberley, exclamou elle, com voz aspera. O que significa isto tudo?

Comecei a explicar-lhe a situação, notando que ao mesmo tempo o inspector e o policia segredavam ambos, consultando novamente o papel e olhando para nós.

— Bem, bem, bem, disse Mr. Mandeville, quando terminei a minha explicação. Isto é facil de remediar.

Voltou-se para o inspector.

— Vou explicar-lhe o caso, disse elle. Este senhor...

— Muito obrigado, interrompeu o inspector. Queira não se incommodar! A sua vinda aqui prova bem o seu descaramento; mas já que appareceu, tanto melhor para nós.

Mr. Mandeville abriu a bocca e soltou um som rouco.

— Mette-os lá dentro, juntinhos, Roberto, disse o inspector, indicando a porta da cella.

— Andem d'ahi, ambos, berrou o meu corpulento amigo policia.

Mr. Mandeville, roxo de colera e suffocado, tentava recuperar a fala.

— Que estão os senhores a fazer? gritou elle. O que significa isto? Sabem quem eu sou?

— Ora, se sabemos, retorquiu o inspector. E' o tio *Bunco*, socio e collega do Chico-Batoteiro. Agarrou no papel e leu em voz

alta: «accompanha-o um sujeito baixo, atarracado, velhote, careca e vermelhusco».

Depois atirou com o papel para o lado e accrescentando: «Engaiolados ambos, Roberto», e voltou as costas.

Nunca esquecerei os momentos que se seguiram quando eu, sentado junto do tio de Melissa no duro banco, ouvi a esse homem, — o tio d'ella! — as opiniões a meu respeito, ácêrca do meu comportamento, da tro. Narrei-lhe que fôra a sua casa em Londres e, não os encontrando, tivera a idéa de passar o meu feriado em St. Winyards. Ia continuar a contar-lhe as rasões que tivera para seguil-o a elle e á familia, estando prestes a pedir-lhe licença para amar Melissa, ou a dizer-lhe qualquer outra imbecilidade, quando um grande borborinho lá fóra nos pôz em pé, como impellidos por occulta mola. Rebentou uma

— QUE ESTAO OS SENHORES A FAZER?

minha estupidez em não marcar o numero da barraca, do meu indecoroso fato e de o ter arrastado a elle — o tio de Melissa — a tão vergonhosa situação.

Quando se cançou eu balbuciei-lhe que estava muito penalisado.

— Penalisado! rosnou o tio de Melissa.

Afflrmei-lhe ser eu a pessoa mais desgostosa em St. Winyards, n'esse momento. Implorei o seu perdão. Demonstrei-lhe que não me podia ter passado pela cabeça que o confundissem tambem com o collega do ou-

Babel de vozes confusas e iradas. Passado um momento abria-se a nossa porta e a primeira cousa que eu vi distinctamente, foi o meu fato de sarja azul!

Adornava as fórmas do meu companheiro de viagem, o batoteiro, que se encontrava, offegante, desgrenhado e carrancudo, em pé entre os dois homens, as suas victimas, que tinham vindo no mesmo banco, que eu occupára na carruagem.

Ao verem-me, quasi que o largaram das mãos.

— Trocaram a fatiota, gritou um.

— Este é que é o homem, não é aquelle! berrou o outro.

— «Estavamos no Passeio, continuou um, (o que perdera todo o dinheiro) quando lobrigámos este *sucio,* jardinando muito á vontade. Supponho que se fiava na mudança de fato, para se escapar a ser reconhecido; mas eu conheci-o logo, e vi-lhe esse annel no dedo. Saltámos sobre elle, agarramol-o, e aqui o teem. E tivemos um bom trabalhinho para o trazer até aqui!

Ora, se tinham tido! Bastava olhar para o estado do meu pobre fato azul!

— Vamos lá a saber, exclamou o cavalheiro usofructuario do meu fato. Agora que me apanharam, o que tencionam fazer de mim?

As duas victimas hesitaram.

— Dê-nos para cá o nosso dinheiro e nada mais queremos de si. Retiramos a parte.

O Chico-Batoteiro cumprimentou, com gentil delicadesa.

— Acceito gostosamente a sua proposta, disse o Chico, sorrindo. E se o cavalheiro que agora está no goso do meu fato quizer ter a bondade de fazer a troca, ficaremos todos satisfeitos.

Apressei-me a acceitar esta delicada proposta, muito embora o triste estado do meu fato de sarja azul não me deixasse uma completa satisfação.

Os policias estavam visivelmente contrariados, desfazendo-se em desculpas ao Mr. Mandeville e a mim. Emquanto ao outro cavalheiro...

— Pode considerar-se com sorte, sr. Chico-Batoteiro, disse o inspector. Como foi retirada a parte, não posso detel-o; mas livre-se de repetir a brincadeira, n'esta mesma linha ferrea.

. . . .

E assim, cinco minutos depois, caminhava ao lado de Mr. Mandeville, vestido com o meu proprio fato, dirigindo-me para a estação em busca da minha mala. Por acaso, havia um quarto devoluto no seu hotel e o proprio Mr. Mandeville me suggeriu a idéa de o occupar. Parecia ter-me perdoado.

Melissa ficou jubilosa por nos ver a ambos e riu-se como uma perdida, ouvindo a historia da prisão do tio. A esposa limitou-se a erguer os braços repetidas vezes para o ceu, exclamando «Imaginem!» a tudo que o marido contava.

Era um hotel muito confortavel. No primeiro pavimento havia uma varanda, abrindo sobre o mar. N'essa varanda, depois de jantar, encontrei Melissa. Brilhava no ceu uma linda lua cheia.

Falámos nos successos da tarde.

— Meu pobre tio, disse ella, que pena tenho d'elle... preso como gatuno!

Hesitei antes de dizer, com voz insinuante:

— E de mim?

— Ah! replicou ella, com um sorriso encantador, illuminado pelo luar, de si tambem.

Então occorreu-me aquelle pensamento de Shakespeare (deve ser de Shakespeare, quasi todas as citações são d'elle) em que o poeta affirma que a compaixão tem qualquer cousa com o amor.

E dentro da minha alma fluctuou a esperança de que este meu desastre pudesse ser uma disfarçada benção.

Versão de Celia Roma.

A Architectura da Renascença em Portugal

Por ALBRECHT HAUPT

Parte II — O PAIZ

ALEMTEJO

Nem devo deixar em esquecimento o soberbo aqueducto, reconstruido por D. João III cêrca de 1552 sobre os fundamentos do antigo aqueducto romano. É notavel no ponto de vista architectonico pelos torreõezinhos, que de onde em onde interrompem os arcos, estabelecendo nas encruzilhadas das estradas formosos trêchos de architectura. Estes torreões, de fórmas varias, quadrangulares, ostentando cupulas, são construidos de tijolo e muito ornatados. A obra, em seu conjuncto, é grandiosa quanto possivel; leva a agua de nascente a uma distancia de 15 kilometros da cidade.

ESCADA DE CARACOL NO PAÇO DA SEMPRE NOIVA

A riqueza de Evora em todas as especialidades, e muito mais em azulejos, da maxima variedade, é consideravel. O proprio esgrafito não representa especie rara em residencias particulares.

As immediações apresentam edificios interessantes de toda a casta; mencionarei o convento de Nossa Senhora do Espinheiro, situado a breve distancia e pouco menos de arrazado, cuja antiga egreja, datada de 1566, e obra de D. João III, exibe ainda um formoso portico de marmore, da mesma época.

O convento serviu de poiso aos reis, em mais de um caso, e muito em especial antes de construido

o palacio da cidade, construcção effectuada em 1520.

Em um angulo da cêrca ergue-se a ermida, edificada por Garcia de Rezende para seu jazigo, um recinto central, de modestas dimensões, com uma abobada de arco de claustro e uns formosos azulejos, antigos, no adro; muito singelo, mas pittoresco.

A Cartuxa, distante uns kilometros, acha-se tambem n'um estado de quasi completa dilapidação, á excepção dos muros da cêrca e da egreja; d'esta, a frontaria, apenas, é digna de nota. Construida de marmore branco, com alternações de marmore preto, ahi por 1594; entre outros elementos ostenta no piso terreo uma formosa arcaria dórica. Não tem o mesmo valor a parte superior da fachada; deve ter sido concluida posteriormente, visto como os restantes pormenores, e muito em especial os quartões lateraes, avolutados, são destituidos de finura. O effeito, ainda assim, não deixa de ser aprazivel e digno de consideração.

NO CORO DA EGREJA DA CONCEIÇÃO EM BEJA

Distante de Evora meia duzia de milhas, na direcção da serra, jaz a ruina de um pequeno solar, a Sempre Noiva, edificado pelo arcebispo D. Affonso de Portugal, no principio do seculo XVI. As estampas annexas, nas quaes completei apenas os telhados, reproduzem a fiel imagem do edificio, que póde ser considerado como um paradeiro de caça portuguez da épocha mencionada. Apresentam absoluta concordancia as suas fórmas estructuraes e as dos Paços de Evora, sendo provavelmente obra do mesmo mestre, Martim Lourenço, talvez, a traça de um e outro edificio. É uma construcção compacta, na apparencia, com um andar, apenas, á excepção de um lanço quadrado, contigüo á capella accrescentada em data posterior, apresentando mais um andar, atorreado, e com uma açotea coroada de ameias, ligada com um corpo inferior por meio de uma escada de caracol com telhado cónico. Esta torre foi depois construida á prova de fogo, visto como é toda ella abobadada, ao passo que nas quadras do andar superior, sobreelevado, os tectos são de madeira.

O corpo principal da escada é de construcção posterior e faculta accesso, junto ao patim, a um eirado encimando uma abobada.

O andar nobre ostenta umas janellas de marmore branco, uma das quaes se acha já reproduzida no volume I. As fórmas são manuelinas-amouriscadas, e bem assim na accrescentada capella, que alcança ao nivel do andar superior da mansão, de sorte que o dono podia, da propria torre, assistir ao serviço divino. Os botareus da

capella, esteios da abobada artezonada, são semi-circulares, como os de S. Braz; uma porta, com uns alizares de formosa ornamentação manuelina e a padieira de contorno em extremo accidentado, faculta a sahida.

Os pavimentos do andar superior são de ladrilho, de padrão muito singelo, as paredes com uns silhares de azulejos verdes e brancos, despretenciosos. E não obstante, o conjuncto é digno e aprazivel, interessantes, por vezes, os pormenores, como, por exemplo, a escada principal, ao passo que as trazeiras apresentam um agrupamento pinturesco e de summa originalidade, singular, por partes, como a notabilissima escadaria helicoidal.

Acairela a linha do edificio um friso de esgrafito.

*

* *

JANELLA NO CONVENTO DA CONCEIÇÃO, EM BEJA

O imponente castello do Alvito é, dentro do circulo das nossas considerações, da mais subida importancia. A meio caminho, mais legua menos legua, entre Evora e Beja, corresponde no todo á architectura dos palacios ali descriptos, taes como a Sempre Noiva.

A edificação do castello foi encetada em 1494, por D. João II, e depois de concluido, investidos na respectiva posse por el-rei D. Manoel, os, então, barões de Alvito, hoje marquezes.

E' um dos mais consideraveis da época, com quatro torres redondas nos angulos, e uma, quadrada, no pateo coroado de ameias e coberto por uma plataforma, todo elle abobadado, abrangendo um pateo central, quadrado, cujo piso inferior é em arcarias. Costrucção singelissima, ostenta exteriormente um portico ogival com armas reaes e as da casa de Alvito, encimando uma inscripção (1), e quer no corpo superior quer em algumas das torres, parte das janellas geminadas, á feição das que observamos na Sempre Noiva, e ainda mais pronunciadamente mouriscas.

O interior, ao qual eu infelizmente não pude ver, abrange um certo numero de salas grandes e pequenas, e entre ellas uma com a designação «dos Veados», assim como uma capella. Tanto o crucifixo como as valiosas alfaias d'esta capella gozam de muita fama.

Pouco tempo depois de me haver ausentado do paiz, vim a adquirir a certeza de que deviamos ver n'este castello o mesmo que Vasari

(1) Reza o seguinte a inscripção:

«Este castello foi principiado em 13 de agosto de 1494 á ordem de el-rei D. João II, que Deus tem, e concluido no reinado d'el-rei D. Manoel o I nosso senhor; que d'elle fez doação a D. Diogo Lobo, barão de Alvito.»

affirma ser construcção de Andrea Contucci Sansovino. (v.: vol. I). As afirmações d'aquelle auctor verificam-se aqui completamente, e o pateo quadrado de arcarias é circumstancia insolita em Portugal, constituindo em Italia, aliás, regra normal.

É robustissima a construcção do castello, e muito em especial a parte que corresponde á era de D. João III. Ousamos esperar que, em resultado de mais aturadas investigações, d'este ou d'aquelle, venha a topar-se com algum testemunho importante da actividade de André Contucci no paiz. Seria conveniente estudar com attenção a reproducção por elle feita do mesmo castello (vidè a obra de Vasari).

EGREJA DA MISERICORDIA, EM BEJA

*

* *

A cidade de Beja, situada ao sul, a caminho do Algarve foi, em mais de um caso, residencia de principes, desde o reinado de D. Diniz; possue um castello com uma soberba torre gothica de marmore branco. O infante D. Fernando, pae de D. Manuel, aqui falleceu e jaz sepultado na adornada egreja da Conceição. Esta incide com o ultimo periodo do reinado de D. João II, e todavia, no seu coroamento, denuncia já por fórma cabal o novo estylo incipiente. Na estreita e mesquinha egreja conventual existe ainda uma abobada manuelina; o restante foi reconstruido e forrado de obra de talha. A residencia annexa da abbadessa do convento apresenta na parte superior uma das mais originaes janellas manuelinas, recordando as de Santa Cruz, em Coimbra, e com uma linda columna média. Mais adiante, proximo da egreja de Santa Maria, divisa-se, á esquina, o principio de um palacete não destituido de importancia, com puras fórmas da Renascença, os lanços superiores da parede com umas faixas lisas, e janellas de gelosias, o andar nobre, arcaria rasgada sobre formosas columnas, nos intervallos, renques de pilastras, e por baixo o principio de uma escadaria, exterior. Seria acaso um palacio para logradorio proprio, principiado a edificar aqui, já por D. Fernando já por D. Manuel, o qual, antes de ser rei, tinha o titulo de duque de Beja?

INTERIOR DA MISERICORDIA, EM BEJA

Despertam-nos aliás interesse mais alguns edificios religiosos, mercê da pureza do seu estylo da Renascença. Acima de todos a egreja da Misericor-

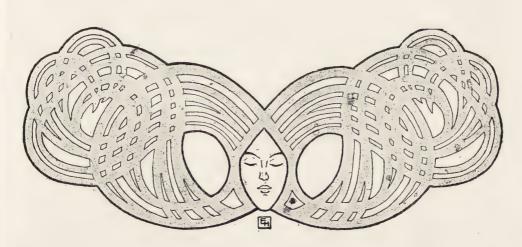
dia, em cuja robusta fachada rustica, alternam motivos no genero de Serlio (que a estampa annexa reproduz). Internamente, uma columnata sobre planta quadrada, de nove lanços de abobada sobre quatro esbeltas columnas, cortada por outros tres lanços de abobada, estabelecendo uma nave transversal, esteada por pilares e com tres nichos de altar, planos. É um recinto formoso quanto aprazizel, delicados os pormenores, muito semelhante ao de Nossa Senhora da Conceição, em Thomar; a egreja é possivel haver sido edificada cêrca de 1560 a 70. O que não exclue a hipothese de poder ser mais moderna, se considerarmos a vizinha egreja de S. Thiago, da qual reza uma inscripção haver sido erigida á ordem de Philippe II, por D. Theotonio, arcebispo de Evora. É uma basilica de tres naves com doze columnas doricas e abobadas d'arestas, nave transversal e tres absides absolutamente quadradas; a nave central recebe luz de cima, de umas janellas redondas. Internamente, as bancadas muito fazem lembrar as da Mesericordia. Ha nobreza, na pormenorização architectonica.

A caminho do Algarve, nas margens do Guadiana, topamos com a villazinha de Mertola, notavel a nossos olhos mercê da sua egreja, cuja planta nos interessa.

É de quatro naves e quatro lanços, e dezeseis lanços de abobada sustentados por nove columnas; as fórmas accusam o alvorecer do seculo XVI. Á altura das primeiras columnas, do lado direito, ergue-se uma formosa pia de baptismo de secção estrellada.

Apresenta originalidade o exterior; o portico em apurado estylo da primeira Renascença com candelabros e quejanda ornamentação, com os competentes botareus e campanario, que não conseguem obliterar a esta egreja o seu caracter de antiguidade, confirmado aliás pelo respectivo diadema de ameias. Aqui se nos defronta, com absoluta certeza, a unica real e verdadeira mesquita existente no paiz, devolvida ao culto christão no decurso do seculo XVI.

Em Alcoutim, sobre o Guadiana, admiramos o formoso portico da egreja, no caracter do meio do reinado de D. João III.

(Continúa.)

A POESIA DA ARTE

(NA ESCULPTURA)

Póde o genio co'o cinzel
N'uma pedra bruta, informe,
Expressar que o amôr não dorme
E que, se é forte, é cruel.

Póde rasgar-lhe um olhar
Tão fino e tão sensitivo
Que pareça, além de vivo,
Desejoso de matar.

E pôr n'um gesto altaneiro
Tão evidente a victoria
Que... não haveria gloria
Sem haver GENIO primeiro.

PINTURAS DA SENHORA D. EMILIA DOS SANTOS BRAGA

A POESIA DA ARTE

(NA PINTURA)

Nada falla ao coração
Como um rosto de creança,
Onde ri sempre a esperança
E brinca alegre a illusão.

Era estupida ha pouco e sem valia
A tela, antes de a ter em si deitada;
Depois, rica de côr e de harmonia,
Mostra o poder de alguem que não faz nada.

Fidalgo, elegante, e velho,
De olhar brilhante e profundo,
Que nos diz: vi muito o mundo
E li pouco o Evangelho.

JARDINS E ESTABULOS

Parque vaccinogenico de Lisboa

Não ha ninguem que desconheça os terriveis effeitos da variola, essa devastadora epidemia que constantemente arrebata milhares de crianças, e até adultos, aos carinhos dos seus, nem quem ignore que a vaccina os attenua consideravelmente, quando não dá aos inoculados uma immunidade completa. Por isso a vaccinação se tornou uma necessidade, e, nos paizes onde a hygiene e saude publicas são cuidadas com a attenção que aos poderes publicos devem merecer, ella é obrigatoria, applicando-se a vaccina animal ou *cow-pox,* produzida e preparada em estabelecimentos proprios, montados pelo Estado ou devidos á iniciativa particular.

Portugal apenas possue um instituto d'este genero, o Parque Vaccinogenico de Lisboa, fundado em 1889 pelo sr. dr. Carlos Moniz Tavares, illustre cirurgião em chefe do exercito, que não se tem poupado a esforços para o tornar um estabelecimento modelar, á altura dos melhores do estrangeiro.

Installado a principio na rua de S. Bernardo, á Estrella, mudou-se mais tarde para a calçada do Marquez de Abrantes, e encontra-se actualmente na Avenida D. Amelia, em casa construida expressamente para o fim a que se destina, dotada das melhores condições hygienicas e onde o bom gosto e a elegancia se alliam ás mais modernas e perfeitas installações, exigidas em estabelecimentos d'esta natureza.

Para lá nos dirigimos no intuito de tornar conhecido dos leitores dos *Serões* um dos institutos, que tão valiosos serviços tem já prestado ao paiz, que o tornam crédor do apreço e estima com que o publico o distingue.

Quasi junto ao sitio onde existia a antiga igreja dos Anjos ergue-se a nova edificação, de bella apparencia. Na sua fachada lê-se em lettras douradas *Parque Vaccinogenico,* e duas escadas exteriores dão ingresso ao estabelecimento. Logo na sala de espera, que serve ao mesmo tempo para a venda da vaccina, chamou-nos o olhar, não só a casa, que é ampla e tem as paredes forradas de azulejos que excedem a altura de um homem, mas o mobiliario todo branco, de escrupuloso aceio.

Depois de esperarmos alguns momentos, fômos recebidos pelo illustre director do Parque a quem de ha muito conheciamos e pessoalmente consideravamos.

Expozemos-lhe o motivo da nossa visita, e sua ex.ª com a amavel gentileza que o caracterisa se prestou a mostrar-nos elle proprio o seu instituto, descrevendo-nos os aparelhos e as suas applicações com o justo desvanecimento de quem vê coroados os seus esforços do mais completo exito. A casa das operações é um modelo no genero que os olhos se não cançam de apreciar e os labios de louvar. Alli o dr. Barral Moniz Tavares, ajudante de seu pae, vaccinou na nossa presença, e com o animal á vista, uma creancinha a quem dispensava cuidados affectuosamente paternaes. N'uma das estampas que acompanham este artigo pódem os leitores dos *Serões* julgar o conjuncto do espectaculo que nos impressionou, sem comtudo descerem ás minucias que nos foi dado apreciar. Para tudo ter sido pensado, até as torneiras dos lavatorios pódem ser movidas por pedaes para evitar, quando as mãos estejam enxovalhadas, o seu contacto.

SALA DAS OPERAÇÕES

No laboratorio, onde abundam excellentes apparelhos, que seria longo enumerar, mas todos modernissimos e dos melhores, existe, como em todo o edificio, o mesmo meticuloso cuidado e preoccupação da hygiene.

Visitámos a seguir a sala em que o animal é inoculado, e depois o jardim e estabulos, e tudo nos deixou a mais grata impressão. Nos estabulos estavam tres vitellas, exemplares explendidos da raça beirôa, fornecidos pelo acreditado marchante Marciano Thomaz Costa; uma prompta a ser inoculada, duas em observação e, portanto, em estabulos separados. O medico-veterinario Annes Baganha exerce sobre ellas constante vigilancia; e logo depois da colheita vaccinica, as vitellas são abatidas no matadouro, sendo enviada pelo medico veterinario ins-

pector dos matadouros municipaes, um certificado dando conta da autopsia feita ao animal e do estado em que elle foi morto.

A vaccina, antes de ser fornecida, é sujeita a um exame bactereologico e a experiencias clinicas de maneira a poder garantir-se a sua pureza e efficacia.

As vitellas são inoculadas, na sala destinada para esse effeito, sobre uma mesa de operações com movimento de basculo, modelo de Pissin, de Leipzig. Procede-se primeiramente á rasoira da região thoracico-abdominal, de um dos lados, lava-se e desinfecta-se o sitio a inocular, e vaccina-se com o escarificador especial, fazendo-se approximadamente cento e tantas inoculações em cada vitella.

Terminada a operação, é resguardada a região vaccinada por meio d'uma cobertura, que se nos afigurou ser de linho branco, e o animal conduzido ao estabulo das vacciniferas. Esta operação tem logar no sabbado.

Na quarta-feira seguinte faz-se a vaccinação com a vitella á vista, e colhe-se a polpa vaccinica, não só para o gasto do estabelecimento, como para abastecimento de hospitaes, boticas e consumo publico.

N'essa mesma tarde ou na manhã seguinte o pobre animal, que por infelicidade sua era perfeito, soffre o triste destino que prematuramente lhe impõem. A' vaccina colhida é addicionada glycerina pura esterelisada, triturada n'um apparelho especial.

Retirámo-nos captivados com a amabilidade do Dr. Moniz Tavares e de seu filho que é um precioso auxiliar de seu pae e a quem os estudos sobre a vaccina têem merecido a mais particular attenção.

A poucos passos da porta, quando esperavamos um electrico que nos trouxesse ao seio da cidade, duas mulheres discutiam as vantagens de vaccinar os filhos.

— Eu não creio *n'aquillo,* dizia a mais velha em tom de superioridade, mettendo nos dentes uma ponta do lenço e puxando a outra com a mão esquerda para o chamar ao seu logar. São lérias.

A outra com mal disfarçada ironia, voltou-lhe:

— Pois sim; mas eu fui vaccinada, tive bexigas e fiquei como vê; e vossemecê, que não se vaccinou, ficou defeituosa.

LABORATORIO

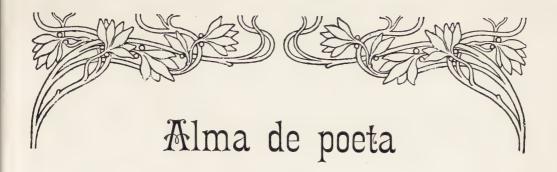
— Defeituosa! retorquiu-lhe a outra abespinhada, olhe que lá diz a cantiga:

Chamaste-me bexigosa?!
Que te importam meus signaes?
Eu nunca vi céu sem 'strellas
Nem altar sem castiçaes.

Então um garoto que, divertido, as observava de mãos nos bolsos, assobiando estridulamente, soltou uma gargalhada exclamando:

— Olha a sirigaita! Pois fique-se com as suas estrellas, e vá levando os filhos á vaccina, que elles bem dispensam ter astros na cara.

As mulheres ficaram vociferando contra a má creação do rapaz, e nós subimos para um electrico que, contra o costume, appareceu a proposito.

Alma de poeta

velho caminhava vagarosamente, parando de tempos a tempos para respirar com difficuldade.

Comtudo a jornada não fôra longa nem penosa.

Mas o velho gasto pela edade, e talvez por um soffrimento latente moral e physico, sentia-se completamente exhausto.

A sua comprida barba branca admiravelmente cuidada, e os seus grandes olhos negros, profundamente cavados, davam-lhe o aspecto austero d'esses philosophos da antiga Grecia.

No entanto adivinhava-se, como por intuição, que esse corpo debil e fraco, occultava um coração generoso, talvez mesmo ainda juvenil e forte!

Que a sua alma era sensivel, via-se facilmente; porque o velho admirava a natureza — deleitava-se com o perfume delicado das flôres, sentia o canto harmonioso das aves!

De repente, o caminheiro deteve-se deante d'uma roseira, que ostentava orgulhosamente tres rosas de rara belleza. Junto d'ellas, um botão pequenino, todo branco, d'uma pallidez de sonho, vacillava na haste, agitado pela brisa fresca da tarde, e pendia tristemente para o solo.

O velho approximou-se, e ergueu-o nos dedos tremulos e compassivos. Viu então que mão criminosa mutilara o botão, vibrando-lhe um golpe profundo, na haste delicada, e agora, apenas por um delgado fio, lhe circulava a seiva que ainda lhe alimentava a vida.

O velho inclinou-se, e uma lagrima de sincera piedade pela fragil victima, deslisou-lhe pelas faces enrugadas, e foi cahir no mimoso galho.

O choque d'essa gotta d'agua crystallina e pura, fôra demasiado violento para o pallido botão, que se agitou ainda uma vez na haste, como uma avesinha ferida, e veiu cahir pesadamente no solo!

O velho estremeceu violentamente.

E' que o destino do botão de rosa, era a historia da sua vida.

A sua memoria cançada, retrocedia trinta annos.

Revia todas as phases do seu viver n'essa época.

Apesar de estar em pleno vigor da mocidade, como fôra infeliz!

Era poeta, e poeta de grande merecimento, e os rusticos com quem convivia, chamavam-lhe louco, e tratavam-no como tal!

Desprezavam-no a um ponto, que elle para poder ganhar livremente a sua vida, teve de abafar o seu talento, de suffocar os impetos da sua alma, para não esmagar aquella revoltante estupidez.

Decorreram muitos annos; a sua situação melhorou, e elle pôde emfim tratar com pessoas, que poderiam apreciar o seu extraordinario talento.

Mas elle não ousava manifestal-o; a edade esfriara-lhe as illusões.

Um dia foi-lhe apresentada uma rapariga d'uma belleza maravilhosa, estonteante; chamava-se Adriana.

Em volta da gentil menina borboleteava toda a nobreza juvenil de Portugal.

E o velho apaixonou-se loucamente por ella!

Elle não se illudia; comprehendia que não podia competir com os admiradores juvenis de Adriana e soffria horrivelmente.

De subito, a chamma da paixão ateou-se-lhe mais violenta; o seu fulgor intenso offuscou-lhe a razão, e elle, teve a visão

louca, de supplantar os seus rivaes pelo talento.

Por um esforço extraordinario de memoria, fez reviver esse talento adormecido havia tantos annos, e arrancando-o aquelle doloroso lethargo, compôz um poema de tristeza e de dôr, em que se exahalava a sua violenta paixão, idealisada pelo soffrimento, e pela angustia torturante da duvida.

Adriana leu os versos que a commoveram extraordinariamente; mas elle era um velho, e ella tinha dezoito annos; o apaixonado e vehemente apello, não encontrou echo no seu coração, que desabrochando em plena e risonha alvorada de abril, estremecia ao contacto do frio inverno.

Custava-lhe ferir tão cruelmente o infeliz poeta; mas era forçoso fazel-o; e restituiu-lhe o poema onde brilhava no papel assetinado, uma lagrima crystallina de admiração e de dó!

O velho comprehendeu tudo; a piedade de Adriana era a sua condemnação.

E elle sentiu uma dôr atroz, e teve a impressão de que uma fibra infinitamente delicada e fragil, se lhe despedaçava no cerebro e se evolava para sempre. Era o seu talento que expirava dolorosamente, succumbindo como o botão de rosa, ao peso d'uma lagrima!

A noute cahia lentamente: havia muito que o sol desapparecera no horisonte.

Agora, a lua surgia radiante. Parecia contemplar docemente o vulto lendario do velho, e envolve-lo na sua luz mysteriosa e pallida, com maternal carinho!

ALINE CUNHA.

A Cachoeira

N'um declive, a rolar pelo empedrado leito,
Grugulejando vem a avalanche sombria
Que ás vezes, a espumar, galga as rochas e esguia,
Ás vezes, vae gemer n'algum rochoso estreito.

Súbito, á flor do abysmo a espumarada fria
Gargalha; a agua é um lençol, que ao negro e petreo peito
De uma rocha, atirado, estilha-se; e desfeito,
Ora raiva e rebrame, ora canta e assobia.

Em baixo o rio estoura; empina-se, disforme.
Branda e unctuosa, a garôa, no fundo, se levanta,
A relva molha; molha o lôdo ruim que dorme;

E nas folhas, o olhar d'agua em pingos de prata
Olha a cachoeira que, lámina de aço enorme,
Apunhala o silencio e a placidez da matta.

Recife.

Moreira Cardoso.

O MUSEU ARCHEOLOGICO DE GUIMARÃES (SOCIEDADE MARTINS SARMENTO)

Sociedade Martins Sarmento

POR esse paiz fóra, tão fertil em benemeritas iniciativas, levam uma vida ignorada e difficil dezenas de collectividades que, honradamente, ajudam a erguer o nome do seu paiz e contribuem para o bem estar geral com a quota parte da sua obra altruista. D'entre ellas é de justiça destacar para o primeiro plano a *Sociedade Martins Sarmento,* de Guimarães, que é o orgulho da velha e historica cidade provinciana, ao mesmo tempo que se torna credora das sympathias geraes pelo fim humanitario e patriotico a que visa — o desenvolvimento da instrucção popular. Levantada sob a egide do nome glorioso que lhe serve de titulo, tem procurado sempre honrar esse nome, que é o d'uma legitima gloria da patria, contribuindo para o progresso de Guimarães, não só no que se refere aos seus estabelecimentos de instrucção, como tambem em todo e qualquer facto que tenda a activar o seu desenvolvimento material. Desde a sua fundação, que coincide com uma grande agitação politica local, das mais graves mas, ao mesmo tempo, das mais sympathicas que tem havido no nosso paiz, a obra realisada representa uma extraordinaria somma de esforços pessoaes e dedicações sem limite, pro-

ducto d'um fanatismo benemerito pela grandiosa empreza.

E que differença enorme não vae do tempo em que, n'uma casa modesta e depois de vencidas as relutancias do insigne homem

O NOVO EDIFICIO DA SOCIEDADE MARTINS SARMENTO

de sciencia para a cedencia do seu nome, já então conhecido de toda a Europa, a *Sociedade Martins Sarmento* se levantou cheia de esperanças e de receios? A vida provinciana, estreita e receosa de toda a novidade, olhou a principio com desconfiança a nova instituição, chegando a attribuir-se-lhe nos pontos de cavaco indigena intuitos de maçonaria. E as almas piedosas não podiam deixar passar sem se benzerem aquelle grupo ousado de intellectuaes da mais pura raça, em quem cuidavam vislumbrar o rosto endemoinhado dos inimigos da religião, elles que eram os apostolos da crusada mais benemerita que ao homem é dado prégar na terra — o arrancar os cerebros infantis á noite tenebrosa do analphabetismo! A obra, porém, fructificou, erguendo-se cada vez mais alto o seu ideal, tornando-se por assim dizer o genuino municipio do velho berço da monarchia.

A dar-lhe alento, a impôl-a ao paiz e ao mundo inteiro, estava e está ainda esse nome glorioso que a inspirou e de quem, a par do valor material que a sustenta, herdou o raro exemplo de quanto póde a constancia no trabalho, a dedicação pelos pequeninos, pelos humildes, pelos que soffrem. Em cada anno, o dia do anniversario de Sarmento era para o seu coração uma grande alegria, menos porque o festejavam a elle, mais porque sabia que áquella hora a pequenada alegre das escolas estava em festa! Festa que era sinceramente grata ao seu coração de commovido e de vimaranense.

*
* *

Martins Sarmento era um caracter a um tempo delicado e forte. Constrangido no pequeno meio social em que vivia, o seu espirito sentir-se-hia inevitavelmente amesquinhar na estreiteza intellectual que o cercava. D'uma inergia varonil e serena, ao primeiro arrepio de ingratidão e ignorancia, foi esconder-se no castello forte do seu gabinete, defendido pelos *seus amigos,* isto é, pelos seus livros, como a seu respeito dizia Camillo. A convivencia limitara-se a meia duzia de nomes, alguns d'elles de accentuado valor intellectual. Era, por exemplo, Alberto Sampaio, o amigo de Anthero, o espirito superior, cujo passamento o inconsciente jornalismo portuguez registou ha pouco tempo com tres adjectivos banaes, dando-nos antes a impressão de ter fallecido qualquer Accacio ou Pacheco do que o auctor, entre tantos trabalhos de extraordinario preço, das *Villas do Norte de Portugal,* publicadas pouco antes da sua morte na revista *Portvgalia;* trabalho que, só por si, bastaria para firmar uma reputação, tanta é a copia de conhecimentos manifestada, tão profundas e scientificas a deducção e reconstituição historica.

O ARCHITECTO MARQUES DA SILVA

Era com espiritos d'esta tempera que Sarmento se comprazia gastar os poucos momentos que lhe deixavam livres os estudos profundos a que se entregára.

D'este modo, quando um dia lhe cahiram em casa os amigos, pedindo a cedencia do seu nome para timbre d'uma instituição que pretendia collaborar no progresso intellectual e material da sua terra, foi uma lucta terrivel, em que o grande sabio se escudava no isolamento do convivio social em que desejava conservar-se e no receio, quiçá bem fundado, de que o emprehendimento generoso não tivesse a comprehensão, e, consequentemente, o applauso do meio acanhado em que ia esguer-se. Por fim venceu-se a sua relutancia e aquella prestimosa collectividade que a esse tempo era apenas uma esperança, veiu a tornar-se uma das maiores consolações da sua vida de trabalho.

Martins Sarmento creara em volta do seu nome uma atmospera de respeito e admiração. Quando, a caminho das suas excursões pelas cercanias da cidade, atravessava rapidamente algumas ruas, o povo descobria-se respeitoso á sua passagem, na inconsciencia do seu valor intellectual, mas attrahido pela magia da sua figura grandiosa, arrastado pela voz instinctiva que lhe segredava a verdade. Admiravam-no, amavam-no, como um symbolo sagrado da mais acrisolada fé patriotica, porque reconheciam n'elle uma gloria da sua terra, porque o sabiam defensor dos humildes e propugnador acerrimo do seu bem estar. E nunca, para ser assim admirado e amado, Martins Sarmento desceu ás exterioridades, aos *trucs,* com que é d'uso, hoje em dia, attrahir as sympathias populares, fabricando *hymnos,* ou voando de *côr* em *côr* politica.

Martins Sarmento era d'uma modestia sem rebuços. Dois factos servem para o demonstrar, um d'elles já tornado publico, outro talvez ainda sómente conhecido dos que o presenciaram.

Refiro-me, em primeiro logar, á conhecida historia da condecoração do duque d'Avila e Bolama. Este estadista, solicitado por pessoa amiga de Sarmento e sem licença d'este, para que galardoasse os seus trabalhos scien-

tificos, que tanta honra deram ao paiz, condecorando-o, negara-se a ceder ao pedido, pretextando que não lhe reconhecia meritos que justificassem a mercê, pendurada já a esse tempo do peito de muito embecil endinheirado. Camillo, que vira a injustiça e a affronta, fustigou o ignorante ministro com aquella dureza e ironia que lhe eram peculiares, a tal ponto que o insensato conselheiro da corôa houve por bem reconsiderar e enviar o *crachá*. Sarmento, porém, condecorava Sarmento por proposta de Henry Martin, que visitara a citania, admirado de encontrar escondido n'um canto provinciano de Portugal um dos homens mais profundamente conhecedores da sciencia da sua especialidade.

O outro facto, que abona a modestia do grande homem de sciencia, presenciei-o eu ha bem bons e saudosos dez annos. Um grande numero de estudantes da Universidade visitava Guimarães. E como romeiros

UMA SALA DA BIBLIOTHECA

recusou acceitar a venera, affirmando, se não estou em erro, que o seu pequeno cofre destinado a arrecadar d'esses beneficios estava completamente cheio, não sendo possivel metter lá mais cousa alguma!... E no entanto esse cofre continha apenas, a fóra os titulos de innumeras corporações scientificas, uma unica condecoração official: a Legião d'Honra, que o governo francez lhe concedera, logo apoz o congresso anthropologico, ao tempo em que o primeiro ministro de Portugal não lhe reconhecia meritos para a concessão d'uma mercê, que tinha no mercado uma cotação reles. O governo francez

que nem no meio do folgar se esquecem da sua fé, os alegres rapazes não quizeram ir de Guimarães sem saudar o homem que, a par da sua auctoridade intellectual, era como que o symbolo da gloria da sua terra. Entraram-lhe de roldão pelo palacio, n'uma vozearia de ensurdecer, aclamando-o com delirio. E no emtanto Sarmento não apparecia. Recebidos por pessoas da sua familia, os estudantes em breve se distrairam do seu intento, quando d'ahi a pouco na sala surgiu a figura respeitavel do Mestre. Logo de todos os lados as manifestações cresceram, rodeando-o com carinho, n'aquelle enthu-

siasmo affectuoso e ardente que só a mocidade sabe dar ás suas expansões. Sarmento sorria. Um estudante adiantou-se e n'uma tirada tribunicia disse-lhe, em grandes gestos e phrases oratorias, o preito que a mocidade vinha alli, prestar-lhe a admiração que tinham pela sua obra, a influencia dos seus trabalhos intellectuaes na evolução scientifica, tudo emfim que poderia envaidecer o seu espirito. E Sarmento sorria sempre. E foi, sublinhado por um sorriso, que lhe illuminava ligeiramente o seu perfil duro, que elle pronunciou um simples, *muito obrigado, meus amigos.* E sorria sempre, mas no sorriso com que d'esta maneira acolhia a mocidade, que o victoriava, traduzia-se todo um mar immenso de saudade, de nostalgia do passado, com que se illuminavam os dias frios do inverno da sua vida. E momentos depois, poucos, Sarmento desapparecia da sala, esquivava-se furtivamente ás acclamações dos estudantes e mergulhava de novo no silencio claustral do seu gabinete, a profundar no pó das gerações passadas a vaidade transitoria da vida. Tão certo é que almas simples são sempre as almas grandes!

Na sua simplicidade estava o seu maior elogio.

* * *

A *Sociedade Martins Sarmento* fundou-se em 1881, por iniciativa d'um grupo de amigos do illustre homem de sciencia, que assim

UMA DAS JANELLAS DECORADAS PELO ILLUSTRE PINTOR ABEL CARDOSO

quizeram prestar homenagem ao seu muito saber e festejar o premio com que o governo da republica franceza galardoou os seus trabalhos. Eram, entre outros cujos nomes nos não occorrem, Alberto Sampaio, a

que já fizemos referencia; seu irmão José Sampaio, o intelligente jurisconsulto, contemporaneo do Anthero, e do seu grupo; o dr. Avelino Guimarães, uma grande alma e um luminoso espirito, democrata da mais fina tempera; o dr. Avelino Germano, um medico distinctissimo, que a morte ainda ha poucos dias levou na sua impiedosa desvastação. Todos esses elementos, que eram ao tempo dos mais valiosos, se juntaram no mesmo esforço e assentaram em bases solidas esse edificio monumental, que hoje, mercê do seu trabalho, veem prospero e seguro.

N'esses vinte e tantos annos de vida quantas acções benemeritas, mas quantos sacrificios tambem! Nunca a *Sociedade Martins Sarmento* deixou de velar, já não só pelo bom andamento da sua vida associativa, já não só pelo cumprimento integro do seu programma, mas sobretudo pelo progresso de Guimarães por que tem luctado d'um modo tenaz. Afastando por completo das suas portas a acção nefasta da politica, abrindo-se para todos, fossem quaes fossem os seus ideaes politicos ou crenças religiosas, a sua acção fez-se sempre sentir com resultados beneficos em cada campanha encetada. Assim, se a outros varios elementos se devem muitos dos beneficios que a velha cidade usufrue, ella tem n'elles o maior quinhão de trabalho, porque pelo seu esforço conseguiu a creação do Seminario-Lyceu, a reorganisação da Collegiada, a exposição industrial e agricola de 1884 e tantos outros melhoramentos, que attestam exhuberantemente o vigôr da sua acção.

Dentro do programma que a si mesma se impoz, é das instituições mais benemeritas do nosso paiz. A sua bibliotheca, 30:000 volumes, está franqueada ao publico, encontrando alli as classes pobres vastos elementos para a sua instrucção; n'ella estudaram João de Meira, Alfredo Guimarães, Eduardo Almeida e Alfredo Pimenta, escriptores já em destaque na moderna geração litteraria; todos os annos, na sua festa escolar, dá aos alumnos mais distinctos das escolas do concelho premios em livros e dinheiro, que são o mais benefico incentivo ao estudo; com os seus museus industrial, de nunismatico e archeologico constitue um dos mais interessantes attractivos dos visitantes da cidade.

Impossivel será compendiar n'um curto artigo tudo quanto a população de Guimarães e até o paiz devem á *Sociedade Martins Sarmento*. Mas a comprovação d'essa divida está no affecto que todos lhe consagram, não só os que vivem dentro dos muros da historica cidade, mas ainda aquelles que, como eu, longe d'ella, reconhecem que está alli a defeza e a guarda do progresso da terra que os viu nascer!

A herança que a *Sociedade Martins Sarmento* recebeu do seu primeiro socio honorario é grande, não tanto pelo seu valôr material, como pelas responsabilidades scientificas que lhe impõe. Dirigir a *Sociedade Martins Sarmento* não é positivamente o mesmo que organisar salsifrés n'uma sociedade de recreio, ou festas apparatosas n'uma irmandade rica. Impõe-se a necessidade de valôres intellectuaes de reconhecida competencia, que não deixem ao desbarato a enorme riqueza scientifica que Sarmento lhes legou. Felizmente, na hora presente, uma auctoridade na materia superintende em taes assumptos. Refiro-me ao rev. abbade de Tagilde, que saberá guardar com religioso affecto as preciosidades historicas que hoje pertencem á *Sociedade Martins Sarmento*, que, penso eu, será cada vez mais credôra de sympathias dos filhos de Guimarães.

*
* *

Como os leitores d'esta excellente revista vêem pelas gravuras que acompanham este modesto artigo, a *Sociedade Martins Sarmento* acaba de conseguir um dos seus mais ardentes desejos: a conclusão da fachada e principaes dependencias da sua séde. Installada no velho convento de S. Domingos, comprehende-se que somma de esforços e paciencia não tem sido precisa para conseguir fazer d'uma casa d'aquella ordem, a esplendida installação que a *Sociedade* hoje possue.

O seu salão de festas, bem como a escadaria e a fachada principal, veem agora de ser concluidas, obedecendo a sua construcção a um plano elegante e artistico. O architecto sr. Marques da Silva, do Porto, e o pintor sr. Abel Cardoso, conseguiram realisar um *ensemble* gracioso e artistico, sem darem ao seu trabalho as proporções, que pareceriam desproporcionadas, d'uma obra

monumental, velha costumeira que inutilisa por esse paiz fóra muito trabalho de valor.

O architecto sr. Marques da Silva é um nome feito e autenticado por obras conhecidas, entre as quaes destacaremos a estação central do Porto.

O sr. Abel Cardoso, que tem o curso da Escola de Bellas Artes do Porto e estudou em Paris, é pouco conhecido nos acanhados meios artisticos de Lisboa, pela recatada vida provinciana em que se occulta. No emtanto, em algumas exposições, como ainda ha pouco no Brazil, a sua obra tem sido elogiada com justiça. O seu trabalho de pintura decorativa nas novas installações da *Sociedade Martins Sarmento,* veem augmentar justamente a sua reputação.

Como veem, a illustre collectividade de que nos occupamos de fugida n'este pequeno artigo, ganhou mais uma *étape* no seu caminhar progressivo. Oxalá ahi não pare e nós todos os que a amamos possamos vêl-a prosperar dia a dia!

ANTONIO GUIMARÃES.

SONETO

A caminho da luz que o deslumbrava,
Cego de tanta luz que lhe fugia,
Desde bem longos annos, noite e dia,
De a buscar com amor se não cansava.

Esbrazeante fogo, ardente lava,
Ao pobre caminheiro ia levando
Atraz da sua estrella, como quando
Sua linda Rachel Jacob buscava.

Mas, na dura jornada desleal,
Sei lá que tempo andou assim sósinho
O moço torturado do Ideal...

Quando pôde abraçál-a no caminho
Da vida que sonhara — por seu mal,
Elle era (e tambem ella) já velhinho!

Coimbra.

Celestino Monteiro.

Os bastidores do nihilismo

Historia de um assassino, contada segundo os jornaes
e a narrativa pessoal do seu secretario, Mr. Bruce Ingersoll

POR

MAX PEMBERTON

XXX

O BARCO

(Continuação)

Nunca visitara antes a parte norte da casa e a curiosidade levara-me até o alpendre das embarcações, á beira do rio. No ponto mais elevado estendia-se um jardim, superior ao lago, da banda occidental, vedado por um alto muro, no qual se rasgava uma pequena porta. Tanto quanto a minha observação me elucidou antes de chegar ao alpendre, imaginei que em occasiões ordinarias esta via permittia á gente da casa atravessar o parque sem ter de se servir da ponte levadiça. Qual não foi, porém, a minha surpresa, quando vi a porta escancarada a essa hora do dia, as outras, do alpendre, da mesma fórma abertas e batendo ao sabor do vento.

Estas circumstancias não podiam deixar de me impressionar. Vira já um barco proximo do jardim, mas não havia nada de inquietador no facto. Todavia as portas abertas levaram-me a acreditar que a vigilancia de Blondel tinha suas razões de ser. Por outro lado, o barco podia ter sido levado para fora do lago afim de provar que eu passeava um pouco afoutamente por fora do edificio, e que me devia precaver. Comprehendi qual era o meu dever, e mettendo-me pela relva, chamei a mim toda a minha coragem.

Dentro de um dos barcos do alpendre dormia um homem a somno solto. Juraria que o vira antes, mas não tinha a certeza. Que era estrangeiro, russo pelo aspecto, e apparentemente com intenções pouco pacificas, eram conclusões tão inevitaveis como suggestivas. Velozmente representou-se-me no espirito o que significava a presença d'aquelle homem. Attestava um grande golpe que falhara ou qua ia ser tentado.

Não era muito difficil, raciocinei, que tres ou mesmo quatro homem passasem do parque para o jardim, ao passo que o barco continuava amarrado debaixo do telheiro e a porta ficava aberta. Esta idéa implicava um descuido tão prodigiosamente louco que a arredei de mim. Acudiu-me sem demora a reflexão que eu deveria neutralisar esse homem, ou que tudo ficaria perdido n'aquella casa, sem remedio. A obcessão não me largou. Não possuia meios nem recursos para o conseguir. A magnitude da conjuntura empolgou-me — só me lembrava que a vida de Cavanagh corria risco... ou a d'elle ou a do filho.

Devia apoderar-me do barco custasse o que custasse. Examinando uma vez mais o telheiro, convenci-me que o homem ainda dormia, mas que se virava mesmo a dormir. Se estava armado, as armas não eram visiveis. Não se lhe poderia chamar um homem forte, ou mesmo de physico avantajado. O seu rosto não deixava de apresentar uma expresssão bondosa. Lembrei-me de prompto, tanto por causa da sua subita apparição como do plano que concebi, que me podia atirar para dentro do barco de repente, desamarrar o cabo e largar-me pelo lago adeante antes do desconhecido pensar em me hostilisar. Se gritasse não havia duvida que acorreria a gente de casa. Permanecia assim indeciso, a ponderar se me atiraria ou não ao dorminhoco, quando elle proprio me ajudou a tomar uma resolução.

Examinando tudo, depois, socegadamente, creio que o tal plano era uma estupenda loucura. Ninguem, comtudo, pesa estas coisas quando o apuro é grande e o tempo escasso. Para ser franco, concordei mais tarde commigo mesmo, que o tal projecto seria um rematado disparate. Abrindo a porta do telheiro, o mais devagarinho possivel, caminhei ao longo da embarcação em direcção da amarra, e atei-a com um nó vulgar que todos sabem dar. Prendi o cabo á cancella e preparei-me para saltar para o escaler. N'este mesmo instante o homem que dormia acordou, assentou-se e olhou para mim.

As nossas reciprocas situações eram: o desconhecido meio acordado e a pestanejar; eu com o cabo ainda na mão e vendo desfazer-se o meu plano antes de o pôr em pratica. A nossa mutua curiosidade era superior a qualquer outro sentimento. Ali estava eu á prôa do barco, com o braço estendido para a cancella a que prendera o cabo, n'uma attitude pouco firme, com as minhas intenções bem patentes.

Elle, do seu lado, exprimia a idéa que eu não estava só e que o meu anniquilamento se tornava uma necessidade urgente. Vi-o introduzir a mão na algibeira do casaco e retiral-a rapidamente. O seu olhar atemorisado fixava-se aqui e ali como o de um animal perseguido. De subito, reconhecendo que as outras portas, as que davam para o lago, não estavam fechadas, soltou um grito clamoroso, pegou n'um croque e arremessou o escaler para o rio.

Tudo isto teve a duração de um relampago. Foi n'um abrir e fechar de olhos que deu o impulso, que as portas se abriram, que o barco passou. Nenhum marinheiro seria mais destro que este apparente labrego, com o seu rosto meigo, com os seus olhos humildes, com o seu louco desejo de fugir. Ainda que eu dispozesse do triplo da rapidez de que dispunha, a minha agilidade não o conseguiria deter. Devo, porém, declarar, que me precipitei para o escaler quando elle passou junto de mim, e não conseguindo deitar-lhe a mão, cahi a todo o comprimento no seu rasto. Cinco segundo depois o desconhecido debatia-se na agua do lago, e comprehendi então com que injustiça eu accusara Blondel.

Que tinham arrombado o escaler não restava a menor duvida. Encontrando difficuldade talvez em realizar os seus projectos, isto é em realizal-os com segurança, recorreram a uma armadilha. Só depois do bote se mover é que a verdade appareceu. Mal transpuzera a cancella quando se encheu de agua até á borda e se afundou em sete pés no rio muito claro. O russo, não sabendo nadar, levantou as mãos acima da cabeça e soltou um grito afflictivo. Suppuz que o homem se afogasse antes de eu ter tempo de chegar ao pé d'elle; esperei que voltasse de novo á superficie, bradando-lhe que deitasse a cabeça para traz, e lancei-me, sem ter bem a consciencia do que fazia, a nado, em direcção da cancella do jardim, para lhe prestar socorro.

O facto, n'outra qualquer circumstancia, não apresentava nada de notavel. O rio ou o lago, porque se lhe davam os dois nomes, tinha a largura de quarenta jardas. A agua aquecida já pelo sol da manhã estava tépida, agradavel; só os caniços se tornavam um pouco incommodos. Eu pelo meu lado evitei-os com facilidade, mas não acontecia outro tanto ao russo, agora muito menos destro que dois minutos antes. O seu peso era enorme, o seu rosto livido — creio que desmaiara — aterrou-me com a suggestão de que eu não poderia livral-o da morte. Além d'este pensamento, acudiu-me outro. Para que salvava eu este homem? Que lhe devia eu? Não viera ali com intentos criminosos? Talvez para matar a creatura por quem eu verteria todo o meu sangue. Estas reflexões redopiavam em torno do meu espirito, mas

não conseguiram desanimar-me. Devia salval-o fossem quaes fossem as consequencias. Corri para a beira do rio.

Qual não foi o meu pasmo, quando encontrei ali uma dama, — a esposa de Jehan Cavanagh.

XXXI

ROBINIOF

Lembra-se, com certeza, o leitor das circumstancias em que eu vira, duas vezes, esta senhora. A primeira, quando cheguei a Waterbeach, a segunda, quando Blondel me levou através do parque. Só agora, á luz do sol de um dia de outomno, é que eu pude apreciar bem a sua belleza, notar a soberba alvura da sua pelle, o brilho dos olhos, e raciocinar que as suas madeixas de um louro cendrado constituiam o mais lindo cabello que eu admirara em cabeça de mulher.

...QUANDO ENCONTREI ALI UMA DAMA, — A ESPOSA DE JEHAN CAVANAGH

Todos estes pensamentos foram instantaneos, como é facil de presumir. A dama acercara-se da beira do rio, attrahida ali pelo grito. Eu estacara em frente d'ella, de gorro tirado a mostrar o meu cabello escasso e oleoso, e ficara como chumbado ao sitio. Como narrar-lhe o que acontecera — á pobre louca que não comprehenderia a narrativa — como pouparlhe qualquer choque? E não podia demorar-me a tomar qualquer resolução.

— Minha senhora — disse — aquelle homem foi victima de um accidente. Se nos pudesse auxiliar.

Calei-me, faltavam-me as palavras. A desditosa senhora andava de um para outro lado manifestando uma grande angustia. Depois ajoelhou proximo do sitio onde o desconhecido cahira, e proferiu palavras singulares, n'uma lingua que eu não conhecia. Agitou as mãos com uma ternura e um affecto que só uma mãe pode patentear ao filho.

— E' Robiniof — exclamou, parando e olhando para mim com os olhos pejados de lagrimas — o meu creado, Robiniof, acuda-lhe.

A minha hesitação encolerisou-a. Bradou quasi irada.

— Apresse-se. O medico ainda está lá em casa.

O seu tom surprehendeu-me extraordinariamente. Já relatei que esta pobre senhora estava não só louca, mas tão perigosamente louca, que tentara contra a vida do filho. N'essa conjuntura, porém, dava ordens com tanto acerto como qualquer outra dona de casa. O meu pasmo era completo e custaram-me a encontrar as poucas palavras que proferi antes de lhe obedecer.

— Vou immediatamente — respondi; e

desatei a correr em direcção da casa, onde me encontrei frente a frente com Fédoro. Em vinte palavras narrei-lhe o que succedera, e em cinco chamei o dr, Hanson, que sahia do quarto da creança. O ultimo dirigiu-se para o jardim com todo o vagar de um medico, mas Fédoro largou-se n'uma carreira vertiginosa como se ouvisse um conto das mil e uma noites. Os outros servos foram-lhe no encalço tão curiosos como elle.

Não ha grande merito em tirar um homem da agua, seja qual fôr a opinião do universo a tal respeito. Sósinho no meu quarto, lembrei-me que algumas damas conversariam com certeza a respeito do acontecimento, que perguntariam umas ás outras: «Quem é Robiniof? Porque é que a sua apparição impressionou tanto a infeliz senhora?» Estava a conjecturar ácerca d'isto quando Bondel me entrou pelo quarto dentro sem pedir licença, mas irreprehensivelmente vestido e imperturbavelmente calmo. Tudo quanto acontecera na vespera parecia terse apagado d'aquelle infatigavel cerebro. Assentou-se n'uma cadeira e esperou que eu me vestisse com a calma de um ocioso que frequenta um café.

— Os inglezes estão na agua como no seu elemento — commentou com ironica affabilidade — mas penso que o senhor prefere a agua morna. Que foi o senhor fazer esta manhan ao observatorio? Para que se mostrou tão philantropico?

— A philantropia sempre serviu para alguma coisa.

— E' verdade, e sinto-me perplexo. Essa infeliz senhora, que não reconhecia ninguem ha muitos mezes, lembrou-se do semblante do seu velho creado Robiniof. Quem tal havia de dizer?

— Pois é possivel que o homem, em farrapos, e que não fala uma palavra de inglez viesse desde Baku até aqui, sem nenhum outro guia senão o seu nome?

— Não conhece o Oriente, Ingersoll, se o conhecesse não dizia semelhante coisa. Esse povo dispõe de prodigiosa paciencia. Aposto comsigo que esse maltrapilho caminha ha mezes, faminto, perseguido, talvez, mas sempre resolvido a encontrar-nos. Emquanto esta casa não se tornou conhecida dos nossos incommodos amigos a tarefa tornava-se-lhe impossivel. Mas quando um russo em Londres sabe alguma coisa todos os russos a sabem. Ora vejà o que originam as primitivas emoções... Bem lhe disse em Cambrigde quanto Mr. Cavanagh mudara.

— Talvez seja para melhor.

Blondel encolheu os hombos.

— Não tenho nada com isso. Persigo criminosos ha vinte annos, e se viver outros vinte continuarei a perseguil-os. E' um habito que se nos mette no corpo como o vicio do vinho n'um bebado. Agente fiel, sirvo o meu amo o melhor que posso. Dedico a Jehan Cavanagh uma affeição que nada alterará. Mas, meu amigo, sou um artista antes de mais nada.

A sua candura deliciava-me. Comprehendi que o temivel Blondel se sentia desalentado com os acontecimentos de Waterbeach.

— Quando regressa a França, Blondel?

— Depende do que succeder hoje. Cavanagh não possue as qualidades necessarias para secundar as suas idéas. Quando me procurou declarei-lhe que faria d'elle o homem mais temido da Europa. E tel-o-hia feito. Duas coisas podem exterminar a anarchia na Europa — homens e dinheiro. Mas devem ser homens e não creanças doentes.

— Ah, a natureza humana brada: «Deus dá-me o meu filho!» ao passo que o senhor queria tornar o filho orphão. E' isso mesmo que eu digo, Blondel, o mundo deve trabalhar para a sua propria salvação. Não ha propheta celestial que salve a humanidade das consequencias accumuladas da tyrannia e da prepotencia. Devemos combater essa gente como sociedade e não individualmente. Reconheci isso desde o principio, embora o argumento vá de encontro ás minhas idéas.

Sacudiu a cinza do cigarro e recostou-se com indolencia.

— Tudo isso será verdade — declarou elle — mas eu não tenho nada que ver com isso. Sirvo a quem me paga. Se Jehan Cavanagh precisar de mim basta levantar um dedo e aqui me encontra. A sua vontade depende da vida do filho. A existencia do meu amigo deslisa pelos livros e clubs, a minha pelos commissariados de policia e pelas cellulas das penintenciarias. A minha actividade resume-se n'isto... mas nem por isso deixo de ser um artista.

— E este artista, não encontra ambiente apropriado em Waterbeach e dispõe-se a

voltar á Belgica. No entretanto que faremos nós aqui... que destino terá Paulina Mamavieff?

— Volta para o meio dos seus amigos... Cavanagh é fraco; comprará a segurança propria com a liberdade d'ella.

— Prasa a Deus que assim seja.

— Mas se assim succeder... quando se achar no meio d'elles, casará com o homem de quem ella sempre occultou o nome.

— Com o seu cumplice, ou para melhor dizer com o verdadeiro assassino.

Blondel fez um gesto de indifferença.

— Não a censurarei por isso. Cavanagh odei-a, eu não. Ha algumas coisas que attraem um artista. Isto é uma d'ellas. Continuarei no desempenho do meu mister. Se ella fôr para a America, irei atrás d'ella... se partir para Hespanha, seguil-a-hei. Ha de acabar por dar fundo em Baku. Devo esse epilogo á sociedade, Ingersoll.

— Diga antes á sua propria vaidade, Blondel. Responda-me agora a uma pergunta. Porque evitam que eu a veja?

— Quem o evita?

— E' o que tem succedido até o presente. Se é de opinião contraria...

— Meu amigo, pelo que me diz respeito pode vel-a n'este mesmo instante.

— Era isso que me vinha aqui communicar?

Esboçou um gesto affirmativo sem córar.

— Exactamente — respondeu-me.

E sem mais explicações segui-o em direcção dos aposentos de Paulina.

XXXII

A sua familia

O solar do Fen fórma quasi um quadrangulo, como já disse. Com apparencia de antiga construcção, é, dentro, um palacio moderno. Paulina fôra alojada no que ali se denomina os aposentos Chesterfield, casas sobranceiras á muralha e ao lago no lado occidental. De lá pode descer-se para o jardim e ilha por uma escada de caracol. As salas apresentam velhos e pesados paineis de carvalho, ennegrecidos mais pelo tempo que pelo uso de quem os habita. Os tectos, dourados e emmoldurados em filetes, são citados com louvor pelos guias dos viajantes. As janellas, largas, deixam passar a luz a jorros, e os fogões não se envergonhariam de figurar n'uma sala de jantar. Foi ali que tornei a encontrar Paulina e onde principiei a antever a causa do seu captiveiro.

Devia principiar por dizer que ella me esperava. Era muito nova, o seu espirito era demasiado vivo para imitar essa attitude de pudica timidez, com frequencia fingido, de certas damas. Encontrei-a ao pé de uma janella aberta. A sua saudação foi a mesma que me dirigira em Bruges... e pareceu-me distanciada de seculos.

— Onde está o meu chocolate? — perguntou-me, e juro que nunca ouvi uma pergunta formulada com tanta naturalidade.

— Está nos estabelecimentos em Londres, Paulina — redargui, pegando nas suas mãos e approximando-a de mim — nos estabelecimentos que breve os dois visitaremos. Não se ponha triste com essa idéa.

Esboçou um tregeito delicioso, libertando as suas mãos das minhas e arqueando o mais lindo pescoço de todo o condado de Huntingdon n'esse dia. N'uma mesa perto havia uma caixa com cigarros russos, tirou um e offereceu-me a caixa.

— Mas eu desejo estar triste — declarou com inconsequencia e cessou immediatamente de sorrir. — E' uma triste casa esta, Mr. Ingersoll; sabe-o tão bem como eu.

Accendi o meu cigarro e só depois lhe repliquei. Esta calculada indifferença não lhe provocou nenhuma demonstração de eloquencia. Conversava commigo em Waterbeach como conversara na prisão de Bruges. E tive que me curvar ante a sua vontade, embora me custasse a reprimir o o desejo de a apertar nos meus braços e de lhe beijar os labios n'uma nova explosão de amor.

— As coisas não vão muito bem, é o que quer dizer, não é assim? — inquiri eu. — O pequeno não passa melhor. Teem falado comsigo ácerca de Ion, Paulina?

— Commigo só falam da Russia e dos meus. Blondel, seu amigo, vem aqui todos os dias e propõe-me: «Ensine-me como havemos de anniquilar os seus amigos e não terá de se arrepender». Esse homem e o outro, Mr. Ingersoll são os meus carcereiros.

— Paulina — bradei — porque consentiu que a trouxessem para Inglaterra?

A pergunta saltou-me espontaneamente,

pois sempre, me embaraçara. Apresentaram-se a Paulina innumeras opportunidades para communicar com os seus amigos e fugir do yacht *Lobo do Mar,* se tal tivesse sido sua persistente intenção. O que n'outra parte da Europa poderia ter sido feito com o auxilio da policia era impossivel realizal-o em Inglaterra. Uma palavra minha dar-lhe-hia a liberdade, uma linha enviada á estação de policia mais proxima abrir-lhe-hia todas as portas.

Se ainda não escrevera essa linha, era pelo facto de recear a sua extradicção. O crime que lhe attribuiam faria com que a mandassem para Baku. Eu conhecia que ella estava innocente d'esse delicto, pedia a Deus que o estivesse, mas a acção da justiça impendia sobre a sua cabeça, e prendel-a-hiam em qualquer sitio para onde fugisse. Sugeita a este perigo constante maravilhava-me como se deixara ficar captiva tanto em Veneza como no yacht, quando dispunha de homens resolutos, de correligionarios em abundancia, que lhe podiam facilitar a fuga.

— Porque consenti que me trouxessem a Inglaterra? oh, por muitas razões, Mr. Ingersoll.

— Basta que me dê uma, Paulina.

Voltou a cara para o lado, mas não tão depressa que não lhe surprehendesse o sangue a rosar-lhe a cara. Céos! Que cego eu era. Houve então como uma revelação em mim, deparou-se-me toda a verdade. Viera a Inglaterra porque eu estava aqui. Era vaidade o que sentia? Não; segredava-m'o o coração.

— Paulina — exclamei, e cingindo-a n'um estreito amplexo, cobri-lhe a face ruborisada de beijos, — Paulina diga-me a verdade, conte-me agora, n'este instante, tudo quanto eu devo saber conte-m'o Paulina! Amo-a! Não quer falar?

Estremeceu nos meus braços e fechou os olhos. Suppuz durante um momento que tivesse desmaiado, mas de subito agitou-se, levantou a cara e deu-me um beijo com affecto.

— Mr. Ingersoll — murmurou Paulina, e era agora uma mulher que falava — é tempo de deixar de sermos creanças. Tenhamos juizo, a nossa edade já é para isso. O mundo tem-se mostrado injusto comnosco.

— Mas ha de reparar a injustiça, Paulina.

— Porque o affirma? Não somos nós duas pobres avesitas roubadas do ninho e que o destino lançou cada uma para seu lado? Eu venho do Oriente onde o povo grita «Kismet!» E' o destino, o seu e o meu, havemos de nos conhecer quando chegar a noite. Disse-o e sei-o. Devemos lembrarmo-nos... talvez isso nos ajude a lembral-o. Mas não resta mais nada que a lembrança... as nossas flores murcharam, desfolharam-se como as petalas que o vento leva.

Riu, mas havia commoção na sua voz, não me podia enganar. Aqui, como em Bruges, o meu coração estava á mercê das suas palavras. A creança beijara-me a face, mas a mulher repellia-me.

— Paulina — disse eu — essa é a conversa de sempre. Porque não me quer escutar? Tenho tanto que lhe dizer, Deus bem o sabe...

— Pois não o estou escutando com toda a paciencia, Mr. Ingersoll? Assente-se aqui ao pé de mim, não quer?

A sua voz era meiga, cariciosa.

Dirigiu-se para um sofá perto da janella e deixou-me logar para eu me assentar. Era quasi meio dia, e intensos feixes de tremeluzente poeira luminosa espalhavam-se pela atmosphera serena, e batiam e illuminavam as paredes e os tectos. Em baixo no jardim o som de algumas vozes denunciavam que Madame Cavanagh ainda ali passeava. Recordei-me que Paulina devia tel-a conhecido em Baku e resolvi perguntar-lh'o.

— Lembra-se da casa de Mr. Cavanagh na Russia? — perguntei-lhe subitamente.

Fitou-me muito surprehendida.

— Passava ali todos os dias, Mr. Ingersoll. Como não me hei de lembrar?

— Então recorda-se tambem de Madame Cavanagh?

— Muito bem. E' circassiana; meu pae conheceu-a intimamente antes d'essa gente o mandar matar. Porque me pergunta isso, Mr. Ingersoll?

— Porque ella passeia lá em baixo no jardim... com um seu velho servidor, Robiniof... este nome é-lhe desconhecido?

Pronunciei estas palavras com naturalidade, mas pelos seus olhos cruzou um relampago como nunca lhe vira até ahi.

— Robiniof! — exclamou — oh, mas Robiniof não pode estar em Inglaterra.

— Pois está. Tirei-o do lago esta manhan.

Veiu de proposito da Criméa para ver sua ama.

— Então... então... Mr. Ingersoll não sei o que acontecerá.

— Paulina — perguntei — este homem possue algum dos seus segredos?

Não me fitou. A sua mão, que eu conservava na minha, tremia emquanto eu falava, as suas faces córaram e tornaram-se pallidas, apresentando successivamente a côr das rosas e a dos lirios. Levantou-se de subito e passeou o olhar, ora pela balaustrada de pedra, ora pelo jardim que se estendia lá em baixo.

— Robiniof! — exclamou ella, e tornou a assentar-se, com o peito a arfar de tal modo que suppuz que lhe hia dar um deliquio. Acalmou-se, no entanto, pouco a pouco, e principiou a rir como se lhe atravessasse o cerebro um pensamento alegre.

— Robiniof era muito dedicado a Madame Cavanagh, não era, Paulina?

— Todos o eram em Baku. Estimávamo-la immenso, Mr. Ingersoll.

— E quando se deu a occorrencia.

Paulina abriu muito os olhos.

— A que occorrencia se refere?

— A' morte do pae de Mr. Cavanagh.

— Ah, agora me lembro — exclamou ella tornando-se immediatamente triste — é por causa d'isso que me vão mandar para a Russia.

— Gostaria de saber que os seus amigos a pretendem libertar e que rondam em volta d'esta casa ha alguns dias?

— Não, não gostava de modo nenhum.

— Não gostava?! Não acredito. Pois não são correligionarios seus? Com quem se ha de achar senão com elles?

— São meus correligionarios — disse Paulina vagarosamente — mas Mr. Cavanagh nunca me entregará a elles. Fédoro não o permittiria.

— Fédoro! Que tem esse homem que vêr com isso?... Um immundo cão asiatico...

Paulina riu estrepitosamente.

— Não sou eu tambem asiatica? oh, Mr. Ingersoll que amabilidade!

— Paulina — retorqui — a senhora é o mais imperscrutavel mysterio que tem posto em agua uns miolos honestos. Participo-lhe que Mr. Cavanagh resolveu dar-lhe a liberdade, e ri-se de mim. Communico-lhe que vae ser entregue aos seus compatriotas e...

Não consentiu que proseguisse. Pela sua phisionomia passou uma sombra de indispriptivel terror.

— Os meus compatriotas e correligionarios affirmam que eu os trahi quando vim para Inglaterra — declarou ella. — Se voltar para Baku, matam-me, Mr. Ingersoll.

As suas palavras traduziam exactamente o seu sentimento; a sua apprehensão era absolutamente real, não tinha nada de fingida, tenho a certeza. Pela minha parte, quedei-me pasmado e surprehendido, como succede algumas vezes por ironia, depois dos nossos momentos de exaltação. Os seus correligionarios! Abrangi tudo de relance! Accusavam-n'a de traição e era bem possivel que fosse essa accusação que os tinham trazido até ás portas de Waterbeach. E conjecturávamos mil coisas com aquella finura e previdencia que escarnece de todos os obstaculos!

Confesso, porém, que não proferi uma palavra a tal respeito. Era do meu dever confortar Paulina, tanto quanto pudesse, e na verdade podia pouco. Quando me despedi d'ella, brincava-lhe de novo nos labios um sorriso, mas as lagrimas que lhe tinham corrido pelas faces abaixo ainda não estavam enxutas de todo.

(Conclue.)

Traducção do inglez de EDUARDO DE NORONHA.

ROOSEVELT

Theodoro Roosevelt, que no mez passado deixou a presidencia dos Estados-Unidos da America do Norte, embarcava poucos dias depois em um dos grandes paquetes da White Star Line *com destino a um porto da Italia, devendo seguir d'ahi para a Africa, onde vae caçar o rhinoceronte, o elefante e o leão. Os paquetes da* White Star *têm escala pelo nosso archipelago dos Açores, servindo a sempre crescente corrente de emigração que d'ali se faz para os Estados-Unidos. Graças a esta circumstancia, poderam os habitantes das Ilhas do Faial e de S. Miguel festejar a passagem do grande Presidente nas suas formosissimas terras, tão estimadas p'los norte-americanos. Nas duas ilhas desembarcou Roosevelt, percorrendo-as, admirando-as, e exprimindo bem o enthusiasmo com que as admirava. Tendo-se dado, a bordo do paquete que transportava o eminente estadista, uma tentativa de assassinio que por pouco o não attingiu, a noticia d'este feliz malogro, rapidamente espalhada nas cidades da Horta e de Ponta Delgada, mais calorosa tornou ainda a recepção ali feita a Roosevelt.*

Tudo isto reveste de uma viva opportunidade a publicação do artigo que se segue, escripto agora para os Serões *por quem poude conhecer de perto a notabilissima individualidade de Roosevelt, durante um largo periodo de permanencia na America.*

Vulto de extraordinario destaque na politica mundial, de toda a parte as vistas se voltam com admiração e respeito para a obra ingente e cheia de ensinamentos, que foi a modelar administração de Roosevelt, traçada pelas normas compativeis com a democracia, e que rasgou para o grande povo americano, mais largos ainda, os seus já tão vastos horisontes de progresso.

As qualidades excelsas de estadista incomparavel, com que Theodoro Roosevelt soube cuidar de todos os ramos em que se dividem os departamentos da administração, mais se patentearam no excessivo culto que dispensou ás instituições militares da sua patria.

Convencido de que a paz só pode existir de facto quando a nação se encontra preparada para a lucta, foi sua principal preocupação no governo elevar a Republica a altura tal, que abrigasse o seu povo de humilhações, viessem ellas de qualquer que fosse o ponto do planeta. E sabe-se como Roosevelt conseguiu este desideratum: a marinha norte-americana passou a alinhar-se na primeira fila das armadas poderosissimas.

Algumas das gravuras, que se intercalam no texto d'este artigo a respeito de Roosevelt, são reproduzidas do Leslie's Weekly, *de New-York. Exprimem humuristicamente um cumulo de reportagem norte-americana: São diversas attitudes que o ex-presidente* ha de ter *no meio das florestas d'Africa, em presença das feras que ali vae surpreender.*

O prestigio individual de Theodoro Roosevelt começa com o facto de se tratar de um herdeiro das tradições dos primeiros fundadores da Republica da Nova Inglaterra. A sua familia, oriunda de casas com illustres estirpes na Hollanda, foi estabelecer-se na America por 1649. A aristocracia do nascimento só foi abolida em principio pela Constituição dos Estados-Unidos; os representantes das grandes familias *vieille roche*, emigradas com os primeiros povoadores, constituem uma especie de casta com intensa supremacia historica.

Frequentando como estudante rico a Universidade de Harvard, Roosevelt formou-se em direito. Depois foi eleito deputado á legislatura do Estado de New-York. Depois foi nomeado commissario e presidente da Administração Civil. Depois, foi-lhe dada a

presidencia da Junta dos Commissarios de Policia. Aqui iniciou a sua obra de reformador ousado, mettendo hombros a uma profunda reorganisação do corpo policial, com o apoio das classes mais cultas, mas sob o ataque violento da propria policia e d'uma parte da imprensa, que o forçou a exonerar-se do cargo. Chamado então a exercer as funcções de secretario do Ministerio da Marinha, um dos seus primeiros actos nessa nova commissão foi exigir um credito de oitocentos mil dollars destinados a escolas de tiro a bordo dos navios de guerra; e tamanha importancia tomou logo, aos olhos dos entendidos, o resultado das primeiras experiencias, que um novo fundo de quinhentos mil dollars foi votado para se crear o exercicio permanente ao alvo no mar. Essa época marca o inicio dos recentes progressos na remodelação do material de guerra naval dos Estados-Unidos, e justifica o dizer-se que as victorias de Cuba e de Manilla foram o primeiro fructo sazonado da arvore laboriosamente plantada por Roosevelt.

O PRESIDENTE ROOSEVELT JANTANDO COM OS MARINHEIROS DE UM NAVIO DE GUERRA NORTE-AMERICANO

(Incidente curioso a bordo de um couraçado da esquadra do Pacifico)

Rompem-se as hostilidades com a Hespanha. Roosevelt deixa o logar de secretario da Marinha, organisa á sua custa o regimento de cavallaria dos *Rough Riders* em que se alista a nata dos caçadores americanos, elle proprio se põe á frente do denodado magote de voluntarios, e parte para a guerra, onde affirma valorosas qualidades militares, como em todos os combates que precederam a rendição de Santiago de Cuba.

Chega-lhe então o primeiro momento de popularidade. Não é já só em New-York que se pergunta quem é Roosevelt. Por todos os Estados se quer saber quem elle é. Coincide com este momento de curiosidade a eleição presidencial. O primeiro candidato é Mac-Kinley; e acompanha-o então, na candidatura á vice-presidencia, o nome de Roosevelt. São eleitos ambos; e um dia, assassinado Mac-Kinley no instante em que a

ATRAVESSANDO UM LEÃO COM UMA SARABACANA

Entra depois em acção, e mostra-se o apostolo de todas as grandes ambições sociaes realisadas pelo trabalho arduo e pela lucta *à outrance*. Possue como dom natural a linguagem que o povo gosta de ouvir. Lisongea-lhe todas as boas tendencias. Diz-lhe que elle tudo póde, e que faz bem em tudo querer; diz-lhe que elle é, com effeito, como elle julga ser, o mais energico, o mais perspicaz, o mais voluntarioso de todos os povos modernos, o maior de todos os povos do mundo.

— «Usar o nome de cidadão americano, diz Roosevelt, é ter direito ao mais honroso de todos os titulos!»

Dispende tanta energia e affirma tantas qualidades nobres e serenas como um antigo heroe de Plutarcho. A firmeza e a lealdade da sua orientação politica enfileiram-no a breve trecho com os Washington, os Franklin, os Lincoln. Depois, não é homem que consinta em deixar os seus creditos por mãos alheias. Nos seus discursos, que chegam a ser oito por dia, dir-se-ha que elle só fala de si:

— «*I am*...» «*I think*...» «*I will*...» «*I make*...»

Logo na sua chegada ao governo, sem sua politica, intensamente grata ao espirito americano, attinge a exuberancia e resulta em proveitos maximos, Roosevelt é chamado á presidencia da Republica.

O que quer elle?

O que vae elle fazer?

Uma viva anciedade aguarda o seu primeiro gesto, a sua primeira palavra, o seu primeiro movimento. Os destinos de uma nação poderosa e voluntariosa cáem de chofre nas mãos de um homem que ella mal conhece. A espectativa de todo o americano perante o individuo que elle não conhece bem é uma espectativa que não dissimula a desconfiança. E essa é a espectativa do povo americano perante o advento de Roosevelt.

Roosevelt é enigmatico. A sua expressão mistura-se de rigor e de serenidade, de firmeza varonil e quasi benevolencia, de orgulho e quasi modestia. Fala; e a sua palavra, que é aspera, amacia a idéa violenta como um cinzel que amaciasse um granito. Gesticula, e o seu gesto, que lhe sae de preferencia agressivo, contorna-se em posições simples de defeza... A primeira impressão que o povo americano recebe d'elle é uma impressão toda de simpathia.

EM FRENTE DE UM ELEPHANTE

mais rodeios, a sua primeira expressão é esta:

— «*I am the man of the moment*... Eu sou o homem do momento...»

Mas isto mesmo, que parece o cumulo da immodestia, não é mais do que a expressão de uma vasta idéa altruista, que logo elle explica dizendo «que nenhum outro homem poderia, como elle, conduzir o fio da politica de Mac-Kinley, pois das proprias mãos do presidente assassinado recebeu esse fio...»

E todo o proposito da politica de Mac-Kinley era sacrificar sempre a regalia do individualismo ao interesse da sociedade.

Roosevelt foi comparado ao Imperador da Allemanha pelo fraco de muito gostar de barulho em volta da sua pessoa, e frequentemente o caricaturaram, a elle mesmo, de imperador, com a corôa, o sceptro, e o manto roçagante, caindo-lhe da góla do seu frack democratico. Outros o aproximaram de Roumestan, pelo séstro de querer impôr a sua America a todo o mundo, como o tipo de Daudet impunha a sua provincia a todo o resto da França.

ROOSEVELT SALTANDO NO SEU CAVALLO FAVORITO

A caricatura não precisa justificar-se. O seu fim é ter graça; não é ter razão.

A troça, no caso de Roosevelt, traz pilheria, mas não traz desprestigio — porque Roosevelt, quando falava de si, era só para fazer falar da America; ao passo que Guilherme, quando fala da Allemanha, é só para que se fale dos Hohenzollern. Depois, se é certo que Roosevelt falava tanto pelos cotovelos como Roumestan, sendo este talvez, por haver sido inventado, o unico orador politico dos paizes latinos capaz de sustentar com elle o *match* da verborrhea, certo é tambem que o logar-commum, na bôca de Roosevelt, assumia sempre uma feição de

coisa nova e grandiloqua, que o povo americano escutava com o enthusiasmo em chammas, e que a Europa, longe de ousar desdenhá-lo, recebia com o acato devido ás coisas do bom tino.

A ultima crise monetaria e de especulação, que por um momento trouxe á Europa a sensação do krach colossal de uma das nações mais ricas, mais activas e mais felizes do Universo, deu um vehemente relevo de bronze historico á já muito poderosa figura de Roosevelt.

Soube-se o que foi essa crise. Desde muito que o Presidente perseguia os potentados da finança com uma pertinacia tal que a questão do socialismo se apresentava não já como um problema em que só uma evolução gradual e lenta poderia inspirar qualquer obra legislativa, mas como uma questão de effeitos immediatos a resolver em duas pennadas vigorosas.

Os collectivistas já cantavam victoria. Mas não tardou que a falta de equilibrio entre a producção industrial e as disponibilidades monetarias trouxesse como consequencia natural o excesso de producção e a resultante baixa dos preços. E a especulação emprehendida com os valores da bolsa em favor do grande movimento industrial derruiu toda no krach memoravel, logo que esse movimento diminuiu de intensidade. Fortunas enormes baqueavam em instantes. A onda dos desvairados crescia impetuosa. Tinha-se então chegado a um momento em que se tornava preciso lançar sobre uma cabeça responsavel todo o peso dos odios que a crise gerara no animo dos prejudicados. E a cabeça escolhida foi a de Roosevelt.

DE REVOLVER EM PUNHO

Vira-se até ahi que o Presidente, usando dos poderes que a Constituição lhe atribuia, tinha feito uma politica pessoalissima, impondo em tudo a sua vontade e guiando o paiz segundo os seus caprichos e inclinações.

Acusavam-no então os adversarios de que elle precipitava num abismo os mais culminantes interesses da nação. A sua campanha contra os homens dos *trusts* tinha como desfecho o descredito contra as mais eminentes personalidades das finan-

MATANDO UM LEÃO

ças dos Estados Unidos. E os perigos d'uma semelhante politica não podiam ser postos numa mais bella evidencia.

Disse-se logo que, dado o caracter impetuoso de Roosevelt, o seu partido só lhe reservaria, na eleição que estava proxima, as funcções meramente decorativas de vice-presidente. Mas lá estava a eleição posterior á ocupação da mais elevada magistratura republicana pelo successor de MacKinley, confirmando incontroversa pelo concurso nacional o applauso á politica de Roosevelt.

COMO HERCULES...

O transe financeiro exigia, porém, actos de grande patriotismo. E viu-se isto: Roosevelt, que confundira no mesmo vilipendio todos os grandes senhores do billião americano, punha de lado as pertinazes opiniões demagogicas, que tanto lhe haviam valido o exito da popularidade, e estendia as mãos aos reus de sua acusação!

Chamados á Casa Branca, os *trustmen* pozeram á disposição de Roosevelt todos os meios de acção conjuncta que deveriam permittir-lhe o fazer renascer a confiança alvoroçada pela falta de numerario e suspensão de pagamentos.

E logo o mais poderoso navio que corre os mares, o *Luzitania*, que acabava de bater o record da velocidade na travessia do Oceano, com singraduras de mais de 600 milhas, ou 25 milhas nauticas por hora, munido de turbinas motoras com a força de setenta mil cavallos, era fretado pelos Rockefeller, os Carnegie, os Vanderbilt, os Morgan, e aproava á America transportando no seu bojo de monstro, capaz de deslocar quarenta e cinco mil toneladas, todo o oiro preciso á conjuração da crise!

D'um modo geral se crê, na Europa, que em nenhuma outra parte do mundo o capricho do homem assume tão grandes proporções de intransigencia perante o senso commum, como na America. Ora é preciso saber-se que o senso-commum, na America, não é nada d'aquillo a que nós convencionámos chamar senso-commum na Europa.

Perante o nosso senso-commum, Roosevelt, agradecido aos *trustmen* pelo favor com que lhe tinham acrescido a aura da popu-

laridade, não teria outra coisa a fazer senão dar-lhes prova da sua gratidão, o que muito naturalmente começaria por reconciliar-se com elles. Ainda perante esse mesmo senso commum (sempre o nosso) outra coisa não teriam a fazer, por seu lado, os homens dos *trusts* senão espremerem da desejada reconciliação os melhores proveitos. Pois não seria tudo isto, porventura, o mais corrente, o mais natural, e, porque não dizê-lo? — o mais justo?

UNICA PHOTOGRAPHIA DE ROOSEVELT NOS AÇÔRES NA OCASIÃO DO SEU DESEMBARQUE EM PONTA DELGADA, ILHA DE S. MIGUEL

Mas o que se passa na America não lembraria, na Europa, nem ao diabo — ao diabo, bem entendido, que preside aos destinos da Europa. Praticado o acto patriotico, Roosevelt volta as costas aos billionarios, e aproveitando logo a primeira oportunidade, que é a abertura do Congresso, lê a famosa mensagem presidencial em que mais acirradamente que nunca se atira aos *trusts* e a tudo quanto seja ou pareça ser agrupamento com tendencias monopolisadoras.

ROOSEVELT TOMANDO PARTE NAS DIVERSÕES A BORDO DO PAQUETE ALLEMÃO QUE O TRANSPORTOU DE NEW-YORK A NAPOLES

Não tarda que o paiz recupere a sua serenidade. Acentua-se a progressiva acalmação na crise formidavel. Visivelmente a confiança renasce: a circulação metalica restabelece-se, os depositos voltam a movimentar os bancos, a excitação dos espiritos apazigua-se.

Regressado tudo á normalidade, tudo mettido outra vez nos eixos, cada qual retoma o seu papel, reentra na sua acção. E como ninguem vira com surpresa Roosevelt e os *trustmen* darem-se as mãos no momento em que o interesse nacional da America exigira esse gesto, ninguem se surprehende tambem com o proseguimento d'estes dois factos, que, após a crise como antes da crise, absorvem as energias maximas da politica e da finança americanas: os *trusts*, monopolisando toda a produção e todo o commercio, pelo estrangulamento da concorrencia livre; Roosevelt encarniçando-se no exterminio de todo o monopolio pelo estrangulamento dos *trusts*.

Não ha memoria de um homem que tenha podido desfructar uma tão vasta popularidade. A popularidade de

Roosevelt estendeu-se aos muitos milhões dos seus compatriotas. A' multidão adorava-o. Acima de tudo, via nelle um homem de acção, um apologista da força, um inconcusso. Os seus detractores, que os teve, e violentos — toda a horda dos *trusts* — accusaram-no de querer transformar a liberrima democracia da America numa especie de demagogia cesariana. Mas a vehemencia com que Roosevelt insistiu sempre em que a America devia ser só para os americanos, parecia haver transmigrado para elle, como uma forte obcessão, do proprio espirito de Munroe. O ardor com que atacou todos os formidaveis problemas nacionaes, e desbravou e abriu o caminho para a mais ampla resolução que esses problemas podessem vir a ter, foi bem esse mesmo ardor das paginas crepitantes da sua *Vida extrenua (The strenuous life)*. Sem duvida, na sua popularidade entrou por muito a notoria simplicidade com que elle punha de lado as redeas do governo para tomar as redeas de um cavallo do Kansas, e galopar através dos desertos selvagens de Far-West, com a sua rude escolta de *cowboys*, em busca das emoções e riscos da grande caça ao urso. Mas a boa, a forte, a legitima razão de ser d'essa popularidade esteve nisto: Roosevelt definiu, personalisou, e realisou, verdadeiramente, o ideal americano: produzir a porção maxima do esforço individual, no maximo proveito da America.

ROOSEVELT EMBARCANDO NAS DOCAS
DEPOIS DA SUA VISITA A' CIDADE DE PONTA DELGADA

ALFREDO MESQUITA.

A MUSICA DO MAR

(Ensaio d'onomatopêas)

DÓ:

Eu quando bato além nas cavas penedías
Ribombo, sôo, rujo,
Solvendo n'este fluido agreste d'harmonias
Os cantos do marujo...

SI:

Assim como na areia — arminho coruscante,
Siciando em surdina,
Envolvo num marulho amêno e sussurrante
Os cantos da varina...

CARLOS AFFONSO DOS SANTOS.

A escola do lar

Ha annos fiz na Sociedade de Geographia de Lisboa uma serie de conferencias sobre a influencia europeia nas raças de cultura inferior, especialmente as negras de Africa, a proposito da acção das congregações religiosas, que então agitava os espiritos entre nós.

Numa dessas conferencias occupei-me dos principios e meios da educação em geral. Ao terminar dirigiu-se a mim um dos ouvintes, um homem, cuja apparencia me fez attribuir-lhe idade entre sessenta e setenta annos, e que me era perfeitamente desconhecido. Pronunciou algumas dessas palavras corteses que é costume dispensar a um conferente que termina a sua exposição e accrescentou:

— «Não posso deixar de dizer-lhe que na sua conferencia houve uma grande lacuna: não falou da educação pela familia. Oh! A familia tem o primeiro logar entre os educadores. Eu estive em Paris quando M. Guizot era ministro e ouvi-o discursar sobre esse assunto, mostrando toda a importancia da familia na obra educativa.»

Agradeci as palavras do desconhecido, sem explicar a lacuna por elle notada, e nunca mais o vi. Depois disso tive occasiões de dar essa explicação, em conferencias e lições do meu curso de pedagogia.

Na epoca em que o meu interlocutor de momento dizia ter estado em Paris, pensava-se por certo do papel da familia, digo do papel realmente representado pela familia na educação, de modo diverso daquelle por que veiu a pensar-se. Abstrahio aqui da questão se a familia educava então melhor do que veiu a educar. A verdade é esta: na França chegou a negar-se na segunda metade do seculo XIX e no começo do XX que a familia seja a educadora que exigem os nossos tempos. Algumas citações mostrarão a corrente das ideias na materia.

Victor de Laprade escrevera no seu livro *Le baccalauréat et les études classiques*: «Deixae ás luzes dos paes, nas classes mais ricas e esclarecidas, ao seu zelo pela sciencia pura, ao seu gosto da distincção intellectual, o cuidado de fixar o nivel dos estudos classicos e affirmar-vos-hei que, dahi a quinze annos, o maior numero dos nossos filhos de familia saberá apenas ler, escrever e contar.»

Octave Gréard, o illustre vice-reitor da Academia de Paris (fallecido ha alguns annos), referindo-se, em 1885, ao exame do *baccalauréat*, que corresponde ao nosso exame final de ensino secundario, e ao expediente de constituir os jurys com professores de ensino secundario, em vez de o ser só com professores do ensino superior, havendo o perigo de os primeiros cederem mais facilmente á pressão das familias, o que elles em verdade confessaram poder dar-se, escreveu: «Comprehenderiam sufficientemente as familias a sua verdadeira missão para não trabalharem afim de pôrem o exame ao alcance de todos?» E reproduzia as palavras, acima citadas, de V. de Laprade, evidentemente por julgar serem a expressão da verdade.

O professor Darlu, philosopho que vê d'alto os verdadeiros interesses sociaes, disse, no *Inquerito sobre o ensino secundario*, ante a commissão parlamentar francesa de 1899: «Sabeis melhor que ninguem, senhores, que o interesse geral não é a somma dos interesses particulares, dos interesses indivi-

duaes. E' interesse individual dos soldados voltar o mais depressa possivel aos seus lares; mas tal não é o interesse do regimento. E' interesse individual dos paes de familia obter para seus filhos todos os diplomas com a maior facilidade possivel; e assegurar-lhes com o menor trabalho possivel as maiores vantagens. O instincto democratico exerce, pois, perpetuamente uma especie de pressão sobre o legislador e surge á luz por cada fenda. Poder-se-ha defender contra elle o interesse da alta cultura ligado ao ensino classico? Se me perguntassem o que provavelmente virá a succeder, seria obrigado a confessar que é provavel que o legislador ceda.»

E' a pura verdade que as familias francesas vêem acima de tudo o diploma e não ligam importancia á educação moral e intellectual que elle devia significar; dahi o trabalho insano para quebrar o rigor dos examinadores, a *pressão* a que alludia Gréard e de que tambem falou Darlu no *Inquerito* citado. Segundo elle, ha mães de familia que passam um dia na escada que conduz á camara do professor da faculdade para lhe recommendar o seu filho ao passar; em todos os dias de exame ardem multidões de velas (empenhos) para implorar a approvação.

De modo ainda mais condemnatorio e laconico escreveu o eminente professor Gustave Lanson: «E' necessario concordar em que o que obriga a Universidade (isto é o conjunto das instituições docentes dependentes em França do ministerio da instrucção publica) a propôr (aos estabelecimentos d'ensino) por fim principal a educação, é que a familia se tornou incapaz de a dar.»

A inferioridade educadora da familia é tambem reconhecida na Allemanha. Assim o philosopho Döring apresenta a opposição que existe entre a escola e a familia como fundamental, derivada da natureza das coisas e ineliminavel, e propõe medida radical: negar á familia o direito de educar, sendo as creanças desde o nascimento entregues ao cuidado e direcção de educadores predestinados e preparados pela natureza e instrucção para o exercicio de suas altas funcções. Até os seis primeiros annos, que Platão concedia á educação domestica, passariam para a educação social. Por mais exagerado e irrealizavel que pareça tal programma, é certo que o auctor partiu de considerações fundadas na realidade.

E tambem da Inglaterra nos veem queixas analogas.

Quando nos paises de mais elevada cultura, como nos alludidos, as coisas se passam, pelo que respeita á educação familial, de modo tão deploravel, que admirar o que vae cá pela nossa propria terra?

Varias vezes, no decurso de mais 35 annos, em artigos de publicações periodicas, em conferencias me referi ao sacrificio da educação ao diploma, objectivo de paes e filhos; assim disse eu em 1889 *(Revista d'educ. e d'ensino)*: «Para a enorme maioria de paes e d'alumnos os estudos são uma imposição dura que se trata de adoçar por todos os meios possiveis. O que se tem em mira não está no saber e nas aptidões e muito menos na educação propriamente dita (educação moral) — está no diploma que dá direito a logar á mesa da vida. A educação é reduzida a adaptação ao meio existente (sem progresso). O estudo é materia de curiosidade d'alguns, e aquelles que o tomam a serio são tidos na conta d'excentricos ou coisa ainda peor.»

No *Relatorio* da reforma do ensino secundario de 22 de dezembro de 1894 acham-se as mesmas queixas: «Para grande numero de familias tudo se cifra no rapido ascenso dos filhos, pela força das certidões, aos institutos maiores: o saber não tem preço algum: o melhor systema é o de empreitada ou de mais veloz expedição.» E o *Relatorio*, desenvolvendo o assunto, preceitua: «Aqui, a obrigação consiste em não ceder. E' mister fazer sentir ás familias que seu interesse bem entendido tem muito que perder na tortuosa viella para onde as impelle a ambição de obterem aos filhos a mais pronta carreira, ou o projecto de trocar, a toda a celeridade possivel, em fonte da receita, um encargo obrigatorio.»

Mas o Estado tem de ceder em parte e não convence as familias: tem de ceder, porque a pressão se exerce de varios modos e com intensidade, e não convence as familias, porque estas, a seu turno, estão sob a pressão de diversas circumstancias cuja eliminação é gravissimo problema.

A reforma do ensino secundario de 1894-95 foi entre nós um facto de experiencia sobre o que póde a pressão das familias. E'

incontestavel que uma parte dos programmas estava muito carregada, que havia ainda no regulamento e programmas outros defeitos, em parte graves, que com o tempo se iriam corrigindo. A critica principal dessa reforma foi feita pelo eminente pedagogista allemão Hermann Schiller, já fallecido. Não foi em geral o amor da verdade e da justiça que produziu contra a reforma uma alluvião de artigos, opusculos, conferencias e congressos: foram os interesses constituidos e sobre tudo os interesses das familias, no sentido já indicado. Se, a respeito de muitas questões, se diz com razão: *cherchez la femme*, a respeito dessa dir-se-hia: *cherchez l'enfant*, porque, por via de regra, as queixas se explicavam por haver tal ou tal menino, taes ou taes meninas que era difficil ou impossivel fazer passar através daquella serie de provas até ao mirado diploma lyceal. A reforma de 1894-95 devia ser reformada, mas não o foi. E apesar da reducção dos programmas, da bifurcação nos dois ultimos annos, as reclamações não deixaram de continuar a apparecer, annunciando-se um novo arranjo para breve.

O sonho doirado para as familias abastadas ou simplesmente remediadas, para innumeras até das que alcançam em continua labuta o pão de cada dia, é verem os seus filhos possuidores do diploma dum curso, sobretudo um diploma universitario, ou duma escola medica, ou polytechnica, ou da escola do exercito ou da naval, ou do instituto agronomico, ao menos dum curso dos institutos industriaes ou commerciaes ou duma academia de bellas-artes. Muitas mães (e paes tambem) collocam acima de tudo o curso naval: é tão lindo um official da armada com a sua farda cheia de doirados! Na falta de melhor não desagrada a carreira de engenheiro maquinista naval, por causa do titulo de *engenheiro* e da farda. Não é o caminho — o estudo — que agrada (já o sabemos), mas o fim — o *diploma*, que dá o titulo de bacharel, doutor, engenheiro, official do exercito ou da armada e abre, aleatoria ou certamente, as portas ao emprego do Estado. Ha familias que para levarem seus filhos ao termo desejado fazem os maiores sacrificios, cerceando para isso as despesas da casa, de vestuario e d'alimentação. Se fosse possivel obter o diploma sem estudo, empregar-se-hiam os meios para isso necessarios. Se os diplomas saissem em premios de loteria, comprar-se-hiam os bilhetes desta, empenhando tudo, se fosse preciso, e deixar-se-hiam as escolas ás moscas.

Um periodico dos mais lidos entre nós, referindo-se á legislação alterada pelo decreto de 29 de agosto de 1905 sobre o ensino secundario, dizia: «Nas nossas condições moraes e sociaes, a sciencia deve merecer todo o culto, mas «os diplomas» praticamente valem mais que ella.» Não contem uma ironia, por certo, essas palavras; mas sim uma confissão sincera, que traduz não só o pensamento individual dum jornalista, mas o sentir de compacta massa de paes e filhos; e quando uma tal confissão sae assim, sem rodeios, apenas com uma cortesia á sciencia, como a um poder desthronado, sonda-se a profundidade do abysmo a que se desceu. Em nenhuma publicação estrangeira que conheço (e não são poucas), que tratam d'educação, se encontra coisa que de longe se pareça com isso: todas condemnam as tendencias lamentaveis das familias no que respeita ao estudo.

Como é que num periodo historico em que se espera ou diz esperar da sciencia a renovação social, em que ella transformou a technica da producção e do transporte, modificou profundamente um grande numero de ideias, as familias conspiram fortemente contra a cultura mental que se busca dar a seus filhos?

O problema é sem duvida complexo e não o vi ainda tratado como merece e nem eu pretendo deixar aqui mais que algumas indicações para o entender.

Não foi com certeza o annuncio lançado ao mundo por Brunetière de que a *sciencia estava fallida*, que levou as familias a esse modo de proceder: o mal vem de mais longe.

Ninguem gosta de que lhe chamem ignorante. Talvez ninguem se recusasse a que lhe adornassem o espirito com ampla e profunda cultura scientifica, mas com a condição de que esse dom não custasse o minimo esforço a quem o recebesse. Saber não occupa logar, diz o povo, o que não é talvez verdadeiro; pelo menos está provado que a memoria tem limite, ou se se prefere, a expressão, se satura; o que depende, sem duvida de particularidades de estructura do cerebro, portanto espaciaes. Certo é que o

saber exige tempo e esforço e são raros os que a natureza dotou para as mais amplas e elevadas acquisições scientificas.

Quer-se fazer um doutor e faz-se muitas vezes um mau doutor do que daria talvez um bom sapateiro ou nem sequer daria um mau sapateiro. Mas dadas certas condições de familia, as ambições a que já alludi, é forçoso que tal filho estupido se faça doutor e como são muitas as familias em condições analogas é inevitavel que o nivel dos estudos desça. O professor tem de se regular por uma certa media ministrada pelos alumnos, se não quizer fazer mortandade nos exames. Em toda a parte se se sente que mais de 50 por cento de reprovações d'alumnos que se apresentam a exame é excesso. Doutro lado, apesar do desejo de encurtar o tempo, no caso de filhos refractarios ao saber, as familias resignam-se á repetição de annos e os professores que resistiram ao empenho ou á piedade do primeiro momento, cedem muitas vezes, por fim, á compaixão perante a perseverança daquelles que Antonio Feliciano de Castilho typificou no *Antão Verissimo*. E o nivel dos melhores baixa sob a influencia do nivel dos mediocres e maus.

Ora a intelligencia reparte-se segundo leis naturaes: os mediocres formam necessariamente a grande massa. E' possivel modificar nos seus resultados essas leis, não destrui-las, e essa modificação só pode ser obra duma alta politica educativa. Assunto para tratar á parte.

Para o desejo de abreviar os estudos concorrem, além das difficuldades pecuniarias, outros factores que se encontram até actuando nas proprias familias abastadas: as incertezas da vida, a falta de mutua confiança social, a dureza da concorrencia, do que, depois de Darwin, sem se perceberem bem as ideias do grande naturalista, se chama o *struggle for life*, o proprio egoismo das familias, que desejam descarregar-se o mais cedo possivel do peso da educação, se educação é, e do sustento dos filhos.

(Conclue.)

F. ADOLPHO COELHO.

Costumes populares

UMA NOITE DE FOLIA

CENTENARIO DA GUERRA PENINSULAR

OUTUBRO DE 1808

Dia 26

Sir John Moore, que, depois de partirem para Inglaterra os tenentes-generaes Sir Hew Dalrymple e Sir Harry Burrard, ficou commandando o exercito britannico existente em Portugal, parte de Lisboa em direcção a Hespanha, afim de combinar, em Madrid, com os generaes hespanhoes o plano de campanha contra os francezes. Não obstante haver recebido no dia 6 instrucções do governo de Londres, prescrevendo-lhe a maior celeridade nos movimentos, viu-se impossibilitado de começar a marcha mais cedo em consequencia da falta de meios de transporte.

De harmonia com as mesmas instrucções, deixa em Portugal 5:000 homens, sob o commando do general Sir John Cradock, com a missão de defender o nosso paiz. As suas tropas, depois de se lhes unir a divisão de Sir David Baird, que ha de desembarcar na Galliza, deverão contar um total de 30:000 homens.

A VERGONHOSA FUGIDA DO ANJO DA VICTORIA, CHEFE DOS FRANCEZES NAS TERRAS DE PORTUGAL

A fome, as mortes e muito mais o medo dos Inglezes e Portuguezes, foi o maior assalto daquelles peitos de Aleivosia que os atirou ao ultimo lance de cobardia.
O Lord General vê a fugida e prontamente persegue o Inimigo; fica Portugal livre desta como diz Sagard (sic) multidão de caens. Edital 9 de abril de 1808.

NOVEMBRO DE 1808

Dia 8

Sir John Moore chega com as suas tropas a **Almeida** e resolve marchar para Salamanca.

Dia 23

A retaguarda das tropas acima indicadas, que a 11 transpuzera a fronteira a caminho de Ciudad Rodrigo, chega a **Salamanca.**

DEZEMBRO DE 1808

Dia 3

Juntam-se em **Salamanca** ás tropas de Sir John Moore as forças de artilheria, cavallaria e infanteria do commando de

Sir John Hope, que haviam seguido por Badajoz, Mérida, Trujillo, Talavera de la Reina e Espinosa e que estiveram quasi a cahir entre os esquadrões da cavallaria franceza commandada por Lassalle.

Moore não estava informado a respeito dos movimentos do inimigo, que sob o commando do proprio Napoleão, acabava de derrotar varios exercitos hespanhoes e se approximava rapidamente de Madrid.

Dia 11

Um decreto da regencia determina que todos os portuguezes se armem conforme puderem, mas de modo que nenhum deixe de ter espingarda, ou um chuço de 12 a 13 palmos, com ponta de ferro. As cidades, villas e outros logares importantes fortificar-se-hão, construindo nas entradas e ruas principaes dois ou mais travezes, onde se faça defeza mais vigorosa no caso de o inimigo atacar. Aos governadores militares serão enviadas pelas auctoridades civis relações dos individuos mais capazes para exercer o commando do povo armado, preferindo-se os que já forem officiaes de ordenanças, ou 3.ª linha. Os governos das armas serão divididos em districtos, devendo os generaes governadores nomear um official a que obedeçam os capitães-móres e demais officiaes de ordenanças. Aos domingos e dias santificados reunir-se-hão as companhias, que abrangerão todos os homens de 15 a 60 annos, para se exercitarem no manejo das armas e evoluções tacticas. Será preso e condemnado á morte quem faltar a estas obrigações ou prestar qualquer auxilio ao inimigo, e reduzida a cinzas e arrasada a povoação que não se defender bem.

OS INIMIGOS DO CRISTIANISMO

Vendo os ex-ecrandos (sic) Francezes que não podião de hum só golpe destruir a Igreja de Deos, não perdem tempo algum por qualquer caminho que seja na sua ruina por isto tratão de Rebeldes os pobres Romeiros que festejão N. S. da Amendoeira e os matão a todos como criminosos.
Empregão estes asacinos (sic) em matar gente dezarmada, a qual a sua devoção assim os conduzio aos Martirios. Este hé o momento de colher o fructo de vossa tranquilidade. Junot. Edital 26 de Junho de 1808.

Dia 17

John Charles Villers, ministro plenipotenciario do governo inglez em Lisboa, é recebido em audiencia official pelos governadores do reino. Vem encarregado, juntamente com o tenente-general Sir John Cradock de estudar a maneira de fazer o alistamento, por conta de aquelle governo, de 10:000 portuguezes, para os quaes virão depois os necessarios armamentos.

Dia 23

Por um decreto da regencia expedido ao Conselho de Guerra, repartição por onde corriam todos os negocios militares importantes, a população de **Lisboa** é dividida em

16 legiões, tomando cada uma o nome do logar em que se reunirem os individuos de que ellas se compuzerem. Cada legião terá 3 batalhões a 10 companhias, e estas serão designadas pelo nome da rua principal em que se formar. Cada companhia repartir-se-ha em 6 ou mais esquadras, com 15 a 20 vizinhos. Não terá menos de 2:700 homens cada legião, nem mais de 6:000, e será commandado por um *chefe*.

Por este modo veiu Lisboa a ter mais de 42:000 homens de ordenanças armadas.

As legiões foram as seguintes: de Santa Clara, do Rocio, do Campo de Sant'Anna, do Paço da Rainha, da Praça do Commercio, do Caes do Sodré, do Carmo, do Loreto, de S. Pedro de Alcantara, da Estrella, das Necessidades, de Campo de Ourique, das Amoreiras, da Cruz do Taboado e de Belem.

— D. Domingos de Sousa Coutinho, ministro de Portugal em Londres, e grande partidario dos inglezes, officia ao governo do Rio de Janeiro e envia-lhe um papel anonymo, no qual se pede ao principe regente não consinta que certos individuos n'elle mencionados exerçam influencia nos negocios do paiz, em consequencia de se terem mostrado affectos aos francezes.

Entre os indigitados figuram José de Seabra da Silva, antigo ministro de D. José e de D. Maria I, a quem se accusa de ter organisado para Junot, em fórma de côrtes, a Junta dos Tres Estados, e feito o regimento dos corregedores-móres; o Conde de Sampaio, o conselheiro de estado Pedro de Mello Breyner, o conde de Ega, o intendente geral da policia Lucas de Seabra da Silva, etc. Um dos accusados de sympathia pelos francezes é Antonio de Araujo de Azevedo, um dos ministros que tinham acompanhado para o Brazil o principe regente.

Dia 28

Um decreto dos governadores do reino cria, com o titulo de *Voluntarios reaes do commercio da cidade de Lisboa,* dois regimentos, um de infanteria e outro de cavallaria, que farão a policia e a defesa da cidade quando fôr necessario, em consequencia de terem marchado para longe as forças do exercito destinadas a taes serviços. Nos dois corpos, formados a pedido do commercio lisbonense, só poderão ser admittidos negociantes e mercadores das cinco classes; e as praças deverão fardar-se á custa propria.

(O enthusiasmo patriotico alastrou-se por toda a capital e pelo paiz inteiro, acudindo, ás vezes, a alistar-se, por dia, 80 a 100 recrutas. Em Lisboa houve muita gente que abandonou as suas occupações, para se entregar á generosa tarefa de preparar uniformes para o exercito.)

M. A.

O Cabello da Princeza Rosabella

N'um reino que já acabou ha muito, viveram em outros tempos um rei e uma rainha, que tinham uma filha chamada Rosabella, por ser linda como uma rosa.

Infelizmente tinha um grande defeito a princeza: ninguem lhe podia aturar o genio, especialmente emquanto a penteavam.

Ora não havia em todo o reino cabello mais farto e bonito — macio como fios de seda, amarello como oiro.

A rainha tinha tanta presumpção com o cabello da filha, que todas as manhãs ia para o toucador onde as cuvilheiras penteavam Rosabella.

Eram quatro, nada menos, as encarregadas da tarefa. Uma desembaraçava os cabellos da princeza, com um pente de marfim; outra alisava-lh'os, com uma escova de prata; outra, segurava n'um lindo espelho, engastado em oiro; e a ultima pegava n'um açafatinho onde havia fitas, para amarrar as madeixas.

A rainha assistia á ceremonia, sentada n'um throno, que para ali tinha mandado.

Trazia sempre um rico vestido de setim branco e velludo carmezim, mas não vinha de corôa porque era de manhã e a corôa pesava muito. Só a punha depois do jantar.

Rosabella nunca deixava de zangar-se quando as cuvilheiras vinham penteal-a. Estava sempre impaciente, na ancia de ir dar de comer aos canarios, que esvoaçavam em gaiolas doiradas, ou de passear pelos jardins do palacio, levando nos braços alguma linda boneca. Por isso não parava um instante. Ora estava n'um pé, ora no outro; ora encolhia o hombro direito, ora o esquerdo, de sorte que puxava, arrepellava e emmaranhava o cabello que a pobre da cuvilheira em vão pretendia desembaraçar.

N'um dia, quando estavam a penteal-a, a princeza deu de repente um salto e fez cahir no pavimento de marmore o lindo pente de marfim,

que logo espesinhou com os pés pequeninos, partindo-o n'uns poucos de bocados.

As outras cuvilheiras, muito assustadas, deixaram escapar das mãos a escova de prata, o espelho de oiro e o açafate das fitas, e logo a princeza apanhou todas estas coisas, e atirou-as para o fosso do palacio.

—Já não tornam a pentear-me! gritou ella muito satisfeita.

As quatro cuvilheiras nem se atreviam a abrir a bocca, mas a rainha zangou-se muito, desceu do throno e deu ordem a um pagem, para que fosse buscar outro pente, outra escova, outro espelho e outro açafate.

Antes, porém, que o segundo pente chegasse a tocar no cabello da princeza, bateu Rosabella com os pés no chão e disse em voz muito alta:

—Oxalá o meu cabello cresça tanto que não haja pente capaz de o pentear!

Palavras não eram ditas, quando appareceu um corvo de tamanho disconforme, e pousou no chão, defronte de Rosabella. Fez tres cortezias muito rasgadas á rainha, á princeza e ás cuvilheiras e disse:

—Os desejos de Vossa Alteza vão ser satisfeitos. O vosso cabello nunca mais será penteado e ha de chegar a ter o comprimento que pedistes.

Fez novas cortezias á rainha, á princeza e ás cuvilheiras, e voou pela janella fóra, direito ao reino das Fadas.

Rosabella desatou a rir muito contente, mas a rainha disse:

—Se ha disparate igual! Tinha que ver se nunca mais te penteavas! Eu já te digo se te penteias ou não penteias.

E mandou ás cuvilheiras que continuassem o serviço. Mas então é que foi o bom e o bonito. Apenas a primeira d'ellas tentou pentear a princeza, o pente desfez-se em bocados e cahiu-lhe das mãos. A rainha julgou que a cuvilheira tinha feito o serviço com pouca attenção, e reprehendeu-a; mas a pobre rapariga estava tão admirada, sem perceber o que tinha acontecido, que nem sequer ouviu as palavras da rainha.

E vae esta disse:

—Partiu-se o pente? Pois sirvam-se da escova.

Apenas a segunda cuvilheira passou a escova no cabello de Rosabella, aconteceu o mesmo que tinha acontecido com o pente. A escova fugiu-lhe das mãos e cahiu no chão feita em pedaços. E a rainha, cada vez mais zangada, pregou na segunda cuvilheira uma furiosa descompostura, e mandou que trouxessem mais pentes e mais escovas.

Nenhum serviu de nada. Todos os pentes e todas as escovas se foram partindo, á medida que tocavam no cabello da princeza, cahindo os bocados para o chão. D'ali a pouco já não havia em palacio outro pente e outra escova além do pente e escova de oiro com brilhantes engastados, que o rei tinha offerecido á rainha no dia do casamento, e que ella conservava fechados no quarto de dormir dentro de uma caixa de crystal, d'onde só os tirava para mostral-os a alguma visita a quem desejasse obsequiar muito.

No paço já ninguem se entendia. A rainha dava descomposturas á direita e á esquerda, e chegou até a puxar as orelhas a um pagem, que se riu da afflicção em que todos andavam. O rei, chamado a toda a pres-

E O CABELLO DA PRINCEZA IA CRESCENDO, CRESCENDO...

sa, sentou-se n'uma cadeira de braços, pousou a corôa nos joelhos e começou a dizer com os seus botões, pois não havia alma christã que lhe desse ouvidos: «Valha-nos Deus! Valha-nos Deus!» O chanceller, por traz da cadeira do rei, abanava a cabeça para a direita e para a esquerda, fingindo que estava a pensar coisa de geito. E o primeiro ministro, querendo parecer homem da maior gravidade, parou á porta do gabinete de toucador, á ilharga do cozinheiro-mór do paço, que não queria parecer coisa nenhuma, e que só pensava em impedir que o garoto do tal pagem fosse papar á copa um doce, que elle tinha feito para a merenda da rainha.

Foi então que esta se lembrou do pente e da escova que o rei lhe tinha dado, e mandou ao primeiro ministro e ao chanceller que fossem buscal-os. Os dois cumpriram a ordem.

Ainda o pente não tinha tocado no cabello da princeza, quando, em vez de se fazer em pedaços, se tornou em um passaro amarello, que voou pela janella fóra, em seguimento do corvo.

Vendo isto, a rainha sentou-se no chão, muito afflicta e desfez-se em lagrimas, dizendo por entre os soluços:

— Ai! Que desgraça!

— E se Vossa Magestade mandasse a cuvilheira alisar com a escova o cabello de Sua Alteza? aconselhou o chanceller.

— E a escova não fugia tambem pela janella fóra? perguntou a rainha, ainda muifo afflicta.

— O cabello da princeza Rosabella, disse o primeiro ministro, parece enfeitiçado!

O rei, que o ouviu, deu umas poucas de voltas á corôa, que ainda conservava sobre os joelhos, e perguntou por fim:

— Estará realmente enfeitiçado?

— Está, sim, real senhor, tornou-lhe o primeiro ministro.

E como o primeiro ministro o dizía, o rei, a rainha e os cortezãos disseram tambem:

— O cabello da princeza está enfeitiçado!

Só o cozinheiro não disse nada, por estar, muito afflicto, perguntando a si mesmo se teria deitado bastante assucar no tal doce para a merenda da rainha. Tambem o chanceller não disse nada, porque nunca concordava com o primeiro ministro, nem tão pouco a princeza, que já estava muito atrapalhada da sua vida, percebendo finalmente que tinha feito grande asneira tendo aquelle desejo.

De repente uma das cuvilheiras exclamou, apontando para o cabello de Rosabella:

— Lá está elle a crescer, exactamente como disse o corvo!

E o cabello da princeza ia realmente crescendo, crescendo tão depressa que todos lhe viam o crescimento. Já lhe passa da cintura, já lhe toca nos joelhos, já lhe cobre os pés, já se alastra pelo chão, já chega á porta do aposento!

E o rei, a rainha, o primeiro ministro, o chanceller e as cuvilheiras não tiveram mais remedio que fugir á pressa d'ali, para não ficarem afogados nas ondas do cabello.

(Conclue no proximo numero.)

SOROR M.

O rosto macerado, e a fronte occulta,
Envolta n'esse triste escapulario,
Perpassas atravez da turba-multa
Arrastando o teu luto voluntario.

As mãos enleias no fiel rosario
Que sob as dobras do teu manto avulta;
Nos labios, murmurando o breviario,
Nunca o sorriso do prazer exulta.

Triste, ai! bem triste, esse teu meigo olhar
Que se ergue sobre a gente de fugida,
Como se tu pudesses recear,

Encontrando esse olhar uma guarida,
Quizesses o teu veu despedaçar
E tua alma volver a esta vida.

❋

Virgem na terra, em holocausto a Deus
Immolas o teu corpo seductor.
Deixando fenecer nos labios teus
A tua mocidade sem valor.

E jamais, sob a alvura d'esses veus,
Teu seio se agitou por terno amor.
Ergueste o coração p'r'os altos ceus,
Não pode no teu peito haver calor.

Mas, irmã, se no ceu te captivaram,
Teu corpo só p'r'á terra se formou.
Se o coração do mundo te levaram,

P'ra que fim Deus então te destinou,
Labios formosos que nunca beijaram,
Doces encantos que ninguem gosou?

Porque dás, minha irmã, teu coração
A essa imagem fria, indifferente,
Se, junto do altar, na oração,
Um sorriso de amôr se não consente?

Porque adoras assim tão loucamente
A vida n'essa triste solidão?
Não julgas que o teu seio adolescente
Pudesse alimentar uma paixão?

Minha irmã, se esse Deus que tu adoras
Te dá nas rezas divinal ventura,
Diz-me porque é que tantas vezes choras,

Afogando no pranto da amargura
Que sulca as folhas do teu livro de horas,
O amôr, lindo sonho de doçura?

❋

Não temas este amôr desventurado
Que meus labios te off'recem sorridentes,
E deixa que em teu peito bem amado
Uma esp'rança de amôr tu acalentes.

E diz-me que em teu seio tambem sentes
A doçura d'este affecto immaculado,
E dá-me nos teus beijos tão ardentes
A illusão de um prazer nunca sonhado.

Affasta do teu meigo coração
A frieza que te dá tanto valor
Rep'lindo tão altiva esta paixão.

P'ra que fechas o peito a este amôr?
Se teus labios se enlevam na oração,
Tua alma, bem o sei, chora de dôr!

RAUL AUGUSTO ESTEVES.

Senhoras em evidencia

A grande esperança do povo hollandez

A rainha Guilhermina é a unica filha, sobrevivente, do rei Guilherme II e de sua segunda esposa, princeza Emma de Waldeck-Prymont. Nasceu em 1880,

RAINHA GUILHERMINA DA HOLLANDA, A UNICA RAINHA REINANTE DA EUROPA

(Por cima do retrato vê-se o palacio, residencia habitual da soberana em Haya)

subiu ao throno em 1890 e casou-se com o principe Henrique de Mecklemburgo em 1901. O povo hollandez estima immenso a sua soberana e patenteou-lhe agora, com o nascimento da princeza Juliana, o seu entranhado affecto.

Uma artista de eleição

Que enorme divida de gratidão tem contrahido a industria nacional para com esta senhora!

A historia das rendas, que tem os seus apogeus de esplendor e os seus transes de derrota, na pujança ou na fallencia do facto artistico dos povos, pode bem orgulhar-se de ter nos delicadissimos lavores da sr. D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro, um dos mais legitimos motivos de gloria.

Pertencente a uma familia para quem a arte se

D. MARIA AUGUSTA BORDALLO PINHEIRO

constituiu n'um supremo ideal da vida, como não havia de ella ser artista tambem?

Mas, se influencias de hereditariedade lhe determinaram uma radical e decidida vocação artistica, é, evidentemente certo que, dia a dia, ella a tem cultivado e renovado, indo até aos mais subtis detalhes da perfeição, por um trabalho incessantissimo.

O seu atelier, esse atelier que representa uma das mais valiosas reliquias da nossa Lisboa artistica, patenteia todos os dias aos que o visitam e admiram,

novos engenhos das suas confecções. E, n'essa variedade quantos momentos da historia portugueza se não evocam! Todos os generos de rendas que perpetuam uma tradição atravez da existencia dos nossos reis da arte, alinham-se ali como a rivalisarem-se pela fertil phantasia dos seus desenhos ou pelo esmero gracioso do seu acabamento.

Não é intuito nosso fazermos uma descripção pormenorisada d'este atelier, mas simplesmente prestarmos á artista eximia que o dirige, a homenagem que lhe é devida. E, como assim é, julgamo-nos desobrigados, embora pallidamente, do cumprimento d'esse dever, n'estas fugitivas linhas.

O culto da arte

Entre as senhoras que, entre nós, consagram, com brilhante exito, as suas horas de ocio á arte pictureal, seja-nos licito, por um dever de flagrante justiça, dar um dos logares primaciaes á sr.ª D. Nathalia Muñoz.

A sua obra artistica, além de revelar um temperamento, é uma preciosa documentação dos seus vastos conhecimentos technicos, adquiridos por um estudo bem orientado e escrupuloso.

Aristocrata pelo nascimento, criada á luz d'esse sol vivificante da Andaluzia que tem o privilegio de

D. NATHALIA MUÑOZ

fecundar tantas almas de artista, parece que todas estas circumstancias se traduzem em elementos e caracteristicas da sua personalidade de pintora.

Se os seus quadros possuem requintes de delicadeza e perfumes de sensibilidade que enternecem, teem tambem grandes rasgos de enthusiasmo, acariciados pelas saudades d'uma Natureza, pujante de vida e de harmonia.

Não é a uma pintora portugueza que vimos n'este momento prestar homenagem, mas tão affectuosos e estreitos são os laços que ligam a sr.ª D. Nathalia Muñoz ao nosso paiz e ao convivio da nossa sociedade, que cremos ficar bem o seu retrato n'esta galeria, onde os vultos que, por ella perpassam, se irmanam no fulgurante ideal pela arte.

Poesia

E' quasi sempre a estreia de um poeta um documento vivo de hesitação de technica mal vencida e de receios pelos sentimentos que o publico vae conhecer. D'ahi o seu primeiro livro perder-se sem flôres artificiaes de estylo, e em prolixidade de idéas

D. MARIA CANDIDA PARREIRA

que prejudicam os impulsos de alma que primitivamente lhe constituiram a essencia.

Não está, porém, n'esse caso o livro da sr.ª D. Maria Candida Parreira. Os beijos de sentimento que lhe vão no intimo, não são suffocados, como de ordinario acontece, principalmente nas concepções poeticas da mulher, regradas pelos preconceitos rigorosos d'uma sociedade que nunca lhe perdôa o sexo. Outra coisa não existe no seu livro que a expansão franca d'um coração que sabe rir e chorar commovidamente, e que, por ser de mulher, tem que amar sempre...

O titulo despretencioso de *Versos*, coaduna-se admiravelmente com a simplicidade graciosa e, por vezes, d'uma indiscreção quasi infantil, que transparece no elegante volume que Lopes de Mendonça não vacilou em consagrar n'um bello prefacio.

Eis uma poesia dos *Versos*:

Lembras-te?

A oliveira era velha!
Mas no seu tronco risonho
E' que eu te contei um dia
Como nascera o meu senho

Eu... era a vida futura...
Era... a vida que passou...
Porém, o sonho desfez-se...
E a oliveira ficou!

Arte e artistas

Na exposição de pintura applicada, de que n'outro logar falamos, expõe a Ex.ma Sr.a D. Sophia de Souza Viterbo varios trabalhos e todos elles primorosos, e entre esses um banco em sculptolinia e pyrogravura, caixa para luvas (sculptolinia), um taboleiro, uma

D. SOPHIA DE SOUZA VITERBO

toalheira, diversas molduras, cabide com ferragens douradas, bibliotheca de mesa, moldura, diversas photopinturas e photominiaturas, etc.

Devemos dizer que a Ex.ma Sr.a D. Sophia de Souza Viterbo é, a par de uma artista de merecimento, uma cultora delicadissima das lettras, o braço direito do erudito archeologo, historiador e poeta, dr. Souza Viterbo, seu pae. O seu nome anda associado aos primorosos trabalhos de tão illustre litterato com o mais piedoso sentimento filial.

«Malavindos»

De ha muito que o talento de Affonso Gayo é justamente tido por um dos mais fecundos e brilhantes da moderna geração litteraria. A sua obra, comprehendida n'um já grosso volume de livros e de peças theatraes, impõe-se pela profundeza dos ideaes n'ella advogados e pelas rutilantes qualidades de estylo com que atira á intuição philosophica e artistica do numeroso publico que o lê e admira.

O seu novo livro intitula-se *Malavindos* e não hesitamos em dizer que é mais um motivo de triumpho para o moço escriptor. N'esses pequenos contos, em que tão eloquentemente fala um cerebro e uma alma, existem reflexos limpidos d'um estudo de psychologia social, feito com grande amor e meticulosa observação. Dos dramas passionaes que Affonso Gayo fixa, entretece e desenvolve, em telas vibrantes de vida e de sentimento, em cada uma das paginas do seu livro attraem e ficam no espirito com a arreigada impressão das coisas verdadeiras e sentidas.

Tumulo artistico

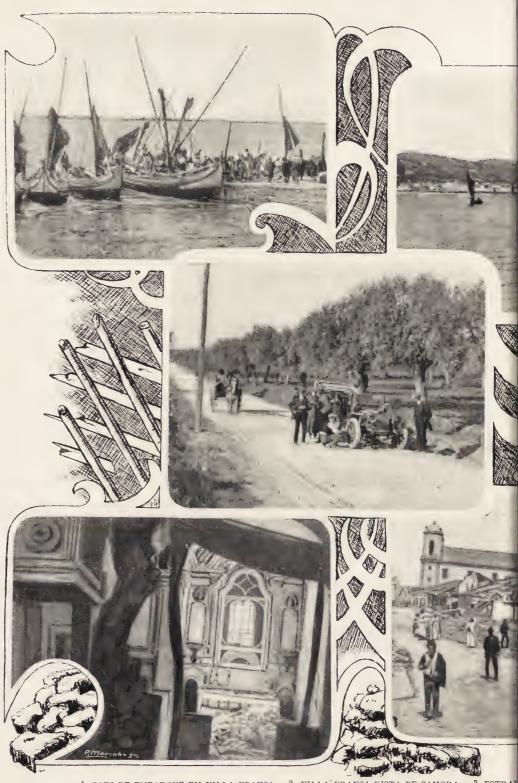
TUMULO DA SANTA CASA DA MISERICORDIA DE LISBOA, NO ALTO DE S. JOÃO

Obra do architecto Adães Bermudes

O terramoto do Ribatejo

A recordar em nossos dias o cataclysmo que em 1755 arrazou Lisboa, tivemos ha pouco os terramotos de *Messina* e *Regio de Calabria*, e, para melhor se ajuizar os seus horrorosos effeitos, reproduzem-se no torrão português, ao declinar de um dia primaveral, minutos depois das 5 horas da tarde, apanhando a todos de sobresalto, incutindo o assombro e horror, durante uns interminaveis 5 a 7 segundos, em que a imaginação soffreu mais que os proprios edificios. *Lisboa* resistiu quasi por completo, ás trepidações subterraneas, não occasionando comtudo graves prejuizos materiaes deixando como a documentar a sua sinistra passagem, fendas mais ou menos energicas a cicatrizar as paredes dos edificios.

Todo o solo foi lentamente abalado por essas quasi misteriosas e energicas correntes sismicas, com rumores subterraneos, ao passo que conjunctamente, oscilavam os alicerces geologicos da nossa peninsula.

Foi no valle entre o Tejo e o Sado, que mais energicamente se sentiu a intensidade do abalo, devastando de momento as povoações *Samora, Benavente Salvaterra de Magos,* que se podem considerar totalmente perdidas, deixando a sua população, cêrca de 4:000 almas, sem lar nem abrigo e roubando á vida uma dezena de pessoas, continuando mais ou menos,

1. CAES DE EMBARQUE EM VILLA FRANCA — 2. VILLA FRANCA VISTA DE SAMORA — 3. ESTRA
— 6. INTERIOR DA EGREJA DE BENAVENTE — 7. UMA

RIM — 4. A CAMINHO DE BENAVENTE; UMA «PANNE» — 5. DESTROÇOS DA EGREJA DE BENAVENTE
MORA — 8. OUTRO ASPECTO DA EGREJA DE BENAVENTE

esta região flagelada a registar diariamente repetição de ligeiros abalos, felizmente sem consequencias, mas que não deixam de trazer em sobresalto os que acampam n'aquellas paragens. Tal repetição em determinados pontos, dá-se sempre após grandes terramotos nas regiões assoladas, pelo facto de, deslocando-se enormes massas que se encontram em posição instavel, essas vão, pouco a pouco, procurando

NAS MACAS

a estabilidade. O que se está dando actualmente no *Ribatejo*, deu-se ha pouco em *Italia* e egualmente succedeu em 1755, quando Lisboa foi assolada pelo terramoto.

O desejo de melhor avaliar os effeitos horriveis da catastrophe, suscitou-nos a curiosidade, de percorrer a desamparada região do Ribatejo.

Esse percurso foi feito em automovel, salientando-se logo ao chegar a Alverca, casas com as empenas derrubadas e outras com largas fendas, ameaçando ruina.

Fomos obrigados a regular a marcha pelos que caminhavam na dianteira, devido ao grande numero de transeuntes. Notavam-se entre estes mais de 200 cyclistas em que homens e senhoras pedalavam em completa fraternidade, grande numero de carros, automoveis, cavalleiros e peões, que em romaria seguiam o mesmo destino. Alguns já fatigados espaçavam as suas *etapes*, na estrada, calcinados pelos ardentes raios do sol, e com os pulmões saturados de poeirada. Assim entramos em Villa Franca, onde em muitos predios egualmente se distacavam aberturas profundas.

Ahi, no caes, a agglomolação era enorme. Todos anceavam por atravessar o Tejo. Emquanto o nosso automovel não embarca, o que demora umas boas duas horas, entra nas agulhas da estação um comboio repleto de excursionistas, que, mais ainda veem tornar moroso o serviço de embarque nas faluas. Um verdadeiro S. Martinho para aquella pobre gente. Feita a travessia chegamos a *Samora;* a estrada é realmente bella e remata com a ponte sobre o *Sorraia* que ficou bastante damnificada e n'ella só é permittida a passagem a um carro por cada vez. O coração sente-se logo opprimido pelo espectaculo que se patenteia. O telhado da Companhia das Lezirias jaz por terra, o edificio todo fendido, as ruas completamente intransitaveis, cheias de entulho, restos de casas, que se desmoronaram. Seguimos para *Benavente*, villa antiquissima que assenta em uma ampla planicie banhada pelo *Sorraia*, hoje um montão de ruinas e mais nada.

Das poucas casas que apparentemente parece terem resistido, destacam-se operarios na sua arriscada tarefa, quasi inconsciente, de os apear, por ameaçarem ruina, ouvindo-se de quando em quando o ruido secco das alvenarias que se despenham e veem rolar no solo. *Benavente* parece uma localidade de ha muito deshabitada; ninguem dirá que ainda ha poucos dias nella reinava a vida e o labor. A igreja matriz arrazada, escancarando aos raios do sol e rigor do tempo, a obra de talha do seu altar-mór e resaltando intacto um grande retabulo em uma das paredes. A nave central, toda um montão de entulho e, é voz corrente, que sob aquelles escombros jazem tres cadaveres, dois hespanhoes e uma rapariga que procuravam o ganha pão na venda de rendas, e que no momento ali se encontravam. Do que resta de pé, uma rêde de d'arame farpado inhibe a approximação, tal é o perigo que offerece a sua estabilidade.

As casas fronteiras á egreja completamente por terra, restos d'um sino, que do campanario foi cuspido, se destacam fragmentos espalhados no solo. O edificio da Camara, de construcção moderna, todo rasgado e ancooso pelos effeitos da picareta para evitar desgraças futuras. O Hospital que ainda não tinha sido inaugurado, egualmente partidas as suas paredes. A egreja junta ao cemiterio com o tecto do altar-mór abatido e as empenas abertas de alto a baixo.

Fronteira a esta, o acampamento, onde grande numero de barracas, mandadas construir pelo ministerio

CHEGADA DOS FERIDOS A LISBOA

da guerra e iniciativa particular, servem hoje de abrigo aquella desgraçada gente; ao meio destaca-se a imagem de Nossa Senhora que foi retirada incolume da egreja. A força militar que ali se encontra, trabalha activamente dia e noite, na construcção de barra-

cas para completar os abrigos que ainda escasseiam, *Benavente* uma villa de labor e riqueza agricola, é apenas hoje um foco de miseria.

Continuando a nossa marcha em direcção a *Salvaterra de Magos,* assente em aprazivel planice, na margem esquerda da ribeira de Magos, mostra-se tal como *Benavente,* um montão de ruinas, com as casas todas fendidas e outras completamente por terra. De regresso por *Santarem,* fez-se o trajecto pela estrada de *Almeirim* uma das mais bellas da extremadura, limitada lateralmente por altiosas arvores caprichosamente alinhadas, onde o sol difficilmente penetra, offerecendo o seu movimento um espectaculo soberbo pelo grande numero de automoveis, bicyclettes, carros, cavalleiros, que nella se cruzavam. Em Santarem denotam-se os estragos do abalo abrindo grandes brechas em muitos edificios registando-se alguns desmoronamentos, bem como nas povoações limitrophes.

O EXERCITO
CUMPRINDO UMA MISSÃO DE CARIDADE

E assim regressamos a Lisboa, gastando umas longas horas, não só pela grande affluencia que se denotava, como pelo pessimo estado em que se encontra o leito da estrada.

Para minorar a sorte de tantos desgraçados d'aquella horrenda catastrophe, teem affluido donativos tão espontaneos e generosos de toda a parte, que chega até a sensibilizar a sua enumeração, evidenciando d'uma maneira notavel a iniciativa particular e, bem assim, dignas de registar as medidas acertadas e promptas com que as estações superiores teem cooperado para auxiliar os que tão cruelmente soffreram com o terrivel cataclysmo. — *P.*

Descobertas scientificas

O ophthalmo-diaphanoscopio é um instrumento que serve para examinar a retina do olho humano, sendo seu inventor o dr. Carl Shertzell, de Berlim.

Este apparelho, a que as revistas scientificas da Allemanha e de Inglaterra se vem referindo, com admiração, consiste essencialmente, n'uma lampada com uma luz muito intensa, que o paciente colloca na bocca o mais atraz possivel. Desta fórma, o operador poderá ver a retina bem illuminada, collocando o paciente uma mascara preta no rosto a fim de concentrar o effeito da illuminação.

O OPHTHALMO-DIAPHANOSCOPIO

Caricatura de Roosevelt

(Westminster Gazette) Londres)
MR. ROOSEVELT EM AFRICA

A GIRAFA—*Quem monta aquella zebra?*
O ELEPHANTE—*Pois não advinhas. Pelo chicote logo se vê quem é.*

A «piada» do chicote refere-se ao poder pessoal do presidente da republica dos Estados Unidos, muito superior ao de qualquer monarca europeu

Tres congressos em Lisboa

Tres acontecimentos para a vida da sociedade portugueza se assignalaram, no mez findo, nos annaes d'esta historica cidade de Lisboa.

Referimo-nos ao congresso pedagogico, ao congresso municipalista e ao congresso republicano que, durante alguns dias, occuparam a imprensa diaria, com uma desenvolvida reportagem.

Não sendo a missão d'esta revista a de pormenorisar factos, restringimo-nos, simplesmente, a registar a realisação dos tres congressos, tão significativos são n'este momento critico do paiz.

E' para aquelles a quem as esperanças já desfalleceram ao lembrarem-se dos destinos da patria, que estes movimentos sociaes, ainda tão quentes nos espiritos de todos, serve de consoladora certeza de que Portugal possue energias e sonhos de progresso que se podem traduzir n'uma poderosa affirmação de nacionalidade feliz e respeitada.

Um dos pormenores mais sympathicos

CONGRESSO PEDAGOGICO — RAPAZES DO ASYLO MARIA PIA, COM O DIRECTOR E INSTRUCTOR.

CONGRESSO PEDAGOGICO — NO ASYLO MARIA PIA

CONGRESSO MUNICIPAL — NOS BARBADINHOS

do congresso municipalista foi a reunião no Largo do Municipio, dos alumnos das escolas municipaes. Dava prazer vêr a pequenada muito senhora de si,

ESCOLAS EM FRENTE DA CAMARA MUNICIPAL

manifestando no seu aspecto e na sua alegria, a convicção que a festa não ficaria completa — e não ficava — sem a sua indispensavel presença.

Um hospede illustre

Demorou-se uma semana entre nós o eminente e popular romancista hespanhol, Blasco Ibañez. Convidado para realizar doze conferencias no theatro

BLASCO IBAÑEZ

Odeon de Buenos Ayres e ainda noutras cidades da America, recebeu em Lisboa até o seu embarque a mais carinhosa hospitalidade. Offereceram ao insigne auctor dá *Cathedral, Entre Naranjos* e *Terras Maldi-tas,* uma recita na Trindade, um passeio no Tejo, outro a Cintra e á Batalha e tres jantares.

Os *Serões* rejubilaram com a visita do illustre homem de lettras castelhano.

Modas

A NOVA «TOILETTE» PRINCEZA

De fazenda encarnada, com corpete bordado. É a ultima moda de Londres, da casa Buzenet. É um traje distinctissimo que está fazendo furor na grande metropole britannica.

Um autocrata de «grèves»

O DICTADOR DE PARIS

O «rei Tataud» secretario da União dos electricistas de Paris. E' elle que tem na sua mão a claridade e as trevas da cidade da luz. E' chefe do crescente movimento socialista n'aquella metropole.

Um veterano de Africa

O capitão de cavallaria Antonio Rodrigues Montez Junior, é um official valente, sensato e estudioso. Fez brilhantemente as campanhas contra o Gungunhana e contra os cuamatas, as duas guerras coloniaes mais mortiferas e mais trabalhosas d'estes ul-

ANTONIO RODRIGUES MONTEZ JUNIOR

timos tempos. Da fórma como se portou, rezam as honrosissimas medalhas que lhe esmaltam o peito e os documentos que fulguram na sua biographia militar.

Publicou ha pouco tempo um livro interessantissimo *A cavallaria em Africa*. E' um trabalho valioso, abundantemente documentado, um livro que se deve lêr, como ensinamento e como consôlo.

«Terras malditas»

Eis um livro que basta para consagrar um escriptor! Constituido por uma serie de chronicas que Adelino Mendes escreveu, em missão especial do *Seculo*, á região do Douro, sem retoques de estylo nem preoccupações de publicidade, offerece, entre nós, a novidade bastante curiosa de ser produzido por um reporter eximio que é, ao mesmo tempo, um artista primoroso e espontaneo na fórma.

ADELINO MENDES

As *Terras malditas*, veem, ainda, impôr-se com uma atilada e vibrante documentação da vida ruinosa e miseravel que arrastam as populações do norte, outr'ora ricas e felizes pelas condições afortunadas de trabalho que dominavam em toda aquella região e das quaes tanto se orgulhavam.

Temperamento vibratil e alma generosa, o auctor do bello volume a que nos vimos de referir pode altivamente chamar a si a honra de ter accordado, n'um movimento enthusiastico e patriotico, a indifferença criminosa que a patria inteira fechava para parte dos filhos que mais estremecidos lhe deviam ser por ter contrahido, para com a sua incessante actividade, uma divida immorredoura de gratidão, uma divida enorme.

O novo sultão

RESHAD EFFENDE, IRMÃO MAIS NOVO DO EX-SULTÃO ABDUL-HAMID PROCLAMADO SULTÃO COM O TITULO DE MAHOMET V

Exposição de Bellas-Artes

EL-REI A' ENTRADA DO EDIFICIO

El-Rei D. Manuel inaugurou em abril a exposição de Bellas-Artes, que este anno se apresentou opulenta de trabalhos bons em todas as especialidades. E' dos melhores certamens d'este genero que se tem effectuado entre nós.

«Da minha terra»

Artista e escriptor. Na arte e nas lettras soube conquistar á força de estudo, de trabalho, de uma bem orientada e pujante intellectualidade, um logar de relêvo, subir a um pedestal, d'onde não é facil apearem-no. O seu actual livro *Da minha terra — Figuras gradas,* como o ultimo que escreveu sobre a ceramica portugueza, é uma obra de extraordinario valor pelos subsidios que fornece para se fazer a historia da vida artistica do país, pela fórma attrahen-

JOSÉ QUEIROZ

tissima que lhe imprimiu, pelo tom desaffectado mas insinuante que se desprende do seu estylo, pela sua fina sensibilidade e pelas bellas coisas — as da arte e do coração — que descreve com singular brilho e singeleza.

Theatros

D. Maria. — Após a rescisão feita pelo governo do contracto com a empreza Ferreira & C.ª, os artistas do theatro normal obtiveram do governo licença para continuar a explorar d'essa casa de espectaculos por conta propria Levaram á scena a *Pista, A martyr, A morgadinha de Valle Flor, Um serão nas Laranjeiras,* etc. Em meado de maio esses mesmos artistas foram fazer uma excursão pela provincia.

Trindade. — Continuou dando, segundo o programma do illustrado emprezario Taveira, as operas de mais voga, cantadas em portuguez, taes como o *Barbeiro de Sevilha, Carmen, Serrana* e ultimamente o *D. Paschoal* bem como a scintillante opereta *Viuva Alegre.*

Gymnasio. — Com o seu recente reportorio, representado pelo *Trinca espinhas, Microbios* e *Salomé,* continuou esta casa de espectaculos a fazer a delicia dos amadores de boa comedia. Alternando com aquellas, deu-nos depois o *Cão e o Gato* e o *Pae da Patria,* peças de larga carreira e sempre do agrado do publico.

Theatro D. Amelia. — O publico de Lisboa deve, evidentemente, alguns dos melhores dos seus prazeres espirituaes á actual em-

GIULIA RIZZOTTO CASSINI

TINA DI LORENZO

NERINA GROSSI CARINI

preza do theatro D. Amelia.

O visconde de S. Luiz Braga, não completamente satisfeito, ainda, com os brilhantes triumphos alcançados pelo magnifico elenco

ARMANDO FALCONI

LUIGI CARINI

de artistas portuguezes que, no seu elegante theatro, trabalharam na época finda, trouxe mais uma vez a Lisboa a extraordinaria e gloriosa actriz Tina di Lorenzo que, acompanhada de outros elementos da scena italiana, deu uma serie de recitas no D. Amelia que constituiram, sem duvida, verdadeiros acontecimentos artisticos do nosso meio.

Agora funcciona alli uma magnifica companhia de zarzuella.

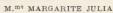
ELIDE ROSSETTI

Não ha que duvidar que os espectaculos que ella nos der serão contados por outros tantos brilhantes successos para o D. Amelia e para a auctoridade indiscutivel de emprezario e bizarra gentileza com que o visconde de S. Luiz Braga trata o nosso publico.

Sem sahir de Lisboa tem a sua população visto, ouvido e admirado as principaes celebridades estrangeiras, que constituem já uma extensa galeria de difficil enumeração, e na qual figuram individualidades artisticas taes como Emanuel, Duse, Sarah Bernardht, Feraudy, Conte, Suzanne Després, Réjane, Jeanne Hading, o eximio violoncelista Kubelick, o cançonetista Mayol tantos e tantos artistas da mais alta cotação.

M.elle MERCEDES RANZ

M.me MARGARITE JULIA

Coliseu dos Recreios. — Já se fazia esperar, com impaciencia, a opera popular em Lisboa. Tres annos de interrupção é, decerto, pouco para permittir que o commendador Antonio Santos descanse das fadigas violentas que lhe motivam tão arrojado commettimento, mas é, tambem sem contestação, demais, para o espirito do publico que o aguarda todos os annos com febril anciedade.

Entre as estrellas de primeira grandeza que a opera popular nos trouxe na presente época, devemos destacar Maria Galvany que durante uma serie brilhantissima de espectaculos, fez as

TENOR MULLERAS

M.me ISABEL TOFFÉ

TENOR GERARDO GERARDI

delicias dos frequentadores do Coliseu, com o timbre suave da sua voz que, como artista na mais alta accepção do termo, sabe impregnar das mais bellas modulações de sentimento.

Todos os outros elementos teem concorrido para que o desempenho das varias operas ali interpretadas, satisfaçam, não só o vulgo, mas os mais exigentes apreciadores de arte.

Reproduzimos os retratos de alguns artistas mais applaudidos e interpretes brilhantes da *Tosca, Othello, Gioconda, Trovador,* etc., taes como M.elle Mercedes Ranz, Madame Margarite Julia, Madame Izabel Toffé, e tenores Mulleras e Gerardo Gerardi.

Tem sido sem duvida nenhuma uma das mais brilhantes épocas da *opera popular* no Coliseu dos Recreios.

Prevenção contra gatunos

A ULTIMA NOVIDADE EM BOLSAS

A bolsa está na palma da luva, para maior segurança das tentativas dos larapios.

Exposição de pintura

A illustre professora, Ex.ma Sr.a D. Luiza de Sousa, promoveu uma exposição de pintura applicada nas salas do Grande Club de Lisboa. Concorreram a essa exposição uma porção grande das suas discipulas, que apresentaram magnificos trabalhos. A exposição foi muito concorrida e elogiada.

Figuraram n'ella entre outras senhoras: D. Adelia Alegria, D. Isaura Andrade, D. Lucinda Andrade, D. Julia Araujo, D. Elisa Benevides, D. Paula Berger, D. Alda Cabral, D. Cecilia de Moura Cabral, D. Dolores Candeira, D. Adelaide Freire Caria, D. Celeste Nunes de Carvalho, D. Elvira Leger Rosado de Carvalho, D. Hilda Carvalho, D. Laura Bigôtte de Carvalho, D. Christina Brito Chaves, D. Maria do Carmo Coimbra, D. Anna Vieira da Cruz, D. Maria Augusta da Cruz, D. Marcellina da Cunha, D. Maria Luiza Rato da Cunha, D. Irene Rato da Cunha, D. Lucinda d'Oliveira Esteves, D Beatriz de Souza e Faro, D. Adelaide Moraes Ferreira e D. Deolinda Ferreira.

EXPOSIÇÃO DE PINTURA — UMA DAS SALAS DO GRANDE CLUB DE LISBOA

Arte e benemerencia

FESTA DE CARIDADE EM D. MARIA, PROMOVIDA PELA ALTA RODA,
SOB A DIRECÇÃO DO SR. CONDE DA FIGUEIRA
(Grupo de córos)

RECITA DE AMADORES NO THEATRO DE D. MARIA, PROMOVIDA POR SENHORAS DA SOCIEDADE,
SOB A DIRECÇÃO DO SR. CONDE DA FIGUEIRA
(Uma scena do «Festim de Balthazar)

Uma festa tauromachica em Algés

Um grupo de rapazes aficionados do divertimento mais popular de toda a peninsula, lembrou-se de realizar na praça d'Algés, particularmente, uma corrida em que houvesse touros de morte.

Na quinta feira, 15 de abril, perante umas duzias de convidados, sahiu pois á arena o distincto amador D. Ruy da Camara (Ribeira), armado de rojão, e esperando o touro, em algumas sortes que tentou, não conseguiu a desejada, apesar de toda a sua boa vontade.

Lembrou-se alguem de pedir ao bandarilheiro *Malagueño* para estoquear o animal, mas ou porque o improvisado matador estivesse *commovido* ou por outro qualquer motivo, o caso é que o bicho voltou para o curral, mas não sem que sentisse por umas poucas de vezes a ponta do estoque morder-lhe o corpo sem dar o resultado apetecido...

A gravura representa o sr. D. Ruy *rejoneando*, e *Malagueño*, quando, já sem a muleta, ainda tentava desfazer-se do bicho.

As nossas capas de luxo

Com o n.º 42, completou este bello magazine portuguez — **Serões** — o **7.º volume** da **2.ª serie.**

Os nossos estimaveis assignantes que desejarem utilisar-se das capas — de bello effeito em fundo de percalina vermelha a ouro e negro — pódem enviar-nos os 6 numeros para encadernar, juntamente com a importancia de 300 réis (custo da capa), 100 réis (de empaste) e 100 réis (de porte do correio), ou seja, tudo, **500 réis,** que dentro de cinco dias receberão o volume encadernado.

Os **Serões,** assim acabados, mais evidenceiam ser a publicação, relativamente, mais barata que se faz entre nós.

1.ª Série

QUATRO VOLUMES

A 1$200 réis cada

SETE VOLUMES

A 1$200 réis cada

2.ª Série

NOTA. — O maço a remetter-nos deverá ser embrulhado em papel consistente, atado com cordel forte, para que os numeros não soffram com o transporte. O pacote, devidamente estampilhado com sello de 80 réis, deve ser dirigido á

Administração dos SERÕES

Praça dos Restauradores, 30 — LISBOA

INDICE

DOS

ARTIGOS E GRAVURAS CONTIDAS NO VOLUME VIII

(2.ª SÉRIE)

INDICE

INDICE

SERÕES

Expediente:

Pedimos aos nossos assignantes da provincia, a fineza de mandarem satisfazer as suas assignaturas, ás diversas estações-postaes, onde se acham recibos á cobrança, evitando-nos assim mais despezas e trabalho.

Attenção:

Aos nossos leitores, lembramos que ainda é occasião de se poderem habilitar ao **Brinde** que, no fim do anno e por intermedio da grande loteria do Natal, offertamos aos nossos assignantes, e bem assim gosarem das regalias do **Bonus** que lhes faculta a vantagem de completar este bello magazine com **50 %** de abatimento, nos volumes já publicados.

Para tal, bastará assignar até ao fim do anno, podendo assim fazer uma viagem em 1.ª classe de **Lisboa a Paris, GRATIS,** ou receberem o seu equivalente em réis, se assim o desejarem.

Dirigirem-se á

Redacção e Administração

Praça dos Restauradores, 30 (Palacio Foz)

LISBOA